

A TEIA DO MUNDO

OS TECEDORES DE SARAMYR

LIVRO 1



CHRIS WOODING

EDITORIAL  PRESENÇA

Wook



|Chris Wooding

Os Tecedores De Saramyr

A Teia do Mundo 01

Digitalização: Fátima Tomás.

Correção: Matias Júnior.

Formatação: Gisa.

Esta obra foi digitalizada sem fins comerciais.

A consagração de Chris Wooding como escritor veio com a atribuição da Medalha de Prata do Nestlé Smarties Book Award, de 2001, a O Mistério de Alaizabel Cray (publicado na "Via Láctea").

Se leu e gostou, tem agora a oportunidade de apreciar a sua obra de estreia no gênero fantástico.

Com a trilogia intitulada A Teia do Mundo, este autor junta-se a uma geração de renovadores de um gênero que remonta a Tolkien e a C. S. Lewis, as grandes fontes inspiradoras de Chris Wooding.

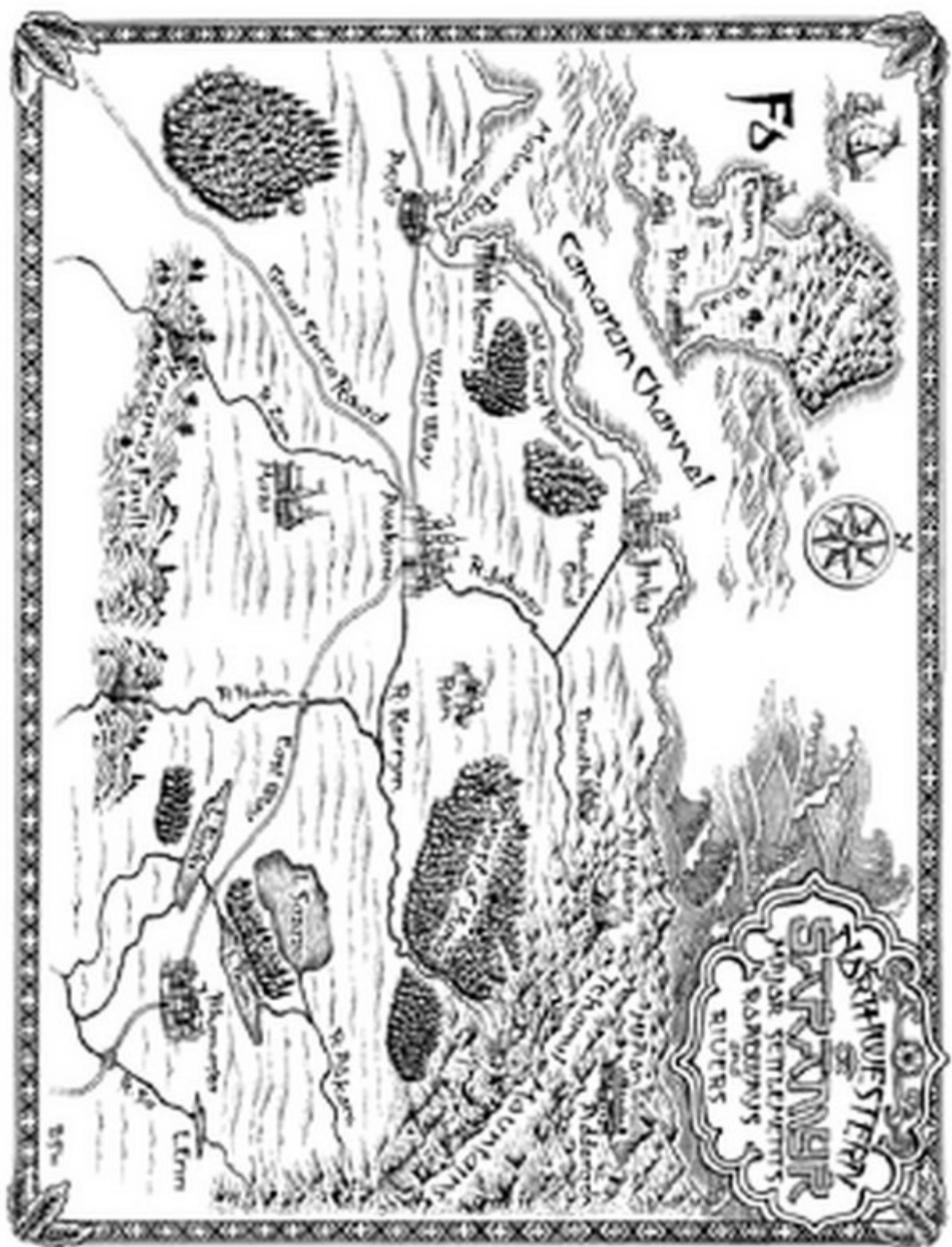
A Teia do Mundo é uma obra onde predomina o mistério e a intriga política e palaciana.

Tecedores de Saramyr tem um colorido orientalizante, baseia-se numa sociedade rígida e fortemente hierarquizada, a própria linguagem, de natureza tonal, reflete o estatuto social dos falantes, assim como a caracterização da sua mitologia tem algo a ver com países exóticos como a China ou O Japão. As personagens são majoritariamente humanas: os Tecedores, a casta dominante, chamaram a seu cargo eliminar eugenicamente qualquer criança que nasça com deformações ou que revele possuir poderes mágicos e que possa pôr em causa a hegemonia da sua classe. São chamados Aberrantes.

Os Tecedores conseguem manter este controle graças à Teia, através da qual comunicam entre si e que lhes permite matar os seus inimigos a grandes distâncias sem se denunciarem.

Este é um romance denso, sobressaindo tanto pela riqueza do universo que cria como pela matizada observação da psicologia das suas personagens e ainda pela complexidade do enredo.

Neste volume, uma guerra civil eclode devido ao fato de a Imperatriz ter como herdeira uma Aberrante, Lúcia, que juntamente com Kaiku e Asara, e os seus aliados, combatem para pôr fim ao poder perverso e corrupto dos implacáveis Tecedores.



CAPÍTULO 1.

Kaiku contava vinte anos quando morreu pela primeira vez.

Não se lembrava de como chegara a este lugar. Escapava-lhe a recordação, atraída pelo êxtase, a sensação de tranquilidade que impregnava cada fibra do seu corpo.

E as visões, oh, visões tais capazes de a levar às lágrimas se pudesse. Para ela, o mundo era um áureo tremeluzir, milhões e milhões de fios minúsculos enchendo o seu olhar, mudando, agitando-se.

Puxavam-na e impeliam-na suavemente, fazendo-a avançar sem pressa para um destino invisível.

Separaram-se uma vez, para delinear uma forma que deslizava através deles, um vislumbre longínquo de algo imenso e assombroso, como as baleias que costumava observar ao largo da costa na casa de Verão de Mishani.

Tentou captá-la com a vista, mas desapareceu logo, e a tapeçaria fechara-se por detrás dela.

Estes são os Campos de Omecha, pensou. No entanto, como era possível?

Não chegara a transpor o Portão, não encontrara o guardião Yoru, o anão alegre e barrigudo, de pele vermelha, presas e orelhas porcinas, carregando o jarro de vinho que Isisya lhe dera para amenizar a sua longa vigília.

Não, nesse caso não podiam ser os Campos; apenas a aproximação do Portão, o caminho suave até à entrada no reino dos abençoados mortos.

Não sentia remorso nem pena. Aquela harmonia enchia-a tanto que não havia espaço para mais nada no seu coração. Julgou que fosse rebentar de tão maravilhada com o mundo áureo e reluzente em que vogava.

Eis o que os monges procuravam quando cruzavam as pernas e ficavam sentados durante anos em cima de uma coluna em contemplação; eis o que os velhos viciados nas suas casas de fumo buscado chupavam os seus cachimbos com raiz de amaxa queimada.

Eis a plenitude.

Mas, subitamente, deu-se um repelão, uma terrível ardência no peito. Sentiu um estremecimento percorrer as fibras reluzentes que a acariciavam, sentiu-as recuar... e depois, atterradoramente, estava a ser puxada para baixo, de volta ao lugar de onde viera. Pareceu-lhe ver ao longe o contorno do Portão e Yoru às gargalhadas, erguendo o jarro num gesto de despedida.

Quis gritar, mas não tinha voz.

A beleza estava a abandoná-la, a fugir-lhe do coração, escoando-se como água por um balde cheio de buracos. Tentou resistir, mas era agora puxada com mais força, a

ardência tornando-se mais intensa, e foi sugada...

Os seus olhos abriram-se, desfocados. Havia lábios sobre os seus, lábios suaves a pressionarem com força, e os pulmões inflamaram-se quando um sopro agonizante foi introduzido à força neles.

Um rosto, demasiado próximo para poder determinar; cabelo preto estendido sobre a sua face.

Contorceu-se, um único espasmo breve, e os lábios abandonaram os seus. Quem era retirou-se, e a visão de Kaiku pôde finalmente focar-se.

Estavam em cima da esteira-colchão, no seu quarto, e escarranchada sobre as suas ancas estava a criada Asara. Empurrou a cortina de cabelo comprido para trás do ombro e olhou a ama com olhos de uma negrura líquida.

— Afinal está viva — disse, de forma estranha.

Kaiku olhou ao seu redor, os movimentos assustados e perplexos. De certa forma, pairava algo de errado no ar.

Brilhavam clarões púrpura lá fora na noite, e o fustigar da chuva acentuava ainda mais os bramidos lancinantes que vinham do céu. Não era uma trovoadas vulgar. A tempestade lunar que o pai previra há dias chegara finalmente.

O ambiente que a rodeava começou a fazer sentido, criando uma ordem a partir do seu estado consciente fraturado.

As visões outrora familiares afiguravam-se agora subitamente estranhas, desmembradas por uma irreabilidade que se ia instalando aos poucos.

As espirais e voltas complexamente esculpidas das persianas pareciam erradas, subtilmente desajustadas, e quando se agitavam com o vento o ruído fazia lembrar uma cobra do deserto.

As sombras carregadas da noite que se aglomeravam sobre as vigas envernizadas do teto mostravam-se ameaçadoras. Até o pequeno altar a Ocha que se encontrava a um canto do quarto parcamente mobiliado mudara; as flores guya elegantemente dispostas davam a impressão de acenar em sinistra conspiração com a tempestade e os símbolos gráficos magnificamente embutidos que soletravam o nome do Imperador dos deuses pareciam deslocar-se e mudar subtilmente.

Conseguia ver, por detrás de Asara, um pé com sandália a sair da bainha de uma túnica branca simples. Quem a calçava jazia inerte no soalho duro de madeira.

Karia.

Sentou-se, empurrando Asara de cima de si. Karia, a sua outra criada, estava estendida como se dormisse; mas algum instinto terrível disse a Kaiku que era um sono do qual ela nunca iria acordar.

— O que é isto? — perguntou em voz baixa, estendendo a mão para tocar na sua companheira de outros tempos.

— Não há tempo — respondeu Asara, num tom de impaciência que Kaiku nunca

ouvira antes. — Temos de partir.

— Diz-me o que aconteceu! — ripostou Kaiku, desacostumada a que alguém inferior lhe falasse daquela maneira.

Asara agarrou-a com força pelos ombros, magoando-a. Durante um momento, Kaiku foi tomada de uma noção repentina de que a criada particular lhe pudesse bater.

— Escuta — disse com voz irada.

Kaiku obedeceu, mais pelo choque, ante a maneira como estava a ser tratada por Asara, normalmente dócil e servil. Um outro som sobrepunha-se ao guincho horrível da tempestade lunar e ao tamborilar intenso da chuva.

Batidas leves, como se de um inseto, vindas de cima; o som de algo a deslocar-se pelo telhado. Ergueu o olhar para lá, depois desceu-o até Asara, e os seus olhos encheram-se de terror.

— Shin-shin — murmurou a criada. Kaiku soltou um grito, levantando-se rapidamente e precipitando-se para a porta tapada por uma cortina. Asara agarrou-lhe o pulso e puxou-a bruscamente para trás.

A sua expressão austera revelou a Kaiku que todas as coisas que receava eram verdade. Não podia ajudar a sua família naquele momento. Sentiu as forças abandonarem-na e caiu de joelhos, quase desmaiando.

Quando ergueu a cabeça, as lágrimas sulcavam-lhe o rosto. Asara segurava uma espingarda numa mão, e tinha na outra uma máscara, uma coisa feia de laca vermelha e preta, o rosto irônico de um espírito malévolo.

Enfiou-a sem cerimônia debaixo da túnica e depois olhou para a sua ama.

O cabelo volumoso de Kaiku estava em desalinho, formando uma moldura confusa à volta do seu rosto, e vestia apenas uma fina camisa de noite branca e tinha colocada a pulseira ornamentada que nunca tirava do pulso.

Por um momento, Asara sentiu pena dela. Não tinha a noção do que estava a suceder, do que estava em jogo. Há menos de cinco minutos encontrara-se morta, o coração parado, o sangue a arrefecer.

Talvez desejasse agora ter ficado assim; mas Asara fizera outros planos para ela.

Ouviu-se um grito algures na casa; fraco, entrecortado. A avó. Agarrou Kaiku e puxou-a na direção da porta. Um ruído seco vindo lá de fora invadiu a casa, a voz da tempestade lunar.

Um momento depois ouviu-se o som de um shin-shin ressoando nas lajes do telhado. Algo passou a correr pelas persianas, rastejando pela parede exterior do edifício. Kaiku viu-o e estremeceu.

Asara deu-lhe a mão e olhou-a nos olhos. Estavam esgazeados e em pânico.

— Ouve-me, Kaiku — proferiu, a sua voz firme mas calma. — Temos de fugir. Compreendes?

Vou levar-te para um local seguro.

Tremendo, ela anuiu. Asara ficou satisfeita.

— Fica comigo — pediu, e afastou a fina cortina da porta, saindo para a varanda do outro lado.

O retiro campestre de Ruito tu Makaima — pai de Kaiku e erudito de certa nomeada — fora construído numa clareira no meio de um bosque luxuriante, um quadrado escavado a envolver um jardim central.

Obedecera a uma certa perspectiva estética, segundo o costume do povo de Saramyr, procurando reduzir ao mínimo a ostentação enquanto a parca beleza da sua forma era realçada, respeitando a harmonia envolvente.

A simplicidade austera das suas paredes pálidas contrastava com as persianas de madeira trabalhadas e lintéis curvos de pedra com a forma de graciosos cornos em cada extremidade.

Apresentava uma misteriosa serenidade mesmo no meio da tempestade uivante.

Rodeava-o um relvado implacavelmente controlado, com uma ponte simples sobre um rio e um caminho que seguia da porta principal, tão imaculado que parecia ter sido assente apenas na véspera.

Dentro dos limites da clareira, as orlas mais indômitas da natureza tinham sido extirpadas, a bem da perfeição; somente no sítio onde a clareira terminava é que a floresta readquiria o domínio, voltando a envolver ciosamente o território.

O piso superior tinha uma comprida varanda a toda a volta da parede interior, com vista para terrenos com rochas e cascatas em miniatura, pequeníssimas pontes e árvores esculpidas.

Todos os quartos, incluindo o de Kaiku, davam para esta varanda; e foi ali que vieram ter, Asara com a espingarda a postos.

A noite estava quente, pois tivera início o Verão, e a chuva que fustigava a casa escorria por goteiras esculpidas, vindo cair em torrentes no jardim por baixo.

Finos pilares estendiam-se do balaústre que dava pela cintura até ao telhado inclinado.

O ar transbordava de um constante matraquear e tamborilar, a voz de mil gotas e salpicos; no entanto, pareceu a Kaiku misteriosamente silencioso, e escutou o bater forte do seu coração nos ouvidos.

Asara olhou para um lado, depois para o outro, não confiando na varanda vazia. As suas mãos agarravam com força a espingarda.

Era uma peça de metal comprida e esguia, o cano decorado com selos e uma mira habilidosamente moldada com a forma de uma onda a rebentar.

Demasiado cara e elegante para uma criada como Asara possuir; roubara-a algures na casa.

Kaiku sobressaltou-se quando Asara se moveu subitamente, apontando o cano

para o jardim.

Algo escuro atravessou o terreno com rochas, numa rapidez inumana, correndo nas quatro patas fusiformes; foi demasiado rápido para Asara, e ela resolveu não disparar.

Seguiram pela varanda em direção às escadas. Kaiku estava quase paralisada pelo medo, mas fez um esforço para se deslocar. Acontecera tanta coisa, demasiado rapidamente.

Sentiu-se acabrunhada e impotente; mas pelo menos Asara parecia ter assumido o controle.

Seguiu a criada. Não podia fazer mais nada.

Chegaram ao cimo das escadas sem incidentes. Lá em baixo estava escuro. Não tinham sido acesas lanternas esta noite e não havia sinal de movimento. O céu tornou a uivar; Kaiku ergueu instintivamente o olhar.

As nuvens eram rasgadas irregularmente lá em cima, espalhadas pelos ventos em mudança, rodopiando e enrolando-se, estendendo-se esporadicamente umas para as outras quando um raio púrpura transpunha um intervalo ou caía na terra.

Preparava-se para dizer algo a Asara quando viu o shin-shin.

Abandonava a escuridão num extremo da varanda, um demônio tenebroso que fez Kaiku recuar aterrorizada.

Mal o conseguia ver, apenas o seu contorno, pois parecia fazer parte da negrura que o ocultava; mas o que logrou descortinar foi suficiente.

O torso era como o de um humano, mas as patas dianteiras e os antebraços eram incrivelmente alongados e adelgaçados num espigão fino, pelo que mais parecia um homem a caminhar sobre quatro andas.

Era alto, muito mais alto do que ela, e teve de se encolher para caber debaixo do teto da varanda. Não conseguiu ver mais pormenores à exceção dos olhos: luziam no escuro como lâmpadas, dois pontos gêmeos de um brilho ígneo no meio da negrura.

Asara soltou uma imprecação grosseira e puxou Kaiku atrás de si, escadas abaixo. Kaiku não necessitou de segunda instigação; tudo o mais desapareceu da sua mente naquele momento, e o único anseio remanescente era fugir do demônio que avançava para elas. Ouviram as pancadas dele em perseguição, e depois desceram ruidosamente as escadas até à sala sombria por baixo.

O átrio era amplo e espaçoso, com arcos de madeira magnificamente esculpidos que comunicavam com as outras divisões do rés do chão. Esta casa fora construída para fazer face ao calor sufocante do Verão, por isso não tinha portas interiores, podendo os agradáveis biombos matizados dispersos ser deslocados de forma a melhor permitir a circulação das mornas brisas noturnas.

A iluminação artificial da tempestade lunar entrava tremula pelas frestas das persianas ornamentais, enchendo a sala de claridade.

Kaiku quase rebolou pelos últimos degraus, mas Asara puxou-a para o lado e apontou a espingarda para as escadas, junto ao arco que conduzia à varanda. Um momento depois, a silhueta fusiforme do shin-shin apareceu rapidamente, os olhos chispando na oval negra do seu rosto. Asara disparou, e a detonação da espingarda soou ensurdecedoramente pela casa. A ombreira ficou subitamente vazia; o demônio fora dissuadido, pelo menos por um curto período de tempo. Asara colocou novo cartucho na arma e apressou Kaiku em direção à porta para o exterior.

— Asara! Mais deles! — exclamou Kaiku, e lá estavam, duas das criaturas, escondidas na sombra dos arcos do átrio. Asara agarrou o pulso da ama e ficaram estáticas. A mão de Kaiku estava na porta, mas não ousou escancará-la e fugir, pois as criaturas atacá-la-iam antes de ter percorrido dez metros. O medo puro e sufocante que a invadira desde que os seus olhos se tinham aberto naquela noite começou a subir-lhe à garganta. Estava confusa com o pânico, desorientada, apanhada num pesadelo acordada.

Lentamente, os shin-shin entraram no átrio, curvando os seus torsos por debaixo dos arcos ao inclinarem os seus membros compridos e adelgaçados com a graciosidade de um inseto. Eram muito mais terríveis porque o olhar de Kaiku se recusava a fixar-se corretamente neles, permitindo apenas sugestões da sua forma; só o brilho dos olhos deles era sólido e visível. Teve consciência de que Asara estendia a mão para algo: uma lanterna, adormecida e apagada no peitoril de uma janela. Os demônios acercaram-se, mantendo-se na mais profunda escuridão.

— Prepara-te — murmurou Asara; e um momento depois atirou a lanterna para o centro da sala. Os shin-shin viraram-se ao ouvirem o som, e nesse instante Asara ergueu a espingarda e disparou-a contra a mancha de azeite da lanterna no chão.

A sala iluminou-se subitamente, um lençol bramante de chamas, e os demônios gritaram na sua estranha língua e afastaram-se desajeitadamente do clarão. Mas Kaiku transpunha já a porta e saía para a tempestade, correndo descalça pela relva em direção às árvores que rodeavam a casa.

Asara vinha logo atrás, deixando que o fogo lambesse as paredes de madeira e os biombos de papel.

Avançaram rapidamente pela chuva, encolhendo-se ante os guinchos enormes que vinham do céu. Não ousando olhar para trás, não sabendo se Asara a seguia ou não, Kaiku embrenhou-se na floresta.

Esta noite viam-se as três luas, aglomeradas logo acima das nuvens em lentas contorções. A enorme Aurus, a maior e mais velha das irmãs; Iridima, menor e mais brilhante, a sua pele sulcada de fendas azuis, e a minúscula lua verde Neryn, a mais tímida delas todas, que raramente mostrava a face. Diziam as lendas que quando as três irmãs estavam juntas, lutavam e dilaceravam o céu, e que os guinchos eram os gritos de Neryn quando as irmãs a provocavam por causa da sua cor verde. O pai de

Kaiku contara-lhe uma história diferente, que as tempestades lunares eram apenas o resultado da combinação da gravidade das luas que semeava a destruição na atmosfera.

Fosse qual fosse a razão, era do conhecimento geral que quando as três luas estavam próximas, vinham as tempestades lunares. E, nessas noites, as Filhas das Luas andavam pela Terra.

Kaiku arfava e lamuriava-se enquanto corria pelo meio das árvores. Ramos finos batiam-lhe de todos os lados, cobrindo-lhe os braços e o rosto com chicotes molhados. Tinha a camisa de noite encharcada, o cabelo pelo queixo colado às faces, os pés enlameados e viscosos. Fugia às cegas, como se pudesse ultrapassar a realidade. A sua mente recusava-se ainda a aceitar a enormidade do que ocorrera nos escassos minutos que tinham antecedido. Sentia-se como uma criança, impotente, sozinha e aterrada.

Por fim, o inevitável aconteceu. O seu pé descalço embateu numa pedra mais escorregadia do que parecia, e caiu de bruços, aterrando pesadamente sobre uma raiz que saía firmemente das camadas de lama entretanto levadas. Surgiram novas lágrimas com a dor e ficou na terra, suja e ensopada, a soluçar.

Mas não pôde descansar. Sentiu-se agarrada por trás, e lá estava Asara, arrastando-a para ficar de pé. Gritou incoerentemente, mas Asara foi impiedosa.

— Conheço um local seguro — disse. — Vem comigo. Eles não estão muito distantes.

Depois corriam novamente, mergulhando de cabeça através das árvores, tropeçando e escorregando nesse entretanto. O ar parecia sacudidas, tentando levantá-las, carregado de uma estranha energia devido à tempestade. Pregava partidas aos sentidos delas, fazendo com que tudo parecesse irreal em maior ou menor escala. A avó Chomi costumava avisar a neta de que se saltasse demasiado alto durante uma tempestade lunar, poderia nunca voltar a descer, acabando por ser arrastada para o céu. Kaiku afastou o pensamento, preferindo recordar o grito que ouvira antes. A avó morreria.

Morreram todos. Sabia-o sem o saber, pelo vazio no seu peito.

Saíram das árvores à beira de um riacho pedregoso, engrossado e furioso com as chuvas.

Asara olhou rapidamente para a esquerda e para a direita, o seu cabelo comprido encharcado tornado muito negro e viscoso com a umidade. Tomou a decisão em momentos, dirigindo-se para jusante, arrastando Kaiku atrás de si. Esta estava quase no limite da exaustão, e via-se isso pelos seus passos vacilantes e cabeça pendente.

O riacho desembocava numa clareira ampla, uma bacia de água baixa de onde irrompiam várias ilhas e margens cobertas de erva, salpicadas com as superfícies calvas de rochas semi enterradas e aglomerados de arbustos empertigados. A maior

ilha era indiscutivelmente o pedestal de uma imensa árvore antiga, dominando esmagadoramente a cena apenas pelo seu tamanho. O tronco tinha de grossura o dobro da altura de um homem, cheio de nós e torcido pela idade, e os seus ramos estendiam-se num enorme leque, folhas douradas, castanhas e verdes libertando uma delicada cortina de gotículas sobre a água por baixo. Mesmo com a chuva, a clareira parecia sagrada, um lugar de beleza intacta.

O ar aqui era diferente, detentor de uma fragilidade cristalina e de uma tranquilidade como se fosse um sopro sustido. Até Kaiku notou a mudança, a sensação de uma presença neste lugar, uma percepção fria, lenta e suave que registrou a chegada delas com um interesse lânguido.

O som de um ramo a partir-se alertou Asara, e virou-se bruscamente para ver um dos shin- shin no cimo das árvores à direita delas, movendo-se com impossível destreza entre os ramos enquanto os seus olhos de lanterna se mantinham fixos nelas.

Puxou Kaiku para a água, que lhes dava pelos joelhos e encharcou as suas vestes. Chapinharam celeremente até à ilha maior e, uma vez lá, saíram da água.

Kaiku caiu sobre a erva. Asara deixou-a ali e correu para a árvore. Apoiou nela as palmas das mãos e a testa e murmurou baixinho, os lábios movendo-se rápidos ao falar.

— Grande ipi, venerado espírito da floresta, pedimos-te que nos concedas a tua proteção.

Não deixes estes demônios tenebrosos profanarem a tua clareira com a sua corrupção.

A árvore pareceu ser percorrida por um arrepio, libertando uma cascata de gotículas das folhas.

Asara afastou-se do tronco e voltou para junto de Kaiku. Acocorou-se, afastando as madeixas lisas do rosto dela, e inspecionou a orla da clareira. Sentia-os lá adiante, vagueando. Três deles, e talvez mais, percorrendo o perímetro, escondendo-se nas árvores, os seus olhos brilhantes sem nunca abandonarem a presa.

Asara observou, a mão perto da espingarda. Não era sacerdotisa, mas conhecia bastante bem os espíritos da floresta. O ipi protegê-las-ia, quanto mais não fosse para não deixar os demônios aproximarem-se dele. Os ipis eram os guardiães da floresta, e em lado nenhum era a sua influência tão forte quanto nas suas próprias clareiras. As criaturas andavam em círculos, as suas pernas tipo andas, transportando-as de um lado para o outro. Sentia a sua frustração. A presa estava à vista, no entanto os shin-shin não ousavam entrar no domínio de um ipi.

Passado algum tempo, Asara ficou satisfeita por estarem seguras. Enfiou as mãos debaixo dos ombros de Kaiku e arrastou-a para a proteção das raízes extensas da árvore, onde a chuva era menor.

Kaiku não acordou. Asara observou-a por um momento, encharcada como estava

e gelada, e sentiu uma certa compaixão dela. Acocorou-se ao lado da ama e acariciou-lhe delicadamente a face com a parte de trás dos nós dos dedos.

— A vida pode ser cruel, Kaiku — disse. — Receio que estejas apenas a começar a aprendê-lo.

Com a fúria da tempestade lunar lá por cima, sentou-se no abrigo da grande árvore e esperou que a alva chegasse.

CAPÍTULO 2.

Kaiku acordou com um sonoro estouro da fogueira e os seus olhos abriram-se pestanejando.

Asara estava ali, mexendo uma pequena panela enegrecida que pendia de um tripé de ferro por cima das chamas.

Encontravam-se dois peixes-curvos pendurados num ramo ao lado, a secar. O Sol ia alto no céu e o ar estava úmido e quente.

Sentia-se um novo cheiro terreno por todo o lado enquanto a terra argilosa ensopada pela bátega da noite anterior ia secando.

— Salve, Kaiku — disse Asara, sem olhar para ela.

— Voltei à casa esta manhã e trouxe o que podia. — Atirou para o chão uma trouxa de roupas.

— Não restava muita coisa, mas a chuva apagou o fogo antes de ele conseguir devorar tudo.

Temos comida, roupas e uma boa quantia em dinheiro.

Kaiku ergueu-se, olhando à sua volta. Já não estavam na clareira alagada. Agora encontravam-se numa depressão do terreno onde o solo era arenoso e cheio de seixos e cresciam poucas coisas para além de alguns arbustos. As árvores protegiam a borda da depressão, lançando sombras fortemente contrastantes na claridade ofuscante, e os sons diurnos da floresta eram os pipilos e chilreios generalizados.

Tê-la-ia Asara transportado?

A primeira coisa em que reparou foi na ausência da pulseira.

— Asara! A pulseira da avó! Deve ter caído... ela...

— Tirei-a. Deixei-a como oferenda ao ipi, para agradecer a proteção que nos deu.

— Ela deu-me aquela pulseira na minha oitava apanha! — exclamou Kaiku. — Nunca a tirei!

— A finalidade de uma oferenda é sacrificar algo que nos é precioso — respondeu Asara calmamente. — O ipi salvou as nossas vidas. Eu não tinha nada para lhe dar, mas tu tinhas.

Kaiku olhou-a incrédula, mas Asara pareceu não reparar. Esboçou um gesto vago para indicar o local onde se encontravam.

— Achei melhor não acender uma fogueira na clareira do ipi, por isso trouxe-te para aqui.

Kaiku baixou a cabeça. Estava demasiado encharcada para continuar a protestar. Asara observou-a em silêncio durante algum tempo.

— Preciso saber — referiu Kaiku, baixinho. — A minha família...

Asara pousou a colher que usara para mexer a panela e ajoelhou-se diante de

Kaiku, pegando-lhe nas mãos.

— Morreram todos.

Kaiku sentiu um aperto na garganta, mas anuiu para indicar que compreendia.

— O que aconteceu?

— Não seria melhor comeres primeiro e recompores-te? Kaiku ergueu a cabeça e olhou para Asara.

— Preciso saber — repetiu. Asara largou-lhe as mãos.

— A maior parte foi envenenada — disse. — Tu morreste durante o sono. Desconfio de uma das serviçais da cozinha, mas não tenho a certeza. Fosse quem fosse, revelou-se ineficaz.

A tua avó ontem não comeu a refeição da noite, por isso ainda estava viva quando os shin- shin apareceram. Estou convencida de que alguém mandou os demônios matar os serviçais e eliminar as provas.

Sem testemunhas, o crime ficaria por resolver. — Ajeitou-se na posição acocorada.

— Quem? — inquiriu Kaiku. — E porquê?

— Não tenho respostas para essas perguntas — disse. — Por enquanto.

Asara levantou-se e voltou para junto da panela, virando esporadicamente os peixes-curvos.

Decorreu algum tempo antes de Kaiku voltar a falar.

— Eu morri, Asara? Do veneno?

— Sim — respondeu a criada. — Trouxe-te de volta.

— Como?

— Roubei o sopro a outrem e coloquei-o em ti. Kaiku pensou em Karia, a sua outra criada, que vira estendida sem vida no chão do seu quarto.

— Como foi isso possível? — murmurou, temendo a resposta.

— Há muitas coisas que não entendes, Kaiku — replicou Asara. — Eu sou uma delas.

Kaiku começava a dar-se conta disso. Asara sempre fora a criada perfeita: calada, obediente e fiável, habilidosa a pentear o cabelo e a preparar as roupas.

Kaiku gostara mais dela do que de Karia, mais obstinada, e conversara amiúde com ela, partilhara segredos ou jogara jogos. Mas existira ali sempre uma fronteira, uma divisão que as impedia de serem verdadeiramente íntimas.

A percepção tácita de que as duas eram de uma casta diferente. Kaiku era nobre e Asara não, por isso uma tinha a obrigação de servir e obedecer à outra. Era assim em Saramyr, tal como sempre sucedera.

E, no entanto, agora Kaiku via que os últimos dois anos tinham sido um logro. Esta não era a pessoa que julgava conhecer. Esta Asara tinha uma calma de aço, um coração de metal frio.

Esta Asara salvara a sua vida roubando a de outrem, incendiara a sua casa, pegara na prova mais valiosa do amor da avó e dera-a com impunidade. Esta Asara salvara-a de demônios.

Quem era, verdadeiramente?

— O riacho fica próximo, Kaiku — anunciou Asara, apontando com a colher. — Deverias ir lavar-te e mudar de roupa. Assim vais apanhar uma constipação.

— Não lhe passara despercebido que desde a noite da véspera ela deixara de tratar Kaiku por "ama", como convinha.

Kaiku obedeceu. Sentiu que se devia envergonhar do seu estado, meio despida com a fina camisa de noite branca descomposta e imunda. No entanto, parecia-lhe insignificante na sequência do que sucedera antes.

Cansada, apesar de ter dormido, foi ao riacho, e ali despiu a camisa suja e lavou-se até ficar limpa e nua ao sol quente. A sensação da água e do calor na sua pele à mostra não lhe trouxe prazer.

O seu corpo dava a impressão de ser apenas um veículo para a sua dor. Vestiu as roupas que Asara lhe trouxera, descobrindo que eram peças de viagem resistentes.

Botas de couro, calças beges informes, uma camisa aberta no pescoço da mesma cor, que ficariam melhor num homem.

Não se queixou. Sempre fora uma maria-rapaz, e tanto ficava bem com as roupas de um camponês como com as de uma dama nobre. O irmão mais velho fora o seu companheiro mais chegado, e competia com ele em tudo.

Disputavam constantemente para ver quem montava, disparava e lutava melhor. Para Kaiku, a arma ou a floresta não eram novidade.

Quando regressou à fogueira do acampamento, o ar estava cheio de flocos cintilantes, que caíam suavemente do céu como neve. Brilhavam quando o sol incidia neles, clarões fortes de luz por todo o lado.

Chamava-se chuva de estrelas: um fenómeno apenas observado na sequência de uma tempestade lunar.

Formavam-se minúsculos cristais lisos de gelo derretido no turbilhão do conflito das três irmãs, suficientemente finos para flutuarem na descida.

A beleza depois do caos. Muito se escrevera sobre a chuva de estrelas, e era um tema recorrente em alguma da melhor poesia de amor. Hoje, não tinha a capacidade de a comover.

Asara entregou-lhe uma tigela de peixe-curvo, legumes e arroz salgado.

— Tens de comer — disse ela. Kaiku obedeceu, servindo-se dos dedos como fizera em criança, mal saboreando a comida. Asara colocou-se por detrás e desemaranhou delicadamente o cabelo de Kaiku com um pente de madeira.

Era um ato de uma suavidade surpreendente, em face de tudo; um gesto de familiaridade de uma moça que agora parecia uma desconhecida.

— Obrigada — disse Kaiku, quando Asara terminou. As palavras significavam mais do que simples gratidão. Não havia necessidade de agradecer a uma criada um serviço que se esperava ser prestado.

O que parecia uma mera gentileza era uma aceitação tácita de que Asara deixara de lhe ser subserviente. O fato de Asara não a corrigir provava-o.

Kaiku não ficara surpreendida. Asara alterara o modo de se dirigir a Kaiku, e falava agora com ela como se fosse socialmente uma igual, quiçá não suficientemente íntima para ser considerada uma amiga.

Era bastante revelador do novo estado da relação delas.

A linguagem saramírica era impenetravelmente complexa para uma pessoa de fora, uma quantidade de inflexões tonais, formas de cortesia, pronúncias e qualificativos que exprimiam profundas acepções estratificadas muito para além das simples palavras de uma frase. Havia diversos modos de trato para diferentes situações, cada um expresso por ínfimas alterações na pronúncia e na estrutura.

Havia modos distintos de falar com as crianças, um para os rapazes, outro para as moças e um distinto para as crianças pequenas de ambos os sexos; existiam múltiplos modos para os superiores sociais, consoante o grau de importância da pessoa em relação ao falante, e um especial usado apenas para se dirigir ao Imperador ou à Imperatriz.

Havia modos para os apaixonados, variando mais uma vez no grau para os mais íntimos, sendo praticamente um sacrilégio falar alto na presença de alguém que não fosse o objeto da paixão.

Havia modos para mãe, pai, marido, mulher, lojistas e comerciantes, sacerdotes, animais, modos para rezar e ralhar, modos rudes e modos escatológicos.

Havia até vários modos neutros, usados quando o falante não tinha a certeza da importância relativa da pessoa a quem se dirigia.

Ademais, a língua dividia-se em alto saramírico — usado pelos nobres e por aqueles que podiam permitir-se aprendê-lo — e o baixo saramírico, usado pelo campesinato e pelos serviçais.

Apesar de ambos serem permutáveis na linguagem falada — sendo o baixo saramírico apenas uma versão menos aperfeiçoada da sua forma superior, — enquanto linguagens escritas eram completamente diferentes.

O alto saramírico era o domínio dos nobres, e o campesinato via-se excluído dele. Era a linguagem da erudição, em que toda a filosofia, história e literatura eram escritas; mas os seus símbolos gráficos não significavam nada para a gente comum. As camadas superiores da sociedade eram violentamente separadas das inferiores por uma fronteira de ignorância cuidadosamente mantida; e essa fronteira era a forma escrita do alto saramírico.

— Os shin-shin temem a luz — disse Asara, em tom de conversa, enquanto

deitava terra sobre a fogueira para a apagar. — Não virão durante o dia. Quando voltarem, já teremos partido.

— Para onde vamos?

— Um lugar mais seguro do que este — respondeu Asara. Captou a expressão no rosto de Kaiku, viu a sua frustração ante a resposta e apresentou uma menos vaga.

— Um lugar secreto. Onde há amigos, onde podemos compreender o que sucedeu aqui.

— Sabes mais do que dizes saber, Asara — acusou a outra. — Porque não me contas?

— Estás desorientada — foi a resposta. — Estiveste nos Portões de Omecha há ainda não a um nascer do Sol, perdeste a família e suportaste mais do que alguém deveria. Confia em mim, saberás mais tarde.

Kaiku transpôs a depressão e enfrentou a antiga criada.

— Quero saber e já.

Asara olhou-a por sua vez. Era bonita, apesar das marcas temporárias de dor no rosto. Olhos castanhos que pareciam rir quando estava feliz; um nariz pequeno, ligeiramente oblíquo; dentes brancos e regulares.

Usava o cabelo acastanhado num penteado armado, puxado sobre as faces e o rosto num corte em voga usado pelas jovens na capital.

Asara conhecia-a há tempo suficiente para detectar a sua tendência voluntariosa, a sua persistência teimosa quando decidia que queria algo.

Via-a agora, e naquele momento sentiu uma ligeira admiração pela mulher que enganara todo este tempo. Contara em parte que a dor da noite anterior a vergasse, mas estava a ver que se enganara.

Afinal Kaiku tinha coragem. Ainda bem. Iria precisar dela.

Asara apanhou uma mochila de pele curtida e estendeu-lha.

— Vem comigo. — Kaiku agarrou nela e pô-la às costas. Asara pegou na outra, e tirou a espingarda do lugar onde estivera a secar junto à fogueira.

A chuva da noite anterior molhara a câmara da pólvora e ainda não estava em condições de ser usada.

Dirigiram-se para a floresta. Os ramos brilhavam da chuva de estrelas que caía delicadamente à volta delas, amontoando-se no solo numa poeira suave antes de derreter.

Kaiku sentiu no peito um novo afluxo de lágrimas, mas esforçou-se por as reprimir. Precisava de entender, de conseguir que o que lhe sucedera fizesse algum sentido. Perdera a família e, no entanto, não se lhe afigurava real.

De momento, tinha de aguentar. Com determinação, empurrou a dor para um canto apertado e amargo da sua mente e manteve-a lá. Era a única maneira de conseguir continuar a funcionar. A alternativa era enlouquecer de dor.

— Há muito tempo que te venho observando — acabou por dizer Asara. — A tua casa e a tua família também. Em parte por sabermos que o teu pai era simpatizante da nossa causa, alguém que poderia vir a juntar-se-nos.

Ele tinha ligações através da sua proteção na Corte Imperial. Mas foi sobretudo por tua causa, Kaiku. Da tua condição.

— Condição? Eu não tenho condição — retorquiu Kaiku.

— Confesso que tive as minhas dúvidas quando me mandaram para aqui — replicou a antiga criada. — Mas até eu reparei nos sinais.

Kaiku procurou pensar, mas tinha a cabeça desnorteada e a explicação de Asara parecia suscitar mais perguntas do que respostas. Preferiu inquirir diretamente:

— O que aconteceu ontem à noite?

— O teu pai — disse Asara. — Certamente lembras-te de como ele estava quando voltou da última viagem?

— Ele disse que estava doente... — começou Kaiku, depois calou-se. Parecia tola. A doença que ele fingira fora um pretexto. Lembrava-se efetivamente do aspecto dele.

Pálido e abatido, estava também calado e letárgico; mas sentia-se nele uma expressão obcecada, uma certa ausência nos modos. A avó ficara assim quando o avô morrera, há sete anos.

Uma espécie de incredulidade e aturdimento, como ouvira dizer que acontecia aos soldados quando tinham estado expostos demasiado tempo aos disparos dos canhões.

— Sim — concordou. — Aconteceu algo, algo de que ele não queria falar. Sabes do que se tratava?

— E tu?

Kaiku abanou a cabeça. Deram mais alguns passos em silêncio.

A floresta envolvia-as agora, e caminhavam aos ziguezagues por entre as árvores parcamente aglomeradas, passando por cima de raízes e pedras que atravancavam o solo absolutamente irregular.

Erguia-se um monte de terra à direita delas, à altura da cintura, rodeado de corolas tubulosas que oscilavam delicadamente e onde gordas abelhas vermelhas se vinham abastecer.

O sol incidia de cima, secando o solo molhado com um calor preguiçoso que fazia com que o mundo parecesse satisfeito e indolente.

Noutro dia qualquer, Kaiku ter-se-ia perdido na tranquilidade, pois sempre sentira um medo pueril da natureza; mas a beleza envolvente não tinha a capacidade de afetar naquele momento.

— Observei-o nas últimas semanas — referiu Asara. — Não consegui apurar mais nada. Talvez ele tivesse prejudicado alguém, um inimigo poderoso. É apenas

uma suposição.

Mas não tenho dúvidas de que foi ele que provocou a tua desgraça a noite passada.

— Porquê? Ele era apenas um erudito! Ele lia livros. Porque haveria alguém de querer matá-lo... ou a todos nós?

— Por causa disto — respondeu Asara, e levantou então a pesada túnica, exibindo a máscara que Kaiku a vira retirar da casa. Brandiu-a diante de Kaiku. O seu rosto de laca vermelha e preta olhava-a de forma idiota.

— Ele trouxe-a consigo da última vez que regressou.

— Isso? É apenas uma máscara.

Asara afastou o cabelo do rosto e olhou circunspectamente para a outra.

— Kaiku, as máscaras são as armas mais perigosas do mundo. Mais do que as espingardas, mais do que o canhão, mais do que os espíritos que assombram os lugares ermos. Elas são...

Asara calou-se subitamente quando o passo de Kaiku vacilou e ela avançou, atordoadada.

— Não te sentes bem? — perguntou-lhe.

Kaiku pestanejou, carregando o semblante. Algo se agitara nas suas entranhas, um verme ardente de dor que se deslocava e contorcia.

Um instante depois voltou a acontecer, desta vez mais forte, não no intestino mas mais abaixo, vindo do ventre como o pontapé de um bebê.

— Asara — arfou, apoiando um joelho, a mão aberta no solo diante dela. — Há algo... qualquer coisa...

E então desabrochou, uma emanção bruta de agonia no estômago e na virilha, arrancando um grito da garganta dela.

Mas não diminuiu; foi antes crescendo, ficando mais quente, uma pressão aterradora a aumentar dentro de si. Abraçou-se, mas ela não passou. Fechou os olhos com força, lágrimas de choque e incompreensão a escorrerem pelos cantos.

— Asara... ajuda...

Ergueu o olhar em súplica, mas o mundo tal como o conhecia já não estava lá.

Os seus olhos não viram árvore, pedra e folha mas mil milhões de raios de luz, um imenso diorama tridimensional de fios brilhantes, agitando-se e flectindo-se para fluírem e refluírem à volta dos objetos que se deslocavam através dele.

Conseguiu ver o nó do coração de Asara dentro da estrutura de pontos do corpo dela; conseguiu ver a agitação do ar nos fios quando uma ave, próximo, a atravessou; conseguiu ver as linhas da luz do Sol enchendo a floresta e entrar obliquamente pela abóbada, e o brilho da chuva de estrelas a toda a volta.

Estou novamente a morrer, pensou, precisamente como da última vez.

Mas não era como da última vez, pois não havia bem-aventurança, nem

serenidade, nem paz interior. Apenas algo no interior, algo grande, crescendo cada vez mais até saber que a sua pele ia rebentar e ela seria dilacerada.

As suas íris escureceram e ficaram vermelhas como o sangue; o ar agitou-se à volta dela, sacudindo-lhe as roupas e levantando-lhe o cabelo.

Viu a expressão de Asara transformar-se em medo, as linhas do rosto contorcerem-se. Viu-a virar-se e fugir, correndo direto às árvores.

Kaiku gritou, e com esse escape a força ardente encontrou a sua libertação.

As árvores mais próximas explodiram, madeira de fósforo a arder; aquelas um pouco mais distantes pegaram fogo, tornando-se archotes fumegantes num instante. A erva secou, a pedra ficou enegrecida, o ar deformou-se com o calor.

A força irrompeu do seu corpo, parecendo rasgar-lhe os pulmões e o coração e cauterizá-los por dentro; mas nunca parou de gritar, até que desmaiou.

Não soube quanto tempo a inconsciência se apoderou dela antes de a trazer de volta à realidade, mas quando isso sucedeu a calma regressou. O ar estava denso do fumo, ouvindo-se os estalidos secos e sentindo-se o calor das árvores em chamas.

Ergueu-se, os músculos entorpecidos e espasmódicos, as entranhas a arder. Arfando, encontrou o pé e o equilíbrio. Estava viva; dizia-lho a dor.

Lentamente, olhou o círculo calcinado de destruição à sua volta e o aspecto lúgubre das folhas fumegantes mais além. A umidade das chuvas da véspera vencia já as línguas de fogo famintas, e o incêndio ia diminuindo gradualmente.

Procurou conciliar a cena com a que estivera a percorrer quando fora acometida pela dor, e não foi capaz. Saíam superfícies de rocha enegrecidas do solo endurecido e gretado. Folhas chamuscadas enroladas em punhos esqueléticos.

As árvores tinham sido rachadas ao meio, brutalmente decapitadas ou atiradas para o lado.

Era quase impossível compreender a própria subitaneidade da obliteração; mal podia acreditar que ainda se encontrava no mesmo lugar onde desmaiara.

A máscara, incólume, jazia no solo ali perto, a ironia no seu olhar vazio. Encaminhou-se aos tropeções até ela e apanhou-a.

Sentia um tremendo cansaço no corpo, uma camada brumosa sobre os seus sentidos que a empurrava para o sono, ou a inconsciência, ou a morte — não sabia bem qual, e acolheu todos de igual modo.

Os seus olhos incidiram na forma branca estendida ali perto. Entorpecida, aproximou-se dela a vacilar, enfiando distraidamente a máscara no cinto enquanto avançava.

Era Asara. Jazia estirada numa cavidade para onde fora arremessada pela explosão. Um dos lados apanhara o embate, evidentemente. A túnica estava cauterizada, o cabelo queimado e a fumegar.

A mão e a face estavam terrivelmente calcinadas. Jazia inerte e flácida.

Kaiku começou a tremer. Recuou, as lágrimas toldando-lhe a visão, os dedos arranhando o rosto como se pudesse arrancar a carne e encontrar por baixo a velha Kaiku, aquela que existira apenas ontem, antes de ficar à mercê do caos e da loucura.

Antes de ter perdido a família. Antes de ter morto a criada. Soltou um soluço entrecortado, um som nada são.

Sacudia a cabeça enquanto recuava, tentando negar o que via; mas o peso da verdade esmagava-a, a evidência dos seus olhos acusava-a.

O pânico brotou, apoderando-se dela, e, com um grito, correu para a floresta e foi engolida.

Asara ficou onde estava, no meio do fumo e da destruição, a chuva de estrelas que caía suavemente sobre ela a cintilar por breves instantes e depois a apagar-se.

À primeira vista, os jardins no terraço da Fortaleza Imperial poderiam ter parecido infinitos a uma criança, um imenso labirinto de caminhos de pedra e locais frondosos, lugares secretos e esconderijos mágicos em vários níveis.

CAPÍTULO 3.

A Imperatriz-Herdeira Lúcia tu Erinima, a próxima na linha de sucessão ao trono de Saramyr, é que os conhecia.

Visitara todos os seus muitos muros, e descobrira que o sítio tinha tanto de prisão como de paraíso, e ficava menor a cada dia.

Passeava-se lentamente por um caminho irregular, os seus dedos percorrendo uma latada carregada à sua esquerda.

Ouviu a restolhada de um gato algures próximo, perseguindo os esquilos escuros que subiam pelos troncos finos e elegantes das árvores.

O jardim era um misto das mais delicadas folhagens e flores de todo o mundo conhecido, dispostas à volta de uma imensidão de bancos ornamentais, estátuas e esculturas habilidosas.

Botões de flores exóticas desconhecidas agitavam-se na ínfima brisa; aves saltitavam de um lado para o outro, os seus papos vibrando enquanto cantavam umas às outras em stacato [11](#).

Ao longe, as quatro espiras das torres da Fortaleza alcandoravam-se, empalidecidas pela bruma; e mais perto, por cima das filas cuidadosamente dispostas de kamakas e chapapas, era visível a cúpula do grandioso templo que dominava o centro da Fortaleza. Hoje, o dia estava quente e calmo, com a promessa de um Verão que viria em breve.

O Sol ia alto no céu, o único olho de Nuki, o deus brilhante cujo olhar iluminava o mundo.

Lúcia aqueceu-se no seu esplendor enquanto observava os esquilos a saltar pelas copas das árvores e andando em espiral pelos ramos.

O povo de Saramyr tendia sempre para a pele trigueira e uma beleza discreta, e Lúcia contrastava pela extraordinária palidez.

Mais ainda o seu cabelo, pois o louro natural era raro entre os Saramyr, e o seu rosto era emoldurado por uma cascata loura que lhe descia pelas costas.

Trazia um vestido verde-claro e adornos simples; os seus professores particulares faziam questão de que aprendesse a apresentar-se com elegância, mesmo quando ninguém a estava a ver.

Ela escutava, como sempre fazia, com uma ausência de expressão alheada, e eles retiravam-se exasperados. Porém, obedecia-lhes.

A expressão nos seus olhos era muitas vezes tomada por desatenção, mas tal não sucedia.

Por vezes, invejava os seus professores particulares. Possuíam uma maravilhosa capacidade de se concentrar numa coisa excluindo todas as outras.

Pena era que não conseguissem compreender a situação da mesma maneira que compreendia a deles; mas pelo menos Zaelis sabia por que motivo ela raramente parecia estar mais do que parcialmente interessada fosse no que fosse.

Tinha muito mais em que pensar do que aqueles que possuíam apenas cinco sentidos.

Quando aprendeu a falar — aos seis meses de vida — sabia já que isso era mau. Sentia-o à maneira instintiva dos bebês, na tristeza dos olhos da mãe quando olhava para o seu rebento.

Antes mesmo de Lúcia ter começado a manifestar exteriormente o seu talento, a mãe, a Imperatriz, sabia.

Fora escondida do mundo e posta de lado nesta gaiola dourada bem fundo no âmago da escura e imensa Fortaleza Imperial. Desde então que era prisioneira.

O gato saiu de um aglomerado de árvores próximo para o caminho, com um passo fortuito e despreocupado.

Olhou-a com uma insultuosa falta de respeito e depois observou os esquilos que corriam lá em cima, atento àqueles que se aproximavam perigosamente do nível térreo.

Um momento depois, afastou-se aos saltos atrás deles.

Ela sentiu o alarme dos esquilos quando surgiu, os seus rápidos pensamentos animais retinindo.

Há meses que o gato andava nos jardins, tendo vindo não se sabe de onde, no entanto os esquilos estavam tão surpreendidos agora com a sua presença como sucedera da primeira vez.

Os esquilos nunca aprendiam.

Os animais eram amigos dela, pois não tinha outros. Bem, calculava que Zaelis fosse seu amigo, e a mãe, de uma estranha forma. Mas, para além deles, estava sozinha.

A solidão era tudo o que conhecia. Dava-se por bastante satisfeita com a sua própria companhia; e, no entanto, quando sonhava era com a liberdade.

A sua mãe Anais, Imperatriz do Sangue de Saramyr e governante do país, visitava-a pelo menos uma vez por dia, quando não se via impedida pelas inerências do cargo.

Sendo ela a autora da sua reclusão, Lúcia pensava às vezes em odiá-la; mas não odiava ninguém. Era demasiado indulgente para isso, estava sempre pronta a sentir empatia.

Não existia uma só pessoa que tivesse conhecido entretanto que fosse tão negra por dentro a ponto de não lhe encontrar qualquer qualidade redentora.

Quando o contou a Zaelis, ele fez-lhe ver que ainda não conhecera muitas.

Fora a mãe que a aconselhara a não divulgar os seus talentos, a mãe que se

encarregara de que os professores particulares dela mantivessem o silêncio sobre a verdadeira natureza da sua pupila.

Fora também a mãe que confirmara o que ela já sabia: que as pessoas a odiariam, a receariam, se soubessem o que ela era. Por isso estava escondida.

A Imperatriz pedira perdão à filha um cento de vezes por a manter isolada do mundo. O que mais queria era que Lúcia pudesse correr em liberdade, mas isso era simplesmente demasiado perigoso.

Anais dizia que sentia um desgosto tão grande quanto o da própria Lúcia. Esta amava a mãe porque acreditava nela.

Mas algumas nuvens negras aglomeravam-se para lá do horizonte; isso sabia ela.

Ultimamente os seus sonhos eram atormentados por uma ameaça invisível.

Com frequência, enquanto dormia, percorria os corredores da Fortaleza Imperial, para lá dos confins dos seus aposentos. Por vezes, visitava a mãe, mas esta nunca a via.

Lúcia observava a Imperatriz a bordar, ou a tomar banho, ou a olhar pelas janelas da Fortaleza. Noutras ocasiões, Lúcia ouvia-a auscultar os conselheiros sobre os assuntos do reino.

Outras vezes andava pelos quartos dos serviçais enquanto trocavam mexericos e cozinhavam ou se amavam. Esporadicamente alguém a via, e seguia-se o pânico; mas a maioria olhava diretamente através dela.

Uma vez, inquirira a mãe sobre algumas coisas que vira nos sonhos, e o rosto da mãe ficara um pouco triste, e beijara a filha na testa e não dissera nada.

Por este gesto, Lúcia percebera que não devia voltar a mencioná-las; mas sabia também que não eram sonhos vulgares, e que o que presenciava era real.

Através dos sonhos, ficara a conhecer o mundo lá fora, sem nunca chegar a sair do quarto. E, todavia, continuava confusa com o perímetro do fosso, incapaz de o transpor.

A cidade de Axekami, que rodeava a Fortaleza Imperial, ficava simplesmente demasiado longe da sua experiência. Não a conseguia idealizar. Alargara apenas as barreiras do seu parque de brincar.

Fora há pouco mais de um ano que sonhambulara pela primeira vez; e não muito depois disso que aparecera a dama dos sonhos.

Mas, há cerca de quinze dias, descobrira subitamente que havia um novo desconhecido que a visitava no escuro.

Passou a acordar encharcada em suor e a tremer, o corpo rígido de medo da presença sem nome que a perseguia pelos corredores do pesadelo, seguindo inexoravelmente atrás.

Não sabia o que era, mas sabia o que significava. Algo mau a encontrara; talvez exatamente aquilo de que a mãe a tentara preservar. Vinham aí mudanças. Não sabia

se devia ficar alegre se receosa.

No outro extremo do jardim no terraço, algo se agitou. Os jardineiros tinham andado a trabalhar aqui ultimamente, a extrair as flores de Inverno moribundas, substituindo-as por flores estivais.

Um carro de mão fora deixado no caminho, ancinhos e pás colocados de lado dentro dele.

Por debaixo da espessa camada de árvores, a terra recentemente revolvida encontrava-se ao sol, úmida, negra e fértil, à espera das sementes a que iria dar vida.

O relvado estremeceu. Primeiro um pequeno movimento, depois uma enorme perturbação quando o homem enterrado lá debaixo saiu, libertando-se da terra.

Um homem alto e magro, próximo da quadragésima apanha, com cabelo curto grisalho e faces de barba hirsuta.

Silenciosamente, libertou-se e deitou fora o tubo curto e grosso de bambu que lhe servira para respirar. Limpou-se o melhor que pôde e endireitou-se.

Purloch tu Irisi sempre tivera sorte, mas isto era ridículo. Escapara já a perigos suficientes capazes de dissuadir até o intruso mais determinado.

Passara furtivamente por sentinelas, descera por paredes íngremes, movera-se sorrateiramente por postos de observação.

Dera um salto às cegas sobre uma queda de quinze metros até um muro às escuras, confiando apenas nos instintos para se agarrar e encontrar a extremidade.

Sinceramente, acreditava que, a estas horas, já devia ter sido apanhado ou estar morto.

Sempre se orgulhara de ser o mais hábil ladrão escalador de paredes da cidade, capaz de entrar em qualquer sítio; mas, mesmo assim, não o tinham descoberto três vezes por uma unha negra a noite passada, e em duas ocasiões vira a morte muito de perto.

A Imperatriz-Herdeira estava mais fortemente guardada do que uma joia de raro valor.

A sua confiança fora bastante abalada pelos acontecimentos da noite anterior. Mal conseguia acreditar na sorte que o trouxera até aqui, mas duvidava de que o fosse levar muito mais longe. Vivia em sobressalto.

Tudo o que queria era despachar este assunto em definitivo e escapar ileso.

A pessoa que o procurara com a proposta era obviamente um intermediário enviado para proteger a identidade do verdadeiro cérebro da operação.

Purloch vira o suficiente para saber. E a proposta era tão intrigante, especialmente para um homem que se orgulhava do seu trabalho, como sucedia com Purloch.

Chegar aos aposentos da Imperatriz-Herdeira... semelhante coisa era praticamente impossível!

Mas o intermediário estava muito bem informado, dispondo de plantas detalhadas

do castelo e informações sobre os movimentos das sentinelas e as falhas; e o preço que oferecera dava à vontade para Purloch se reformar e viver desafogadamente o resto dos seus dias. Vejam só! Acabar a sua carreira ilustre numa altura tão vertiginosa! Passaria a ser uma lenda no mundo do crime, e os seus dias de operações arriscadas chegariam ao fim.

O atrativo era forte, mas a missão demasiado perigosa para se basear apenas na fé.

Por isso, seguira o intermediário até sua casa, e vira-o encontrar-se com outro homem mais no final do dia, e esse homem encontrara-se por sua vez com outro na noite seguinte, e através dele Purloch chegara finalmente à origem da proposta.

Fora necessária toda a sua perícia para não os perder, muito embora eles não se aperceberam de que os seguia.

Eram sem dúvida bons. Mas ele era manifestamente melhor.

A origem, então: o Barak Sonmaga, chefe dos Sangue Amacha. Eram poderosos no seio das famílias superiores e velhos adversários dos Sangue Erinima, a que pertenciam a Imperatriz e a filha.

Purloch não conseguiu descortinar nada dos planos dos Sangue Amacha, mas pôde deduzir que estava a ser envolvido em algo grande, um peão no jogo entre duas das maiores famílias do império.

Era um risco enorme, agora que sabia o que estava em jogo. Mas não podia rejeitar, muito embora tivesse de admitir que a natureza da sua tarefa lhe causava alguma perplexidade.

Tomara todas as precauções possíveis — inclusive qual a retaliação a exercer sobre o seu contratador se de alguma forma fosse traído,- mas, no fim, o dinheiro e a glória eram demasiado grandes para os ignorar.

Agora desejava ter dado ouvidos ao bom senso e recusado a proposta.

Durante dias fizera-se passar por serviçal, observando os modos e os ritmos do castelo antes de avançar. Entrar na Fortaleza fora a parte fácil; havia veredas esquecidas, caminhos que a história perdera mas que ele voltara a desenterrar.

Mas a verdadeira arte residia no processo lento de planejar uma maneira de penetrar as defesas no seu núcleo.

Mesmo com a informação detalhada que o contratador lhe fornecera, era incrivelmente difícil conceber uma maneira de se aproximar da Imperatriz-Herdeira.

Apenas muito poucos chegaram a vê-la — os guardas de maior confiança, os professores particulares mais honrados- e o círculo de pessoas que a rodeava era tão restrito que a infiltração por disfarce ou ilusão não era nem sequer remotamente viável.

Mas Purloch era paciente e inteligente. Falara com as pessoas certas, fizera as perguntas certas, sem nunca despertar as suspeitas sobre a sua pessoa. E a sua

oportunidade não tardara a chegar.

Fizera particular questão de ajudar alguns dos jardineiros, um grupo honesto e simples, cuja lealdade para com a suserana estava fora de questão, inspirada pelo temor quase religioso que o campesinato sentia em relação aos seus amos e amas. Estavam proibidos, sob pena de morte, de falar sobre a Imperatriz-Herdeira, apesar de nunca a terem visto, pois a jardinagem efetuava-se apenas naquelas horas do dia em que Lúcia não se encontrava no exterior; mas sempre conseguiram ser úteis, à sua maneira.

Era evidente que se sentiam honrados por serem jardineiros da futura governante de Saramyr e falavam infinitamente das minudências das suas funções.

Na antevéspera, Purloch soubera que em breve iriam cavar novos canteiros para plantar uma série diferente de plantas estivais que não murchassem com o calor.

Dera-lhe a ideia de que necessitava. E, assim, o plano ganhara forma.

Infiltrara-se no jardim de noite, pois certamente teria sido impossível durante o dia. Havia demasiados guardas, demasiadas espingardas, mesmo para ele; seria simplesmente suicídio.

Mas a coberto da escuridão, e com as luas escondidas por detrás do horizonte, conseguira. A tangente.

Uma vez lá dentro, procurara um local para se esconder.

Um veneno ligeiro nas bebidas dos jardineiros encarregara-se de os obrigar a passar o dia seguinte na cama — não ia querer que as suas entranhas fossem perfuradas por um ancinho enquanto estava debaixo da relva.

Enterrou-se habilmente antes da alva e depois esperou no seu casulo de terra que o dia raiasse.

O seu contato informara-o de que os guardas passavam busca ao jardim pela manhã, antes de a Imperatriz-Herdeira ser autorizada a subir. Estavam tão cientes quanto Purloch de que as sombras ocultantes da noite poderiam permitir a um intruso uma hipótese remota de passar pelas sentinelas, e até essa hipótese remota era excessiva. A informação tinha credibilidade. Purloch ouviu o ruído das lanças quando passaram por ele. Mas já antes revistaram o jardim mil vezes sem nunca encontrarem nada, pelo que a sua busca era apenas sumária. Nunca desconfiaram. O solo recentemente revolvido do canteiro das flores não apresentava indícios do tumulto que Purloch criara ao introduzir-se nele.

Os guardas tinham-se ido embora, e a criança estava ali sozinha. Era tempo de pensar no que tinha de ser feito. Esgueirando-se silenciosamente, soltou o fecho do punhal à cinta.

Encontrou a moça numa pequena oval pavimentada cercada de flores. Um gato perseguia a cauda, enquanto a Imperatriz-Herdeira o observava com uma expressão curiosamente desprendida no rosto.

O gato estava absorto nas suas cabriolices, tanto mais que não deu pela sua aproximação.

Mas Lúcia deu, apesar de ele não ter feito qualquer ruído.

Lentamente, ela olhou para a folhagem, diretamente para ele, e perguntou:

— Quem é o senhor?

O homem saiu de detrás de um tumisi e o gato fugiu. Lúcia fitou o recém-chegado com uma expressão inescrutável.

— O meu nome não interessa — respondeu Purloch. Via-se que estava nervoso, ansioso por se ir embora.

Lúcia observava-o placidamente.

— Minha dama, preciso de vos tirar algo — disse ele, desembainhando o punhal.

O ar à volta deles explodiu num frenesi de movimento, um bater de asas negras que atacou os sentidos e fez Purloch gritar e cair de joelhos, o braço cobrindo o rosto para o proteger do tumulto.

Tão rapidamente como começara, terminou. Purloch baixou o braço e a respiração prendeu-se-lhe na garganta.

A criança estava revestida de corvos. Cobriam-na, empoleirados nos ombros e nos braços:

um manto de penas negras. Rodeavam-na também, uma espessa carpete das criaturas. Dúzias mais estavam empoleiradas nos ramos próximos.

De vez em quando um deles mexia-se, alisando as penas debaixo de uma asa ou mudando de posição; mas todos eles o observavam com os seus terríveis olhos pretos miudinhos.

Purloch foi tomado de terror.

— O que me queria tirar? — perguntou Lúcia delicadamente. A sua expressão e o tom não refletiam nenhuma da malevolência que os corvos projetavam.

Purloch engoliu em seco. Só tinha consciência dos corvos. As aves protegiam-na. E sabia, com uma certeza terrível, que o transformariam em bocados ensanguentados a um pensamento da criança.

Tentou falar, mas não saiu nada. Engoliu em seco e voltou a tentar.

— Uma... uma madeixa do vosso cabelo, minha dama. Nada mais. — Olhou para o punhal ainda na sua mão e apercebeu-se de que a sua pressa em agarrar a presa e fugir o tornara tolo.

Não devia ter puxado da arma.

Lúcia encaminhou-se lentamente para ele, os corvos afastando-se para a deixarem passar.

Purloch olhou-a em puro medo, esta criança monstruosa. O que era ela?

E, no entanto, o que viu nos seus olhos azul-claros nada tinha de monstruoso. Sabia que ele não era um assassino. Não o considerava mau; sentia pena dele, não

ódio.

E por debaixo de tudo estava uma espécie de tristeza, uma aceitação de algo inevitável que ele não compreendia.

Delicadamente, tirou-lhe o punhal da mão e cortou com ele um caracol do seu cabelo louro e comprido. Depositou-o na palma da mão dele.

— Volte para os seus amos — disse-lhe baixinho, os corvos agitando-se no ombro dela. — Comece o que tem de ser começado.

Purloch inspirou de forma entrecortada e baixou a cabeça, ainda ajoelhado.

— Obrigado — murmurou, submisso. E depois foi-se embora, desaparecendo no meio das árvores, com Lúcia a olhá-lo e a perguntar-se quais as consequências do seu ato.

CAPÍTULO 4.

Decorridos quatro dias sobre o assassinio da sua família, Kaiku foi encontrada. Quem a descobriu foi um jovem acólito da deusa da terra Enyu, ao regressar ao templo depois de um dia frustrante de meditação fracassada.

O seu nome era Tane tu Jeribos.

Quase não reparou nela quando passou por ali, enterrada debaixo de uma acumulação de folhas junto à base de um kiji de tronco grosso. Outros assuntos ocupavam a sua mente. Aí, supunha, residia todo o problema.

Os sacerdotes tinham-lhe ensinado a teoria subjacente à sintonia com a natureza, permitindo-lhe ficar liberto e vazio para poder escutar o coração lento da floresta; sim, entendia bem a teoria.

Só que estava a ser quase impossível pô-la em prática. Não conseguirás sentir a presença de Enyu e das suas filhas enquanto não estiveres calmo por dentro. Eis o mantra enfurecedor que Mestre Olec lhe recitava de cada vez que ficava agitado.

Mas quão calmo era possível estar? Relaxara até ao limite da sua capacidade, esvaziando a mente de toda a confusão, mas nunca era suficiente.

Duplamente frustrante, pois distinguia-se nos restantes estudos, e os seus outros mestres estavam satisfeitos com o seu progresso. Este ensinamento parecia escapar-lhe e não compreendia porquê.

Dava voltas à cabeça com pensamentos soturnos quando viu a forma enterrada debaixo das folhas. A visão causou-lhe sobressalto; a sua primeira reação foi alcançar a espingarda que trazia às costas.

Depois percebeu o que era: uma jovem, imobilizada. Aproximou-se com cautela. Apesar de não ver nela qualquer ameaça, toda a vida vivera nas florestas de Saramyr e sabia o suficiente para presumir que tudo era perigoso até prova em contrário.

Os espíritos assumiam muitas formas, e nem todas elas eram amistosas. Na verdade, parecia que estavam a ficar cada vez mais hostis à medida que as estações passavam, e os animais tornavam-se mais ferozes a cada dia.

Estendeu a mão e tocou no ombro da moça, pronto para recuar de um salto se ela se movesse repentinamente. Como não reagisse, sacudiu-a de novo. Desta vez ela mexeu-se, emitindo um gemido fraco.

— Consegues ouvir-me? — perguntou, mas a moça não respondeu. Voltou a sacudi-la e os olhos dela entreabriram-se: febris, vagueando. Olhou para ele, mas não pareceu ver.

Proferiu antes algo incoerente e, murmurando, tornou a mergulhar no sono.

Tane olhou à sua volta, procurando alguma pista sobre ela, mas não conseguiu ver

nada à luz tranquila do final da tarde a não ser a floresta densa. Ela parecia faminta, exausta e doente.

Afastou-lhe o cabelo castanho emaranhado do rosto e apoiou uma mão na testa dela. A sua pele escaldava. Os seus olhos moviam-se inquietos por debaixo das pálpebras.

Enquanto a examinava, a sua mão afastou as folhas que a cobriam, e parou para pegar numa. Caíra recentemente. Na verdade, todas elas.

Uma árvore lançara-as sobre a moça ali estendida, há não mais de meio dia. Sorriu de si para si. Nenhum espírito de árvore protegia uma coisa má daquela maneira. Endireitou-se e fez uma vênia.

— Obrigado, espírito da árvore, por abrigares esta moça — disse. — Por favor, transmite a minha gratidão à tua ama Aspinis, filha de Enyu.

A árvore não deu resposta; mas também isso nunca sucedia. Estas árvores eram jovens, em nada semelhantes ao ipi. Pouco cientes, quase insensíveis. Como os recém-nascidos.

Tane tomou a moça nos braços. Pesava um pouco mais do que esperara, mas, a avaliar pela sua figura flexível, via-se que era músculo e não gordura.

Muito embora Tane não fosse de grande estatura, a vida na floresta endurecera-o e enrijara-lhe os músculos, e não teve dificuldade em transportá-la. Foi uma curta caminhada até ao templo e ela não acordou.

O templo estava bem embrenhado na floresta, situado nas margens do rio Kerry. O rio vinha das montanhas para nordeste, serpenteando através do coração da Floresta de Yuna antes de curvar para oeste e dirigir-se para a capital.

O edifício em si mesmo era uma construção baixa e elegante, com pouca ostentação a obscurecer o cenário envolvente.

Os templos a Enyu e suas filhas adotavam intencionalmente a simplicidade por uma questão de humildade, exceto nas cidades, onde a ostentação era praticamente um pré-requisito para um local de culto.

Estava decorado com tons simples de creme e branco, sustentado por vigas de cinza negra, descrevendo habilidosamente linhas e perímetros sobre a estrutura.

Tinha a altura de dois andares, o segundo construído mais recuado em relação ao primeiro para aproveitar a inclinação da colina.

Delicadas invocações estavam inscritas na estrutura suspensa do caixilho das portas principais, realçada com madeira por envernizar, um mantra à deusa da natureza que era tão simples e pacífico quanto o próprio templo.

Fora pendurado um sino de orações por cima de um pequeno altar mesmo ao lado de uma das portas.

Um cairn de pedras com taças de incenso lá dentro, nenúfares de pedúnculo longo e fruta colocados numa saliência diante de um ícone de Enyu: um urso de madeira

talhada, com uma pata vigorosa a envolver uma cria.

Uma ponte em arco erguia-se de uma margem do Kerryn à outra, pilares esculpidos gravados com todo o tipo de aves, animais e peixes mergulhados fundo no leito do rio. O Kerryn era de um azul-escuro melancólico, a sua transparência natural ensombrada pelos sais e minerais que trazia das montanhas Tchamil. Refletia o sol em planos de brilho purpúreo intenso, manchando os alicerces lisos do lado de baixo da ponte com um infinito jogo de alternância água- luz. O efeito era, intencionalmente, o de calma, beleza e idílio.

Tane consultou os seus mestres, e um sacerdote idoso examinou-a. Concluiu que estava faminta e febril, tal como Tane referira, mas não existiam outros padecimentos graves. Se cuidada, recuperaria.

— Ela é responsabilidade tua — disse-lhe Mestre Olec. — Vê se consegues concentrar-te em algo, para variar.

Tane conhecia bem de mais a língua velha e engelhada de Olec para ficar ofendido. Instalou-a num quarto de hóspedes no piso de cima.

O quarto era frugal e branco, com uma esteira-colchão a um canto por debaixo das janelas quadradas grandes, cujas persianas estavam abertas por causa do calor do Verão que vinha aí.

Tal como na maior parte das janelas em Saramyr, não havia necessidade de lhes colocar vidro — grande parte do ano fazia demasiado calor e as persianas funcionavam igualmente no tempo adverso.

A medida que a tarde se encaminhava para um pôr do Sol vermelho-escuro, Tane preparou um chá de consolda, milefólio e echinacea para a febre dela. Obrigou-a a sorvê-lo e a engoli-lo o mais quente possível, meia chávena de duas em duas horas. Ela balbuciou e estremeceu, mas não acordou, e bebeu-o todo.

Foi buscar um balde de água fresca e enxugou-lhe a testa, limpou-lhe o rosto e as faces.

Examinou-lhe a língua, mantendo-lhe delicadamente a boca aberta.

Verificou o palpar do coração dela na garganta e no pulso. Depois de fazer tudo o que podia, instalou-se numa esteira de verga e ficou a vê-la dormir.

Os sacerdotes tinham-na despido — era necessário determinar se fora picada por espinhos venenosos, mordidelas de insetos, algo que pudesse influenciar a sua recuperação — e fornecido uma camisa de noite verde-clara.

Agora, estava deitada com um fino lençol cingido às pernas e assentando nas costelas, desentalado pelas suas agitações. De qualquer forma, fazia demasiado calor para estar lá debaixo, especialmente com a febre, mas Tane fora obrigado a providenciá-lo na observância do recato dela. Já antes cuidara de doentes, jovens e idosos, homens e mulheres, e os sacerdotes sabiam-no e confiavam nele.

Mas esta interessava-lhe mais do que a maioria. De onde viera e como ficara no

estado em que se encontrava? A sua prostração aguçava nele a necessidade de a ajudar.

Estava incapacitada e completamente sozinha. Só os espíritos sabiam a que tipo de ordálio fora sujeita ao atravessar a floresta; era uma sorte estar ainda viva.

— Afinal, quem és tu? — perguntou baixinho, fascinado.

Os seus olhos percorreram as linhas dos málares dela, um pouco pronunciadas de mais agora, mas atenuar-se-iam com o regresso da saúde. Viu os lábios dela comprimirem-se quando proferiu palavras semiformadas durante os sonhos.

A luz do exterior começava a diminuir, e mesmo assim ele ficou, e interrogou-se a respeito dela.

A febre cedeu dois dias depois, contudo não houve recuperação imediata. Ela vencera a doença, mas não ultrapassara o que quer que a atormentava quando estava acordada e lhe invadia os sonhos.

Durante uma semana esteve quase catatônica de infelicidade, incapaz de se levantar da cama, chorando quase constantemente. Muito pouco do que proferiu fez sentido, e os sacerdotes começaram a duvidar da sanidade mental dela.

Tane era de opinião contrária. Estivera sentado à beira dela enquanto soluçava e delirava, e os poucos fragmentos do que conseguia compreender tinham-no levado à conclusão de que ela passara por alguma terrível tragédia, sofrera perdas tamanhas como nenhum humano deveria ter de suportar.

Foi dispensado de algumas das suas tarefas menos prementes enquanto cuidava da sua paciente, muito embora fosse pouco o que podia fazer por ela, agora que voltara a estar fisicamente bem.

Obrigou-a a comer, apesar de ela não ter apetite. Preparou-lhe um ligeiro sedativo um extrato de caulofilina e matricária — e deu-lho para atenuar alguns dos seus piores acessos de tristeza.

Fez uma infusão de lupulina, escutelária e valeriana para a pôr a dormir à noite. E ficou junto dela.

Então, uma manhã, quando entrou no quarto dela com um pequeno-almoço de ovos de pata e bolos de trigo, encontrou-a à janela, olhando para o Kerry e as árvores do outro lado. Os insetos zumbiam no ar matinal.

Estacou à porta.

— Salve — disse automaticamente. Ela virou-se, sobressaltada.

— Sentes-te melhor?

— És a pessoa que tem estado a cuidar de mim? — indagou.

— Tane?

Ele sorriu ligeiramente e fez uma vênica.

— Gostarias de comer?

Kaiku anuiu e sentou-se de pernas cruzadas na esteira, ajeitando a camisa de noite

à sua volta. Tinha poucas lembranças das duas últimas semanas. Conseguiu recordar-se de impressões, momentos desagradáveis de medo ou fome ou tristeza, mas não das circunstâncias que os acompanhavam. Recordava o rosto dele, no entanto: esta cabeça calva rapada, aquelas feições trigueiras regulares, os olhos verde-claros e as túnicas bege-claras que usava sempre. Nunca imaginara um jovem sacerdote — para ela, sempre tinham sido velhos e nervosos, escondendo a sua sabedoria sob uma carapaça de rabugice.

Este tinha um pouco do ar circunspecto que sempre associara às ordens sagradas, mas recordava também momentos de boa disposição, em que ele dissera piadas e se rira delas quando ela não o fazia.

Pelo seu discurso, calculava que proviesse de uma família moderadamente abastada, algures acima do campesinato, no entanto, provavelmente ainda da região. Apesar de ser educado, não era certamente de estirpe.

As complexidades da linguagem saramírica tornavam possível adivinhar as origens de uma pessoa simplesmente pela maneira como a usava. O discurso de Tane era mais descuidado e menos implacavelmente declamado do que o dela.

— Há quanto tempo foi? — perguntou-lhe, enquanto comia lentamente.

— Faz dez dias que te encontramos. Vagueaste durante algum tempo antes disso — replicou Tane.

— Dez dias? Ó espíritos, parece que foi uma eternidade. Julguei que não fosse passar.

Pensei... — Ergueu o olhar para ele. — Pensei que nunca mais fosse parar de chorar.

— O coração sara se lhe dermos tempo — referiu Tane. — As lágrimas secam.

— A minha família morreu — revelou ela, de repente. Necessitara de o dizer em voz alta, para se pôr à prova, para ver se era capaz. As palavras não lhe causaram novo sofrimento.

Vencera a dor, estava farta dela; todavia, levara imenso tempo, a sua obstinação natural a não a deixar submeter-se.

A sua tristeza extinguiu-se e, se duvidava que nunca a fosse abandonar inteiramente, não voltaria a consumi-la. — Foram assassinados — acrescentou.

— Ah — referiu Tane. Não lhe ocorreu mais nada que dizer.

— A máscara — disse ela. — Eu tinha uma máscara comigo... creio.

— Encontrava-se na tua mochila — respondeu Tane. — Está segura.

Devolveu-lhe a bandeja, tendo comido apenas um pouco.

— Obrigada — disse. — Por tomares conta de mim. Gostaria de descansar.

— Foi um prazer — redarguiu ele, levantando-se. — Gostarias de um chá para te ajudar a dormir?

— Não creio que vá precisar dele neste momento — disse. Retirou-se para a

porta, mas antes de lá chegar parou.

— Não sei o teu nome...

— Kaiku tu Makaima — foi a resposta.

— Kaiku, houve alguém que mencionaste diversas vezes durante o delírio — referiu ele, virando-se para a olhar. — Alguém que disseste que estava contigo nos bosques. Asara. Talvez ela ainda esteja...

— Um demônio matou-a — retorquiu Kaiku, de olhos postos no chão. — Ela morreu.

— Entendo — afirmou Tane. — Voltarei em breve. — E depois saiu.

Um demônio matou-a, pensou Kaiku. E eu sou esse demônio.

Descansou durante um bocado, pois estava enfraquecida devido ao ordálio. Sentia-se mais esgotada do que alguma vez julgara ser possível sentir-se, mais exausta do que alguma vez se lembrava.

O sentimento despertou uma recordação que não lhe ocorria há meses, uma pontada fortuita de dor que surgiu para atacar a ferida recente da sua perda. Insensibilizou-se a ela. Não queria esquecer.

Algumas coisas valiam a pena ser lembradas.

Fora na casa de Verão de Mishani junto à costa, onde ela e o irmão Machim ficavam com frequência.

Tinham sido sempre competitivos, e crescer com um irmão deixara-lhe, infelizmente, tendências pouco femininas — uma das quais era uma obstinação que raiava a teimosia estúpida.

Uma manhã, ela e Machim tinham participado no jogo habitual de se gabar de quem era melhor no quê.

A parada fora subindo até conceberem entre si uma prova de resistência envolvendo tiro com setas e arco, escalada de penhascos, corrida e tiro com arma de fogo, que estava muito além da capacidade da maioria dos atletas, quanto mais de dois jovens que raramente experimentaram a dureza.

Por mera relutância em ceder, concordaram ambos em tentar.

Resolveram facilmente o tiro com setas e arco — tinham de disparar dez setas, e um tiro no alvo significava correrem até à praia e atravessarem a baía a nado até aos penhascos.

Machim conseguiu-o antes dela. A prova de natação revelou-se bastante árdua, pois tentou apanhar o irmão e diminuir a vantagem dele à partida.

Ganhou terreno nos penhascos, mas nesta altura era visível a dor nos seus corpos, e os músculos tremiam.

Machim estava bastante debilitado, e mal conseguiu chegar ao cimo, caindo num monte anelante. Kaiku podia ter desistido então e reclamado a vitória; mas não fora suficiente para ela.

Começou a correr pelo cimo do penhasco até à casa de Mishani, onde tinham improvisado uma carreira de tiro. O seu corpo ardia, a visão toldava-se, queria ficar doente, mas não iria deixar-se parar.

Alcançou a casa, mas o esforço de pegar na espingarda foi demasiado para ela, e desmaiou.

Levaram-na então para a cama, e até agora nunca sentira nada semelhante à exaustão por que passara naquele dia. O desafio tirara-lhe tudo, e parecia não restar o suficiente para continuar a sobreviver.

Mishani censurou-a pela sua obstinação. O irmão entrara sorrateiramente e congratulara-a pela sua vitória quando não havia mais ninguém por perto.

Todavia, por muito mau que tivesse sido, isto era pior. A sua própria alma sentia-se exausta, consumida pelo esforço de tentar expulsar a dor pela morte da família.

Verificou que pensar no irmão naquele momento não a fazia chorar, apenas lhe causava uma dor constante. Bem, ia conseguir suportá-la, se necessário fosse.

No entanto, não era apenas a perda da família que a perturbava naquele momento. Era o poder... a força terrível que reclamara a vida de Asara na floresta.

Algo que viera de dentro dela, algo agonizante e mau, uma coisa de destruição brutal e chamusca. Ela era um demônio?

Ou tinha um dentro de si? Poderia sequer permitir-se estar junto de outras pessoas depois do que fizera a...

— Não — proferiu em voz alta, para conferir autoridade à sua negação. Era escusado pensar dessa maneira. Já uma vez fugira do horror; agora tinha de o enfrentar.

Qualquer que fosse a causa da morte de Asara, não seria exorcizada escondendo-se do mundo. Além disso, não dera mostras de querer repetir-se no período que decorrera desde aquele primeiro acontecimento cataclísmico.

Sentiu um forte afluxo de determinação a crescer dentro de si. Subitamente, rejeitou a presença deste seu lado que nunca antes se manifestara. Iria compreendê-lo, informar-se sobre ele, e destruí-lo se necessário.

Não carregaria esta moléstia indômita o resto da vida. Recusava-se a fazê-lo.

Asara. Ela fora a chave. Falara de uma causa. Tinham estado a vigiar o pai, na esperança de o persuadir a juntar-se-lhes. E tinham-na observado, durante dois anos inteiros.

Foi sobretudo por tua cama, Kaiku. Da tua condição.

Condição? Estaria ela a referir-se à chama cruel que lhe tirara a vida? Afinal, quanto tempo estivera adormecida dentro de si, visto que Asara fora ter com ela dois anos antes de esta condição se ter manifestado?

Recordou as circunstâncias que teriam antecedido a chegada dela. Uma das anteriores criadas desaparecera sem uma palavra ou um aviso, isso era um fato.

Haveria algo de suspeito nisso?

Não na altura — afinal, não passava de uma criada, — mas, em retrospectiva, deixava-a inquieta. Não, precisava de recuar mais no tempo. Ouvira histórias de espíritos da floresta que se tornavam maus.

Conhecia as histórias dos achicita, os vapores demoníacos que surgiam com o calor sufocante do Verão e entravam furtivamente nas narinas dos homens e mulheres adormecidos, fazendo-os adoecer por dentro.

Sabia dos baum-ki, que mordiam os tornozelos como as cobras e deixavam o seu veneno adormecido no corpo, para ser transmitido através da saliva ou outros fluidos mais pessoais, saltando de pessoa em pessoa e só se tornando letal quando encontrava um bebe no ventre, matando mãe e filho numa hemorragia terrível.

Era a única coisa que fazia sentido para ela. Estava algo lá dentro, algo desconhecido, algo que atacara e matara. Tê-la-iam perseguido os shin-shin para reclamar o que quer que estava dentro de si?

E o que trazia? Qual era a condição a que Asara se referira?

Mas Asara morrera e tudo o que deixara ficar eram perguntas. Que tipo de coisa era ela, capaz de sugar o sopro a uma pessoa e dá-lo a outra? Outro demônio, mandado espiá-la?

Quem eram os seus amos, aqueles que a tinham enviado?

E em que estivera o pai envolvido para semelhante tragédia recair sobre a casa deles?

Dormiu, e os seus sonhos encheram-se de um rosto preto e vermelho, um espírito que gargalhava, um espírito que a perseguia no escuro com a voz do pai.

Os sacerdotes deixaram-na usar o seu bosque sagrado para fazer uma oferenda a Omecha, o ceifeiro silencioso, deus da morte e da vida depois da vida.

Ficava num trilho estreito e serpenteante que subia a colina até às traseiras do templo.

Tane seguia na dianteira, segurando-lhe a mão quando ela tropeçava. Tendo passado tanto tempo em convalescença, os seus músculos estavam extraordinariamente fracos, e o declive era quase demasiado para ela suportar.

Mas Tane estava lá, observando um silêncio respeitoso, e conseguiu-o com a ajuda dele.

O bosque era um local de beleza preternatural, cheio de pedras brancas baixas e lisas que espreitavam da vegetação rasteira, sobre as quais complexos símbolos gráficos tinham sido gravados e pintados de vermelho.

Não parecia existir um limite ou fronteira traçado pelo homem a separá-lo da floresta circundante — na verdade, se não fossem as pedras e o altar, Kaiku não o teria reconhecido sequer como um local sagrado.

Um estreito riacho corria pelo bosque, com a margem de lá mais elevada do que a

de cá, e uma enorme kamaka velha sobre ele, as suas raízes grossas e nodosas estendendo-se pelo solo e as suas folhas-gavinhas descaídas pendendo pesarosamente sobre a água em lianas floridas. Na margem de cá do riacho ficava o altar, pouco maior que o existente na fachada do templo.

Fora esculpido no tronco de uma árvore jovem, e pendiam no interior pequenos sinos e minúsculos rolos com preces; tinham sido colocadas flores frescas no interior, e paus de incenso fumegavam em pequenos potes de barro de cada lado.

Esboçou um aceno e um sorriso triste a Tane, e ele fez uma vênia, murmurou uma prece rápida a Enyu para se retirar do bosque, e regressou pelo trilho.

Sozinha, Kaiku respirou fundo e reuniu as ideias. Não se sentia ali qualquer emoção; já a consumira entretanto. Tratava-se de um ritual. A tristeza atacara-a de dentro e depois virara-se e devorara-se até ao vazio.

Tudo o que restava era o inevitável, o que a honra e a tradição lhe exigiam que fizesse.

Acedeu sem se queixar. Tudo se desmoronara à sua volta, mas pelo menos isto era inviolável, e isso serviu-lhe de algum consolo.

Ajoelhou entre o incenso com a túnica votiva que os sacerdotes lhe dispensaram, pois não possuía roupa formal e era necessário ser reverente aqui.

Rezou aos antepassados para que guiassem a sua família pelo Portão, passando pelo jocoso Yoru até aos Campos Dourados.

Proferiu em voz alta o nome de cada um deles a Omecha, de modo a que a esposa dele, Noctu, pudesse anotá-los no seu livro grande e registrar as ações deles em vida.

E, por último, orou a Ocha, Imperador dos deuses e também deus da guerra, da vingança, da exploração e do esforço.

Suplicou que lhe desse forças para a ajudar no seu propósito, e pediu a sua bênção para encontrar aquele que destruíra a sua família. Se a ajudasse, jurava vingá-los, custasse o que custasse.

E, feita aquela jura, o seu caminho estava traçado.

Quando abandonou o bosque, sentiu-se de certa forma exorcizada. Deixara lá ficar uma parte de si, a parte que estava confusa e assustada e carregada de dor. Agora tinha um novo caminho.

Era o que a honra da sua família exigia. Não os deixaria cair no esquecimento; repararia a injustiça. Não havia outra opção em aberto.

Depois de regressar ao templo com Tane, pediu aos sacerdotes a máscara e olhou para ela com frequência, virando-a nas mãos. Asara dissera que o pai fora morto por causa desta máscara.

O que era e o que significava?

Às vezes, alimentava a ideia de a colocar, mas resolveu não arriscar. Mesmo que

Asara não a tivesse avisado, ouvira histórias suficientes sobre os Tecedores para saber que devia ter cuidado.

As mascaras são as armas mais perigosas do mundo.

Na manhã seguinte, Tane trouxe-lhe roupas com o pequeno-almoço.

— Tens estado para aí deitada tempo de mais — disse. — Vem até cá fora. Devias ver isto.

Kaiku acedeu, sombriamente. Não sentia uma apetência particularmente forte para fazer fosse o que fosse, mas parecia-lhe mais fácil seguir a sugestão dele do que recusá-la.

Depois de ele sair, levantou-se, espreguiçou-se e vestiu as roupas de viagem que os sacerdotes lavaram e passajaram.

Alguém — muito provavelmente Tane — acrescentara uma faixa de seda púrpura ao monte, uma mancha de cor no meio do bege e do castanho. Atou-a com folga à cintura, deixando-a pender sobre a coxa.

Sempre tornava as suas vestes um pouco mais femininas. Apertou a camisa aberta no pescoço e fez um exame superficial. Brotou um sorriso nos seus lábios, mais forçado do que espontâneo.

A faixa fazia-a parecer um bandido aparatoso.

Reuniu-se a Tane lá fora, onde o sol brilhava intensamente. O tempo estava ótimo para andar no exterior, antes de o calor aumentar desconfortavelmente.

Apreciou o calor do olhar de Nuki em algum nível obscuro e distante, mas não lhe pareceu que penetrasse como sucedera quando a sua família era viva.

Os rinjis deixavam-se levar pela corrente do Kerry, os seus pescoços compridos e brancos mergulhando para apanhar os peixes e escaravelhos que se aproximavam demasiado. Tane observava-os distraidamente.

— Chegaram cedo este ano — observou. — Vai ser um Verão longo e quente.

Kaiku protegeu os olhos e acompanhou o lânguido cortejo com o olhar. Vários dos sacerdotes tinham feito uma pausa no trabalho e observavam as aves com expressões contemplativas.

Em crianças, ela e Machim costumavam dirigir-se todas as manhãs à margem do rio no princípio do Verão para esperar que os rinjis descessem dos seus locais de nidificação nas montanhas até às planícies, onde se encontrava o melhor alimento. Com as suas patas compridas e altas enfiadas debaixo deles e as asas maciças dobradas, deslizavam com uma graciosidade fácil, flutuando nas correntes do Kerry em direção às planícies.

Quando os primeiros rinjis desapareceram de vista — eram apenas uma dúzia ou assim, a vanguarda do êxodo iminente — Tane levou Kaiku até à margem; mas a pedido dela atravessaram a ponte e sentaram-se antes no lado sul, a olhar para a extensão de azul carregado, na direção do templo despretensioso.

— Foi assim que os observamos sempre — disse ela, à guisa de explicação. — Machim e eu. — Ver as aves vir da esquerda para a direita e não o inverso despertou nela recordações que a deixaram inexplicavelmente constrangida.

Tane anuiu. Se era uma simples preferência ou se ela tentava conscientemente recapturar os bons momentos que partilhara com o irmão morto, estava preparado para lhe fazer a vontade.

— Parece que o seu número diminui a cada ano — observou Tane. — Chegam notícias das montanhas de que os seus terrenos de nidificação já não são seguros.

Kaiku arqueou um sobrolho.

— Porque não?

— As ninhadas são cada vez menores, esse é um motivo — replicou ele, esfregando o couro cabeludo, passando a palma da mão pelo cabelo que entretanto crescera.

— Mas dizem que existem agora coisas nas montanhas capazes de subir até ao sítio onde eles se encontram.

E essas coisas estão a multiplicar-se. Não era assim há dez anos.

Kaiku apercebeu-se de que se perguntava subitamente a razão de Tane se dar sequer ao incomodo de a levar ali, e de estarem sentados juntos e a falar sobre aves.

— Tenho-os observado todos os anos desde que me lembro — disse ela. — E costumava ficar acordada no Outono a tentar vê-los regressar.

Era um comentário sem finalidade, uma observação indiferente, introduzida na conversa, mas Tane tomou-a como uma deixa para continuar a expor as suas ideias.

— As coisas belas estão a desaparecer — referiu circunspectamente, olhando para o sítio a montante onde o Kerry se dirigia para as árvores e se perdia de vista. — Mais e mais, a um ritmo crescente.

Os sacerdotes sentem-no; eu sinto-o. Está na floresta, no solo. As árvores sentem-no.

Kaiku não soube muito bem o que lhe responder, de maneira que permaneceu calada.

— Porque não nos é possível fazer nada? — referiu, mas era uma pergunta retórica, uma expressão de frustração impotente.

Observaram as aves a descer o rio todo aquele dia, e pareciam ainda menos do que Kaiku se recordava.

Ficou mais uma semana no templo enquanto recuperava as forças. A espera estava a desgastá-la, mas os sacerdotes insistiram, e convenceu-se de que tinham razão.

Estava demasiado fraca para partir, e precisava de tempo para formular um plano, decidir para onde se deslocar e como lá chegar.

Porém, nunca tivera realmente qualquer dúvida em relação ao seu destino. Só

existia uma pessoa que a poderia ajudar a conhecer as circunstâncias que envolviam a morte do pai, e só uma pessoa em quem achava poder confiar em absoluto. Mishani, sua amiga de infância e filha do Barak Avun tu Koli. Ela pertencia à Corte Imperial em Axekami, e estava por dentro das maquinações que ali decorriam.

Kaiku não a vira muitas vezes desde que tinham completado ambas dezoito apanhas, pois Mishani enredara-se na política dos Sangué Koli; todavia, e apesar de tudo, estava a ficar cada vez mais entusiasmada com a ideia de rever a amiga.

Caminhou frequentemente com Tane naquela semana, percorrendo a floresta ou ao longo do rio. Tane mostrou-se interessado no passado dela, quem era e como fora parar debaixo daquela árvore onde a encontrara.

Conversou livremente sobre a família; fez-lhe bem recordar os triunfos, os hábitos, os pequenos pontos fracos. Mas nunca falou do que aconteceu em sua casa naquela noite, nem voltou a fazer menção ao destino de Asara.

Ele era uma companhia agradável, e gostava dele, muito embora tendesse a mudar para um incomensurável mau humor de tempos a tempos, e nessa altura achava-o irritante e deixava-o sozinho.

— Vais-te embora não tarda — disse Tane enquanto caminhavam lado a lado sob as árvores por detrás do templo. Era o momento entre as oblações da manhã e o estudo, e o jovem acólito pedira para lhe fazer companhia.

As aves chilreavam a toda a volta e a floresta sussurrava com animais escondidos.

Kaiku brincava com uma madeixa. Era um hábito de infância, alvo de repreensões por parte da mãe. Julgara tê-lo abandonado, mas pelos vistos voltara recentemente.

— Não tarda — concordou.

— Gostava que me contasses o que te leva a ter tanta pressa. Foges dos assassinos da tua família ou tentas encontrá-los?

Ela olhou-o, ligeiramente surpreendida. Nunca usara de tanta frontalidade com ela.

— Encontrá-los — respondeu.

— A vingança é um motivo mórbido, Kaiku.

— Não me restam outros motivos, meu amigo — contrapôs Kaiku. Mas era apenas um amigo no nome. Não o deixaria aproximar-se mais dela, não lhe revelaria nada realmente valioso. Não fazia sentido atrair mais dor.

Sabia que o ia deixar; era necessário, pois desconhecia ainda a natureza do demônio dentro de si, e receava poder fazer-lhe mal tal como sucedera a Asara.

Pelo mesmo motivo, receava imenso pôr Mishani em perigo com a sua presença; mas sabia que se pedisse algo a Mishani de bom grado ela correria o risco, e Kaiku faria também o mesmo por ela.

Pelo menos sempre era algum conforto. Os elos de lealdade estavam fora de

questão. E também não existia outra alternativa; era a única saída que via.

— Gostaria que ficasses — afirmou, solenemente. Ela parou e deitou-lhe um olhar curioso. — Mais um bocado — corrigiu, ruborizando-se ligeiramente.

Ela sorriu, o que a tornou radiosa. Por um momento, sentiu-se ligeiramente tentada. Ele atraía-a fisicamente, não havia a menor dúvida.

A sua cabeça rapada, o seu corpo forte e musculado fruto das tarefas no exterior e de uma dieta ascética, a sua intensidade profundamente arraigada eram qualidades que nunca encontrara nos nobres que conhecera nas cidades.

Mas, apesar de terem passado muito tempo juntos na última semana, sentia que não soubera nada a respeito dele. Porque fora para sacerdote? O que o movera a curar e ajudar os outros, como declarava? Fechavam-se reciprocamente. Tinham mantido ambos a distância um do outro, sem nunca baixarem as defesas. Fora o máximo que ele se aproximara da verdadeira sinceridade. Resolveu aproveitar a ocasião.

— O que é que eu significo para ti, Tane? — indagou. — Encontrei-me, salvaste-me a vida e permaneceste constantemente ao pé de mim. Tens a minha infinita gratidão por isso. Mas porquê?

— Sou um sacerdote. É a minha... a minha vocação — respondeu, carregando o cenho.

— Não chega — disse ela, cruzando os braços debaixo dos seios. Ele deitou-lhe um olhar carrancudo, magoado por o estar a pressionar daquela maneira.

— Perdi uma irmã — referiu. — Não seria muito mais nova do que tu. Não a pude ajudar, mas a ti sim. — Olhou furioso para o chão e raspou-o com as sandálias. — Também perdi a minha família.

Temos tudo isso em comum.

Quis perguntar-lhe porquê, mas não tinha esse direito. Não partilharia os seus segredos com ele, nem ele faria o mesmo em relação a ela. E residia aí a barreira entre ambos, e era intransponível.

— Um dos sacerdotes vai descer o rio até à aldeia de Ban amanhã — informou, descruzando os braços. — Posso arranjar um esquife dali até à capital.

— E achas que a tua amiga Mishani te vai conseguir ajudar? — perguntou Tane, com um certo azedume.

— Ela é a minha única esperança — replicou Kaiku.

— Nesse caso, desejo-te boa viagem — disse Tane, apesar de o seu tom sugerir o contrário. — E que Panazu, deus da chuva e dos rios, achi proteja o teu caminho.

Tenho de regressar aos meus estudos, filha. E depois afastou-se e regressou ao templo.

Kaiku observou-o até Axek ficar encoberto pelas árvores. Noutra ocasião, noutro lugar... talvez pudesse vir a existir algo entre eles.

Bem, agora tinha preocupações maiores. Pensou na máscara que estava no seu quarto, escondida atrás de uma viga no teto. Pensou na maneira de chegar a Axekami e no que iria lá encontrar.

Pensou no futuro e sentiu receio dele.

CAPÍTULO 5.

Era previsível que isto fosse acontecer, pensou Anais. Só estava a adiar o inevitável. Mas, ó espíritos, como foi que eles descobriram?

A Imperatriz do Sangue de Saramyr encontrava-se nos seus aposentos, o perfil esbelto iluminado pela claridade intensa do meio-dia, o bafo quente das ruas chegando mesmo até aqui, tão mais alto.

Lá em baixo ficava a grande cidade de Axekami, o coração do Império Saramyr. Estendia-se pela colina e para lá dela, um tumulto de cores e edifícios: compridos templos vermelhos destacando-se entre mercados garridos; banhos públicos brancos e direitos no meio de museus de cúpulas verdes; teatros e alcaçarias, oficinas e albergues.

Ao longe, a curva azul cintilante do rio Kerryyn atravessava a profusão no seu caminho ao encontro do irmão, o Jalaza, e combinavam-se para formar o Zan.

Axekami fora construída na confluência dos três rios, e o seu fluxo impetuoso servia para cortar a cidade nitidamente em bairros, ligados por pontes altaneiras.

Deixou que os seus olhos percorressem a capital, a sua cidade, o centro de uma civilização que se estendia por milhares de quilômetros num continente inteiro e abarcava milhões de pessoas.

A vida aqui nunca parava, um suadouro belo e infinito de indústria, pensamento e arte prósperos. Discursava-se na Praça dos Oradores, enquanto multidões se reuniam para assuar ou aplaudir; os manxtbwa e os cavalos agitavam-se nos cercados enquanto os comerciantes interpelavam os transeuntes e tagarelavam uns com os outros; os filósofos sentavam-se em meditação enquanto do outro lado da rua os apaixonados se manifestavam com fervor.

Os eruditos discutiam nos parques, o sangue escorria para o chão quando a garganta de um macho banathi era cortada pela faca de um carniceiro, artistas de rua esboçavam esgares ao tentarem contorções impossíveis, faziam-se, desfaziam-se e voltavam a fazer-se negócios.

Axekami era o centro de um império tão extenso que só era possível mantê-lo através da comunicação instantânea com os Tecedores, o fulcro administrativo, político e social onde assentava toda a vastidão de Saramyr.

Anais adorava aquilo, a sua constante capacidade de se regenerar, a turbulência da inovação e da atividade; mas sabia também temê-lo um pouco, e sentiu um espectro desse medo a percorrê-la naquele momento.

A Fortaleza Imperial situava-se alta e esplendorosa no cimo de uma colina, permitindo uma visão global. Era um edifício amplo de ouro e bronze, com a forma de uma pirâmide truncada, a parte superior plana e coroada por um magnífico templo

a Ocha, Imperador dos deuses.

Abundavam os pilares e os arcos, interrompidos por enormes estátuas que saíam das paredes, ou que serpenteavam pela fachada grandiosa vindo envolver as colunas brilhantes. Nos quatro pontos da bússola existia uma torre alta e esguia, elevando-se bem acima do corpo principal da Fortaleza, cada uma dedicada a um dos Guardiões dos Quatro Ventos. Havia pontes estreitas entre as torres e a Fortaleza, transpondo os abismos de permeio. Toda a estrutura estava rodeada por uma grande muralha, decorada com gravuras e arabescos a todo o comprimento, apenas interrompida por um portão imponente, com o seu altaneiro arco de ouro com bênçãos inscritas.

Anais virou as costas à paisagem. A sala era ampla e arejada, as paredes e o chão feitos de pedra lisa e semi-reflectiva conhecida como lach. Três arcos altos permitiam-lhe ver a cidade; vários outros menores proporcionavam-lhe o acesso a mais divisões. Via-se uma fonte gotejante no centro, construída com a forma de duas raia-mantas, as suas asas tocando-se ao dançarem.

Tinham chegado mensagens durante todo o dia, tanto em mão como através da Teia, convocando um conselho. Os seus aliados sentiam-se traídos, os seus inimigos encolerizados, e nada que pudesse fazer os acalmaria.

A única herdeira ao trono de Saramyr era uma Aberrante. Devia ter sido morta à nascença.

O Tecedor-Mor Vyrrech encontrava-se na sala com ela; precisamente a última pessoa que queria ver naquele momento. Os Tecedores eram quem procedia à matança, e sentia uma reprovação ameaçadora em cada sílaba por ele proferida.

No entanto, era suficientemente sensato para não a censurar por esconder deles a criança, muito embora soubesse o que ele estava a pensar.

Esperaria realmente aquele vampiro medonho que ela fosse entregar a sua única filha aos ternos cuidados deles?

— Tendes de ser muito cautelosa, Senhora — gorgolejou. — Muito cautelosa mesmo. Tendes poucas opções se desejais evitar uma catástrofe.

O Tecedor-Mor usava a sua máscara e, no mínimo, estava-lhe grata por isso. As suas feições horrivelmente deformadas ficavam escondidas por detrás de um rosto de bronze, e, apesar de a própria máscara ser uma visão desoladora, sempre era preferível ao que estava lá por baixo.

Retratava um rosto demente, as suas feições distorcidas pelo que podia ser dor, insanidade ou prazer lúbrico; só de a ver ficava com a pele arrepiada. Sabia que ele era velho, muito velho; e, no que concernia às máscaras verdadeiras, a idade significava poder.

Nem queria pensar na quantidade de mentes que se perderam para aquela máscara, e que proporção de Vyrrech subsistiria...

— O que aconselha então, Tecedor-Mor? — replicou, disfarçando a repugnância

com uma perícia fruto de muitos anos de prática. Em silêncio, desafiou-o a sugerir que mandasse executar a filha.

— Tendes de parecer conciliatória, no mínimo. Havei-los enganado, e eles esperam que o admitais. Não subestimeis o ódio que nós de Saramyr nutrimos pelos Aberrantes.

— Não seja ridículo, Vyrrech — ripostou. Apesar de esbelta e elegante, com feições delicadas e um aspecto inocente, conseguia ser inflexível quando queria. — Ela não é uma Aberrante. É apenas uma criança com talento. Minha filha.

— Conheço bem a semântica do mundo, Senhora — proferiu com voz arquejante, mudando a posição do seu corpo corcunda.

As suas vestes eram andrajosas, uma manta de fibras, contas, bocados de esteiras e pele animal reunidos de uma forma insana. Todos os Tecedores usavam roupagens semelhantes. Anais nunca desejara entrar muito no mundo deles e perguntar porquê.

Os Tecedores eram responsáveis pela prática de matar crianças Aberrantes há mais de cem anos. Possuíam um talento natural para detectar os sinais, percorrendo a Teia com os seus sentidos não terrenos a fim de extirparem a corrupção existente na pureza da forma humana.

Apesar de, por norma, levarem uma vida de reclusão, preferindo permanecer no conforto das casas nobres ou nos seus mosteiros, abriam uma exceção quando se tratava dos Aberrantes. Os Tecedores percorriam as aldeias, vilas e cidades, aparecendo em festivais e reuniões, ensinando as pessoas a reconhecer o Aberrante no seu seio, incitando-as a entregar as criaturas que se escondiam entre elas. A visita de um Tecedor a uma vila era quase um acontecimento religioso, e as pessoas reuniam-se por temor e receio, simultaneamente repelidas e atraídas pelos estranhos homens de máscara. Enquanto ali estavam, escutavam os ensinamentos dos Tecedores, e transmitiam essa sabedoria aos seus filhos.

Apesar de o conteúdo da doutrina nunca variar, os Tecedores eram incansáveis, e a sua palavra ficara tão imbuída na psique do povo de Saramyr que era tão familiar quanto as canções da infância ou o som da voz de uma mãe.

Vyrrech esperou que o olhar de Anais arrefecesse antes de prosseguir.

— Não é relevante a minha opinião sobre o assunto. Deveis estar preparada para a ira das famílias. Para elas, a criança que gerastes é uma Aberrante. Farão pouca distinção entre Lúcia e as crianças deformadas, cegas e sem membros que nós, os Tecedores, temos de eliminar todos os dias. São ambas... desvios. Até hoje, acreditavam que a linha dos Erinima tinha uma herdeira.

Doente, talvez, terá sido esse o vosso pretexto para a esconderdes de nós?, mas não obstante uma herdeira. Agora descubrem que assim não sucede, e muitas hipóteses se...

— Mas sucede, Vyrrech — irritou-se Anais. — A minha filha irá ocupar o trono.

— Na qualidade de Aberrante? — Vyrrech soltou uma risada abafada. — Duvido muito.

Anais virou-se para a fonte a fim de encobrir o cerrar dos maxilares. Sabia que Vyrrech falava verdade. As pessoas nunca suportariam ser governadas por uma Aberrante. E, no entanto, existia outra alternativa?

Para além da rapidez fenomenal com que aprendera a falar, Lúcia evidenciara poucos sinais exteriores das suas capacidades até completar duas apanhas; mas Anais sabia. Se fosse honesta consigo mesma, soubera instintivamente, no início da gravidez, que o filho no seu ventre era anormal. A princípio não ousara acreditar; mas depois, quando enfrentara a realidade da situação, não ficara preocupada.

Não quisera contar ao médico; tê-la-ia aconselhado a envenenar a criança no ventre. Não, não abdicaria de Lúcia por nada.

Talvez viesse precipitar a sua queda. Talvez, se tivesse abdicado de Lúcia, pudesse gerar muitos bebés saudáveis depois. Mas fizera a sua escolha e, devido a complicações, ficara estéril ao dar à luz.

Não poderia ter mais filhos. Lúcia era a única que alguma vez teria. A herdeira absoluta do reino de Saramyr.

E assim escondera a filha do mundo, sabendo que esse mundo a desprezaria. Ignorariam a sua índole dócil e os seus olhos sonhadores, e veriam apenas uma criatura não humana, algo a ser erradicado e destruído antes que a sua semente pudesse poluir a pureza do povo de Saramyr.

Julgara que a criança pudesse aprender a esconder as suas anormalidades, a controlá-las e reprimi-las; mas agora essa esperança desfizera-se. Ó vida, como tinham sabido? Tivera tanto cuidado para manter Lúcia longe dos olhos daqueles que lhe podiam fazer mal.

Esta terra estava doente, pensou com azedume. Doente e amaldiçoada. Todos os anos nasciam cada vez mais crianças Aberrantes, mais eram levadas pelos Tecedores. Animais também, e plantas.

Os agricultores queixavam-se de que o próprio solo era mau, pois colheitas inteiras nasciam deformadas. A doença estava a alastrar há décadas e ninguém sabia sequer o que era, muito menos de onde vinha.

A porta foi escancarada com uma força que a fez estremecer e o marido entrou violentamente, uma torre negra de fúria.

— O que vem a ser isto? — gritou, agarrando-a pelo braço e arrastando-a rudemente para junto de si. — O que vem a ser isto?

Ela libertou-se da mão dele, e ele deixou-a ir. Sabia onde residia o poder naquela relação. Ela era a Imperatriz do Sangue, governante por via da linha de descendência.

Ele era Imperador apenas pelo casamento; um casamento que podia ser anulado se

Anais o desejasse.

— Bem-vindo, Durun — respondeu ela, sarcasticamente, fuzilando-o com o olhar.
— Como correu a tua caçada?

— O que aconteceu enquanto estive ausente? — interpelou. — As coisas que ouvi... a nossa filha... o que fizeste?

— Lúcia é especial, Durun. Como saberias se a tivesses visto mais do que uma vez por ano.

Não reclames que ela é nossa filha: não tiveste qualquer participação na educação dela.

— Então é verdade? Ela é uma Aberrante? — bramou Durun.

— Não! — ripostou Anais, ao mesmo tempo que Vyrrech disse: "Sim." Durun olhou estupefato para a esposa, e ela, impassível, retribuiu o olhar. Instalou-se um silêncio cortante.

Sabia como ele ia reagir. O Imperador era extremamente previsível. A maior parte das vezes desprezava-o, com a sua roupa preta justa e o cabelo comprido lustroso que lhe caía a direito de cada lado do rosto.

Detestava o seu porte altivo e o nariz aquilino, o rosto desagradável e os olhos negros. O casamento fora puramente político, arranjado pelos pais antes de falecerem; mas, se lhe trouxera os Sangue Batik como sólidos e úteis aliados, tivera como custo suportar este fanfarrão intolerante como marido. Apesar de ele ter tido os seus momentos, este não era um deles.

— Deste à luz uma Aberrante? — murmurou.

— Tu concebeste-a — contrapôs ela.

Um espasmo momentâneo de dor percorreu-lhe o rosto.

— Sabes o que isto significa? Sabes o que fizeste?

— Sabes qual era a alternativa? — respondeu ela. — Matar a minha única filha e deixar extinguir o Sangue Erinima? Nunca!

— Era preferível que o tivesses feito — disse com a fúria na voz. Ouviu-se então uma campainha do lado de fora da porta, impedindo-a de retorquir.

— Aguarda-vos outro mensageiro — anunciou Vyrrech no seu gorgolejo gutural.

Deitando um último olhar irado ao marido, Anais escancarou a porta e passou pelo serviçal antes que ele tivesse tempo de lhe dizer o que já sabia. Durun dirigiu-se impetuosamente para os seus aposentos.

Anais deu graças por isso. Ainda não fazia ideia de como iria lidar com a raiva das famílias superiores, mas sabia que teria mais hipóteses sem Durun a seu lado.

Os aposentos do Tecedor-Mor Vyrrech constituíam um monumento à degradação. Eram sujos e escuros, quentes e úmidos como um pântano no calor do início do Verão. As persianas altas — hermeticamente fechadas quando deviam ter estado abertas para deixar entrar a brisa — estavam cobertas por camadas coloridas de

materiais e tapeçarias. A cama enorme de pelúcia partira-se e fora colocada a um canto, os lençóis sujos e manchados. No centro do quarto estava uma tina octogonal. As suas águas estavam escuras, cheias de bocados de detritos e fezes a boiar. No fundo, a olhar para cima sem ver, encontrava-se um rapaz nu.

Por todo o lado viam-se provas dos apetites terríveis do Tecedor-Mor quando acometido de acessos de fúria pós-Tecedura. Era possível encontrar todo o tipo de comida espalhado por ali, em estados de decomposição variados. Sedas finas tinham sido esgaçadas e rasgadas. O sangue manchava o soalho ladrilhado aqui e ali. Por debaixo da cama partida via-se um azorrague. Jazia um cadáver dentro da cama, há várias semanas, o sexo e a idade felizmente inidentificáveis agora.

Um imenso narguilé fumegava sem ser vigiado no meio de uma poça de vinho entornado e roupas molhadas.

E no centro, o seu corpo branco e mirrado coberto de andrajos, estava sentado o Tecedor-Mor, de pernas cruzadas, usando a sua máscara.

A máscara verdadeira do Tecedor-Mor Vyrrech era uma peça muito, muito antiga. A sua linhagem remontava a Frusric, um dos maiores Pais Forjadores que jamais existiram. Frusric criara-a a partir de bronze malhado fino para ser suficientemente leve de usar. Era uma obra-prima: o rosto de algum deus há muito esquecido, a sua expressão ao mesmo tempo demente, horrível e malevolamente sã, os sobrolhos carregados por cima de olhos como buracos negros. O rosto parecia chorar de desespero, ou guinchar de ódio, ou vociferar de raiva, consoante o ângulo de incidência da luz.

Frusric dera a nova máscara a Tamala tu Jekkyn, que a usara até à sua morte prematura; depois fora entregue a Urric tu Hyrst, ele próprio um mestre Tecedor. A partir de Urric, era possível encontrar sete proprietários subsequentes ao longo de mais de cem anos, até vir parar à posse de Vyrrech, tendo-lhe sido dada pelo seu mestre, que reconhecera no rapaz um talento maior do que algum que jamais vira.

As máscaras verdadeiras apropriavam-se de tudo o que os seus detentores possuíam, esgotando-os, destruindo-os de dentro para fora; e conservavam uma porção do que tiravam e transmitiam-na ao próximo utilizador.

Essa porção mudava-os, absorvendo pedaços da mente, das recordações e da personalidade do seu anterior detentor; ia retirando sempre mais de cada detentor e transmitia-o, até o conflito de influências, sonhos e experiências se tornar demasiado para a mente suportar. Quanto mais velha a máscara, maior poder continha e mais depressa levava à loucura aquele que a usava.

Aprendizes menores teriam morrido apenas do choque de colocarem esta máscara; Vyrrech ficara retido no leito três épocas, mas dominara-a. E o poder que lhe conferia estava para lá de magnífico.

Porém, o que lhe retirara era bem menos glorioso. Rondava quase as quarenta

apanhas, mas estalava e arfava como um homem com o triplo da idade. O seu rosto ficara hediondo. Mais de mil corrupções menores e cancros ebuliam no seu corpo destruído, e a dor era constante. E, conquanto não se apercebesse, a máscara erodira a sua sanidade, tal como a todos os outros, até vacilar diariamente à beira da loucura.

Mas agora não sentia nenhuma das dores no seu corpo, pois estava a Tecer, e o seu êxtase levava-o para um mar de bem-aventurança.

Tal como todos os Tecedores, aprendera a visualizar a sensação à sua maneira. A substância bruta da Teia era avassaladora, e muitos aprendizes tinham achado mais do que insuportável a sua beleza, e perdido a vontade de partir.

Vagueavam para sempre algures entre os seus fios, perdidos no seu próprio paraíso privado, fantasmas brilhantes incautamente aprisionados na Teia.

Para Vyrrech, a Teia era um abismo, uma negrura vasta e infinita onde era uma partícula infinitesimal de luz. E, no entanto, estava longe de vazia. Grandes túneis curvos serpenteavam através do escuro, cinzentos e indistintos e ligeiramente iridescentes, como imensos vermes que se debatiam e oscilavam, as cabeças e as caudas perdidas na eternidade. Os vermes eram os fios da Teia, e ele flutuava nas trevas de permeio, onde nada existia, apenas a profunda e completa alegria da libertação do corpo. Uma criatura apenas de sensações, sentiu a vibração tocante dos fios, um vento lento que passou por ele, atacando-lhe os nervos. Na beira da visão, formas enormes, fazendo lembrar baleias, deslizavam pela escuridão. Nunca compreendera o que eram:

um fruto da sua própria imaginação ou algo completamente diferente? Tão-pouco o conseguira descobrir, pois escapava-lhe com facilidade, permanecendo sempre fora do seu alcance.

Acabara por desistir de tentar e, por sua vez, elas ignoravam-no por ser imerecedor da sua atenção.

Deslizou rapidamente entre os fios imensos, um mosquito nos seus flancos agitados. Lendo as suas vibrações, encontrou o fio que procurava e, preparando-se, mergulhou nele, atravessando a sua pele até ao tumulto atroador lá dentro, onde o caos o engoliu.

Agora era uma faísca, uma coisa minúscula que percorria as sinapses do fio a uma velocidade vertiginosa, selecionando junções aqui e pulando o percurso ali, voando mais depressa do que a mente conseguia abranger.

Foi saltando deste fio para aquele, correndo por um caminho atrás de outro, um milhão de mudanças executadas em menos de um segundo, até finalmente alcançar o término de um único fio, e libertar-se.

A sua visão clarificou-se quando os sentidos se reagruparam, e estava numa pequena câmara fracamente iluminada. Era em tudo incaracterística, à exceção das

paredes de uma pedra vermelho-amarelada a esboroar-se, e dos símbolos gráficos pintados ao acaso nela, grafando pedaços de frases sem nexo e sons primitivos, perversões e promessas obscuras. Os delírios de um louco.

Duas lanternas tremulavam irregularmente nos seus suportes, fazendo mudar e dançar as sombras projetadas nos tijolos. Diante dele estava uma porta de madeira a lascar.

Apesar de não apresentar qualquer marca que lhe permitisse reconhecer a envolvente, as paredes exsudavam uma ressonância familiar à sua percepção elevada. Estava em Adderach, o mosteiro dos Tecedores.

A sala estava vazia, mas sentiu a aproximação de três dos seus irmãos. Enquanto aguardava, pensou nas notícias que ia transmitir.

Não conseguia imaginar como ela ficara escondida tanto tempo. Que a Imperatriz-Herdeira pudesse ser uma Aberrante... como não se apercebera mais cedo? Só quando começara a ouvir os relatos dos serviçais assustados de uma moça espectral que percorria os corredores da Fortaleza à noite é que principiara a suspeitar que algo estava errado. E então começara a investigar, procurando na Fortaleza provas de ressonâncias, tremuras na Teia que indiciassem que alguém a manipulava, tal como a aranha sente a agitação da mosca na sua armadilha.

Não encontrara nada. E, no entanto, algo estava lá. O que quer que causava estas manifestações ou era demasiado subtil para ser detectável mesmo por ele ou era de uma natureza completamente diferente.

As suas buscas acabaram por dar fruto, e encontrou o rasto do espectro errante enquanto percorria os corredores da Fortaleza, uma ínfima tremura no ar à sua passagem, de tão fina quase imperceptível.

Apesar de se sentir cada vez mais próximo, nunca a conseguia alcançar; era sempre enganado. Acometeu-o a frustração, e os seus esforços tornaram-se mais frenéticos; no entanto, só conseguiu que as fugas dela parecessem mais fáceis. Até que um dia um dos seus espiões escutou Anais a consultar um médico sobre os sonhos estranhos da filha, e estabeleceu-se a ligação.

Tal como muitos outros, nunca vira a Imperatriz-Herdeira, mas de vez em quando espiava-a.

A Imperatriz-Herdeira era por demais importante para ele se manter fiel à vontade da mãe de a conservar protegida e em segredo.

Adivinhou logo que não era tão doente como Anais dava a entender, mas percebeu também que havia muito boas razões para uma criança tão importante como esta ser preservada do perigo.

Atribuíra-o simplesmente à paranoia de Anais em relação à sua única filha — a única filha que alguma vez poderia ter — e esquecera o assunto.

Não se afigurara urgente na altura, e com o chegar e o partir das estações acabou

por cair no esquecimento, os pensamentos escapulindo-se através da gaze da sua mente cada vez mais desorientada e sumindo.

Foi a convicção das suas próprias capacidades que o levou a afastar a pequena Imperatriz-Herdeira das suas investigações iniciais relativamente ao espectro; ter-se-ia sem dúvida apercebido de algo se ela fosse de alguma maneira invulgar. Não reparara bem nela de início, senão tê-lo-ia detectado quando a observara pela primeira vez.

Na noite em que soube dos sonhos da Imperatriz-Herdeira, ele usou a sua máscara para a procurar, para adivinhar o que ela realmente era. Tratava-se de algo que já devia ter feito há muito tempo.

No entanto, quando tentou, foi impossível encontrá-la. Sabia quem ela era e onde estava, mas continuava invisível para ele. A raiva ante o seu fracasso foi imensa, e custou a vida a três crianças.

Todo este tempo, uma Aberrante estivera mesmo debaixo do seu nariz; mas ele levava oito anos a percebê-lo.

Sabia agora que lidava com algo diferente de tudo o que encontrara antes. Pensou no que ela era e no que poderia significar, e sentiu medo dela.

E no entanto necessitava ainda de provas, e teria de ser uma prova que não pudesse ser de forma alguma relacionada com ele. Então, enviou uma mensagem ao Tecedor de Sonmaga tu Amacha, que alertara o Barak, que utilizara uma série de intermediários para obter uma madeixa do cabelo da Imperatriz-Herdeira. Quem quer que seguisse o rasto descobriria que ia dar à porta de Sonmaga tu Amacha; só quem sabia do envolvimento de Vyrrech era o Tecedor de Sonmaga, Bracch.

A prova conclusiva da Aberração só podia ser conduzida por um Tecedor se se encontrasse fisicamente no campo de visão da pessoa ou se tivesse um pedaço do corpo da pessoa para analisar.

Com a madeixa de cabelo, Bracch pôde convencer Sonmaga da verdade.

A moça era uma ameaça que tinha de ser eliminada. Apesar de a situação não ser ainda desesperada, ela possuía o potencial para se tornar um enorme perigo para os Tecedores.

Se a sorte lhes sorrisse, os Baraks e famílias superiores tratariam dela no seu lugar, mas se não...

A porta da câmara abriu-se e entraram as figuras trôpegas e andrajosas de três Tecedores.

Apresentou-se-lhes como uma aparição flutuante, dificilmente visível com a luz difusa e tremula.

— Salve, Tecedor-Mor Vyrrech — resmungou um deles, cuja máscara era uma mistura de casca de árvore e folhas a que fora dada a forma tosca de um rosto barbudo. — Presumo que tenha notícias?

— Notícias graves, meus irmãos — respondeu Vyrrech, baixinho. — Notícias graves...

CAPÍTULO 6.

A casa urbana dos Sangué Koli situava-se no lado ocidental do Bairro Imperial de Axekami. O edifício original sofrera melhoramentos ao longo dos anos, acrescentando uma ala aqui, uma biblioteca ali, até o amplo conjunto baixo abranger toda a propriedade que o protegia. O telhado era de lousa preta, curvo e terminando em arestas; as paredes eram da cor do marfim, simples e lisas, a sua uniformidade quebrada por alguns ângulos intencionais ou um padrão ornamental de linhas paralelas das vigas de madeira estreitas. Por detrás da casa urbana via-se um aglomerado de edifícios igualmente austeros: alojamentos para os guardas, estábulos e armazéns. O resto da propriedade era ocupado por um jardim, elegante, simples e espartano na sua beleza.

Caminhos de pedra curvos contornavam um lago cheio de peixes coloridos, passavam por uma fonte esculpida e um banco à sombra.

A propriedade estava cercada por um muro alto com um portão simples, que a separava das ruas largas do Bairro Imperial. O sol da manhã banhava a cidade e o ar estava húmido e sufocante.

Não muito longe, o zigurate dourado da Fortaleza Imperial erguia-se no cimo de uma colina, o edifício mais alto de todos os da cidade.

Dentro da casa urbana, Mishani tu Koli estava sentada à secretária, de pernas cruzadas, e efetuava os registos da última época de pesca. Os Sangué Koli possuíam uma grande frota pesqueira que operava ao largo da baía de Mataxa, e grande parte das receitas e do poder político gerava-se ali. Todos sabiam que os caranguejos e lagostas assinalados com a marca dos Sangué Koli eram os mais tenros e deliciosos (logo, os mais caros) em Saramyr. Ficava a dever-se ao conteúdo mineral único das águas da baía, segundo dizia o pai de Mishani.

Há já dois anos que ela fora rigorosamente instruída em todos os aspectos dos negócios e empresas da família. Na qualidade de herdeira das terras dos Sangué Koli e do título de Barakess ^[2] por morte do pai, esperava-se que fosse capaz de arcar com a responsabilidade de os administrar.

E, assim, ia registando, o pincel deslizando enquanto fazia uma marca aqui, cruzava uma linha ali, com uma concentração objetiva que alarmava pela sua intensidade.

Mishani era uma dama nobre de baixa estatura, esbelta e de estrutura óssea delicada ao ponto da fragilidade. O rosto magro e pálido, conquanto não belo, surpreendia pela sua serenidade.

Nunca transparecia nele um movimento involuntário; a sua firmeza era total. Nenhuma contracção das sobrancelhas finas denunciaria a sua surpresa, a menos que

o quisesse; nenhum trejeito dos lábios finos revelaria um sorriso a não ser que desejasse expressá-lo. O seu corpo franzino era quase absorvido pelo volume sedoso do cabelo negro que lhe dava pelos tornozelos quando estava de pé.

Era subjugado por fitas de couro azul-escuro, dividido ao meio em duas enormes tranças de cada lado da cabeça e uma cascata comprida em queda livre pelas costas.

Ouviu-se uma campainha do lado de fora da porta para o seu gabinete coberta com cortinado. Terminou a linha de registo em que estava a trabalhar e depois fez soar um pequeno sino de prata em resposta, dando permissão de entrada. Introduziu-se graciosamente uma criada, fazendo uma ligeira vénia, levando as pontas dos dedos de uma mão aos lábios e o outro braço dobrado sobre a cintura, a forma de saudação feminina de um superior social.

— Tem uma visita, Senhora Mishani. É a Senhora Kaiku tu Makaima.

Mishani olhou maliciosamente para a criada por um momento; depois os seus lábios esticaram-se num sorriso lento, tornando-se uma ampla expressão de alegria. A criada sorriu em resposta, satisfeita ante o agrado da ama.

— Posso mandá-la entrar, Senhora?

— Podes — respondeu ela. — E traz-nos fruta e água gelada.

A criada saiu e Mishani arrumou o equipamento de escrita e compôs-se. Nos dois anos desde a décima oitava apanha estivera muito ocupada e tivera pouco tempo para o convívio com os amigos; mas Kaiku fora sua companheira ao longo da infância e da adolescência, e custara-lhe a longa separação. Tinham escrito uma à outra com frequência, no estilo floreado e poético do alto saramírico, expondo os seus sonhos, esperanças e receios. Não parecia suficiente. Afinal, era típico de Kaiku aparecer desta maneira, sem avisar. Nunca seguia o protocolo; parecia, de certa forma, considerar-se superior a ele, não se lhe aplicando.

A Senhora Kaiku tu Makaima — anunciou a criada do lado de fora e Kaiku entrou. Mishani cingiu a amiga e abraçaram-se. Por fim recuou, segurando as mãos de Kaiku, os seus braços uma ponte entre elas.

Perdeste peso — comentou. — E pareces-me pálida. Estiveste doente?

Kaiku soltou uma gargalhada. Conheciam-se há tempo suficiente para serem menos do que brutalmente sinceras.

— Mais ou menos isso — disse. — Mas tu pareces mais do que nunca uma dama nobre. A vida citadina combina contigo.

— Sinto a falta da baía — admitiu Mishani, ajoelhando numa das elegantes esteiras estendidas no chão.

— Tenho de confessar, é humilhante passar os dias a contar peixe e a avaliar o preço dos barcos, sendo constantemente lembrada disso. Mas estou a adquirir um certo gosto pelos registos.

— A sério? — inquiriu Kaiku, instalando-se defronte da amiga. — Ah, Mishani. O

trabalho monótono e repetitivo sempre foi o teu forte.

— Considerá-lo-ei um elogio, uma vez que sempre foste demasiado inconstante e caprichosa para frequentar as aulas dela em criança.

Kaiku sorriu. Só de ver a amiga, fazia com que os terrores por que passara parecessem de certa forma mais distantes e ténues. Era a lembrança viva dos tempos anteriores à tragédia que se abatera.

Mudara um pouco: perdera o resto da adolescência feminina, as suas feições pequenas tornando-se de mulher. E falava de um modo mais formal do que Kaiku se lembrava, supostamente apanhado na corte.

Mas apesar de tudo isso continuava a ser a mesma Mishani, e era como um bálsamo para o coração pesaroso de Kaiku.

A criada tocou de forma peremptória à campainha e entrou; não necessitava da resposta do sino uma vez que fora já convidada pela ama. Colocou uma mesa baixa de madeira de um dos lados de Kaiku e Mishani, depositou nela uma taça de fruta cortada, e deitou água gelada em dois copos. Por fim, ajustou os biombos para maximizar os ínfimos sopros de vento que agitavam a manhã quente, e retirou-se discretamente.

Kaiku atentou na saída dela, recordando outra criada que tempos depois a morte levava.

— Então, Kaiku, a que devo esta visita? — indagou Mishani. — Não é um pulo da Floresta de Yuna a Axekami. Vais demorar-te muito? Mandarei preparar-te um quarto. E irás necessitar de roupas decentes; o que trazes vestido?

O sorriso de Kaiku pareceu frágil, e a tristeza lá dentro transpareceu. Em resposta, os olhos de Mishani adquiriram pesar e compaixão.

— O que sucedeu? — perguntou.

— A minha família morreu — limitou-se Kaiku a responder. Automaticamente, Mishani reprimiu a surpresa, não evidenciando qualquer reacção.

Depois, lembrando-se de com quem estava a falar, afrouxou a guarda e deixou que o horror se estampasse, a mão a cobrir a boca em choque.

— Não — proferiu em voz abafada. — Como?

— Vou-te contar — afirmou Kaiku. — Mas há mais. Posso já não corresponder à tua lembrança de mim, Mishani. Há algo dentro de mim, algo... estranho. Não sei o quê, mas é perigoso. Peço a tua ajuda, Mishani.

Necessito da tua ajuda.

— Claro — respondeu Mishani, voltando a pegar nas mãos da amiga. — Tudo.

— Não sejas precipitada — referiu Kaiku. — Ouve primeiro a minha história. Corres perigo só de estares perto de mim.

Mishani recostou-se, olhando para a amiga. Tamanha circunspecção não era nada de Kaiku.

Sempre fora voluntariosa, obstinada, alguém que seguia o caminho que mais lhe conviesse.

Naquele momento, o seu tom era o de alguém condenado.

— Conta-me então — pediu. — E não omitas nada.

E Kaiku contou-lhe tudo, uma história que começou com a sua própria morte e terminou com a chegada a Axekami, tendo comprado passagem num esquife que descia o rio desde Ban, com dinheiro que encontrara na sua mochila.

Falou de Asara, de como a sua criada de confiança revelara ser algo diferente do que parecia; e contou-lhe da forma como Asara morrera.

Referiu a sua salvação pelos sacerdotes de Enyu, e a máscara que Asara retirara de sua casa, que o pai trouxera da sua última viagem. E referiu a sua jura a Ocha: vingar o assassinio da família.

Quando terminou, Mishani ficou muito quieta. Kaiku observou-a, como se pudesse adivinhar o que ia por debaixo do seu exterior imóvel.

Kaiku desconhecia esta nova postura; era algo que Mishani adquirira ao acompanhar o pai nas cortes da Imperatriz nestes últimos dois anos. Ali, cada momento e cada pequena diferença podiam denunciar um segredo ou custar uma vida.

— Tens a máscara? — perguntou por fim.

Kaiku retirou-a da mochila e entregou-a à amiga. Mishani observou-a, virando-a sob o seu olhar. O rosto maldoso vermelho e preto olhava-a com ironia. Bela e feia ao mesmo tempo, ainda assim não parecia mais extraordinária do que muitas das outras máscaras que vira, usadas pelos atores no teatro. Afigurava-se absolutamente normal.

— Não experimentaste usá-la?

— Não — respondeu Kaiku. — E se fosse uma máscara verdadeira? Podia enlouquecer, morrer ou pior ainda.

— Muito sensato — observou Mishani.

— Diz-me que acreditas na minha história, Mishani. Preciso de saber que não duvidas de mim.

Mishani anuiu, a sua enorme cascata de cabelo preto tremendo com o movimento.

— Acredito em ti — afirmou. — Claro que acredito em ti. E farei tudo o que puder para te ajudar, querida amiga. — Kaiku sorria de alívio, as lágrimas marejando-lhe os olhos. Mishani devolveu-lhe a máscara.

— Quanto a isso, tenho um amigo que estudou os hábitos dos Pais Forjadores. Talvez ele nos possa esclarecer.

— Quando podemos ir vê-lo? — indagou Kaiku, entusiasmada. Mishani deitou-lhe um olhar enigmático.

— Não será tão simples quanto isso.

Os aposentos de Lúcia tu Erinima situavam-se bem no âmago da Fortaleza Imperial, fortemente guardados e quase inexpugnáveis. Eram muitos os quartos, mas havia sempre guardas ali, ou professores particulares para cá e para lá, ou amas ou cozinheiros apressados. O mundo de Lúcia encontrava-se constantemente ocupado, e no entanto estava sozinha. Sentia-se agora mais presa do que nunca, e os rostos que a rodeavam olhavam-na com preocupação, pensando como devia ser infeliz a vida da pobre criança, pois era odiada pelo mundo.

Mas Lúcia não se sentia infeliz. Conhecera muitas pessoas novas durante as últimas semanas, um verdadeiro turbilhão comparado com a sua vida antes de o ladrão lhe ter roubado uma madeixa de cabelo.

A mãe visitara-a com frequência, e viera acompanhada de pessoas importantes, Baraks e ur- Baraks, oficiais e mercadores. Lúcia comportara-se sempre da melhor maneira possível. Umas vezes olhavam-na com repugnância mal dissimulada, outras com apreensão e outras ainda com bondade. Alguns daqueles que vinham preparados para a desprezar partiam perplexos, perguntando-se como podia uma criança inteligente e bela albergar a moléstia que os Tecedores alegavam. Certos perdiam os preconceitos uma vez transposta aquela; e outros prendiam-nos ciosamente junto ao peito.

— A vossa mãe está a ser muito corajosa — afirmou Zaelis, o seu professor particular preferido. — Está a mostrar aos aliados e aos inimigos dela que sois uma menina boa e inteligente.

Às vezes, o receio que uma pessoa tem do desconhecido é muito, muito pior do que a realidade.

Lúcia aceitou o fato à sua maneira sonhadora e apreensiva. Sabia que havia mais, bem lá no fundo; mas essas respostas viriam com o tempo.

Foi quando estava sentada com Zaelis, numa tarde amena, que a Imperatriz Anaís trouxe o Imperador.

Encontrava-se sentada numa esteira junto às janelas triangulares compridas na sua sala de estudo, com a luz do Sol a entrar em grandes denteados ofuscantes e a projetar-se nos ladrilhos cor de areia diante de si.

Zaelis ensinava-lhe os princípios do nascimento das estrelas, referindo as perguntas e as respostas com os seus tons guturais e melosos de baixo. Ela conhecia bastante bem a história:

Abinaxis, a Estrela Única, explodira e salpicara o universo, e desse caos surgira a primeira geração dos deuses. Sentada elegantemente e com o seu habitual ar desatento, Lúcia escutava e recordava, enquanto ouvia lá muito ao fundo na sua cabeça os murmúrios dos espíritos do vento de oeste, segredando absurdos uns aos outros enquanto se espalhavam pela cidade.

Zaelis calou-se quando uma rajada invadiu a sala, e Lúcia olhou rapidamente para

cima, como se alguém lhe tivesse falado junto ao ombro.

— O que estavam eles a dizer, Lúcia? — perguntou-lhe.

Lúcia olhou para Zaelis. Só ele tratava as suas capacidades como se fossem algo precioso, e não algo a ser escondido. Todos os professores particulares, amas e pessoal tinham jurado segredo, sob pena de morte, em relação aos talentos dela; desviavam o olhar se a apanhavam a brincar com corvos, e mandavam-na calar se falava do que uma velha árvore no jardim dissera naquele dia.

Mas Zaelis encorajava-a, acreditava nela. De fato, o seu fervor por vezes chegava a preocupá-la um pouco.

— Não sei — disse. — Não os consigo compreender.

— Talvez um dia consigais — referiu Zaelis.

— Talvez — respondeu Lúcia, bruscamente.

Sentiu a chegada de Durun um momento antes de o ouvir. Ele assustava-a com a intensidade da sua paixão. Era uma bola de fogo, sempre a arder de raiva ou orgulho, ódio ou luxúria.

Na ausência de algo que lhe aquecesse o sangue, mergulhava no tédio. Não possuía emoções delicadas, nem interesses intelectuais ou acessos de introspecção moderada.

A sua chama ardia intensamente ou ficava apagada.

O Imperador entrou na sala em grandes passadas e estacou diante deles, o manto preto assentando com relutância nos seus ombros largos. Anais vinha com ele. Zaelis levantou-se e prestou a devida homenagem.

Lúcia imitou-o.

— Então esta é que é ela — comentou Durun, ignorando por completo Zaelis.

— É a mesma ela que viste anteriormente, em cada ocasião que te dignaste vir visitá-la — retorquiu Anais. Via-se pelos seus modos que tinham acabado de discutir. Anais tinha o rosto afogueado.

— Nessa altura, eu não fazia ideia de que estava a acolher uma víbora — respondeu Durun com frieza. Olhou Lúcia de alto a baixo. Ela retribuiu o seu olhar com uma calma plácida.

— Se não fosse a distância naqueles olhos — divagou, — diria tratar-se de uma criança normal.

— Ela é uma criança normal — ripostou Anais. — És tão mau como Vyrrech. Ele sussurra-me ao ouvido, ansioso pela oportunidade de... — Deteve-se, e olhou para Lúcia. — Precisas de fazer isto diante dela?

— Contaste-lhe, presumo? Que a cidade está a levantar-se contra ela?

Zaelis abriu a boca e voltou a fechá-la. Sabia que não deveria interferir em nome da criança.

Se o Imperador não queria dar ouvidos à esposa, muito menos o faria em relação

a um professor particular.

— Vais levar esta terra à ruína com a tua ambição, Anais — acusou Durun. — A tua arrogância em transformar esta abominação na herdeira ao trono irá dilacerar Saramyr. Cada vida que perdermos será por culpa tua!

— Assim seja — disse com raiva. — Têm sido travadas guerras por causas menos importantes.

Olha para ela, Durun! É uma criança bela... tua filha! Ela é tudo o que podias esperar de uma filha, de uma herdeira!

Não te deixes cegar por um ódio envolto em tradição e saber. Dás em demasia ouvidos aos Tecedores, e pensas muito pouco pela tua própria cabeça.

— Tu também o fizeste — replicou. — Antes de gerares aquilo. — Apontou furiosamente um dedo a Lúcia, que assistira impassível à troca de palavras. — Agora usas argumentos que terias desprezado no passado.

Ela é uma Aberrante, e não é minha filha!

Dito aquilo, virou-se com um movimento melodramático do seu manto e foi-se embora. O rosto de Anais estava comprimido da raiva, mas bastou olhar para a filha e ela dissipou-se.

Ajoelhou ao lado de Lúcia, de modo a que os seus rostos ficassem ao mesmo nível, e abraçou-a.

— Não dês ouvidos, minha filha — murmurou. — O teu pai não entende. Está furioso, mas acabará por se acostumar. Todos o farão.

Lúcia não respondeu; mas também raramente o fazia.

CAPÍTULO 7.

Tinham passado seis dias de sol no templo de Enyu nas margens do Kerry, e Tane sentia-se mais distante da paz interior a cada alva.

Hoje afastara-se bastante nas suas deambulações, depois de cumpridas as obrigações matinais. Na qualidade de acólito, os sacerdotes davam-lhe liberdade para o fazer.

O caminho para Enyu não era feito de rituais e tarefas, mas de comunhão com a natureza.

Cada um tinha a sua própria maneira de acalmar o espírito. Tane continuava à procura da sua.

O mundo dava mostras de querer transpor o limite caprichoso entre a Primavera e o Verão, e os dias estavam quentes e cheios de mosquitos.

Tane seguia penosamente pelos caminhos da floresta com a camisa atada à cintura e o torso nu, à excepção da alça da espingarda que levava às costas. Escorria suor do seu corpo magro e trigueiro para os limites húmidos das árvores.

O Sol encaminhava-se para oeste; em breve teria de regressar, senão arriscava-se a ficar preso na floresta depois de escurecer. Vinham coisas más com a noite, muito mais agora do que antes.

Reinava o descontentamento. A floresta parecia melancólica, mesmo à luz do Sol. Os sacerdotes falavam secretamente da corrupção na terra, de que o solo se deteriorava.

A deusa Enyu estava a enfraquecer, sofrendo a influência de alguma moléstia desconhecida sem origem aparente. Tane sentiu a sua frustração crescer só de pensar.

De que serviam como sacerdotes da natureza se apenas podiam ficar sentados a lamentar a doença da terra enquanto ela os avassalava?

De que serviam as suas invocações, sacrifícios e bênçãos se não conseguiam levantar-se e defender a deusa que diziam amar?

Falava-se muito mas ninguém fazia nada. Travava-se uma guerra para lá do véu da visão humana, e o lado de Tane estava manifestamente a perder.

Mas estas questões não eram as únicas coisas que lhe absorviam a mente e minavam as tentativas de alcançar a tranquilidade. Apesar de trabalhar arduamente para se distrair, constatou que não conseguia esquecer a jovem que encontrara coberta de folhas junto à base de uma árvore amiga. Imagens, sons e cheiros, gravados na memória, recusavam-se a desaparecer como os outros.

Recordou a expressão de surpresa dela, o sacudir brusco do cabelo, quando se virara e o encontrara inesperadamente de pé atrás de si; o som da sua gargalhada

vindo de outra sala, a alegria dela ante algo nunca visto; o cheiro das lágrimas dela enquanto a vigiava durante a sua dor.

Conhecia a forma do rosto dela, tranquilo durante o sono, melhor do que a sua. Amaldiçoou-se por andar de roda dela como uma criança; e, no entanto, continuava a pensar nela, e as recordações renovavam-se a cada visita.

Reparou que os seus passos o levavam a uma nascente, onde a água fria descia em cascata por uma superfície de rocha denteada para uma bacia antes de voltar a escoar pela pedra.

Já ali estivera antes algumas vezes, nos dias mais quentes de Verão; agora parecia uma ideia maravilhosa refrescar-se antes de regressar ao templo. Uma curta escalada de um trilho lamacento e alcançou a bacia, escondida entre o aglomerado de árvores. Despiu-se e mergulhou no lago gelado, apreciando o delicioso choque do impacto. Retirando o suor salgado do corpo com a palma da mão, mergulhou e emergiu várias vezes antes de a temperatura do lago começar a tornar-se desagradável, e nadou para a beira a fim de sair.

Estava uma mulher nas árvores, apoiada numa espingarda, a observá-lo.

Ficou estático, o olhar fugindo para a sua própria espingarda, colocada sobre o monte de roupas junto à margem do lago. Talvez pudesse alcançá-la antes de ela conseguir levantar a sua própria arma, mas não teria hipótese de a carregar e disparar antes de ela o atingir. Se fosse mesmo essa a intenção dela. Efetivamente, parecia ligeiramente divertida.

Era extraordinariamente bela, ainda que vestida com austeras roupas de viagem castanhas.

Tinha o cabelo comprido, com listras vermelhas no meio do negro-ónix de origem, e caía naturalmente à volta do seu rosto.

Não usava maquilhagem, nem ornamentos no cabelo; as madeixas pintadas do seu cabelo eram a única concessão à artificialidade. A beleza era inteiramente dela, e não conferida pelo artifício.

— Nadas bem — comentou, com segura.

Tane hesitou por um momento, depois saiu da água para recuperar as suas roupas. A nudez não o incomodava, e recusava-se a que lhe falassem com condescendência enquanto avançava pela água do lago.

Ela observou-o — igualmente impávida — enquanto puxava as calças sobre as curvas molhadas e musculosas das pernas e das nádegas. Não chegou a pegar na espingarda. Pelo menos ela não se afigurava hostil.

Procuro alguém — referiu a desconhecida passado algum tempo.

— Uma mulher chamada Kaiku tu Makaima. — Não foi suficientemente rápido a evitar a reacção do seu rosto. — Vejo que conheces o nome — acrescentou.

Tane passou as mãos pela cabeça, retirando a água do couro cabeludo rapado.

— Sei que ela sofreu um grande infortúnio às mãos de alguém — respondeu. — És esse alguém?

— Garanto-te que não — replicou ela. — O meu nome é Jin. Sou Mensageira Imperial. — Colocou a espingarda às costas e aproximou-se dele, arregaçando a manga para expor o antebraço.

Estendendo-se do pulso à parte de dentro do cotovelo estava uma longa e complexa tatuagem, a marca da Guilda dos Mensageiros. Tane anuiu.

— Tane tu Jeribos. Acólito de Enyu.

— Ah. Nesse caso, o templo não fica longe.

— Pois não — concordou ele.

— Talvez mo pudesses indicar? Não tardará a escurecer e a floresta não é segura.

Tane examinou-a com uma desconfiança velada, mas nunca pensou a sério numa recusa. A pronúncia dela e o modo como falava revelavam uma certa educação, e possivelmente estirpe, e, além disso, era o dever de cada homem e mulher abrigar e auxiliar um Mensageiro Imperial, e o fato de a mensagem dela ser para Kaiku deixou-o profundamente intrigado.

— Nesse caso, vem comigo — disse.

— Dizes-me qual foi esse... infortúnio enquanto caminhamos? — pediu Jin.

— Dizes-me qual é a mensagem que tens para ela? Jin soltou uma gargalhada.

— Sabes que não posso — respondeu. — Jurei pela minha vida só lha entregar a ela.

Tane sorriu subitamente, indicando que estivera a gracejar. O seu estado de espírito de frustração evaporara-se repentinamente, deixando-o extremamente bem-humorado. Os seus humores eram muito inconstantes; era algo sobre si próprio que há muito aprendera a aceitar.

Supunha existir uma razão para isso, algures no seu passado; mas o seu passado era um lugar que lhe agradava muito pouco revisitar. A sua infância fora entenebrecida pelo terror da sombra que surgia à sua porta à noite, respirando a custo, e com mãos que só continham dor.

Conversaram durante o caminho de regresso ao templo, enquanto a noite ia caindo. Jin perguntou-lhe sobre Kaiku, e ele contou-lhe o que sabia da visita dela. Contudo, não fez qualquer menção ao seu destino.

Não queria revelar tudo a uma desconhecida, Mensageira Imperial ou não. Sentia que devia proteger Kaiku, pois fora ele que lhe salvara a vida, que cuidara dela até recuperar a saúde, e estimava essa ligação.

Certificar-se-ia das intenções de Jin antes de a pôr a caminho de Axekami.

Enquanto prosseguiam, Tane apercebeu-se, para sua contrariedade, de que calculara mal o tempo que levaria a percorrer o caminho de volta desde a nascente. Talvez estivesse inconscientemente a abrandar o passo para acompanhar Jin, e ficara

tão obcecado com a conversa que não se apercebera. Fosse qual fosse a razão, a última luz desapareceu do céu faltava ainda percorrer quilómetro e meio.

O volume indefinido de Aurus projetava a sua luz branca através das árvores, baixo no horizonte. Iridima, a lua mais brilhante, ainda não despontara e Neryn muito provavelmente permaneceria escondida naquela noite.

— Ainda falta muito? — indagou Jin. Abstivera-se cortesmente de lhe perguntar se entretanto não se teria perdido.

— Muito próximo — disse ele. O seu embaraço ante o erro de cálculo não diminuía nem um pouco o bom humor. A única lua era suficiente para ver. — Não te preocupes com a perda da claridade. Cresci na floresta, tenho uma excelente visão noturna.

— Também eu — redarguiu Jin. Tane olhou para ela, prestes a proferir mais palavras de encorajamento, mas ficou chocado ao ver os olhos dela brilharem num raio de luar, dois discos de um branco intenso refletido, como os de um gato. Depois passaram para a sombra e desapareceu.

A voz de Tane secou-se-lhe na garganta e virou-se, proferindo em silêncio uma bênção protetora.

Reafirmou a sua determinação de não lhe contar nada sobre a amiga de Kaiku, Mishani, até ter a certeza de que as intenções dela não eram más.

Estavam quase a chegar ao templo quando Tane abrandou subitamente. Jin alcançou-o num instante.

— Passa-se alguma coisa? — murmurou.

Tane deitou-lhe um olhar fugaz. Continuava um pouco enervado com o que vira nos olhos dela. Mas isto nada tinha a ver com ela, quis-lhe parecer. A floresta provocava uma má sensação ali.

O instinto era demasiado forte para o ignorar.

As árvores têm medo — ciciou.

— Elas dizem-to? De certa forma. — Não tinha tempo nem vontade de entrar em pormenores.

Nesse caso confio em ti — disse Jin, afastando o cabelo para trás do ombro. — Estamos perto da tua casa?

Logo a seguir a estas árvores — murmurou Tane. — E isso que me preocupa.

Avançaram então cautelosa e silenciosamente. Tane registou com agrado que Jin caminhava sem um som pela floresta. O seu ânimo li passava rapidamente a um negro presságio.

Tirou a espingarda do ombro e as suas mãos agarraram-na com força ao avançarem pelas sombras azuis em direcção à clareira onde se situava o templo.

Chegados à orla das árvores, acocoraram-se e observaram a vertente inclinada da colina verdejante que se via entre o rio à esquerda e o templo. As lâmpadas ardiam

suavemente em algumas das janelas do templo.

O vento agitava delicadamente as árvores. O disco grande de Aurus dominava o horizonte diante deles, libertando lentamente o seu volume da linha das árvores. Nenhum inseto agitava as asas e nenhum animal chamava.

Tane sentiu o couro cabeludo arrepiar-se.

— É sempre assim tão silencioso? — murmurou Jin. A Tane ignorou a pergunta dela, inspeccionando o local. Os sacerdotes recolhiam-se normalmente ao cair da noite.

Observou o templo durante mais um bocado, na esperança de que alguma luz fosse acesa ou apagada, aparecesse um rosto a uma das janelas, algo que indicasse sinais de vida lá dentro. Mas não houve nada.

— Talvez eu esteja a ser tolo — referiu, preparando-se para se levantar e sair do esconderijo.

Jin agarrou-lhe o braço com extraordinária força.

— Não — disse. — Não estás. Olhou para ela, e viu algo na sua expressão que a denunciou.

— Tu sabes o que é — alegou ele. — Tu sabes o que está errado aqui.

— Desconfio — respondeu ela. — Espera. Tane voltou a instalar-se no seu esconderijo e reconvergiu a sua atenção para o templo.

Conhecia cada uma das suas paredes de cor creme, cada viga de cinza preta que sustentava as paredes, cada janela quadrada simples.

Sabia que o piso superior estava recuado em relação ao inferior, para se encaixar comodamente na vertente da colina.

Este templo era o seu lar há já muito tempo, e no entanto nunca sentira pertencer ali, por muito que se esforçasse. Nenhum lugar chegara verdadeiramente a ser um lar para ele, por mais que procurasse adaptar-se.

— Ali — indicou Jin, mas Tane já o vira. Descendo o telhado, vindo do lado sem saída do templo, como uma enorme aranha com quatro patas: shin-shin. Movia-se furtivamente, avançando com cuidado, o seu torso negro pendendo no meio das suas patas tipo andas, os olhos brilhantes como lanternas. Enquanto Tane observava com crescente receio, viu outro sair a correr das árvores, atravessando a clareira em escassos instantes para se comprimir contra uma das paredes exteriores, quase invisível. E agora um terceiro, seguindo o primeiro pelo telhado, o seu olhar varrendo a linha das árvores onde estavam acocorados.

— Pela graça de... — proferiu baixinho.

— Temos de ir — disse Jin, com urgência na voz, apoiando uma mão no ombro dele. — Não os podemos ajudar.

Mas Tane pareceu não ouvir, pois viu naquele momento um dos sacerdotes aparecer numa janela de cima, escutando de semblante carregado o silêncio da

floresta, desconhecedor da presença dos vultos escuros fusiformes acorados no telhado mesmo por cima dele.

— Não podes lutar! — disse bruscamente Jin. — Não tens uma arma para usar contra eles!

— Não vou deixar os meus sacerdotes morrerem nos seus leitos! — proferiu, cheio de raiva.

Sacudindo-a, levantou-se e disparou a espingarda para o ar. O tiro foi ensurdecedor no silêncio.

Os olhos brilhantes dos shin-shin fixaram-se invariavelmente nele.

— Demónios no templo! — gritou. — Demónios no templo! — E depois carregou e voltou a disparar. Desta vez o sacerdote desapareceu da janela, e ouviu os gritos do homem ao correr para o coração do edifício.

— Idiota! — ripostou Jin. — Vais matar-nos. Foge! — Deu-lhe um esticão e ele levantou-se aos tropeções e seguiu-a, pois a sensação dos olhos do shin-shin cravados nele retirara-lhe a coragem.

Um dos demónios arremessou-se do telhado do templo e veio a correr direto a eles. Outro irrompeu da linha das árvores e virou-se na direcção deles. Mais duas sombras correram pela clareira, enfiando-se pelas janelas abertas do templo com insidiosa facilidade, e ouviram-se lá de dentro os primeiros gritos.

Tane e Jin correram pelas árvores, evitando os ramos baixos e transpondo as raízes que lhes saltavam ao caminho. Fustigavam-nos coisas na noite, demasiado rápidas para se verem.

Ouviram atrás deles os guinchos dos shin-shin movendo-se através da escuridão quente, gritando uns aos outros. A cabeça de Tane estava dividida, metade da sua mente no que acontecia lá atrás no templo, outra metade na fuga.

Não estava nos seus instintos fugir — queria ajudar os sacerdotes, era essa a sua maneira de ser, era essa a expiação dos seus crimes do passado.

Mas sabia o suficiente sobre os shin-shin para reconhecer a verdade nas palavras de Jin. Não possuía uma medida eficaz contra eles. Tal como a maior parte dos demónios, desprezavam o toque do ferro; mas nem sequer o ferro numa bala de espingarda os conseguiria deter por muito tempo. Atacá-los seria suicídio.

— O rio! — exclamou subitamente Jin, o seu cabelo vermelho e preto fustigando-lhe o rosto. — Dirige-te para o rio. Os shin-shin não sabem nadar.

— O rio é demasiado forte! — retorquiu Tane automaticamente. Depois ocorreu-lhe a resposta: — Mas há um barco!

— Leva-nos até lá! — pediu Jin.

Tane ultrapassou-a, seguindo na dianteira por uma descida às cegas em diagonal colina abaixo. O declive acentuou-se ao descerem, e ouviu repentinamente um grito e sentiu algo colidir com ele por trás.

Jin tropeçara, incapaz de controlar o seu ímpeto, e os dois reboaram e saltaram pela vertente. Tane embateu no tronco de uma árvore com força suficiente para quase fraturar um osso, mas viu de certa forma que Jin estava enredada nele, e quando veio a resvalar ele foi arrastado com ela. Acabaram por se imobilizar no fundo de uma vala larga e natural; um riacho em tempos idos.

Jin mal parou para recuperar; levantou-se num instante, arrastando consigo Tane. Apanhou a espingarda que descia ruidosamente, imobilizando-se ali perto. Os guinchos dos shin-shin estavam atterradoramente próximos, quase sobre eles.

— Aqui! — Tane falou bruscamente, puxando-a com força. Havia uma grande cavidade no sítio onde as raízes de uma árvore tinham invadido as margens da vala, formando uma saliência.

Tane tirou a sua espingarda, que se mantivera milagrosamente no seu ombro durante a queda, e enfiou-se lá debaixo, comprimindo o corpo com firmeza.

Havia apenas espaço suficiente para Jin fazer o mesmo, pressionando-se contra ele. Escassos momentos depois ouviram uma pancada suave quando um shin-shin saltou das árvores e aterrou com determinação na vala.

Ambos sustiveram a respiração. Tane sentia as pulsações de Jin no seu peito, o cheiro do cabelo dela.

Normalmente ter-se-ia excitado — os sacerdotes de Enyu não eram obrigados ao celibato, como sucedia com algumas ordens, — mas a situação em que se encontravam privava-o de qualquer paixão.

Do seu esconderijo no nível térreo, apenas conseguiam ver as pontas afuniladas das patas- andas do shin-shin, deslocando-se enquanto procurava a sua presa. Perdera-os de vista quando tinham tropeçado e tentava agora encontrá-los de novo.

Um ligeiro deslizamento de terra foi o único anúncio da chegada do segundo demónio à vala; aquele que seguira o rasto deles pela vertente abaixo, e ficou igualmente intrigado com o seu desaparecimento.

Tane iniciou mentalmente um mantra silencioso. Não o usava desde a infância, uma cantilena absurda inventada, onde fingia conseguir ficar invisível se se concentrasse com força suficiente.

Na altura, estivera escondido de algo completamente diferente. Decorridos alguns momentos, adaptou-o para incluir uma curta prece a Enyu. Protege-nos, Deusa da Terra, esconde- nos da vista deles.

As extremidades pontiagudas das patas dos shin-shin deslocaram-se para cá e para lá ao luar, exprimindo a sua incerteza.

Sabiam que a sua presa devia estar ali; no entanto, não a viam. Tane sentiu o medo frio da presença deles invadir-lhe a pele.

A estreita fenda de visão entre o corpo de Jin e a saliência de raízes grossas e o solo poderia ser preenchida a qualquer momento pelos olhos brilhantes dos shin-shin;

e, se descobertos, estavam indefesos. Imaginou conseguir sentir o olhar deles a varrê-lo, penetrando a terra até os encontrar ali amontoados.

O tempo pareceu uma eternidade. Tane sentiu os músculos rígidos em reacção à tensão. Um dos shin-shin moveu-se repentinamente, fazendo Jin sobressaltar-se; mas, o que quer que tivesse visto, não eram eles.

CAPÍTULO 8.

Foi ter com o seu companheiro e retomaram a estranha espera. Tane rangeu os dentes e concentrou-se no mantra para se acalmar. De pouco lhe serviu.

Depois, um novo som: este pesado e desajeitado. Os shin-shin tomaram posição, em resposta. Tane conhecia aquele som, mas não conseguia situá-lo na memória. Os passos de algum animal, mas qual?

O bramido profundo do urso decidiu a questão por ele.

Os shin-shin vacilaram de novo, a sua reacção denunciada pela agitação das suas patas. O urso bramiu mais uma vez, batendo com as patas dianteiras, e começou a avançar devagar.

Os demónios guincharam, fazendo restolhada e correndo de um lado para o outro, tentando espantá-lo; mas ele foi implacável, empinando-se nas patas traseiras, e depois batendo violentamente no chão e soltando uma rosnadela.

Houve um galope aos ressaltos quando o urso correu para eles, em nada intimidado pela sua exibição.

Os skin-shin dispersaram quando ele atroou pela vala, gritando e manifestando desagrado; mas foram obrigados a retirar-se, e passados instantes tinham desaparecido, voltando para as árvores em busca da sua presa perdida.

Tane libertou a respiração sustida que armazenara, mas o perigo ainda não passara. Ouviam o urso avançar pela vala ampla, farejando sonoramente à procura deles.

— A minha espingarda... — murmurou Jin. — Se ele nos encontra...

— Não — disse furiosamente. — Espera.

Então, inesperadamente, o urso espreitou pelo buraco, o seu focinho castanho hirsuto tapando-lhes a visão ao farejá-los. Jin agarrou o gatilho da sua espingarda para o afugentar, mas Tane segurou-lhe o pulso.

— Os shin-shin vão ouvir — segredou. — Não receamos os ursos na floresta de Enyu. — No seu íntimo, estava menos confiante do que as palavras sugeriam. Se em tempos os animais da floresta tinham sido amigos dos sacerdotes de Enyu, a corrupção na terra tornara-os ultimamente cada vez mais imprevisíveis.

O focinho húmido do urso contorceu-se ao cheirá-los. Jin estava rígida de apreensão. Depois, com uma resfolegadela final, o focinho retrocedeu. O urso sentou-se pesadamente diante do esconderijo deles, e ali ficou.

Jin mexeu-se.

— Porque foi que não nos atacou? — murmurou. Tane pusera um estranho sorriso.

— Os ursos são criaturas de Enyu, tal como os peixes-gatos são de Panazu, os

macacos de Aspinis, a raia, a raposa ou o falcão de Misamcha. Dá graças, Jin. Acho que fomos salvos.

Jin pareceu ponderar durante um bocado.

— Devíamos ficar aqui — acabou por dizer. — Os shin-shin estarão à nossa espera se sairmos antes da alva.

— Acho que ele é da mesma opinião — referiu Tane, deslocando os olhos na direcção do imenso volume peludo que os bloqueava lá dentro.

O urso ficou diante da cavidade deles a noite inteira, e apesar do desconforto ambos conseguiram dormir. Jin sonhou com fogo e um terrível calor cauterizante; Tane, como sempre, com o som de passos a aproximar-se da porta do seu quarto e o terror crescente que os acompanhava.

45

O Tecedor-Mor Vyrrech arrastou-se pelos corredores da Fortaleza Imperial, o seu corpo curvado e mirrado afundado nas suas túnicas aos retalhos, a cara destruída escondida por detrás do rosto de bronze de um deus louco e antigo.

Em tempos, caminhara ativamente por estes corredores, o passo longo e a coluna direita.

Mas isso fora antes de a máscara o distorcer, desfigurar por dentro.

Como todas as máscaras verdadeiras, o seu material estava impregnado da essência da pedra mágica, e as pedras mágicas não davam nada sem tirarem algo. Tinha o corpo cheio de cancro, tanto benignos como malignos.

Os seus ossos eram frágeis, os joelhos estavam curvos, a pele toda manchada. Mas era esse o preço do poder, e poder tinha ele em abundância. Era o Tecedor-Mor, o Tecedor da própria Imperatriz, e não lhe faltava nada.

Os Tecedores eram uma necessidade da vida nos escalões superiores da sociedade de Saramyr. Por intermédio deles, os nobres conseguiam comunicar instantaneamente uns com os outros através de longas distâncias, sem terem de recorrer a mensageiros. Espiavam os seus inimigos ou velavam pelos seus aliados e entes queridos. Os Tecedores mais eficazes eram capazes de matar de forma invisível e indetectável, uma maneira conveniente de eliminar pessoas incómodas; o crime só podia ser descoberto por outro Tecedor, e mesmo assim não existiam garantias.

Mas a função mais importante de um Tecedor era como dissuasor; porque a única defesa contra um Tecedor era outro Tecedor. Existiam para impedir que os seus colegas espiassem quem os contratava ou tentassem mesmo matá-los.

Se um nobre tinha um Tecedor ao seu serviço, então os seus inimigos precisavam de ter também um para se manterem seguros.

E assim sucessivamente com os seus inimigos e os deles. Os primeiros Tecedores tinham começado a surgir há cerca de dois séculos e meio, e ao longo desse tempo

tinham-se tornado imprescindíveis na vida dos nobres.

Nem uma só das famílias superiores dispensava um Tecedor; não o ter era uma enorme desvantagem. E se eram amplamente insultados e desprezados mesmo pelos que contratavam os seus serviços, tinham vindo para ficar.

O preço pago para adquirir um Tecedor era efetivamente alto, e a pessoa em questão nunca deixava de pagar até o Tecedor morrer. O dinheiro era vital, claro; só que esse dinheiro não era pago aos próprios Tecedores, mas aos Pais Forjadores nos templos, pois eles é que faziam as máscaras usadas pelos Tecedores, e era esse o preço de aquisição da máscara. Para o Tecedor, resumia-se ao seguinte: que se atendessem ao seu conforto, fosse preenchida cada necessidade, satisfeito cada capricho. E que se olhasse por ele quando não fosse capaz de o fazer.

A Tecedura era uma tarefa perigosa. Os Tecedores raiavam a loucura de cada vez que usavam os seus poderes, e eram necessários anos de treino para lidar com as energias contidas nas suas máscaras.

Estas tinham basicamente um efeito narcótico. Os prazeres sublimes da Teia levavam a mente e o corpo a uma altura vertiginosa; mas quando o Tecedor voltava a si mesmo verificava-se uma repercussão correspondente.

Por vezes manifestava-se como uma terrível depressão suicida; outras como histeria; outras ainda como uma fúria insana ou um desejo insaciável. As necessidades de cada Tecedor eram diferentes, e cada um tinha também diferentes desejos que precisavam de ser satisfeitos senão o Tecedor atacar-se-ia. Ninguém o queria. Um Tecedor morto era meramente um cadáver muito dispendioso.

Os Tecedores eram mercenários, vendendo os seus serviços a quem oferecesse mais. Justiça lhes seja feita, uma vez contratados eram leais; nunca ocorrera um caso de um Tecedor que debandasse para outra família por um preço mais elevado.

Mas todos deviam uma lealdade maior, e essa era para com Adderach, o enorme mosteiro nas montanhas que era o coração da sua organização. Os Tecedores fariam qualquer coisa e tudo pelos que os contratavam, mesmo matar outros Tecedores — era difícil ter escrúpulos em face das atrocidades que cometiam nos períodos pós-Tecedura, — mas não comprometeriam Adderach nem os seus planos.

Porque Adderach era o maior dos mosteiros, e estes guardavam as pedras mágicas, e sem as pedras mágicas os Tecedores não eram nada.

Vyrch chegou à porta dos seus aposentos, que ficavam no alto da extremidade sul da Fortaleza. Encontrou aqui poucas pessoas. Apesar de existirem criados que acorreriam rapidamente se ele os chamasse e cuja função era satisfazer qualquer desejo seu, tinham aprendido que era mais seguro manter-se afastados do seu caminho a menos que fosse necessário.

As preferências de Vyrch eram invulgares, mas também era comum as solicitações de um Tecedor tornarem-se mais arbitrárias e bizarras à medida que a

insanidade se apossava.

Tornara-se cada vez mais paranóico com o roubo dos seus pertences num Verão, convencido de que figuras sussurrantes conspiravam para lhe despojar os aposentos dos seus requintes.

Atormentou-se com estes pensamentos até chegar ao ponto da mania, e vários serviçais foram executados por roubarem coisas que nunca tinham chegado sequer a existir. Depois disso decretara que nenhum serviçal estava autorizado a entrar nos seus aposentos; só se lhes acedia por uma porta, que se conservava fechada, e ele era o único possuidor de uma chave.

Para lá daquela porta ficava uma rede de divisões em que nenhum criado entrara fazia agora vários anos.

Retirou a pesada chave de latão do sítio onde pendia à volta do seu pescoço branco e descarnado, e abriu a porta maciça ao fundo do corredor. Com um impulso escancarou-a. Um momento depois, algo correu e passou disparado pelos seus pés. Virou-se a tempo de ver um gato, o seu pêlo com manchas queimadas, fugir para o corredor. Uma expressão momentaneamente carrancuda passou por debaixo da sua máscara imóvel.

Não se recordava de ter pedido um gato. Perguntou-se o que lhe teria feito.

Entrou nos aposentos obscuros, fechou e trancou a porta atrás de si. Não se apercebeu do mau cheiro que vinha lá de dentro; era o cheiro da sua própria carne corrupta, misturado com uma dúzia de outros odores, igualmente horríveis. A luz do exterior era cortada por camadas de sedas pendentes, agora sujas de poeira e fumo do narguilé, tornando as divisões lúgubres mesmo ao meio-dia.

Arrastou-se até ao quarto principal, onde se encontrava a tina octogonal. Vyrrech livrara-a do seu ornamento principal, um rapaz nu afogado, pedindo que lhe trouxessem um depósito cheio de peixes-tesoura e deitando-os dentro da tina. Trataram rapidamente do rapaz e mais tarde uns dos outros, mas agora a água estava vermelho-escura e flutuavam nela bocados de carne.

O monte em decomposição que partilhara a sua cama partida ainda lá estava, notou com repugnância. Começava a ofendê-lo. Teria de fazer algo muito em breve. De momento, porém, tinha uma importante tarefa pessoal.

A Imperatriz enfrentava o conselho pela manhã. Era um momento perigoso para ela, e potencialmente catastrófico para os Sangue Erinima. Os nobres e famílias superiores já tinham avaliado a situação de Lúcia; tinham celebrado alianças, feito acordos. Estavam preparados com ameaças que não teriam qualquer pejo em proferir, prontos para declarar as suas intenções relativamente à pretensão de Lúcia ao trono: apoio ou oposição.

Vyrrech passara os últimos dias a transmitir comunicados entre os aliados dos Sangue Erinima, que eram mais do que esperara. A notícia de que a Aberração de

Lúcia não era manifestamente perigosa, nem aparentemente visível, acalmara um pouco a tormenta, e muitos dos amigos mais fiéis dos Sangue Erinima tinham optado por apoiá-los. Até os Sangue Batik, a linha a que pertencia o marido de Anais, lhes deram o seu apoio, apesar da óbvia aversão de Durun pela filha. Acreditavam que a tradição da herança pelo sangue devia ser perfilhada. Outras famílias mais pequenas, procurando a oportunidade de ascensão, tinham vindo também em defesa de Lúcia. Esperavam que, ao aliar-se à Imperatriz num momento difícil, lhes pudesse granjear recompensa e reconhecimento.

Vyrrech estava um pouco desanimado, mas não desmotivado. A oposição — que acreditava no bem da nação acima da tradição — era igualmente forte, e muitas famílias sentiam-se ainda indecisas.

O debate podia pender para qualquer dos lados.

Era intenção de Vyrrech contribuir com o seu próprio peso para a tendência e não tomar o partido da sua ama. Porque a subida de Lúcia ao trono era perigosa para os Tecedores e Adderach, e assim ele agia sub-repticiamente a fim de traír a Imperatriz e a filha.

Instalou-se no seu poiso habitual próximo da tina, de pernas cruzadas e curvado, todo enroscado. Assim que se imobilizou, esperou enquanto a dor nas suas articulações desaparecia lentamente, permitindo que a sua respiração catarrosa se aprofundasse. Relaxou o mais possível, pois doía-lhe constantemente o corpo. Gradualmente, começou a meditar, deixando mesmo que a dor adormecesse e retrocedesse, sentindo o calor ardente do pó da pedra mágica implantado na sua máscara. Pareceu aquecer-lhe o rosto, muito embora a temperatura não subisse; a sua superfície começou a brilhar com um tom ocre-esverdeado.

A sensação de entrar na Teia era como subir a nado por água turva até aos céus brilhantes lá em cima.

A pressão da respiração sustida a expandir os pulmões, a sensação de estar quase a rebentar, a antecipação do momento de alívio; e depois irromper da água com uma grande explosão de ar e flutuar mais uma vez no abismo eufórico entre os gigantescos fios da Teia.

A felicidade que o invadiu foi sobrenatural, fazendo com que todas as outras sensações, em comparação, parecessem apagadas. Durante algum tempo estremeceu nas vascas de uma impressão muito para além de qualquer alegria que o prazer físico pudesse proporcionar. Depois, com um grande esforço da vontade, dominou-se, mantendo o êxtase num nível que pudesse tolerar e nele funcionar.

A arte do Tecedor era fruto da disciplina férrea; porque a Teia significava a morte para os inexperientes.

Transportou-se até um território visitado com frequência a pedido da sua ama. Era o domínio de Tabaxa, um Tecedor jovem e talentoso que estava ao serviço do Barak

Zahn tu Ikati.

Desta vez, porém, não vinha transmitir uma mensagem ou conferenciar. Desta vez ia entrar despercebido.

Os Sangue Ikati tinham sido por vezes aliados dos Sangue Erinima. As duas famílias possuíam demasiados interesses incompatíveis para se tornarem amigas leais, mas raramente discordavam; com maior frequência, mantinham-se respeitosamente neutras entre si. Os Sangue Ikati, apesar de não serem particularmente ricos ou possuírem muitas terras, tinham uma quantidade impressionante de famílias vassalas que lhes juraram fidelidade. No seu apogeu, tinham sido a família dominante, e muitos tratados celebrados então ainda se mantinham por serem administrados com cautela.

Os Sangue Ikati por si sós não eram de modo algum a família mais poderosa da região, mas quando se considerava o peso da sua influência tornavam-se um fator a levar em conta.

O Barak Zahn celebrara um acordo com a Imperatriz — em segredo — afirmando manifestar-lhe o seu apoio durante o conselho do dia seguinte. Anais sabia perfeitamente que não era obrigada a enviar uma mensagem através de Vyrrech se não quisesse, e decidira sabiamente não confiar na lealdade dele nesta matéria. Vyrrech ficaria satisfeito de ver a contrariedade dela em ser obrigada a usá-lo para comunicar à distância, pois conhecia perfeitamente a posição do Tecedor na questão de Lúcia. Convidara antes o Barak para se reunir pessoalmente com ela na Fortaleza.

Mas aqui predominava Vyrrech, e era muito pouco o que se passava dentro das suas paredes que não chegasse ao conhecimento dele; por isso escutou à mesma de longe, sem o conhecimento dos conspiradores.

Anais dependia consideravelmente do apoio dos Sangue Ikati para a ajudarem a vencer no conselho; ou pelo menos impedir que se mostrassem abertamente hostis. Vyrrech tinha outras ideias.

Tencionava fazer o Barak mudar de opinião.

Era uma empresa perigosa, mas os tempos eram também perigosos. Se fosse descoberto, significaria um escândalo para a Imperatriz. o que não era nada mau, — mas daria também a Anais o pretexto de que necessitava para se livrar dele.

Existiam regras para impedir os empregadores de expulsar os Tecedores mal se tornassem incômodos, como sucederia inevitavelmente; mas cometer sabotagem sem ordem dela constituía uma infracção a essas regras.

A posição dos Tecedores dependia da sua fidelidade. Os nobres não viam com bons olhos a sua necessidade, e desprezavam o fato de terem de zelar pelas exigências horrendas e primárias do Tecedor; todavia, sem eles o vasto império seria irremediavelmente imperfeito. Era um equilíbrio curioso, uma relação simbiótica de contrariedade mútua; e no entanto, apesar de toda a força dos Tecedores,

continuavam a estar envolvidos na sociedade de Saramyr como meros instrumentos dos nobres que os empregavam e, tal como os instrumentos, podiam ser descartados.

Ninguém se sentia seguro com criaturas capazes de ler os seus segredos mais íntimos, contudo seria pior se esses segredos fossem lidos por um rival.

O equilíbrio dos Tecedores era muito precário, e se se provasse que alguém tão proeminente como Vyrrech estava a destruir o seu empregador, as repercussões fariam retroceder décadas os planos de Adderach.

Se se suspeitasse da menor deslealdade, o castigo seria terrível, e a sua segurança dependia do fato de os nobres não agirem concertadamente para os eliminar. Anais adoraria ter um novo Tecedor, e presentemente Vyrrech estava demasiado enfermo para sobreviver sem um patrono.

Vê por onde caminhas, pensou de si para si, mas as palavras pareceram uma névoa na bem-aventurança da Teia.

Tabaxa não era um adversário fácil, de modo que a estratégia dependia inteiramente da sub-repção. O Barak ou o seu cão de fila não se deveriam aperceber de que Vyrrech estivera lá, a mexer subtilmente nos seus pensamentos, virando-os contra a Imperatriz.

Tabaxa criara o seu domínio como uma rede de urdiduras, os seus fios finos estendendo-se até ao infinito. Era a visualização mais comum da Teia, ensinada pelos mestres aos seus pupilos, mas Vyrrech não conseguiu evitar um pequeno frémito de medo ao vê-la.

A vastidão da urdidura desafiava a perspectiva. Pendia em perfeita negrura, camada sobre camada, estendendo-se em ângulos que contrariavam a lógica, fixada por fios presos algures tão distante que a perspectiva os reduzia ao olvido.

Era bem mais complexa do que a geometria simples da construção de uma aranha; aqui, libertas das leis da física, as urdiduras dobravam-se em ângulos impossíveis onde a vista se recusava a firmar, unindo-se em abstracções que não poderiam existir no mundo fora da Teia.

Entre os veios grossos, cortinas transparentes de fios leves pareciam oscilar com um vento frio, o sopro sepulcral do abismo. Ouviu-se um leve som quando a construção maciça murmurou e se moveu.

Vyrrech foi obrigado a adaptar-se, mudando a sua percepção de forma a corresponder à do seu adversário. Sabia que não estava realmente ali, era apenas uma maneira de permitir que o seu frágil cérebro humano visse as complexidades da Teia sem chegar a enlouquecer. Pairou no nada, uma mente liberta do corpo, sondando delicadamente com os sentidos, procurando brechas na defesa.

Redes e redes de urdidura estendiam-se diante dele, cada uma representando um alarme diferente que alertaria Tabaxa. Vyrrech estava impressionado. Fora concebida de forma subtil e cuidada; mas não tão cuidada que o Tecedor-Mor não a

conseguisse penetrar.

Mudou a sua visão para outra frequência de ressonância e viu para sua satisfação que grande parte da tessitura desaparecera. Manifestamente Tabaxa não fora suficientemente cuidadoso para defender o seu domínio em todo o espectro. Havia muito poucos Tecedores capazes de alterar a sua própria ressonância para um nível diferente — ou seja, entrar numa nova dimensão dentro da Teia. Mas Vyrrech era.

Contente, avançou de mansinho, antenas invisíveis do pensamento estendendo-se a toda a sua volta, aproximando-se dos fios mas sem nunca lhes tocar. Sentia a extremidade da presença de Tabaxa, uma gorda aranha preta com muitas centenas de vezes o seu tamanho, matutando algures próximo.

Captou uma tremura na extremidade dos seus sentidos, e viu na sua mente algo descer de cima, um véu espectral, liso e transparente, movendo-se através dos intervalos na tessitura. Quase de imediato, sentiu outros próximo. Ninguém parecia dirigir-se para ele, por isso permaneceu quieto até passarem, quais etéreos pedaços de fumo.

Ele é inteligente, pensou Vyrrech. Nunca antes vira tal.

As coisas eram sentinelas, alarmes errantes que existiam num plano lá em cima na ressonância da Teia. Eram invisíveis à ressonância normal.

Se Vyrrech houvesse tentado penetrar a urdidura tal como a encontrara inicialmente, não teria conseguido vê-los até colidirem com ele e alertarem o seu criador.

O Tecedor-Mor estava a divertir-se. Lenta e pacientemente, penetrou mais fundo na carapaça fina do domínio de Tabaxa. O vento ilusório suspirou através da estrutura de alarmes, agitando-os de um lado para o outro.

Na realidade, Tabaxa preparara uma rede de alarmes que variava ligeiramente ao longo da Teia, a fim de melhor apanhar intrusos incautos, mas o efeito manifestou-se aos sentidos de Vyrrech como uma oscilação na urdidura. Vyrrech teve de se desviar quando um fio enorme prateado se precipitou para ele. Manteve-se pequeno, um foco de consciência comprimido, e foi avançando, penetrando cada vez mais fundo.

Foi então que accionou o alarme.

Vyrrech entrou em pânico quando a urdidura à sua volta irrompeu numa barulheira ensurdecadora, uma cacofonia extraordinária de ressonâncias. Por um instante debateu-se, depois recompôs-se e procurou a causa.

Nada! Nada encontrou! Teve cuidado! Sentiu o movimento súbito e urgente de Tabaxa ao elevar o seu volume e vir a correr pela urdidura, à procura do intruso. Vyrrech tentou mover-se, fugir antes de ser identificado, mas estava aprisionado, a sua consciência apanhada.

Freneticamente voltou a mudar para a ressonância normal e ali, para seu horror, viu-se envolvido em algo grotesco e escorregadio, em parte bruma e em parte sólido, uma amiba abjecta que lhe agarrava a mente com força.

Vyrrech praguejou. Tabaxa não só usara alarmes visíveis exclusivamente no espectro mais elevado — os fantasmas transparentes que vira antes — como recorrera também a outros que só podiam ser vistos no espectro normal. Vyrrech fora apanhado; devia ter alternado entre as duas ressonâncias.

Subitamente enraivecido, aniquilou a amiba com um pensamento, desfazendo os seus fios, em fúria. Mas Tabaxa estava quase a alcançá-lo, uma forma maciça e escura, oito patas rodando enquanto corria pelos fios da sua tecedura para ver o que estava errado. Era tarde de mais para evitar um conflito, tarde de mais para fugir e permanecer anónimo. Tabaxa sabia que ele, Vyrrech, estivera aqui.

O vida! pensou, furioso. Agora já não há nada a fazer.

Partiu disparado pela tessitura de alarmes, levando-a atrás de si, e colidiu com o corpo de aranha do seu adversário.

O seu mundo dissolveu-se numa infinidade impossível de fios, uma tapeçaria impetuosa e precipitada de ínfimos nós e emaranhados, e ele estava dentro dos fios, controlando-os.

Tabaxa também ali estava; Vyrrech sentiu a sua provocação irada. Estava intrigado com a razão que trouxera Vyrrech até ao seu domínio, mas ávido por destruir o Tecedor mais velho. Não haveria tréguas, tão-pouco seriam pedidas.

O conflito foi conduzido mais rapidamente do que o conhecimento conseguia acompanhar.

Cada um procurou um canal até ao outro, por isso esquivaram-se e fintaram-se através dos fios, encontrando um subitamente enodado contra eles, desemaranhando este ou aquele, alcançando becos sem saída e desvios que tinham sido colocados como armadilhas ou iscos. Cada um pretendia confundir o outro por tempo suficiente para irromper pelas defesas, ao mesmo tempo que protegia as suas. Manipulando os fios da Teia, estocavam e paravam, correndo para cá e para lá, criando labirintos onde o seu adversário se pudesse perder ou desatando freneticamente um nó complexo para criar um canal até ao inimigo.

Mas a experiência acabou por vencer e Tabaxa caiu. Vyrrech deixara-lhe um tentador canal como engodo e ele tomara-o, impetuosamente; mas fora dar a um beco sem saída e Vyrrech estava de atalaia.

Com uma rapidez e uma perícia inigualáveis entre os Tecedores, formou um nó indissolúvel atrás de Tabaxa, aprisionando-o. Tabaxa tentou saltar fios, sair da armadilha, mas só se lhe deparou outra armadilha, e mais outra, e nessa altura já era tarde de mais. Vyrrech saíra já, desaparecendo pelas suas defesas, e Tabaxa não conseguiu sair a tempo.

Vyrrech detectara um nó na defesa de Tabaxa que estava desgastado, e rasgara-o enfiando-se por ele, até à mente de Tabaxa como um gancho de carne numa carcaça, alojando-se ali e lacerando...

Pôde sentir a força da hemorragia do inimigo quando se retirou, o frenesi das brasas da consciência de Tabaxa ao serem puxadas para o seu corpo moribundo. Tabaxa jazia naquele momento em convulsões no chão dos seus aposentos, o cérebro arrancado de dentro pela força da vontade de Vyrrech. O próprio Tecedor-Mor estava em retirada, a agonia diminuindo rapidamente atrás de si enquanto corria pela Teia, seguindo os fios de volta ao seu próprio corpo, praguejando e bramando.

Os olhos de Vyrrech abriram-se no quarto escuro e imundo onde se encontrava sentado.

Gritou de frustração, consumido por uma raiva que não conseguia suportar. Fora descuidado! Ele, Vyrrech, o Tecedor-Mor, fora apanhado numa armadilha que deveria ter evitado facilmente, teria evitado há um ano. O que se passava com ele?

Porque não concatenava a sua mente as ideias, as lições, os instintos como costumava? Era talvez o Tecedor mais formidável da nação, e no entanto caíra no embuste de Tabaxa, e fora obrigado a matá-lo para proteger a sua própria identidade. E tudo sem se aproximar do Barak Zahn. Um fracasso; um redondo fracasso.

Vyrrech ergueu-se repentinamente, partindo outro grito debaixo da sua máscara. Pegou no cadáver inidentificável na sua cama e atirou-o para a tina ensanguentada.

Deu uma pancada num ornamento de cristal que se encontrava a um canto do quarto, que não se recordava de ver antes. Ele desfez-se em estilhaços nos ladrilhos, uma fortuna destruída num instante.

Como um turbilhão, percorreu os aposentos, partindo e arremessando tudo ao seu alcance, gritando como uma criança com uma birra antes de se atirar para o chão e raspar nele até as unhas se partirem.

A dor das unhas partidas trouxe-lhe uma calma momentânea, uma bonança na tempestade.

Ficou ali por um momento, a arquejar, antes de se pôr em pé e caminhar aos tropeções até um bocal introduzido na parede, ligado por um tubo ecoante às instalações dos seus criados pessoais.

— Tragam-me uma criança! — ordenou com voz áspera. — Uma criança, não interessa de que tipo. Tragam-me uma criança, e... e tragam-me o meu saco das ferramentas. E comida! Quero carne! Carne!

Não esperou por uma resposta. Atirou-se mais uma vez para o chão e ali ficou, as costelas emaciadas subindo e descendo, à espera, babando-se da expectativa.

Não sabia o que ia acontecer quando a criança ali chegasse. Nunca sabia o que ia acontecer.

Mas achou que lhe iria agradar.

CAPÍTULO 9.

A propriedade dos Sangue Tamak situava-se do outro lado do Bairro Imperial, para quem viesse da dos Sangue Koli, mas Mishani preferiu à mesma ir a pé. Por um lado, estava um belo dia, com as brisas frescas do Norte a proporcionar alívio do habitual calor sufocante da cidade. Por outro, preferia que a sua missão naquela tarde permanecesse secreta.

As ruas do Bairro Imperial eram mais largas do que as vias públicas habituais da cidade, e tinham menos trânsito. Árvores altas antigas ladeavam as bermas, e as folhas eram varridas das lájeas rectangulares todas as manhãs. Fontes e goteiras ornamentais jorravam e escorriam, acumulando-se em bacias onde os transeuntes podiam beber para saciar a sede. As carroças circulavam ruidosamente com géneros empilhados até acima. Mishani passou por muitos portões, cada um pertencente a uma família importante, cada um com o brasão ancestral trabalhado algures lá por cima. O Bairro Imperial era constituído principalmente pelas casas da cidade das várias famílias — não apenas as famílias superiores com assento nos conselhos, mas também uma quantidade de nobres menores.

Olhou para a Fortaleza Imperial, as suas superfícies inclinadas resplandecendo com a luz do Sol. Decorria um conselho naquele momento, e deveria estar presente nele. A Imperatriz-Herdeira era uma Aberrante, e a Imperatriz, com o seu orgulho arrogante, parecia ainda disposta a colocá-la no trono. Mishani nunca teria acreditado na possibilidade — não só que Lúcia pudesse ter chegado à idade de oito apanhas, antes de mais, mas também que a Imperatriz fosse suficientemente tola para pensar que as famílias superiores iriam permitir que uma Aberrante governasse Saramyr.

O pai ficaria furioso por ela não estar lá a dar o seu apoio à condenação da Imperatriz; mas tinha outro assunto a resolver, e precisava de ser feito enquanto todos os olhos estivessem postos na Fortaleza.

As divisões causadas pelas revelações na Família Imperial tinham-se espalhado rápida e impetuosamente. Aliados de longa data separaram-se descontentes, divididos pela incapacidade de ignorar a perspectiva do outro.

As discussões tinham brotado, transformando-se em contendidas. Na sua maioria, ficavam a dever-se aos homens e às suas atitudes, pensou Mishani com um certo desprezo.

O pai constituía um exemplo. Ainda há um mês, ele e o Barak Chel dos Sangue Tamak tinham sido aliados políticos e bons amigos. Mishani acompanhara-o com frequência nas visitas à casa da cidade dos Sangue Tamak.

Depois, o apoio dado por Chel à Imperatriz na questão da sucessão acendera um

debate em que ambos disseram coisas deploráveis um ao outro, e agora eram inimigos ressentidos e não se falavam.

Infelizmente, tal era contrário aos interesses de Mishani, pois dentro da casa dos Sangue Tamak vivia um velho erudito que dava pelo nome de Copanis, um perito em matéria de máscaras antigas. E, apesar da animosidade entre as duas famílias, tencionava falar com ele. O risco que corria não era pequeno. A sua reputação seria bastante afetada se fosse apanhada a desobedecer à vontade do pai, para não falar do embaraço que a sua presença na casa do inimigo causaria. Mas assuntos mais importantes se levantavam. A única pista de Kaiku sobre o assassinio do pai era a máscara, escondida agora debaixo das vestes azuis de Mishani, e se alguém a podia esclarecer era Copanis.

Tinha de falar com ele.

Pensou na amiga enquanto efetuava um percurso sinuoso pelo Bairro Imperial: atravessando praças ensolaradas cheias de mosaicos com restaurantes nos claustros, descendo becos estreitos e imaculados onde gatos magros de pêlo curto vagueavam furtivamente, cruzando um pequeno parque onde pares se passeavam e artistas se sentavam de pernas cruzadas na relva, os seus pincéis deslocando-se sobre as telas.

Identificava-se bastante com o Bairro Imperial, e na maior parte dos dias achava-o tantalizante, um local de beleza e intriga, onde as maquinações periféricas da corte se desenrolavam nos jardins e debaixo das arcadas. Tinha consciência de ser bastante salubre e rigidamente policiado em comparação com a azáfama abrasadora do resto da cidade, mas ficava contente por evitar a aglomeração e os encontros sempre que podia, e preferia a calma e a beleza destas ruas às do Bairro do Mercado ou do Bairro Pobre.

Mas hoje a sua mente não estava nas vistas nem nos sons que a rodeavam. A preocupação com Kaiku absorvia integralmente os seus pensamentos. E se o que Kaiku lhe contara fosse verdade — e não duvidava que, pelo menos, Kaiku estava convencida disso, — então a sua situação era grave. Acreditava estar possuída por algo, o que era suficientemente mau; a alternativa — que estava louca e se limitara a inventar a história dos shin-shin e da calcinação de Asara como reacção histérica à morte da família — era pouco melhor. E, no entanto, parecia lúcida, o que tendia a afastar qualquer das hipóteses; a menos que a loucura ou a possessão fossem de um tipo mais astucioso, que não se manifestava como loucura furiosa, mas antes como uma subtil mania.

Percorreu-a um calafrio, uma suave frescura que contrariava a intensidade do sol vespertino na sua pele. Ó vida, e se ela estivesse possuída? Mishani conhecia as histórias dos espíritos tenebrosos que habitavam as florestas e montanhas, os lugares profundos, altos e secretos do mundo; mas tinham sempre parecido distantes, incapazes de a afetar. Ouvira falar da crescente hostilidade dos animais; há muito

tempo que passara a ser uma pequena preocupação persistente. Os sacerdotes de Enyu e seus simpatizantes nunca cessavam de falar disso.

Seria então necessário um esforço enorme para acreditar na possibilidade de a sua amiga ter sido... infestada pelos espíritos ousados?

Sacudiu a cabeça. O que sabia sobre os espíritos? Estava a assustar-se com conjecturas e suposições. Haveria respostas, tinha de haver respostas, e ela e Kaiku iriam atrás delas; mas primeiro impunha-se realizar outra tarefa.

A propriedade dos Sangue Tamak situava-se na vertente de uma colina, o corpo principal da casa da cidade sustentado por um penhasco de pedra feito pelo homem para ela ficar equilibrada.

Era um edifício baixo, de telhado plano, as suas paredes beges com parcos painéis de madeira escura envernizada, sem nenhuma das ornamentações, das estátuas ou dos ícones votivos que normalmente se encontram algures no exterior das casas de Saramyr.

Por debaixo dele ficavam os jardins, um relvado despretensioso com caminhos curvos lajeados e tufos de flores, espartanos até para as normas minimalistas de Saramyr.

Mishani conhecia bem o traçado, pois percorrera-o com frequência durante as visitas do pai.

Ao lado da propriedade, um conjunto de degraus estreitos de arenito partia da rua da frente até à de trás, que se situava mais acima na colina. Havia ali uma porta dos serviçais, usada para recados rápidos e discretos. E foi para lá que Mishani se dirigiu e ficou à espera.

Calculara magnificamente a sua chegada. Menos de cinco minutos depois, apareceu uma criada baixa e deslavada, que abriu metade do portão. O reconhecimento arregalou-lhe os olhos ao ver quem estava lá fora.

Senhora Mishani — arfou, empalidecendo. Olhou para um lado e para o outro da escada. — Não devia estar aqui.

— Eu sei, Xami — respondeu. — Vais comprar farinha ao mercado? — Xami anuiu. — Foi o que calculei. Pontual como sempre. O teu amo ficaria satisfeito.

— O meu amo... o seu pai... não devemos ser vistas a falar! — balbuciou Xami.

Mishani era a calma elegante em pessoa. O seu tom era lento mas firme.

— Xami, tenho um favor a pedir-te.

— Senhora... — começou com relutância, ainda de pé à entrada, com o portão a obscurecê-la parcialmente, como um escudo entre as duas.

Mishani estendeu os braços e tomou as mãos da criada nas suas, e lá dentro estava dinheiro amachucado. Papel moeda, o que queria dizer sbirets imperiais.

— Lembra-te dos serviços que te prestei, quando os chefes das nossas casas eram amigos.

Xami guardou o dinheiro na túnica sem olhar para ele. Os seus olhos grandes e lacrimosos mostraram indecisão. Mishani levava muitas vezes cartas de amor dela para um criado da casa Koli. Na altura, afigurara-se uma diversão interessante — e, para além disso, as experiências desajeitadas de Xami de escrever poesia na caligrafia vulgar do baixo saramírico faziam-na sempre sorrir, — mas agora parecia servir também uma finalidade política.

— Deixa-me entrar, Xami — pediu Mishani. — Tu não me viste, não serás culpada se me apanharem. Prometo-te.

Xami deliberou durante mais alguns minutos. Depois, mais por recear que alguém as visse juntas do que por vontade própria, escancarou o portão. Mishani entrou, e Xami saiu para a rua e fechou o portão atrás de si.

Mishani encontrou-se num corredor estreito coberto de latadas que levava às traseiras da casa principal, onde ficavam as instalações da criadagem.

A maior parte dos serviçais — na verdade, grande parte da família — estaria neste momento na Fortaleza, pois nos assuntos de Estado os nobres gostavam de chegar com toda a pompa e esplendor sempre que possível. Mas não Copanis.

Era um erudito, não um serviçal; o Barak Chel era o seu patrono.

O pensamento trouxe desconfortáveis ressonâncias do pai de Kaiku, Ruito tu Makaima. Se tivesse tido um patrono, talvez fosse possível começar por algum lado, alguém sobre quem pudessem recair as suspeitas por ter uma razão para o matar e à família; mas era um beco sem saída. Ruito encontrava-se na rara posição em que a riqueza lhe permitia sobreviver sem patronagem, existindo várias obras de filosofia em circulação entre a camada intelectual do império que geraram receitas suficientes permitindo-lhe comprar a sua liberdade há muito tempo.

Mishani deu a volta até às traseiras. Recusou-se a entrar furtivamente; preferiu caminhar como se fosse a dona da casa, o seu cabelo comprido e escuro oscilando à volta dos tornozelos ao prosseguir.

Os serviçais que lá se encontravam estariam agora ocupados com os seus deveres servis, mas felizmente nenhum os fora realizar no exterior, e pôde entrar em casa pela porta das traseiras sem ser detectada.

O interior da casa era muito parco e minimalista, com soalho de madeira envernizada e apenas uma esporádica tapeçaria ou esteira penduradas para chamar a atenção. Chel apreciava a sua casa tal como apreciava os seus prazeres — respeitáveis e parcós. Lá em cima ficavam os quartos da família e as câmaras ancestrais, onde eram guardados os tesouros da família. Não teria oportunidade de ir lá acima; estavam sempre guardadas. Mas o gabinete de trabalho de Copanis ficava no rés-do-chão, próximo das traseiras da casa.

Confiando na sorte e em Shintu, deusa da fortuna, encaminhou-se para um corredor amplo, esperando que ninguém a viesse desafiar.

Shintu sorriu-lhe, pelos vistos, porque chegou ao gabinete de trabalho sem se cruzar com outra alma. Invulgarmente, tinha uma porta em vez duma cortina ou biombo, mas o erudito era uma pessoa que prezava a sua privacidade.

Bateu nela. Um instante depois abriu-se com irritação, como se ele tivesse estado precisamente à espera, do outro lado, daquela oportunidade de surpreender os que ousavam interrompê-lo.

O seu rosto mudou da contrariedade para a perplexidade quando viu quem era. Antes de poder protestar, ela levou um dedo aos lábios e entrou, fechando a porta atrás de si.

O gabinete de trabalho de Copanis estava desconfortavelmente quente, mesmo com as persianas abertas para deixar entrar a brisa do exterior. Via-se uma mesa baixa cheia de pergaminhos e manuscritos, mas por todo o lado se viam ornamentos que não se encontravam no resto da casa.

Uma mão esculpida, uma caveira com jóias de vidro no lugar dos dentes, uma efígie de Naris, deus dos eruditos e filho de Isisya, deusa da paz, da beleza e da sabedoria.

Era uma perfeita miscelânea, mas transmitia a intensidade do seu autor.

Ora, ora — disse ele. — Senhora Mishani, filha do inimigo do meu amo ultimamente tão cheio de azedume. Presumo que necessite de algo muito importante para me aparecer desta maneira. E faltar também ao conselho com a Imperatriz.

Mishani olhou para o velho com um sorriso interior que não transpareceu no seu rosto. Era sempre rápido, este erudito seco, descarnado e pequeno. As roupas pareciam pender da sua estrutura magra, tal como sucedia com a carne; mas os seus olhos tinham ainda um brilho febril, e era capaz de levar vantagem sobre os intelectuais com metade da sua idade.

Mishani resolveu dispensar o preâmbulo. Exibiu a máscara.

— Pertence a uma grande amiga minha — declarou. — Temos muita urgência em descobrir tudo o que pudermos sobre ela. Não posso adiantar-lhe mais do que isso.

Copanis observou Mishani por um breve instante. Pretendia mostrar que deliberava, mas não era difícil ver que os seus olhos eram atraídos para a máscara. Estava demasiado velho para reear desafiar a autoridade do seu amo, e nunca fora pessoa de guardar os seus conhecimentos quando os podia partilhar. Com o malicioso arquear de um sobrolho, pegou na máscara e virou-a nas mãos.

— Corre um risco enorme ao vir aqui — murmurou.

— Procuro remediar um grave mal, e ajudar uma amiga numa situação desesperada — replicou. — O risco é pequeno, em comparação.

— A sério? — perguntou ele. — Bem, não farei perguntas, Senhora Mishani. Mas parece-me que a posso ajudar muito pouco.

Colocou a máscara num pequeno suporte de madeira, de modo a ficar virada para

a luz do Sol que entrava pelas janelas. Depois foi buscar um pequeno recipiente de cerâmica com o que parecia pó.

Deitou-o sobre a superfície da máscara. Mishani observou com fascínio — disfarçado, como sempre, sob uma capa de impassividade — enquanto o pó parecia brilhar ao sol.

— Feche as persianas — disse ele. — Esta não, as outras. Mishani obedeceu, escurecendo a sala até ficar apenas uma única persiana, a luz incidindo no rosto empoeirado da máscara. Passado um bocado, Copanis fechou pessoalmente aquela, mergulhando a sala na escuridão. Virou a máscara para que ambos a pudessem ver.

O pó brilhou difusamente, fosforescente no escuro — mas a sua vida foi momentânea e sumiu.

Copanis pigarreou. Pediu a Mishani que abrisse de novo as persianas. Ela assim fez, suportando o tom peremptório dele porque precisava da sua ajuda. A seguir, ele sentou-se à secretária, de pernas cruzadas, e retirou o pó da máscara, depois virou-a nas mãos e observou-a.

Aproximou-a do rosto sem deixar que lhe tocasse. Fechou os olhos e passou um breve período de tempo a entoar baixinho, como se em meditação.

Mishani aguardou pacientemente, ajoelhada diante dele com o cabelo reunido à sua volta.

Por fim, ele abriu os olhos.

— Trata-se efetivamente de uma máscara verdadeira — anunciou. — Contém pedra mágica em pó e existe poder nela. Todavia é muito jovem. Menos de um ano; diria que não terá tido mais de dois anteriores utilizadores, nenhum deles detentor de qualquer força mental notável. E valiosa, claro; no que concerne às máscaras verdadeiras, é fraca, tal como um recém-nascido.

— Consegue dizer-me tudo isso? Estou impressionada — referiu Mishani.

Ele encolheu os ombros.

— Apenas lhe posso falar em termos vagos. Uma máscara verdadeira capta a força dos seus utilizadores... ou melhor, retira-lha. Existem maneiras de distinguir uma máscara verdadeira de uma vulgar, e calcular a sua idade, mas pouco mais se pode fazer. Há uma maneira simples de saber mais, claro, mas não a aconselho.

— E que é...?

— Colocá-la, Senhora — respondeu Copanis, com um sorriso amargo.

— Certamente quem o fizesse morreria, a menos que fosse um Tecedor e alguém experiente nas artes.

— Ah, nem tanto. Uma concepção vulgarmente errada — replicou Copanis, espreguiçando-se.

As suas vértebras estalaram como fogo-de-artifício. — Quanto mais velha a máscara, maior o perigo; mas tratando-se de uma tão jovem e fraca como esta...

você ou eu poderíamos colocá-la e não sofrer quaisquer efeitos nefastos. Pesadelos, talvez. Desorientação. Dito isto, repito que não o posso aconselhar.

Existe sempre um elemento de risco. Caso a mente se revele susceptível, seguir-se-iam certamente a insanidade e a morte. A hipótese é remota, mas existe.

Mishani refletiu.

— Pode dizer-me de onde veio?

— Ah, isso é fácil. As marcas de contraste são óbvias. Vê este padrão ondulado na madeira do lado de dentro? E o entalhe aqui, para colocar o filtro do utilizador?

Esta vem de um dos Pais Forjadores em Fo; muito embora não possa precisar de que parte da ilha. Presumo que do Norte, simplesmente por causa da nítida ausência de influências do continente no esculpir.

Quem a criou ou teve pouco contato com os portos do Sul de Fo e o povo de lá ou rejeitou o método dos Pais Forjadores do continente. — Devolveu-lha, o rosto vermelho e preto parecendo sorrir zombeteiramente.

— É tudo o que lhe posso dizer.

— É mais do que suficiente — respondeu ela, fazendo uma vénia. Tem a minha gratidão. Agora preciso de ir, já o coloquei em perigo.

Ele levantou-se, as articulações do joelho estalando, e soltou uma gargalhada.

— Perigo quase nenhum, Senhora. Olhe, vou ajudá-la a sair — anunciou. — Deixe-me ver como estão as coisas, e depois pode sair pelo portão dos serviços. Sabe onde fica?

— Sei — respondeu Mishani, levantando-se também, o cabelo caindo em cascata à volta dela.

— Foi o que calculei — disse ele.

Kaiku não estava acostumada a passar os meses de Verão na cidade; o pai mandara sempre a família para a propriedade mais fresca na Floresta de Yuna enquanto trabalhava. Muito embora fosse apenas subir a vertente em direcção ao calor insuportável do solstício de Verão, Kaiku ficara ensonada e sentira a necessidade de uma sesta, e dormira enquanto esperava pelo regresso de Mishani.

Nos seus sonhos, os shin-shin apareceram.

Desta vez eram mais escuros e nebulosos do que se recordava. Seguiam invisíveis pelos corredores da sua mente, presenças temerosas que emanavam pavor, não os conseguindo ver, apenas sentir.

Fugiu por um labirinto que se assemelhava à casa do pai na floresta, mas parecia infinitamente maior e infindável. Encontrou portas, alçapões, esquinas que faziam parar as suas tremuras, pois sabia, com a certeza dos sonhos, que a morte espreitava ali, sentia-os à espera mesmo do outro lado com uma paciência aterradora e voraz. De cada vez que se lhe deparava uma destas barreiras invisíveis de medo, virava-se e fugia na outra direcção, a pele pegajosa com a proximidade do fim. Por mais longe

que fosse, estavam em todo o lado, e eram inelutáveis.

Agitando-se desesperadamente, aprisionada para sempre, sabia não existir fuga para ela, e mesmo assim tentava. A certa altura apercebeu-se de outra presença, ainda mais malévola do que os shin-shin.

Esta vivia dentro dela, na barriga, no ventre e nas virilhas, e crescia sempre que pensava nela, alimentando-se da sua atenção.

Procurava desesperadamente abstrair-se, mas era impossível não sentir a coisa dentro da sua pele, e detectou o seu júbilo insano ao nutrir-se do seu terror. Desesperada, movida por uma presciência ilógica de que tinha de sair de casa antes que esta nova entidade a consumisse, correu em frente, tentando novos caminhos com crescente pânico, encontrando-os todos bloqueados pelos shin-shin invisíveis, à espreita. Doía-lhe o peito, e o coração batia-lhe com mais e mais força, mas não era capaz de parar, muito embora o seu corpo ardesse de fadiga, e subitamente foi tudo demasiado...

Os olhos abriram-se repentinamente para a agonia e o quarto incendiou-se.

Arremessou-se da esteira-colchão com um grito, alertada por algum instinto que a levou a reagir antes de o consciente se poder organizar. Teve sorte: foi tão rápida que as ondas de chamas que saltaram do entrelaçado da esteira mal a lamberam, sendo por demais breves e limitando-se a chamuscar-lhe a camisa de noite. Pôs-se em pé, olhando esgazeada para o quarto. A cortina que pendia da porta estava a arder; as persianas da janela fumegavam, calcinadas, chamas azuis invisíveis com o sol intenso. O madeiramento do quarto ficara enegrecido mas não pegara fogo; um arranjo de guyas numa jarra ficara reduzido a cinzas.

Uma tapeçaria de parede, que em tempos retratara a vitória final do primeiro Imperador, Jaan tu Vinaxis, sobre o povo primitivo Ugati que ocupara esta terra no passado, estava em chamas.

Erguia-se a toda a volta dela um fumo fraco, mortífero.

Correu imediatamente para a porta, uma reacção automática, e depois recuou quando viu que era intransponível enquanto a cortina estivesse a arder. As janelas também não eram opção.

Mais aterrador do que o seu medo animal do fogo era saber que estava aprisionada por ele.

Tentou gritar por socorro, mas a inspiração deixou-lhe o peito a arder de dor. Cada músculo seu estava em agonia, e o sangue parecia ferver e queimar ao percorrer-lhe as veias. O demónio dentro dela regressara durante o sono e atormentava-a com fogos no interior e no exterior.

Insensibilizando-se à tortura, encontrou a voz e gritou, na esperança de alertar os criados para a sua situação difícil.

Mas assim que o fez, a cortina flamejante começou a agitar-se e viu Mishani do

outro lado, batendo-lhe com uma comprida lança laminada que fizera parte de um conjunto ornamental lá fora no corredor.

Cortou o tecido a desintegrar-se e ele desfez-se, caindo no chão, para onde uma serviçal atirou um balde de água com sabão, reduzindo-a a uma papa preta.

CAPÍTULO 10.

Protegendo o rosto com um braço coberto de azul, Mishani chamou pela amiga; Kaiku correu para ela em alívio desesperado.

Mishani puxou-a do quarto para o corredor. Ouviam-se vozes por toda a casa enquanto os criados corriam a buscar água.

Kaiku teria abraçado então a amiga não fosse a arfada de horror que a serviçal soltou. Kaiku olhou para ela, confusa, e a moça recuou e fez um sinal contra o mal. O rosto de Mishani estava empedernido.

Agarrou o pulso da serviçal, puxando-a com dureza para ficar de frente para si.

— Pela tua vida, não falarás disto a ninguém — ordenou, a sua voz cheia de ameaça. — Pela tua vida, Yokada.

A criada anuiu, assustada.

— Vai — ordenou Mishani. — Traz mais água. — Enquanto Yokada fugia, grata, virou-se para Kaiku. — Fecha os olhos, Kaiku. Deixa-me guiar-te. Finge que o fumo não te deixa ver.

— Eu...

— Como sou tua amiga, confia em mim — disse Mishani. Kaiku, ainda abatida e assustada, fez o que lhe mandavam. Mishani era vários centímetros mais baixa do que Kaiku, mas pareceu na altura muitos anos mais velha, e o seu tom não permitia contestação. Deu a mão à amiga e conduziu-a, com tanta pressa que Kaiku receou tropeçar. Abriu os olhos para ver onde punha os pés, mas Mishani agarrou-a e ordenou-lhe que os mantivesse fechados. Os criados passaram por elas batendo com os pés, e ouviu a oscilação da água nos baldes. Dali a instantes, Mishani correu uma cortina e levou-a para um quarto.

— Agora podes abri-los — disse Mishani, parecendo cansada.

Era o gabinete de trabalho de Mishani. A mesa simples e baixa continuava ocupada por filas arrumadas de gráficos de registo, um tinteiro e um pincel. Várias prateleiras continham outros pergaminhos, nenhum deles fora do lugar. Havia esboços de bosques e rios serenos pendurados nas paredes, ao lado de um enorme espelho elíptico, pois Mishani recebia com frequência visitas ali e compreendia a importância do aspecto.

— Mishani, eu... voltou a acontecer... — balbuciou Kaiku. — E se tivesses estado comigo? O espíritos, e se...

— Vai até ao espelho — disse Mishani. Kaiku calou-se, olhou para a amiga, depois para o espelho. Subitamente receou o que pudesse ver. Estremeceu quando um espasmo de dor lhe percorreu o corpo.

— Preciso de repousar, Mishani... estou tão cansada — suspirou.

— O espelho — repetiu Mishani. Kaiku virou-se, baixando a cabeça enquanto se encontrava diante dele. Não ousava ver o que quer que Mishani queria que visse.

— Olha para ti! — ordenou Mishani bruscamente, e sentia-se na voz dela uma intensidade que Kaiku nunca antes notara, que a fez rezear a amiga. Ergueu o olhar.

— Oh — murmurou, os dedos vindo assentar na face.

Os seus olhos, fitando-a, já não estavam castanhos. As íris eram de um vermelho carregado e arterial, os olhos de um demónio.

— Então é verdade — referiu, lenta e entrecortadamente. — Estou possuída.

Mishani estava de pé junto ao ombro dela no espelho, a cabeça inclinada para baixo de modo que o cabelo lhe caía sobre o rosto, o olhar desviado.

— Não, Kaiku — proferiu. — Não estás possuída. És uma Aberrante.

58

A sala do conselho da Fortaleza Imperial não era ampla, mas o que lhe faltava em tamanho era compensado pela opulência. As paredes e bancadas da sala semicircular exsudavam grandiosidade, desde o enorme lustre de ouro e cristal em cima até às ornamentações em voluta nas sancas e varandas. A maior parte da sala estava envernizada com laca carmesim e guarnecida com ouro velho; o teto apresentava-se esculpido com o relevo de uma batalha antiga, enquanto o chão era de pedra refletora preta. A parede lisa ao fundo — onde o orador subia para falar aos que estavam nas bancadas semicirculares mais acima — ostentava um gigantesco mural com duas criaturas de corpo escamoso pelejando no ar, os seus corpos em chamas ao prenderem-se num combate mortal sobre uma cidade aterrada lá em baixo.

A assembleia manteve-se em silêncio quando Anais tu Erinima, Imperatriz do Sangue de Saramyr, avançou para se colocar diante do mural, o seu vestido de um vermelho-escuro igual ao da sala. Trazia o cabelo louro apanhado na tradicional trança comprida, com uma tiara de prata sobre a testa. A seu lado caminhava um velho de vestes cinzentas, o capuz encobrindo-lhe o rosto de modo que só se viam o nariz aquilino e a comprida barba grisalha. Janelas altas em arco iluminavam a cena, mais intensamente do lado poente, onde o Sol se encaminhava para a tarde.

Anais detestava esta sala. As cores faziam-na sentir-se irada e agressiva; era uma péssima escolha para um local de debate. Mas há gerações que era a sala do conselho, em tempos de guerra e de paz, de fome e de abundância, de tristeza e de alegria; a tradição mantivera-a praticamente inalterada durante séculos.

Talvez seja eu a mudá-la, pensou Anais de si para si, disfarçando o nervosismo com bravata.

Talvez vá mudar muitas coisas antes de os meus dias chegarem ao fim.

Ocupou o seu lugar no palanque central, uma figura franzina e de ar falsamente ingénuo perante a assembleia. O Camareiro-Mor, de vestes cinzentas, estava ao seu

lado. De frente para ela, nas três bancadas que se erguiam e afastavam, encontravam-se os representantes das trinta famílias superiores de Saramyr. Estavam sentados por detrás de cadeirais habilmente esculpidos, olhando para a sua governante lá em baixo. Ela observou a sala, procurando os seus apoiantes, buscando os seus inimigos... e encontrando finalmente o Barak Zahn tu Ikati, que até há escassos minutos se contara entre os primeiros.

Agora não imaginava o que podia esperar dele.

Tinha no bolso uma carta do Barak, informando-a da morte súbita e extremamente suspeita do seu Tecedor, Tabaxa. Não dizia mais do que aquilo. A carta fora-lhe entregue por um serviçal mesmo antes de ela entrar na sala.

Se a jogada fora calculada para a deixar nervosa, conseguira-o admiravelmente. Observou-o então nos cadeirais, um homem alto com uma barba branca curta e faces bexigosas, tentando adivinhar quais seriam as intenções dele; mas o seu rosto estava impávido, e não dava qualquer indicação sobre os seus pensamentos.

Ó espíritos, pensará que fui eu?, perguntou-se, e depois ansiou saber o que faria se o Barak retirasse o seu apoio, numa altura em que a sua posição era já suficientemente precária.

— A Imperatriz do Sangue de Saramyr, Anais tu Erinima — anunciou o Camareiro-Mor, e depois foi a vez de ela falar. Respirou fundo, não mostrando nenhum do medo que sentia.

— Honradas famílias de Saramyr — começou, a sua voz normalmente baixa e delicada subitamente forte e audível. — Vamos dar início à sessão do conselho. Agradeço a vossa presença, sei que alguns de vós viestes de longe para estardes aqui hoje. — Fez uma pausa, permitindo que os ecos das suas amenidades desaparecessem antes de iniciar a contenda. — Estou certa de que conheceis o assunto em presença.

A questão da minha filha é de grande importância para todos vós, e para Saramyr em geral.

Conheço as divergências sobre esta situação, tanto entre as famílias superiores como entre as de sangue não nobre.

Se for possível chegar a um acordo para sanar esta cisão, então estou disposta a fazer concessões. São muitos os aspectos da questão susceptíveis de negociação. Mas há um dado adquirido: a minha filha pertence aos Sangue Erinima, e é filha da Imperatriz.

Alguns podem chamar-lhe Aberrante, outros não, é uma questão de opinião. Mas o assunto traz à baila as leis da sucessão. Ela é a única herdeira do meu trono, e será Imperatriz do Sangue depois de mim.

Como seria de prever, o conselho irrompeu num clamor. Anais enfrentou-os sem estremecer ou baixar o olhar. Muitos deles tinham tido esperança de que ela fosse

chamada à razão e resolvesse abdicar, nem que fosse para poupar a vida da filha. Mas Anais nunca estivera tão certa de algo. A filha seria uma governante tão boa como qualquer outro, melhor do que a maioria.

Fossem quais fossem os perigos para si própria, haveria de levar a filha ao trono. A menos, claro, que fosse deposta pelo conselho.

As trinta famílias superiores eram nominalmente vassalas da família governante, mas raramente funcionavam como tal. Os Sangue Erinima governavam Saramyr, e isso significava que — em teoria — falavam em nome de todas as famílias. Cada um dos Baraks possuía vastas extensões de terra, dividindo efetivamente Saramyr em compartimentos manobráveis. Ademais, os Baraks tinham subdividido a sua terra com os ur-Baraks, que eram responsáveis por porções mais pequenas, e os ur-Baraks deixavam a administração das aldeias dentro do seu território aos Marks. Com tantas famílias poderosas como as que viviam em Saramyr, a questão da lealdade nunca era transparente.

O conselho das famílias superiores representava apenas os Baraks e alguns ur-Baraks mais influentes que estavam ligados pelo sangue. Apesar de se verificar uma forte tendência para apoiar a família dominante, fruto da tradição e dos conceitos de honra, isso não era de modo nenhum uma garantia. Já antes o conselho se virara contra os seus vassalos, e por muito menos.

Um voto de não confiança do conselho era condenatório e deixava apenas em aberto duas opções concretas: a abdicação ou a guerra civil.

A história de Saramyr fora marcada por golpes sangrentos. Apesar de a família dominante possuir sempre, de longe, o maior exército — pois a sua dignidade conferia-lhe a protecção dos Guardas Imperiais, que deviam obediência apenas ao trono e não ao Sangue — uma aliança de vários Baraks fortes podia sempre desafiá-los e vencer.

O Camareiro-Mor levantou o braço, e tinha na mão um pequeno tubo de madeira pendendo de uma corda vermelha fina. Rodou-o rapidamente e um lamento penetrante invadiu a sala.

Quando cessou, o silêncio voltara a instalar-se. Os olhos de Anais percorreram rapidamente a assembleia.

Pôde ver outros membros dos Sangue Erinima nos cadeirais, aprovando a sua declaração.

Os seus velhos inimigos dos Sangue Amacha pareciam furiosos; apesar de reparar que a expressão do Barak Sonmaga era quase presunçosa. Ele sentia prazer na luta.

— Àqueles que se me opõem, digo o seguinte! — exclamou. — Estais cegos pelos vossos preconceitos. Durante demasiado tempo destes ouvidos aos Tecedores, durante demasiado tempo vos disseram o que pensar sobre este assunto. Muitos de vós nunca viram um Aberrante.

Muitos de vós ignorais sequer o que é um Aberrante. Aqueles de vós que conhecestes a minha filha sabeis que ela é dócil e bondosa.

Não apresenta deformidades. Pode possuir percepções superiores às nossas, sensações que não entendemos: mas não sucede o mesmo com os Tecedores? Ela não fez mal a nada nem a ninguém; está tão perfeitamente adaptada como se pode esperar de qualquer criança. E se a inteligência excepcional constitui uma peculiaridade indesejável para um governante de Saramyr, então é preferível sermos governados por idiotas, e veremos quanto tempo dura o nosso brioso país!

Reinou de novo o silêncio por um breve instante. Aproximava-se perigosamente de um desafio direto dos Tecedores, e quem sabia que desgraça isso traria? Felizmente para Anais que não estavam presentes Tecedores; não tinham qualquer participação na política do país. Mesmo assim, estava certa de que escutavam algures...

O Barak Sonmaga tu Amacha levantou-se. Devia ter calculado que ele seria o primeiro. O Camareiro-Mor anunciou-o.

— Imperatriz, ninguém duvida do amor que tendes por Lúcia — referiu Sonmaga. Era um homem entroncado, de barba preta, com sobrolhos carregados. — Qual de nós poderia afirmar não fazer o mesmo se se tratasse de um filho ou filha nossos? Quem de entre nós suportaria entregar o nosso próprio filho aos Tecedores, mesmo que fosse... monstruoso?

Anais não reagiu a esta escolha das palavras. Destinavam-se a provocar.

— Mas trata-se de uma questão acima dos vossos sentimentos, Imperatriz — prosseguiu ele, baixando o tom da voz. — Acima mesmo dos nossos, aqui neste conselho. O que está em questão aqui é o povo.

O povo de Saramyr. E digo-vos que ele não permitirá que um Aberrante suba ao trono. Ela pode possuir o potencial para ser uma excelente governante, estou convicto de que nenhuma mãe pensaria o contrário de um filho seu, mas quanto tempo irá ela governar, quão eficazmente, quando for injuriada pelas pessoas abaixo dela?

Anais manteve o rosto calmo.

Barak Sonmaga, o povo tem muito tempo para se acostumar a ela.

Na altura em que subir ao trono, já a terão aceite. Eles, tal como muitos dos honrados Baraks e Barakesses nesta sala, irão mudar de opinião depois de verem a minha filha e testemunhar a sua índole.

Sonmaga abriu a boca para voltar a falar, mas Anais lembrou-se subitamente de outro aspecto que pretendia frisar e antecipou-se-lhe.

— E nunca vos esqueçais, Barak Sonmaga, das lições do passado. O nosso povo foi tiranizado pela loucura do Imperador Cadis tu Othoro. A inépcia do Imperador Emen tu Gor trouxe-lhe a fome e a ruína; e depois sofreu terríveis epidemias

perfeitamente evitáveis com o seu sucessor porque ele se recusou a limpar as cidades. Nada disto levou o povo à revolução. Proponho uma criança com extraordinária inteligência, impecável sanidade mental e boa índole, e a única acusação contra ela é ser invulgar. Custa-me a crer que as pessoas se venham a insurgir contra isso. Digo que exagerais, Barak Sonmagatu Amacha.

Não é segredo que tendes as vossas preferências quanto à pessoa que deveria ocupar o trono.

Os olhos de Sonmaga chisparam. Semelhante acusação direta equivalia quase a um insulto, mas era também incontestavelmente verdade. Os Sangue Amacha nunca tinham sido uma família dominante, e sempre cobiçaram o trono.

Sabia-o perfeitamente e não podia mostrar-se ofendido sem enfraquecer a sua própria posição. Anais, por seu lado, relanceou com firmeza a sala. Não olhou para os representantes do Sangue Gor, a quem lamentavelmente recordara os fracassos do passado. Felizmente, há muito que os Sangue Othoro tinham ficado reduzidos e levado consigo a sua loucura. O seu olhar passou pelo Barak Zahn e deteve-se ali por um momento, mas ele mantinha-se imperturbável como antes. A carta enervara-a consideravelmente; não fazia ideia se podia ou não contar com o apoio dele.

O acordo que celebraram podia ser desfeito se ele suspeitasse que Anais o tentara matar ou ao seu Tecedor... mas porque haveria ele de pensar semelhante coisa? Eram aliados, não eram?

Um Barak idoso levantou-se então, o seu corpo magro envolto em túnicas pesadas.

— Barak Mamasi tu Nira — anunciou o Camareiro-Mor.

— Peço-vos que pondereis bem o assunto — disse Mamasi. Era neutro, tanto quanto Anais sabia. Detestava envolver a sua família em disputas de qualquer espécie se o pudesse evitar.

— Obrigar o conselho a votar esta matéria só pode trazer destruição. A opinião entre os Baraks está profundamente dividida: vós sabei-lo. Abdicai, Imperatriz, para o bem do país e da vossa filha. Se ficardes, seguir-se-á a guerra civil, e a vida de Lúcia correria enorme perigo se perdêsseis.

— Barakess Juun tu Lilira — disse o Camareiro-Mor quando ela se levantou e fez sinal de que desejava falar em apoio de Mamasi.

— Agora, mais do que nunca, temos de permanecer unidos — declarou a idosa Barakess. — A própria terra vira-se contra nós. Coisas más habitam as colinas e florestas, e tornam-se mais arrojadas a cada dia.

As minhas aldeias estão cercadas por espíritos maus; a terra adoece e as colheitas perdem-se. Uma guerra civil neste momento só aumentaria ainda mais a nossa desgraça. Por favor, Imperatriz, pelo bem do vosso povo.

— A minha resposta é não! — exclamou Anais. — Afirmo que a minha abdicação

enfraqueceria mais o país do que Lúcia alguma vez o faria. Há pelo menos três casas que detêm poder suficiente para disputar o trono. Não apontarei nomes nem presumirei conhecer as suas intenções, mas seguir-se-ia uma guerra de sucessão caso os Sangue Erinima renunciassem ao seu direito ao trono, e todos vós o sabeis!

Novo silêncio. Ela tinha razão. Os Sangue Batik reivindicavam direitos pelo casamento, mas Anais nunca passaria a responsabilidade de Saramyr para as mãos do seu marido inútil e mulherengo.

Os Sangue Amacha reclamavam os direitos pelo mero poder; possuíam a maior parte da terra e um grande exército privado.

E os Sangue Kerestyn eram a família mais poderosa de todas; tinham sido a família governante antes dos Erinima, e nunca perderam o desejo de reclamar o trono.

— Sei o horror que a palavra "Aberrante" desperta em todos nós — prosseguiu ela. — Mas sei também que existem muitas interpretações dessa palavra. Nem toda a Aberração é má; nem todos os Aberrantes são maus.

Foi necessário o nascimento da minha filha para me fazer ver isso, mas agora entendo-o. E gostaria que o entendêsseis todos também.

Levantou a mão para se adiantar a outro dos seus adversários.

— Peço o voto do conselho em defesa do direito da minha filha ao trono.

— O conselho irá votar! — anunciou o Camareiro-Mor.

Anais levantou-se de onde estava, as mãos assentes uma sobre a outra, pegajosas do suor.

Sentia-se tremer por dentro. Se o conselho aprovasse por maioria, considerar-se-ia segura durante algum tempo.

Como afirmara a Barakess, ninguém queria uma guerra civil neste momento. Mas se lhe faltasse o apoio, então ela corria um perigo enorme. Iria realmente abdicar, mesmo por causa da filha?

Pelo menos assim Lúcia sempre podia viver...

— Sangue Erinima, família do meu coração. O que tendes a dizer? — perguntou.

— Apoiamo-vos como sempre, Imperatriz — disse a sua tia-avó Milla. Na qualidade de mais velha, era o chefe da família, apesar de a sobrinha ser Imperatriz.

Anais relanceou a sala, perscrutando as grandiosas bancadas. Teria de inquirir sucessivamente as trinta famílias, e a ordem por que as escolhesse era crucial. Algumas famílias que estivessem hesitantes poderiam ser influenciadas se um aliado mais poderoso desse o exemplo. O Sangue Erinima fora fácil. Inquiriu depois mais três famílias, todas elas certas, que lhe garantiram o seu apoio.

Uma quarta, com que julgara poder contar, decidiu manter-se neutra.

Depois, presumindo que era melhor não gastar logo todo o seu apoio tão cedo na votação, escolheu um inimigo óbvio: o Sangue Amacha.

— Opomo-vos, Imperatriz, com toda a nossa força e o nosso vigor — respondeu o Barak Sonmaga, algo desnecessariamente.

Auscultou várias outras famílias, recebendo respostas mistas. O poderoso Barak Koli votou contra ela; a sua filha Mishani estava manifestamente ausente. Os Sangue Nabichi apoiaram inesperadamente a Imperatriz.

Mas havia uns para quem muitas das famílias inferiores olhavam: os Sangue Ikati. Anais respirou fundo; o apoio deles era vital para engodar alguns daqueles que eram neutros.

— Sangue Ikati — disse ela, a sua voz ecoando na sala. — O que tendes a dizer?

O Barak Zahn tu Ikati ergueu o seu corpo magro e esguio de trás do cadeiral. Olhou Anais cuidadosamente. Anais cruzou o seu olhar com o dele, sem hesitações.

Não lhe fiz nenhum mal, disse de si para si. Não tenho nada a temer.

— O Sangue Ikati apoia a pretensão de vossa filha, Anais tu Erinima — afirmou o Barak, e quando se sentou Anais sentiu-se sem força nos joelhos.

O ritual de auscultar cada família era uma situação desesperante, e quando ficou concluído não existia uma maioria visível. Os seus apoiantes e adversários estavam empatados, e houve algumas abstenções, poucas.

O conselho estava dividido, partido ao meio.

Anais sentiu um frémito de alívio e ansiedade mistos. Se o conselho tivesse votado em massa contra ela, sentir-se-ia tentada a ponderar a hipótese de abdicar, fosse qual fosse o preço para os Sangue Erinima.

A vida da filha estaria sem dúvida condenada se Anais tentasse colocá-la no trono sem apoio. Mas agora o rumo estava definido. Apesar de ser arriscado, sentia-se suficientemente reforçada para o tentar, mesmo que se arriscasse seriamente a provocar uma guerra civil. Quando abandonassem a sala, os Sangue Amacha iriam reunir os seus aliados e os Sangue Kerestyn os deles.

O único consolo que lhe restava era que a oposição estava dividida, ao passo que o apoio continuava tão sólido quanto seria de esperar.

— A minha filha irá ocupar o trono — disse. — Desejo-vos a todos uma boa viagem.

— E, ditas aquelas palavras, saiu, a sua postura ameaçando ceder quando desceu do palanque; mas conseguiu reprimir as lágrimas até se encontrar a sós nos seus aposentos.

Teria decorrido talvez uma hora quando o Barak Zahn tu Ikati chegou aos aposentos dela.

Normalmente, Anais não teria recebido visitas após o conselho; mas abriu uma exceção para ele. Conheciam-se há tempo suficiente para dispensarem o formalismo, por isso mandou entrar Zahn para uma sala com cadeiras de pelúcia e braseiras aromáticas fumegando suavemente, e apareceu com um vestido simples e o

cabelo acabado de escovar, caindo solto.

A decoração era informal e singela, calculada para o pôr à vontade. Fora feita uma concessão ao luxo em detrimento da beleza estética, e a sala tinha um ambiente acolhedor, com carpetes no soalho de laca e cortinados de contas coloridas pendendo das janelas altas e estreitas em arco.

— Zahn — disse ela. — Folgo em vê-lo.

— E eu a si, Anais — retorquiu ele. — Quem me dera que as circunstâncias fossem ligeiramente diferentes.

Indicou-lhe uma cadeira e sentou-se diante dele.

— São tempos efetivamente conturbados — afirmou.

— Não me posso demorar, Anais — disse Zahn, coçando distraidamente o pescoço com o polegar. — A tarde aproxima-se, e tenho de regressar à minha propriedade. Vim fazer-lhe um aviso.

Anais adoptou uma postura atenta.

— Um serviçal encontrou o meu Tecedor, Tabaxa, moribundo — proferiu Zahn, carregando ligeiramente o cenho. — Fora acometido subitamente, ao que parece, e sangrava dos ouvidos e dos olhos; no entanto, não se via qualquer marca nele.

— Parece-me obra de outro Tecedor — referiu Anais. — Ou talvez veneno.

Zahn emitiu um protesto de negação.

— Não foi veneno. O serviçal retirou a máscara de Tabaxa e ele disse uma palavra antes de morrer. Com muita clareza.

Repentinamente, Anais encaixou o puzzle: porque enviara Zahn aquela carta; porque se mostrara tão frio na sala do conselho.

— Vyrrech — afirmou ela.

Zahn não respondeu, mas os seus olhos disseram-lhe que ela estava certa.

— Nesse caso porque...?

— Tinha conhecimento disto, Anais? — quis saber Zahn, inclinando-se subitamente para ela.

— Não! — respondeu ela imediatamente.

Zahn estacou, meio fora da cadeira, e depois recostou-se soltando um suspiro.

— Foi o que pensei — disse. — Uma única palavra é prova insuficiente para uma acusação tão forte, Anais. Mas terá de vigiar o seu Tecedor-Mor. Talvez ele a queira destruir.

Já pensou no que poderia significar para os Tecedores se Lúcia ocupar o trono e não houver uma revolução?

Anais anuiu, carrancuda.

— Ela vem expor ao ridículo todos os ensinamentos deles sobre os Aberrantes. Eles mataram crianças Aberrantes durante tanto tempo, e tão jovens... Lúcia é a prova viva de que eles nem sempre se revelam maus, se o chegam mesmo a ser. Se

ela se tornar Imperatriz, recearão o que possa vir a fazer.

— Talvez — sugeriu Zahn — se trate de algo que tem de ser feito. Anais anuiu ligeiramente, voltando o olhar para as janelas, onde o olho de Nuki vigiava benevolmente Axekami por detrás dos cortinados de contas.

— Porque votou em mim, Zahn, se julgava que eu tinha mandado Vyrrech espiá-lo?

— Porque confio em si — respondeu ele. — Temos sido sucessivamente aliados e adversários há já bastante tempo, mas nunca violou um acordo comigo.

Confesso também que queria ver como reagia quando me visse; acho que teria sabido se fosse culpada.

— É possível que sim — retorquiu Anais, com um ligeiro sorriso. — Mesmo assim, estou grata pela sua confiança.

— Agora tenho de ir — disse Zahn, levantando-se. — Eu saio sozinho. Por favor, Anais, tenha cuidado. Não vire as costas a Vyrrech. Ele é nefasto e matará a sua filha se puder.

— E eu não posso fazer nada sem provas — respondeu ela com pesar. — E talvez nem mesmo assim. Adeus, Zahn. Espero que nos voltemos a ver em breve.

— Efetivamente — anuiu o Barak, e deixou Anais sozinha no calor sufocante da tarde, a pensar.

O Sol matinal raiou vermelho como o sangue por detrás da barca que se arrastava pesadamente para oeste em direcção a Axekami. Chamavam-lhe Surananyi — a fúria de Suran.

Algures nos desertos orientais de Tchom Rin, grandes furacões varriam a terra desolada, arremessando o pó vermelho para o céu, tapando a luz do único olho de Nuki.

CAPÍTULO 11.

Segundo a lenda, Panazu, deus dos rios e da chuva, ficara tão desvairado com Narisa, filha de Naris, que pedira a um velho boticário entendido que lhe preparasse uma poção que fizesse com que ela se apaixonasse por ele. Mas o velho boticário não era senão Shintu, que assumira um disfarce, e Shintu lançou um feitiço sobre Panazu para que ele se convencesse de que a primeira mulher que visse era a sua amada Narisa. E então sucedeu que ele voltou a sua casa e a primeira a saudá-lo foi a irmã, Aspinis, deusa das árvores e das flores. Panazu, pensando que a irmã era Narisa, escolheu o momento para introduzir a sua poção na bebida de Aspinis, e ela ficou sob o seu efeito. E depois uniram-se, e quando a manhã chegou e os seus olhos se desanuviaram ficaram horrorizados com o que fizeram.

Mas o pior estava para vir; pois eram o filho e a filha de Enyu, deusa da natureza e da fertilidade, e da sua união nasceu um filho. Não ousaram contar à mãe, porque a criança não era natural, concebida que fora por incesto; e sabiam perfeitamente que a mãe não toleraria algo que não fosse conforme às suas leis. Aspinis fugiu, escondendo a sua vergonha. Mas era querida dos deuses, e foi bastante notada a sua ausência; e assim Ocha e Isisya ordenaram que todos a procurassem até ser encontrada.

Começou então o Ano dos Templos Vazios, em que o povo de Saramyr sofreu imenso, pois os deuses viraram as costas à terra e percorreram o Reino Áureo em busca da sua parente desaparecida. Perderam-se as colheitas, sopraram ventos cruéis, a fome atingiu a terra. Até Nuki se afastou deles, e o Sol não brilhou naquele ano. E apesar de as pessoas afluírem aos templos pedindo a salvação, os deuses não estavam presentes.

Depois, alegria. Aspinis voltou do deserto, e todo o Reino Áureo rejubilou. Em Saramyr, as colheitas prosperaram, os peixes abundaram e o gado engordou mais uma vez. Aspinis não quis dizer onde estivera; mas Shintu, que calculou o que sucedera, ameaçou contar à mãe dela, Enyu, se não lhe revelasse onde estava o bebê.

Aspinis — que não suspeitava da mão de Shintu no caso — revelou-lhe que o bebê estava numa caverna funda no deserto, onde há muito teria morrido.

Shintu, ansioso por ver os resultados da sua ingerência, deslocou-se à caverna, e ali encontrou o bebê, não morto, mas bem vivo. A criança estava a ser alimentada pelas cobras e lagartos que lhe traziam bocados de comida, e era uma coisa feia e enrugada com cabelo comprido emaranhado e olhos estranhos — um verde e o outro azul. Mas Shintu teve então pena, e levou o bebê para sua casa e alimentou-o em segredo. E chamou-lhe Suran. Tornou-se uma moça amarga, pois, à maneira dos

deuses, lembrava-se do que lhe fizeram em bebê, e quando cresceu abandonou Shintu e voltou para o deserto, vivendo entre os lagartos e as cobras, tornando-se a antítese de tudo o que os seus odiados pais representavam. Suran era a proscrita, a deusa dos desertos, da seca e da pestilência; e quando se enfurecia todo o Saramyr ficava avermelhado.

Tane sentiu um grande peso no peito enquanto seguia sentado no castelo da proa da barca, registrando o lento ondular do navio debaixo de si ao levá-lo para a frente. Era uma embarcação baixa e tosca, muito carregada de metais e minérios das minas nas montanhas Tchamil. Os gritos rudes dos barqueiros soavam nos seus ouvidos, proferidos no seu dialeto entrecortado; aves pipilantes aglomeravam-se e andavam em círculos lá no alto, confundindo a barca com um navio pesqueiro e esperando pelo pequeno-almoço; as amarras chiavam e as madeiras gemiam. A toda a sua volta, vida; e, no entanto, sentia-se sem energia.

Fitou as tábuas entre os joelhos, a sua cor manchada de vermelho pelo sol ensanguentado, e seguiu o veio da madeira com o olhar. Como se parecia com aquelas linhas, pensou.

Seguiam o seu caminho soli-tário, às vezes aproximando-se de outra linha mas raramente se tocando.

Outras vezes eram engolidas por uma espiral ou um nó, sugadas para um labirinto; mas surgiam constantemente do outro lado, voltando sempre a um caminho solitário e sem objetivo.

Sentiu-se agitado por dentro, tentando agarrar uma corda escorregadia de desígnio que escapava das suas mãos. Que valor tinha ele, um entre milhares, milhões; que direito tinha de esperar pela felicidade proibida da inclusão? Os deuses concediam as suas dádivas e bênçãos quando entendiam, e haveria certamente muitos mais dignos do que ele.

Apesar de ser um sacerdote, continuava a ser inferior a estes barqueiros; porque entrara para a ordem para remir o seu passado, não por nobreza ou generosidade. Para saldar a culpa e recuperar a inocência.

Quantas vidas, quantos sacrifícios seriam necessários antes de os deuses ficarem satisfeitos?

Sentiu pena dos sacerdotes no templo que deixara para trás, mas não verdadeiro pesar. Ele e Jin tinham voltado à antiga casa de Tane ao raiar do dia, encontrando-a em terrível desordem.

Os sacerdotes estavam espalhados ao acaso como bonecas descartadas. Mal se afiguraram reais a Tane quando identificou cada um deles: efígies apenas, como se os rostos que conhecera nestes últimos anos tivessem sido substituídos por esculturas de cera com olhos vítreos brilhantes, bocas secas abertas e línguas roxas penduradas.

— Andavam à procura de alguma coisa — comentou Jin. — Ou de alguém — acrescentou Tane.

Interpretou o silêncio de Jin como tendo calculado a quem ele se referia. Mais tarde, trouxe os sacerdotes para fora do templo e colocou-os na relva. Ali, proferiu silenciosamente os seus nomes numa prece a Noctu, para que ela pudesse registar as suas mortes e informar o seu marido Omecha. Disse outra prece a Enyu enquanto Jin aguardava pacientemente, e estava mesmo a acabar quando a inspiração súbita de ar de Jin o avisou de que algo se passava.

Quando abriu os olhos, viu os ursos. Aguardavam à beira da clareira, formas maciças negras e castanhas escondidas na folhagem, observando e aguardando. Tane fez-lhes uma vénia, e depois conduziu Jin ao barco que os sacerdotes usavam para ir e vir ao povoado vizinho de Ban.

— Não vai haver funeral? — perguntou.

— Não está nos nossos hábitos — respondeu ele. — Os animais da floresta comê-los-ão. A sua carne regressará ao ciclo da natureza; as suas almas aos Campos de Omecha.

Tinham comprado passagem numa barca que partia de Ban. Durante os seis dias da viagem, Tane tivera tempo de sobra para a introspecção. Procurou dentro de si a origem da perda, mas não encontrou nada.

Ficou confuso com a ausência. O seu lar, todos os rostos que conhecera, os seus professores e amigos e até o velho Mestre Olec tinham desaparecido numa única noite. No entanto, não conseguia ficar triste; na verdade, sentia uma excitação culposa ante a perspectiva de continuar.

Afinal, talvez nunca tivesse sequer pertencido ali, e simplesmente não o admitira até àquele momento.

Talvez por esse motivo nunca encontrara a paz interior que tanto procurava.

O pensamento deixou-o curiosamente feliz.

Enyu tem outro caminho para mim, pensou. Poupan-me à chacina e pôs-me no caminho certo. Eu, o menos digno dos seus seguidores.

O Sol ia alto no céu a oriente quando chegaram a Axekami, mas ainda não dissipara o véu de poeira do deserto que pendia diante de si, e a capital de Saramyr era ensombrada por um vermelho carrancudo.

O acesso à cidade propriamente dita fazia-se através da extensão de choupanas dos nómadas do rio, cujas casas palafitas e molhes sem segurança enchiam as margens do Kerry.

Velhos secos e mirrados impeliam as suas embarcações com vara para cá e para lá, parecendo levar as suas vidas nas mãos ao atravessarem-se no caminho da barca. O mestre barqueiro não abrandou nem prestou qualquer atenção.

Os nómadas estavam sentados no exterior das suas casas e lojas de madeira, a

raspar couro ou a tecer, e os seus olhos mostravam-se desconfiados ou indiferentes quando acompanhavam a volumosa barca que passava por eles descendo o Kerry. Os nómadas só confiavam na sua gente, e eram olhados com desconfiança por todos.

Jin veio sentar-se ao pé dele quando as choupanas deram lugar a edifícios, principalmente armazéns e estaleiros de início. Afastou o cabelo para trás do ombro e observou a água cor de vinho.

— Acho que querias encontrar Kaiku tu Makaima por outras razões que não ajudar-me a entregar a mensagem — referiu ela.

Tane observou-a de soslaio. Continuava a olhar pela borda. Estudou o perfil dela; não apresentava falhas. Era verdadeiramente bela; e, curiosamente, parecia ficar mais bela a cada dia.

Na verdade, afigurava-se demasiado perfeita no aspecto. Até as grandes beldades tinham imperfeições: uma sarda ou uma pequena irregularidade no lábio ou as cores das íris ligeiramente salpicadas.

Em contraste, a imperfeição aumentava a beleza delas. Mas Jin não tinha sequer isso.

Intrigava-o. Revelara-se, durante as conversas tidas nestes últimos seis dias de viagem, brilhantemente inteligente e muito viajada. Para além do seu aspecto, parecia ser dona do mundo.

Era-lhe difícil imaginar algo que não conseguisse fazer, alguma posição que não lograsse alcançar desde que tivesse vontade. Porquê, então, Mensageira Imperial?

Porque escolhera uma estrada perigosa e poeirenta, sempre de um lado para o outro, sem nunca assentar? Quem era ela, na verdade?

Virou-se para ele na expectativa, e apercebeu-se então de que ela queria uma resposta. Não lhe deu nenhuma. Ela que especulasse como muito bem entendesse.

Nem mesmo ele conseguia entender porque seguia o rasto de Kaiku; apenas que ela era o último destino que lhe restava depois de a sua casa desaparecer.

— Achas que a vamos conseguir encontrar? — disse por fim.

— Consigo encontrar facilmente esta Mishani de que falaste. Ela é Mishani tu Koli, filha do Barak Avun. Se Kaiku estiver com ela, a nossa tarefa fica muito facilitada.

Tane anuiu. Esperava não ter cometido um erro ao revelar o que sabia a Jin; mas não poderia ter agido de outro modo. Eram companheiros, pelo menos durante um curto período de tempo, e, sem ela, não fazia ideia de como encontrar alguém numa cidade do tamanho de Axekami. Mesmo assim, as suas suspeitas em relação a ela não tinham diminuído com o aparente conhecimento que evidenciara sobre os shin-shin, e levava-o a interrogar-se mais uma vez sobre a estranha luz que vira nos olhos dela lá na floresta.

— Estamos a salvo deles, pelo menos de momento — dissera-lhe ela. —

Independentemente do que os possa ter trazido ao teu templo, não vão conseguir seguir o nosso rasto na água. Podem presumir para onde nos dirigimos, e possivelmente seguir-nos rio abaixo pela margem norte, mas uma vez perto de Axekami não se aproximarão mais. A cidade é o lugar dos homens, onde os espíritos não pertencem.

— E eles irão deixar de nos seguir? — indagara Tane.

— Os shin-shin são persistentes, e não largam facilmente a sua presa. Mas se realmente nos quiserem seguir, talvez desistam quando alcançarmos a cidade.

Ou talvez esperem do lado de fora e pensem detectar de novo o nosso rasto quando partirmos.

Tane quisera perguntar-lhe como é que uma Mensageira Imperial estava tão bem informada sobre espíritos e demónios, mas no fim decidiu que preferia não saber.

A imensa capital fervilhava à volta deles, cúpulas, espiras e templos aglomerados, estreitamente abraçados ao Kerryn. A norte, a terra elevava-se e os edifícios acompanhavam-na, até se tornar demasiado íngreme e subir quase a pique numa enorme escarpa, sobre a qual se situava a poderosa Fortaleza Imperial, a sua superfície reluzente vermelho e ouro na luz do Sol envolta em poeira.

As ruas da cidade eram uma tela de várias cores de branco, verdes desbotados pelo tempo, colunas, fontes e parques. Aqui um aglomerado de armazéns no pior estado de abandono; ali uma galeria, um campanário, uma biblioteca, todos eles extensões elegantes de pedra e madeira com inscrições de metais finos por cima das entradas.

Um oratório enorme estendia-se para lá do limite do Bairro Imperial, uma elipse alta de pedra e ouro, as suas extremidades ofuscantes mesmo com os raios abafados do olho de Nuki.

A sul ficava o famoso Bairro do Rio, onde não existiam ruas mas apenas canais, um lugar não só requintadamente na moda como extremamente perigoso. Tinha tanto de caótico e belo como o resto da cidade, concentrado apenas numa área mais pequena, com edifícios de extraordinária concepção amontoados uns sobre os outros em minúsculas ilhas irregulares.

As pessoas que andavam para cá e para lá ou se faziam transportar por barqueiros pelos canais vestiam-se segundo modas extravagantes e pouco práticas, a ponto de fazerem corar a sociedade respeitável; mas, no Bairro do Rio, nada era demasiado extremo.

Tane olhou para tudo, maravilhado. Já antes estivera em Axekami, em esporádicas ocasiões, mas conseguia ainda amedrontá-lo. O seu mundo fora o silêncio das florestas, onde o único ruído audível era o disparo seco de uma arma de caça ou o crepitar de uma fogueira. Conseguia já ouvir o manto de sons repetitivos que vinha da cidade; a algaraviada de muitos milhares de vozes, o ruído das carroças, os

roncos dos manxthwa ao arrastarem-se pelas ruas. A cidade parecia fervilhar nas margens do rio, à espera de o consumir assim que se afastasse do refúgio da barca, uma barulheira inelutável capaz de levar um homem à loucura. Tane tinha medo dela e desejava-a ao mesmo tempo.

O mesmo, pensou, se poderia dizer do seu futuro.

Kaiku ajoelhou diante do espelho no quarto de hóspedes parcamente mobilado e olhou para o seu reflexo.

O rosto que retribuía o olhar parecia agora desconhecido, apesar de o vermelho das íris há muito ter retomado o seu castanho natural.

O mundo mudara apenas uma vez desde que ficara a saber da sua condição, e, no entanto, parecia que sempre fora assim, uma desconhecida para as suas próprias percepções.

Ouvia lá fora os sons dos serviçais que regressavam do funeral. Mishani estaria com eles.

Kaiku não achara adequado ir.

Não chorara. Não o queria fazer. Guarda as lágrimas para apagar a chama, pensara num momento fantasista; mas a verdade era que não sentia tristeza. Acometera-a a dor para lá do ponto de tolerância, e mesmo assim não a conseguira vergar. Agora não tinha poder sobre ela.

Sentia antes um forte nódulo de azedume no peito, uma pequena pedra a formar-se nos compartimentos do seu coração como uma pérola impura dentro de uma ostra. Estava farta da tristeza, farta da dor. Como podia confiar em algo agora, mesmo no que os seus olhos viam e os seus ouvidos ouviam, quando vinte apanhas de segurança e felicidade tinham surgido e desaparecido da sua vida apenas para serem destroçadas num único dia de tragédia? Como podia voltar a confiar fosse no que fosse?

Comparados com isto, a dor e o remorso eram inúteis. Só lhe restava desistir ou continuar.

Escolheu a segunda hipótese.

Mishani fechara-se como um leque desde o incêndio na tarde da véspera. Felizmente o fogo fora controlado rapidamente e causara poucos estragos na casa, mas os que provocara na relação delas tinham sido incomensuráveis. A sua amiga de outrora mostrava-se agora fria, o seu rosto uma máscara impassível rigidamente firmada.

E apesar de falarem, as suas palavras eram destituídas de sentimento, e parecia ser necessário demasiado esforço para conversarem.

— Tu morreste, Kaiku — dissera ela no dia anterior, na sequência da acusação dela. — Não é invulgar a Aberração ficar adormecida durante anos, até algo... a despertar. Todo este tempo carregaste-a dentro de ti sem o saberes.

— Como podes afirmá-lo? — indagara, desesperada por refutar a sua anfitriã. — Não és um sacerdote; como podes afirmá-lo? Como podes dizer que o que está dentro de mim não é um demónio, um espírito malévolo?

Mishani afastou-se.

— Fomos pouco esclarecidas pelos nossos professores particulares a respeito dos Aberrantes, tu e eu. Eles ensinaram-nos boas maneiras, caligrafia, elocução; mas omitiram os Aberrantes.

Não eram adequados a jovens nobres educadas como nós. Mas eu aprendi muito desde que vim para a corte, Kaiku, e sei como preocupam até as maiores famílias superiores.

— Falou em tom baixo, como se temesse que alguém pudesse ouvir; apesar da ausência de portas na maior parte das casas de Saramyr, escutar a elas era severamente condenado e repetir o que se ouvira equivalia a uma obscenidade. — As nossas capturas na baía de Mataxa vêm mais adulteradas a cada ano que passa.

As redes trazem mais caranguejos com três pinças, mais peixes com barbatanas extra, mais lagostas sem olhos. Aberrações.

Havia tensão na sua voz, reprimia a repugnância. O fato de Kaiku estar ciente de tudo significava que Mishani queria que ela soubesse o que pensava sobre o assunto. Ao fundo, Kaiku ouvia os sons dos serviçais a correr para apagar o fogo que ela desencadeara; o chiar das pegas dos baldes, o atirar da água, os gritos de alarme. Pareciam impossivelmente distantes.

— Vi uma moça numa aldeia na terra da minha família — prosseguiu, de costas para a visita. — Era uma coisa hedionda de olhar, um aborto de pele e cabelo desfeitos, cega e coxa. Onde as suas mãos tocavam, surgiam flores. Até na pele, Kaiku. Até no metal. Encontrámo-la fechada numa gaiola. Matara a mãe em bebé, depois de a pobre mulher ter deixado que a filha lhe acariciasse o rosto. Os olhos da mãe tinham sido atravessados pelas raízes de flores, e sufocou com as corolas que lhe saíam pela boca. — Efetou uma pausa, relutante em prosseguir; mas não deixou de o fazer.

— Nunca vi uma pessoa possuída por um espírito, mas tenho ouvido falar de muitos Aberrantes, e soube de vários que causaram incêndios simplesmente por estarem numa divisão. A maior parte morreu queimada; os restantes foram executados pelos Tecedores. Tinham duas coisas em comum, porém, os porta-fogos. Eram todos mulheres. Todas tinham os teus olhos quando surgiam as chamas. Os teus olhos vermelhos.

— Enfrentou finalmente Kaiku, e o seu olhar era duro e sério. — Os Aberrantes são perigosos, Kaiku. Tu és perigosa. E se eu tenho estado naquela sala contigo?

Isso fora na véspera. Desde então, tinham-na deixado sozinha, recebera a mínima atenção indispensável da sua anfitriã, sendo-lhe concedido tempo para pensar na sua

condição. E pensara imenso.

Ouviu o choro dos serviçais ao aproximarem-se da casa. Yokada, a criada que fora a única testemunha da condição de Kaiku quando escapara do quarto em chamas, morrera. Tinham dito que deixara uma braseira acesa no quarto de Kaiku, provocando o incêndio. Ingerira veneno a noite passada, um suicídio para expiar o seu crime. Kaiku duvidava que o suicídio tivesse sido voluntário.

Perguntou-se se Yokada soubera sequer que estava a ingerir veneno.

Mishani tornara-se implacável desde que estava na corte.

Kaiku não tinha ilusões. A depressão permitia-lhe uma perspectiva muito clara das coisas.

Mishani não a estava a proteger; protegia-se a si própria. A posição dos Sangue Koli ficaria muito complicada se se descobrisse que tinham acolhido uma Aberrante. Pior, que a herdeira da família fora amiga íntima daquela criatura suja durante toda a infância e adolescência. A mácula recairia então sobre a família de Mishani; evitá-los-iam. Os seus produtos baixariam de preço e poderiam começar a espalhar-se histórias sobre os estranhos peixes na baía de Mataxa.

A presença de Kaiku em sua casa era suficiente para destruir os Sangue Koli. Mishani não podia arriscar que a inconfidência de uma criada estragasse um império que levava gerações a construir.

Mishani entrou no quarto sem tocar à campainha. Encontrou Kaiku ainda sentada diante do espelho. Kaiku virou o olhar para o reflexo de Mishani.

— As minhas serviçais informaram-me de que não quiseste comer esta manhã — referiu.

— Receei encontrar algo mortífero na minha comida — respondeu Kaiku, os seus modos gélidos e excessivamente formais, a forma de trato alterada, pelo que parecia falar com um adversário.

Mishani não evidenciou qualquer reacção. Correspondeu de idêntico modo aos olhos de Kaiku no espelho, o seu rosto pequeno e magro no meio da massa de cabelo preto.

— Não sou tão monstruosa assim a ponto de te mandar matar, Kaiku, por pior que te tenhas tornado.

— Talvez — replicou Kaiku. — Ou talvez tenhas mudado muito nestes últimos anos. Talvez eu nunca te chegasse realmente a conhecer.

Mishani ficou incomodada com esta mudança no carácter. Ao contrário do que esperara, Kaiku não estava propriamente envergonhada do que era; o seu tom condenava antes Mishani pela falta de amizade, a falta de fé.

Kaiku sempre fora teimosa e voluntariosa, mas ser uma Aberrante era mesmo indefensável?

Kaiku levantou-se e enfrentou Mishani. Era alguns centímetros mais alta do que a

outra, e naquele momento olhava-a de cima.

— Partirei — anunciou. — Foi isso que me vieste pedir, não foi?

— Não tencionava pedir-te, Kaiku — retorquiu Mishani. -Já te transmiti o que sabia sobre a máscara. Será melhor ires a Fo e procurares tu mesma as respostas. Compreendes, tenho a certeza.

— Compreendo muitas coisas — disse Kaiku. — Algumas menos tragáveis do que outras.

Seguiu-se um longo silêncio entre as duas.

— Uma prova da nossa amizade é não te ter mandado matar, Kaiku. Sabes quão perigosa és para a minha família. Sabes que, ao revelares-te como uma Aberrante, nos podias prejudicar seriamente.

— E ser executada pelos Tecedores — redarguiu Kaiku. — Não desperdiçaria a minha vida dessa maneira. É preciosa. Tu também o achaste, em tempos.

— Em tempos — concordou Mishani. — Mas as coisas mudaram.

— Eu não mudei, Mishani — foi a resposta. — Se eu estivesse doente com febre óssea, terias ficado ao meu lado e cuidado de mim, apesar de poderes ser contagiada. Se eu fosse perseguida por assassinos, ter-me-ias protegido e usado toda a influência da tua família para me manteres segura, conquanto tu própria te expusesses ao perigo. Mas isto... isto não podes perdoar. Estou atormentada, Mishani.

Não escolhi ser Aberrante; nesse caso, como me podes culpar por isso?

— Porque agora vejo o que és — respondeu ela. — E repugnas-me. Kaiku sentiu o impacto das palavras dela quase como uma dor física. Nada mais havia a dizer.

— Há roupas naquela arca — disse Mishani. — Comida nas cozinhas. Leva o que quiseses. Em troca, peço esta atenção. Parte depois do pôr do Sol, para não seres vista.

Kaiku levantou orgulhosamente o queixo.

— Não te peço favores, tão-pouco te farei quaisquer. Só quero o que é meu: a máscara do meu pai e as roupas e a mochila que trouxe comigo. Partirei assim que as tiver.

— Como queiras — redarguiu Mishani. Calou-se então, como se quisesse dizer algo mais; mas o momento passou, e ela retirou-se.

Kaiku saiu orgulhosamente pelo portão da frente assim que os criados trouxeram os seus objectos pessoais. O Barak Avun — pai de Mishani — estava fora, por isso foi poupada ao dilema de lhe agradecer a hospitalidade e despedir-se dele. Sentia que os criados estavam a observar a sua partida. A visão da amiga da sua nobre dama a ir-se embora de calças e botas — roupas de viagem — era bastante estranha.

Talvez alguns deles a culpassem também pelo suicídio de Yokada. Pouco lhe importava. Não sabiam nada dos assuntos dela. Não passavam de serviçais.

Tenho um propósito, pensou. Um destino. Irei à ilha de Fo. Lá me informarei sobre aqueles que mataram a minha família.

A tarde estava sufocante e pesada, agora que o Sol se libertara do pó vermelho obscurecedor da Surananyi, e tão intenso que semicerrou os olhos inconscientemente. As ruas do Bairro Imperial apresentavam-se limpas, amplas e belas como sempre. Tinha dinheiro na mochila.

O seu destino seriam as docas. Não queria pensar em Mishani nem no que lhe tinham feito, até estar bem longe deste lugar.

Não queria olhar para trás.

Abandonou a propriedade dos Sangue Koli, virou uma esquina para uma rua lateral estreita protegida por árvores pendentes e quase esbarrou com Tane, que vinha em sentido contrário acompanhado de uma mulher.

A surpresa deixou-os paralisados por um momento, antes de Kaiku recuperar a voz.

— Tane — disse finalmente. — Salve. Sorte de Shintu, não? — Esta era uma expressão de surpresa ante uma coincidência improvável, neste caso encontrarem-se ali.

— Não foi sorte — respondeu ele. — Temos andado à tua procura. Esta é Jin, uma Mensageira Imperial.

Kaiku virou-se para a mulher que o acompanhava e a cor desapareceu do seu rosto. O som das aves da cidade a chilrearem nas árvores que ladeavam a rua pareceu sumir.

Apercebeu-se de que, nesta rua estreita, ela era tudo menos invisível para alguém na via principal.

— Passa-se alguma coisa? — perguntou Tane, colocando uma mão no ombro dela, preocupado. — Estás doente?

A mente de Kaiku agitou-se numa negação mesmo quando os seus sentidos a confrontavam com a evidência. Uma ligeira diferença na estrutura óssea, na linha do cabelo, nos lábios, na pele...

mas nada daquilo interessava. Viu os olhos e reconheceu-a. Por mais improvável que parecesse, reconheceu-a.

— Ela não está doente — afirmou Jin, agarrando Kaiku pela frente da camisa e puxando-a bruscamente de modo a ficarem frente a frente, os seus narizes quase se tocando.

Tane estava demasiado sobressaltado para intervir. — Tu conheces-me, não conheces, Kaiku?

Kaiku anuiu, subitamente aterrada.

— Asara — proferiu em voz baixa.

— Asara — disse a mulher, em concordância, e Kaiku sentiu a pontada aguda de

uma lâmina no seu ventre.

CAPÍTULO 12.

O templo de Panazu erguia-se sobre o Bairro do Rio de Axekami, o seu azul berrante colidindo com os verdes, os púrpuras, os brancos e os amarelos dos edifícios circundantes e esmagando-os com a mera grandiosidade.

Erguia-se alto, estreito na largura mas estendendo-se até ao aglomerado de habitações dispendiosas e ultrajantemente aparatosas amontoadas na pequena ilha de terra. Saliências redondas e alcantiladas de pedra azul subiam por ele até ao cimo como remoinhos e ondas, e janelas curvas de prata verde-mar e salpicada deslizavam elegantemente pela sua fachada. Panazu era o deus da chuva, das tempestades e dos rios, por isso fazia sentido que ali, onde não existiam estradas mas tão-somente canais, ele reinasse soberanamente.

O Bairro do Rio era um arquipélago de edifícios, cortado em formas irregulares pela passagem de canais que se estendiam assimetricamente através das ruas como fendas numa lájea partida.

Situava-se mesmo a sul do Kerry, um amontoado florido de casas, antros de jogo, teatros, lojas e bares. Há muito tempo fora um simples monte de velhos armazéns e pátios, destinados a armazenar pequenos artigos; mas quando Axekami cresceu e começaram a chegar barcas maiores de carga, os canais estreitos e a pequena quantidade de área de construção no Bairro do Rio levaram a que surgissem armazéns maiores e mais acessíveis na margem norte do Kerry. O Bairro do Rio tornou-se um refúgio para criminosos e elementos da classe inferior durante muitos anos, até um grupo de nobres da sociedade decidir que a excentricidade de viver num lugar sem ruas era demasiada para lhe resistir. Os preços baixos das terras desencadearam uma febre súbita de compra e, decorrida uma década, grandes porções do bairro tinham sido engolidas por loucos projectos arquitectónicos, cada recém-chegado tentando suplantar os seus vizinhos.

O elemento criminoso já presente prosperou com o novo afluxo de clientes abastados; não tardou que antros de droga e bares reles de prostituição fossem substituídos por salões requintados e bordéis.

O Bairro do Rio era para os jovens ricos e ociosos, os debochados e os fornecedores de deboche. Era um local perigoso e mortal; mas o atractivo residia no perigo, por isso prosperou.

— Julguei que ela tinha morrido — disse Kaiku.

Tane olhou para ela. Fendas de luz que brilhavam através das tábuas arriba desenhavam riscas de luz no seu rosto virado para cima. A divisão estava às escuras e sufocantemente quente.

Era a primeira coisa que dizia desde que Asara — aquela a quem chamava Jin —

os deixara ali.

— Quem é ela? — perguntou Tane. Estava sentado num banco tosco de pedra, uma das bancadas quadradas que desciam até um fosso baixo no centro da divisão. Este lugar fora em tempos uma sala de vapor.

Agora estava vazio e o ar tinha o trazo do desuso.

— Não sei — respondeu Kaiku. Encontrava-se de pé na bancada de baixo, do outro lado do fosso. — Ela foi minha criada particular durante dois anos, mas suponho que nunca soube quem ela era. Não é bem o que tu vês.

— Bem que eu desconfiei — confessou Tane. — Mas ela tinha a marca de Mensageiro Imperial.

Quem usar aquela tatuagem sem o consentimento imperial bem pode esperar a morte.

— Ela ficou queimada — referiu Kaiku, mal o ouvindo. — Vi o rosto dela, queimado e repuxado.

E ela, e no entanto não é ela. Ela está... ela está mais bela do que antes. Diferente.

Eu diria tratar-se da irmã de Asara, ou de uma prima... se não fossem os olhos. Mas ela ficou queimada, Tane. Como conseguiu sarar daquela maneira?

Asara ficara furiosa. Kaiku sentia ainda a pressão do punhal dela contra a sua pele, aquele primeiro momento em que se tinham encontrado no exterior da propriedade dos Sangue Koli. Por um breve instante, esperara que Asara fosse até ao fim, cravando o aço no músculo em vingança pelo que Kaiku lhe fizera.

Mas o que lhe fizera Kaiku? Até àquele momento, julgara que a sua maldição incontrolável matara a sua salvadora e criada; agora descobrira que se enganara. Não era fácil de aceitar.

— Deixaste-me ali para morrer, Kaiku — disse Asara. — Salvei-te a vida, e tu deixaste-me morrer.

Tane ficara demasiado surpreendido para reagir até então, mas naquele momento interveio para protestar pela forma como Asara tratava aquela que tinham vindo procurar.

— Não saias daqui, Tane — dissera-lhe Asara com brusquidão. — Esforcei-me muito para me assegurar de que esta ficava viva, e não a vou matar agora. Mas não terei contemplanções contigo se tentares impedir-me.

Estarias morto antes de levars a mão à espada.

Tane acreditou nela. Pensou no clarão de luz que vira nos seus olhos lá na floresta, e decidiu que desconhecia com quem ou com o que lidava.

— Julguei que te tivesse morto — referiu Kaiku, a sua voz mais calma do que se sentia. — Fiquei assustada. Fugi. — Pensara acrescentar um pedido de desculpas, mas depois decidira não o fazer.

Pedir desculpa seria admitir a culpabilidade. Não iria pedir perdão pelos seus

actos, especialmente em face do logro de Asara.

— Sim, fugiste — disse Asara. — E noutras circunstâncias magoar-te-ia pelo que me fizeste. Mas tenho uma tarefa e tu fazes parte dela. Vem comigo. — Virou-se para Tane, o seu rosto ainda belo, apesar de endurecido.

— Podes acompanhar-nos, ou ir-te embora, se quiseses.

— Onde? — inquiriu Tane, mas tomara já uma decisão. Não iria abandonar Kaiku daquela maneira.

— Ao Bairro do Rio — disse Asara.

Ela guardara o punhal durante o percurso que efectuaram a pé, avisando ambos para que não tentassem fugir. Nenhum tinha a intenção de o fazer. Apesar de existir violência nos modos dela, sentiam ambos que Asara não lhes queria realmente fazer mal. Quando Kaiku reuniu tudo o que sabia sobre Asara, chegou a uma conclusão: Asara estava a tentar levá-la a algum lado desde a noite em que a sua família morrera. Se as suas intenções fossem raptá-la, há muito que o teria feito. Isto era diferente. Kaiku fazia parte da missão de Asara, e calculava que a tarefa envolvesse levá-la ao Bairro do Rio de sua livre vontade. Não podia negar uma certa curiosidade em relação ao motivo.

Tinham atravessado o Kerry na grande Ponte de Gilza, chegando aos pavimentos garridos em frente das casas do Bairro. A súbita profusão de extravagância era avassaladora, como se a ponte constituísse uma barreira entre a cidade propriamente dita e este mundo irreal habitado por excêntricos de plumas coloridas e criaturas pintadas. Os manxthwa passavam a correr, carregados de bridas com jóias e montados por homens e mulheres que pareciam ter fugido de algum manicómio para artistas. Não eram permitidos aqui veículos com rodas, mesmo que pudessem ser úteis nos passeios estreitos existentes entre os armazéns e os canais, mas os barcos impelidos por vara e os minúsculos barcos a remos mais do que os compensavam, explosões de cor na água quase púrpura.

Asara levava-os a um terreno abandonado por detrás de uma loja atraentemente pintada que se proclamava como um fornecedor de narcóticos. O terreno estava quase vazio à excepção de um edifício baixo de madeira que, ao que parecia, fora uma sala de vapor noutros tempos e uma piscina vazia. Tudo o mais eram lajes empoeiradas e os restos de outros edifícios maiores.

— Esperem aqui — ordenou Asara, fazendo-os entrar na velha sala de vapor. — Não me obriguem a ir procurá-los. Arreponder-se-ão.

E depois foi-se embora. Ouviram o ruído áspero de uma corrente grossa a passar na porta, a fim de garantir a permanência deles ali. Não respondera a nenhuma das perguntas durante o caminho, não elucidara nada sobre o seu destino. Limitara-se a deixá-los na ignorância, durante horas, até o Sol começar a entrar em declínio a ocidente.

Durante esse tempo, Tane e Kaiku conversaram. Tane relatou o destino dos sacerdotes do templo; Kaiku contou-lhe o que tinham apurado sobre a origem da máscara do pai. Mas, apesar de a conversa entre eles ser tão fácil como da primeira vez que se tinham encontrado, não baixaram a guarda, e cada um reteve coisas que não disse. Kaiku não mencionou o seu padecimento, nem por que motivo Mishani a mandara embora, nem o que se passara entre ela e Asara lá na floresta.

Tane não revelou o que sentia em relação à morte dos sacerdotes, a estranha e crescente excitação que o invadia ao estar à mercê das circunstâncias e lhe ser presente um novo destino.

E então esperaram, e especularam, ambos curiosamente destemidos. Assim que Kaiku ultrapassou o choque inicial, sentiu-se feliz por deixar que estes acontecimentos se desenrolassem naturalmente.

O pior que podia acontecer era ser morta. Considerando a sua condição, perguntou-se desnecessariamente se isso não teria sido melhor.

Os raios de luz que entravam pelas tábuas de cima — em tempos isoladas com alcatrão que fora arrancado ou há muito se deteriorara — eram bastante inclinados, subindo a parede virada a nascente, quando a porta se abriu e uma desconhecida penetrou nas sombras quentes.

Era alta, uma torre de escuridão. Vestia toda de negro, com um rufo grosso de penas de corvo sobre os ombros. Crescentes gémeos vermelho-crepúsculo curvavam-se a partir da sua testa, por cima das pálpebras, descendo pelas faces; os lábios estavam pintados com triângulos vermelhos e pretos, alternando como dentes afiados.

O cabelo, tão negro quanto as suas roupas, lançava reflexos azul-escuros nos raios de sol e estava apanhado em dois rabichos grossos, lado a lado, que lhe desciam pelas costas. Um pequeno círculo de prata adornava-lhe a testa, com uma pequena gema vermelha encastada nele.

Deslizou pela sala, Asara seguindo-a e fechando a porta atrás delas.

— Bem-vinda — ronronou, a sua voz como unhas de gato revestidas de veludo.
— Peço desculpa pelo local, mas impõe-se aqui o secretismo.

— Quem é a senhora? — perguntou Tane, observando o trajo exótico dela. — Uma feiticeira?

— A feitiçaria é uma superstição, Tane tu Jeribos — afirmou ela.

— Sou bem mais desagradável. Sou uma Aberrante.

Os olhos de Tane chisparam e transferiu a sua ira para Asara.

— Porque a trouxeste aqui?

— Acalma-te, Tane — intercedeu Kaiku, muito embora sentisse um frémito de repugnância ante a menção de Aberrantes, uma reacção arraigada destoando profundamente da sua actual posição.

— Escutemos.

Tane deitou um olhar fuzilante às três mulheres na sala, depois resfolegou.

— Não escutarei a conversa de alguém como ela.

— Nesse caso vai-te embora — limitou-se Asara a dizer. — Ninguém te impedirá.

Tane olhou para a porta, depois para Kaiku.

— Vens?

— Ela tem de ficar — referiu Asara. — Pelo menos até ouvir o que temos a dizer.

— Nesse caso esperarei por ti lá fora — disse ele, e encaminhou-se para a porta e desapareceu.

— Um amigo teu? — perguntou a dama alta a Kaiku, com uma ligeira maldade no tom da voz.

— Pelos vistos — respondeu Kaiku. — Mas quem o pode dizer? A desconhecida esboçou um leve sorriso de compreensão.

— Ainda bem que ele se foi. Prefiro que aquilo de que vamos falar fique em particular, por tua causa. Ele pode voltar, mais tarde.

— Kaiku tu Makaima — disse Kaiku, apresentando-se, uma forma indirecta de saber o nome da pessoa a quem se dirigia.

— Sou Cailin tu Moritat, Irmã da Ordem Vermelha — foi a resposta. — Há já algum tempo que te estamos a observar.

— Foi o que Asara me contou — alegou Kaiku, olhando para a sua antiga criada.

Ela dera-lho a entender na floresta, na manhã seguinte à vinda dos shin-shin a sua casa, mas só agora Kaiku atingia o significado das palavras dela. — O que pretende de mim?

Cailin não respondeu directamente.

— Estás a mudar, Kaiku — disse ela. — Estou certa de que agora já o sabes. Ardem fogos dentro de ti.

Kaiku não conseguiu corresponder ao olhar de Asara, por isso não deixou de fitar Cailin.

— Sabes o que são?

— Sei — respondeu.

Kaiku passou a mão pelo cabelo, subitamente nervosa, receando fazer a pergunta seguinte.

Encontravam-se ambas nas bancadas de pedra mais baixas, em lados opostos.

Encarou Cailin do outro lado do abismo do fosso de vapor sufocante, as duas listradas pela luz crepuscular vinda do exterior. Partículas de pó dançavam no ar entre elas.

— Sou então uma Aberrante?

— Sim — respondeu Cailin. — Tal como eu e tal como Asara. Mas não atribuas

tanto peso a uma palavra, Kaiku. Conheci Aberrantes que tiraram a própria vida de vergonha, incapazes de suportar o fardo do seu título.

— Olhou para Kaiku de dentro dos crescentes vermelhos pintados no rosto. — Tu, estou convicta, és mais forte do que isso. E posso ensinar-te a não sentires vergonha.

Kaiku olhou-a de forma desconfiada.

— O que mais me pode ensinar?

Asara registou com aprovação a diferença nos modos entre esta Kaiku e aquela que arrastara para fora da casa em chamas. Sofrera muito e soubera muitas verdades desagradáveis; no entanto, não se deixara vergar. Talvez houvesse bons motivos para a fé que Cailin depositava nela. — Não sabes como controlar o que tens — disse Cailin. — Neste momento manifesta-se como fogo, como destruição; birras pueris. Posso ensinar-te a domá-lo. Posso ajudar-te a fazer coisas que nunca imaginaste.

— E o que me pediria em troca?

— Nada — foi a resposta.

— Custa-me a acreditar.

Cailin permaneceu imóvel enquanto falava, uma estátua esbelta envolta em sombra.

— A Ordem Vermelha é pequena. Os Tecedores alcançam a maior parte das nossas potenciais candidatas antes de nós; isso, ou então elas morrem involuntariamente queimadas, ou matam-se de horror ante o que são ou o que fizeram. Ensinamo-las a lidar com o que têm antes de isso as consumir. Depois elas escolhem o seu próprio caminho.

Cada uma de nós é livre de se ir embora e levar a vida que puder. Algumas tornam-se como eu, e ensinam as outras.

Eu podia ensinar-te, Kaiku, antes de o teu poder te matar ou aqueles que te rodeiam; cabe-te decidir se te queres reunir a nós. Eu correria esse risco.

Kaiku não estava convencida. Não conseguia associar o aspecto e os modos desta dama a um altruísmo tão aparente. O que estaria subjacente a esta oferta de auxílio? Era simples narcisismo?

Um desejo de moldar outra à sua imagem? Ou era algo mais do que isso?

— Ela é uma de vocês, esta Ordem Vermelha de que fala? — perguntou Kaiku, inclinando a cabeça na direcção de Asara.

— Não — referiu Asara, e não pormenorizou mais. Kaiku suspirou e sentou-se na bancada de pedra.

— Explique-se — disse a Cailin. Cailin fez-lhe a vontade.

— A Ordem Vermelha é constituída por aquelas que possuem uma Aberração específica. Tu tens dentro de ti o poder a que chamamos kana. Manifesta-se de diferentes maneiras, mas apenas nas mulheres.

É um privilégio do nosso sexo. As Aberrações nem sempre são arbitrárias, Kaiku. Algumas surgem repetidamente, reaparecendo sucessivamente. Estamos em presença de um caso desses.

Não é um defeito nem uma maldição, Kaiku; é um dom incomensurável. Mas é perigoso para os inexperientes.

Em anos recentes tornámo-nos peritas em encontrar aquelas que carregam o poder, mesmo que ele ainda não se tenha manifestado. Há quem evidencie o poder muito cedo, na infância; essas são normalmente apanhadas pelos Tecedores e executadas. Mas algumas, como tu, só descobrem o seu talento quando é desencadeado por um trauma ou uma paixão extrema. Tu possuis um grande potencial, Kaiku; sabemos disso há já algum tempo.

— Mandou Asara vigiar-me — referiu Kaiku, acabando de montar o puzzle. — Para esperar até que eu manifestasse este... kana. E depois ela deveria trazer-me até si.

— Exactamente. Mas os acontecimentos conspiraram contra nós, como sabes.

Kaiku deixou pender a cabeça, os antebraços cruzados sobre os joelhos. Um momento depois, as abas curtas do seu cabelo castanho começaram a tremer quando riu baixinho.

— Diverte-te alguma coisa? — inquiriu Cailin, a sua voz carregada de um gelo quebradiço.

— Peço desculpa — disse ela, no meio da hilaridade, levantando a cabeça. — Toda esta tragédia... tudo o que me aconteceu, e agora vem oferecer-me um aprendizado?

— Estou a oferecer-me para salvar a tua vida — ripostou Cailin. Não pareceu apreciar o humor.

As gargalhadas de Kaiku prolongaram-se. Inclinou maliciosamente a cabeça e observou Cailin.

— A sua generosidade intriga-me, não tenha dúvidas. Parece haver muita coisa que desconheço, e estou ansiosa por saber. Mas não posso aceitar.

— Ah. O teu pai — disse Cailin, a frieza na sua voz a aprofundar-se.

— Jurei vingança ao próprio Ocha. Não posso abrir mão da minha tarefa por sua causa. Irei até Fo e descobrirei o criador da máscara do meu pai.

— Ainda a tens? — perguntou Asara, surpresa. Kaiku anuiu.

— Posso vê-la? — pediu Cailin.

Kaiku mostrou-se momentaneamente relutante, mas retirou-a à mesma da mochila. Contornou a bancada e entregou-a a Cailin.

Um sopro de vento quente agitou o ar parado dentro da sala de vapor abandonada, sacudindo as penas do rufo de Cailin enquanto a observava.

— O seu poder é perigoso — disse ela, — e ou te matará ou fará com que morras

não tarda muito. Ofereço-te a oportunidade de te salvars. Se virares costas agora, poderás não ter uma segunda oportunidade.

Kaiku olhou-a demoradamente.

— Fale-me das máscaras — pediu. Cailin ergueu o olhar.

— Não ouviste o que eu disse?

— Ouvi — respondeu Kaiku. — A vida é minha e farei dela o que entender.

Cailin suspirou.

— Nesse caso temo que a tua intransigência seja o fim de tudo — disse. — Deixa-me fazer-te uma proposta. Vejo que estás decidida a esta loucura.

Vou falar-te sobre esta máscara se me prometeres procurar-me depois e escutar-me.

Kaiku inclinou a cabeça em concordância tácita.

— Dependerá do que me puder dizer.

Cailin olhou-a devagar, avaliando-a, medindo o seu carácter, procurando ali impostura ou manha. Se alguma coisa encontrou ali, não o manifestou; devolveu antes a máscara a Kaiku.

— Esta máscara é como um mapa. Um guia. Veio de um sítio que não podes encontrar, um lugar escondido da vista dos homens e mulheres vulgares. Ela mostrar-te-á o caminho.

Coloca-a quando estiveres próximo do teu destino e ela levar-te-á à sua proveniência.

— Não vejo qual a vantagem de ser enigmática, Cailin — disse Kaiku.

— É a simples verdade — replicou. — Esta máscara transporá uma barreira invisível. O lugar que procuras estará escondido. Necessitarás dela para o encontrares. É tudo o que te posso dizer.

— Não é suficiente.

— Nesse caso, talvez isto te ajude. Existe um mosteiro dos Tecedores algures nas montanhas setentrionais de Fo. Os caminhos há muito que se perderam. Ter-se-ia pensado que desapareceram, não fossem as carroças de mantimentos que chegam regularmente ao posto avançado da vila de Chaim. Fazem a entrega de máscaras dos Pais Forjadores no mosteiro, máscaras não tratadas para o teatro, a decoração e assim.

Trocam-nas por comida e outros bens mais invulgares. — Acenou com a mão dando o assunto por encerrado. — Vai a Chaim. Talvez encontres lá aquilo que procuras.

Kaiku ponderou por um momento. Aquilo vinha, no mínimo, abalar o palpite de Copanis.

— Muito bem — disse. — Se o que afirma for verdade, então virei procurá-la e poderemos continuar a nossa conversa.

— Duvido que vivas até lá — replicou Cailin, e foi-se embora majestosamente, deixando Kaiku e Asara sozinhas.

Asara sorria ligeiramente na escuridão quente.

— Sabes que ela te podia ter obrigado a ficar.

— Desconfio que ela me quer dominar — disse Kaiku.

— Tens uma veia muito obstinada, Kaiku. Kaiku nem se deu ao incómodo de responder.

— Estamos terminadas aqui? — perguntou antes.

— Ainda não. Tenho um pedido — disse Asara. Afastou o cabelo comprido raiado de vermelho para trás do ombro e deu uma inclinação arrogante ao queixo. — Leva-me contigo para Fo.

Os sobrolhos de Kaiku carregaram-se.

— Diz-me a razão, Asara.

— Porque me deves isso e és uma mulher de honra. Kaiku não estava convencida, e via-se.

— Enganei-te, Kaiku, mas nunca te traí — afirmou ela. — Não precisas ter medo de mim. Tu e eu temos um objectivo comum. As circunstâncias subjacentes à morte da tua família interessam-me tanto quanto a ti.

Eu teria morrido contigo se os shin-shin houvessem sido mais rápidos, e devo a alguém um ato de vingança por isso. E preciso de te lembrar que, se não fosse eu, não terias sequer a máscara, nem a tua vida?

O ar nos teus pulmões está lá porque eu o pus.

Kaiku anuiu peremptoriamente.

— Decerto me estarás a esconder os verdadeiros motivos. Não confio em ti, Asara, mas estou em dívida para contigo — afirmou. — Podes vir comigo. Mas não terás a minha confiança enquanto não a voltares a merecer.

— Parece-me justo — respondeu Asara. — Não quero saber da tua confiança para nada.

— E Tane? — inquiriu Kaiku. — Trouxeste-o aqui. E então ele?

— Tane? — respondeu Asara. — Preciso do barco dele. Ele é um pouco acanhado, mas não de todo desagradável. Ele virá, se o deixares, Kaiku. Ele procura as mesmas respostas que nós; pois quem quer que mandou os shin-shin matar a tua família foi também responsável pela chacina no templo dele.

Kaiku olhou para Asara. Por um momento sentiu-se acabrunhada, arrastada pelo ritmo dos acontecimentos como se por uma onda, incapaz de se abster de se atirar de cabeça para o desconhecido. Rendeu-se a ele.

— Seremos então três — disse. — Partiremos pela manhã.

As herdades dos Sangue Amacha situavam-se entre as pontas grandes de uma bifurcação no rio Kerry, muitos quilómetros a leste de Axekami. Ali, o curso de

água das montanhas Tchamil dividia-se, cortado ao meio pelas formações rochosas inerodíveis que se projectavam da terra em filas denteadas. Para norte delas, como sucedia com quase todo o curso, o Kerryrn tornava-se mais calmo, os peixes eram mais abundantes, e havia apenas um deslizar despreocupado para jusante até à grandiosa capital de Axekami. A sul, porém, o novo afluente era agitado e traiçoeiro: o rio Rahn, não muito fundo, rápido e pouco percorrido.

O Rahn passava a leste das herdades dos Sangue Amacha antes de descrever uma curva nas terras separadas da falha de Xarana, e ali se despedaçava numa imensa queda-d'água. Só os viajantes mais aventureiros, em embarcações do tamanho de uma canoa, conseguiriam transpor as quedas-d'água levando o seu barco pelos flancos pedregosos até águas menos perigosas lá em baixo, mas a falha de Xarana encerrava os seus próprios perigos, e nem todos ousavam entrar naquele lugar assombrado.

Na verdade, a falha impedia qualquer deslocação pelo rio entre Axekami e as terras férteis a sul, obrigando antes a uma longa viagem costeira.

A partir da bifurcação dos rios, as cristas rochosas suavizavam-se em colinas, formando terraços represados de solo alagado. Os arrozais desciam a vertente da colina em escadas deslumbrantes.

Os trilhos das carroças passavam entre eles, e enormes engrenagens de irrigação elevavam a água do rio para ir abastecer os campos. No cimo da colina maior estendia-se a casa dos Sangue Amacha, uma imponente amálgama de edifícios a rodear uma fortaleza central de forma irregular.

A fortaleza tinha muralhas altas de pedra cinzenta, e terminava em torres e telhados inclinados de lájeas vermelhas.

Fora construída de modo a aproveitar a geografia do topo da colina, com uma ala a dominar uma escarpa rochosa enquanto outra acompanhava o declive do terreno, onde a muralha que circunscrevia o edifício não necessitava ser tão alta. As construções aglomeradas à sua volta eram quase uniformemente de telhados vermelhos, e muitas tinham sido erigidas recorrendo à madeira castanho-escuro, condizendo com as cores do estandarte dos Amacha.

A oeste da fortaleza, as colinas aplanavam um pouco, e não se viam aqui arrozais mas grandes pomares, extensões verde-escuras carregadas de frutos coloridos: laranjas, likiti, bagas de sorveira, globos gordos púrpura de kokomach. E para lá disso... para lá disso, as tropas dos Sangue Amacha treinavam nas planícies, uma imensidão de armaduras e aço reluzente castanho e vermelho, em número de cinco mil.

Treinavam em formações, imensos conjuntos geométricos de lanceiros, atiradores, esgrimistas, cavalaria. No calor sufocante do meio-dia de Saramyr, resfolegavam e suavam em combates simulados, falsos ataques, retiradas e reagrupamentos. Mesmo

com as suas armaduras ligeiras de couro curado e endurecido, actuavam magnificamente sob o olhar castigador de Nuki, as suas formações fluidas e rápidas.

A armadura de metal era impraticável para o combate em Saramyr: o sol era demasiado intenso durante a maior parte do ano, e o calor dentro de uma armadura completa mataria um homem no campo de batalha.

Os soldados de Saramyr lutavam sem toucado; se usavam algo, era uma fita em torno da cabeça ou um lenço estampado para se protegerem de uma insolação.

As suas disciplinas de combate assentavam na rapidez e na liberdade de movimentos.

Noutro local, mestres de armas comandavam as suas divisões efectuando os movimentos da esgrima, demonstrando rotações, paradas, golpes e manobras, encadeando-os depois todos em sequências de uma graciosidade mortal, os seus corpos dançando sinuosamente à volta das pontas reluzentes das suas espadas. Os canhões eram apontados a pedregulhos distantes, e o seu disparo retumbante ressoava pelas herdades.

As balistas eram testadas e calibradas as suas capacidades.

Os Sangue Amacha estavam a preparar-se para a guerra.

O Barak Sonmaga tu Amacha cavalgava solenemente sob o calor e a poeira do campo de treino, os ouvidos zumbindo com os gritos de batalha inflamados a toda a sua volta, as ordens berradas e as respostas tumultuosas dos grupos em preparação. O ar cheirava a suor e couro húmido, a cavalos e ao pivete sulfuroso dos disparos dos canhões e espingardas. Sentiu o peito inchar, o seu orgulho um balão que se expandia dentro de si. Quaisquer que fossem os seus pressentimentos, quaisquer que fossem os seus receios pela terra que amava, não podia deixar de se sentir acabrunhado por saber que cinco mil tropas estavam prontas para dar as vidas a uma ordem de comando sua. Não que apreciasse a lealdade deles — afinal tinham essa obrigação, e a obrigação e a tradição eram os pilares em que assentava a sociedade, — mas a sensação de mero poder que acarretava fazia-o sentir-se próximo dos deuses.

Passara a manhã a inspeccionar, a conferenciar com os seus ur-Baraks e generais, a discursar às tropas. A decisão de os obrigar a treinar sem um intervalo durante a parte mais quente do dia fora calorosamente recebida pelos seus subordinados, pois os soldados precisavam de conseguir lutar em quaisquer condições. Não que o Barak contasse com qualquer dissidência mesmo que tivessem discordado; era lendária a disciplina dos exércitos de Saramyr, e Sonmaga não estava acostumado a que as suas ordens fossem contestadas.

Acometido de uma súbita predisposição poética, esporeou o seu cavalo e passou por entre as filas de soldados em direcção à fortaleza situada distante a leste, empalidecida e semi-real devido aos véus graduados da luz do Sol. Mas o seu

destino não era a fortaleza; e, após uma curta cavalgada, refreou a dada altura da vertente que dava para as planícies poeirentas e ali desmontou.

Encontrava-se numa falésia baixa, onde uma aba curta de rocha irrompera pela ondulação regular da vertente da colina proporcionando solo plano.

Atrás dele, e um pouco mais para cima, estavam os primeiros muros de pedra seca que assinalavam a extremidade dos pomares, e para lá deles o solo verdejante era incluído numa massa de folhas, troncos, raízes e frutos. Deixou o cavalo a pastar na erva e aproximou-se da falésia, e ali observou a extensa massa das suas tropas.

A dimensão do espectáculo tirou-lhe o fôlego, mas mais avassaladora era a vastidão das planícies que fazia com que o seu exército se afigurasse insignificante. As formações maciças de homens pareciam formigas em comparação, a sua magnificência ofuscada pelo mundo que os rodeava. O céu era uma jóia azul perfeita, sem nuvens a ensombrá-la. O curso do Kerryrn era uma faixa ofuscante de intensidade exasperante, cintilando e tremeluzindo sob a luz violenta do olho de Nuki, seguindo o seu caminho imparável em direcção a Axekami, que ficava escondida debaixo do horizonte.

As planícies eram salpicadas por aglomerados de árvores, estradas de terra batida, um povoado aqui e ali; Sonmaga julgou divisar uma manada de banathi no seu progresso lento pelo panorama, mas a onda de calor turvava-lhe a visão.

Sonmaga ofereceu uma prece silenciosa de agradecimento aos deuses. Não era um homem impressionável, mas reservava qualquer brandura que possuísse para momentos como este. A natureza intimidava-o.

Esta terra intimidava-o, e amava-a. O seu olhar percorreu as minúsculas formações das suas tropas lá em baixo, e sentiu as suas dúvidas dissiparem-se. O que quer que sucedesse, sabia que seguira os ditames do seu coração. Estavam aqui em jogo questões maiores do que os tronos.

Não negava a si mesmo que queria poder. Elevar os Sangue Amacha a família dominante colocaria o seu nome para sempre na história, e a honra seria imensa. Mas seria levado a cabo um golpe nos seus termos, à sua maneira. Não queria uma guerra civil, não agora. Não era o momento certo; seria demasiado precipitado. Os acontecimentos tinham conspirado para compelir a sua mão.

Mas, para além do simples poder, um outro motivo se sobrepunha para a vitória. O amor profundo e duradouro de Sonmaga pela terra tornava-o sensível a ela, e a moléstia que vira infiltrar-se até aos ossos da terra marcara-o profundamente. Vira as provas mesmo nos seus pomares, o declínio que era demasiado gradual para ser detectado até comparar os registos de vários anos e constatar que cada vez mais fruta apodrecia nos ramos, mais árvores murchavam ou nasciam deformadas. Apesar de a moléstia quase não ter afectado as suas terras em comparação com algumas outras zonas menos afortunadas, sentia uma terrível aversão por ela, como se a

corrupção se infiltrasse em si bem como no solo. E depois havia os Aberrantes, filhos do mal, gerados pelos camponeses na sua terra; e receou que, se chegasse o momento de casar e ter um filho, ele pudesse sair como eles, fraco, deformado e terrível. Torcer-lhe-ia o pescoço se visse um filho seu nascer Aberrante.

E agora Lúcia. A Imperatriz-Herdeira uma Aberrante? Não existia maior afronta aos deuses, à natureza, ao senso simples.

O momento não era de tolerância para com estas criaturas — uma tolerância que certamente aumentaria se Lúcia subisse ao trono. Eram sintomas de um mal que estava a destruir Saramyr, e encorajá-los seria uma loucura.

Não, o desejo de poder não bastaria para levar Sonmaga a lutar contra a sua Imperatriz, nem a actual conjuntura. Mas impedir o progresso do veneno na terra? Por isso, ousaria quase tudo.

Tirou a carta do bolso e releu-a, a carta que fora fechada com o selo do Barak Avun tu Koli, e perguntou-se se não conseguiria ainda virar o rumo dos acontecimentos.

CAPÍTULO 13.

A ilha de Fo situava-se ao largo da costa noroeste escarpada de Saramyr, a um dia de viagem pelas ondas tingidas de vermelho do canal de Camaran. O vento tornara-se mais fresco com o decorrer da tarde, e sussurrava e assobiava através das enfrechaduras do enorme junco, enfunando as velas que brotavam do seu costado como as barbatanas dorsais de alguma magnífica criatura marinha.

O Summer Tide era um navio mercante pertencente ao consórcio comercial mais rico de Jinka, o que estava bem patente. O seu talabardão fora moldado à semelhança das vagas procelosas, que se perseguiram da popa à proa, e no meio delas brincavam focas e baleias, espíritos marinhos e animais imaginários das profundezas. As velas eram magníficas de se ver, com varas de madeira envernizadas sustentando enormes leques de lona bege entre elas, e pintadas com a chancela vermelha do consórcio. Era uma beleza, transportando uma carga de coisas igualmente belas: sedas, perfumes, especiarias; e vários passageiros, dois dos quais observavam a ilha solitária cada vez mais próxima.

Kaiku estava encostada à amurada de carvalho espesso no convés da proa, o seu cabelo volumoso fustigando-lhe incessantemente as faces queimadas pelo sol. Não era particularmente feminina, atendendo a ser filha de um nobre; mas, por outro lado, tão-pouco o eram as suas roupas, e sempre fora uma maria-rapaz. Vestia calças de um tecido pesado e solto e botas macias presas com couro para ficarem justas.

Além disso, trajava uma camisa leve azul, cruzada da direita para a esquerda — os homens usavam as camisas ao contrário — e cingida à cintura com uma faixa vermelha.

Sentiu o sol na pele e espreguiçou-se como um gato, regalando-se com o calor. Tane, sentado próximo, observava-a com olhos ávidos.

Passara uma semana desde que tinham deixado Axekami e tomado uma barca até Jinka, a montante. A viagem rio acima era necessariamente mais lenta numa embarcação sem velas, mas a corrente do Jabaza não era forte nesta época do ano, e a barca dispunha de bastantes homens contratados para a roda. Esta gente trigueira raramente subia ao convés; a sua viagem era passada nas engrenagens do coração quente da barca, fazendo girar a maciça roda de pás que fornecia energia à embarcação por causa da corrente. Durante três dias tinham visto o pico achatado do monte Makara erguer-se lentamente do horizonte, até se avolumar imenso entre as montanhas circundantes, um verde-azulado-pálido, e puderam ver os pedaços de fumo que saíam do seu âmago vulcânico.

Aquela etapa da viagem, de Axekami subindo o Jabaza, fora fácil e agradável, e o tempo estivera bom; no entanto, a lembrança que Tane tinha dela ficara manchada

pela repugnância.

Porque não fora uma viagem inteiramente calma. Entre os passageiros do Summer Tide estivera um Tecedor a caminho de Jinka.

O Tecedor tinha uma cabina separada na popa do navio, onde passava a maior parte do tempo. Havia um criado de bordo que atendia às suas necessidades, um rapaz com cerca de doze anos, de ar atrevido, que lhe levava a comida e despejava o vaso de noite. Chamava-se Runfey e era uma presença sempre sorridente a bordo da barca, ouvindo-se com frequência a sua gargalhada pelo convés.

Um dia, com o aproximar do crepúsculo, Kaiku foi tomada de um súbito mal-estar. Tane encontrava-se com ela na altura; Asara encontrava-se algures, sozinha, como era sua preferência.

Kaiku gemera alto ao sentir a cabeça esvaída; depois parecera reparar em Tane, e calara-se.

Este não pudera deixar de se sentir vexado pela forma como ela se fechava, guardando ciosamente o seu segredo.

Não fez menção de compreendê-la, mas ficou com ela até o mal-estar passar. Vinte minutos depois, começaram os ruídos.

Kaiku fora-se deitar, e Tane estava lá fora sozinho, vendo as luas erguerem-se enquanto a escuridão aumentava. O rio era um abismo ondulando pacificamente, realçado pela luz de Iridima.

O único som era o bater suspirante da água no casco da barca, e o chiar do seu madeiramento.

Tane sentira-se então estranhamente pacífico, calmo como há muito tempo não estava, nem mesmo lá na floresta, quando tentara controlar as suas meditações.

Os gritos e a fúria tinham começado de repente, vindos da cabina do Tecedor. Tane aproximou-se mais, curioso. Parecia que o Tecedor estava com um terrível acesso de raiva, partindo coisas e atirando-se de um lado para o outro no interior. Os dois guardas postados à sua porta não tentaram sequer dispersar o pequeno grupo de marinheiros que se reunira ao ouvir o barulho, mas não deixaram ninguém entrar. A não ser Runfey.

Foi trazido por outro guarda, levado pelo braço até à porta do Tecedor. Não se debatia, mas o medo puro nos seus olhos quando se cruzaram com os de Tane iria atormentá-lo por muito tempo depois.

Os guardas abriram a porta, e tudo se silenciou lá dentro, uma espécie de silêncio predatório que deixou Tane gelado. Depois introduziram Runfey, e fecharam a porta atrás dele.

Tane e seis dos marinheiros ficaram ali naquela noite, e ouviram os gritos de Runfey enquanto o Tecedor descarregava a sua raiva no rapaz. Ouviram-no pedir e suplicar enquanto era espancado, ouviram-no gritar e gemer quando lhe foram

infligidas outras torturas que Tane apenas pôde imaginar, ouviram-no berrar ao ser violado sucessivamente. Duas horas ficaram ali, testemunhas dos horrores que eram perpetrados naquela cabina, enquanto a fúria pós-Tecedura do seu hóspede torpe se esgotava. Ninguém se mexeu, pois seria uma vergonha imperdoável virar costas; no entanto, também ninguém ousou intervir.

Só quando o silêncio se instalou é que Tane se afastou para rezar. Fazia-o ainda na calada da noite, quando ouviu o chape de algo pesado atirado borda fora. Nunca mais viram Runfey.

Ninguém voltou a falar do assunto. O dia seguinte decorreu como se nada se tivesse passado, e Kaiku nem sequer se apercebera ainda do sucedido. Tane preferira não lhe contar; não seria bom para ninguém.

Depois daquilo, tinham rumado a oeste, até ao canal de Abanahn. Tane sentiu um estranho acesso de orgulho patriótico ao vê-lo. Ouvira falar dele apenas nas histórias: uma imensa via de água criada pelo homem, que ligava Jabaza à costa, um dos feitos mais prodigiosos da engenharia em Saramyr. Superfícies enormes de pedra branca erguiam-se de cada lado, salpicadas de torres, portas e esclusas.

Mecanismos imensos com dentes que tinham metade do tamanho da barca deles jaziam adormecidos, mas Tane ouvira contar que podiam servir para criar portas impenetráveis que impediriam os inimigos de navegar pelo canal vindos do mar e chegar ao interior de Saramyr.

Passaram por baixo de um oratório curvo de tamanho monolítico, ligando um lado do canal ao outro, a sua inscrição solicitando a bênção de Zanya, deusa dos viajantes.

Navegava em ambos os sentidos tamanha profusão de barcos garridos e barcas que Tane passou todas as horas de claridade no convés, observando-os espantado, tal como uma criança observa um cortejo.

Momentos como este fizeram-lhe recordar quão incrivelmente limitada fora a sua vida até ao momento, passada quase que exclusivamente na Floresta de Yuna.

O que viu de Jinka era ainda mais delirante do que as ruas de Axekami. Desembarcaram nas docas no meio da tagarelice de centenas de trabalhadores, o chiar e gemer de roldanas e cordas grossas ao descarregarem caixotes e fardos, a gargalhada roufenha dos marinheiros nas tabernas.

O Tecedor foi à sua vida, ao mesmo tempo que Asara os levou a um mestre barqueiro que afirmava conhecer.

O mestre barqueiro não parecia lembrar-se dela, mas, após algumas palavras em privado, sorriu e disse que teria o maior prazer em arranjar-lhes transporte. Asara guardou silêncio.

E assim passaram a noite numa estalagem limpa e respeitável do templo. As estalagens dos templos eram locais de repouso propriedade dos sacerdotes de um ou

outro deus, e o único local onde eram menores as probabilidades de serem incomodados por prostitutas, bêbedos ou criminosos do que se ficassem nas docas. Tane atormentara-se por causa dos shin-shin, incapaz de os afastar da memória e lembrando-se do comentário de Asara a respeito de os demónios poderem localizá-los quando abandonassem a segurança da capital.

Mas tinham entrado em Axekami pela água e saído pela água, e parecia que o seu rasto arrefecera. Ninguém os incomodou naquela noite.

Quando o dia raiou, foram levados ao Summer Wind, e partiram para Fo.

Tane encostou-se então à amurada, ao lado de Kaiku. Ela resplandecia com a luz de oeste.

Não tão bela quanto Jin — Asara, corrigiu-se, — era detentora de um tipo de atracção diferente, e essa, sim, mais forte.

Talvez tivesse algo a ver com a forma como a conhecera, a sua total vulnerabilidade. Ela despertara a sua necessidade de curar, e ele restituíra-lhe a força. Talvez fossem as suas semelhanças.

Ou talvez fosse algo completamente diferente.

Lúcia sonhava.

Os seus sonhos eram sempre estranhos, fruto de murmúrios absurdos do subconsciente que emanavam da vida que a rodeava.

Quando sonhava, escutava os pensamentos lentos e pueris das árvores do jardim no terraço, a algaraviada rápida e ininteligível do vento, os corvos obsessivamente concentrados e as meditações de uma antiguidade impossível, da colina sobre a qual a Fortaleza fora construída, para quem a conclusão de um único pensamento levaria mais tempo do que toda uma vida humana. Nunca havia silêncio para Lúcia, e os sons à sua volta traduziam-se em estranhas imagens quando dormia.

Ultimamente deixara por completo de sonambular. A presença invisível que começara subitamente a persegui-la era demasiado assustadora e demasiado perigosa. No entanto, naquele momento, sentia a sua atenção monstruosa a atacar as extremidades do seu consciente. Era sôfrega, voraz, frustrada pela elusividade dela. Não permitiria que a apanhasse.

Ao longo do ano em que começara a explorar a Fortaleza nos seus sonhos, aprendera de certa forma a controlar as suas capacidades. Se a princípio não soubera dizer onde se encontrava quando fechava os olhos, e fora uma mera espectadora das suas próprias deambulações, não tardara a aprender a orientar-se e a escolher os locais a visitar. Mais importante ainda, aprendera a não sonambular, para o poder reprimir se quisesse e dormir descansada. Raramente se sentia repousada após uma noite a deambular mentalmente pelos corredores da Fortaleza; mas, naqueles primeiros tempos, a sua curiosidade em relação ao mundo fora da sua prisão levava-a a voltar a fazê-lo sucessivamente. Durante o dia, era um rumor entre as pessoas da

Fortaleza; à noite, um fantasma.

Mas outras coisas mudaram também. O que quer que tivesse desencadeado quando dera a madeixa de cabelo ao homem no jardim, estava a ganhar ímpeto, e sentia-o diariamente.

Sonhou que se encontrava à beira de uma escarpa alta e rochosa, um enorme promontório que descia várias centenas de metros até rochas denticuladas lá em baixo. A paisagem alargava e estendia-se por debaixo dela, um caos impossível de cumeadas e pedra partida, vales estrangulados por árvores e planaltos.

Lá em baixo abundavam os espíritos, invisíveis nas suas cavernas, e sussurravam e murmuravam uns com os outros durante a noite.

A noite. As três luas pairavam diante dela num céu de veludo, tão próximas que se sobrepunham. Aurus parecia suficientemente perto para se lhe tocar, erguendo-se imensa na escuridão salpicada de estrelas.

Não se sentia minimamente incomodada pela impossibilidade de as três luas se encontrarem numa tão estreita proximidade e o turbilhão uivante de uma tempestade lunar não fustigar a terra.

Com a lógica fácil do sono, sabia simplesmente que não chegara ainda o momento certo.

Sentiu a dama dos espíritos observá-la antes de se virar para a olhar. A superfície plana e inclinada da rocha onde se encontrava projectava-se de uma mata densa, e pôde ver nas sombras da linha das árvores a forma enevoada e turva da misteriosa desconhecida. Era uma mancha de preto e branco, um desenho a carvão de criança, estendendo-se alta e magra com uma capa enrolada à sua volta como as asas de um morcego. Sempre demasiado longe para ver com clareza, sempre a escapar à visão de Lúcia. Esta encontrara-a quando o monstro invisível não fora capaz; mas Lúcia não temia a dama dos sonhos.

Não havia ali maldade, apenas uma inquietante intensidade. Com frequência, estava apenas presente nas margens dos sonhos de Lúcia, observando em silêncio de algum ponto distante, um telhado ou uma caverna, o seu olhar firme ao seguir a Imperatriz-Herdeira. Às vezes falava, e, apesar de Lúcia não gostar da voz dela, as suas palavras eram muito claras e contava-lhe coisas sobre o mundo lá fora.

Lúcia, desesperadamente curiosa, conversava sempre que podia com a dama dos sonhos; mas as mais das vezes a recém-chegada não respondia, ficava a observá-la desconcertantemente, sempre de longe.

Lúcia não sabia como interpretar tudo aquilo, mas tinha a impressão de que a dama dos sonhos lhe dizia exactamente o que a jovem Imperatriz-Herdeira queria saber, e nada mais.

Mesmo assim, com o decorrer do tempo, acabou por saber quem e o que era a dama dos sonhos, e começou a vê-la como uma espécie de amiga estranha.

Ao que parecia, esta noite ela não falava. Pairava nas sombras, uma bruma meio visível, e olhava fixamente. Lúcia ignorou-a. Aprendera entretanto que era escusado fazer fosse o que fosse para além disso.

Distraidamente, sentiu a malevolência invisível, voltando a persegui-la. Estava distante e não constituía ameaça para ela aqui.

Não se ouvia nenhum som, apenas o suspiro do vento frio e o chamamento dos espíritos lá em baixo na paisagem irregular.

Lúcia aproximou-se da beira e olhou para baixo, o seu cabelo louro caindo-lhe sobre os ombros. Quando se virou, a dama dos sonhos desaparecera.

Apanhou um susto. Estava bastante acostumada às visitas da dama dos sonhos, mas os seus súbitos desaparecimentos eram sempre uma surpresa. Antes, ela só desaparecia quando a presença escura que a perseguiu se tornava demasiado forte, ficava demasiado próxima. Dissera a Lúcia que se afastasse da presença, que não devia deixar-se detectar.

Lúcia aceitara-o, mas quando lhe perguntara o que era a presença, a dama dos sonhos não quisera dizer.

Agora, porém, o ar parecia ter ficado leve, assumindo um trazo a cobre, e os pêlos finos na pele de Lúcia eriçaram-se. Sentiu-se como se fosse levantada, arrastada em direcção ao céu, apesar de os seus pés permanecerem firmemente no solo. A atmosfera ficara carregada, e os espíritos escondidos no panorama por debaixo dela tinham-se silenciado.

Sentiu uma mão tocar-lhe no ombro, muito maior do que qualquer mão humana, finos dedos brancos terminando em unhas aduncas. O seu coração pareceu abrandar e parar. Não ousou virar-se. Sentia-os, a sua presença causando-lhe um arrepio na consciência. Coisas más, sem idade, infinitas, as três irmãs que percorriam a Terra quando os três satélites partilhavam o espaço no céu nocturno. As Filhas das Luas.

A sensação foi simultaneamente sinistra e divina, enchendo-a de terror e receio em partes iguais. Fechou os olhos com força, sabendo que por detrás de si não havia solo onde se firmar, que os espíritos pairavam no ar sobre o precipício, maciços, frios, medonhos. Não suportou olhar para eles, não conseguiu enfrentar o vazio improfundo dos seus olhos, onde se agitavam motivações que eram tão estranhas para a humanidade quanto os deuses. E, apesar de uma parte de si saber que se tratava de um sonho, não lhe trouxe conforto; porque os sonhos não constituíam refúgio para seres como estes.

Proferiram-se palavras, mas chegaram como um ruído horrível, desagradável e cortante, fazendo Lúcia estremecer. Não podia esperar compreendê-las. Agitou-se, baixando a cabeça, o lábio inferior tremendo e os olhos fechados com muita força.

Depois estavam diante dela e não por detrás, as três pairando, e, apesar de não as conseguir ver, podia sentir os seus contornos através das pálpebras. Sentiu algo

roçar-lhe de lado o cabelo, e estremeceu.

Uma unha. Tocou-lhe de novo, infundindo-lhe um novo pânico e maravilha, a estranha corrente que passava para ela devido ao contacto. Bastou-lhe um momento em suspenso para se aperceber do que o espírito fazia.

Acariciava-a, servindo-se apenas de um dedo, tal como uma pessoa faria a um animal delicado, ou uma mãe a um recém-nascido. Acalmava-a. Ouviu-se de novo a voz, e mais uma vez era horrível de escutar; mas desta feita um pouco mais suave, uma qualidade tonal que transcendia a linguagem e o significado.

Lúcia não sabia o que pretendiam. Não sabia sequer se pretender era um conceito que se lhes aplicasse. Mas proferiu uma prece às irmãs luas, e depois abriu os olhos, e contemplou as filhas delas.

O quarto de dormir imperial estava às escuras e silencioso. As quentes brisas nocturnas entravam pelos arcos elegantemente curvos das janelas, agitando os finos véus que pendiam diante delas.

Encostada a uma parede, a enorme cama era uma paisagem ondulada de lençóis opalescentes, ouro, branco e carmesim. A cada canto estava um dos Guardiões dos Quatro Ventos, esculpidos em metais preciosos e de braços erguidos para sustentarem o dossel sobranceiro que cobria toda a enorme estrutura.

Anais tu Erinima, Imperatriz do Sangue de Saramyr, encontrava-se junto a um toucador da melhor madeira, encostada delicadamente à parede, na mão uma taça de prata de vinho cor de âmbar. O seu cabelo louro estava solto, caindo à volta do seu rosto ilusoriamente inocente e sobre os ombros da camisa de noite de seda preta que vestia. O lach cor de azeviche do chão estava frio sob os pés descalços dela — para além das suas propriedades reflectoras, o lach era também uma pedra apreciada pela sua relutância em absorver o calor, logo, mantinha o quarto fresco.

Sorveu o vinho e esperou, acalentando a sua fúria.

Odiava-o tanto. Como se o Imperador Durun nunca antes tivesse sido motivo suficiente de mortificação, esta questão com Lúcia tornava-o cem vezes pior. Parecia apostado em fazer tudo para a humilhar.

A sua embriaguez, sempre com tendência para o exagero, era agora aterradora. Bebia nas festas, gritando e vomitando até os seus companheiros de caçadas ficarem constrangidos. As próprias caçadas eram uma bênção, porque o mantinham longe da Fortaleza alguns dias de cada vez; mas ele usava-as como pretexto para evitar convidados importantes e muitas vezes chegava a casa em pior estado do que partira.

Anais enfureceu-se só de pensar no assunto. Pelo menos sempre lhe restava a consolação de que a família dele, os Sangue Batik, a tinha apoiado no conselho. Mas, vendo bem, era uma espada de dois gumes.

Se os Sangue Batik se lhe houvessem oposto, pelo menos sempre tinha a

possibilidade de anular o seu casamento com Durun; agora, era obrigada a suportá-lo, pois não podia dispensar o apoio da família dele.

Durun era demasiado obstinado e indómito para aceitar a decisão da família neste assunto, e via-se bem a sua frustração. Ele e o pai, o Barak Mos — um arruaceiro igual ao filho, tinham discutido acesamente nas últimas semanas, mas cada confronto só servira para criar em Durun uma maior vontade de cobrir-se de ridículo.

Após o que o Barak quase se desculpara perante Anais, pedindo-lhe que perdoasse as transgressões do filho e prometendo compensá-la por elas no futuro.

Anais sabia quão difícil lhe fora vencer o seu orgulho nada insignificante para tomar aquela atitude, e ficara sensibilizada; mas isso não diminuía em nada a sua raiva.

Há anos que as indiscrições de Durun com as senhoras da Fortaleza eram um segredo público. Normalmente, preferia as mais jovens; as filhas impressionáveis de nobres menores de visita à corte, demasiado lisonjeadas pelas atenções do Imperador para pensarem nas consequências. Outras vezes deitava-se com serviçais que não se atreviam a dizer-lhe que não.

Noutras alturas trazia prostitutas dos lupanares para a Fortaleza. De começo fora em ocasiões raras, e Anais tolerara-o.

Não se tratava de um casamento de paixão, mas político; de bom grado faria qualquer coisa para o tornar mais suportável. Contudo, aos poucos, ele mostrara-se menos discreto, e tinham começado os boatos.

Inicialmente, Anais sentira-se humilhada com o caso, arraigada à noção de que deveria ser suficientemente boa na cama para o conseguir prender; mas depois, como sempre, não estava em posição de insultar terrivelmente os Sangue Batik divorciando-se do seu filho preferido. A força proporcionada pelo seu casamento é que mantinha os Sangue Erinima onde estavam, e não podia deitar tudo a perder, nem mesmo quando os seus votos estavam a ser flagrantemente violados.

Acabou por deixar de se preocupar. Ele que fizesse o que entendesse. De um modo geral, era-lhe indiferente como marido. As vezes, mas só às vezes, quando ele convergia a chama intensa das suas paixões para algo válido — ou, mais raramente, para ela — é que vislumbrava o homem que ele poderia ter sido, o casamento que era suposto ser. Mas esses momentos eram demasiado raros e espaçados; apenas o suficiente para lhe frustrar as hipóteses. Ele desgastava-se em paixões idiotas, lutas, bebedeiras e devassidão.

Mas agora Durun fora longe de mais.

Esta noite regressara de uma caçada bêbedo que nem um cacho e ordenara um banquete para si e os seus companheiros. Ali, no salão, tinham-se comportado como porcos e emborcado vinho. Durun, todo inchado de ter morto um javali sozinho, estava ainda mais descontrolado do que o habitual. Quando uma das serviçais viera

servir-lhe outra bebida — uma moça simples, magra e despretensiosa cuja falta de inteligência era compensada por um peito desproporcionadamente grande, — ele atraía-a a si e para cima da mesa, espalhando comida gordurosa e copos de vinho, e possuía-a ali mesmo.

A criada particular de Anais, a quem esta encarregara de entregar uma mensagem ao Imperador quando regressasse da caçada, entrara naquele momento. Encontrara-o entre as pernas da serviçal, os seios à mostra entre as metades rasgadas da camisa, arfando a cada arremetida enquanto os companheiros de caça de Durun se tinham reunido e soltavam vivas.

Ela relatara à Imperatriz uma versão ligeiramente menos ilustrativa dos acontecimentos.

Anais ficara lívida. Os boatos eram uma coisa; as pessoas podiam fingir ignorá-los. Mas isto era intolerável.

O Imperador de Saramyr, parecendo um animal com o cio num salão meio cheio de serviçais e de filhos dos nobres, a expor a sua infidelidade aos olhos de todos. Era mais do que podia suportar.

Os passos pesados e vacilantes que se aproximavam da porta do quarto anunciaram a chegada do seu intratável marido. Ele escancarou a porta e entrou pesadamente, pouco firme.

Com as suas feições pronunciadas e cortantes, não perdera o porte orgulhoso e altivo mesmo no estado em que se encontrava. Viu Anais de pé junto ao toucador, e fechou a porta atrás de si.

Afastando a sua comprida cascata de cabelo negro fino — agora suja de gordura e empastada de vinho, — olhou-a com desdém.

— Esposa — disse. — Pareces irada.

Ela atravessou o quarto em três passadas e atirou-lhe a taça de vinho ao rosto.

— Sua amostra de homem repugnante! — proferiu, enfurecida. Ele ripostou, arrancando instintivamente a taça de vinho da mão dela.

Caiu com ruído no chão de lach e rolou até parar. Esbofeteou-o, com força. Ele recuou, mais surpreendido do que magoado. Voltou a bater-lhe, desta vez mais violentamente. Uma pequena parte dela dizia-lhe que uma imperatriz não devia agir desta maneira, mas o vinho e a fúria reprimida sobrepuseram-se-lhe. Foi tomada da necessidade de o magoar, encorajada pelos seus primeiros ataques; e voltou a bater-lhe, uma vez e outra, socando-o com os punhos.

Ele libertou-se da perplexidade inicial quando a dor se instalou no seu cérebro toldado pela bebida. O golpe seguinte de Anais foi detido por uma mão com luva preta, que lhe agarrou o pulso.

Instintivamente, tentou atingi-lo com o outro, mas ele agarrou-o também, mantendo-lhe os braços afastados. Debateu-se desesperadamente contra ele,

querendo subitamente fugir. Viu a chama nos olhos dele e receou ter ido longe de mais. Ele era muito maior e mais forte do que ela, e segurava-a com uma facilidade impressionante.

— Larga-me! — ordenou, irada. — Patife!

Os olhos negros dele ameaçaram-na com dor, e ela torceu-se para se soltar; depois, subitamente, ergueu-a pelos braços, atirando-a de encontro à parede com força suficiente para lhe tirar o fôlego.

— Ó vida — falou com voz rouca. — Há muito tempo que não via em ti este espírito combativo, Anais.

E depois beijou-a, intensa e selvaticamente, mordendo-lhe os lábios e a língua. Ela debateu-se, emitindo sons de protesto através do nariz; ele atirou-a de novo contra a parede.

— Agora vais portar-te bem? — perguntou. Ela fraquejou.

— Patife — repetiu, mas sem qualquer força na voz. Ele recuou e soltou-a. Ela olhou-o durante algum tempo nas sombras, os seus olhos sinistros e desconfiados ao mesmo tempo. Ó espíritos, como o odiava; mas desejava-o também. Apenas a mente e o coração dele eram fracos e estúpidos; quando a dominava desta maneira, quando estava manietada diante dele, conseguia imaginá-lo como o homem mais poderoso e perigoso que desejava para marido, em vez do vadio indolente que lhe tocara.

Bem, porque não tirar dele o prazer possível? Tinha tão pouco mais. E só precisava do corpo dele...

Avançando impetuosamente, agarrou-lhe a cabeça, os dedos como garras na nuca dele, atraindo-o num beijo tão brutal como o que ele lhe dera. Saboreou o vinho no hálito dele, misturado com outras coisas menos agradáveis, mas em nada diminuiu a sua paixão subitamente despertada. Ele empurrou-a de novo contra a parede, e desta vez viu o desejo animalesco no rosto dele. Não a desejava, não especificamente; ele queria uma mulher, qualquer mulher. Bem, isso convinha-lhe. Ela queria um homem, e de momento ele servia.

Agarrando-lhe a frente da camisa de noite, rasgou-a ao meio com enorme violência. Ela tentara resistir, mas continuava dominada pela pujança dele, atraída para ele pela força.

Empurrou-a novamente, e com um segundo esforço arrancou-lha por completo. Ficou diante dele, a sua forma pálida e esbelta nua nas sombras, os seios pequenos e duros subindo e descendo com a respiração.

Depois caíram nos braços um do outro.

A sua união foi bruta e violenta, cada um usando o corpo do outro sem pensamentos de ternura. Anais rasgou as roupas do marido com a mesma avidez que ele as dela, passando as mãos pelos músculos tensos do seu corpo e a fina camada de gordura sobre eles, o legado de demasiada bebida e alimentos ricos.

Não foram pedidas tréguas, nem concedidas quaisquer; empalou-a sucessivamente e rolaram pela cama, cada um procurando a posição dominante. Por fim ela prendeu-o e ele cedeu.

Movimentou-se contra ele cada vez mais depressa. Apesar de tudo o que bebera, e de todos os seus muitos defeitos, possuía ainda um certo atributo superior ao da maioria dos homens, e Anais deixou que a penetrasse impiedosamente. De manhã, voltariam ao que sempre eram, litigiosos e rancorosos; mas de momento, com o peso do reino sobre os seus ombros e mais preocupações do que as que conseguia enumerar, aceitou a paixão por que tão desesperadamente ansiara, e encontrou nela a libertação.

Quis dizer-lhe que o odiava mas as palavras, quando chegaram no meio do orgasmo, foram bem diferentes.

CAPÍTULO 14.

Quando caiu a noite, Asara foi caçar.

Tinham chegado ao porto de Pelis antes do pôr do Sol, a travessia abreviada pelos ventos favoráveis. As velas dobradas e o cordoame dos outros juncos que oscilavam no porto eram silhuetas no fundo de chamas vermelho-alaranjadas no horizonte a poente. As sombras eram longas, e o ar transbordava com o som lascivo dos cbikkikii ao fazerem estalar e agitar os seus élitros em esconderijos invisíveis.

Apesar dos eternos estivadores e marinheiros aqui presentes como em todos os portos comerciais, o trabalho prosseguia a um ritmo mais calmo, mais indolente, como se em reverência ao crepúsculo que se avizinhava. Bares iluminados por lanternas e lojas ao estilo provinciano funcionavam indolentemente com o calor do dia moribundo. Era a hora de os apaixonados caminharem de braço dado, da sedução por detrás das persianas fechadas.

Kaiku deixou-se simplesmente conquistar pela atmosfera do lugar, antes mesmo de o Summer Wind ter entrado na baía e de as amarras serem atiradas aos homens na doca. Uma tão curta separação do continente e, no entanto, um estranho apercebia-se logo, só de olhar, que as coisas se processavam de modo diferente aqui em Fo. Asara já ali estivera muitas outras vezes, e sempre a detestara pelas mesmas razões que agradava a Kaiku. Reinava a paz em Pelis e, para Asara, a paz equivalia ao tédio. Estava ansiosa por sair, chegar às partes ermas de Fo, onde a vida não era tão fácil.

Tendo desembarcado, Asara anunciou que lhes iria arranjar passagem para norte naquela noite, e partiriam de manhã, se possível. Aconselhou Kaiku a adquirir uma espingarda; iria necessitar de proteção no sítio para onde se dirigiam.

A ideia deixou Kaiku entusiasmada. Sempre fora uma excelente atiradora, e os acontecimentos recentes tinham-na feito perder a prática. Ela e Tane iriam comprar mantimentos e armas.

Asara ficou sozinha, como era do seu agrado.

Seria mais fácil conseguirem viajar numa caravana de comércio com destino a Chaim. As suas anteriores visitas tinham-na ensinado a procurar as pessoas certas, muito embora estivesse radicalmente diferente de então, e ninguém a reconhecesse. Apenas uma caravana partia na manhã seguinte, mas ia suficientemente bem protegida e convinha às necessidades deles.

Aproximou-se do dono da caravana, que estava a inspeccionar a colocação da carga. Ele fez-lhes um bom preço pela passagem. Era tão fácil manipular os homens com aquele aspecto. Estava friamente ciente do efeito exercido pela sua beleza na mente humana. Executou os movimentos do namorisco, aborrecida por dentro,

produzindo uma sequência de sorrisos, gargalhadas, inclinações do corpo, pequenos toques. A sua vítima tinha a excitação estampada no rosto. Por vezes, a sequência necessitava de uma certa adaptação ao indivíduo, mas por norma não.

Suspirou para consigo mesma enquanto se afastava, feito o trato.

Que animais insensatos eram os homens: tal como os cães, simples de treinar, pedindo mimos, ávidos no cio e no apetite. Tinha pouco respeito fosse por quem fosse — com algumas honrosas excepções, — mas pelo menos a maior parte das mulheres revelava um pouco de dignidade. Os homens eram simplesmente uma desgraça.

Feita a transacção, voltou a encontrar-se com Tane e Kaiku, que a informaram da estalagem que encontraram e onde iriam ficar todos. Asara conhecia-a bem, e fora uma escolha segura.

Mandou-os descansar; ela tinha uns assuntos a resolver antes de se recolher. Aceitaram a explicação dela, sabendo que não se deviam intrometer. Houve perguntas durante a viagem: onde estavam as queimaduras que sofrera; porque parecia diferente? Mais gratificante fora o choque de Tane quando ela aparecera no convés da barca de mangas curtas, e ele vira que a tatuagem da Guilda dos Mensageiros que se estendia pela parte de dentro do braço era agora apenas uma mancha escura semelhante a uma equimose. No dia seguinte desaparecera por completo. Não lhes deu respostas. Não apreciava a curiosidade deles.

Caminhou pela cidade enquanto as sombras negras da noite se espalhavam pelas ruas estreitas e pitorescas. Aurus e Neryn partilhavam o céu, a imensa lua cor de pérola e a sua minúscula irmã verde.

Iridima, a mais brilhante, não estava visível; a sua órbita levava-a para outras paragens, pelos vistos. À claridade pálida, matizada de verde, Asara deambulou pelas vielas iluminadas pelas lanternas, matando o tempo. Passou por uma rua de bares e restaurantes, silhuetas movendo-se nas janelas enquanto se ouviam conversas e gargalhadas; mas parecia-lhe tudo estranho, e fê-la sentir-se extraordinariamente sozinha.

Este lugar possuía um maravilhoso encanto histórico, com as suas varandas e corrimãos de metal serpenteante e vielas irregulares, mas não tinha a capacidade de enternecer Asara.

Aos poucos, a cidade de Pelis preparava-se para dormir. Esperou, paciente como uma aranha. Escolhera já a presa daquela noite, detectara-a a bambolear-se até casa, arfando do esforço de puxar a sua estrutura gorda pelas ruas empedradas a subir. Por norma, preferia as mulheres — agradavam-lhe as curvas sensuais dos seus corpos, a fragrância delas, — mas o seu encontro com o dono da caravana incutira-lhe o desejo perverso de alguém volumoso e repugnante. Era um peixeiro, pelo cheiro, e vivia numa casa de esquina vulgaríssima numa rua sossegada.

Normalmente, teria passado mais tempo a estudá-lo antes de atacar — certificando-se de que vivia sozinho, observando os seus hábitos, — mas esta noite teria de se permitir uma certa imprudência.

Não sabia quando ocorreria a próxima hipótese, e a necessidade pressionava-a.

Escondera a espingarda debaixo de uma fila de arbustos; só a iria estorvar. Seguiu pela rua até ter a certeza de que ninguém a observava, depois atravessou até à parede da casa e comprimiu-se contra ela.

O rés-do-chão era seguro, mas no segundo andar as persianas estavam abertas para deixar as brisas nocturnas de Verão circular pela casa. Asara experimentou a textura da parede. Era de pedra da região, rugosa e sujeita às intempéries, e proporcionava-lhe apoios mais do que suficientes para as mãos.

Deu uma olhada final e depois subiu. Em quatro movimentos rápidos alcançou o parapeito, de onde espreitou lá para dentro. A divisão do outro lado estava iluminada pelo luar esverdeado, e atafalhada com as roupas volumosas do peixeiro, amontoadas desordenadamente no soalho ladrilhado. Era simples e parca, construída para ser fresca e arejada, a fim de combater o calor. O próprio peixeiro era uma montanha de carne numa esteira a um canto, virado de lado com as costas para ela, meio coberto por um lençol fino. Os seus ombros, cheios de pêlos encaracolados, subiam e desciam enquanto dormia.

Introduziu-se lá dentro, transpondo o parapeito, e desceu para o chão sem fazer barulho.

Avançou silenciosamente para ele, olhando desconfiada a porta escura sem cortina que dava acesso ao resto da casa. Quando chegou à beira da esteira-colchão dele, endireitou-se e puxou o cabelo para trás da orelha, olhando-o de cima. Sentia o cheiro acre a suor nocturno que emanava da pele dele, carregado do cheiro ao peixe que comera e manuseara. E algo mais também, outro cheiro leve: perfume e coito.

Os olhos dela incidiram na depressão baixa na esteira ao lado do volume dele, demasiado pequena e ligeira para ter sido causada por ele.

Virou-se precisamente quando a mulher apareceu à porta, regressando de quaisquer desejos nocturnos que a tinham feito levantar-se. Vestia uma camisa de noite cinzenta simples, o cabelo preto emaranhado e os olhos ensonados. Por brevíssimos instantes, ficou estática quando viu Asara de pé junto do amante; depois gritou.

Asara alcançou-a num abrir e fechar de olhos. Desferiu um pontapé no rosto da mulher, enviando-a a rodar num turbilhão de cabelo e braços até embater na parede e cair. Se morta, inconsciente ou apenas atordoada, Asara não teve mais tempo a perder com ela. O peixeiro saía da cama, afastando-se freneticamente dela nos calcanhares e cotovelos, um pequeno grito de perplexidade e alarme vindo dos seus lábios. Ela prendeu-o com uma mão na sua garganta flácida e agarrou-lhe os braços

com os joelhos; foi demasiado lento para resistir, e quando se apercebeu do que ela fizera, já era tarde de mais.

Sentara-se na elevação do seu ventre peludo, sentindo as pernas debater-se inutilmente atrás de si, tentando levar um joelho às costelas dela mas impedido pelo ventre de permeio. Asara deitou um olhar à mulher, ainda caída junto à parede, o rosto coberto pelo cabelo. Depois reconvergiu a sua atenção para o peixeiro, que se agitava ineficazmente debaixo dela apesar de ter à vontade o dobro do seu peso.

Os seus gritos fracos eram estrangulados pela mão dela. Tinha os olhos arregalados do medo.

— Shh — disse ela, baixinho. — Só quero um beijo.

Levou os lábios aos dele com a mesma rapidez que uma cobra apanha um rato, e sugou.

O peixeiro ficou rígido quando algo pareceu rasgar-se dentro dele, algo não físico, e lhe jorrou pela boca até à dela. Brilhava, esta coisa, e cintilava; uma torrente impetuosa que tremeluzia entre os lábios deles enquanto lha roubava. Durante alguns longos segundos, sentiu-se como um fantasma, a desaparecer nos raios da alva; e depois o horror nos seus olhos desapareceu, e as suas pupilas ficaram escuras e baças, e o seu corpo relaxou na morte. Asara largou-o, arfando, e limpou a boca com as costas da mão.

A cabeça dele embateu com força no soalho ladrilhado com um som nauseante. Ela inspirou e expirou profundamente, deliciando-se com o aumento do calor dentro de si, e depois largou-o.

Não dimensionava o que tinha dentro do seu corpo que a tornava assim. Não era possível estabelecer comparação anatómica. Concebia-o arbitrariamente como uma espiral, uma apertada circunvolução de tubos carnudos aninhados mesmo por detrás do estômago e antes da coluna.

Quando saciada, era grossa, e conseguia sentir a sua presença quente ali; quando faminta, era flácida e fina, e o espaço onde se recolhera doía com um vazio cem vezes pior do que a fome. O uso dos seus talentos esgotava-a, tal como o exercício fomenta o apetite. Quando não tinha necessidade deles, muito raramente a fome a atacava; apenas o suficiente para o seu corpo manter afastado o avanço da idade. Mas recentemente, desde o seu primeiro encontro com os shin-shin, fora obrigada ao uso excessivo.

O processo de cura depois de Kaiku a ter deixado quase morta fora demasiado para ela.

Contara com a ajuda de dois guardas-florestais que tinham vindo investigar o fogo acabando por encontrar uma criada calcinada e desfigurada. O sustento que lhe proporcionaram restituíra-lhe a saúde mais do que quaisquer cuidados que pudessem dispensar. Substituir a pele queimada do rosto e das mãos, fazer o cabelo voltar a

crescer: eram necessários tempo e força, e essa força tinha de vir de algum lado. A alteração das suas feições fora mais um capricho, executado depois de se ter revigorado a seu contento.

Tivera o cuidado de não parecer invulgarmente bela enquanto se fizera passar por criada de Kaiku, e decidira-se a ser apenas bela durante dois anos. Mas restava-lhe uma certa vaidade, e decidiu que o tempo acabaria por a satisfazer mais uma vez. A mais pequena alteração no aspecto transformara-a de agradável à vista num objeto de luxúria.

Quão horrível devia ser, pensou, para os que estavam condenados a ficar com o rosto com que nasciam.

Mas afinal, reflectiu pesarosamente, nunca conhecera o seu.

Tomada de um súbito sentimentalismo, aproximou-se da mulher e puxou-lhe a cabeça para trás. Estava já a formar-se uma equimose negra na face dela. Desmaiara, respirando ainda. Asara inclinou a cabeça dela primeiro para um lado, depois para o outro. Não era bonita, mas possuía uma certa voluptuosidade que Asara achava ligeiramente inebriante.

Se não tivesse entrado, se não tivesse visto o rosto de Asara, então esta tê-la-ia deixado viva.

Mas agora era impossível.

Asara apertou a mulher nos braços e puxou-lhe o cabelo para trás da cabeça, depois levou os lábios à boca parcialmente aberta da sua vítima.

A Imperatriz Anais tu Erinima seguia pelos corredores da Fortaleza Imperial, de péssimo humor. Mal tivera tempo para tomar banho depois de um dia de reuniões, discussões e relatórios antes de receber a notícia de que o Barak Mos, pai do seu marido e o poder subjacente aos Sangue Batik, chegara com uma mensagem importante para ela. Se fosse outro qualquer, tê-lo-ia deixado à espera — com a possível excepção do Barak Zahn, — mas Mos era demasiado importante para correr sequer o mais pequeno risco de ofensa.

Batik era o único aliado mais forte que tinha, e neste momento precisava de tudo o que pudesse conseguir.

O percurso levou-a até às extremidades da Fortaleza, onde arcos esculpidos permitiam ver a noite suave mais além. Neryn espreitava por detrás da grandiosa irmã Aurus, uma bolha verde-clara na extremidade de um disco de superfície pérola sarapintada que se erguia enorme no céu estrelado. Finas flâmulas de nuvens iluminadas pelo luar vogavam no calor indolente da negrura estival.

Lá em baixo, a cidade era uma rede de luzes de lanternas, ilusoriamente pacíficas e tranquilas.

Quisera tão-somente esta noite relaxar numa varanda e beber goles de vinho, e deixar que as preocupações a abandonassem; mas assim não seria, pelos vistos.

Agora, cada dia era como este. Mal tinha um momento para si durante o dia, e as noites tinham também deixado de ser sacrossantas. Cada manhã trazia uma nova crise: uma manifestação de protesto algures, notícias do famoso agitador Unger tu Torrhyc a provocar confusão entre o povo, outro nobre que queria pedir um favor ou fazer ameaças veladas, uma mudança de fidelidade, uma suspeita de logro, uma nomeação, uma demissão, um juramento...

tudo era importante agora, tudo tinha de ser tratado. Agitara Saramyr, acontecesse o que acontecesse. Agora estava rodeada de inimigos, e poucos o mostravam abertamente.

O único aspecto positivo de todo este caos era bastante surpreendente. A sua relação com o marido melhorara um pouco; na verdade, uma parte do seu cansaço ficava a dever-se ao fato de descarregar nele as suas frustrações no quarto de dormir, vigorosamente e todas as noites.

Com todas as preocupações do reino a reclamarem a sua atenção, e cada dia mais frenético do que o anterior, a sua necessidade de libertação manifestava-se com crescente intensidade.

Durun não lhe ficava atrás, o que era mais do que podia dizer da maioria dos homens. E apesar de ainda não poderem afirmar que gostavam um do outro, pelo menos Durun deixara de se lhe opor tanto, e apercebera-se de que já não procurava pretextos para se ausentar da Fortaleza a fim de poder estar presente quando ela lá chegava.

Devia ter-se dado conta antes. A melhor maneira de o subjugar era conservá-lo na sua cama.

Era um acordo mutuamente benéfico, e não mais do que isso. Pelo menos não para ela.

Caminhava pelo corredor, os seus sapatos fazendo barulho no lach raiado do chão, quando viu o Tecedor-Mor Vyrrch sair de uma porta lá à frente. Um repugnante verme familiar contorceu-se nas suas entranhas ao ver a figura trôpega e curvada, enfiada debaixo de uma túnica de remendos andrajosos, materiais incompatíveis cosidos ao acaso camada sobre camada.

O hediondo rosto de bronze imóvel virou-se para ela dentro da estrutura do capuz esfarrapado.

— Ah, Imperatriz Anais — disse com voz rouca, fingindo surpresa. Sabia pelo tom dele que este encontro não era fortuito, mas não tinha paciência para ele.

— Vyrrch — confirmou a presença dele com secura suficiente para ser indelicada.

— Precisamos de conversar, vós e eu — anunciou. Passou por ele sem abrandar.

— Tenho pouco a dizer a alguém que deseja a morte da minha filha.

Vyrrch ficou surpreso por um momento, depois seguiu-a no seu passo peculiar e incerto.

Podia ter os ossos torcidos e estragados, mas não era tão lento quando o seu aspecto dava a entender.

— Esperai! — exclamou, ultrajado. — Não ouseis virar-me as costas! Anais gargalhou ante o fragor dele.

— As provas indicam o contrário — replicou, satisfeita com o seu desconforto enquanto a seguia a manquejar, sem conseguir alcançá-la.

— Não vos atrevais! — proferiu, furioso, e Anais sentiu subitamente um puxão como se de alguma força imensa, uma mão invisível que a agarrou e virou de frente para ele.

Ela cambaleou, atordoada por um momento; e depois a mão desapareceu.

Výrrch olhou-a gelidamente por detrás da sua máscara.

— Devia mandá-lo executar por isso — proferiu Anais, as suas faces ruborizadas da fúria.

Výrrch não se deixou intimidar.

— Estamos desagradados convosco, Anais. Muito desagradados. Se vos livrardes de mim, nenhum Tecedor tomará o meu lugar.

Estamos presos a Adderach acima de todas as outras lealdades, e agis contra os interesses da nossa espécie. Nenhum de nós irá reclamar o título de Tecedor-Mor se eu for afastado.

Acaso vos julgais capaz de sobreviver à guerra civil que fareis recair sobre todos nós sem um Tecedor para vos defender?

— O meu Tecedor age para me trair — contrapôs, irada. — Acha que não me apercebo? Talvez passasse melhor sem nenhum.

— Talvez — retorquiu ele. — Muito embora não tenhais maneira de contactar os vossos interesses diversos, a menos, claro, que queirais voltar aos mensageiros a cavalo ou aves-correios, não me parece que ides continuar a ser uma imperatriz eficaz. -Julgou detectar um sorriso na voz atrofiada e entrecortada dele, e isso irritou-a ainda mais; mas conteve-se, obrigou a sua raiva a arrefecer e endurecer qual metal acabado de forjar e mergulhado em água gelada.

— Não me ameace, Výrrch. Sabe muito bem que se se suspeitar que a mão dos Tecedores anda a interferir na política do país, então tanto os meus inimigos como os meus aliados o destruiriam.

A sua espécie insana é acessória para o governo, não o integra, e sabe tão bem como eu que as famílias superiores preferiam ver uma Aberrante no trono do que um Tecedor. Podem ter-se insinuado tanto que os julgamos indispensáveis; mas estão aqui com o nosso consentimento, e seria bom não o esquecerem. Tal como os cães rebeldes, serão esmagados se tentarem morder os seus donos.

E os Tecedores estão a tornar-se, de um modo geral, demasiado ousados.

— Achais mesmo? — troçou Výrrch. — Talvez, depois de terdes persuadido o

povo a aceitar uma Aberrante anormal como sua governante, consigais persuadir as famílias superiores a livrar-se de nós?

Não creio que seja provável, o que tendes a dizer-me?

— Não me fale de anormais, sua coisa vil. Não estou interessada no descontentamento dos Tecedores. Não fazem parte do governo deste país, e não têm qualquer voto nele. Agora estou atrasada para uma reunião.

Virou-se e afastou-se, e Vyrrech não a voltou a chamar; mas sentiu o olhar dele a queimá-la nas costas enquanto percorria o corredor.

O Barak Mos era um homem de grande presença, conquanto fisicamente não tivesse a altura do filho. Apresentava uma estrutura óssea ampla, com peito e ombros largos e braços grossos, e era atarracado — com o maxilar forte e barbudo, a cabeça plana e membros curtos, — que lhe conferiam uma impressão de solidez alarmante.

Com menos de um metro e oitenta de altura, erguia-se acima de Anais; mas ela nunca o enfrentara em fúria, e sabia que seria gentil com ela.

De qualquer forma, conhecia suficientemente o mau génio do filho dele para conseguir aguentar o do pai.

Reuniu-se-lhe numa sala nos seus aposentos de que gostava particularmente, dominada por um maciço baixo-relevo de marfim com dois rinjis a passarem um pelo outro em voo, os pescoços longos e as asas brancas esticados, as patas desgraciosas e muito finas por debaixo deles. O efeito tridimensional de uma ave ocupando o primeiro plano ao voar entre o observador e a outra ave sempre fora do agrado de Anais.

E já agora do de Mos, ao que parecia, pois estava a admirá-lo quando entrou.

— Barak Mos — disse ela. — Peço desculpa por o ter feito esperar.

— Não tem importância — respondeu, virando-se para ela. — Eu é que vos peço desculpa pela hora imprópria. Não queria vir, mas tenho informações graves.

Anais deitou-lhe um olhar curioso e depois convidou-o a sentar-se. Para um homem tão duro, estava a ser excessivamente cortês. O pedido de desculpas era uma jocosidade; levar o Barak Mos a pedir sinceramente desculpa era o mesmo que tirar sangue de uma pedra, por isso ficara tão impressionada quando ele lhe pedira desculpa pelos modos debochados do filho.

Dois elegantes divãs estavam colocados à volta de uma mesa baixa de madeira preta, podendo ver-se a sala através de uma divisória para a varanda aberta do outro lado.

Em cima da mesa estava uma taça de frutos secos kama, que exalavam uma fragrância ao mesmo tempo acre, frutada e fumosa.

Era moda recente entre as jovens da corte guardar sementes de kama nos bolsos para lhes conferir uma fragrância sedutora, e Anais habituara-se a gostar do aroma.

Instalaram-se, Anais reclinada e Mos sentado na beira do seu divã, inclinado para a frente com as mãos entrelaçadas diante de si. Ela apercebeu-se, subitamente e com embaraço, da falta de bebidas na sala.

Mos captou o olhar dela e acenou distraidamente com a mão.

— As vossas serviçais vieram — disse ele. — Dispensei-as. Não me demorarei muito. Pedi algo se vos aprouver.

Assim já se parecia mais com o Mos que conhecia; sem tacto. Como se ela precisasse de permissão para pedir bebidas em sua própria casa.

Resolveu não o fazer, estando mais preocupada em saber as notícias do Barak.

— Não preciso de vos dizer que isto ficará só entre nós — referiu ele, deitando-lhe um olhar sério.

— Claro que não — respondeu ela.

— Só vos conto isto por preocupação. Por vós, pelo meu filho, pela minha neta.

Um pequeno sorriso de gratidão surpreendida passou como uma flecha pelo rosto da Imperatriz ante o termo. Não esperara ouvi-lo reconhecer Lúcia daquela maneira.

— Compreendo — disse ela. Pareceu satisfeito.

— O vosso Tecedor, Vyrrech. Peço desculpa, Tecedor-Mor. Porque será?

— Porque será o quê?

— Que é um Tecedor-Mor?

Anais ficou perplexa. Julgara que um homem na posição de Mos devia pelo menos saber isso.

— É o título concedido ao Tecedor do Imperador ou da Imperatriz. Normalmente deve-se também ao fato de serem os melhores na sua arte.

Mos pigarreou, parecendo digerir a informação.

— Confiais nele?

— Vyrrech? Ó vida, não. Ele assassinaria a minha filha se pensasse que podia escapar impune.

Mas ele sabe o que aconteceria se chegasse ao conhecimento das famílias superiores que um Tecedor assassinara a Imperatriz-Herdeira. Aberrante ou não. — Hesitou em usar a palavra, mas não existia outra que servisse os propósitos dela.

— Isso é bem verdade — referiu ele, mudando a posição da sua corpulência. — Deixe então que seja sincero. Desconfio que o Tecedor-Mor Vyrrech e o Barak Sonmaga tu Amacha estão a trabalhar juntos contra vós.

Anais arqueou um sobrolho.

— A sério? Não me surpreenderia.

— Isto é muito mau, Anais. Tenho espiões, sabe-lo. Não os aprovo, mas são tão necessários quanto os Tecedores na partida que jogamos. Mande-os descobrir o que pudessem depois de começar todo este assunto, e presumo que um deles teve sorte. Ouvimos falar de um homem chamado Purloch tu Irisi. É um ladrão escalador de

paredes de certa nomeada e enorme perícia.

Posso garantir-vo-lo: ele entrou nesta Fortaleza e chegou aos jardins no terraço e aproximou-se de Lúcia.

Anais sentiu um sobressalto de terror.

— Ele aproximou-se de Lúcia?

— Na altura em que tudo isto começou. Há semanas. Tê-la-ia apunhalado, Anais.

A Imperatriz empertigou-se no seu divã. Porque se calara Lúcia? Claro, não deveria surpreender-se. Uma vida de reclusão tornara-a reservada e às vezes era tão incompreensivelmente introvertida.

Nessas ocasiões, Anais não conseguia mesmo entender a filha. Ficava triste de pensar no abismo entre elas, que a filha não mencionasse algo tão importante. Mas ela era assim mesmo.

— Porém, ele não tinha por missão o crime — prosseguia Mos.

— Obteve um caracol do cabelo dela. Não veio atrás dela; não sabia senão o que lhe tinham mandado fazer.

— Porquê? Porquê o cabelo? — perguntou Anais, os olhos ensombrando-se.

— Quem o contratou necessitava de provas de que ela era uma Aberrante para poder espalhar a notícia e agitar os nobres. Os Tecedores têm um teste qualquer, uma maneira de descobrir.

Só os deuses conhecem os meandros da sua ciência. Mas precisam de uma parte do corpo:

pele, cabelo, algo do género. — Encolheu os ombros.

— Seja como for, Purloch foi inteligente. Nunca iria aceitar uma tarefa como essa sem garantias. Demasiado esperto para ser o peão de alguém. Quis saber quem o contratara; por isso seguiu o intermediário até à fonte. Sonmaga.

Anais anuiu. Nunca conseguira apurar como se iniciara este furor, como é que as famílias superiores pareciam todas saber que a filha dela era diferente. Sonmaga! Só podia ser ele!

— Tem algumas provas disso?

Mos pareceu momentaneamente embaraçado.

— Purloch desapareceu logo a seguir a ter concluído a tarefa. Não existe qualquer testemunho contra Sonmaga, e mesmo que houvesse seria escusado. A palavra de um ladrão contra a de um Barak?

— E este... Purloch sabia do envolvimento de Vyrrech?

— Ele não sabia de nada ou não disse nada — referiu Mos. — Não existe ligação ou pelo menos nenhuma que alguém que não um Tecedor pudesse seguir. Mas há uma coisa que me causou imensa estranheza nisto tudo.

Os honorários de Purloch foram elevadíssimos. Todo esse esforço e despesas da parte de Sonmaga apenas para contratar um homem para roubar uma madeixa de

cabelo. Aponta para uma conclusão.

— Sonmaga deve ter desconfiado — disse ela.

— Ele já sabia que ela era Aberrante — concordou Mos com um aceno da cabeça. Parecia não ter problema em dizer a palavra, usada em conjunção com aquela a que chamara "neta" há momentos. Anais ganhou coragem.

— Porque alguém lhe contou — concluiu ela. — Vyrrech.

— Ele soube de alguma maneira — disse Mos. — E a única hipótese.

— Não é a única resposta — replicou Anais, de forma cautelosa.

— Outros sabiam. Professores particulares, alguns serviçais...

— Mas ninguém mais provável do que Vyrrech — contrapôs Mos.

— Ninguém com tanto a perder com a subida ao trono de uma Aberrante. E se ela se tornar mesmo Imperatriz? Ela ficará a saber que os Tecedores a teriam morto à nascença, dada a oportunidade.

E se ela impedir os Tecedores de matar as crianças Aberrantes? E se ela tentar destruí-los, expulsá-los? Os Tecedores sabem que não conseguiriam sobreviver num reino governado por Aberrantes.

Constatariam de repente que têm a temer a retaliação por mais de duzentos anos de extirpação da mácula.

— Talvez estejamos a precisar disso — observou Anais, pensando na conversa que tivera com Vyrrech. — Parasitas amaldiçoados pelos deuses. Passaríamos bem sem eles.

Nunca deveríamos ter permitido que isto fosse tão longe, nunca ter permitido que eles se tornassem indispensáveis.

— Não tereis concordância mais forte do que a minha — afirmou Mos. — Desprezo os seus modos pérfidos. Mas cuidado ao opor-se-vos frontalmente, Anais. A vossa vantagem é precária.

— Efetivamente — respondeu Anais, matutando. — Efetivamente.

CAPÍTULO 15.

A propriedade dos Sangue Amacha era enorme, a maior do Bairro Imperial de Axekami, maior ainda do que a da família governante, os Sangue Erinima. Assentava numa superfície horizontal do terreno, um estrado feito pelo homem que se erguia à altura de um andar acima das propriedades vizinhas. Dentro dos seus muros fora praticamente criado um paraíso: árvores tropicais luxuriantes importadas de continentes distantes, riachos e lagos artificiais ornamentados, bosques e quedas-d'água maravilhosos. Em contraste com o habitual minimalismo dos jardins de Saramyr, este lugar era rico ao ponto da ostentação; mas nem aqui deixava de vigorar a tendência para o cuidado, e não se viam folhas caídas no chão, nem ramos despidos deixados nos troncos, nem uma folha doente por cortar.

Frutos desconhecidos pendiam dos ramos e flores estranhas aninhavam-se no meio dos arbustos. Havia também animais exóticos, escolhidos pela sua beleza e maravilha — e pela sua incapacidade de fazer mal a quem quer que passeasse pelos jardins da propriedade. Era o mesmo que pisar outra terra, um reino de magia dos livros de histórias.

Mishani tu Koli estava sentada num banco de madeira que fora talhado na raiz viva de uma cbapapa enorme, na sua mão um livro fino de sonetos de guerra da autoria do poeta-guerreiro Xalis.

Diante dela estava um lago em forma de rim, alimentado por água que caía sobre rochas vermelhas, com peixes exóticos mandriando lá dentro. O ar da tarde fervilhava com o zumbido complacente dos insectos.

Achava ligeiramente vulgar a ostentação da propriedade dos Sangue Amacha, considerando uma tremenda arrogância elevarem-se daquela maneira acima dos outros nobres; contudo, não podia negar a emoção de caminhar pelos seus jardins, nem o prazer de saber que estava sentada numa árvore que deitara semente noutra continente.

Os jardins dos Amacha tinham-se desenvolvido durante mais de trezentos anos, e esta árvore estivera aqui a maior parte desse tempo, importada muito nova das selvas de Okhamba.

Apesar de todo o seu esplendor deslumbrante, não se sentia à vontade aqui. A sua mente não se queria concentrar nos versos na página, e a tranquilidade dos jardins de pouco serviu para a acalmar.

Padecia por dentro com uma sensação de tamanhas perda e tristeza que tinha vontade de chorar, e pior era o fato de saber que fora ela quem criara a sua própria infelicidade.

Reproduziu sucessivamente o momento na memória, ouvindo a sua própria voz

voltar a si, observando a reacção no rosto da amiga.

Porque vejo o que és. E repugnas-me.

Com aquelas palavras cortara pela raiz os laços de vinte apanhas. Com aquelas palavras vencera a fraqueza da indecisão, comprometera-se com o rumo que sabia estar certo.

Ao expulsar Kaiku, protegera a sua família, protegera o pai da desonra. Era o dever de uma filha fazê-lo, a fim de manter a família acima de tudo o mais, às vezes mesmo da própria Imperatriz.

Com aquelas palavras virara as costas à sua amiga de toda a vida, e agora queria gritar de dor pelo seu ato.

Mas não o fez. Não estava no seu temperamento. Não mostrou exteriormente qualquer sinal da sua dor, nem das forças antagónicas da recriminação e da justificação que se debatiam por detrás dos seus olhos calmos e escuros.

O pai fizera-lhe perguntas quando regressara. A notícia da morte da família de Kaiku demorara a sair da Floresta de Yuna, mas quando isso sucedera espalhara-se por toda a corte.

O Barak Avun fora suficientemente prudente em não revelar a ninguém que Kaiku estivera com a filha até ter tido oportunidade de falar com ela. E essa ocasião nunca surgira.

Já lá não se encontrava quando ele regressara, e desaparecera mesmo.

Mishani simulou o choque, fingindo que Kaiku nada dissera sobre a chacina da família. O Barak Avun não acreditara nela, mas também não a desafiara. Conhecia bem a filha, sabia o quanto era leal.

Se a inquirisse, ela dir-lhe-ia; mas o fato de ela não lhe dizer significava que havia algo que era preferível ele desconhecer. Isso associado ao estranho incêndio no dia da reunião do conselho e às curiosas mortes dos familiares de Kaiku deixaram-no fortemente suspeito; mas confiava nela, e achou por bem deixar as mentiras assentar.

Estava a proteger a honra dele arriscando a sua. E ele permitira-o, mas subentendia-se a mensagem entre ambos.

Apesar de as intenções dela serem boas, apesar de ser preferível não lhe contar, continuava a negligenciar um dever filial ao mentir ao pai. Tinha uma enorme dívida para com ele.

Mishani tentara abstrair-se de pensar em Kaiku embrenhando-se nos negócios da família e nas intrigas da corte. O Barak fez-lhe a vontade dando-lhe um voto de confiança. A corte era um antro de jogos de poder depois da reunião do conselho e de a Imperatriz anunciar que a filha Aberrante iria ocupar o trono. Estavam a ser celebradas novas alianças, unindo-se contra a família governante.

Os agitadores tinham vindo para as ruas.

Em particular um homem, Unger tu Torrhyc, estava a desencadear uma tempestade com os seus discursos inflamados contra a Imperatriz-Herdeira. Mishani estivera presente numa das manifestações na Praça dos Oradores e ficara impressionada. A raiva na cidade estava a aumentar a um nível febril. Violentos protestos eram já subjugados pelos Guardas Imperiais nos bairros mais pobres. A Imperatriz podia contar com apoio suficiente entre os nobres para manter um domínio precário no trono, mas não fizera propostas à gente do povo, e esta opunha-se veementemente à ideia de ser governada por uma Aberrante.

Por descuido ou arrogância, poderia vir a redundar na sua queda.

Todavia, todo o palavreado que circulava pelas ruas e pela corte parecia agora vazio a Mishani. Os gritos de que os Aberrantes eram anormais, uma moléstia, que já nasciam maus... o que anteriormente fizera tanto sentido afigurava-se agora a histeria de fanáticos raivosos. Como podia aplicar-se a Kaiku? Ela não "nascera má", pelo menos não tanto quanto Mishani. Ela não era agora pior do que Mishani.

E se não se lhe aplicasse, então quantos outros não se excluíam também? Que provas existiam de que os Aberrantes eram sequer maus?

E, no entanto, reinava ainda o medo e a repugnância. Não podia negá-lo. Sentira repulsa de Kaiku, apesar de a amiga não ter mudado nada fisicamente para além da cor dos olhos.

Era o conhecimento que a repulsava, a ideia de que Kaiku era Aberrante. Mas quanto mais pensava no assunto, mais achava que não havia fundamento no raciocínio. Sentira repulsa porque Kaiku era Aberrante.

Mas não conseguia encontrar qualquer razão para além dessa. O perigo de estar próximo dela não incomodava Mishani; como afirmara Kaiku, não a teria abandonado se sofresse de uma doença infecciosa.

Mas a Aberrância era diferente.

Para onde quer que se virasse nos corredores da sua mente, deparava-se-lhe a mesma frase:

porque ela é Aberrante. Era uma lógica ilusória, um beco sem saída nos caminhos do pensamento.

Estava tão profundamente arraigado nela que não requeria mais nenhuma razão do que sê-lo, nenhuma prova a sustentá-lo. Se lhe perguntassem por que motivo existia o Sol no céu, era capaz de contar a história de que Ocha apagara o olho do próprio filho porque com os dois havia excesso de intensidade, e depois pusera-o a vigiar o mundo; e que Nuki era perseguida à volta do planeta pelas três irmãs luas apaixonadas, dando-nos a noite e o dia. Era capaz de explicar por que motivo as aves cantavam, o vento soprava, o mar ondulava; mas se lhe perguntassem a razão de os Aberrantes serem revoltantes e terríveis, só tinha uma resposta: porque são.

Mas agora já não se afigurava suficientemente boa.

Uma vantagem da forte oposição do pai à Imperatriz era que os Sangue Koli estavam sob a protecção dos Sangue Amacha. Estes e os Sangue Kerestyn eram as únicas duas famílias com poder para reclamar o trono à excepção dos Sangue Batik, a família do Imperador — mas eles tinham preferido tomar o partido da Imperatriz, apesar da malquerença óbvia do Imperador pela filha. Aqueles que tinham votado contra a Imperatriz no conselho estavam a ser aclamados ou ameaçados pelos dois reclamantes enquanto reuniam forças antevendo um conflito; mas os Sangue Koli e os Sangue Kerestyn tinham uma história de antagonismo, pelo que a amizade incrementada entre o Barak Sonmaga tu Amacha e o Barak Avun tu Koli parecia natural dadas as circunstâncias.

O pai dela e o Barak Sonmaga tinham estado a conferenciar a maior parte do dia. Ela e Avun juntaram-se aos hóspedes para o pequeno-almoço, desfrutando uma deliciosa refeição no alpendre da comprida casa da cidade em madeira, escondida no meio da fauna exótica. Ali tinham observado estranhos veados enquanto comiam, e ouvido o chilreio de animais ocultos na folhagem. Depois, os homens voltaram para as conversações. Por norma, teria sido permitido a Mishani reunir-se-lhes; mas este encontro era do maior secretismo, e vira-se excluída. Não se importava. Também não lhe apetecia assistir a negociações.

Ouviu então o som de passos delicados no caminho atrás de si, pousou o livro, levantou-se e fez uma vénia ao pai e ao Barak Sonmaga, as pontas dos dedos de uma mão nos lábios e o outro braço dobrado sobre a cintura.

Por sua vez, Sonmaga curvou-se ligeiramente, apoiou uma mão no ombro do pai dela com um olhar significativo, e depois continuou a andar, deixando-os a sós.

Mishani apercebeu-se de que o pai trazia algo, firmemente preso num saco de lona.

— Pai — disse ela, — vamos já embora? Correu tudo bem?

— Não tarda — respondeu o pai. — Posso fazer-te companhia?

— Claro — anuiu, afastando o livro e voltando a sentar-se, o cabelo pelos tornozelos atirado para trás de um ombro esbelto.

O Barak Avun sentou-se, colocando o saco ao lado. Parecia nervoso por o segurar. Tal como a filha, era magro e de estrutura óssea delicada. Os malares pronunciados destacavam-se num rosto trigueiro e vincado e o cabelo recuara da testa e esticava-se agora em forma de ferradura de orelha a orelha. Dava a impressão de estar permanentemente cansado e abatido, apesar de se fazer uma suposição enganadora.

Mishani amava o pai, mas respeitava-o ainda mais. Ele era implacável e eminentemente bem-sucedido nos jogos da corte, e não podia ter tido melhor mestre.

— Filha, precisamos de falar de uns assuntos — referiu. — Estás informada de que a descoberta do segredo da Imperatriz-Herdeira ocorreu numa péssima altura

para Saramyr. As colheitas prometem ser fracas este ano, apesar do tempo, já que a moléstia grassa pela terra. Os locais desertos estão mais perigosos do que nunca. Não podemos permitir-nos uma guerra civil neste momento.

— Concordo — respondeu Mishani. — Mas visto a Imperatriz estar determinada a colocar a filha no trono, parece improvável que exista qualquer outra opção.

Mesmo que lhe fizéssemos concessões, duvido que o povo aceitasse. Axekami inclina-se para a revolta.

— Existe outra maneira — disse ele. — A Imperatriz é estéril. Ao dar à luz a sua prole ficou infecunda.

Se a Imperatriz-Herdeira fosse eliminada, então os Sangue Erinima não teriam outra alternativa a não ser perder a posição de família dominante por morte de Anais. E provavelmente antes.

— Se Lúcia fosse... eliminada — afirmou Mishani, com muita cautela. Não lhe agradava o rumo que esta conversa estava a tomar.

— Nesse caso, a Imperatriz não se deteria perante nada para perseguir quem quer que fosse responsável, e muito provavelmente seguir-se-ia à mesma a guerra civil.

— Não se não houvesse a quem culpar. Nenhum alvo em quem descarregar a sua ira. — O Barak Avun tornou-se zombeteiro. — Não se fosse obra dos deuses.

— Deixe-se de rodeios, Pai — retorquiu ela, o rosto magro rígido.

— O que tem em mente?

— A Imperatriz anda a tentar persuadir os nobres o melhor que pode, apresentando-os à filha Aberrante para que eles constatem que ela não é deformada nem anormal. Os relatórios dizem que ela é, pelo contrário, bastante bonita apesar de um pouco... estranha. Mas bonita ou não tem de ser eliminada a bem da estabilidade do país.

— Devo depreender das suas palavras — sugeriu Mishani ousadamente — que os Sangue Amacha ainda não estão completamente preparados para a guerra civil e acham, de momento, a ideia de revolução pouco atractiva?

Eu diria que preferem esperar pela altura certa e atacar quando tiverem a certeza de que conseguem vencer os Sangue Kerestyn na luta pelo trono.

O Barak Avun fitou a filha com olhos mortiços como os de um lagarto.

— És inteligente, filha, e enches-me de orgulho. Mas agora sê obediente. Tens uma tarefa.

Mishani baixou um pouco a cabeça em submissão, deixando que o seu cabelo negro caísse sobre o rosto. O Barak recostou-se, satisfeito.

— Irás visitar a Imperatriz-Herdeira e oferecer-lhe um presente. — Indicou o saco de lona a seu lado, mas Mishani reparou que ele continuava a recluir-se na sua proximidade.

— Faltaste ao conselho; Anais não sabe se te lhe opões ou não. Irá ficar satisfeita

com a oportunidade de te fazer mudar de opinião. Vai visitar a criança e oferece-lhe um presente.

— O que contém o saco, Pai? — perguntou Mishani, sentindo o sangue começar a arrefecer.

Sabia o que o Barak lhe estava a pedir, e sabia igualmente que não podia recusar.

Ele não mencionara a sua ausência no conselho por acaso; estava a frisar a sua recente desobediência.

— Uma camisa de noite — disse ele. — Magnificamente bordada; uma obra de arte. Está infectada com febre óssea.

Mishani calculara-o e não teve qualquer reacção.

— A Imperatriz-Herdeira adoecerá dentro de uma semana, morrerá algumas semanas mais tarde. Talvez mais algumas pessoas nos seus aposentos a apanhem também. A febre óssea atinge arbitrariamente; ninguém suspeitará do presente. E mesmo que isso aconteça não pode ser detectado, e por conseguinte não conseguirão chegar até ti — referiu ele.

Ou a Sonmaga, pensou Mishani com azedume, sabendo que era ele o autor desta trama.

Perguntou-se o que lhe teria prometido Avun para ele usar a filha desta maneira.

O uso de veneno era ainda considerado um método de assassinio aceitável, conquanto não honroso. Mas o uso da doença era odioso, e raramente sequer considerado.

Só os bárbaros faziam semelhante coisa. A que profundezas teriam o seu pai e Sonmaga descido; e a que profundezas a condenariam a ir, se fizessem dela sua cúmplice.

Não, pensou. Cúmplice não. Bode expiatório.

Olhou severamente para os olhos do pai. Acreditava que ele estava plenamente convencido de que iria resultar, e que o que fazia era para o bem da nação.

Mas sabia também que, se de alguma forma ela fosse apanhada, ele a cortaria, como a âncora de um navio, para salvar a família. Já vira jogadas como esta um cento de vezes na corte, mas nunca antes fora alvo delas.

Nunca se sentiu tão aviltada, nunca tanto um peão como naquele momento; e quem a magoava desta maneira era precisamente a pessoa em quem mais confiava no mundo.

Sentia-se profundamente traída, e nesse momento o amor que nutria pelo pai sofreu um colapso e morreu. Estava chocada por se revelar algo tão frágil.

Mishani olhou para o desconhecido a seu lado no banco por mais um momento, depois baixou os olhos para o lago à sua frente. O sol brilhava nas cristas das pequenas ondas.

— Farei o que me pede — disse. Dificilmente poderia ter outra atitude.

No sopé do monte Aon, o imenso mosteiro de Adderach erguia-se torpe e ameaçador, atestando a insanidade dos seus arquitectos. A sua forma era desconcertante à vista, a pedra cor de areia da sua crosta moldada de jeito a parecer derreter de uma forma para a outra: aqui um caminho estreito, terminando numa queda; aqui uma escultura de demónios uivantes; ali um minarete redundante, uma janela meio construída, uma espira em saca-rolhas. Uma parede de uma ala completamente desusada fora concebida com a forma de um rosto a gritar, com nove metros de altura, de dentes à mostra e olhos ferozes.

Estátuas espreitavam a envolvente desolada, os murmúrios delirantes de mentes loucas varridas por ventos frios de altitudes superiores. Erguiam-se muros solitários, sem protegerem nada.

No interior, escadas iam dar a lado nenhum, alas inteiras inacessíveis, porque ninguém se lembrara de construir uma porta, salões cavernosos rivalizavam com salas minúsculas, demasiado pequenas para se estar de pé lá dentro.

Era uma obra-prima ou uma atrocidade, fruto de mil projectos extravagantes e caprichosos que de certa forma se fundiam sem linhas de junção num só; e era deste local que os Tecedores tinham feito o seu berço de poder, do qual vigiavam a terra de Saramyr e concebiam os seus planos.

Os Tecedores não tinham uma hierarquia reconhecida. A sua estrutura era anárquica, arbitrária e funcionava segundo certos valores; mas um princípio abrangente unia-os a todos, e que era o bem geral.

Apesar de individualmente os seus motivos estarem saturados de demência, cada um deles trabalhava para o mesmo objectivo em qualquer dado momento. Ninguém questionava esta estranha consciência de grupo; ninguém perguntava quem definia os seus objectivos, quem orientava os seus esforços, se era uma decisão majoritária ou a determinação de uns quantos.

Existia simplesmente.

A força que os mantinha coesos era uma urdidura que os unia a todos, como os sublimes fios da Teia.

O mosteiro fora construído sobre uma vasta mina labiríntica. Estivera abandonada durante mais de dois séculos, mas resistia ainda, e criaturas de uma maldade inimaginável vagueavam pelos seus túneis na escuridão.

A mina fora o local onde tinham sido encontradas as primeiras pedras mágicas, há dois séculos e meio, enterradas fundo no subsolo, e dali tinham brotado os Tecedores.

A princípio, os mineiros não faziam ideia do que tinham descoberto. Eram gente simples, rude e honesta, a explorar um veio de ferro nas profundezas das montanhas Tchamil, longe da civilização; naquela altura a mina era nova, e nada de Aberrante caminhava pelos corredores escuros como sucedia hoje. Vivendo isolados como

viviam, os mineiros tinham construído colónias, e entre eles havia canteiros, carpinteiros e quejandos: artesãos. Tinham vindo ver a coisa que os mineiros encontraram, e tinham sido eles a designar a substância.

Percebeu-se logo de início que não era uma pedra vulgar. Antes de mais, um homem conseguia senti-lo só da proximidade. Os pêlos no seu braço ficavam em pé, a pele arrepiava-se, os dentes batiam.

Não de medo, mas porque estava em presença de energia. O ar parecia carregado à volta da pedra, como se perante uma tempestade lunar, e até a mais pragmática daquela gente intemerata era obrigada a admiti-lo.

O segundo aspecto estranho era o estado em que fora encontrada. Era um monte imenso e irregular de pedra negra granulada, como um afloramento de rocha vulcânica; só que fora descoberta bem nas profundezas, inteira e solta, dentro de uma pequena caverna. A pedra circundante fora derretida em vidro por um calor inimaginável, e por mais que minerassem não encontravam vestígios de uma linha de junção em lado nenhum. Era impossível ter-se formado naturalmente. O que levantava a questão: como fora lá parar?

Poderia tratar-se de uma relíquia dos Ugati, o povo nativo que vivera em Saramyr inúmeros anos antes de o primeiro Imperador os expulsar?

A história dos Tecedores não era esclarecedora sobre o que se passara depois. Só se sabia é que os artesãos tinham começado a raspar o pó da superfície da pedra mágica e a infundi-la nas suas artes.

Talvez fossem as propriedades estranhas da pedra que os atraíam ou a novidade da inclusão de uma substância completamente inaudita no seu trabalho. Os carpinteiros esfregaram o pó nas bancas de granulação, os canteiros misturaram-no com argamassa. Era uma mania estranha, mas não mais estranha do que cem mil outras por essa terra. O império em geral sabia apenas isto sobre a origem dos Tecedores, e só porque algumas das pessoas da colónia percorriam o trilho pelas montanhas para tentarem vender os seus artigos, confiantes de que esta nova vantagem iria fazer sucesso nos mercados a ocidente.

As suas amostras eram bem recebidas; a sensação nítida de energia que libertavam surpreendia os compradores. Durante esse tempo, a população da colónia falou às pessoas da sua estranha descoberta.

Depois de venderem as suas amostras, voltaram para casa a fim de executarem as encomendas que os fregueses ávidos fizeram. Nunca mais voltaram.

A colónia ficou silenciosa durante anos. Remota como era, enterrada em montanhas sem trilhos, sumiu da memória.

O afluxo inicial de entusiasmo nos mercados diminuiu e os artefactos de pedra mágica caíram no esquecimento. O que aconteceu durante este tempo é pura especulação.

A dada altura decidiu-se introduzir o pó da pedra mágica no fabrico de máscaras, e durante esse período algum experimentador terá descoberto os outros poderes do pó da pedra mágica.

Ninguém sabe como se iniciou o processo ou como decorreu. Talvez a princípio o usassem como narcótico, pois uma exposição prolongada à pedra mágica causava desorientação e euforia.

Mais tarde descobriram que aproximando-a do rosto — e por consequência do cérebro — era o método mais eficaz de obter essa sensação. Seguidamente notaram-se pequenos efeitos rudimentares no mundo físico. Enquanto sob o efeito de delírio da pedra mágica era possível mover uma taça sem que ninguém lhe tocasse; acendia-se ou apagava-se uma chama; um homem podia ficar a conhecer os pensamentos do seu amigo e aperceber-se subitamente dos seus segredos mais íntimos. Apenas se poderá imaginar como foi árduo o caminho da simples viciação numa substância desconhecida até se alcançar o controlo dela.

Quantos não terão esbarrado sem querer na luz intensa da Teia e perdido as mentes e as almas para glória dela?

Quantas atrocidades de violação, assassinio e mutilação não foram cometidas nas agonias do período após o abandono da Tecedura? A história não o evoca.

Mas quando reemergiram daquela colónia após o seu longo silêncio não restavam mulheres nem crianças.

Há dois séculos, os primeiros Tecedores apareceram nas vilas e cidades de Saramyr. Os seus poderes eram então mais fracos, e mais imperfeitos; mas moviam-se já com um propósito, obedecendo a um plano mestre.

Subtilmente, infiltraram-se nas casas das classes nobres, tornando-se indispensáveis.

Naquela época, os Tecedores consideravam o povo de Saramyr ingénuo, e aqueles que se lhes revelavam um obstáculo eram simplesmente influenciados, as suas mentes e opiniões, mudadas para se conformarem ao plano.

Numa questão de uma década foram integrados; e depois começaram a crescer, a arquitectar e a maquinar.

Numa câmara iluminada pelo fogo algures nas profundezas das artérias convolutas de Adderach pairava no ar uma aparição do Tecedor-Mor Vyrrech.

Era um espectro obscuro e enevoadado, uma mancha salpicada de castanho, cinzento e laranja, aproximadamente as cores da sua túnica aos retalhos.

Curiosamente, a forma pareceu ganhar definição quanto mais se aproximava da sua máscara, como se esta fosse o foco do fantasma. Era a única coisa definida com nitidez, um rosto translúcido de bronze no meio do éter do corpo de Vyrrech. Os três Tecedores diante de Vyrrech eram diferentes dos últimos í três, e tinham sido diferentes dos três anteriores. Na falta de uma hierarquia, o Tecedor-Mor não tinha

superiores perante quem responder; os três Tecedores presentes divulgariam depois a informação através da rede usando a Teia. Por sua vez, eles falavam em nome dos outros.

— A Imperatriz está a ser muito pouco cooperante — observou um deles, cujo nome era Kakre. A sua máscara era de pele curada esticada sobre uma estrutura de madeira, e fazia-o parecer um cadáver.

— Não esperava outra coisa — disse Vyrrech, a sua voz rouca parecendo vir das paredes à volta deles. — Mas a situação está a ficar a nosso favor. Seria... inconveniente se ela abdicasse agora.

— Explique-se — exigiu Kakre. — A pretensão da Imperatriz-Herdeira não constitui uma grande ameaça para os Tecedores?

— Efetivamente — replicou Vyrrech. — E na actual situação as forças de cada lado estão equilibradas. Mas não tenho estado parado na Fortaleza Imperial. Os Baraks dançam pela minha música.

— E que vantagem nos traz? — murmurou um Tecedor gordo, o seu rosto uma oval inexpressiva de madeira com uma comprida barba entrançada de pêlo de animal pendendo dela.

Vyrrech virou o seu olhar para aquele.

— Irmão, tenho em mãos planos para nos livrarmos da Imperatriz e da sua incómoda prole.

Celebrei um pacto com o jogador mais poderoso deste jogo; e quando ele for Imperador ascenderemos com ele.

Deixaremos de ser um acessório do governo; seremos o poder por detrás do trono!

— Cuidado, Vyrrech — avisou Kakre. — Eles não confiam em nós, não nos querem aqui. Virar-se-ão contra nós se puderem. Até o seu Barak.

— Eles desconfiam — acrescentou o terceiro Tecedor, cuja máscara negra de madeira apresentava uma expressão cínica. — Eles desconfiam que estamos por perto.

— Deixá-los desconfiar — replicou Vyrrech. — Quando se aperceberem da verdade, será tarde de mais.

— Talvez — disse Kakre, — talvez fosse melhor explicar-nos as suas intenções.

Vyrrech voltou a si mesmo pouco depois, a sua consciência correndo pelas sinapses da Teia para regressar ao seu corpo físico. A sua respiração alterara-se, e os olhos, que tinham estado abertos e vítreos, focavam com nitidez. Estava sentado no seu lugar habitual, no meio do mau cheiro e da esqualidez repulsiva dos seus aposentos. Durante algum tempo preparou-se, aguardando os efeitos secundários do abandono da bênção absoluta da Teia. A lembrança encaixou-se à volta dos fragmentos habituais de amnésia, e olhou à sua volta, um tanto perplexo.

Recordava-se vagamente de lhe terem trazido uma moça na véspera, que acabara

por se revelar uma coisinha bastante enérgica. Prendera-a, tal como uma aranha prende uma mosca, tencionando mantê-la, alimentá-la e usá-la quando fosse necessário.

Escapava-lhe o motivo subjacente; talvez procurasse o alívio imediato da sua próxima psicose pós-Tecedura em vez de ter de esperar que os serviços lhe trouxessem o que pedia e necessitava.

A cabra manhosa conseguira libertar-se não se sabe como e estava à solta no quarto, escondida.

Estava presa aqui com ele, pois trazia consigo a única chave da pesada porta que lhe daria a liberdade, e nunca se separava dela.

Agradava-lhe a ideia. Um joguinho. No entanto deixara de sentir desejo dela. Movia-o antes uma compulsão súbita e avassaladora de reorganizar a sua envolvente.

Instalara-se nele uma lógica estranha e bastante surpreendente, uma maneira de fazer as coisas, e viu, como se numa visão dos deuses, a maneira de alterar o espaço onde vivia.

Levantou-se para o fazer, sabendo que seria outra forma de mania, mas incapaz de a evitar de qualquer jeito. A moça podia esperar. Todos podiam esperar.

Então, quando estivesse preparado, apanhá-los-ia a todos.

CAPÍTULO 16.

Viajavam rumo ao Norte pela enorme Estrada do Pó que curvava de sudeste para noroeste de Fo, terminando na cidade mineira de Cmorn do outro lado da costa. O Sol mal despontara a leste quando partiram, e Neryn mantinha-se obstinadamente alta no céu e teria permanecido visível até à tarde se as nuvens o permitissem. Mas isso não sucedeu. Ao meio-dia, o que começara como uns pedaços de cirros reunira-se num manto corcovado que abafava o Sol, deslocando-se lentamente lá em cima. O calor não diminuiu na proporção da luz, mas Tane ficou à mesma satisfeito com a sombra. A vida sob o pálio de uma floresta não o preparara para a exposição dos últimos dias, e reparou que ainda ficava um pouco tonto se permanecesse demasiado tempo sob o brilho intenso do olho de Nuki.

A caravana deles era puxada por dois manxtbwa, cuja força imensa fazia deslocar o comboio de sete carroças. As cinco da retaguarda estavam cobertas com encerado e amarradas, carregadas com uma grande variedade de géneros para a vila isolada de Chaim. As duas da frente eram para os passageiros, providas de um banco estreito no rebordo interior de cada lado, pelo que podiam sentar-se seis pessoas em cada carroça. Fora acrescentado um banco na frente para o condutor, um velho mirrado de aspecto excêntrico que vestia uma camisa fina sobre a sua estrutura viscosa, e o gordo dono da caravana.

Kaiku, Asara e Tane vinham sentados na carroça de passageiros da frente; a de trás estava cheia de guardas, murmurando entre si e apoiados nas suas carabinas.

Tane observou os manxthwa enquanto percorriam indolentemente a Estrada do Pó. Tinham mais de dois metros à altura das espáduas, com patas traseiras curtas e as dianteiras fazendo lembrar as dos macacos.

Os joelhos dobravam para trás, e terminavam em cascos pretos espatulados que recebiam o peso da sua estrutura imensa. Tinham os corpos cobertos de pêlo espesso e hirsuto de um vermelho-alaranjado uniforme, um legado das suas origens árticas; e, no entanto, o calor de Saramyr não parecia incomodá-los minimamente. Os seus focinhos largos pendiam, melancólicos e enrugados, conferindo-lhes uma impressão ilusória de sabedoria provectora, e duas presas atarracadas projectavam-se debaixo dos lábios inferiores, saindo dos queixos quadrados.

Estranhas criaturas aquelas, pensou Tane; e, todavia, perfeitas. Cada criação de Enyu era uma maravilha, mesmo aquelas coisas que predavam o homem. Pareceu instalar-se uma sombra no seu coração enquanto pensava na dama Aberrante que conhecera em Axekami. Por fora até podia não ter mácula, mas por dentro era uma corrupção do molde de Enyu, um horror.

A deusa da natureza criara cada um dos seus filhos por um motivo, e os

Aberrantes eram uma sua imitação.

Para o final do dia, saíram da via de comunicação, deixando para trás o tráfego de carroças oscilantes e veículos pintados, dirigindo-se para norte. A Estrada do Pó fora uma designação apropriada, pois cada passo dos manxthwa fazia levantar a substância, pedra pulverizada trazida pelo vento da terra circundante. A maior parte de Fo era um vasto deserto plano de rocha e cascalho, com pouca vegetação para além dos arbustos espinhosos extremamente resistentes.

Elevava-se acima do nível do mar, mais alta do que o continente, e o seu solo era implacável.

Milénios de vento e chuva tinham deixado o seu esqueleto a descoberto, tornando-a um local pobre e sem vida.

Assim que a Estrada do Pó ficou para trás, seguiram por caminhos mais difíceis, quase pouco mais do que sulcos baixos deixados no solo pela passagem de caravanas como a deles.

Não tinham percorrido mais de quilómetro e meio quando o condutor os fez sair do trilho e deu a volta à caravana.

O dono da caravana apressou-se a ajudar Asara a descer da carroça dos passageiros.

Era calvo e de lábios grossos, com olhos miudinhos e um nariz enterrado numa massa de feições corpulentas e bolachudas. O aspecto do seu rosto fazia lembrar ligeiramente um peixe.

Chamava-se Ottin.

— Porque paramos? — perguntou Asara, ao aceitar a mão dele. A pele era pegajosa e fria.

— É preferível não nos aproximarmos demasiado das montanhas à noite — respondeu ele. — Perigoso. Chegaremos a Chaim amanhã, verá.

Acendeu-se uma fogueira, e Kaiku ficou surpreendida ao sentir a temperatura começar a descer acentuadamente enquanto o Sol desaparecia do céu. Os guardas revezaram-se, percorrendo o perímetro do círculo de caravanas, enquanto outros ficavam sentados ao clarão inquieto das chamas. A estranheza desta região, os desconhecidos que a rodeavam e a ameaça de perigo combinaram-se para levar Kaiku a sentir-se bastante intrépida. Relaxou e escutou a conversa à volta da fogueira, e apoderou-se dela um estranho contentamento.

— Existe uma moléstia na ilha, não haja dúvida — dizia o condutor. Era uma queixa corrente em Saramyr, mas nunca a tinham ouvido aplicada a Fo. — Cancro nos ossos da terra.

— Passa-se o mesmo no continente — referiu Tane. — Um mal-estar para o qual não encontramos motivo. Outrora era seguro caminhar pelas florestas; agora achamos prudente não sermos apanhados pela noite.

Os animais selvagens estão a tornar-se mais agressivos; e os espíritos que habitam as árvores são frios e desconhecidos.

— Das florestas não posso falar, mas sei de onde provém. Lá de cima das montanhas. É daí que vem.

— Que despropósito supersticioso! — insurgiu-se Ottin, olhando para Asara a fim de ver se aprovava o seu arrebatamento.

— E? — replicou o condutor, fitando-o de soslaio, carrancudo. — Diga-me lá se não a começámos a ver na terra à medida que avançamos mais para norte. É lá que ficam as montanhas.

Faz sentido para mim.

Pelo menos nisso o condutor tinha razão. Ao meio-dia era difícil não reparar. Árvores despidas irrompiam do solo, os seus membros retorcidos e deformados, ressudando seiva nos sítios onde a casca era fina como a pele humana, e noutros curvados pelo seu excesso tumescente. Tinham visto um daqueles ramos crescer em arcos, afastando-se do tronco num ponto apenas para se voltar a curvar e enterrar-se noutro lado. Folhas finas curvas espetavam-se como espinhos no emaranhado dos ramos.

Os guardas estavam agora mais alerta. Kaiku reparou que se encontravam virados para o exterior da carroça com as espingardas a postos, e nunca paravam de perscrutar. Começou a aperceber-se da desconfiança deles- e mexeu nervosamente no cabelo. Aparentemente, Ottin estava alheio a tudo, prosseguindo as suas tentativas inanas de se meter com Asara. Esta suportava com extraordinária paciência.

Parecia que o desconto que o dono da caravana fizera na passagem tinha um preço oculto:

surpreendido com a beleza de Asara, tentava incessantemente insinuar-se-lhe nos afectos.

Kaiku e Tane trocaram olhares e sorriram, divertidos. Mas o divertimento de Tane foi apenas fugaz. Em parte nenhuma da Floresta de Yuna vira alguma vez tão obviamente como aqui os sinais de corrupção na terra.

A sua testa trigueira enrugou-se ao olhar a paisagem vazia na direcção dos picos espectrais das montanhas Lakmar ao longe.

Um súbito movimento agitado entre os guardas despertou a sua atenção para a direita, onde algo correu entre um afloramento de rochas, emitindo um som crocitante gutural que ecoou no ar silencioso.

Mantiveram as espingardas a postos, mas não voltou a aparecer.

— Estão a ver? — perguntou repentinamente o condutor, apontando. — Aquelas coisas são tão vulgares que até já têm nome. Chamamos-lhes corvos-seláquios.

Os passageiros olharam, e viram por cima deles três aves negras, descendo e

virando.

Efetivamente assemelhavam-se a corvos à primeira vista, mas só quando Tane definiu a sua perspectiva é que se apercebeu de que eram muito mais altos do que julgava e, por conseguinte, maiores.

— De que tamanho são? — perguntou, sem conseguir acreditar na evidência dos seus sentidos.

— Um metro e oitenta de uma asa à outra — respondeu o condutor com voz rouca.

Kaiku praguejou baixinho, um velho hábito copiado do irmão e que tantas vezes merecera reprimendas por ser muito pouco feminino. Mal pareceu importar ali.

Tane olhou para eles no céu nublado. Era difícil distinguir os pormenores, mas quanto mais olhava mais reconsiderava a semelhança com os seus homónimos. Os bicos eram grossos e malformados, mais como focinhos queratinosos com um bordo adunco na frente. As asas apresentavam dobras pronunciadas no meio, à maneira das asas de morcego, apesar de serem grossas e hirsutas com penas negras eriçadas.

Esboçou um esgar e desviou o olhar, esperando nunca ficar mais próximo deles do que estava naquele momento.

— Curioso — comentou Asara. Como não avançasse mais nada, Kaiku aproveitou a deixa.

— O que é curioso?

— Este não é o primeiro tipo de Aberrante a tornar-se tão vulgar ao ponto de constituir uma espécie — disse, olhando severamente para Tane, que a ignorou.

— No meio de todos os abortos da natureza produzidos por esta... corrupção na terra, há muitos que se desenvolveram. Em cada cem aberrações inúteis pode haver uma que é útil, que proporciona a quem a carrega uma vantagem sobre a sua espécie.

E se essa sobreviver e procriar e a transmitir à sua...

— Não existe nada de novo no que estás a afirmar, Asara — ripostou Tane. — Essas ideias pertencem à doutrina de Jujanchi há décadas.

— Sim — referiu Asara. — Ele foi um dos sacerdotes de Enyu, não foi? Um grande pensador, sem a menor dúvida. Usou as suas teorias para explicar a diversidade nos animais.

Nesse caso, é estranho que as suas doutrinas se apliquem aos Aberrantes, quando a tua crença afirma que eles não são filhos de Enyu.

— Os Aberrantes seguem as leis da natureza — replicou Tane — porque são corrupções da mesma raiz básica. Isso não os torna naturais nem menos maus.

E então eu, Tane? pensou Kaiku. O que dirias de mim se soubesses o que sou? Na verdade, estranhou que Tane não tivesse desconfiado que Asara era uma Aberrante, mas ele parecia preferir não saber.

— Mas talvez esta corrupção não seja sequer corrupção — postulou Asara. — Talvez seja apenas mudança acelerada. Aquelas coisas lá em cima podem ser más aos teus olhos, mas como são grandes dominarão os céus.

Isso não as torna uma raça superior? Pensa bem, Tane: provavelmente surgiram mais novas espécies nos últimos cinquenta anos do que nos últimos quinhentos.

— A mudança é lenta na natureza — contrapôs Tane, furioso. — E é-o por um motivo: para que tudo à sua volta se possa adaptar. E além disso não se trata apenas de uma questão de especiação animal.

As colheitas estão a morrer, as pessoas estão a morrer. E não só, os espíritos estão a mudar.

Tornam-se hostis.

Os guardiães de lugares naturais estão a desaparecer, a ser devastados por coisas como...

como os shin-shin.

— Os shin-shin foram invocados — retorquiu Asara. — Para recuperar aquela máscara. Ou apanhar Kaiku. Não foi a ira arbitrária dos espíritos que matou os teus sacerdotes.

Eles seguiram o rasto até ao teu templo. Se pudessem atravessar o canal de Camaran, teriam vindo também até aqui; mas desconfio que os perdemos na cidade e agora o rasto arrefeceu.

— Nesse caso, quem quer que invocou os shin-shin sabe como lidar com os espíritos tenebrosos — alegou Tane, acalmando-se subitamente e tornando-se contemplativo.

— Poderá suceder que sejam também responsáveis pela doença na terra?

A resposta que Asara se preparava para dar foi abafada por uma súbita turbulência de movimento e ruído. Kaiku gritou de surpresa ao ver uma mancha negra irromper do solo pedregoso da berma da estrada, e a carroça deles foi derrubada violentamente e eles arremessados para um dos lados dela. Tane e Asara caíram sobre Kaiku e os três foram projectados para a estrada quando a carroça se virou com um sonoro fragmentar de madeira.

Tane rebolou instintivamente quando a carroça foi arrastada na direcção deles, mas felizmente não se tornou a virar, senão teria esmagado os passageiros por debaixo dela.

Conseguiram levantar-se incólumes no meio dos gritos e da confusão dos guardas, que ficaram igualmente surpreendidos, e viram então o que lhes acontecera.

A coisa Aberrante era enorme, uma fusão ímpia de dentes e membros que estivera deitada numa lura junto à berma da estrada, disfarçada por uma fina cobertura de xisto, até sentir a aproximação deles.

Estava ainda meio na lura, vendo-se apenas a parte dianteira do seu corpo. Kaiku

captou uma impressão horrorizada de um focinho cego, sem olhos, todo ele mandíbulas e dentes, uma boca cheia de presas curvas e amareladas no meio de uma imensidão de patas araneiformes que saíam da lura e envolviam um dos manxthwa na frente da caravana. Ambos os manxthwa berravam e urravam de medo.

Ottin conseguira libertar-se, mas o condutor guinchava, preso e emaranhado nas cordas que serviam de bridas para os animais enormes.

— O vida, matem-no — gritou Ottin aos guardas, mas eles tinham já as armas apontadas e a postos. Uma rajada de disparos cravou-se na criatura Aberrante, que bramiu de fúria, mas não quis largar a sua presa.

Arrastava o manxthwa para mais próximo da sua lura, levando o condutor e o resto da caravana atrás devido à força.

Aquelas patas de aranha que não estavam ocupadas com o manxthwa agitavam-se tremulamente no ar, parecendo dispostas a atingir tudo o que se aproximasse.

O condutor tornou a gritar, suplicando incoerentemente enquanto o Aberrante desenvolvia outro esforço e arrastava a sua presa para mais próximo.

Kaiku reagiu repentinamente e sem pensar. Correu para a carroça dos passageiros, que continuava tombada de lado, e subiu para lá. Tane gritou-lhe que voltasse, mas ela mal o ouviu. A coisa Aberrante deu outro puxão enorme, e toda a caravana se moveu. Kaiku agarrou-se e aguentou o balanço, pedindo para que a carroça não se virasse mais. Isso não sucedeu.

Com o coração a bater forte, avançou por ela até ao sítio onde os manxthwa estavam bridados.

Ottin gritava ordens aos guardas enquanto recarregavam, apesar de ninguém o ouvir.

Recuara para o outro lado da estrada, mantendo a caravana entre ele e o horror que os atacara.

Quando viu Kaiku avançar em direcção ao local onde o condutor estava preso, gritou-lhe também algo. Se a estava ou não a encorajar, ela nunca o soube; porque, quando olhou para ele, a segunda criatura Aberrante irrompeu da sua lura por detrás de Ottin e envolveu-o com as suas vis patas aracnídeas. O grito que se soltou então da garganta dele não se assemelhou a nada que alguma vez tivesse ouvido ou quisesse voltar a escutar, mas foi rapidamente silenciado ao ser introduzido na boca dentada da criatura com um estalar de ossos e um mar de sangue coagulado.

Continuou a avançar, respirando a custo do horror. Tane e Asara disparavam sobre a primeira criatura Aberrante, tentando dissuadi-la do manxthwa em pânico, mas ela agarrara-o com força.

Kaiku alcançou a parte da frente da caravana, enfiando-se num canto formado pelo banco do condutor derrubado. O homem apavorado dizia-lhe algo, bolhas de saliva salpicando-lhe os lábios. Viu que ele estava firmemente preso ao flanco do

manxthwa pelas cordas esticadas. As patas de aranha do Aberrante flectiram-se a escassos centímetros dela, cada uma da grossura do seu braço, rodeando os flancos arquejantes do animal que se debatia.

E depois, subitamente, o fogo apareceu, ganhando vida dentro dela. Sentiu-o agitar-se num acesso de pânico, que só pareceu redobrar de intensidade.

Queria sair dela, queria fugir dos confins do corpo dela, despertado pela centelha do medo e do frémito. Agarrou-se às cordas e fechou os olhos.

Não, decidiu ela. Não, tu vais ficar onde estás.

Pela primeira vez apercebeu-se do que fizera quando rejeitara a oferta de Cailin tu Moritat de a ajudar a controlar o seu poder. Num instante, viu com clareza o que conseguira com a sua imprudência, o preço da sua impaciência, da sua ansiedade de vingar a sua família. Se o libertasse ali, todos morreriam.

— Kaiku! — Era Tane a gritar o nome dela. Via que algo estava errado com ela, mas com o ar inundado por disparos não o conseguiu ouvir.

Procurou esquecer os guinchos do condutor; ensurdeceu-se aos disparos das espingardas.

Apercebeu-se, perifericamente, de que alguns dos guardas tinham reparado no segundo animal Aberrante e corriam para o outro lado da caravana a fim de o enfrentarem. Reconvergiu os pensamentos para dentro de si, obrigando o calor a voltar para o abdómen, como se tentasse reprimir um vômito ou uma descarga de bÍlis.

O condutor suplicou que o ajudasse, incapaz de compreender porque ficara subitamente estática. Ignorou-o.

E então diminuiu, recuando com relutância, ensurdecido pela barreira da vontade dela.

Abriu repentinamente os olhos, injectados de sangue e vermelhos das lágrimas, e arquejou e arfou com força.

O esforço físico fora imenso. Mas vencera-o, por agora.

O animal Aberrante tornou a arrastar o manxthwa, trazendo-a de novo e bruscamente à realidade quando a caravana se aproximou mais alguns centímetros da lura. O manxthwa preso a ela estava apopléctico do medo, quase ao alcance de uma dentada da coisa. Kaiku encolheu-se quando os membros quitinosos da criatura cortaram o ar por cima dela.

Tirou uma faca do cinto. Trazia-a desde a Floresta de Yuna, quando Asara lhe dera as roupas de viagem para que deveria mudar; mal se apercebera disso até ao presente momento. Era uma boa faca de mato, adaptada para esfolar animais ou cortar lenha com igual facilidade.

Rapidamente, começou a cortar as cordas que prendiam o condutor.

Este contorceu-se, tentando libertar-se antes de ela ter cortado por completo a

primeira.

— Fique quieto! — disse-lhe com brusquidão, e ele assim fez.

Tane e Asara dispararam, e voltaram a disparar. A criatura que agarrava o manxthwa não era de modo algum imune às balas, pois podiam ver as manchas escuras de sangue que lhe salpicavam o corpo negro; mais parecia detentora de uma persistência suicida, e não queria libertar o manxthwa que esperneava nas suas garras. A arma de Tane disparou em seco, e ele abriu-a para colocar nova dose de pólvora na câmara, olhando para Kaiku nesse entretanto. Ela atacava freneticamente as cordas, o braço subindo e descendo enquanto cortava, o rosto vermelho e suado.

A criatura retemperou-se e içou-se com maior esforço do que antes, desesperada por conseguir a sua refeição e afastar-se das balas aceradas das espingardas. Não compreendia porque é que o manxthwa pesava tanto, pois não tinha cérebro para entender que estava amarrado. O enigma frustrou-o imenso. Aplicou força bruta.

Kaiku gritou quando toda a caravana se deslocou um metro na estrada. Asara e Tane tiveram de dispersar quando a carroça dos passageiros finalmente se virou ao contrário. Kaiku foi arremessada com ela, caindo pesadamente sobre a terra pedregosa da estrada e rebolando até se imobilizar a pouca distância. O condutor soltou um grito estrangulado, e depois as cordas, enfraquecidas pelos esforços de Kaiku, cederam finalmente. Com um guincho vitorioso, a monstruosidade Aberrante levou o manxthwa para a sua lura e arrastou-o para debaixo do solo.

Tane foi ter com Kaiku, mas ela apoiava-se já nos cotovelos. Asara ficou ao lado de ambos, com o céu nublado a emoldurá-la, a espingarda virada para a lura do Aberrante.

— Estás ferida? — perguntou Tane, quase lhe tocando e depois pensando melhor.

Kaiku abanou a cabeça.

— Não creio. — Levantou-se. — Magoada — rectificou. — Porque cessaram os disparos?

Tane e Asara aperceberam-se disso em simultâneo. Os guardas do lado deles da caravana arrebitaram as orelhas.

O comboio de carroças que estava enredado e virado no meio da estrada formava uma barreira que os impedia de ver para o outro lado.

— Hei! Está tudo bem aí? — perguntou um dos guardas.

— Está tudo bem — ouviu-se a resposta.

Correram até ao fim da caravana, e viram ali o resto dos guardas reunidos à volta do corpo grotesco da segunda criatura Aberrante.

As suas mandíbulas maciças jaziam na estrada, as patas inertes à volta dela, meio fora da lura.

— Deve ter sido um tiro de sorte — disse um deles, tocando-lhe com a coronha da sua espingarda. — Atingimos o cérebro.

— Devíamos sair daqui — sugeriu um guarda baixo e de cabelo grisalho, evidentemente o líder. — Levar o restante manxthwa e duas carroças para os passageiros. Deixar o resto.

— Deixar as mercadorias? — protestou outro.

— Já não há dono da caravana para as vender. Não fomos pagos para entregar mercadorias. — O líder indicou com uma mão o local aproximado da outra lura.

— E aquela coisa ainda está viva, e sairá assim que tiver terminado a sua refeição.

Todos eles começaram a soltar as carroças e a endireitar as que podiam ser endireitadas.

Estavam três guardas próximo da entrada da lura, de onde chegavam os sons de ossos a serem esmigalhados enquanto o desafortunado manxthwa era devorado. O condutor conseguira soltar-se das cordas, mas fora tarde de mais para ele. Partira o pescoço e fitava a terra com olhos vítreos.

— Como era o nome dele? O condutor? — perguntou Tane ao apoiar as costas num esforço para virar a carroça sobre as rodas.

— Porquê? — perguntou um dos guardas.

— Ele devia ter um nome — resmungou Tane. — Para Noctu, registadora das vidas.

Mas ninguém sabia o nome dele.

Conseguiram arranjar duas carroças para amarrar ao manxthwa restante, que sentiu o cheiro do sangue do seu companheiro morto e resfolegava nervosamente. O animal Aberrante não reapareceu, mesmo depois de cessarem os sons de alimentação. Deixando o rasto de mercadorias na estrada, pegaram no corpo do condutor, embrulharam-no num encerado e levaram-no consigo. E assim partiram em direcção a Chaim.

— Aqueles monstros são os teus Aberrantes, Asara — comentou Tane quando reiniciaram a viagem, abatidos, chocados e fatigados. — Aqueles são a tua raça superior.

Lá por cima, os corvos-seláquios voavam em círculos e desciam a pique.

CAPÍTULO 17.

Chaim tinha pouco que oferecer ao viajante. Era uma vila de montanha esquelética e dispersa, com casas baixas de madeira ou pedra espalhadas à volta de alguns trilhos rochosos que serpenteavam ao acaso pela aldeia. Por onde quer que o olhar passasse, só se deparava com um ambiente agreste; não havia o consolo da folhagem, nem a profusão de flores ou ervas da montanha. Até as pessoas pareciam duras, atarracadas e compactas, com olhos estreitos e mortiços e pele escura gretada pelo vento. Não podia ter sido mais diferente do encanto singular e provinciano de Pelis; este lugar parecia ter sido arrancado da vertente da montanha e construído por imperiosa necessidade, mostrando-se ameaçador mercê da tristeza do seu próprio infortúnio.

Não era lugar que acolhesse com prazer os desconhecidos, tão-pouco lhes era hostil. Kaiku, Asara e Tane viram-se simplesmente ignorados, as suas perguntas respondidas com resmungos sem préstimo.

Kaiku tentou informar-se sobre alguém que se pudesse recordar de o pai ter passado por ali, mas o que começou como uma magra esperança acabou em nada perante a rudeza inabalável dos aldeãos.

Neste lugar, uma pessoa ou vivia aqui ou não vivia, e os forasteiros eram ignorados pelos nativos.

Chegaram a Chaim ao final da tarde. Os guardas da caravana despediram-se peremptoriamente, e eles ficaram entregues a si mesmos.

Percorrendo as ruas simples da aldeia, fustigados por esporádicas rajadas de vento e reprovados pelos picos que se erguiam a toda a sua volta, sentiram apenas curiosidade.

Os talentos de Asara para obter auxílio foram vãos neste lugar desolado.

As perguntas sobre um guia foram recebidas com ignorância e enfado e a sua extraordinária beleza não pareceu exercer qualquer efeito sobre os homens daqui.

O que a melindrou consideravelmente, aprovou a Kaiku registá-lo.

— Provavelmente sentem-se bem na companhia dos seus animais de carga — murmurou ela.

Acabou por ser um guia a abordá-los, quando a noite se aproximava e as lanternas foram acesas.

Estavam sentados no que pretendia ser um bar, apenas o rés-do-chão da casa de alguém que vendia uma bebida alcoólica local de fabrico caseiro. Era destituído de qualquer alegria ou ambiente, uma simples dispersão de mesas redondas baixas talhadas em madeira rugosa e algumas esteiras puídas para os clientes se sentarem.

Uma mulher com cara de poucos amigos media porções da bebida atrás de um

balcão a um canto.

As lanternas repeliam com indiferença o escuro, ao mesmo tempo que contribuíam para ele através das emanações do azeite barato e fumarento com que eram enchidas.

Apesar de ser demasiado pequeno e estar meio cheio de aldeãos que murmuravam uns com os outros diante dos seus copos sem pé, o estabelecimento conseguia ainda parecer frio e irreal.

Kaiku mal podia acreditar que semelhante lugar existisse. Não tinha ilusões quanto ao estado de muitos bares no Bairro Pobre de Axekami, mas sempre os imaginara no mínimo animados, conquanto não propriamente a transbordar de alegria. Este lugar mais parecia uma reunião de condenados.

Os três companheiros ponderavam o passo seguinte quando uma figura baixa e magricela se sentou ao pé deles. Estava envolta num monte de peles que reduziam a sua cabeça calva, fazendo-o parecer-se com um abutre. A avaliar pelo estado e pelo tom da sua pele, era um homem da montanha tal como os restantes, mas quando falava fazia-o como uma tagarelice rápida que destoava em absoluto dos seus conterrâneos.

— Disseram-me que andam à procura do fabricante de máscaras, certo? — referiu, antes que qualquer deles se pudesse perguntar quem ele era. — Bem, aqui estou para lhes dizer que não é possível, mas se ainda quiserem arriscar, sou o vosso guia. Mamak!

— Mamak — repetiu Kaiku, sem saber se era o nome dele ou uma exclamação local que não entendiam. — Nesse caso, vai levar-nos consigo?

— O que quer dizer, não é possível? — interrompeu Tane.

— Tal como disse. Os caminhos perderam-se, e nem mesmo os maiores homens das montanhas os conseguiram encontrar.

— Nós sabíamos isso — comentou Kaiku com Tane, apoiando uma mão no braço dele. — Não desanimes. — Conhecia-o agora suficientemente bem para ver os sinais de uma mudança de humor iminente, e Tane estava há horas a adiar a imersão no profundo desespero, afectados como estavam pelos acontecimentos do dia. À parte a frustração que tinham sentido desde a sua chegada a Chaim, Tane não conseguiu deixar de repisar no destino do condutor da caravana deles.

As lições do aprendizado do sacerdócio atormentavam-lhe a consciência.

Ninguém morria sem ser nomeado a Noctu; e no entanto só o dono da caravana que o contratara é que devia saber o nome do condutor, mas ele morrera.

— Se não nos pode levar até lá — afirmou Asara com frieza, apoiando os cotovelos na mesa, — nesse caso para que precisamos de si?

— Porque estariam perdidos em menos de uma hora — retorquiu ele com um esgar rápido, mostrando dentes compridos e afilados em colunas tortas acastanhadas

pela cárie e pela negligência.

— E lá em cima nas montanhas existem criaturas tão perversas que nem conseguiriam adivinhar de que tipo de animal provêm. Como a coisa que quase lhes tirou a vida no caminho até aqui.

Asara não se deu ao incômodo de lhe perguntar como soubera. Os guardas tinham estado a conversar, pelos vistos.

— Oiçam — disse. — Não tenho por hábito meter-me na vida dos outros. Dizem que sabem andar à procura de um sítio que não pode ser encontrado, mas querem procurá-lo na mesma. Cá para mim, sabem algo que eu não sei.

Ou julgam que sabem. — Recostou-se, abriu os dedos sobre a madeira tosca da mesa diante dele. — Posso levá-los ao sítio onde o mosteiro devia estar. Ainda aparece nos velhos mapas, e ninguém conhece as montanhas melhor do que eu. Mas quando estivermos perto, verão ao que me refiro quando digo que não pode ser encontrado. Estarão a descer um trilho, dirigindo-se para norte, e de repente apercebem-se de que acabaram quilómetro e meio a sul, apesar de serem capazes de jurar que verificaram o rumo a cada passo do caminho. Existe algo ali, perturba a mente de um homem, dá-nos a volta, e nem todo o cuidado o consegue evitar. Acreditem em mim, houve quem tentasse. — Piscou-lhes o olho de forma conspiratória. — Ainda querem ir?

— Quanto?

— Quinhentos poc. Não, arredondem para dez shirets.

— Pode recebê-lo em moedas. Não tenho notas — mentiu Kaiku. A avó sempre a avisara para não mostrar dinheiro em público, especialmente em sítios como aquele.

Pelos vistos, Mamak julgava estar a cobrar a mais, mas ainda era barato pelos padrões urbanos. Mamak encolheu os ombros.

— Setecentos e cinquenta poc, então — disse. — Adiantados.

— Trezentos agora — decidiu Asara. — O resto quando estivermos nas montanhas.

— Como queiram — respondeu ele.

— Ótimo. Quando partimos?

— Já fizeram a reserva na estalagem? Asara emitiu um som de negativa.

— Nesse caso podemos partir já.

— Está escuro — salientou Tane. Mamak revirou os olhos.

— A primeira parte é um trilho do tamanho de uma estrada. Levará algumas horas.

Acampamos no fim dele e de manhã enfrentaremos a parte difícil. Presumo que tenham algum vestuário quente.

Asara mostrou-lhe o que traziam. Ele exprimiu a sua desaprovação.

— Precisarão de mais. Não estamos no continente. As noites lá em cima não são

tão quentes e o tempo é desagradável, mesmo no Verão. — Levantou-se. — Conheço um homem que podemos visitar. É melhor irmos.

Os dias seguintes foram duros.

Tanto Tane como Kaiku estavam bastante acostumados aos esforços físicos das longas viagens. Ambos tinham caçado nas florestas, perseguido veados e feito grandes caminhadas para montar armadilhas ou encontrar um local pitoresco onde pescar ou tomar banho. Por seu lado, Tane fora com frequência à procura de ervas raras nas escarpas menores das montanhas Tchamil, que se misturavam com a Floresta de Yuna na sua extremidade oriental até o solo dar lugar a rocha e as árvores desaparecerem. Mas nenhum deles estava propriamente preparado para a sensação de deserto que se apoderou deles enquanto desciam para as montanhas Lakmar, que dominavam a metade setentrional de Fo.

As montanhas pareciam exsudar uma sensação de algo que era como a morte mas não propriamente: a ausência de vida. A rocha inexorável erguia-se a toda a volta deles em enormes vertentes planas, contudo raramente se via mais do que uma franja de erva dura ou plantas daninhas resistentes.

As poucas árvores que existiam só serviam para lhes fazer recordar os avisos do condutor da caravana sobre a moléstia nas montanhas; estavam deformadas e tortas, às vezes com vários troncos descarnados partilhando os mesmos ramos mirrados, sem que fosse visível uma linha de junção. Picos denteados erguiam-se no horizonte, azulados pela distância; mas o mundo à volta deles era cinzento e empedernido. O silêncio era opressivo e parecia obstar à conversa. O único que não se mostrava afectado era Mamak, que tagarelava enquanto caminhava, contando-lhes velhas lendas e histórias das montanhas, muitas das quais eram variações daquelas que já conheciam do continente.

Kaiku, pelo menos, estava satisfeita com a conversa dele, pois distraía-a da fadiga. Os caminhos tinham-se tornado progressivamente mais íngremes e difíceis à medida que avançavam, e eram obrigados a escalar com frequência. Tratava-se do primeiro exercício sério que realizava desde a sua convalescença no templo de Enyu e doíam-lhe os músculos.

Tane parecia estar a sair-se melhor, apesar de o seu orgulho não o deixar mostrar fadiga; Asara era incansável.

Dispondo de tempo para meditar, Kaiku apercebeu-se de que estava cada vez mais curiosa em relação a Asara. Durante o tempo em que fora criada particular de Kaiku tinham sido boas amigas e partilhado muitos segredos.

Tinham falado sobre rapazes, brincado com os pontos fracos do pai dela, provocado a cozinheira e atormentado Karia, a outra criada de Kaiku. E apesar de saber agora que era uma farsa, e que Karia acabara involuntariamente por dar a vida para ressuscitar a ama morta, sentia saudades da pessoa que Asara fora. Esta nova

Asara — supostamente a verdadeira, mas como podia ter a certeza?

— era mais fria e mais insensível, afirmando intensamente a sua independência de toda a gente. Não precisava de tranquilidade nem de companhia, pelos vistos; não lhe interessava falar de si própria nem parecia preocupar-se com Kaiku ou Tane. Este aceitava-o como a maneira de ser dela, mas Kaiku não tinha tanto a certeza. Às vezes captava em Asara vislumbres de uma criança obstinada, cerrando os punhos, carregando o cenho e protestando por não querer falar com ninguém. Era uma Aberrante, isso já Kaiku apurara; mas no resto a sua bela companheira continuava a ser um mistério.

Pensou igualmente em Tane. Antes de deixar o templo, ele fizera-lhe pequenas propostas, à sua maneira desajeitada, para que ficasse com ele. Vira-se obrigada a recusar então, porque tinha de prosseguir.

Mas ele seguira-a e juntara-se-lhe antes. Contara-lhe que os shin-shin tinham destruído o templo e que procurava aqueles que os invocaram para se poder vingar, mas Kaiku calculou que não fosse só isso, e sentiu algo... estranho em resposta. Todavia, sempre que se permitia deter sobre o assunto, sempre que os seus olhos vagueavam até às costas dele e imaginavam o movimento tenso dos músculos magros por debaixo, os seus pensamentos azedavam.

Porque Tane era um sacerdote da natureza e ela era uma Aberrante. Estava no sangue dele odiá-la. E, mais cedo ou mais tarde, inevitavelmente, acabaria por descobri-lo. Tal como Mishani.

Refreou a tristeza quando ela se preparou para saltar. Mishani. Eis um nome que passara a pertencer definitivamente ao seu passado. Se tinha de continuar a viver, devia preparar-se para que a evitassem e desprezassem, mesmo aqueles que lhe eram mais caros. Talvez estivesse apenas a ser obtusa, recusando-se a aceitar o que parecia a verdade óbvia: que Cailin tu Moritat e a sua Ordem Vermelha eram as únicas que a poderiam aceitar agora, as únicas que a queriam.

Apesar de desconfiar dos seus motivos, não o podia negar. Para todos os demais era simplesmente uma Aberrante, e em nada diferente das coisas más que tinham atacado a caravana deles.

Mamak parecia ser um guia competente e sentiam-se tão seguros nas mãos dele quanto era possível a alguém num lugar estranho. Muitas vezes os obrigou a retroceder para evitarem uma falésia ou aproveitarem um ressalto.

Raramente dava explicações — uma das poucas coisas em que não era manifestamente verborreico, — mas sempre que estranhavam a ausência de criaturas perigosas para as quais tinham sido alertados pensavam nestes desvios e desconfiavam que graças a ele ainda não tinham encontrado nenhuma. Porém, avistaram raças mais pequenas: algumas sãs e estranhas, outras malformadas.

Estas últimas saltitavam ineficazmente por ali, em busca de alimento. Eram

normalmente crias ou aves implumes, pois não chegariam à idade adulta antes de irem parar à barriga de algum predador superior.

As provas destes predadores surgiam durante a noite, quando o vento sibilante se fazia acompanhar de uivos e latidos misteriosos de gargantas sobrenaturais.

Na segunda noite tiveram de se manter acordados, escutando os gritos cada vez mais próximos e por fim contornarem-nos.

Mas Mamak não deixará que se acendesse uma fogueira naquela noite, apesar de tremerem de frio, e as criaturas passaram por eles.

No terceiro dia, o tempo agravou-se.

Foram apanhados numa longa superfície plana e inclinada de rocha descoberta quando a tempestade se abateu, aparentemente vinda de nenhures. Kaiku ficou chocada com a rapidez com que a camada de nuvens passou a ameaçadora negrura e a ferocidade com que descarregou sobre eles.

Estava acostumada à acumulação lenta e compassada de humidade no continente, em que era possível ter a noção exacta de quando ia rebentar uma tempestade; aqui não se sentiam esses sinais.

Mamak praguejou e aumentou o ritmo, levando-os pela inclinação exposta da rocha em direcção a um abrigo; mas foram precisas várias horas para atravessar o terreno aberto e temeram que nessa altura a tempestade já os tivesse vencido.

Kaiku nunca sentira nada assim. A chuva, gelidamente fria, fustigava-a e agredia-a com tamanha força que lhe provocava picadas na pele do rosto. Os relâmpagos brilhavam e cortavam o ar e os trovões rebentavam em cima deles e ribombavam pelas montanhas enrugadas. Parecia, por se encontrarem a esta altitude, que estavam desproporcionadamente mais próximos da nuvem, e a violência do estrondo da tempestade era suficiente para os amedrontar. O vento ganhara firmeza, empurrando-os com ímpeto brutal, vindo de diferentes quadrantes numa tentativa de os derrubar e mandar a rebolar por ali abaixo.

Como aconselhara Mamak, tinham trazido agasalhos pesados para a viagem, e nunca se sentiram tão satisfeitos como naquele momento; no entanto, mesmo com os capuzes puxados sobre as cabeças, o vento e a chuva açoitavam-nos com força descomunal.

Curvaram-se à fúria dos elementos, seguindo sempre com as mochilas a pesarem-lhes nas costas. Os dentes deles batiam e os lábios e as faces estavam dormentes, mas colocavam penosamente um pé diante do outro e subiam apressados a vertente rochosa, tornada escorregadia com a chuva. E de cada vez que Kaiku julgava não ir aguentar mais, que tinha de alguma maneira de parar esta agressão ou dobrar-se apenas e cair, olhava para o penhasco íngreme para onde se dirigiam e gemia de desventura ante o pouquíssimo terreno que conseguiram percorrer.

Por fim o insuportável terminou e chegaram a uma caverna, gelados, encharcados

e a tremer de frio. Era de bom tamanho para os quatro, as suas paredes uma mistura irregular de pedra preta, raiada de veios heterogêneos de quartzo que brilhavam como se molhados. O chão era ligeiramente inclinado na ascendente a partir da entrada, pelo que felizmente se conservava seco, apesar de ainda se poderem abrigar nem que tivesse apenas alguns centímetros de fundura.

Mamak avançou até ao fundo da caverna e, em tom irado, declarou-a desocupada. Depois gritou, praguejou e bateu o pé, as blasfêmias ecoando pelas paredes irregulares, amaldiçoando os deuses em geral e Panazu em particular pela tempestade.

— Ele parece agastado — observou Asara, muito séria, e Kaiku ficou tão surpreendida que desatou às gargalhadas, apesar de tudo.

— Folgo em ver que vocês as duas estão muito bem-dispostas — afirmou Tane, taciturnamente, e pelo tom dele Kaiku calculou que o mau humor que pairara sobre ele ultimamente acabara por se instalar.

Mamak estava encostado à parede da caverna, a cabeça assente no antebraço, respirando com força para descontraír.

— Aqueçam-se o melhor que puderem — disse ele. — Vou acender uma fogueira.

— Com o quê? — ripostou Tane, a depressão tornando-o mordaz. — Não existe lenha nesta montanha maldita!

Não era rigorosamente verdade, mas Mamak não se deu ao incómodo de o corrigir.

— Existem outras maneiras de fazer fogueiras nas montanhas — respondeu. — Já o fiz antes, sabe?

Tane deitou-lhe um olhar carrancudo e avançou até à entrada da caverna, onde se sentou sozinho, a olhar para a chuva fustigante, com o revestimento de pêlo do seu capuz a ondular quando as rajadas dispersas conseguiam entrar. Kaiku sentou-se a pingar encostada a uma das paredes, aconchegando o casaco à sua volta, o queixo a tremer de frio. Asara sentou-se a seu lado.

Kaiku deitou-lhe um olhar de vaga perplexidade, pois contara que a outra se fosse sentar sozinha; depois Asara abriu o casaco e envolveu Kaiku com o braço, atraindo-a para as pregas volumosas forradas de pele. Kaiku hesitou um momento, depois cedeu, aninhando-se junto de Asara com a cabeça encapuzada no peito da companheira. O casaco húmido de Asara envolvia-a completamente, como uma asa, e Kaiku afundou-se no calor do corpo dela.

No lugar quente e escuro que ela lhe arranajara, notou que as tremuras diminuían para o ritmo dos batimentos cardíacos de Asara nos seus ouvidos, e antes de embalar e adormecer sentiu-se mais segura e mais contente como já não sucedia há muito tempo.

Quando acordou sentiu um novo calor. Ardia uma fogueira na caverna. Asara

sentiu-a mexer-se e estendeu a sua asa; Kaiku piscou os olhos, obtusa, e abandonou o corpo de Asara com alguma relutância.

Endireitou-se, cruzando o olhar com o de Asara, e esboçou-lhe um estranho sorriso de agradecimento. Asara inclinou a cabeça em aceitação.

Tane observava-as do outro lado da fogueira, com indisfarçada reprovação no olhar e algo que detestava ter de admitir ser ciúme.

Lá fora o céu atroava e a tempestade bramia incessantemente, mas aqui na caverna havia uma bolsa de calor e luz que retirava a energia às suas ameaças atroadoras.

— Já acordou? — perguntou Mamak, bem-disposto. — Ótimo. Vamos ter de aguentar isto.

Não sabemos por quanto tempo.

Kaiku olhou de soslaio para as chamas. A fogueira ardia com uma tonalidade âmbar, e na sua base não estava lenha mas um esqueleto negro e enrugado de fibras finas como algodão-doce.

— Fungo-lenha — informou Mamak, antecipando-se à pergunta dela. Pegou num punhado da substância; era um licopérdon preto, ensopado. — Não pesa quase nada, arde durante horas.

Segrega um resíduo inflamável, mas a sua estrutura é extremamente resistente e precisa de imenso calor para arder por completo. Um conselho útil se não tiverem lenha à mão, e extremamente fácil de transportar.

Inevitavelmente, conversaram. A tempestade não dava mostras de abrandar, pelo que Mamak exibiu um frasco com uma bebida alcoólica escura e acre que circulou de mão em mão.

Tinham trazido provisões para duas semanas de viagem, por isso havia bastantes ingredientes para uma caçarola de legumes e carne curada. Assim que os seus estômagos ficaram cheios e as línguas soltas, conversaram e gargalharam e discutiram uma série de assuntos. Mas foi Asara quem introduziu aquele que os ocupou a maior parte da noite: o caso da Imperatriz-Herdeira e a crescente agitação em Axekami.

O debate que se seguiu não era novo para eles, oscilando entre Asara, decidida a desafiar os preconceitos religiosos de Tane, e este, que fez questão de defendê-los.

Kaiku manteve-se afastada, insegura da sua própria sensibilidade ao assunto, e Mamak não tomava partido sobre os Aberrantes, desde que não tentassem comê-lo.

Tane estava no meio de uma asserção de que a Imperatriz-Herdeira não podia ser boa para a nação porque esta nunca teria um Aberrante como líder quando Asara o calou com uma única pergunta.

— Algum de vocês sabe exactamente do que a Imperatriz-Herdeira é capaz?

Fez-se silêncio. Tane procurou uma resposta e não encontrou nenhuma. A fogueira

ficou misteriosamente silente, pois não se ouvia o crepitar da lenha.

Lá fora a tempestade continuava devastadora, e se houvesse quaisquer Aberrantes suficientemente corajosos para se arriscarem a sair não ouviram nenhum.

— Bem me parecia. Deixem-me então esclarecê-los, pois podem vir a achá-lo muito interessante. Especialmente tu, Tane. Já alguma vez ouviste falar dos Libera Dramach?

— Antes que qualquer deles pudesse responder, prosseguiu: — Não, não ouviste. O seu nome é conhecido entre a população de Axekami, mas de momento não passam de um rumor.

Em breve isso irá mudar, creio.

— Afinal o que são? — inquiriu Kaiku, as sombras do seu rosto vacilando à luz do fungo-lenha que ardia.

— Em termos muito simples, são uma organização dedicada a instalar a Imperatriz-Herdeira no trono.

Tane resfolegou, fazendo um movimento de rejeição com uma das mãos.

— Ainda nem decorreu sequer um mês desde que se soube que a Imperatriz-Herdeira era uma Aberrante.

— Há anos que nós o sabemos — respondeu Asara, em tom uniforme.

— Nós? — demandou Mamak, passando-lhe o frasco da bebida. Asara bebeu um gole.

— Não pertenço a qualquer amo ou ama — disse ela. — Mas, se posso afirmar que faço parte de algo, faço parte dos Libera Dramach. Os objectivos deles e os meus coincidem, e têm coincidido desde o princípio.

— E quais são os objectivos deles? — quis saber Tane.

— Ver a Imperatriz-Herdeira no trono — repetiu ela. — Ver destruído o poder dos Tecedores.

Acabar com a chacina de crianças Aberrantes. E pôr cobro à moléstia que grassa na terra.

— Como é que a sucessão da Imperatriz-Herdeira tem alguma relação com o mal-estar no nosso solo? — perguntou Tane. O assunto despertara-lhe o interesse.

Asara inclinou-se para a frente de modo que o seu rosto ficou iluminado de baixo pelas chamas cor de laranja.

— Ela consegue falar com os espíritos, Tane. É esse o seu dom. Espíritos, animais... ela é um elemento da natureza, mais próxima de Enyu do que qualquer ser humano poderia estar.

— Isso é blasfémia — insurgiu-se Tane, mas não com fúria. — Um Aberrante não pode ser nada para Enyu. E, além disso, os sacerdotes dela conseguem falar com os espíritos. Eu consigo, de certa forma.

— Não — corrigiu Asara. — Tu consegues ouvir. Tu consegues sentir os

espíritos da natureza, captar a sua predisposição; até o maior de entre vocês possui pouco mais do que uma compreensão rudimentar deles.

Eles estão para os humanos tal como os deuses: distantes, insondáveis e impossíveis de influenciar. Mas ela consegue falar com eles.

Tem a idade de oito apanhas, e no entanto já é capaz de conversar com uma perícia superior à dos melhores sacerdotes de Enyu. E melhora a cada dia.

Não é algo que ela aprendesse, é algo que nasceu com ela e que está a aprender a usar. É a sua capacidade de Aberrante, Tane.

Tane ficou silencioso durante algum tempo, cabisbaixo. Mamak e Kaiku, sentindo que a questão era entre Asara e o acólito, ficaram de fora dela, e esperaram para ver qual seria a reacção dele.

Acabou por se manifestar.

— Estás a sugerir que ela pode ser uma ponte para os espíritos? Entre nós e eles?

— Precisamente — referiu Asara. — De momento, ela é mantida na Fortaleza Imperial, dentro da cidade, onde governam os homens e as mulheres. Mas ambos sabemos que existem lugares na nossa terra habitados pelos grandes espíritos, lugares onde pessoas como nós não ousam ir. Mas ela podia ir. Ela é uma embaixatriz, não vês? Um elo entre o nosso mundo e o deles. Se existe alguma esperança de inverter a marcha lenta dos acontecimentos que nos afectam, então reside nela.

— Como é que sabes? — perguntou Tane. Parecia... acabrunhado. Em vez da negação estóica que Kaiku esperava dele, parecia escutar. Na verdade, ele era uma alma imprevisível.

— Como foi que soubeste, antes do resto de nós?

— Isso não te posso dizer — referiu Asara, com um leve suspiro. — Quem me dera poder fazê-lo, para te levar a acreditar em mim. Mas estão vidas em risco, e uma língua solta pode destruir tudo o que alcançamos.

Tane anuiu ao de leve.

— Acho que compreendo — replicou. Não disse mais nada o resto da noite, limitando-se a fitar a fogueira, meditando no que ficara a saber.

A tempestade não abrandou pela manhã, nem sequer na seguinte. Não tornaram a falar da Imperatriz-Herdeira nem dos Libera Dramach; na verdade, falaram pouco fosse do que fosse.

Kaiku estava a ficar preocupada; nunca vira uma tempestade que durasse tanto tempo, nunca imaginara que o céu pudesse aguentar semelhante fúria. E, apesar das garantias de Mamak de que tais tempestades não eram inauditas, o ambiente na caverna ficou tenso. Quando Tane sugeriu que Mamak pudesse ter sido imprudente ao amaldiçoar Panazu, deus das tempestades, os dois homens quase chegaram a vias de fato.

Asara limpou a sua espingarda pela vigésima vez e observou-os solenemente. Quando o dia declinou para a terceira noite na caverna, Mamak anunciou que tinham de voltar para trás.

— Esta tempestade não pode durar muito tempo mais — disse ele, deitando outro bocado de fungo-lenha da sua reserva a diminuir para a pequena fogueira que mantinham acesa. — Mas ainda são uns dois dias de viagem até ao local do mosteiro, o que perfaz cinco até ao regresso a Chaim.

Se corresse tudo de acordo com o plano, se partíssemos amanhã e encontrássemos imediatamente o mosteiro e voltássemos logo, teríamos apenas um dia de margem de comida.

Não se correm esses riscos nas montanhas. Pelo menos não eu.

— Não podemos voltar para trás! — protestou Kaiku. — Fiz uma jura a Ocha. Temos de continuar.

— Os deuses são pacientes, Kaiku — disse Asara. — Não esquecerás a tua jura, nem tão-pouco Ocha; mas não podes avançar às cegas desta maneira. Retrocederemos e voltaremos a tentar.

— Além disso morrerá se não o fizer — interveio Mamak. Surgiu um sulco de frustração na testa de Kaiku.

— Não posso voltar para trás! — reiterou. Asara ficou perplexa com o desespero na voz dela.

— Mas tem de ser — insistiu. — Não há outra alternativa.

Tane acordou várias horas depois. A tempestade uivava e atroava lá fora, o seu tumulto agora um ruído de fundo. Kaiku estava sentada junto à fogueira, a olhar para o coração dela. Fora- a alimentando com fungo-lenha.

Tane, ainda deitado de lado, pestanejou e carregou o cenho. Mantivera-se calado desde a conversa com Asara, muito embrenhado nos seus próprios pensamentos; apercebeu-se então de que Kaiku adoptara uma atitude semelhante.

Sobressaltou-se ligeiramente quando ele falou.

— Kaiku? — observou ele. — Porque não estás a dormir?

— Quando durmo sonho com javalis — replicou ela.

— Javalis?

— Voltas atrás tão facilmente, Tane — referiu, a sua voz suave e contemplativa. — Eu fiz uma jura ao Imperador dos deuses, no entanto tu voltas atrás tão facilmente.

Ele mal acordara, e tinha os olhos muito ensonados.

— Voltaremos a tentar — balbuciou. — Não vamos desistir.

— Afinal, talvez este não seja o caminho que deves tomar — murmurou Kaiku de si para si. — Talvez ele seja só meu.

Se mais alguma coisa disse, Tane não a ouviu, porque voltara mais uma vez para

o olvido.

Na manhã seguinte, Kaiku desaparecera. Fora enfrentar a tempestade apenas com a mochila e a espingarda. E levara consigo a máscara.

CAPÍTULO 18.

Mishani vestiu uma túnica verde-escura para a audiência com Lúcia, e colocou uma faixa larga azul à volta da sua cintura esbelta. A faixa não era somente decorativa, pois comprimido contra a região lombar estava o presente que fora encarregue de entregar. O ligeiro volume que fazia era ocultado pelo cabelo espesso à altura dos tornozelos que prendera com tiras de couro azul.

Um quadrado espalmado de papel de embrulho elegante, e lá dentro a camisa de noite que seria a morte da Imperatriz-Herdeira.

Precisou de todo o seu autocontrolo cuidadosamente treinado para se manter calma enquanto era acompanhada à presença da Imperatriz. Para além de tudo o mais, era aterradora a perspectiva de ter uma peça de vestuário impregnada de febre óssea comprimida junto à sua pele.

O pai garantira-lhe que o embrulho era estanque, e o invólucro fora tratado com anti-sépticos inodoros para conservar a doença lá dentro; além disso, era uma infecção muito fraca, e só surtiria efeito se inalada por um período de tempo, por exemplo durante o sono. Mishani escarneceu interiormente das palavras dele; era perfeitamente óbvio que ele não sabia nada sobre a febre óssea, que se limitara a papaguear as animadas garantias de Sonmaga. O que prometera o Barak do Sangue Amacha, que transformara o pai num cachorrinho e ela no seu instrumento?

Ficou surpreendida com a sua própria impetuosidade. Antes de tudo isto, nunca se teria permitido pensar mal do pai. Contudo ao ser conduzida à sala onde Anais aguardava, estava ainda certa de que tudo o que sentia era justificado. O pai sabia que ela não lhe poderia recusar e traíra- a servindo-se dessa certeza para atingir os seus próprios fins.

Não queria compactuar num crime e transformar-se numa assassina da pior espécie, o tipo de baixeza que usava a doença como arma... Só a vergonha, se fosse apanhada, levá-la-ia ao suicídio.

E então a vergonha se fosse bem-sucedida?

O pai só proferira palavras sem sentido: que evitaria uma guerra civil, salvaria muitas vidas, prestaria um grande serviço a Saramyr. Não escutara nenhuma delas, tomara-as pelos lugares- comuns vazios que eram.

Apeteceu-lhe chorar, abraçá-lo e depois gritar-lhe na cara: Não faça isto, Pai! Não vê o que nos irá acontecer? Ainda não é tarde de mais; se mudar de ideia agora, poderei continuar a ser sua filha.

Mas ele não mudara de ideia. E sentia os laços entre eles a cortarem-se de uma forma tão brutal que mal conseguia olhá-lo. Subitamente viu todos os tiques incómodos, todas as imperfeições no seu rosto, todas as subtilezas desagradáveis no

seu carácter. Já não o respeitava, e era uma coisa terrível para uma filha admitir.

Assassinaria por ele, porque se impunha. Mas depois disso já não lhe obedeceria.

Desconfiava que ele o sabia, mas mandara-a na mesma.

Sonmaga. O seu ódio por ele não conhecia limites.

Mishani conversou com Anais durante algum tempo, muito embora depois mal se recordasse do que fora dito. A Imperatriz tentara adivinhar a opinião de Mishani sobre a subida de Lúcia ao trono, mas Mishani não revelara nada nas suas respostas cortesias. Anais inquirira depois sobre o pai dela, obviamente na esperança de saber por que razão viera Mishani quando o Barak era um seu tão veemente adversário.

Mishani disse o suficiente para tranquilizar Anais de que abordava a situação com abertura de espírito, e não acreditava em ajuizar alguém que nunca vira.

Mas ia-se instalando aos poucos um medo frio em Mishani enquanto conversava com a Imperatriz. Estaria a sua máscara a resvalar e o seu próprio medo e agitação a transparecer? Tudo indicava que a Imperatriz estava a protelar, não pretendendo conduzir Mishani aos aposentos de Lúcia.

Parecia francamente nervosa. O embrulho comprimido na região lombar de Mishani ardia com o calor da vergonha que carregava.

Conseguiria a mãe perceber que ela queria fazer mal à filha? Sentiu a transpiração a escorrer-lhe pelo couro cabeludo.

Anais convidou-a então a avançar mais, a vir até aos jardins ocultos no meio do labirinto confuso do nível superior da Fortaleza Imperial. O templo a Ocha, que constituía o centro do telhado, erguia-se magnífico no céu do meio-dia, e as quatro agulhas finas a cada canto da Fortaleza guindavam-se sobremaneira.

O nível mais elevado do edifício em declive era um labirinto de jardins, pequenas construções, canais e valas rochosas que serviam de vias de comunicação entre eles, como ruas cavadas.

De baixo, era impossível ver que havia algo aqui, e Mishani sempre presumira que o telhado era plano e característico à excepção do templo, que era facilmente visível de qualquer ponto de Axekami.

Apercebia-se agora de que estava errada; era como um bairro em miniatura da cidade.

Mishani reparou também em várias torres de vigia baixas à volta dos jardins, e soldados com carabinas observando do interior.

— Peço desculpa por todos os guardas — disse Anais quando saíram para a luz ofuscante do Sol. Notara o olhar furtivo de Mishani. — A segurança de Lúcia é primordial, especialmente agora.

— Compreendo — referiu Mishani, sentindo um aperto na garganta. Escondia o embrulho porque não sabia até que ponto Lúcia era guardada, e não quisera arriscar que o abrissem e inspecionassem.

Apesar de constituir um grave insulto dar a entender que queria fazer mal à Imperatriz- Herdeira, não ousava correr o risco. Pretendia oferecer o presente a Lúcia em segredo, se possível; mas naquele momento duvidava que a oportunidade fosse surgir.

Anais pareceu querer falar, reconsiderou, depois mudou novamente de ideia.

— Soube que alguém conseguiu... aproximar-se de Lúcia recentemente — declarou. — Alguém que lhe podia ter feito mal.

— Que horror — insurgiu-se Mishani, mas sentiu por dentro a tensão abrandar como um sopro exalado. Afinal era por isso que estava nervosa. Não suspeitava de Mishani.

Encontraram Lúcia na companhia de um homem alto, de túnica, com uma barba branca muito curta. Encontravam-se de pé numa pequena praça que formava uma junção entre vários caminhos, e jogavam uma espécie de jogo instrutivo que implicava dispor sacos de conchas pretos e brancos em diferentes formações nas lájeas. As árvores rocegaram à volta deles com a actividade dos esquilos e a agitação do ar quente e indolente. Quando a Imperatriz e Mishani chegaram, eles ergueram o olhar e fizeram uma vénia de saudação.

— Esta é Mishani tu Koli — disse ao grupo em geral. — E estes são Lúcia e Zaelis tu Unterlyn, um dos seus professores particulares.

Zaelis fez uma vénia.

— É uma honra conhecê-la, Senhora — disse numa voz de baixo gutural.

Mishani baixou-lhe também a cabeça, mas mal conseguia desviar os olhos da Imperatriz- Herdeira desde que chegara. Por sua vez, Lúcia observava-a insistentemente com os seus olhos azul-claros sonhadores, uma expressão quase visionária no rosto. O seu cabelo louro agitou-se com uma lufada suave de vento quente.

— Vem passear comigo, Mishani — pediu Lúcia subitamente, estendendo a mão para ela.

— Lúcia! — exclamou Anais. Nunca antes ela se comportara daquela maneira com convidados; normalmente era um modelo de boas maneiras. Semelhante pedido autoritário de uma criança a um adulto era quase uma impertinência.

— Lúcia, lembrai-vos das boas maneiras — admoestou Zaelis.

— Não, não tem importância — respondeu Mishani. Olhou para Anais. — Dais-me licença?

Anais hesitou por um momento, presa entre o desejo de não perder de vista a filha e ser simpática com Mishani. No fim, fez a única coisa realmente possível.

— Claro — sorriu.

Mishani deu a mão a Lúcia, e foi como se uma faísca passasse entre elas, uma ínfima corrente que tremeu pelo braço de Mishani acima. O seu rosto contraiu-se

ligeiramente de perplexidade, mas Lúcia sorriu inocentemente e afastou-se com ela por um caminho pavimentado, até um relvado imaculado ladeado por uma densa álea de tumisis, isolado do resto dos jardins.

Caminharam um pouco em silêncio.

Mishani sentiu uma náusea subir-lhe no estômago. A criança a seu lado parecia-lhe apenas isso: uma criança. Tal como Kaiku, não apresentava qualquer fealdade física devido à sua Aberrância.

Vou assassinar uma criança, pensou. E pelos piores meios imagináveis. Eis no que estivera a pensar desde que o pai lhe pedira para o fazer, mas agora a realidade da situação pressionava-a e começou a sufocar.

— Deveis aborrecer-vos de ver pessoas como eu — referiu, sentindo uma súbita necessidade de falar para se distrair. — Calculo que tendeis conhecido muitos nobres nestas últimas semanas.

— Era uma frivolidade, mas sentia-se desarmada e não lhe ocorreu mais nada que pudesse dizer.

— Eles acham que sou um monstro — afirmou Lúcia, os seus olhos plácidos. — A maior parte, pelo menos.

Mishani ficou surpreendida por ouvir semelhantes palavras da boca de uma criança com oito apanhas.

— Tu não, porém — retorquiu, levantando o rosto para Mishani.

Tinha razão. Havia uma diferença em relação a Kaiku. Não conseguia sequer pensar que esta criança era Aberrante; pelo menos, não na acepção que conhecia. Sentiu a náusea nas suas entranhas tornar-se dolorosa.

Ó espíritos, não posso fazer isto.

Passaram do relvado para um recanto sombrio, onde viram um banco simples de madeira.

Lúcia acercou-se e instalou-se. Mishani sentou-se ao lado dela, compondo o vestido no colo.

Estavam longe da vista de quem quer que fosse, excepto um único corvo empoleirado num muro distante do jardim, observando-as com um interesse desconcertante.

Não posso... não posso...

Mishani sentiu o seu controlo vacilar. Chegara a ter esperança de que a Imperatriz ficasse com elas, que a oportunidade de entregar o embrulho a Lúcia não se apresentasse; mas, sem querer, a criança estava a facilitar-lhe a vida.

— Tenho um presente para vós — ouviu-se dizer, e a sua voz pareceu distante devido ao sangue nos ouvidos. Sentiu o embrulho libertar-se da faixa quando o puxou para fora, e depois estava nas mãos dela.

Quadrado e plano, papel bordado a ouro e uma fita azul-escura.

Lúcia olhou para ele, e depois para ela. Um súbito acesso de emoção brotou dentro de Mishani, demasiado rápido para o dominar; sentiu o lábio tremer quando inspirou de forma entrecortada, como se se preparasse para chorar. Reprimiu-o, mas fora uma brecha imperdoável na sua fachada. Levava dois anos a treinar a calma e o aprumo da corte, dois anos a construir a sua máscara; mas naquele momento sentia-se de novo uma moça, e a sua confiança e intrepidez tinham desaparecido. Não era tão forte quanto se julgara. Vacilou e ignorou a sua responsabilidade.

— Porque estás triste? — perguntou Lúcia.

— Estou triste... — disse Mishani. — Estou triste por causa dos jogos que jogamos.

— Alguns jogos são mais divertidos do que outros — retorquiu Lúcia.

— E alguns são mais perigosos do que imaginais — respondeu Mishani. Esboçou um estranho sorriso à criança. — Gostais do vosso pai, o Imperador?

— Não — replicou Lúcia. — Ele assusta-me.

— O meu também — referiu Mishani em voz baixa.

Lúcia ficou silenciosa durante algum tempo.

— Dás-me o meu presente? — pediu.

O sangue de Mishani gelou-se-lhe. O momento que se seguiu pareceu prolongar-se de forma agonizante. Acometera-a uma súbita consciencialização: que já não estava tão preparada para matar a criança quanto estivera antes. Pensou no pai, como sempre se orgulhara dele, como a ensinara e como o amara. Abanou a cabeça, um infimíssimo movimento.

— Perdoai-me — disse. — Enganei-me. Este presente não é para vós. — Voltou a guardá-lo na faixa.

Lúcia fitou-a inexpressivamente com o seu olhar estranho, etéreo. Depois deslizou pelo banco e apoiou a mão no ombro de Mishani. Esta, surpreendida, envolveu a criança com o braço.

Não confies tanto em mim, pensou, ardendo de vergonha, pois desconheces que tipo de criatura sou.

— Obrigada — murmurou Lúcia, e aquilo acabou com qualquer compostura que lhe restasse.

Sentiu o afluxo de lágrimas expandir-se por detrás dos seus olhos, e depois chorou, como não chorara em anos.

Chorou por Kaiku, pelo pai, por si própria e pelo que se tornara. Estivera tão segura, tão certa de tudo, e no entanto todas as certezas se dissiparam.

E eis ali a filha da Imperatriz a agradecer a Mishani por decidir não a assassinar, e...

Levantou a cabeça e olhou Lúcia nos olhos, o choro repentinamente cessado. Apercebeu-se então. Ela sabia. A criança sabia. E, todavia, Mishani perguntou-se se

ela não teria à mesma aceite o presente, usando-o, e morrendo se fosse oferecido. Teve a súbita presciência de ser o fulcro de um equilíbrio terrível, que futuros sem fim dependiam daquele único instante de decisão. Lúcia esboçou um sorriso tímido.

— Devias ir ver a dama dos sonhos — disse. — Acho que irias gostar dela.

Era imensa a multidão na Praça dos Oradores naquela noite.

A praça era um enorme pátio lajeado, delimitado por filas altas de edifícios grandiosos. O seu lado ocidental era quase inteiramente ocupado pelo enorme Templo de Isisya, a fachada uma massa de varandas salientes, mosaicos e gravuras, o andar de baixo protegido por um toldo de pedra ornamental que avançava até à praça, sustentado por amplas colunas. Os outros edifícios eram igualmente impressionantes: a biblioteca municipal — ostensivamente pública, mas cujos volumes eram ilegíveis pelo campesinato, por estarem escritos em alto saramírico; o conjunto burocrático central, onde tinha lugar grande parte da administração quotidiana de Saramyr; e uns enormes banhos públicos, com uma estátua de bronze de um peixe-gato assente num plinto colocado nos seus degraus amplos, o aspecto terreno de Panazu.

Mesmo no centro da praça fora erguido um estrado sobre o qual estava uma estrutura suspensa, as duas colunas verticais curvando elegantemente para sustentar a trave mestra convexa, sobre a qual fora inscrita em lânguidos símbolos gráficos uma lendária — e historicamente dúbia — citação do Imperador Torus tu Vinaxis: Assim como uma pintura ou uma escultura são arte, também a palavra dita o é.

A multidão apinhava-se à volta do pódio do orador e alastrava às extremidades da praça, bloqueando as entradas dos edifícios circundantes e estendendo-se até às ruas adjacentes.

Tinha um ar ameaçador, que era visível no aspecto carrancudo dos rostos das pessoas e nas desordens frequentes que irrompiam quando a paciência se esgotava e os rastilhos se acendiam.

Os vivos de apoio ao orador — e estes eram frequentes e sinceros — tinham um quê de selvagem. A maioria da multidão sabia já o que sentia em relação à questão da Imperatriz-Herdeira; tinha vindo ouvir alguém capaz de dar voz à raiva, à frustração e à repulsa guardada nos seus peitos, e concordava com ele. Esse alguém era Unger tu Torrhyc.

Zaelis assistia, encostado a uma das colunas de mármore da biblioteca municipal, tomando o pulso à multidão. Agitavam-se no calor do final da tarde que diminuía lentamente, altura em que a luz do Sol ficara avermelhada e as sombras dos edifícios a oeste se estenderam sobre a assembleia, uma fronteira demarcada a dividi-los em claridade e escuro. Quando Unger fez um comentário particularmente acutilante sobre a Imperatriz-Herdeira, a multidão irrompeu em grande agitação, e Zaelis viu o brilho da fúria primeva nos olhos da gente da cidade, um ódio antigo tão arraigado

que nem sequer se lembravam das suas origens. Quase nenhum deles sabia que tinham sido os Tecedores a plantar aquela semente, os Tecedores que tinham instigado e encorajado o receio natural da humanidade pelos Aberrantes, e que há dois séculos ou mais que o faziam.

Na plataforma central da praça, Unger caminhou entre os pilares vermelhos de madeira da estrutura suspensa, vagueando enquanto discursava, a sua voz chegando a todos os cantos do ajuntamento, ao mesmo tempo que as suas mãos e o seu cabelo rebelde se agitavam. Não era um homem atraente, um pouco baixo de mais para a sua estrutura e as suas feições grandes e pesadas; mas tinha carisma, ninguém o podia negar.

A paixão estava manifestamente patente na sua voz enquanto falava dos inúmeros perigos que afectariam Saramyr com uma Aberrante no trono. Usava o palco qual magistral actor de teatro, e o seu tom e os seus modos influenciavam a multidão, tornando-se cada vez mais altos até quase gritar, fustigando a sua audiência com um tom inflamado. O que afirmava não era novidade nenhuma, mas a maneira como o dizia era tão persuasiva, os argumentos que postulava tão inatacáveis que era impossível ignorá-lo. E, assim como a sua fama aumentara nas últimas semanas, também os seus ouvintes se tinham multiplicado.

Zaelis sentiu um frio presságio ao olhar para a multidão. Era nítida a tensão no ar. Axekami vacilava no fio de uma navalha, e a sua Imperatriz não parecia estar a fazer nada para o evitar.

Zaelis perguntou-se, em desespero, se Anais alguma vez dava ouvidos aos seus conselheiros quando lhe falavam do crescente descontentamento nas ruas da capital ou se ainda pensava numa maneira de trazer as famílias nobres para o seu lado. Estava tão preocupada com os relatórios da união dos exércitos dos Sangue Amacha e dos Sangue Kerestyn que não tinha tempo para considerar mais nada; e por muito que a respeitasse e admirasse, tinha de admitir que ela enfermava da arrogância da nobreza.

Lá no fundo, ela não acreditava que as classes inferiores fossem capazes de se organizar o suficiente para a prejudicarem.

Via Axekami como uma creche, cheia de crianças inexplicavelmente voluntariosas que tinham de ser mantidas nos eixos para que não se magoassem.

A ideia de poderem retirar-lhe a lealdade nesta questão ocorrera-lhe num nível superficial, mas não mais.

Enfermava de uma falta de empatia; não conseguia compreender o nível de ódio que nutriam pela sua adorada filha. Subestimaré o receio que a palavra "Aberrante" evocava ainda no homem comum.

Mas a verdadeira preocupação de Zaelis era com Lúcia. Com duas facções já a unirem forças contra ela, Anais não podia permitir-se combater uma terceira frente,

esta dentro das muralhas da sua cidade.

Se qualquer das forças que se lhe opunha alcançasse a vitória, então a vida de Lúcia estaria condenada. Não importava que ela não fosse o monstro que imaginavam ser — apesar de ter de admitir que às vezes ela o assustava, e só os deuses sabiam que tipo de poder viria a dominar no estado adulto se continuasse a desenvolver-se ao ritmo actual. Teria de ser morta por causa do que representava.

Zaelis reflectiu naquilo durante algum tempo, ignorando a retórica que Unger tu Torrhyc lançava à multidão como ossos ensanguentados a cães que ladravam.

Depois veio-se embora, os seus pensamentos ensombrados, abrindo caminho por entre a multidão e de regresso ao Bairro Imperial.

Não reparou no homem com as roupas sujas de padeiro quando passou pela orla da multidão. Tão-pouco se teria preocupado caso se houvesse apercebido; tinha coisas bem mais importantes em mente.

Talvez o intrigasse a expressão estranha do homem — um misto de furtividade, provocação e febrilidade. Poderia ter-se apercebido da mochila pesada que o padeiro levava, fechada com correias triplas.

E se tivesse esperado o suficiente, talvez pudesse ter visto o segundo homem chegar, carregando uma mochila pesada, e o reconhecimento mútuo que passou entre eles, como quando dois soldados se encontram num campo de batalha junto à carnificina dos seus companheiros mortos.

Nada disso teria feito sentido para Zaelis se não se houvesse limitado a passar. E, além disso, era apenas um dos muitos encontros idênticos que decorriam na cidade desde a eclosão da notícia sobre a Imperatriz-Herdeira.

Apenas uma semente, outra pequena parte de uma das infindáveis intrigas de Axekami.

O padeiro e o seu novo companheiro — nenhum dos quais se vira antes — afastaram-se da multidão sem uma palavra, em direcção a um local que ambos conheciam, mas onde nenhum tinha estado.

Um lugar onde outros como eles estavam reunidos, cada qual levando nas suas mochilas outra carga mortífera.

CAPÍTULO 19.

Nas montanhas, a neve caía densamente, trazida por um vento que soprava dos picos e agitava o ar num caos branco turbilhonante, uma tempestade de neve que gemia e ventava furiosamente pelas depressões e desfiladeiros.

Uma mulher solitária caminhava na voragem usando uma máscara vermelha e preta, servindo-se da espingarda como bordão para apoiar o seu corpo exausto. Avançava a vacilar pela camada dura de neve à altura do joelho, debaixo de um aglomerado esquelético de árvores que sacudiam violentamente sobre ela os seus ramos carregados de neve. Escorregava e caía amiúde, em parte da superfície traiçoeira e irregular de pedra, mas mais porque as pernas lhe estavam a falhar, a sua força erodida a cada rajada de vento que a fustigava. Todavia, de cada vez que caía, voltava a levantar-se e continuava.

Pouco mais podia fazer. Era isso ou deitar-se e morrer ali.

As montanhas tinham-se tornado uma subida infundável e monótona; um manto branco definido apenas pelas linhas, cumeadas e encostas onde a rocha negra das montanhas irrompia.

Uma parte remota de si dizia-lhe que era uma insensatez continuar a arrastar-se penosamente por este sulco baixo, um entalhe amplo na vertente da montanha com margens de pedra erguendo-se de cada lado à altura dos ombros.

Algo relacionado com neve acumulada. Mas a voz era fragmentada, e não a conseguia situar completamente para que fizesse sentido.

Kaiku já mal sabia onde estava. O frio entorpecera-a tanto que perdera a sensação nas extremidades. A exaustão e o princípio de hipotermia tinham-na reduzido a um estado de zumbie, embasbacada e desajeitada, arrastando-se mecanicamente sem saber muito bem para onde ia.

Neste momento, era um ser inteiramente instintivo, e esse instinto ordenava-lhe que sobrevivesse.

Perdera a conta dos dias desde que abandonara a caverna onde se abrigara com Tane, Asara e Mamak. Cinco? Seis? Certamente não uma semana!

Uma malograda semana passada neste ermo abandonado, cheia de fome, assustada e sozinha. Cada noite enrolada e a tremer de frio em algum buraco, cada dia uma tortura de frustração e terror, procurando caminhos enquanto se encolhia a cada som, e esperando que o que quer que o emitisse pudesse ser algo para ela apanhar e comer e não algo que a fosse apanhar e comer.

Por quanto tempo mais a poria Ocha à prova desta maneira?

Lá na caverna fora atormentada pelo mesmo sonho sempre que fechava os olhos. Nele via um javali, e nada mais. Era enorme, a sua pele verrugosa e velha, as presas

lascadas, amarelecidas e descomunais.

O javali não dizia nada, limitava-se a sentar-se diante dela e a olhá-la, mas havia naqueles olhos animais uma eternidade, e sabia que não estava a olhar apenas para um animal, mas para um enviado de Ocha. Foi tomada de pavor, invadida por uma dor e um espanto mais poderosos do que qualquer meditação que julgasse conseguir alcançar, uma imensa tristeza misturada com uma beleza tão enorme, tão avassaladora e frágil que só lhe apeteceu chorar. Mas havia qualquer coisa mais nos olhos do javali, no seu focinho lúgubre.

Esperava algo dela, e lamuriava-se por ela não o fazer, e a dor dele dilacerava-lhe o coração.

Acordava com as lágrimas a escorrerem-lhe pelas faces, e a tristeza permanecia ao longo da manhã. Não contou nada aos outros. Não a teriam compreendido. Afinal, ela também não compreendia.

Fora apenas naquele momento de perfeita clareza, em que olhara para a fogueira depois de todos terem adormecido, que se fizera luz. Ocha escutara a jura proferida na Floresta de Yuna. Ia vingar a família.

Ele não toleraria demoras ou recuos; exigia acção e determinação.

E então fez a única coisa possível: pegou na máscara e enfrentou a tempestade. Apesar de o vento puxar por ela e de a chuva a fustigar com setas gélidas, soube naquele momento que estava a obedecer à vontade do Imperador dos deuses.

Depois disso tudo se complicou.

Caminhou durante um dia aos tropeções no meio do vento, da chuva e dos relâmpagos furiosos. A dor da resistência não se lhe afigurou nada de início, pois sabia que tinha uma finalidade.

Mas não tardou que começasse a minar a sua determinação, enquanto os dentes batiam e a pele formigava com as gotículas geladas.

Aconchegou mais o capuz à cabeça e prosseguiu, sem saber para onde ia, confiando que Ocha a guiasse.

Não soube como sobreviveu àquele primeiro dia; a sua existência degenerara num pesadelo em que o próprio ar estava contra ela, tentando derrubá-la com enormes rajadas e açoitando-lhe impiedosamente a pele exposta. Os lábios estavam gretados e os olhos injectados, as faces doridas e em chaga.

Encontrou abrigo numa saliência, pouco mais do que uma cavidade de rocha numa superfície alcantilada e interrompida. Não deixava a chuva entrar, mas a água continuava a correr pelo solo lá de cima da vertente e o vento entrava a uivar no seu nicho. A dada altura do dia, sem que Kaiku se apercebesse, a trovoadá passou, e foi o seu primeiro vislumbre de esperança; pois, apesar de acreditar que não aguentaria outro dia nesta tempestade, sabia que teria de continuar a deslocar-se qualquer que fosse o tempo ao alvorecer. Rezou a Panazu para que pusesse termo à carga de

água.

Sem saber como, acabou por adormecer, a exaustão a vencer o desconforto martirizante do seu parco abrigo. Naquela noite não sonhou com nada.

Acordou com o chape e o bater de água, e a luz ofuscante de um céu frio sem nuvens a transformar as superfícies planas da pedra molhada num resplendor cintilante. A tempestade passara.

A custo saiu do seu abrigo e tentou expor-se ao brilho ofuscante do único olho de Nuki. Uma câibra forte fê-la ajoelhar de novo, a herança de dormir na rocha gelada. Tinha um dos braços e uma coxa dormentes, e não conseguia dobrar os dedos mais do que uma ténue contracção. Mas não tardou que o sangue voltasse ao seu corpo, e flectisse a mão num punho cerrado; e, apesar de ter dores, sentiu um júbilo interior e deu graças a Panazu por atender à sua prece.

Levantou-se então, e olhou à sua volta. As montanhas pareciam tão diferentes quando estava de pé sobre elas do que quando vistas à distância. De longe, a sua imensidão tornava-as saliências de rocha simples e vastas que afunilavam num pico. Mas uma vez entre as pregas, as aberturas, as vertentes e as escarpas que formavam a sua superfície tornavam-se subitamente mais complexas, pois a pedra erguia-se alta a toda a volta e era difícil imaginar um mundo exterior onde a terra era plana e não estava circunscrita pelos sisudos contrafortes cinzentos e negros.

A perspectiva tornava-se enviesada e a navegação deixava de parecer tão fácil quanto se afigurava vista de uma posição vantajosa fora das montanhas.

Tirou a máscara da mochila e observou-a. Olhava-a com ironia, um sorriso indiferente e irreverente estampado no seu rosto vermelho e preto. Por isto a sua família morrera. Por isto um templo de Enyu fora destruído, os seus sacerdotes chacinados. Virou-a e examinou-a. Segurava nas mãos uma máscara verdadeira, e a acreditar no que lhe tinham dito mostrar-lhe-ia o caminho para o lugar onde fora feita.

O mosteiro escondido onde viviam os Tecedores.

Estivera a adiar o máximo possível o momento, receosa daquele pequeno risco para que Mishani a alertara, a hipótese reduzida de poder resvalar para a insanidade ou a morte através dos veios na madeira.

Mas, na realidade, fizera a sua escolha quando decidira sair da caverna, e um adiamento soava agora a falso.

Chegara o momento. Colocou-a sobre o rosto.

O efeito, se algum houve, foi semelhante a um anticlímax. Não morreu nem enlouqueceu.

Sentiu uma certa estranheza, uma sensação de estar desligada do mundo que via através dos oculares talhados; e a madeira da máscara parecia quente e macia no seu rosto, causando mais a sensação de uma nova camada de pele espessa do que algo

rígido. Deu-se então um contentamento avassalador, semelhante ao afundar-se nas pregas felpudas de uma cama macia.

Passado algum tempo, também este desapareceu, e sentiu-se apenas ligeiramente tola por ter estado tão preocupada.

Partiu de novo. Não soubera que tipo de orientação esperar da máscara, e durante algum tempo duvidou que a fosse sequer guiar. Depois lembrou-se do que Cailin lhe dissera, que a máscara só funcionaria quando se aproximassem do mosteiro. Mas a que distância ficava, e em que direcção? Podia ser do outro lado das montanhas!

Afastou aquelas ideias da mente. Semelhantes pensamentos não lhe traziam qualquer benefício. Empreendera esta viagem como um ato de fé, e era necessária fé para se aguentar.

Acreditava que Ocha não a abandonaria daquela maneira, quando fora ele que a pusera neste caminho. Mas, depois, quem sabia quais os desígnios dos deuses e que peças mortais poderiam dispensar ou esquecer por extravagância ou capricho?

Os dias seguintes foram progressivamente piores. As suas magras rações viram-se reduzidas a nada; a maior parte da comida ficara na mochila de Mamak.

Fora subindo mais e mais as montanhas, sem rumo, preferindo que os deuses determinassem o seu caminho.

Encontrou várias vezes pequenas criaturas Aberrantes, com frequência tão malformadas que eram lentas de mais para as apanhar com as mãos ou abater com a espingarda. Mas recusava-se a comer carne de Aberrante; para além de execranda, não lhe oferecia a menor confiança.

Desesperada, experimentou uma raiz carnuda que saía das fendas na pedra próximo de riachos e pequenas quedas-d'água, que alimentavam ervas daninhas resistentes e espinhosas. Engasgou-se e sentiu vômitos, mas era uma questão de subsistência.

Não ousou experimentar outras que viu, pois as árvores e plantas que sustentavam pareciam deformadas pela moléstia e receou envenenar-se.

Partiu feixes de ramos estaladiços das árvores torcidas para lenha, mas era quase impossível arderem, e apenas conseguiu uma pequena chama após uma hora de esforço, e nessa altura quase se afigurou desnecessário.

No dia seguinte, a raiz carnuda desaparecera por completo e viu-se obrigada a passar a maior parte do dia à procura de comida, o que a retardou ainda mais. A temperatura desceu acentuadamente.

O percurso seguido levava-a cada vez mais para o cimo dos picos, e a geada cobria o solo, mesmo com o sol. Aconchegou o casaco ao corpo, mas o frio parecia infiltrar-se à mesma, e os dentes batiam sempre que ficava parada mais do que alguns minutos. Encheu o casaco de erva e alguma folhagem agreste que conseguiu encontrar e usou-as como isolamento.

O terreno tornou-se mais difícil, e apercebeu-se de que subia. Escapou duas vezes à morte por mero acaso, quando algum instinto a avisou de que o apoio para a mão se ia esboroar ou uma saliência era instável.

Noutras ocasiões escondeu-se apavorada, quando coisas semi-humanas enormes e hirsutas passaram pesadamente por ela, ou se ergueram em silhueta, enchendo o horizonte. Os Aberrantes faziam ouvir a sua voz de noite, altura em que ela se imobilizava nos buracos ou fendas onde se enfiara para se abrigar; mas, milagrosamente, apesar de parecerem estar em todo o lado, não se lhe deparou um único muito próximo. Eram coisas distantes, formas sugeridas que se moviam nos vales lá ao fundo ou espreitavam nas sombras. Corvos-seláquios pairavam no alto de quando em quando, mas não pareciam interessados na figura vacilante lá em baixo. Talvez reconhecessem o objectivo dela e se mantivessem afastados.

Este é o meu teste, repetiu de si para si, um mantra que a manteve em movimento e a colocar um pé diante do outro. Este é o meu teste.

Porém, a dada altura, a sua mente vagueou, e quando voltou a si o mantra mudara. Isto é o que mereço. Isto é o que mereço.

E soube então o verdadeiro motivo por que saíra para a tempestade naquela noite. A fome e a exaustão tinham expulsado a confusão da sua mente. Aqui, apesar de estar suada, tresandar e sentir-se mais como um animal do que uma mulher, apesar de ter esgaravatado a terra à procura de raízes malsaborosas para diminuir a dor no estômago, encontrara o conhecimento de si mesma e a clareza de espírito.

E odiou-se.

Sou uma Aberrante, pensou. E irei pagar por isso, e voltarei a pagar até a minha dívida estar saldada.

E foi então que chegou a tempestade de neve, a uivar de lado nenhum e apanhando-a desprevenida. Não tinha onde se abrigar, nem onde ficar livre do turbilhão. Sentiu o frio da morte instalar-se-lhe na medula.

Os seus lábios estavam azulados, a pele morena pálida, os músculos tolhidos e doridos.

Minúsculos cristais de gelo escondiam-se-lhe nas pestanas, tendo encontrado o caminho através dos oculares da máscara. Tremia de forma descontrolada como se atacada de paralisia.

Semelhantes condições atmosféricas teriam desafiado os montanhistas mais resistentes, mas Kaiku estava cheia de fome, cansada e mal equipada. Não tardou que o frio parecesse desaparecer, e começou a sentir o peso do sono invadi-la, arrastando-a para baixo, embotando-lhe a mente.

Se adormecer morro, disse de si para si, e alguma força dentro dela manteve-a a caminhar, movida exclusivamente pela vontade. Tinha de fazer algo... algo... algo...

Depois, uma luz. Afastou a neve, pestanejando. Uma fogueira, acesa numa

caverna, bruxuleava. Ignorando o perigo e destituída de pensamento, avançou vacilante para ela, sabendo tão-somente que o calor significava vida. A espingarda, que estivera a usar como bordão de caminheiro, pendia ainda da mão dormente, abrindo valas na neve atrás dela. Sentia agora o cheiro a carne a ser cozinhada e a fome estugou-lhe o passo. Tropeçou e percorreu em falso os últimos metros, quase caindo na caverna, uma pequena avalanche de neve à volta das suas botas.

Estava algo sentado junto à fogueira, um vulto suficientemente confuso para o seu cérebro perplexo e insensibilizado conseguir distinguir à primeira. Depois mudou de posição, e uma foice comprida brilhou numa mão. Nada disto foi efetivamente registado por Kaiku até ouvir um grito e ver um alvoroço de movimento vir a correr na direcção dela; o instinto apoderou-se então de si e levantou a espingarda para se proteger. Houve um tinido de metal, e ficou com a espingarda presa na mão pela foice; depois o disparo da arma, ensurdecador de tão próximo, enquanto algo quente e pesado colidia com ela.

Tombaram juntos em silêncio, aterrando na neve, Kaiku ainda demasiado confusa e atordoada pelo ruído da espingarda para compreender o que sucedia. Não se deu sequer conta de que fora carregada.

Ficaram ali, quietos, o cheiro bafiento da coisa em cima dela invadindo lentamente os sentidos de Kaiku.

Que estranho, pensou.

Depois sentiu o calor líquido espalhar-se pela sua clavícula e garganta e descer para o peito.

Abençoado calor! A sensação trouxe à lembrança o incêndio, subitamente como um aviso para ela. Lenta e gradualmente, afastou o volume da coisa que a atacara, não se importando sequer com o que era ou porque cessara os movimentos. Aproximou-se da fogueira, e o calor das chamas fez-lhe crestar a pele e sentir prurido; mas suportou-o o suficiente para retirar a criatura a assar do espeto antes de se afastar para um calor menos doloroso. Só os deuses sabiam o que era, mas tinha o tamanho de um pequeno coelho.

Arrancou a máscara. Aberrante ou não, deixara de lhe importar. Sofregamente, comeu a carne meio cozinhada, o sangue escorrendo-lhe pelo queixo e indo ao encontro daquele que lhe ensopava o pescoço e o peito, mas antes de chegar a meio adormecera, sentada de pernas cruzadas com a cabeça pendendo dentro do capuz forrado de pele.

Acordou várias vezes durante os breves dias que se seguiram, apesar de não se lembrar praticamente de nada depois. Havia uma pequena reserva de lenha empilhada ao fundo da caverna, e uma mochila com delícias como pão, arroz e um frasco de gafanhotos doces fritos, bocados de carne seca e até um peixe fumado. Qual sonâmbulo, Kaiku levantou-se periodicamente, motivada por necessidades

físicas demasiado primitivas para preocuparem a sua mente consciente. Não se sabe como, a fogueira continuou acesa, mesmo depois de quase se apagar por duas vezes; Kaiku deitou-lhe lenha automaticamente quando a sua preciosa fonte de calor parecia diminuir. Comeu também mecanicamente, enfiando a mão na mochila e devorando a comida lá de dentro sem a preparar; não cortou a carne, nem o pão, mas mastigou bocados de ambos e depois tornou a adormecer.

Por fim, voltou ao verdadeiro estado vigil e apercebeu-se de que ainda estava viva. Era de noite, mas a fogueira ardia com chama fraca e a tempestade de neve cessara.

De uma forma desconcertante, as sombras deslocavam-se pelas paredes de rocha ao sabor da oscilação caprichosa das chamas.

Ouviu-se ao longe o grito lamuriento de um animal Aberrante, ecoando pelos picos. Deixou-se ficar onde estava durante algum tempo, tentando lembrar-se.

Não fazia ideia de quanto tempo dormira, ou recordava sequer como ali fora parar. A última coisa de que se lembrava era da tempestade de neve.

Colocou lenha nova na fogueira, agradecendo à providência por este abrigo mas ainda profundamente confusa, e foi então que viu a coisa à entrada da caverna. Intrigada, aproximou-se dela. A princípio afigurou-se-lhe um monte de pano descartado numa alfaiataria. Observando melhor, viu que era uma túnica, uma veste pesada formada por uma quantidade de peles e materiais diferentes sem obedecer a qualquer sentido de ordem ou simetria. Com a bota, empurrou o corpo de modo a ficar de costas.

A túnica era realmente pesada, com um capuz demasiado grande, ameaçando absorver o rosto que protegia. Afinal não era um rosto; era uma máscara. Uma coisa estranha, sem expressão, branca, a sua testa franzida como se curiosa, com nariz mas ausência de boca. O lado direito, da face ao queixo, estava cravado de pequenos buracos como era possível encontrar numa flauta ou corno usados como instrumentos musicais, sem obedecer a um padrão específico. O lado esquerdo fora fendido e destruído por uma bala de espingarda, a sua cor de marfim manchada e ensanguentada.

As peles à volta do pescoço do desconhecido apresentavam-se vermelhas com bocados de sangue coagulado.

Olhou demoradamente para a figura antes de lhe retirar cautelosamente a máscara. O rosto por baixo era pálido e sem pêlos, com olhos bolbosos arregalados na morte e finos lábios brancos.

De aspecto ligeiramente anormal, talvez, mas nitidamente um homem. Um Tecedor. Matara um Tecedor.

A capa do desconhecido parecia quente. Kaiku decidiu retirá-la do cadáver.

Repentinamente estimulada, como se em reacção aos dias de inactividade na

caverna, encheu as mãos de neve e retirou o máximo de sangue possível, depois tentou secá-la junto à fogueira.

Quando terminou, despojou o corpo das roupas interiores — mesmo as calças sujas e molhadas que pareciam de pele de foca — e lavou-as também.

O receio do frio era maior do que a sua repugnância ante o esvaziar da bexiga e dos intestinos do homem na morte. Pondo-as a secar, descansou junto à fogueira.

Mais tarde, vestiu-se de novo, guardando as suas roupas na mochila. As calças e o colete de pele eram confortáveis de vestir, e a pesada túnica de retalhos de pele era extremamente quente.

Começou a transpirar com o calor da fogueira e deliciou-se com o desconforto da sua novidade.

Quem quer que fosse este Tecedor, andava em viagem quando fora surpreendido pela tempestade de neve. Trazia provisões para vários dias, e reunira lenha antes de os nevões se tornarem demasiado rigorosos.

Preparara-se para esperar que a tempestade de neve passasse. Fora esta estranha providência — e o fato de ter conseguido morrer tão convenientemente — que salvara a vida de Kaiku.

Este homem viera de algures, pensou Kaiku. Perguntou-se a que distância ficava esse lugar.

Comeu, dormiu e acordou com o sol. Era um novo dia, via-se neve recente no solo, e o céu estava de um azul límpido. Hoje era o dia em que ia partir.

Pegou na máscara do pai e olhou para ela, tal como fizera muitas vezes antes. A sua expressão vaga não continha respostas. Colocou-a, e mais uma vez não lhe indicou nada.

— Ainda não terminei, Pai — murmurou de si para si, e avançou de novo para a neve.

CAPÍTULO 20.

A fúria do Barak Avun não conheceu limites.

— Tinha-la sozinha, ofereceste-lhe o presente e depois tiraste-lha! — exclamou.

Mishani olhou para o pai, toda ela calma glacial e pose estudada. Tinha as mãos enfiadas nas mangas da túnica e colocadas à sua frente; o cabelo caía em cortinas pretas de cada lado do rosto magro.

Encontravam-se no gabinete de trabalho dele, uma divisão pequena e simples com mobília castanho-escura e soalhos de madeira a condizer.

Dedos de luz do entardecer estendiam-se através das folhas das árvores lá fora e entravam pelas persianas, acariciando as partículas de pó e fazendo-as deslocar-se e dançar.

— Tirei, Pai — respondeu ela.

— Filha ingrata! — insurgiu-se. — Sabes o que nos foi prometido em troca do teu serviço? Sabes o que a tua família teria ganho?

— Visto que achou por bem excluir-me das suas negociatas com Sonmaga — redarguiu com frieza, — não sei.

Mishani ficou realmente bastante surpreendida com a veemência da reacção do pai à notícia de que a Imperatriz-Herdeira não recebera a camisa de noite infectada. Parecia ter abandonado toda a dignidade, de rosto congestionado e a tremer de raiva de uma maneira que nunca antes vira nele. O que restava da velha Mishani queria consolar o pai, ou pelo menos recluir a ira dele; mas, no seu íntimo, desprezava-o. A facilidade com que ela lhe arrancara a fachada de impavidez.

Apeteceu contar-lhe toda a verdade sobre o que sucedera nos jardins no terraço da Fortaleza Imperial.

Podia ter-lhe mentido, dito que Lúcia estava demasiado bem guardada ou que tinham interceptado o presente que lhe levara; mas não se rebaixaria tanto.

Portou-se com orgulho em face da fúria do pai. Não fossem os anos de condicionamento, não se teria sequer dado ao incómodo de manter o modo formal do saramítico usado para se dirigir a um progenitor.

— Onde foi que falhei contigo, Mishani? Onde está a lealdade para com a tua família? — Andava de um lado para o outro, não conseguindo ficar quieto.

— Sabes quantas vidas haveriam sido salvas se tivesses feito o que te pedi?

— Se eu tivesse assassinado uma criança de oito apanhas? — replicou Mishani. O pai fuzilou-a com o olhar. — Tenha a coragem de o dizer, Pai. Não se esconda atrás de eufemismos e linguagem evasiva.

Está firmemente decidido a fazer-me arcar com o peso dos seus actos; pelo menos tenha a hombridade de os admitir a si próprio.

— Tu nunca me falaste assim, Mishani!

— Nunca tinha tido motivos até agora — disse ela. A sua voz era perfeitamente calma, arrepiante pela sua rigidez. — O senhor desonra-se, Pai, e desonra-me. Não me interessa saber o que Sonmaga lhe prometeu.

Nem que fossem as chaves do próprio Reino Áureo, não valeriam sequer o que me pediu para fazer. O senhor transformou-se num peão dele por uma recompensa; até o podia entender.

Mas fez de mim o seu peão porque sabia que eu não podia recusar. O senhor aproveitou-se de mim, Pai. Eu teria feito tudo o que me pedisse se o pudesse realizar com honra, por mais difícil que fosse.

Já antes matei para o proteger! — Os olhos dele arregalaram-se ao ouvir aquelas palavras; muito embora desconfiasse que a morte de Yokada não fora um acidente, a confissão não deixava de ser à mesma uma surpresa.

— Mas isto? Dar uma camisa de noite infectada a uma criança e deixá-la sofrer uma morte lenta? Recuso-me a descer tão baixo, Pai. Nem mesmo por si.

Avun estava quase a sufocar de raiva.

— Como te atreves a insinuar que a tua honra é maior do que a minha neste assunto?

— Não insinuo nada — referiu Mishani. — O senhor foi para a frente com este ato. Pelo menos, eu não.

— Ela é uma Aberrante! — exclamou Avun. — Uma Aberrante, entendes? Ela não é nenhuma criança. Devia ter sido morta à nascença.

Mishani pensou em Kaiku, e as palavras saíram-lhe da boca antes de as conseguir sustentar.

— Nesse caso, talvez as coisas não devessem ser assim.

A sua visão explodiu num clarão branco, e encontrava-se no chão, o cabelo como uma asa preta sobre o corpo caído. Levou alguns segundos a aperceber-se de que fora agredida, com toda a força, no rosto.

A surpresa e a dor renunciaram as lágrimas, mas engoliu-as e reprimiu qualquer reacção no seu semblante. Olhou para o pai com uma calma enfurecedora.

A sua cabeça calva estava suada, os olhos saídos. Parecia ridículo.

— Moça perversa! — imprecou. — Virares-te contra a tua família desta maneira! Amanhã vais voltar para a baía de Mataxa, e ficarás lá o resto da época, e quando o Inverno chegar veremos se ainda continuas a ser minha filha.

Olhou-a furioso durante mais alguns momentos, à espera de ver se ela se atrevia a uma réplica susceptível de punição. Mas não lhe iria dar esse prazer. Resfolegando, saiu imponentemente do gabinete de trabalho.

Mishani dirigiu-se ao pátio dos serviços quase de seguida, fazendo entretanto um desvio até ao seu quarto para aplicar uma camada de pó-de-arroz que disfarçaria a

equimose no maxilar.

Conseguiu esmerar-se, apesar de lhe conferir um ar um pouco doentio. Bem, teria de servir.

Se ia partir para a baía de Mataxa no dia seguinte — e mal poderia ficar no pé em que as coisas estavam, — então tinha assuntos a tratar esta tarde.

Encontrou Gomi a escovar os cavalos nos estábulos. Era um homem baixo e entroncado, de cabeça rapada e feições regulares, conseguindo combinar uma impressão de sabedoria, mundanidade e confiança no seu todo.

Fez uma profunda vénia quando a viu silhuetada na luz à porta do estábulo, mas Mishani julgou descortinar algo de desagradável nos olhos dele quando o fez.

Yokada, a serviçal que Mishani envenenara para proteger a reputação da família, era sobrinha dele.

— Traz os cavalos e prepara a carruagem — ordenou. — Pretendo sair.

Pouco tempo depois, percorriam as ruas do Bairro Imperial, descendo a colina em direcção ao sítio onde a faixa lustrosa do rio Kerry desliza pela cidade. Gomi conduzia, sentado na frente com as rédeas das duas éguas pretas nas mãos. A carruagem era da cor dos cavalos, com elegantes relevos gravados a laca azul e guarnecida de dourado à volta dos raios das rodas, um testemunho da riqueza dos Sangue Koli.

Mishani ia sentada lá dentro, olhando pela janela. As vias de comunicação limpas e bem conservadas do Bairro Imperial pareciam agora desconsoladas, ao passo que antes sempre apreciara ver as árvores antigas, as fontes e esculturas que embelezavam o bairro mais rico da cidade.

Os mosaicos garridos tinham perdido a cor; o jogo das sombras e da luz avermelhada nas praças deixara de a atrair. As ruas largas e os becos estreitos de outros tempos que se estendiam pelos contornos da colina e pareciam ter albergado intrigas e murmúrios secretos não passavam agora de ruas destituídas de mistério. Sentia-se de certa forma vazia, uma vida inteira de afectações e reacções condicionadas seguindo o sabor da corrente dos acontecimentos. A sua mente vagueou repetidamente até Kaiku, e pesava-lhe uma única pergunta no peito como uma pedra tumular.

Agi mal ao fazer o que fiz?

As ruas do Bairro Imperial deram lugar ao Bairro do Mercado, e o tráfego adensou-se à volta deles. Apesar de Nuki se estar a encaminhar para oeste e as luas vorazes não tardarem a invadir a noite, os mercados só acabavam muito depois de escurecer. Aglomeravam-se numa série de praças interligadas, dispostas em ângulos irregulares umas com as outras e comunicando através de becos serpenteantes de arenito.

Aqui, a cidade era mais inarmónica, mais mal conservada do que o Bairro

Imperial, mas possuía uma ressonância reconfortante. As praças estavam cheias de bancas ruidosas, toldos multicolores de todas as formas e tamanhos empilhando-se uns por cima dos outros à procura de espaço. O ar cheirava a uma dúzia de tipos de comida: lula frita, pastéis de batata, frutos secos caramelizados, arroz salgado, todos misturados na aglomeração dos habitantes da cidade que andavam por ali de um lado para o outro.

Mas nem a algazarra nem a balbúrdia crescentes lá à frente a conseguiram animar; onde antes parecera uma colmeia fervilhante de vida, ouvia agora uma cacofonia néscia de gritos sem significado, como as vozes de loucos.

Pensou no seu destino, e perguntou-se se estaria a ser completamente racional. Devias ir ver a dama dos sonhos, dissera a Imperatriz-Herdeira; e quando deixara a Fortaleza Imperial, Mishani apercebera-se de que sabia onde encontrar a dama dos sonhos, sem que tivessem trocado uma só palavra sobre o assunto. Sabia, como se algo lhe tivesse tocado o coração e mostrado.

A criança aterrara-a e fascinara-a simultaneamente. Não havia dúvida de que era especial; mas era má? Podia uma criança de oito apanhas ser má?

Pensou na criança malformada que fazia aparecer flores onde quer que os seus dedos tocassem. Ela fora má ou apenas perigosa? A diferença era importante, mas nunca parecera importar até àquele momento.

E ei-la ali, para ir visitar a dama dos sonhos de Lúcia. Não imaginava o que esperar; mas sabia que tinha de descobrir antes que a mandassem embora da cidade.

Por Kaiku, por Yokada, pelo pai, precisava de conhecer a verdade.

Gomi, talvez por despeito, escolhera um percurso que seguia pela extremidade da praça mais movimentada do mercado, e em breve tiveram de abrandar ao verem-se obrigados a abrir caminho por ruas apinhadas de animais a berrar e pessoas a falar que se atravessavam à frente das carruagens e carroças que entupiam a via, transportando cestos de fruta e pão ou apressando-se furtivamente a chegar às suas casas.

Mishani carregou o sobrolho. Apesar de preocupada, apercebeu-se do ambiente que predominava ali. Os sons do Bairro do Mercado eram diferentes, e não só aos seus ouvidos. Viu outros passageiros e cocheiros olharem à sua volta, confusos. As bancas estavam a ser desmanchadas e abandonadas. Os fregueses fugiam da praça. Não estava a acontecer tudo ao mesmo tempo, era antes um fenómeno que se estendia irregularmente. Para onde quer que Mishani olhasse, via pessoas envolvidas em acesa discussão antes de correrem para junto dos amigos a fim de transmitirem o que tinham ouvido.

O tráfego estava agora praticamente parado, e Gomi coçou os rolos finos de gordura na sua nuca e encolheu os ombros.

Mishani debruçou-se um pouco da porta da carruagem e interpelou um rapaz que

iria a caminho da sua décima segunda apanha. Era impróprio fazê-lo, mas achava cada vez mais que sucedia algo que devia saber.

O rapaz hesitou, depois abeirou-se dela, subserviente ao óbvio estatuto nobre.

— O que se passa aqui? — indagou.

— A Imperatriz mandou prender Unger tu Torrhyc — informou o rapaz. — Ali na Praça do Mercado. Os Guardas Imperiais levaram-no.

Mishani sentiu que uma sombra de receio a invadia, bem como à carruagem. Não era necessário, mas deu algumas moedas ao rapaz. Ele aceitou-as, reconhecido, e desapareceu rapidamente.

Sentiu a atmosfera de pânico iminente, e receou-a. As pessoas sabiam tão bem quanto ela quais as consequências de deter o mais directo e popular adversário da Imperatriz entre o povo.

Mishani praguejou em silêncio.

Se antes achava a Imperatriz arrogante pela forma como ignorava os cidadãos e se concentrava apenas nos nobres, agora a loucura dela deixava-a baralhada.

Inflamar uma população já enfurecida prendendo publicamente a sua figura de proa era quase o mesmo que um incitamento à rebelião.

— Gomi! — chamou, voltando a debruçar-se da janela. — Consegues tirar-nos daqui?

Viu-o virar-se para responder, a sua boca abrir-se num O, e depois o mundo explodiu à volta dela.

A carruagem foi levantada da rua num tumulto ensurdecador e num clarão de luz. Sentiu-se brutalmente arremessada dentro da carruagem quando esta tombou de lado com a força, e uma fracção de segundo depois a porta onde estivera a sua cabeça foi empurrada para dentro e ficou desfeita. Toda a parte lateral da carruagem se abateu sobre ela, fragmentando-se em punhais de madeira, mas não teve nem tempo nem oportunidade de reagir, limitando-se a assistir em choque enquanto a caixa circunscrita de madeira onde seguia se abateu para lhe ceifar a vida.

De uma forma súbita e avassaladora surgiu uma única imagem na sua mente, suficientemente forte para ser uma visão. O tempo pareceu parar lá fora, e Mishani estava de novo na praia da baía de Mataxa, com o sol estival a brilhar nas ondas sussurrantes. Teria talvez dez apanhas, e ria, corria sem fôlego pela rebentação. Kaiku vinha atrás dela, segurando um caranguejo do tamanho de um prato raso, rindo também enquanto perseguia a amiga. E naquele momento só existia alegria, despreocupação e liberdade no coração de Mishani.

Depois: a realidade. Pestanejou.

A parte lateral da carruagem abatera-se e fragmentara-se, e os pedaços de madeira partida tinham parado a escassos centímetros dela.

Recomeçou a respirar. Chegaram até ela os sons do exterior. Ouviram-se gritos;

primeiro um único, depois muitos. Escutou o uivo faminto das chamadas, pés a correr, pedidos de socorro.

Atordoada, não conseguiu reunir a evidência dos sentidos e determinar o que sucedera.

Concentrou-se antes em libertar-se do caixão em que a sua carruagem se transformara. Fora arremessada contra uma porta quando a outra cedera, mas ficara deformada pelo impacto e não se quis abrir quando a experimentou. Torcendo-se dentro dos limites escuros da carruagem, abriu as persianas à cotovelada — tinham-se fechado com a força da explosão — e felizmente cederam com facilidade. Saiu de lá, o cabelo arrastando bocados soltos de madeira quando emergiu na noite.

Levou alguns momentos a ver o que acontecera. O epicentro da explosão era bem visível devido às marcas de fuligem. Algo — talvez uma carroça, pois neste momento era impossível dizer — explodira junto à berma da rua, destruindo a imposta de uma casa bancária. Os destroços de carruagens e cavalos reduzidos a carne fumegante rodeavam o epicentro; tinham absorvido a explosão que de outro modo haveria morto Mishani. Ao invés, a sua carruagem fora arremessada de lado contra outra carruagem à sua direita; as duas tinham-se fundido num monte de escombros.

A toda a volta, a carnificina era horripilante. Homens, mulheres e crianças jaziam na rua ou pendiam empalados no sítio para onde foram arremessados de encontro a um monte de detritos denteados.

Os feridos gemiam e contorciam-se ou caminhavam vacilantes entre eles, alguns recém-privados de um membro. O ar cheirava a sangue, enxofre e fumo acre. Brotaram gemidos queixosos de uma dama nobre que estava ajoelhada junto ao corpo chamuscado do marido. Gomi jazia ao lado dos cavalos mortos que tinham puxado a carruagem dela, o cérebro dele espalhado pela rua. Havia um incêndio algures, e fora da zona da explosão as pessoas gritavam e fugiam em pânico precipitado. Mishani estremeceu quando outra explosão cortou o ar próximo, e caiu uma saraivada de pedras e lascas de madeira sobre a cabeça dela.

Os gritos silenciaram-se, para recomeçarem de imediato.

Olhou fixamente para a multidão com o rosto sombrio e flácido de um sonâmbulo. Depois, lentamente, começou a caminhar, sem escutar os gritos de socorro ou ver as mãos ensanguentadas que se estendiam numa súplica.

Era escusado voltar para casa, para a protecção de um pai que a traía. Seguiu na direcção do Bairro do Rio e da dama dos sonhos.

O comandante da Guarda caiu de joelhos diante da sua Imperatriz fazendo ruído com a armadura.

— Você deu a ordem — acusou-o ela.

A sala do trono na Fortaleza Imperial era menos faustosa do que alguns dos salões

de recepção, mas a sua decoração era pesada e austera, como convinha ao assunto a ser tratado ali.

Viam-se janelas em arco no alto das paredes, fazendo entrar os raios de luz pelos reposteiros grossos roxos e brancos, as cores do estandarte dos Sangue Erinima.

Braseiras com incenso fumegavam suavemente, assentes em postes altos e finos, espirais de prata colocadas de cada lado do palanque onde se encontravam os tronos.

Estes eram em si mesmos uma fusão elaborada de madeira flexível envernizada e metais preciosos, anéis de bronze e ouro entrelaçados na sua superfície numa unidade inconsútil.

Anais raramente ia ali excepto durante épocas de crise ou reuniões de extrema importância; o ar intimidatório que o trono lhe conferia era uma vantagem de que normalmente não necessitava.

Há uma hora que vinha recebendo sucessivos relatórios apressados, mas tudo se resumia ao seguinte: Unger tu Torrhyc fora preso pelos Guardas Imperiais. Mas ela não os mandara fazer semelhante coisa.

— Imperatriz, eu dei realmente a ordem — respondeu o homem, cabisbaixo.

— Porquê? — quis saber Anais. O seu tom era frio. A confissão deste homem assinara já a sua própria sentença de morte.

O comandante da Guarda ficou calado.

— Porquê? — repetiu ela.

— Não posso dizer, Imperatriz.

— Não pode? Ou não quer? Fique ciente de que já está morto, comandante da Guarda, mas as vidas da sua mulher e dos seus filhos dependem da sua resposta.

Ergueu então a cabeça, e ela viu o terror e a confusão no rosto dele.

— Eu dei a ordem... mas não sei porquê. Tenho plena consciência das consequências do meu ato, e todavia, naquele momento... não pensei em nada, Imperatriz. Não consigo explicar.

Nunca antes tinha... — balbuciou. — Foi um ato de loucura — concluiu.

A resposta insatisfatória só serviu para alimentar a fúria de Anais, mas manteve as suas paixões bem controladas. Olhou então para os guardas junto ao ombro do homem ajoelhado.

— Levem-no. Executem-no. Foi levantado.

— Imperatriz, suplico-vos, poupai as vidas da minha família! — exclamou.

— Preocupe-se com os últimos momentos da sua própria vida — respondeu-lhe cruelmente, mandando-o retirar-se. Ele chorou de medo e de vergonha enquanto era levado.

Não fazia tenções de castigar a família dele, mas ele iria para a morte sem o saber. Para um homem que pusera em perigo a posição dela cometendo tamanha

estupidez, não estava na disposição de ser clemente.

Fez sinal a um conselheiro togado que se encontrava próximo do trono, um velho académico chamado Hule, com uma comprida barba branca e cabeça calva.

— Vá até à masmorra e traga-me Unger tu Torrhyc. Ele não deve ser maltratado.

Hule anuiu e retirou-se.

A Imperatriz recostou-se no trono. Doía-lhe a cabeça. Sentia que estava cercada, que os acontecimentos conspiravam contra ela.

A série de explosões que assolara a cidade na última hora acontecera demasiado depressa e fora excelentemente coordenada. Estavam já a postos, aguardando a faísca que as ignizaria.

A detenção de Torrhyc lançara essa faísca. Parecia não existirem alvos específicos a atingir:

tinham ocorrido em ruas apinhadas, nos navios nas docas, até à porta dos templos.

Desconfiava que as intenções de quem quer que estivesse por detrás delas era semear o caos. O método fora eficaz.

Vira-se já obrigada a enviar metade dos Guardas Imperiais para reprimir os tumultos em diferentes bairros da cidade, mas a visão das suas armaduras azuis e brancas só servia para agitar ainda mais as turbas.

A imbecilidade do comandante da Guarda colocara-a numa situação difícil, mas ainda não era irremediável. A influência de Unger tu Torrhyc era manifestamente maior do que imaginara a princípio.

Sabia que ele era um agitador e um orador de enorme perícia; agora parecia evidente que tinha um exército subversivo a trabalhar para ele.

Não era difícil perceber que um homem com o seu carisma era capaz de inspirar aquele tipo de lealdade nos seus seguidores.

Alguém colocara aquelas bombas. Desconfiava que Unger tu Torrhyc lhe poderia dizer quem.

Naquele preciso momento, o objeto dos pensamentos da Imperatriz matutava numa cela, bem nas entranhas da Fortaleza.

As prisões da Fortaleza Imperial eram limpas, apesar de um pouco escuras e vazias. A cela dele era incaracterística, igual a qualquer outra cela onde o pudessem pôr. E seria libertado de cabeça bem erguida, tal como de todas as outras vezes. Já antes os nobres, os latifundiários e até os conselhos locais o encarceraram. A sua actividade trazia-lhe muitos inimigos.

Os ricos e poderosos não gostavam de ser responsabilizados pelas injustiças e pelos males que causavam ao povo.

Começava agora a encarar a sua detenção como parte do processo de negociação. Tornara-se demasiado perigoso, uma ameaça para a segurança da cidade. Causando agitação, incitando à revolução.

Contara ser preso; não passava de uma mera medição de forças para mostrar que ainda eram eles quem detinha o poder. Depois conversariam com ele. Apresentar-lhes-ia as exigências do povo. Chegariam a um acordo em algumas, mas não todas. Seria libertado, aclamado como herói pelo povo, e servir-se-ia desse estatuto para voltar a atacar a Família Imperial até as restantes exigências do povo serem atendidas.

Desta vez, as exigências do povo eram simples, mas não negociáveis. A criança Aberrante não poderia ocupar o trono.

Anais fora uma boa governante, atendendo ao sistema manifestamente despótico que vigorava. Até Unger tinha de o admitir. Mas estava cega e era arrogante. Encontrava-se tão no alto da sua colina, na poderosa Fortaleza, que não via o que acontecia cá em baixo nas ruas. E mais, não parecia sequer estar interessada. Entretinha-se com os políticos e os nobres, conquistando o apoio de exércitos aqui, celebrando tratados ali, esquecendo-se constantemente de que o povo que governava gritava quase a uma só voz: Não a queremos!

Acaso pensaria que os Guardas Imperiais manteriam a população de Axekami na ordem?

Tencionaria governá-la pela força? Inaceitável! Inaceitável!

O povo seria ouvido, e Unger tu Torrhyc era o seu porta-voz.

Fora colocado distante dos outros prisioneiros, para não espalhar a sedição entre eles. Uma janela alta oval projectava uma fresta gradeada de luz crepuscular no centro do chão de pedra.

Uma porta pesada, chapeada a ferro, com uma fenda para os guardas espreitarem, encontrava-se neste momento fechada. Caso contrário, a cela apresentava-se completamente vazia, quente e lúgubre.

Unger estava sentado a um canto, de pernas cruzadas, os olhos fechados, a pensar. Era um homem simples, tanto no vestir como no falar, mas questionava tudo e todos. Isso tornava-o uma ameaça para aqueles que contavam com a vantagem da sua tradição. E independentemente dos seus sentimentos em relação aos Aberrantes, a Imperatriz não podia permitir-se impor ao povo uma governante que ele tão veementemente rejeitava.

Abriu subitamente os olhos e o coração sobressaltou-se no seu peito. Estava alguém com ele na cela.

Pôs-se em pé. A cela escureceu de repente, como se uma camada de nuvens tivesse engolido a última luz do dia. No entanto, com os raios difusos que entravam pela janela, viu um vulto muito ténue no canto mais distante da cela. Encheu-o de um medo mórbido, emanando malevolência. Não existira nada ali antes, e a porta não se abria. Só um espectro ou um espírito podia ter chegado até lá desta maneira.

O vulto não se mexeu, e no entanto nem por um só momento Unger duvidou da

informação gritante dos seus sentidos. O ar pareceu gemer junto ao seu ouvido.

— O que és tu? — proferiu a medo.

O vulto moveu-se então, mudando ligeiramente de posição, uma forma indistinta que a claridade parecia evitar.

— És um espírito? Um demónio? Porque vieste? — inquiriu Unger.

Como se encaminhasse lentamente para ele, Unger preparou-se para gritar por socorro, a fim de alertar o guarda lá fora; mas surgiu uma mão mirrada e deformada na luz crepuscular da janela, um dedo comprido apontado para ele, e a sua garganta fechou-se em silêncio. O seu corpo contraiu-se, cada músculo de imediato tenso e mantendo-se assim, deixando-o completamente imóvel. O pânico brotou no seu cérebro.

O intruso deslocou-se até à luz difusa. Ficou ali curvado, o seu corpo pequeno enterrado numa montanha de túnicas andrajosas e carregadas de todo o tipo de contas e ornamentos. Usava uma máscara de bronze, contorcida numa expressão de insanidade; e enquanto Unger observava, ele soltou devagar a correia que a prendia e retirou-a.

Era igual a um homem, mas pequeno, mirrado e grotesco, a sua pele branca e seca como um pergaminho. E o rosto dele... oh, havia tamanha fealdade como Unger nunca vira. O seu aspecto era tão distorcido da realidade que o prisioneiro teria fechado os olhos se pudesse. Um lado do rosto lívido parecia ter derretido, a pele com aspecto cerúleo e deslizando do crânio para se reunir em pregas de bochecha e maxila, uma papada flácida pendendo do seu pescoço escanzelado. O olho daquele lado esforçava-se por ver debaixo da pálpebra pendurada; o lábio superior caía sobre o inferior. Mas o seu lado direito não era menos repulsivo: ali, os lábios estavam descarnados como se tivessem simplesmente apodrecido, mostrando dentes e gengiva num ricto esquelético; e o olho direito era enorme e cego, um globo que saía da órbita, leitoso com uma catarata.

— Unger tu Torrhyc — articulou o intruso, o seu lábio malformado agitando-se.

— Sou o Tecedor-Mor Vyrrech. Quão agradável encontrarmo-nos frente a frente.

Unger não conseguiu responder. Também não teria tido palavras. Sentiu um grito brotar dentro dele, mas não tinha para onde ir.

— Serviste-me bem nestas últimas semanas, Unger, apesar de o desconheceres — prosseguiu a coisa medonha. — Os teus esforços aceleraram dez vezes os meus planos. Contava que fosse necessário muito mais do que isto para pôr Axekami no caminho da destruição. Tive de avançar com cuidado, para manter a minha mão escondida, mas tu — Vyrrech agitou um dedo, em admiração.

— Tu agitas as pessoas. A tua detenção irritou-as incrivelmente. Nunca imaginaria que pudesse ser tão simples.

Unger estava aterrado de mais para perceber onde Vyrrech queria chegar; a

sensação de se ver privado do controlo do corpo confundia-lhe o discernimento.

— Foi um risco enorme, mesmo o pequeno empurrão necessário para levar o comandante da Guarda a fazer o que eu queria. Julguei que fosse deparar-se-me ultraje, contara com ele... mas até eu subestimar a eficácia do teu exército secreto de bombistas, Unger. Detestaria vê-los impedidos de prosseguir o bom trabalho que estão a fazer.

— Não... não... — conseguiu articular Unger, obrigando as palavras a passarem-lhe breves e agudas pela garganta.

— Oh, claro que não são teus. São meus. Mas o povo e a Imperatriz presumem-te responsável, por isso não os vamos desiludir.

A criatura estava agora suficientemente próxima para lhe tocar, e Unger apercebeu-se de que não era completamente real, mas ligeiramente transparente. Afinal era um espectro.

Passou-lhe um dedo pela face, e a sensação foi como água gelada.

— A tua causa precisa de um mártir, Unger.

O espectro agarrou-o selvaticamente pela nuca, e apesar da sua aparente intangibilidade, Unger sentiu a sua força avassaladora.

Os músculos descontraíram, e gritou ao ser arremessado contra a parede da cela, esmagando o crânio como uma casca de jakma numa rocha, deixando uma pasta escura de sangue e cabelo sobre o seu cadáver.

Os portões do templo de Panazu no Bairro do Rio estavam abertos quando o crepúsculo se instalou. Mishani encontrava-se debaixo deles, a olhar para a fachada alta e estreita que se erguia sobre ela, os contrafortes bem firmados e esculpidos com a forma de vórtices ondulados. Estava suja, exausta e abalada pelo choque, e no entanto ei-la ali, na morada da dama dos sonhos.

Eram audíveis do outro lado do Kerry n os sons de Axekami a começar a dilacerar-se.

Escutaram-se novas explosões, e irromperam chamas vivas na escuridão que avançava.

Ergueram-se vozes em clamor, os tumultos de uma multidão enfraquecidos e esbatidos pela distância. Esta noite seria má para todos.

Subiu os degraus do templo, transpôs os enormes portões e entrou no refúgio fresco da câmara de congregação. O interior do templo era arrebatador. Colunas erguiam-se até tectos abobadados, pintados com frescos dos feitos e ensinamentos de Panazu. Nas paredes tinham sido gravados relevos de criaturas fluviais.

As imensas janelas curvas azuis, verdes e prateadas na fachada do edifício pintalgavam o templo com os tons do fundo do mar, e pareciam inquietar serenamente a luz para aumentar a ilusão.

O som da água estava em todo o lado: esparrinhar, escorrer, zoar, pois o altar era

uma fonte de onde saíam muitas goteiras, orientando o líquido cristalino em desenhos artísticos gravados no lach azul-esverdeado do chão.

A zona de congregação, onde os oblatos se podiam ajoelhar e rezar, era rodeada por uma vala cheia de água onde nadavam peixes-gatos, o aspecto terreno de Panazu, ligada por curtos arcos de lach.

Não havia ninguém aqui. O lugar era pacífico e estava deserto. Mishani avançou lentamente, e nem sequer se virou quando os portões se fecharam atrás de si de moto próprio.

Seguiu apaticamente pela nave central, a mente e o corpo ainda entorpecidos da tragédia que testemunhara no Bairro do Mercado.

— Mishani tu Koli — ronronou uma voz suave, ecoando pelo templo. Mishani olhou o sítio de onde provinha o som, e encontrou-a de pé de um lado da câmara. A dama dos sonhos.

Assemelhava-se mais a um pesadelo, uma torre alta e esguia de negro elegante, o rosto pintado com crescentes vermelhos que passavam sobre as pálpebras, da testa às faces.

Os lábios estavam pintados com triângulos vermelhos e pretos, semelhantes a dentes. Saía-lhe dos ombros um rufo de penas de corvo, e um pequeno círculo de prata com uma gema vermelha sobre a testa.

Atravessou a câmara até à nave central, passando por entre as colunas para se vir colocar diante de Mishani. Observou o aspecto dela sem deixar transparecer qualquer expressão.

— O meu nome é Cailin tu Moritat. Lúcia chama-me a dama dos sonhos. Disse-me que virias.

- Cailin segurou-a pelo cotovelo. — Vem. Vais descansar e tomar um banho. A tua viagem não foi fácil, pelo que vejo.

Mishani deixou-se conduzir. Não tinha mais para onde ir.

O tempo não passava em Chaim. Pelo contrário, alongava-se, arrastando-se enfadonha e prolongadamente, preferindo a quantidade à qualidade. Tane deixara de contar os dias; tinham-se misturado num grande nada, um muro de tédio implacável, ameaçador e de desespero exasperante.

CAPÍTULO 21.

O desaparecimento de Kaiku atingira-os duramente. A princípio assemelhara-se a um ligeiro pânico. Teria entrado algo na caverna, levando-a consigo enquanto dormiam?

Mamak procurara e não encontrara nenhuns vestígios. Só passado um bocado é que Tane se lembrou das coisas estranhas que Kaiku lhe dissera enquanto ele dormitava:

Afinal, talvez este não seja o caminho que deves tomar. Talvez ele seja só meu.

A tempestade manteve-os mais um dia na caverna. Mamak recusou-se terminantemente a deixá-los ir procurar.

— Se andar lá fora, a estas horas a tola já está morta. Quando esta tempestade rebenta, eu vou para casa. Vocês deviam vir comigo ou ficar nesta caverna se quiserem.

Tane suplicou-lhe, ofereceu-lhe o triplo dos honorários se a encontrasse. Disse-lhe que Kaiku tinha dinheiro, e com fartura. Os olhos de Mamak iluminaram-se ante a perspectiva, e por um instante Tane viu no rosto dele a luta contra a ganância; mas acabou por imperar a sua experiência de viagens pelas montanhas, e recusou. Asara abanou a cabeça e admoestou Tane pela perda da dignidade quando desesperado.

— Quero-a de volta! — ripostou em sua defesa. Asara encolheu os ombros despreocupadamente.

— Mas ela partiu, Tane. Está na hora de um novo plano. Quando a tempestade amainou na manhã seguinte, aceitaram o inevitável e regressaram a Chaim.

Tane falou em organizar uma expedição para passar busca às montanhas a fim de encontrarem Kaiku ou o seu corpo — para que pudessem ao menos recuperar a máscara.

Tane não esquecera que sem a máscara seria impossível conseguir descobrir quem massacrara os sacerdotes no seu templo. Mas o plano era fraco, e todos o sabiam. Até Tane o sabia. Nenhuma prece poderia fazer com que a encontrassem em toda a vastidão da região setentrional de Fo, com o rasto dela apagado pela chuva e pelo vento.

Quando acabaram de descer as montanhas e voltaram ao caminho para Chaim, pararam de falar no assunto.

Tane e Asara conseguiram arranjar quartos na única casa de hóspedes de Chaim, uma construção despida e com correntes de ar que acolhia os poucos visitantes de fora que a cidade recebia.

Nenhum deles tencionava partir ou falava sequer nisso.

— Ela decidiu ir sozinha — afirmou Tane. — Se ela conseguir sobreviver, voltará

aqui.

— Estás a agarrar-te a falsas esperanças — advertiu-o Asara, mas não adiantou mais nem fez qualquer menção de partir sozinha.

Nada havia para fazer em Chaim. A constante rudeza das gentes locais começou a afectá-los passado algum tempo, e não falaram com ninguém excepto entre si. A princípio tiveram pouco de que falar.

Existiam demasiadas barreiras entre eles, demasiados enganos. Precisamente o mesmo que sucedera com Kaiku.

O deuses, será que alguma vez tiramos as nossas máscaras, nem que seja por um momento?

pensou Tane, exasperado.

Mas, aos poucos, a solidão compulsiva deles deu azo à conversa, tal como o fio lento de água que passa através de um buraco numa represa acaba por erodir a pedra envolvente até fender.

Após o que podia ter sido uma semana de espera e curiosidade, estavam de novo no bar de recurso onde tinham encontrado Mamak pela primeira vez.

— Tu sabes o que sou, Tane — referiu Asara.

A afirmação, feita casualmente no meio da conversa, levou a que o jovem acólito se calasse bruscamente.

— Ao que te referes? — perguntou ele.

— Deixa-te de evasivas — respondeu ela. — Chegou o momento da sinceridade. Se pretendes percorrer os mesmos caminhos que eu, como parece ser cada vez mais o caso, então devias enfrentar aquilo que já sabes.

Tane relanceou o bar a fim de se certificar de que não os escutavam, mas encontrava-se quase vazio. Uma sala de madeira, gélida e morta com alguns habitantes locais a um canto, metidos na sua vida.

Uma série de mesas baixas toscas e esteiras puídas para se sentarem. Uma empregada de bar mal-encarada servia copinhos com uma bebida alcoólica de aspecto duvidoso. Ó espíritos, como abominava esta cidade.

— Tu és Aberrante — afirmou ele, calmamente.

— Muito bem — replicou ela, com um certo tom zombeteiro na voz. — Pelo menos admite-lo a ti mesmo. Mas tu és estranho, Tane. Escutas. Estás disposto a aprender.

E por isso que te digo isto, porque um dia podes vir a ver as coisas pela minha perspectiva.

Portanto, engole a tua repugnância por um instante, e ouve o que tenho a dizer-te.

Tane debruçou-se sobre a mesa, as faces coradas. Na falta do que fazer na cidade, os habitantes de Chaim entregavam-se bastante à bebida, e a força da mistela atestava-o. Asara estava perfeitamente sóbria, como sempre; o seu metabolismo de

Aberrante neutralizava o álcool antes de a chegar a afectar, por isso não conhecia a sensação de estar embriagada.

— Sou velha, Tane — referiu. — Nem imaginas quanto, olhando para mim. Vi muito, e fiz muito.

Algumas lembranças deixam-me orgulhosa, outras repugnada. — Virou o copo de madeira da bebida na mão em concha, olhando para dentro dele. — Sabes o que é experiência? Experiência é quando lidaste tanto com algo que já perdeu o brilho. Experiência é quando comesças a ver como as pessoas são extremamente previsíveis, como seguem, geração após geração, o mesmo padrão simples e medonho. Ambicionam viver eternamente, mas não sabem o que pedem. Já passei da minha octogésima apanha, muito embora não pareça.

Logo que atingi o estado adulto, deixei de envelhecer. O meu corpo renova-se mais depressa do que o tempo o consegue destruir. É essa a minha maldição. Já vivi o tempo de uma vida normal, e estou farta.

Parecia tão ridículo que Tane quase soltou uma gargalhada, uma histeria acre a brotar dentro dele; mas o tom da voz de Asara desaconselhou-o.

— Farta? — repetiu.

— Tu não entendes — disse Asara, cheia de paciência. — Nem creio que alguma vez vás entender. Mas quando já foi saciada tanta coisa, tudo o que resta é a procura de algo novo, algo que volte a inflamar o sangue, nem que seja apenas por um breve instante.

Senti-me inútil durante muito tempo antes de conhecer Cailin tu Moritat, procurando apenas novas emoções e achando cada uma menos satisfatória do que a anterior.

Quando a encontrei, vi algo que nunca antes vira. Julgara-me uma coisa anormal, fortuita; mas vi nela um espelho de mim, e descobri um novo objectivo.

— O que foi que viste? — inquiriu Tane.

— Um ser superior — replicou Asara. — Uma criatura que era humana e, no entanto, melhor do que humana. Uma Aberrante cuja Aberração a tornava melhor do que aqueles que a desprezavam.

Tane pestanejou, querendo sacudir a cabeça e refutá-la. Absteve-se. As palavras dela eram absurdas, mas iria escutá-las. Ficara a conhecer as opiniões dela sobre a questão da Aberrância ao longo das semanas que tinham passado juntos, e apesar de não concordar com muito do que ela dissera, era suficientemente válido para o fazer pensar.

— Vi então a nova ordem das coisas — prosseguiu Asara. — Um mundo onde os Aberrantes não eram odiados nem perseguidos, mas respeitados. Vi que a Aberrância não era uma impureza do corpo, mas apenas uma mudança.

Uma evolução. E como sucede com toda a evolução, muitos têm de ficar pelo

caminho para que um saia vitorioso. Se quero viver neste mundo por muito tempo mais, farei tudo o que estiver ao meu alcance para que seja uma experiência mais agradável para mim. E isso significa que tenho de contribuir para essa nova ordem.

— Acho que entendo — afirmou, recordando outros fragmentos de conversa que partilharam durante o período de reclusão forçada em Chaim. — Tu ajudas a Ordem Vermelha porque ela representa os Aberrantes cujas capacidades os tornam superiores aos humanos. E os Libera Dramach...

agem para o mesmo fim que tu pretendes; por isso também os ajudas.

— Mas, de momento, a Ordem Vermelha e os Libera Dramach estão já a trabalhar juntos para um objectivo comum — referiu Asara, entrelaçando os dedos diante de si.

— Ver a Imperatriz-Herdeira ocupar o trono — concluiu Tane.

— Precisamente. Ela é a solução. É a única capaz de afastar a moléstia da nossa terra. É a ponte entre nós e os espíritos, entre o povo e os Aberrantes.

— Asara agarrou os pulsos de Tane e prendeu-o com um olhar férreo. — Tem de ser assim. E temos de fazer o que pudermos para que assim seja.

Tane suportou o olhar por um instante, depois combateu-o com uma pergunta.

— Porque zelaste por Kaiku durante tantos anos? Arrependeu-se quase de seguida. Saíra-lhe sem pensar, parecendo saltar do seu subconsciente para a língua sem passar pelo cérebro; no entanto, sabia, por alguma presciência terrível, qual iria ser a resposta de Asara. Esta sorriu ligeiramente e libertou-o. Recostou-se e bebeu um gole da mistela.

— Tornei-me criada particular dela a pedido da Ordem Vermelha. A outra que ela tinha sofrera um acidente.

Tane deixou passar esta observação. Como não reagisse, Asara continuou.

— Descobriram-na através dos métodos de que dispõem; os seus modos são um mistério para mim. Sabiam que ela manifestaria... poderes, mais cedo ou mais tarde, e pediram-me que a vigiasse até isso suceder.

Ela não podia ser coagida a juntar-se enquanto não tivesse a primeira ardência. Quem no seu perfeito juízo acreditaria que era um Aberrante sem antes ter quaisquer provas?

As palavras de Asara caíram no consciente de Tane como uma pedra em mel espesso. O mundo pareceu abrandar à sua volta, o murmúrio dos outros frequentadores do bar tornando-se um sussurro sem sentido ao fundo.

Viu do outro lado da mesa que os belos olhos de Asara lhe observavam o rosto, avaliando o efeito do que acabara de lhe revelar.

— Mas tu sabias isso, não sabias? — perguntou ela.

Tane anuiu em silêncio, baixando o olhar. Apercebeu-se da satisfação de Asara.

Ele fizera-lhe uma pergunta para a qual já tinha a resposta, e mesmo assim

divertia-a o fato de a sua réplica funcionar ainda como uma chuçada nas costelas dele.

— Pequenas coisas — murmurou, quando deixou de conseguir suportar o estranho silêncio dela. — A primeira vez que a vi falava incoerentemente sobre uma mulher chamada Asara.

Disse-me que tinhas sido morta por um demónio na floresta. Mais tarde reapareceste. Não foi dada qualquer explicação, nem pedi nenhuma.

— Entendeste que não te competia perguntar — disse Asara, em tom de desdém. — Quão cavalheiresco.

— Não — redarguiu ele. — Não, acho que não quis saber. Fui cobarde. Depois apareceste tu.

Desconfiei de ti desde o princípio. Acrescente-se o trabalho que tiveste para a levar à mulher Aberrante Cailin, os segredos que trocaram e que não pude partilhar, a forma como pareceste mudar... — Suspirou, um estranho ruído de resignação. — Não sou fraco de espírito, Asara.

Tenho andado com Aberrantes desde o início da minha viagem.

— No entanto, acreditas que a tua viagem foi ordenada pela tua deusa, que foste poupado com uma finalidade; mas não existe maior infâmia para Enyu do que um Aberrante. Concilia estas coisas, se puderes.

Tane baixou a cabeça, o crânio rapado iluminado pela luz fraca das lanternas.

— Não posso. Por isso as tenho evitado.

— Mas deixou de ser segredo — disse Asara, afastando a cabeleira com madeixas vermelhas para trás de uma orelha escultural e inclinando-se para a frente. — Ela é Aberrante, dotada da capacidade de influenciar a Teia tal como fazem os Tecedores. Mas é perigosa para si mesma e os outros; precisa de ser educada. Vim a Fo por várias razões, mas uma delas foi impedi-la de se suicidar. Cada dia que ela passa aqui aumenta o risco de os seus poderes voltarem a transpor os limites. Acabará por se incendiar ou ser morta por aqueles que a receiam. — Descontraíu-se de novo, o seu olhar sem nunca abandonar Tane, sem nunca deixar de o estudar. — Prometi a Cailin que a levava para o recesso, e assim farei. Presumindo que ela ainda está viva, claro. Esperarei neste ermo amaldiçoado pelos espíritos até a esperança morrer. Pode demorar semanas, pode demorar meses; mas a idade tem uma maneira de reduzir o tempo, Tane, e sou uma mulher paciente.

Tane ficou calado. A sensação de embriaguez tornou-se subitamente desagradável, azedando-lhe o ânimo.

— Junta-te a nós, Tane — pediu Asara. — Tu e eu partilhamos os mesmos objectivos. Podes detestar os Aberrantes, mas verias acabar a moléstia nesta terra. E a Imperatriz-Herdeira é a única hipótese que temos.

— Eu não... — começou Tane, sentindo que as palavras se lhe enrolavam na

boca. — Eu não detesto os Aberrantes — disse.

— Pois não — aludiu Asara, arqueando ligeiramente um sobrolho. — Desconfio que amas um deles.

Tane fuzilou-a com um olhar intenso, preparando uma réplica que morreu antes de chegar a nascer. Ao invés, ficou carrancudo, e não respondeu.

— Pobre Tane — comentou Asara. — Apanhado entre a tua fé e o teu coração. Teria pena de ti se não o houvesse já visto vezes infinitas. A humanidade é realmente um animal pateticamente previsível.

Tane bateu violentamente com as mãos na mesa, derramando as bebidas. Deteve-se precisamente quando se preparava para a atacar. Ela não movera um músculo, ficando descontraída na esteira, olhando com uma expressão enfurecedoramente divertida no rosto. Os outros no bar estavam agora todos de olhos postos nele.

Apetecia-lhe estrangulá-la, bater-lhe, esbofeteá-la com força e mostrar-lhe que não podia falar com ele daquela maneira.

Tal pai, tal filho, pensou ele, e de repente esfriou, a raiva dentro de si tremulando e extinguindo-se.

Bateu de novo com as mãos na mesa, numa exibição impotente de frustração, levantou-se e abandonou o bar saindo para a noite.

O ar frio e o vento cortante fustigaram-no avidamente. Acolheu o desconforto, apressando-se a deixar para trás o bar, as luzes nas janelas, procurando apenas distanciar-se de Asara e de tudo o que ela dissera.

Mas era absolutamente inevitável. Não havia já perguntas, nenhuma sombra de dúvida.

Estivera a guardar ciosamente aquela margem de incerteza, pois naquele pequeno espaço podia ainda ficar com Kaiku e não ofender a sua deusa, podia ainda alegar que nunca tivera a certeza de que ela era Aberrante. Agora desaparecera, e via-se atirado para um dilema.

Andavam poucas pessoas nos trilhos irregulares que passavam por ruas em Chaim. Não havia lanternas acesas a não ser nas janelas enegrecidas pela fuligem.

As luas estavam ausentes esta noite, e a escuridão era ameaçadora e voraz. Deixou que ela o engolissem.

Passado um bocado, chegou a uma rocha inclinada e escarpada no cimo de uma vertente com vista para as luzes ténues da aldeia lúgubre, e sentou-se ali. Fazia um frio de rachar, mas tinha o casaco vestido e o capuz firmemente apertado. Meditou durante algum tempo, mas era escusado. Nenhuma luz chegaria a um coração em tamanho torvelinho. Preferiu rezar, pedindo a Enyu que o orientasse.

Como podia tê-lo mandado por este caminho para se aliar a Aberrantes se os Aberrantes eram corrupções do seu plano? O que devia fazer?

Tantas incertezas, tantas perguntas sem resposta, e ficara mais uma vez a tentar

encontrar um propósito. Como podia algo com a simplicidade da fé ser tão contraditório?

É o meu castigo, pensou. Tenho de aguentar.

E ali estava: a sua resposta. Esta agonia da indecisão fazia apenas parte da penitência. Tinha de aceitar de bom grado, e agir como se tivesse reconsiderado, e sofrer as consequências.

Devo a vida aos deuses, disse de si para si. Era uma expressão que usara para justificar o seu sofrimento desde as dezasseis apanhas, altura em que assassinara o próprio pai.

Não tinha uma nítida lembrança de nada antes das oito ou nove apanhas, a não ser o vulto negro e assustador que se deslocava pelas suas memórias embrionárias, e a inevitabilidade aniquiladora da dor que se seguia.

A dor fazia parte do enigma da infância de Tane tal como a alegria, a fome, o triunfo, a decepção. Visitava-o diariamente, variando apenas na forma, uma bofetada desabrida na orelha enquanto comia as papas de aveia ou uma sova a um canto por alguma travessura real ou imaginária. A dor fazia parte do ciclo das coisas: arbitrária, ilógica e injusta, mas apenas do mesmo modo que uma doença ou qualquer infortúnio o eram.

O pai, Eris tu Jeribos, era membro do conselho municipal de Amada, cravada na Floresta de Yuna. Sempre tivera ambições políticas, mas se era suficientemente arguto e inteligente para querer progredir cada vez mais, via-se constantemente coarctado por aquelas facetas da sua personalidade que o afastavam dos seus companheiros.

Era devoto, e ninguém tinha nada a apontar-lhe nessa matéria; mas as suas perspectivas extremas e puritanas não eram aprovadas pelos outros conselheiros. Ficavam apreensivos, e receavam deixá-lo obter mais poder para além daquele que detinha já no conselho; todavia, apesar de ciente, era um homem de tamanha convicção que não conseguia ocultar as suas crenças.

Deste modo, sentia uma constante frustração, e aos poucos ia perdendo mais uma negra parcela da sua humanidade.

Mas havia algo para além da sua manifesta devoção: uma qualidade quase indefinível que projectava apenas nos sentidos mais subtis, pelo que os seus pares se afastavam dele sem saberem porquê.

Era cruel. E conquanto se esforçasse por nunca evidenciar um vestígio dessa crueldade em público, parecia, de certa forma, emanar dele, deixando as pessoas enervadas. Talvez fosse a frialdade patente nos seus olhos enganosos, ou a cristação no tom da sua voz, ou o seu corpo magro, descarnado e curvado; mas fosse lá o que fosse, aquilo que fazia em privado transparecia na sua vida pública quer o quisesse quer não.

Tane aprendera a caçar com o pai quando tinha dez apanhas. Era um aluno extraordinariamente diligente e aplicava-se com afinco, tendo finalmente encontrado algo do agrado do austero patriarca.

E se reparava que o brilho nos olhos de Eris se acentuava um pouco excessivamente quando via um coelho a debater-se numa armadilha, ou sentia um tudo-nada mais de prazer ao partir o pescoço a uma ave ferida, então considerava-se um sortudo por o pai ficar feliz, sendo menores as probabilidades de se virar contra ele sem aviso, como normalmente sucedia.

Quando tinha doze apanhas, andava a passear pelos bosques e encontrou o pai a esfolar um jeadh — uma variedade dos cães selvagens, de focinho comprido e sem pêlo que habitava a orla setentrional da Floresta de Yuna. O jeadh ainda estava bem vivo, preso ao solo com as patas afastadas. Só os espíritos sabiam como ele o subjugara daquela maneira. Tane fora atraído pelos gemidos e latidos abafados que saíam pelo açaimo tosco que Eris improvisara atando-lhe o cinto à volta da boca.

Ficou a ver, sem que Eris se apercebesse, pois estava demasiado absorto no que fazia para prestar atenção a algo mais. Observou a forma lenta e cuidada com que o pai separava as camadas de pele e gordura subcutânea com a faca, afastando uma prega ensanguentada para expor os estriamentos brilhantes do músculo rosado por baixo. Durante meia hora permaneceu imóvel, tendo uma visão de toda a clareira, mas o pai nunca o viu enquanto esquartejava meticulosamente o animal, pedaço a pedaço, descascando-o como uma laranja até conseguir ver o coração dele a bater entre as costelas.

Tane olhou do animal para o rosto do pai e de novo para o animal, e pela primeira vez compreendeu realmente que era filho de um monstro.

A mãe de Tane, Kenda, era uma mulher pálida e tímida, pequena e acanhada, grisalha e calada. Ocorreria-lhe mais tarde na vida que o seu casamento com Eris a podia ter tornado assim, mas, curiosamente, a crueldade de Eris nunca era extensiva à esposa, e nunca lhe batia como fazia com Tane. Quando muito, gritava-lhe, e ela fugia rapidamente qual rato assustado; mas como não parecia possuir vontade própria nem ousava executar a mais pequena tarefa sem que Eris a mandasse, nunca lhe dera motivos para se aborrecer com ela. Tane recordava a mãe como algo semelhante a uma nulidade, uma pálida extensão dos desejos do pai, uma coisa inferior que rastejava e fugia e era completamente ineficaz por si só.

Kenda dera dois filhos a Eris. Cada um levava-a às portas da morte, pois o seu corpo fraco mal conseguia suportar as tribulações da gravidez; mas Tane duvidava que ela tivesse ponderado a sua pessoa ou a sua saúde na equação. A irmã de Tane, Isya, era seis apanhas mais nova do que ele, e adorava-a. Era o único pilar de humanidade na família. De certa forma, conseguira crescer inafectada pelos pais que a tinham criado, não revelando nenhuma das características deles que a maior parte

das crianças costuma apresentar. Pelo contrário, era como se a sua personalidade se tivesse formado no ventre, cristalina, rejeitando qualquer hipótese de absorção das influências externas.

Era uma criança feliz, ao passo que Tane era sério, uma sonhadora, uma criatura de imaginação e energia sem limites, capaz de chorar quando encontrava um passarinho ferido que caíra do ninho ou rir e dançar quando chovia. Tane invejava a sua paixão pela vida, a sua alegria despreocupada; e considerava-a também valiosa, pois só de estar perto dela e sentir o calor que emanava, o mundo parecia melhor por ela estar lá. Suportara os galos e arranhões da infância como qualquer outra criança, mas ele estava sempre à sua disposição, para lhe ligar um joelho esfolado ou enxugar as lágrimas.

Fora ao aprender a cuidar dela que se apercebera pela primeira vez das propriedades curativas das ervas, e começara também a aplicá-las nas suas próprias equimoses. Por seu lado, Isya adorava o irmão mais velho; mas também adorava toda a gente, e nem sequer os modos austeros do pai — que evitava bater em Tane quando ela pudesse ouvir — ou a timidez nervosa da mãe eram suficientes para diminuir o seu afecto.

Isya e só Isya tornou a vida de Tane suportável quando entrou na adolescência. Foi como se o pai tivesse de algum modo sentido a repulsa que o filho sentia por ele depois de o ver torturar o jeadh na floresta.

Isto, associado à sua crescente frustração no conselho municipal, levava a que os espancamentos regulares sofridos por Tane se intensificassem.

Eram-lhe impostas tarefas de aprendizagem impossíveis: ir à biblioteca de Amada e decorar

Capítulos inteiros da história de Saramyr para recitar palavra por palavra.

Se não conseguisse, como inevitavelmente sucedia, levava uma tarefa até ficar com o corpo negro e mal conseguir respirar.

Adquiriu o hábito de se refugiar dias a fio no âmago da floresta. As lições de caça e sobrevivência que o pai lhe dera foram-lhe úteis durante os períodos em que estava fora, e começou a ansiar cada vez mais ficar sozinho, rodeado pelos animais e pelas árvores, nenhum dos quais conseguiria ser tão cruel com ele como o ogre desgraçado que o esperava em casa. Mas só uma coisa o fazia voltar sempre: Isya.

Apesar de, até aqui, a violência fortuita do pai ter sido canalizada apenas para Tane, não ousava deixar a irmã à mercê de Eris, não fosse um dia ele procurar um novo alvo onde descarregar a sua fúria.

Quando tinha dezasseis apanhas e Isya dez, esse dia chegou.

Estivera ausente uma semana, batendo as margens do riacho à procura de um determinado arbusto chamado iritisima, cujas raízes eram um poderoso febrífugo, usado para fazer baixar a febre.

Nesta altura passava na biblioteca a maior parte do tempo que não estava ausente, a aprender os meandros do mundo das ervas juntamente com a tarefa vã de acompanhar as lições do pai.

Isya sentia a falta dele, mas ficava ligeiramente descoroçoado ao constatar que ela se entretinha bem sozinha, e não precisava do irmão mais velho nem metade do que ele julgava.

Fizera também amizades na aldeia; amizades verdadeiras, e não conhecimentos como sucedia com Tane.

Nunca conseguiria encetar uma verdadeira amizade enquanto tivesse de esconder as nódoas negras e as convalescenças misteriosas que faziam parte da sua rotina.

Quando regressou à cabana, sentando-se debaixo da sombra dos carvalhos cujos ramos se debruçavam sobre a escharpa baixa nas traseiras, encontrou-a silenciosa.

O dia estava quente e húmido, e tinha a camisa encharcada em suor. Servindo-se da espingarda de ferrolho como bordão — o que o pai o aconselhara a nunca fazer, — caminhou penosamente até à porta e espreitou lá para dentro.

Uma casa silenciosa significava sempre que Eris não estava, mas desta vez havia uma certa malevolência naquela paz, algo que lhe aguçava a intuição.

— Mãe? — chamou, encostando a espingarda à parte de dentro do alpendre. Ela assomou à porta da cozinha, uma breve imagem de pavor, e depois desapareceu. Sentiu algo frio escorrer-lhe para o peito.

Em grandes passadas, dirigiu-se à porta de Isya e abriu-a sem bater primeiro.

Estava encolhida a um canto junto à sua enxerga simples, enrolada como um feto, o cabelo em desalinho e o rosto inchado com lágrimas. Naquele momento, num segundo terrível, percebeu o que acontecera — não o temera sempre, no seu íntimo? A respiração parou-lhe, como se para tapar o que quer que lhe subia do ventre para a garganta. Como se num sonho, atravessou o quarto e acorreu-se ao lado dela, que se lhe lançou nos braços e o apertou com força, desesperadamente, como se ao esmagá-lo contra si ele lhe tirasse a dor, à semelhança do que sucedera sempre das outras vezes. As veias no pescoço dele latejaram enquanto ela gritou no seu ombro; os olhos incidiram nos salpicos de sangue muito escuro na enxerga dela, nas equimoses nos bracitos magros onde as mãos de Eris a tinham agarrado.

O vestido amarelo-açafrão dela estava de um castanho-ferrugem uniforme no sítio onde o reunira entre os joelhos.

Lembrava-se de a ter abraçado. Lembrava-se de lhe ter preparado uma infusão forte de escutelária e valeriana para a pôr a dormir. E depois saíra para a floresta, e não regressara senão na manhã seguinte.

O pai tinha então voltado, encontrando-se sentado à mesa redonda na cozinha. Tane foi ver como estava Isya, que continuava a dormir, e depois sentou-se diante de Eris.

Colocou uma garrafa meio cheia de uma bebida alcoólica em cima da mesa.

O pai observou-o com frieza, como se fosse um dia igual a qualquer outro normal, como se não tivesse arruinado e emporcalhado a única coisa preciosa que alguma vez criara, destruindo para sempre a inocência frágil de uma criatura mais bela do que o resto da família toda junta.

— Onde arranjaste isso? — perguntou, a voz cava, como estava sempre antes de bater.

— É sua — respondeu Tane. — Tirei-a.

A mãe, que estivera de pé junto ao fogão, apressou-se a sair dali, pressentindo o conflito iminente.

— Traga-nos duas taças, Mãe — pediu Tane. Ela estacou. Nunca antes o filho lhe ordenara fosse o que fosse. Trocou um olhar com o pai. Este anuiu, e ela fez o que lhe mandavam antes de se retirar.

— Estás embriagado.

— Pois estou — redarguiu Tane, enchendo as duas taças. Eris raramente bebia, mas quando o fazia era sempre o mesmo: abaxia, uma bebida alcoólica suave das montanhas.

Eris olhou firmemente para Tane. Por norma, Tane estaria já nesta altura a esquivar-se e a suplicar, fustigado pelos punhos ou pela fivela do cinto dele. Mas Eris tinha a noção de que desta vez fora longe de mais, pisara algum risco invisível, e Tane era agora suficientemente forte para enfrentar o pai. Sentia-se alguma beligerância nos seus modos, e por debaixo dela uma expressão como nunca antes vira nos olhos de Tane. Uma espécie de vacuidade, como se algo tivesse morrido dentro dele deixando apenas um vazio. Pela primeira vez na vida, chegou a sentir secretamente medo do filho.

— O que julgas que estás a fazer? — perguntou ele, lenta e cautelosamente.

— O senhor e eu vamos tomar uma bebida — replicou Tane, empurrando a taça na direcção dele.

— Não és tu quem me vai dar ordens — ripostou Eris, levantando-se.

— O senhor vai sentar-se! — bramou Tane, batendo com o punho na mesa. Eris ficou estático.

O filho fitava-o com ódio puro nos olhos.

— Vai sentar-se e vai tomar uma bebida, senão que os deuses me ajudem a fazer-lhe pior do que fez a Isya.

Eris sentou-se, e foi então que o resto da sua autoridade se desvaneceu.

Acostumara-se durante tantos anos a que a sua palavra fosse incontestada na própria casa que ficou simplesmente sem saber como reagir quando isso não sucedeu.

As suas mãos tremiam quando Tane se recompôs, afastando uma madeixa de

cabelo escuro da testa. Não usava então a cabeça rapada.

— Um brinde — disse Tane, erguendo a taça. Trémulo, Eris fez o mesmo. — À família.

E depois esvaziou a taça numa única golada, e o pai acompanhou-o.

— Ela era tudo o que eu tinha, Pai — referiu Tane. — Ela era a única coisa boa que alguma vez fez, e destruiu-a.

Os olhos de Eris não conseguiram enfrentar os de Tane.

— Porquê? — murmurou.

Durante muito tempo o pai não deu resposta, mas Tane ficou à espera.

— Porque não estavas cá — respondeu Eris, de mansinho. Tane soltou uma gargalhada cheia de azedume.

Eris olhou então para ele.

— O que vais fazer?

Tane bateu com uma unha na garrafa de abaxia.

— Já fiz.

O pai abriu a boca para falar, mas as palavras não saíram. A expressão de horror no rosto dele era algo que Tane nunca tinha visto.

— Raiz de cegude — disse. — Primeiro paralisa as cordas vocais, depois retira a força aos membros. A seguir começa a actuar sobre as vísceras. Leva quinze minutos a matar, segundo o livro.

E o melhor de tudo é ser praticamente indetectável e o cadáver não apresentar marcas, pelo que parece uma simples paragem cardíaca.

— Tu... mas tu bebeste... — arfou Eris. Sentia já a dormência na base da garganta, a laringe a inchar.

— Na verdade, é uma planta excelente, o cegude — disse Tane, em tom de conversa. — As folhas e as partes aéreas proporcionam o antídoto para o veneno nas raízes.

— Abriu a boca, mostrando uma bola de papa verde amarga que conservara escondida debaixo da língua. Engoliu-a.

O pai tentou responder, suplicar ou rogar; mas deslizou da cadeira e caiu no chão. Tane baixou-se e acocorou-se ao lado dele, vendo-o contorcer-se ao perder o controlo dos membros.

Os olhos do pai reviraram-se e lacrimejaram, e Tane escutou impavidamente os suaves balidos de agonia que foram tudo o que Eris conseguiu fazer brotar do corpo.

— Veja o que me obrigou a fazer, Pai — murmurou Tane. — Agora sou um assassino.

Levou as taças e a garrafa quando saiu. Constituíam a única prova que podia ser usada para o acusar da morte do pai. Não que acreditasse vir a ser acusado.

A mãe não tomaria a iniciativa. Dirigiu-se para a mata com o som dos gritos dela

vindos da cabana atrás de si, quando descobrira o corpo do marido.

Naquele dia, vagueou pelos bosques, meio louco de dor e abominando-se. Não imaginava o que iria suceder de seguida, como se manteriam, o que seria deles. Sabia tão-somente que cuidaria de Isya, protegê-la-ia, e nunca deixaria que um homem como Eris lhe voltasse a fazer mal.

Só esperava que saísse do seu ordálio a mesma moça que conhecera.

Voltou à cabana de noite, e estava mais uma vez silenciosa. Encontrou o pai ainda estendido na cozinha. Da mãe e de Isya, nem sinal. A princípio sentiu um acesso de pânico; mas depois a razão acalmou-o.

Tinham ido para casa de amigos ou levava Isya para ser examinada por um médico-cirurgião em Amada. Apesar de tudo, a mãe não possuía força de carácter suficiente para deixar de vez a casa.

Levou o cadáver e enterrou-o no escuro, e preparou-se para esperar que voltassem.

Passada uma semana, era evidente que não iriam regressar. Subestimarà a mãe. Talvez ela precisasse de fugir e vencer o medo de enfrentar o mundo lá fora sem o marido.

Talvez abominasse realmente o filho pelo que fizera. Talvez receasse que ele pudesse voltar e matá-las também. Nunca o iria saber. Partira, levando consigo a irmã.

Perdera a única pessoa que quisera proteger, e agora não restava nada nem ninguém.

Apenas ele.

Perto da alva, regressou à casa de hóspedes por breves instantes para buscar os seus pertences. Evitou o quarto de Asara, não a queria enfrentar. Tinha muito em que pensar, perguntas insolúveis para as quais não encontrava respostas. Não o podia fazer aqui em Chaim, nem tão-pouco na companhia dela. De momento deixaria Asara atenta ao regresso de Kaiku. Até aí confiava nela.

Reuniu tudo o que tinha no seu quarto de madeira cheio de correntes de ar e sem segurança e preparava-se para partir quando viu um bilhete em cima da cama, assinado com a caligrafia fluida de Asara.

Hesitante, pegou nele.

Caso mudes de ideias, leu, leva este bilhete aos sacerdotes do Templo de Panazu em Axekami. Diz-lhes que queres entrar para o recesso. Eles entenderão.

Um espectro de severidade percorreu a testa morena dele, e depois guardou o bilhete no bolso e partiu. Quando o dia raiasse, certamente haveria carroças de comerciantes rumo ao Sul.

Tencionava seguir numa delas.

CAPÍTULO 22.

A neve fazia ruído debaixo das botas pesadas de Kaiku, que seguia rumo a oeste através dos picos altos das montanhas. Ao longe parecia um monte trôpego de pele, toda enterrada na veste aos retalhos que tirara há três dias ao morto na caverna. O capuz volumoso agitava-se por cima da máscara vermelha e preta sobre o rosto, e caminhava com o auxílio de um bordão alto, a espingarda às costas.

Ó vida, pensou de si para si. Quando é que isto acaba?

O resto das rações roubadas fora consumido na véspera, e sentia-se mais uma vez fraca da fome. Alguma voz interior dissera-lhe que continuasse com todas as suas forças, que viajasse durante a noite e aproveitasse bem o tempo enquanto ainda tinha algo mais do que neve na barriga. Essa voz dissera-lhe que os picos não tardariam a revelar-lhe os seus segredos, que não estaria a mais de uma noite de caminho do mosteiro. Agora, a meio da tarde do dia seguinte, a voz continuava a não dar sinal de si.

Repousou por um momento, apoiando-se no bordão como se fosse uma muleta. Não era possível apanhar nada que comer ali, e a neve soterrara quaisquer plantas ou raízes debaixo de uma camada de noventa centímetros.

A vastidão era um dédalo branco, morto e vazio, e os únicos sinais de vida, o crocitar distante dos corvos-seláquios e o uivo esporádico dos Aberrantes durante a noite.

Mais uma vez enfrentava a fome, e tudo o que podia fazer era continuar.

A máscara parecia-lhe agora natural, como se se tivesse moldado subtilmente aos contornos do rosto dela. Recordou o medo e o frêmito sentidos só de pensar em colocá-la, preocupada com a insanidade ou a viciação. Quão ridículo se afigurava agora. A máscara não era sua inimiga.

De fato, seria talvez a sua única esperança de sobrevivência aqui fora. Confiava na máscara, sentia-se confortável com ela; e, apesar de se ter revelado absolutamente ineficaz até ao momento, a sua fé parecia inabalável. E precisamente aqui, decorridos muitos dias, a fé dela foi finalmente recompensada.

Levantou a cabeça e viu um desfiladeiro que reconheceu.

Encaminhando-se para lá, deixou-se ficar na sua beira coberta de neve e meditou durante um bocado. Tinha a certeza de que já ali estivera antes, e no entanto seria suposto lembrar-se de ter atravessado uma ruptura tão vasta na paisagem, só que não se recordava de a ter visto durante a sua viagem.

Havia um caminho na extremidade sul que passava entre dois dos picos mais tenebrosos; também o conhecia, com uma certeza que parecia estranhamente infundada, já que estava igualmente segura de não o ter percorrido desde que

iniciara a viagem pelas montanhas.

Depois de examinar cuidadosamente, encontrou de fato um caminho e tomou-o.

Com o decorrer do dia, depararam-se-lhe cada vez mais indicadores conhecidos: uma árvore enorme, retorcida, que saía da neve e erguia dedos deformados para o céu; uma planície de gelo plana e vidrada que só era transitável seguindo uma crista rochosa de pedra negra que passava pelo meio; um pico montanhoso bifurcado, separado por algum grande cataclismo antigo. Cada vista desencadeava uma lembrança que não era sua, mas que pertencia a um dos anteriores utilizadores da máscara, e que fora absorvida pelas fibras de madeira através de um incompreensível processo de osmose.

O Pai, pensou. Sentiu as lágrimas a ameaçar. Parecia que a madeira cheirava a Ruido, um cheiro agradável e almiscarado de livros velhos e afecto paternal, o odor que captava quando se sentava no colo dele em criança e se aninhava no seu peito para ali dormir. Captou-o como um espectro na mente, frustrantemente esquivo mas não obstante presente, e voltou a sentir-se essa criança.

No dia seguinte, mais faminta e enfraquecida, deparou-se-lhe um fenómeno estranho. Ao caminhar por uma curva vulgar de rocha, um inseto na imensidão coberta de neve, sentiu a máscara aquecer subitamente.

Começou a notar que a sua cabeça parecia oca. A sensação não era desagradável, mas um pouco preocupante.

Ao continuar a avançar, o calor tornou-se mais intenso; a título experimental, tentou retroceder, e para surpresa sua o calor diminuiu.

Há ali alguma coisa, pensou.

Não lhe restava senão prosseguir. Caminhou devagar, sentindo a presença de algo imenso e invisível diante de si.

Instintivamente, estendeu uma mão, receando penetrar em algo, muito embora não houvesse nada que os seus cinco sentidos principais pudessem detectar.

A mão roçou a barreira, e a Teia brilhante abriu-se para ela.

Era arrebatadora: uma faixa ampla e extensa de fios dourados, espalhando-se de horizonte a horizonte. Faltava-lhe a definição que uma parede apresentaria; pelo contrário, era uma massa densamente aglomerada de espirais e voltas, girando lentamente, virando-se de dentro para fora, engolindo-se mutuamente e voltando a regenerar-se. Os fios reluzentes da Teia eram lançados aqui num vórtice, como se a cosedura do mundo ficasse presa e emaranhada numa confusão fervilhante. E no entanto a barreira seguia os contornos da terra, mantendo sempre aproximadamente seis metros de altura e seis de profundidade.

O caos lá dentro uma estrutura ordenada. Não havia nenhum acidente, nem nenhum aborto da natureza.

Fora colocada aqui de propósito, e por seres que sabiam manipular, com enorme

perícia, o mundo para lá da mira humana.

Boquiaberta, retirou a mão, e a barreira desapareceu de vista. A máscara fulgiu em resposta, causando-lhe vertigens. A barreira punha uma mente desprotegida a girar, enganando-a, desorientando-a.

Só com a máscara alguém podia ter esperança de penetrá-la.

Com maior firmeza agora, Kaiku levou a mão à barreira. Uma ligeira pressão, e as fibras em movimento afastaram-se para a deixar passar.

Fechou os olhos, respirou fundo e proferiu uma curta prece aos deuses, depois entrou nela.

Viu-se envolta em luz, engolida pelo ventre da Teia. As fibras rodeavam-na, um mar de prodígio em suave rodopiar, e sentiu que se podia deixar levar e nunca mais ter de voltar a preocupar-se.

Mas não estava tão desatenta aos perigos da máscara ao ponto de se render ao desejo que sentia. Fora esta a sensação quando morrera, esta beleza, esta perfeição extasiante; e soube então que não haveria retorno se cedesse. Lembrou-se de que fora assim que o mundo se lhe apresentara quando a ardência a atacara, quando as suas íris ficaram vermelhas e viu a Teia que abria caminho debaixo da pele da visão humana.

Sentiu receio e agarrou-se a esse mesmo receio, pois mantinha-a presa à realidade.

Continuou a avançar pelo paraíso sublime, e alcançou a luz feia e cruel do mundo do outro lado.

Dava a impressão de que fora privada de algo belo, como a traição de um amante. Olhou por cima do ombro, mas a barreira retornara à invisibilidade.

Por um momento, não quis senão voltar lá, abraçar a luz em vez desta crueldade de frio e fome. Depois virou a cabeça e prosseguiu o seu caminho, a máscara arrefecendo no seu rosto.

Com o tempo, desenvolvera uma tendência para murmurar de si para si, uma reacção inconsciente à solidão opressiva da viagem. A maior parte do seu monólogo era arbitrária e sem sentido, mas um bom bocado dele envolvia a sua condição, uma confissão desconexa e repetitiva de que era uma Aberrante e um perigo para os outros, de que devia ficar aqui neste ermo onde não existia ninguém a quem fazer mal nem ninguém que fugisse de si. Às vezes conversava com o pai e o irmão como se estivessem a seu lado.

Outras imaginava que um javali enorme a acompanhava, quase desaparecendo na orla da sua visão, e essa presença reconfortava-a.

O delírio e a fome deram força a estas fantasias, apoderando-se da sua mente enfraquecida, arreigando-se lá. Eram o que a mantinha em movimento quando a sua resistência vacilava, e tê-la- iam obrigado a caminhar até cair e morrer, não fosse

deparar-se-lhe nesse entretanto o mosteiro.

Viu-o primeiro através de um intervalo entre duas vertentes das montanhas a sul.

O céu estava limpo, caso contrário ter-lhe-ia escapado em absoluto; mas o ar era frio e cortante como o cristal, e a sua visão continuava apurada.

Estava cravado na encosta da montanha, a dois ou três quilómetros de distância, uma enorme fachada talhada na rocha envolvente, maciça e estólida. Teve dificuldade em distinguir quaisquer pormenores a esta distância, mas conseguia ver a ponte estreita de pedra que se arqueava desde a entrada até ao outro lado do desfiladeiro fundo, e presumiu que fosse para ali que se devia dirigir se quisesse entrar.

Levou a maior parte do dia a encontrar o caminho para o mosteiro, que era uma escadaria larga e íngreme talhada na superfície rochosa da montanha. Bastou a dimensão para lhe provocar um vago receio, em virtude do clima de exaustão. Os degraus tinham sido talhados há séculos, as suas extremidades desgastadas e redondas, a esboroar-se; se os Tecedores viviam realmente no cimo, então deviam ter ocupado o mosteiro em vez de o construírem, pois a escadaria era mais antiga do que os Tecedores.

Estátuas enterradas na neve guardavam-no de pedestais colocados de cada lado, mas quando Kaiku afastou a neve viu que estavam cobertas de musgo e tinham sido desgastadas pelos elementos, por isso não conseguiu ver o que eram. A aparentemente infindável escadaria sugou-lhe a pouca energia que lhe restava, e dormia em pé quando chegou ao fim.

A mudança no ritmo dos seus passos despertou-a da ligeira sonolência, e encontrou-se num caminho estreito, parte de um pequeno posto avançado que se agarrava precariamente aos flancos da montanha.

Viam-se vários edifícios de tijolo e pedra, ligados por caminhos curvos que iam até onde a forma da montanha o permitia. As habitações eram velhas e pareciam abandonadas, aguardando silenciosamente com as persianas fechadas a chiar devido à brisa gélida. Eram feias e simplistas, como as casas em Chaim, mas mais sólidas. Um pouco mais adiante, viu onde começava a ponte, um arco de pedra resistente e não ornamentado que transpunha a imensa linha divisória, onde apenas uma névoa imaculada vogava por baixo. Não havia sinal de vida.

Entretanto, a exaustão reclamou-a, e percebeu que não tardaria a ser incapaz de avançar mais. Seguindo aos tropeções até ao edifício mais próximo, empurrou a cancela de madeira e descobriu que era um galinheiro, há muito vazio mas conservando ainda algum feno bafiento nas capoeiras. Subiu para uma delas, cobriu-se de feno, e adormeceu instantaneamente.

As câibras no estômago arrancaram-na inclementemente do sono, e viu-se novamente arrastada à força para o estado consciente.

Permaneceu de olhos fechados durante o que pareceu um grande bocado, até o som de passos arrastados no feno junto a ela a fazer sobressaltar-se, alarmada.

Estava alguém debruçado sobre ela. Durante um momento aterrador, pensou que fosse o fantasma do homem que matara na caverna; mas, apesar de as roupas serem semelhantes, não eram idênticas.

As vestes andrajosas deste eram de diferentes tipos de pele, e a máscara que a espreitava era azul-clara, feita de madeira e não de osso. Era a imagem da curiosidade idiota, um rosto de lua gordo com um lábio inferior descaído e olhos escuros arregalados numa expressão de surpresa.

Kaiku tentou recuar, mas viu-se impedida pela parede de pedra atrás de si.

A espingarda estava próximo, mas não o suficiente para lhe conseguir deitar rapidamente a mão.

O rosto de lua inclinou a cabeça para um lado, depois aproximou-se mais, olhando com atenção. Era como se fosse farejada por algum animal selvagem que tentava determinar se ela era ou não alimento.

Kaiku não se mexeu.

Em silêncio, o rosto de lua azul afastou-se, desinteressado. O Tecedor virou-se e preparou-se para abandonar a capoeira, parando para examinar algumas coisas nesse entretanto.

Depois foi-se embora, fechando a cancela atrás de si.

O coração de Kaiku batia com força. O que significava isto? Durante os dias subsequentes a ter abandonado a caverna nas montanhas, nunca chegara a pensar que a morte do homem cujas vestes usava pudesse vir a ter repercussões. Sabia agora que fora um descuido tolo. E se eles se reconhecessem uns aos outros pelas túnicas, bem como pelas máscaras?

E se o Tecedor que usara esta máscara vermelha e preta fosse conhecido deles? O pai de Kaiku podia tê-lo matado tal como Kaiku fizera ao Tecedor na caverna.

Se descobrissem que quem usava aquelas vestes salpicadas de sangue, esta máscara irónica não era o homem que conheciam...

... o homem...

Ocorreu-lhe então algo tão óbvio que o descurara por completo no seu delírio. Os Tecedores eram exclusivamente masculinos. Não eram permitidas mulheres na sua ordem. Somente graças às roupas pesadas e desfigurantes é que a forma do seu corpo não fora reconhecida; contudo, até era possível determinar ligeiramente o volume dos seios, salvo se curvasse os ombros para a frente.

E se tivesse de falar seria descoberta.

Sentindo brotar dentro de si um pânico súbito, agarrou na espingarda e correu para a porta do galinheiro. Entreabrindo a cancela, receou avistar o rosto de lua a correr na direcção do mosteiro para dar o alarme; mas o que viu foi a figura trôpega a

vaguear um pouco mais abaixo no caminho, espetando e empurrando coisas aqui e ali, ou apanhando pedras para melhor as examinar.

Saiu cautelosamente. Amanhecera, estando imenso frio e humidade. Os flancos salpicados de neve do desfiladeiro estavam envoltos nas brumas brancas, agitando-se lá muito em baixo. A ponte pairava próximo no ar, transpondo o abismo. Parecia impossivelmente frágil, a falta de ornamentação contribuindo para que se afigurasse provisória, incôgrua na fachada talhada do outro lado.

De repente sentiu medo. O que esperara encontrar quando chegasse aqui acima? Porque não pensara no perigo? Porque não se escondera e observara?

Uma pontada no estômago fê-la lembrar-se. Não dispunha de tempo para aguardar e ficar à espreita, pois estava faminta. Regressar ao ermo lá ao fundo significava a morte certa.

Não tinha escolha.

Uma busca rápida ao posto avançado — evitando cuidadosamente as atenções do rosto de lua — revelou apenas edifícios desertos, e não produziu nenhum bocado de comida.

Foi então que Kaiku se apercebeu de que atravessava a ponte estreita de pedra até ao mosteiro, apoiando-se no bordão como um velho, e esperando apenas que o que quer que estivesse lá dentro não pusesse em causa o seu disfarce.

A fachada do mosteiro era austera e simples. Grandes pilares sustentavam um telhado que se inclinava para trás, fundindo-se com a rocha da encosta da montanha, e por debaixo dela havia quatro estátuas grandiosas, quatro criaturas todas elas quartos traseiros, escamas e presas.

Quando Kaiku se acercou, viu que os pilares estavam decorados com milhares de glifos e símbolos gráficos minúsculos e complicados, e que as estátuas não se encontravam estragadas como as suas congêneres de baixo na escadaria que subira na véspera. Estas tinham sido esculpidas cuidadosamente, quase sendo possível acreditar que respiravam. A entrada no mosteiro fazia-se por pesados portões de pedra, mas estavam abertos e fazia escuro lá dentro.

Kaiku hesitou. As estátuas deixaram-lhe a pele arrepiada. Tinha uma noção de que estavam de olhos postos nela, uma sensação demasiado forte para ser atribuída aos nervos. Olhou para a ponte lá atrás e viu que o rosto de lua a observava do outro lado do desfiladeiro. O medo de ser descoberta atacou-a de novo, mas era impensável voltar para trás.

Enchendo-se de coragem, seguiu em frente e entrou na garganta de pedra do mosteiro.

O corredor a que chegou apresentava suportes de archotes, mas nenhuns destes. Com a claridade matinal que entrava pelo portal quadrado, conseguia ver sombras de estátuas de ambos os lados, animais deformados de patas estendidas para ela ou

preparando-se para saltar. Para lá delas estava tudo negro. Avançou, a sombra precedendo-a, misturando-se gradualmente com a escuridão até ser engolida por ela.

Entretanto, os olhos foram-se adaptando, e seguiu tacteando com o bordão à sua frente.

Este lugar parecia tão deserto quanto o posto avançado, e no entanto o rosto de lua viera de algum lado.

Apesar de fraca e frágil, a fome instigou-a a prosseguir, mesmo após a claridade da entrada ter desaparecido ao virar de uma esquina.

E depois viu nova luz, e apercebeu-se de que alguém avançava na direcção dela, vindo lá de baixo. Imobilizou-se no cimo de umas escadas por que estivera prestes a cair. O archote tremulante aproximou-se mais, até conseguir ver que era empunhado por outra criatura mosqueada e andrajosa, esta com um rosto de uma caveira sorridente, feito de osso enegrecido.

O recém-chegado subiu as escadas e parou alguns degraus abaixo de Kaiku. Como estava curvada, as vestes encobriam-na, disfarçando melhor a sua feminilidade; mas sentiu o coração começar a acelerar quando o Tecedor a olhou. Estaria à espera de que falasse? Não podia: abrir a boca seria denunciar-se.

Após uma curta pausa que pareceu prolongar-se de forma agonizante, soltou um grunhido e entregou o archote a Kaiku, depois passou por ela, sem recear o escuro. Kaiku libertou uma arfada reprimida.

As escadas levaram-na a um novo corredor, e enquanto avançava por este verificou que os suportes dos archotes estavam ocupados as mais das vezes, e chamas fumarentas projectavam uma luz avermelhada nas galerias do mosteiro. As paredes, o tecto e o chão eram de tijolos maciços de uma pedra cor de areia, e viam-se decorações espalhadas ao acaso: aqui um pequeno recanto votivo, ali um talismã melodioso pendurado. Por vezes surgiam minúsculos ídolos talhados em prateleiras, e Kaiku chegou a ter de se curvar para passar por baixo de flâmulas pendentes. Não via nenhum padrão nas figuras esculpidas; era como se alguém tivesse armazenado todos os detritos de uma dúzia de religiões. Havia ícones de terras longínquas, bonecas pagãs da selva continental de Okhamba, esculturas ugati antigas, pinturas do panteão de Saramyr, inclusive alguns daqueles deuses que tinham sido tudo menos esquecidos.

Viu até uma fonte-ídolo, agora seca, com os três aspectos de Misamcha colocados no pedestal ao estilo vinaxan clássico, mesmo dos primórdios do Império Saramyr.

O corredor dividia-se em dois, e aqueles em quatro, e não tardou que Kaiku estivesse irremediavelmente perdida dentro do labirinto subterrâneo do mosteiro. Percorreu câmara após câmara, encontrando-as dispostas praticamente sem ordem ou direcção, como se planeadas por algum louco.

Passou várias vezes por outros Tecedores com máscara, mas todos a ignoraram, e

começou a ficar um pouco descontraída, satisfeita por o disfarce lhe esconder bastante bem o sexo.

De seguida, após percorrer caminhos desertos durante algum tempo, chegou a uma zona que tomou por uma espécie de prisão. Não ardia qualquer lanterna, nem ninguém se via por ali, mas o som de passos arrastados vindo dos recessos escuros das celas informou-a de que pelo menos algumas estariam ocupadas.

A curiosidade foi maior do que a fome, e continuou a embrenhar-se. Que tipo de prisioneiros conservavam os Tecedores? A câmara pouco mais era do que um corredor curto entre duas filas de portas de celas trancadas.

O silêncio quando entrou lá dentro foi total; até os passos arrastados cessaram. O archote mostrava-lhe apenas as grades, e não chegava a iluminar o que estava para lá delas.

Permaneceu indecisa algum tempo. Depois, lentamente, aproximou-se de uma das celas, erguendo o archote. Estava algo comprimido lá ao fundo nas sombras, algo...

Saltou para ela sem avisar, colidindo com as grades e atacando com um braço com garras.

Ela soltou um grito e recuou, as garras não a atingindo por centímetros.

O archote caiu-lhe da mão para o chão, rolando um pouco, fora do alcance da criatura.

Um Aberrante. Vira muitas vezes parentes seus nas montanhas, mas nunca nenhum igual.

Este era uma anormalidade grotesca, uma abominação malformada de músculos e dentes. Tinha quatro braços, mas eram todos de tamanhos diferentes, desde mirrados a imensamente inchados.

Um único olho piscava sinistramente num rosto que era negro e engelhado, e as partes inferiores eram um emaranhado terrível de membros e tentáculos semi-desenvolvidos, envoltos uns nos outros, alguns retorcidos e partidos. O dorso era uma amálgama de espinhas e barbatanas.

Parecia a colisão de vários tipos diferentes de criatura, competindo todas para se representarem através de um membro ou uma característica e resultando apenas num aglomerado horrível de aspecto nauseante.

-...mmattaarr-tee... — gorgolejou a coisa em saramírico, e o coração de Kaiku sofreu um baque.

De um momento para o outro, a toda a sua volta, as celas ganharam vida, coisas fazendo barulho nas grades das jaulas ou saindo das trevas direitas a ela. Os urros e balidos tornaram-se palavras adulteradas vindas de bocas deformadas, súplicas, maldições, até alguns ruídos horríveis que se assemelhavam a choro. Kaiku recuou, aterrorizada, pegando no archote, mas sem desviar o olhar da coisa que falara primeiro. Afastou-se lentamente da luz, deixando que a escuridão a envolvesse mais

uma vez, e nesse entretanto aquilo voltou a falar.

-...oolhaa ooo queee nooos ffiizzzeesssttee...

Fugiu da prisão, o horror arrefecendo-lhe o sangue enquanto corria, e só parou quando o clamor deixou de a conseguir alcançar. Ficou ali encostada à parede, anelante, escutando o coração a abrandar.

O choque de ser atacada por aquela coisa já era suficientemente mau, mas ouvi-la falar... foi quase de todo insuportável, atendendo ao seu estado debilitado.

Eram Aberrantes adultos no meio de um mosteiro de Tecedores. Inteligentes, conscientes e aprisionados. O que poderia significar?

Tentando abstrair-se das lembranças, prosseguiu a custo, completamente perdida.

Ocorrera-lhe diversas vezes a possibilidade de não conseguir sair deste labirinto antes de morrer de fome, mas de momento a sua fome fora esquecida. Tinha de continuar, sem saber em que direcção, mas para longe daquela prisão.

Passado um bocado, apercebeu-se de um zumbido constante vindo de algures por cima dela.

Entretanto, fora ter a corredores às escuras que pouco mais eram do que túneis toscos, e aqui não havia archotes.

Não viu ninguém durante algum tempo, e resignara-se ao fato de se ter afastado bastante do caminho mais batido.

Estivera para voltar para o sítio onde eram maiores as probabilidades de encontrar comida, mas o zumbido estava a deixá-la suficientemente intrigada e resolveu continuar.

Uma luz mais acima no túnel levou-a até lá, e encontrou uma fenda larga na parede do corredor que dava para uma saliência ampla numa câmara imensa. O zumbido vinha da câmara, e a luz lá de dentro incidiu nela, um brilho estranhamente inquietante de uma tonalidade indefinível.

A saliência não a deixava ver a câmara lá em baixo, pelo que se esgueirou pela abertura até à beira, e ali olhou para baixo e viu o que lá se encontrava.

A câmara era mais ornamentada do que algo que tivesse visto até ao momento neste lugar.

Possuía uma extraordinária grandiosidade pedregosa, as paredes cor de areia curvadas em pilares ou estendendo-se a portentosos lintéis de pedra por cima de portões gravados a ouro ao nível do chão. Kaiku estava mesmo no alto, a saliência um tudo-nada abaixo do tecto plano. De cada lado de si, um aglomerado de criaturas enormes semelhantes a gárgulas espreitava os procedimentos lá em baixo, primas mais pequenas da estátua gigantesca que dominava o outro extremo da câmara. Aquela media à vontade quinze metros, os seus ombros roçando o tecto ao curvar-se sob a luz artificial. As criaturas eram medonhas, para lá do que é possível imaginar, coisas sem olhos com goelas escancaradas cujas proporções pareciam desafiar a

percepção. Eram monstruosamente malformadas, apenas suficientemente humanóides para serem reconhecidas como tal, mas tão distorcidamente adulteradas que Kaiku não pôde deixar de questionar a sanidade da mente que lhes estivera subjacente. Eram iluminadas de baixo, as suas feições hediondas tornadas ainda mais ameaçadoras pelas sombras.

Mas o que despertou a atenção de Kaiku foi o que ocorria no centro da câmara. Estava ali a fonte da luz: uma rocha maciça, com talvez doze metros de comprimento e cerca de metade de altura.

Não era igual a nenhuma rocha que Kaiku alguma vez tivesse visto.

A forma da coisa era completamente irregular, e mais ainda para um mineral. Parecia ter brotado como uma planta ou um recife de coral, de modo que lhe saíam do meio grandes raízes e hastes grossas que vinham enterrar-se no chão, nas paredes e no tecto da câmara. Pulsava com um brilho artificial. Kaiku semicerrou os olhos por detrás da máscara e sentiu um mal-estar invadir-lhe o ventre.

Causou-lhe indisposição só de estar a olhar.

Já ouvi falar disto, pensou de si para si, chegando-lhe a lembrança da máscara. É uma pedra mágica.

Tinha diante dos seus olhos a fonte do poder dos Tecedores, e o seu tesouro mais ciosamente guardado.

Doze Tecedores encontravam-se à volta da rocha, vestidos tal como Kaiku, com as túnicas aos retalhos e estranhas máscaras. Estava também presente uma décima terceira pessoa, mas encontrava-se nua: um homem magro e emaciado que se debatia sem forças nas garras de duas das figuras de túnica. Kaiku viu-as arrastá-lo por umas escadas e puxarem-no para a parte traseira e denteada da pedra mágica.

Adivinhou o que estava para acontecer antes de uma delas puxar da foice e cortar a garganta do pobre homem.

Este tombou de bruços. Uma das figuras de túnica recuou enquanto as outras o viravam e cortavam do queixo ao órgão viril, abrindo-o para lhe expor as entranhas. Começou a cortá-las atabalhoadamente, tirando-as para fora uma por uma sem qualquer delicadeza, colocando-as ao lado da rocha quando ficaram soltas. Coração, rins, fígado, intestinos... em instantes, estava rodeado pelos órgãos do homem.

Kaiku estivera a assistir à cena sem grande horror. O destino daquele homem não lhe concernia, nem o método pelo qual fora liquidado.

Mas sentia algo de errado no que presenciava, e levou algum tempo a compreender do que se tratava.

Não havia sangue. Oh, sim, o homem sangrava, e as vestes do Tecedor estavam salpicadas de sangue coagulado; mas a rocha onde acabara por cair quase todo o sangue estava impecável.

Se o coração fora extraído e colocado ao lado, estava limpo e seco como uma

maçã. Se os intestinos deviam estar numa poça vermelha, apresentavam-se com o aspecto de borracha, azuis e imaculados.

O sangue jorrava, é certo, mas para onde ia? Era como se a rocha de alguma maneira o absorvesse.

Ou bebia-o.

Kaiku carregou o cenho ante a ideia, mas apercebeu-se entretanto de que a pedra mágica principiava a escurecer, o brilho desagradável a diminuir e a ser absorvido para o interior, até a caverna ficar quase negra como breu.

A única fonte de luz situava-se dentro da rocha, e esta estava cheia de veios, uma rede de linhas brilhantes pendendo na escuridão pura, como se a sua superfície se tivesse tornado transparente e as próprias entranhas ficassem expostas. E no seu núcleo uma câmara a pulsar como um coração humano, bombeando o sangue branco cintilante através dela.

Ó espíritos, pensou Kaiku. A pedra mágica. Está viva.

Entendeu então as recordações, um afluxo súbito de discernimento que lhe inundou o cérebro, desencadeando a súbita cognição. Ligações que nunca considerara antes tornaram-se repentinamente óbvias, cada uma animando outra e outra até o circuito ficar completo e ver todo o grande plano, tal como o pai o vira.

Kaiku soube, num clarão súbito, o que Ruito tu Makaima descobrira, porque fugira, e porque o tinham morto por causa desse mesmo conhecimento.

As pedras mágicas estavam vivas. E, tal como o pó das pedras mágicas nas máscaras dos Tecedores adulterava e deformava os seus corpos, também as pedras mágicas estavam a adulterar e a deformar a terra onde se encontravam.

Surgiu-lhe então como uma visão. Ruito no seu gabinete de trabalho, num apartamento alugado em Axekami, a ler atentamente um mapa e um monte de tabelas e pergaminhos. Um projecto em que estivera a trabalhar secretamente durante anos, uma paixão, uma suspeição. Na sua visão, Kaiku estava com ele no momento em que se fez luz — apesar de não ter estado presente na vida real, — quando todas as informações e distâncias se encaixaram. Existia uma correlação entre os registos dos nascimentos de Aberrantes e a sua proximidade dos Tecedores. Ele vira que o epicentro da Aberrância se situava sempre no local de um mosteiro dos Tecedores, e os mosteiros eram sempre construídos à volta das pedras mágicas. Quantas pessoas foram mortas ou dissuadidas para manterem o silêncio? Mas Ruito vira, e decidira investigar, para obter a prova de que necessitava e confrontar os nobres com ela. Por isso viera até aqui, e vira isto, e depois tivera de fugir.

Mas eles tinham sabido. De certa forma tinham sabido, mercê de algum descuido de que nem mesmo o próprio Ruito se apercebera. Um gatilho invisível, uma palavra inoportuna... quem o poderia dizer?

Quando regressara ao continente, não havia nada a fazer. Apenas no maior segredo

podia um homem ter esperança de vencer os Tecedores.

Assim que fossem prevenidos, não conseguiria sequer fazer chegar uma mensagem aos nobres.

Nunca o deixariam abandonar a sua casa, vigiando cada passo seu, quais abutres. Talvez, se ele tivesse ido directamente para Axekami, tentado divulgar a informação aos outros, apenas o houvessem morto.

Mas ele viera para casa, abalado com o que vira, para pensar e se recompor; e tinham-no seguido sempre. Só então eles se mostraram intencionalmente, dando-lhe a saber que o seguiam como uma sombra.

Permitiram-lhe que viesse para casa, voltasse para a família, e depois tinham-se mostrado.

E Ruito soubera que a sua vida chegara ao fim; descobrira demasiado.

Kaiku julgou ir sufocar de dor ao senti-lo tomar a decisão. Não tinha outra saída, nem como ignorar o que sabia. Seria morto, e a sua família também.

Mas pelo menos sempre podiam sair de cena em beleza e não às mãos imundas de quaisquer criaturas a que os Tecedores recorressem.

Não permitiria que a sua família fosse sujeita a torturas ou interrogatórios, as suas mentes devassadas e exploradas pelos monstros que ele despertara.

Não fora nenhum assassino que envenenara a refeição vespertina naquele dia, nenhum agente dos Tecedores que matara Kaiku daquela primeira vez. Fora o seu pai.

Quando se certificaram da sua impotência, depois de lhe revistarem o apartamento em Axekami e levarem todo o seu trabalho, os Tecedores enviaram os shin-shin.

Mas estes chegaram tarde de mais para fazer algo que não fosse eliminar os vestígios, e só através da força de Asara é que restara alguém para contar tudo.

Os olhos de Kaiku encheram-se de lágrimas. Sentiu todo o desespero, toda a perda, a terrível consciencialização do que o pai tivera de suportar. Não admira que parecesse atormentado quando regressara a casa daquela vez; ficara abalado com a dimensão da conspiração que descobrira, dilacerado ao saber que nem ele nem a família poderiam ficar vivos.

Destruído pela opção que era obrigado a fazer, envenenar os seus entes queridos ou deixá-los entregues a um destino bem pior.

Há duzentos anos que os Tecedores matavam os Aberrantes, pregavam o ódio contra eles, serviam-se das suas posições de poder para o incutirem na consciência do povo de Saramyr.

Mas não o faziam por desejarem manter a raça humana pura, nem por qualquer motivo religioso. Estavam a limpar a porcaria que tinham feito, a encobrir o rasto, a destruir as provas.

A fonte do poder dos Tecedores era também a fonte da moléstia que devastava a

terra.

Esta derradeira consciencialização foi demais para ela. Faminta, exausta e assustada, esgueirou-se pela fenda na parede e afastou-se da saliência.

Não soube quanto tempo caminhou aos tropeções até desmaiar, mas recebeu o olvido de braços abertos.

CAPÍTULO 23.

Anais tu Erinima, Imperatriz do Sangue de Saramyr, encontrava-se no cimo da Fortaleza Imperial, a olhar para a cidade lá em baixo. Uma camada de fumo avançava da margem norte do Kerry, vindo-se-lhe reunir das imediações várias parentes mais finas, poluindo o céu do entardecer. O ar estava seco e quente como o interior de um forno de barro. Por detrás dela e à esquerda, o olho de Nuki era uma bola cor de laranja carregado dirigindo-se para poente, deixando o horizonte em chamas para lá do volume enorme do templo de Ocha que se situava no meio do telhado da Fortaleza. Por debaixo do passadiço onde se encontrava o jardim de esculturas da Fortaleza, uma floresta estática de formas e construções artísticas a céu aberto. As estranhas formas que enchiam o jardim projectavam longas sombras distorcidas nas suas vizinhas. Estreitos caminhos brancos serpeavam através de relvados bem cuidados, deslizando por entre os pedestais onde as esculturas assentavam.

Apoiou os dedos pálidos e elegantes no muro baixo que a protegia de uma queda vertiginosa e deixou pender a cabeça.

Um Guarda Imperial de armadura azul e branca encontrava-se no seu posto lá mais adiante no passadiço, fingindo-se alheado.

Apeteceu-lhe gritar, atirar-se desta altura e precipitar-se lá em baixo na morte. Não poria fim a tudo? Não seria digno de um canto ou de um poema? Se o poeta-guerreiro Xalis ainda fosse vivo, faria um imenso sucesso descrevendo o seu final abrupto e violento nos seus versos igualmente abruptos e violentos, as palavras como o golpe e a estocada de uma espada.

A cidade estava a dilacerar-se. A maioria dos nobres fugira entretanto, voltara para as suas propriedades, onde reunia os exércitos que tinha e esperava para ver de que lado soprava o vento.

A corte dispersara, e isso tornava os Tecedores mais importantes do que nunca; estava iminente a guerra civil, e cada casa fazia tudo para se manter à tona quando o conflito rebentasse.

No seu íntimo, Anais sabia que o autor do seu infortúnio residia dentro da própria Fortaleza:

Vyrrech. E no entanto a alternativa a ele era fechar os olhos e ignorar, perder o Tecedor em face dos inimigos. Vyrrech podia ter ousado agir pela calada, mas não se atreveria a recusar abertamente defendê-la nem a omitir-lhe as mensagens, senão denunciar-se-ia e o poder dos Tecedores ficaria em perigo. Se se viesse a provar que Vyrrech interferira, nesse caso os nobres retaliariam. Mas só depois, desconfiava, de terem feito de tudo para lhe matarem a filha.

Era horrível a frustração. Até os presumíveis aliados no seu campo estavam contra ela.

Porque é que nenhum deles entendia? Os seus anos de sólida governação não contavam para nada?

Ó espíritos, tratava-se da filha dela! Da sua única filha, e a única que alguma vez poderia ter.

Era suposto Lúcia governar. Ela pertencia à linha de descendência!

Mas qual o preço do amor de uma mãe? Quantos morreriam por causa do seu orgulho na filha? Quantos perderiam as suas vidas antes de o povo ver que Lúcia não era anormal, não era uma coisa detestável, mas algo belo?

Era exasperante a injustiça. Estava a conseguir controlar os tumultos até o idiota do comandante da Guarda estragar tudo prendendo Unger tu Torrhyc. E depois, quando se preparava para o libertar e mostrar ao povo a generosidade da sua governante, Unger fora encontrado morto, com o crânio esmagado contra a parede da cela.

Corriam já boatos nas ruas de que ele se sacrificara corajosamente antes de os torturadores da Imperatriz o conseguirem obrigar a retractar-se.

E Vyrrech no centro da trama. Sabia que era ele. Mas não tinha como prová-lo.

— Anais! — veio o grito lá de baixo. Despertou do seu devaneio sentimental e olhou para o jardim de esculturas, de onde o Barak Zahn tu Ikati lhe acenava. Levantou uma mão em saudação e desceu até junto dele.

Encontraram-se ao fundo das escadas. Por um momento, olharam-se com estranheza; depois Zahn envolveu a Imperatriz e abraçou-a, e ela, surpresa, retribuiu o amplexo.

— A que devo este afecto excessivo? — murmurou ela.

— Parece-me bem necessitada dele, Anais — respondeu ele. Libertou-a, e ela sorriu com ar abatido.

— Nota-se assim tanto?

— Só para quem a conhecer como eu — retorquiu Zahn. Anais inclinou a cabeça, grata.

— Venha comigo — pediu, e deu-lhe o braço enquanto se passeavam pelo jardim de esculturas.

As esculturas da Fortaleza Imperial remontavam à época anterior ao império, monumentos reveladores dos instintos aquisitivos do segundo Imperador do Sangue, Torus tu Vinaxis. Só a sorte o levava a decidir escolher Axekami como o local onde guardar os seus tesouros, pois a primeira capital de Gobinda fora destruída por um cataclismo pouco depois de findo o seu reinado, e muito se teria perdido.

Ele fora responsável pelo início da maior parte das colecções de arte da actual capital; um homem demasiado sensível e criativo para ser um bom governante, já

que rezava a história que ele fora usurpado pela linha de descendência dos Cho, actualmente extinta. Anais achava algumas das esculturas perturbadoras, outras interessantes, mas pouco inspiradoras.

Não possuía alma de artista, e precisamente por isso — disse de si para si — se revelara uma Imperatriz do Sangue tão eficiente.

— A situação está a complicar-se, Zahn — comentou Anais, quando passaram por um turbilhão curvo de marfim, a fingir que era orgânico. — O povo está a ficar incontrollável. Os meus Guardas Imperiais já se encontram no limite das suas forças, e a presença deles só parece incitar mais o povo. Cada tumulto dá origem a dois mais pequenos. O Bairro Pobre está a arder. Os seguidores do maldito bando de Unger tu Torrhyc estão a causar estragos incalculáveis nas ruas da minha cidade. — Os seus olhos obscureceram-se. — A situação está a complicar-se — repetiu.

— Nesse caso, o que tenho a dizer-lhe não irá melhorar o seu humor, Anais — advertiu Zahn, esfregando a face barbuda com o nó de um dedo.

— Eu já sei — replicou ela. — Os Sangue Kerestyn reuniram as suas forças a ocidente. Estão a avançar sobre a capital.

— E sabe também que o Barak Sonmaga e as forças dos Sangue Amacha estão a avançar de sul ao encontro delas?

Anais ergueu o olhar para ele, e por um momento perpassou por ele uma expressão meio acoitada.

— Para se juntarem aos Kerestyn?

— Duvido — disse Zahn. — Pelo menos não me chegaram informações nesse sentido. Não, estou convencido de que Sonmaga tenciona impedir os Kerestyn de entrar na cidade.

— Pelo menos até ele conseguir estar cá dentro. — Anais carregou o cenho.

Nem mais — referiu Zahn, pesarosamente. Seguiu-se um silêncio entre eles, enquanto caminhavam pelas áleas entre as esculturas gigantes, os sapatos a esmagar o caminho de cascalho.

Deixe-se de rodeios, Zahn — disse Anais, enchendo-se finalmente de coragem. — Trouxeram- no aqui motivos mais importantes do que entregar uma mensagem.

Zahn não olhara para ela enquanto falara, tendo fixado os olhos num ponto imaginário a uma distância intermédia.

— Vim aqui pedir-lhe que reconsidere a decisão de se conservar no trono.

— Está a dizer-me que devia abdicar? — A voz de Anais adquirira a dureza de uma pedra.

— Leve Lúcia consigo — pediu Zahn, o seu tom uniforme e destituído de emoção. — Entregue o trono àqueles que o cobiçam tanto. Prefira a vida da sua filha ao poder da sua família. Pode viver o resto dos seus dias em paz e prosperidade, e Lúcia estará segura. Mas a sua posição está a complicar-se, Imperatriz, e sabe o que

acontecerá se os Sangue Amacha ou os Sangue Kerestyn tiverem de tomar esta cidade pela força.

Anais estava furiosa, mas permaneceu em silêncio.

— Muito bem, já que não responde, fá-lo-ei por si — prosseguiu Zahn. — É possível que eles a deixem viver. Mas executarão Lúcia. Não podem correr o risco de ela constituir uma ameaça ao seu poder, e por isso o povo vai querer o sangue deles.

— E se eu abdicar? — proferiu Anais, cheia de cólera. — Eles apanhá-la-ão, Zahn. Ela continua a ser uma ameaça mesmo que eu desista de toda e qualquer pretensão ao trono. Assim como muitas pessoas odeiam os Aberrantes, há quem não tenha nada contra eles, e ela tornar-se-á o símbolo do seu descontentamento, um ícone atrás do qual se reunirão. Mesmo que os Kerestyn ou os Amacha se tornem a família dominante, mesmo que eu abdique, não deixarão de matar Lúcia. Enviarão assassinos. Ela é demasiado perigosa para permanecer viva, não vê isso?

A única maneira de eu conseguir ter a minha filha viva é manter-me como Imperatriz e derrotá-los.

Apercebeu-se subitamente de que estava a gritar. Zahn apoiou as mãos nos ombros dela para a acalmar, mas Anais sacudiu-o.

— Não me toque, Zahn. Deixou de ter esse direito.

— Ah — referiu o Barak, com azedume. — Sim, constou-me que voltou a partilhar o leito com o inútil do seu marido. Recordo-me da altura em que...

— Isso não é da sua conta! — ripostou Anais, a sua pele pálida ruborizando-se.

Zahn ergueu as palmas das mãos conciliadoramente.

— Perdoe-me — disse. — Às vezes esqueço-me. Não vamos discutir, há coisas mais importantes aqui em jogo.

Anais procurou sinais de zombaria nos olhos dele, mas viu sinceridade. Relaxou. Quando Zahn reparou que ela estava disposta a dar-lhe ouvidos, voltou a falar.

— Se está mesmo decidida a ficar, Anais, pelo menos deixe que os seus aliados a ajudem — referiu. — Podiam estar mil tropas aqui dentro de dois dias, e o décuplo no período de uma semana.

Podia esmagar a sublevação, manter o povo em segurança, e uma vez dentro da cidade seríamos inexpugnáveis. Os Amacha ou os Kerestyn não ousariam entrar.

— Zahn — afirmou Anais com voz cansada. — Confio em si. Mas sabe que não posso deixar entrar uma força dessas dimensões em Axekami. Há demasiadas famílias envolvidas, demasiadas incertezas políticas.

— Constou-me que o Barak Mos dos Sangue Batik pôs as suas tropas à disposição e que aceitou.

— Os seus espiões são ineficazes, meu Barak — disse Anais sem rancor. — Mos ofereceu-me tropas, mas ainda não aceitei. De qualquer forma, ele é outro assunto.

A minha defesa é do interesse dele: tem um filho e uma neta a proteger. Muito provavelmente, Durun seria morto tal como eu se quer os Sangue Amacha quer os Sangue Kerestyn ocupassem Axekami.

— Mos é também o chefe da única outra família suficientemente forte para ocupar o trono — recordou-lhe Zahn.

— O filho dele já tem o trono — respondeu Anais. — Não anulei o nosso casamento durante estes anos apesar da manifesta inconveniência do meu marido. Nada o levaria a pensar que eu o fosse fazer agora.

— Acredita que consegue aguentar Axekami contra os seus inimigos com o próprio povo da cidade a opor-se-lhe? — indagou Zahn.

— O povo acabará por aceitar Lúcia — disse Anais. — Caso contrário, terei de lhe ensinar. De momento são como crianças com uma birra, e precisam de ser castigados. Mantê-los-ei na ordem.

Viraram uma esquina, ficando à sombra comprida de uma coisa empinada que poderia ter sido uma cobra-de-capelo em pedra ou talvez um homem e uma mulher entrelaçados. O sol da tarde entrava pelos intervalos na escultura, avermelhando-se imperceptivelmente com a chegada do crepúsculo. Zahn mal olhou para ela. Caminharam durante algum tempo sob o calor opressivo do Verão de Saramyr antes de Anais voltar a falar.

— Devo-lhe um pedido de desculpas — disse.

Zahn ficou surpreendido.

— Pelo quê?

— Fui presunçosa. Tenho estado tão ocupada a tentar vencer os meus adversários que descurei um dos meus maiores aliados. Durante semanas estive a apresentar Lúcia às famílias nobres numa tentativa de dissipar os mitos surgidos a respeito dela; mas pude contar com o seu apoio desde que tudo começou e nem uma só vez o convidei a ver a causa por que lutamos.

Zahn inclinou a cabeça. Sabia tão bem quanto ele por que motivo estava do seu lado.

— Tem razão, claro. Nunca a conheci. Sentir-me-ia honrado se o pudesse fazer agora.

A Imperatriz-Herdeira Lúcia terminara as lições do dia, de modo que subira ao jardim no terraço para apreciar a última luz da tarde. Zaelis acompanhara-a. Ela gostava do professor alto de barba branca.

Fazia-lhe constantemente as vontades, e a sua voz cava e melosa era reconfortante. Sabia — na forma única que tinha de saber as coisas — que tudo o que ele fazia era pelos melhores interesses dela.

Apreciava igualmente a liberdade que sentia quando estava sozinha na companhia dele. Era o único em cuja presença podia usar abertamente os seus talentos.

Estavam sentados num banco, um refúgio pitoresco inserido numa franja emaranhada de árvores exóticas. Pendiam frutos em cachos coloridos no meio da densa folhagem tropical verde.

Os insectos zumbiam e davam estalidos de um cento de esconderijos diferentes, umas vezes passando por eles em voo picado, descrevendo curvas lânguidas, outras em tumultuosos avanços precipitados.

Havia corvos empoleirados a toda a volta deles. Os corvos da Fortaleza tinham aprendido a aceitar Zaelis e, por sua vez, ele aprendera a relaxar na presença dela.

Eram inexoráveis protectores da jovem Imperatriz-Herdeira. Os corvos de Saramyr possuíam um forte instinto territorial, o que criava neles um desejo de guardar e proteger.

Vigiavam Lúcia como se fosse uma cria errante, motivados por impulsos paternais, não sendo suficientemente inteligentes para os compreenderem.

— Estais preocupada, Lúcia? — inquiriu Zaelis.

Ela anuiu. Tornara-se perito na interpretação dos humores dela, apesar de raramente transparecerem na expressão sonhadora que apresentava constantemente.

— Com o que se passa na cidade?

Ela voltou a anuir. Ninguém lhe contara nada — os professores particulares e os guardas tinham sido instruídos para a manterem afastada dos assuntos secretos depois da explosão de Durun em frente da filha, — mas Lúcia sabia na mesma. Como se podia esconder algo daquela natureza de uma moça que conseguia falar com as aves? Zaelis resolvera ignorar a ordem e tentara esclarecer a situação com ela.

Lúcia não lhe revelou que a dama dos sonhos a informara de quase tudo.

— A culpa disto foi minha — disse ela, em voz baixa. — Eu é que comecei isto.

— Eu sei que sim — respondeu Zaelis, no modo informal de tratamento usado para, e pelas, crianças, mesmo a Imperatriz-Herdeira. — Mas há muito, muito tempo que aguardávamos que o fizésseis.

Lúcia olhou para ele.

— Olhará por mim, não olhará?

— Claro.

— E pela minha mãe?

Zaelis hesitou. Era escusado mentir-lhe; não a conseguia enganar.

— Tentaremos — respondeu-lhe. — Mas ela não verá as coisas do mesmo modo que nós.

— "Nós" quem? — perguntou Lúcia.

— Sabeis quem nós somos.

— Nunca o ouvi falar de tal.

— Também não é necessário. Lúcia ponderou.

— Acha que sou má? — perguntou dali a instantes.

— Acho que éreis inevitável — respondeu Zaelis. Ela pareceu entender; mas também, tratando-se de Lúcia, quem o poderia afirmar?

— A Mãe vem aí — murmurou, e quase em simultâneo os corvos levantaram voo, desaparecendo numa agitação roufenha de penas pretas, subindo no céu vermelho.

Um momento depois, a Imperatriz do Sangue apareceu, avançando com Zahn por um caminho ladrilhado entre uma zona de árvores estreitas.

Olhou mais uma vez para os corvos de partida, mas nenhuma outra reacção perpassou no seu rosto. Zaelis levantou-se, levando Lúcia consigo.

Barak Zahn tu Ikati, permita-me que lhe apresente a minha filha Lúcia — anunciou a Imperatriz.

Mas tanto o Barak como a criança mal pareceram atentar nas palavras dela. Os dois olharam-se com algo semelhante a perplexidade nos rostos. Anais e Zaelis trocaram um olhar intrigado quando o momento se tornou desagradável; e depois os olhos de Lúcia encheram-se de lágrimas, e atirou-se ao Barak e abraçou-o pela cintura, enterrando a cabeça no estômago dele.

— Lúcia! — exclamou a Imperatriz.

Zahn cruzou as mãos por cima das tranças louras da Imperatriz-Herdeira, uma expressão estranha no olhar, um misto de desorientação e choque.

Lúcia afastou-se bruscamente, olhando-o por entre as lágrimas; depois, com um soluço, virou-se e fugiu, desaparecendo nos meandros folhudos do jardim.

Os três ficaram mudos e quedos por um momento antes de Anais recuperar a voz.

— Zahn, peço-lhe imensa desculpa. Ela nunca...

— Não tem importância, Anais — disse Zahn, a sua voz parecendo distante e distraída. — Tudo bem. Acho que agora devia ir andando; parece que a transtornei.

Sem esperar que ela saísse, Zahn virou-se e começou a encaminhar-se lentamente para a entrada do jardim. Anais seguiu-o, deixando Zaelis sozinho no caminho. Este sentou-se no banco.

— Ora, ora, ora — murmurou para com os seus botões, e o seu rosto contraiu-se num estranho sorriso.

CAPÍTULO 24.

Asara voltou a matar em Chaim. Era imprudente, pois não tinha necessidade de se alimentar; mas buscava diversão, e não havia mais nenhuma que lhe interessasse naquela aldeia erma e vazia.

Desta vez escolheu um homem, porque tinha menos respeito por ele do que pelas mulheres, e era muito menos susceptível de sentir um certo remorso por lhe roubar a vida como fonte de divertimento.

Tratou-se de um zaragateiro embriagado, um homem duro e robusto que não receava o curto percurso escuro do bar até sua casa, onde não havia lâmpadas acesas. Asara quis dar-lhe uma lição.

Depois de ter escondido o corpo bem longe, onde não pudesse ser encontrado durante dias, voltou para o quarto. Não a preocupava que pudesse ser apanhada. Não havia uma marca nele, nada que os ligasse.

Ele perdera-se simplesmente no caminho escuro para casa, e fora vítima da exposição aos elementos. Ou talvez o seu coração tivesse simplesmente parado. Afinal, era um bêbedo, e sobejamente conhecido por isso.

Ficou sentada no quarto, sozinha. Como preferia. Como sucedia sempre.

O quarto na casa de hóspedes era tão espartano como tudo o mais em Chaim. Ao meio estava uma cama de casal, as cobertas de lã escuras, de velhas, e traçadas. Tinha uma lanterna na parede e um soalho irregular, sem tapetes. Para além disso não havia nada. Os ventos das montanhas assobiavam lá fora, enfiando dedos gélidos através das fendas na parede que lhe roçavam a pele. A lanterna estava apagada, o que era indiferente para Asara — a sua visão noturna era quase perfeita, como a de um gato. Fazia muito frio, para variar, pois os ventos enregelavam os ossos mesmo no Verão.

Apurou o ouvido para a noite, escutando as rajadas súbitas e cortantes que fustigavam a frágil casa de hóspedes. Foi breve a alegria de se alimentar, e quando a abandonou ficou sentimental.

Estava sentada de pernas cruzadas em cima da cama esfarrapada, a olhar para o quarto vazio. Sozinha, sempre sozinha. Não conhecia outra maneira.

Porque não existia ninguém como ela, nem sequer os outros Aberrantes. Era um reflexo, uma cifra, sem identidade nem causa. Não era nada, nem sequer ela própria.

Não tinha memórias da infância. Houve um tempo em que desejara poder observar-se no momento do nascimento, pensar que se conseguisse ver o seu primeiro rosto, nem que fosse a bola vermelha e enrugada de um recém-nascido, talvez fosse possível espreitar a sua identidade, uma linha de base a partir da qual todas as suas outras personalidades se desenvolviam. Mas era uma fantasia.

Desconfiava que não lhe iria agradar o que fosse ver ali.

A mãe morrera durante a gravidez. Nos primeiros anos, numa busca solitária de si própria, conseguira chegar ao local onde nascera. Soubera de uma mulher que ficara grávida e passados três meses definhara até morrer. No entanto, o ventre da mulher estava tão inchado que os médicos-cirurgiões da aldeia abriram-na e encontraram lá dentro um bebé completamente desenvolvido.

Asara não tinha dúvidas de que era ela. Sugara a mãe até secar, de dentro do ventre.

Ninguém sabia o que fora feito do bebé. Talvez o tivessem dado a alguém, talvez perdido e achado. Tornara-se extremamente difícil encontrar o seu próprio rasto, visto que a cada nova localização era uma pessoa diferente.

Recordava-se de várias mães e pais, famílias adoptivas que a tinham acolhido. Não conseguiam resistir-lhe. Com a ansiedade de uma criança que queria agradar, inconscientemente ia mudando ao de leve, dia a dia, para se adaptar à visão que os novos pais tinham do rebento perfeito. Enfeitiçava-os, realizando o seu desejo. Mas, mais cedo ou mais tarde, o momento de partir acabava por chegar.

Sempre que um familiar reparava nas alterações drásticas desde a visita do ano anterior, demasiado gradual para os pais se aperceberem mas óbvia para quem estivera uns tempos afastado; sempre que os seus desejos e apetites tinham reclamado demasiadas vidas; sempre que as pessoas começavam a perguntar de onde viera: estava na hora de prosseguir, deixar para trás a lembrança de um padecimento invulgar conhecido como morte adormecida, uma doença que atingia arbitrariamente e não deixava marcas no corpo da vítima.

Como se a vida a tivesse simplesmente abandonado. Cresceu depressa.

Quando tinha seis apanhas, o desejo começou, e o instinto ensinou-lhe a saciá-lo da mesma maneira que os bebés aprendiam a mamar ou os adolescentes a beijar.

Já então era inteligente, e tinha o cuidado de nunca ser apanhada, muito embora houvesse ocasiões em que estivera por um triz. Nos primeiros tempos, a fome era pior, pois estava simultaneamente a crescer e a mudar.

Quando chegara às treze apanhas, possuía a forma e a compreensão de uma moça de dezoito apanhas. Nessa altura parecia absorver algo das vítimas, fragmentos de inteligência e conhecimento que faziam com que a sua mente acompanhasse o corpo; perdera esse talento com a mudança de idade, e nunca mais o recuperara. Para ela fora apenas uma fase do crescimento.

O seu estranho crescimento obrigou-a a mudar-se com frequência, e a aprender duras lições na vida; mas era boa aluna, e atenta, e sobreviveu ao destino sofrido pela maior parte dos Aberrantes.

Evitou os Tecedores e o ódio daqueles que a rodeavam até se controlar o suficiente e conseguir disfarçar a sua condição.

Com o passar do tempo, tornou-se amarga e rancorosa. Procurou o seu passado e encontrou fragmentos, cada um tão ou mais insatisfatório que o anterior. Acabou por desistir. No entanto, a sensação permanecia, mesmo agora, oitenta apanhas após o seu nascimento. Não tinha âmago.

Era uma concha espelhada, reflectindo os conceitos de beleza dos outros, mas mesmo lá no fundo não havia nada.

Um vazio que sugava a vida e que nunca ficava completamente saciado. Exigia-lhe que predasse as coisas que imitava, atraída desesperadamente pela sua luz, qual borboleta pela de uma vela.

Era uma efígie, uma parasita... tudo menos uma pessoa.

O tempo dera-lhe amplas oportunidades de mudar, tanto nas convicções como na forma.

Antes passara alguns anos na pele de um homem, chegando à conclusão de que não lhe convinha.

Tentara, sem grandes resultados, combater a necessidade de se alimentar e libertar-se dela, mas acabara por não se conseguir convencer do valor dos seres humanos, e via-os ainda, na sua maior parte, como uma raça de gado, só que ligeiramente mais imprevisível do que os bois e as vacas. O resto era perigoso para ela: os Tecedores e os nobres, aqueles que a perseguiriam e matariam por constituir uma ameaça para eles.

Não, não devia quaisquer favores à humanidade, e, apesar de ainda se ater a uma imagem vestigial de culpa e pesar por sacrificar uma vida particularmente bela aos seus apetites, era mais como se tivesse sido obrigada a partir uma jarra bonita.

Mas todas as mudanças levavam ao mesmo vazio, ao mesmo tédio e vacuidade. E então ficou sentada no seu quarto em Chaim, e perguntou-se se alguma vez aquilo terminaria.

Asara acordou a meio da manhã, um momento antes de lhe baterem à porta. Vestiu-se à pressa, já desperta, e abriu-a.

Era o dono da casa de hóspedes, um homem magro, encanecido e seco, um tanto desdentado. Desviou o olhar dele, transferindo-o de imediato para a pessoa que se encontrava a seu lado.

Os olhares cruzaram-se, e a outra esboçou um sorriso tão fraco que nem sequer foi preciso dizer mais nada.

Kaiku.

— Esta queria ver-te — disse o proprietário. — Andava a fazer perguntas.

Kaiku entrou no quarto. Aparentava metade do peso que tinha quando partiram para as montanhas, há três semanas. Asara abraçou-a delicadamente; parecia frágil e magra, só ossos.

— Traz-nos comida — pediu ao proprietário. — Carne, peixe.

— Nesse caso ela vai ficar neste quarto? — perguntou o dono da casa de hóspedes, um tom de reprovação na sua voz.

— Sim — referiu Asara, sem rodeios. — Vai.

Quando se virou, Kaiku estava estendida em cima da cama, a dormir.

Durante três dias não saíram do quarto. Kaiku dormiu a maior parte desse tempo, e Asara vigiou-a. Parecia distante, esvaziada por dentro, e pela expressão no olhar Asara percebeu que fora submetida a algo mais do que uma prova física. Mal conversou no primeiro dia, e apenas um pouco mais no segundo. Asara não a pressionou, nem sequer lhe perguntou se encontrara ou não o mosteiro.

Não era preciso, sabia que Kaiku conseguira. O pai dela apresentara aquela mesma expressão quando voltara à casa na Floresta de Yuna, pouco antes de virem os shin-shin.

Asara limitou-se simplesmente a esperar, e vigiou-a enquanto recuperava.

A pedido de Asara, o proprietário bateu à porta e trouxe-lhes comida em intervalos regulares. Foi bem remunerado pelo incómodo.

O dinheiro que Asara e Kaiku traziam consigo, apesar de não muito substancial segundo os padrões urbanos, era uma pequena fortuna em Chaim.

Kaiku comeu, a princípio um pouco e depois imenso à medida que o estômago encolhido se ia distendendo ante a perspectiva de energia vivificante.

Estava esfomeada. De noite dormiam abraçadas. Asara pedira ao homem que lhe trouxesse mais cobertores, mas Kaiku não parava de tremer de frio.

No terceiro dia, Kaiku recuperara um pouco as forças. Sem ser instigada, começou subitamente a falar.

— Imagino que tenhas curiosidade em saber onde estive — comentou com Asara, que estava sentada na beira da cama a pentear o cabelo.

— Sim, já me tinha ocorrido — respondeu-lhe com secura.

— Perdoa o meu silêncio — disse Kaiku. — Tive muito em que pensar.

Asara terminou de pentear-se e virou-se de frente para Kaiku, que estava embrulhada num cobertor, abraçada aos joelhos.

— Sofreste — observou, como maneira de a desculpar.

— Não mais do que mereço — replicou. Falou então a Asara do que vira e fizera, da viagem pelas montanhas e da morte do Tecedor, cujas roupas roubara, da máscara e da travessia da barreira que escondia os Tecedores do mundo. Referiu o mosteiro e as coisas estranhas que se passavam lá dentro, a prisão horrível cheia de Aberrantes e a acusação da criatura: Olha o que nos fizeste...

Os olhos de Asara arregalaram-se quando Kaiku relatou o que vira na câmara da pedra mágica e a visão que a máscara lhe apresentara. Não chorou ao falar do pai e do seu destino; mas as lágrimas continuaram a marejar-lhe os olhos, mesmo por detrás das pestanas. Por último, descreveu a Asara a verdadeira natureza das pedras

mágicas. A fonte ciosamente guardada do poder dos Tecedores estava também a espoliar a terra. Kaiku, Asara, Cailin, a Imperatriz-Herdeira Lúcia... todos os Aberrantes não passavam de um efeito colateral da energia das pedras mágicas que os Tecedores colocavam nas máscaras.

Enquanto falava, Asara ficou sem fôlego, de maravilhada. Cada palavra parecia aumentar a sensação de incredulidade. As pedras mágicas eram a fonte da moléstia? Os Tecedores eram responsáveis pelos próprios Aberrantes que assassinavam? Pela primeira vez em mais tempo do que se conseguia recordar, sentiu que estava à beira de algo verdadeiramente importante.

Tudo aquilo a que se dedicara nestes últimos anos, com a Ordem Vermelha e os Libera Dramach, durante o tempo como criada particular de Kaiku... tudo se encaixava neste momento, e sentiu o latejar do sangue através do corpo, sentiu que estava viva.

— Sabes o que encontraste? — conseguiu dizer Asara. — Sabes o que descobriste? — Agarrou o braço de Kaiku. — Estás certa? Estás certa de que o que viste não foi um delírio, mas as recordações do teu pai?

— Tão certa quanto é possível — respondeu Kaiku, cansada.

Mas os apontamentos do Pai arderam com a casa, e se restassem alguns no seu apartamento em Axekami, duvido que se encontrem quaisquer vestígios agora.

— Mas isto podia derrubar os Tecedores! — Asara entusiasmou-se. — Se os nobres soubessem, se conseguíssemos prová-lo... a ira de serem ludibriados seria... ó espíritos, mesmo que não conseguíssemos, podíamos lançar a semente, ajudá-los a fazer as perguntas certas! Porque é que ninguém se lembrou disto antes?

— Lembraram — referiu Kaiku. — Mas a maioria dos estudiosos é protegida por um nobre, que por sua vez tem um Tecedor. Normalmente sofrem acidentes antes de conseguirem ir longe na sua pesquisa, presumo.

O meu pai era independente, e manteve a sua investigação secreta, e mesmo assim foi descoberto.

Asara mal a escutava.

— Como conseguiste fugir, Kaiku? Do mosteiro? Kaiku encolheu ligeiramente os ombros.

— Foi fácil.

Contou-lhe então o resto da história. Quando acordara do desmaio provocado pelo stresse e pela fome, fizera um esforço para se levantar e tentara encontrar o caminho de volta às zonas mais centrais do mosteiro, onde deveria haver comida. Não podia dizer se a máscara a estava ou não a ajudar, mas pouco depois encontrou uma cozinha, povoada de serviçais pequenos e atarefados que ainda não se lhe tinham deparado.

Eram quase de estatura nanossómica, robustos e escuros, e as suas caras fechadas

não revelavam nada dos seus pensamentos, se efetivamente tivessem alguns. Pareciam uma raça simples e servil.

Apontando para um prato de osso e para o fogão, Kaiku conseguiu razer uma refeição de raízes de vegetais, uma espécie curiosa de um híbrido de arroz-batata e pedaços de carne escura a nadar num molho gorduroso.

Refugiou-se para comer, levantando a máscara e enfiando a comida por baixo, receando que alguém pudesse ver-lhe o rosto. Para surpresa sua, era deliciosa, mas o alívio de voltar a ingerir alimentos fez com que tudo parecesse ainda mais maravilhoso.

Veio buscar mais e os serviçais encheram-lhe o prato sem questionarem. A partir de então, Kaiku navegara por aquela cozinha, usando-a como ponto de referência para saber sempre onde voltar depois de ter andado a deambular.

Foram precisas várias tentativas para encontrar a saída do mosteiro, e nessa altura sentia já uma maior confiança, em virtude de o seu disfarce não poder ser detectado. Os Tecedores eram muito reservados, e uma raça excêntrica. Encontrara alguns deles acorados em cantos, baloiçando-se suavemente e proferindo uma algaraviada incompreensível; outros saltavam-lhe aos gritos dos esconderijos e depois fugiam.

A maioria passava apenas por ela. Não tardou a aperceber-se de que um Tecedor que não falava era uma pequena excentricidade ao pé da insanidade do mosteiro, e isso reconfortou-a.

Não tinha propriamente um plano em mente para quando reencontrasse o caminho para o ar livre. Talvez tivesse pensado regressar a pé à zona desabitada e confiar na sorte de Shintu para o conseguir.

Mas Shintu sorriu-lhe de outras maneiras.

Quando saiu para a claridade intensa e desagradável da neve, decorria uma certa actividade na minúscula colónia cravada na encosta da montanha em frente ao mosteiro.

Atravessou a ponte que transpunha o abismo e foi investigar. Várias dúzias de serviçais anões faziam descer sacas e caixas pela imensa escadaria de pedra que conduzia ao sopé da montanha.

Observou-os durante um bocado antes de perceber do que se tratava. Estavam a carregar carroças! Subitamente entusiasmada, passou por eles e começou a descer as escadas.

Não foi uma viagem curta, mas sentiu que se deixasse escapar esta oportunidade poderia nunca mais ter outra.

Chegando ao fundo, viu que os seus esforços não tinham sido em vão. Encontravam-se ali três carroças enormes com grandes rodas envoltas em correntes, e havia manxthwa a ser atrelados a elas.

Vários Tecedores andavam numa roda-viva. Um momento de reflexão levou-a a

afastar a hipótese de se esconder nas carroças, de maneira que fez a única coisa que lhe ocorreu.

O banco do condutor dava para três, e parecia só haver um condutor por carroça. Subiu para uma delas e esperou.

Pareceram decorrer horas antes de os serviçais terminarem de carregar, tempo durante o qual Kaiku ficou sentada, rezando para que ninguém lhe fizesse perguntas. Estava a escudar-se na insanidade dos Tecedores para conseguir sair dali; vira muitos actos consideravelmente mais arbitrários no curto período de tempo em que andara pelo mosteiro.

Passado um bocado, um dos serviçais anões subiu para o banco e sentou-se ao lado dela.

Olhou-a por um momento, nada curioso, e depois sacudiu as rédeas, e os manxthwa arrancaram.

Kaiku respirou de alívio; os Tecedores estavam a ficar para trás.

Foram precisos vários dias por trilhos de carroças para chegarem a Chaim. Os serviçais falavam entre si num dialecto incompreensível, mas nunca com Kaiku. Não comentaram o fato de se afastar sempre para comer ou de desaparecer para fazer a higiene. A dada altura voltaram a atravessar a barreira de entrelaçamento da Teia que envolvia o mosteiro, mas os serviçais não pareceram afectados pelos seus efeitos desorientadores e seguiram adiante. Kaiku ficou exposta ao acesso momentâneo de felicidade que acompanhava aquele mundo áureo de fios a agitar-se, e depois viu-se outra vez arrebatada dele com força suficiente para sentir uma nova dor no coração.

Preparou-se para sofrer em silêncio e aguentou.

Não proferiu uma só palavra ao longo de toda a viagem, e quando chegaram a Chaim quase chorou de alívio ao ver a pequena vila esquelética.

— Quando aqui chegámos — rematou, — procurei um esconderijo e voltei a vestir as minhas roupas. A máscara e a túnica estão na minha mochila. — Indicou com a cabeça a mochila volumosa a um canto do quarto.

— Tinha esperanças de que me aguardassem. Pelo menos um de vocês.

Asara deixou sem resposta a pergunta sobre Tane que não chegara a ser formulada, e Kaiku não precisou de mais nenhuma resposta. Não voltou a inquirir.

— Kaiku, o que tu fizeste... é uma coisa prodigiosa — referiu, como uma espécie de consolação.

— Prodigiosa? — estranhou Kaiku, e os seus olhos desceram até aos joelhos tapados com o cobertor. — Não. Estou eternamente condenada. Não vês? Jurei ao Imperador dos deuses vingar a morte do meu pai.

Os Tecedores são responsáveis por ela. Não apenas um, agindo isoladamente. Todos eles.

Como posso... como pode uma pessoa enfrentar os Tecedores? Como posso destruir criaturas capazes de matar com um pensamento, capazes de ler o que vai na mente de uma pessoa? A minha tarefa é impossível, mas a minha jura mantém-se.

Nesse caso devias voltar comigo para o continente. Para a Ordem Vermelha. Já fizeste o suficiente aqui, Kaiku... mais do que o suficiente.

Uma pessoa não consegue destruir os Tecedores; mas tu conseguiste mais com a tua força anímica do que as dúzias que te antecederam. E tens aliados.

Kaiku anuiu, apesar de não existir em si convicção.

— Tens razão. Prometi a Cailin que voltava. Não há mais nada a fazer aqui. Partiremos amanhã.

A noite caiu, a noite fria e triste das montanhas. Voltaram a comer, depois vestiram a roupa de dormir e meteram-se na cama com uma rapidez fruto da prática. A ideia de abandonar este lugar estava nas mentes de ambas, mas estava ainda pendente aquela pergunta por fazer, e Asara não se surpreendeu quando Kaiku começou a chorar baixinho. Não precisou de lhe perguntar o que a afligia; sabia-o bem de mais.

— Ele partiu — murmurou, e deu-se uma agitação dos cobertores quando se aproximou mais e enterrou a cabeça no ombro de Asara.

Asara emitiu um ruído de confirmação.

— Eu contei-lhe. Sobre ti, sobre mim. Ele tinha o direito de saber.

— Pai, Mãe, Avó Chomi, Machim... até Mishani. E agora Tane. Quanto mais vou ter de suportar, Asara?

— Todo aquele de que te aproximares te abandonará, Kaiku — proferiu Asara baixinho, sentindo uma emoção desconfortável brotar dentro de si, — até aceitares o que és.

Preferias que Tane nos abandonasse agora... ou quando visse os teus olhos depois de uma ardência? Ele tem muitas contradições que precisa de resolver, Kaiku. Não desanimes. Ele pode voltar a encontrar-te.

As palavras deram novo alento às lágrimas de Kaiku.

— Achas que sim?

— Talvez sim — respondeu Asara, a sua respiração fazendo agitar o cabelo fino de Kaiku, pois os seus lábios estavam bastante próximos. — Ou talvez não. Ele estava a aprender, e a aceitar.

Talvez ele esconda algo, não sei. — Colocou uma mão na cabeça de Kaiku, acariciando-a suavemente. — Tu não estás sozinha. Mas tens de escolher ser Aberrante, Kaiku. Pára de te considerares como um deles.

Agora eles odeiam-te. Eles são como Mishani: até as pessoas em quem mais confiavas te voltaram as costas. Só podes contar com a tua espécie, mais ninguém. De momento apenas me tens a mim.

Kaiku afastou-se do ombro de Asara, e limpou as lágrimas com as costas da mão. Conseguia sentir o olhar de Asara no escuro, muito embora apenas visse um brilho ténue de luz proveniente dos seus olhos anormais dotados de visão noturna.

Não, corrigiu-se. Anormais, não. Belos. Ela nunca precisa de recear o escuro, como eu.

Tu estás acima deles — afirmou Asara, tranquilamente.

Esquece as restrições, todas as regras que aprendeste. Elas não se te aplicam; usa-as apenas quando necessário para te distinguires no meio deles.

Porque haverias de te submeter ao que te ensinaram quando os teus mestres te mandariam executar se pudessem? Não escutes mais. Desobedece. Rebelar-te.

— Rebelar-me — proferiu Kaiku baixinho, as pontas dos dedos roçando a face de Asara.

Sentia-se acabrunhada, o seu coração parecia querer rebentar ante as palavras de Asara e sentiu um misto de medo, terror, excitação e liberdade como nunca antes sucedera. Houve um momento em que algo pareceu passar entre elas, um momento em que todas as coisas se afiguraram possíveis e acabaram por se tornar.

E, naquele momento, Kaiku levou os lábios aos de Asara, que vinha já ao encontro dos seus, apanhada na mesma onda.

Fundiram-se numa só, a pele macia a comprimir-se uma na outra. Tinham os lábios secos do vento, mas humedeceram-se rapidamente com o fervor, as línguas tocando-se e deslizando ao tomarem mutuamente o gosto.

A mão de Kaiku deslizou pela curva da cintura de Asara e a sinuosidade da sua anca, sentindo o músculo contraído por baixo. Asara agarrou-a pela nuca, fazendo deslocar o seu peso de modo a Kaiku ficar debaixo dela, o som da respiração a acelerar no escuro. Escarranchou-se nas ancas de Kaiku, e esta sentiu as palmas quentes das mãos de Asara no seu rosto, descenderem-lhe pelos ombros, por cima do volume dos seios e da ponta dos mamilos, avançando para o ventre liso.

A respiração de Asara era agora acelerada, quase arfante; Kaiku sentiu um momento de dúvida, que algo estava errado, que ficara demasiado excitada, demasiado depressa.

— Não devias... — suspirou Asara. — Não me obrigues... Mas Kaiku, empolgada com o ímpeto, ignorou-a. Levantou-se, ficando de joelhos na cama, e uniu de novo os lábios aos de Asara, beijando-a com força, toda ela calor, sensação e negrura. O cabelo de Asara caiu sobre o rosto de Kaiku, que estava virado para cima; encontrava-se agora em cima dos joelhos de Kaiku, e aproximou-se mais, os ventres e os seios comprimidos uns nos outros apenas com as finas camadas das camisas de dormir de seda a separar a pele da pele.

As unhas de Kaiku descenderam-lhe pelas costas, como se pudessem eliminar a barreira para o que estava por baixo.

— Tu não... tu não sabes o que fazes... — murmurou Asara em protesto, mas Kaiku desceu uma alça pelo ombro, puxando-a para baixo, e a sua boca encontrou o mamilo de Asara e chupou-o delicadamente.

Ela estremeceu involuntariamente de prazer, afastando o cabelo do rosto, as ancas embatendo nas de Kaiku, respirando em arfadas curtas.

Agarrou então Kaiku, rudemente, e empurrou-a para a cama. Os seus dedos arranharam como garras de cada lado do crânio na jovem, e levou os lábios aos de Kaiku num ataque predatório que praticara mil vezes antes. Algo dentro de si aconselhava-a a parar, a parar, mas a fome e o desejo dela tinham ficado enlouquecidos pela paixão de Kaiku, e a voz foi fraca e passou despercebida. De repente, quis desesperadamente o que estava dentro de Kaiku, quis tirar-lhe a vida que ela própria lhe dera, sugar a parte de si mesma que entrara em Kaiku quando roubara o sopro da criada particular Karia e o introduzira nos pulmões da sua ama morta. Um pedaço de Asara fora com aquele sopro, um fragmento da sua vida alojara-se no coração de Kaiku, e Asara soube, num lampejo, que era essa a verdadeira razão por que voltara para Kaiku depois de ela quase a ter morto na Floresta de Yuna.

Kaiku sentiu algo na premência de Asara, mas na sua ânsia não lhe interessou se era paixão ou raiva ou algo completamente diferente, e os seus sentidos estavam demasiado sobrecarregados para confiar neles.

Asara beijou-a mais e mais intensamente, e Kaiku sentiu uma dor dentro de si, como se algum órgão no seu peito se preparasse para se libertar, o seu coração estivesse prestes a soltar-se da sua amarra aórtica. Asara chupou, incapaz de se deter, querendo apenas saciar-se da forma mais completa que conhecia.

A porta do quarto abriu-se com ímpeto.

Asara largou-a bruscamente, e Kaiku atirou-se para o outro lado da cama, arfando como alguém que estivera a um passo de se afogar. O seu corpo captara a proximidade da morte conquanto não a mente, e sentiu o terror e o pânico abaterem-se sobre si quando Mamak e outros três homens corpulentos entraram no quarto, empunhando pás e picaretas.

Estacaram ante a visão que se lhes deparou: as duas mulheres, uma com a camisa de noite a pender do ombro e o seio direito à mostra, respirando a custo e apanhada de surpresa.

Começou a estampar-se uma expressão lúbrica no rosto de Mamak, e depois Kaiku gritou, e ele explodiu.

A onda de kana irrompeu dela como uma debandada. O mundo passou da realidade para a infinidade de fios áureos, urdidura e trama, um diorama de luz bela que a queimava de dentro como metal fundido nas suas veias. As suas íris escureceram para um vermelho-carregado, e atacou em reacção ao medo, à paixão, à

surpresa.

Viu o pulsar brilhante do coração de Mamak como uma impetuosa junção de fios, o fluxo do seu sangue ao passar sob a sua pele transparente, e rasgou-a com um pensamento. Ele irrompeu numa chuva de sangue coagulado flamejante, salpicando os seus atónitos companheiros e enchendo a cama com fragmentos de osso e cérebro carbonizados.

Asara gritou e atirou-se para trás, os instintos recordando-lhe o que acontecera da última vez que vira Kaiku daquela maneira.

Desta vez era mais forte, mais concentrado. Desta vez não houve surpresa no seu surgir, e Kaiku conseguiu dominar o ímpeto, compeli-lo e canalizá-lo. Com um gesto da mão, fez rebentar os outros homens no quarto, dilacerando-lhes as fibras; e onde os fios se partiram seguiram-se as chamas, uma libertação de energia explosiva. Os companheiros de Mamak tornaram-se colunas de fogo incandescente, os seus uivos silenciados em segundos quando os seus pulmões e gargantas ficaram calcinados, os seus olhos borbulharam, cozendo de dentro para fora.

Um deles atirou-se a Kaiku numa última tentativa idiota de vingança ou súplica, mas caiu apenas em cima da cama e incendiou-a.

Kaiku sentiu o kana apagar-se como uma vela com o vento e a sua visão pareceu voltar à normalidade, os fios áureos desaparecendo debaixo de formas sólidas e o clarão do incêndio que iluminava o quarto soturno.

O incêndio.

O quarto estava a arder.

Levou apenas um momento a reabsorver a envolvente. Asara já se levantara, a camisa de noite devidamente repostada no sítio a fim de preservar o recato, olhando Kaiku com cautela.

Parecia incapaz de decidir o que era mais perigoso — as chamas ou aquela que as provocara. O ar enchia-se de um pivete sufocante e nauseante a carne queimada, e acumulava-se fumo negro junto ao tecto.

Kaiku vacilou, sentindo a cabeça ficar oca. O esforço de encurralar o kana por forma a não incinerar todo o quarto quase a fizera desmaiar.

Asara viu-a enfraquecer, e logo se lhe reuniu na cama, agarrando-lhe o braço.

— Anda — disse, com brusquidão. — Temos de ir.

Kaiku deixou-se puxar, a cabeça oscilando no pescoço como a de Uma marioneta, os olhos vermelhos mortíços.

Asara reuniu as roupas de ambas de uma só vez e atirou-as por cima dos corpos em chamas, pela porta e para o corredor. A seguir pôs as duas mochilas e as espingardas às costas e arrastou Kaiku da cama a arder.

As chamas lambiam já as paredes. Os restos calcinados de Mamak jaziam à entrada, ainda a arder, bloqueando-lhes a saída.

— Temos de saltar por cima dele.

— Não sou capaz de saltar — murmurou Kaiku. Asara bateu-lhe com força. Ela recuou, os olhos focando.

— Salta — disse-lhe com brusquidão.

Kaiku deu uma corrida em duas passadas por cima do corpo de Mamak, demasiado rápida para as chamas conseguirem pegar-se-lhe à camisa. O corredor lá fora parecia gelado em comparação com o quarto de onde fugira.

Ouviu vozes e passos lá em baixo, mas agarrara já as calças e vestia-as por cima da camisa de noite. Asara atravessou então a ombreira da porta, seguindo o exemplo de Kaiku. Acabara de se vestir quando o dono do estabelecimento e vários hóspedes com baldes de água subiram as escadas e avançaram pelo corredor, e um momento depois encontraram-se a olhar para o cano de uma espingarda.

— Garanto-lhes que tenho excelente pontaria — disse Asara, o olho encostado à mira.

— O que aconteceu? — quis saber o dono.

— O nosso antigo guia achou que estava farto de esperar que o voltássemos a contratar e quis aliviar-nos do nosso dinheiro — replicou Asara.

Inferira-o tanto pela entrada súbita deles como pela maneira insensata como Tane exibira o dinheiro na viagem de regresso das montanhas.

— Saiam da frente! — gritou um dos homens atrás dele. — Ó espíritos, o sítio está a arder.

— Pega nas mochilas — disse em voz baixa por cima do ombro. Kaiku obedeceu, a custo. A ardência do kana estava já a causar-lhe espasmos de dor, repelões de agonia a pulsarem-lhe pelo corpo.

— O que querem? — gritou o dono. — Deixem-me apagar o fogo! Este é o meu sustento!

— Dois cavalos dos seus estábulos — propôs Asara. — Podemos comprar-lhos ou podemos levá-los à força. Escolha.

— Ó vida — disse outro homem em voz baixa. — Reparem nos olhos dela!

Estava a referir-se a Kaiku.

— Aberrante! — bramou alguém.

— Sim, Aberrante — replicou Asara. — E ela far-te-á o que fez àquele quarto se não saíres do nosso caminho. Os cavalos, já, senão ficamos aqui até toda esta espelunca arder.

— Eu levo-as — ripostou o dono. — Vocês apaguem aquele incêndio!

Com Kaiku a reboque, Asara seguiu pelo corredor. Os homens passaram apressados por ela, afastando-se de Kaiku com um misto de repulsa e medo, carregando os baldes para o incêndio.

— Bons cavalos — disse Asara — e pagamos-te o valor deste lugar.

O dono olhou para ela com ódio, mas sabia o que isso podia significar. Um novo começo, num novo lugar, onde a vida não fosse tão dura e lúgubre.

— Tens aí o dinheiro? Asara anuiu.

— Então deixa o sítio arder. Venham comigo — disse. Partiram naquela noite, conduzindo os cavalos, dirigindo-se para sul através do vento cortante que soprava em Fo, afastando-se o mais possível de Chaim.

Kaiku dormiu presa à sela, pois o seu kana consumira-a por dentro, e Asara manteve-se a seu lado para orientar a montada dela.

Estranhos são os caminhos por onde os deuses nos levam, pensou Asara, e continuou a cavalgar enquanto a alva aclarava a leste.

CAPÍTULO 25.

A falha de Xarana situava-se a sul de Axekami, delimitada a leste e oeste pelos rios Rahn e Zan. Era um lugar de lendas obscuras, uma imensa extensão de terra dilacerada habitada pelos fantasmas de má memória e percorrida por espíritos nervosos, que tinham sido sacudidos bruscamente no tumulto da sua formação e nunca se voltaram a aquietar.

Rezavam as histórias que Jaan tu Vinaxis, venerando fundador do Império Saramyr, construíra naquele local a primeira cidade de Saramyr, Gobinda, em comemoração da derrota do povo aborígene Ugati.

Naquela altura a terra era plana e verde, e Gobinda prosperara e tornara-se uma grande cidade nas margens do Zan. Mas Torus, filho de Jaan, fora usurpado pelo terceiro Imperador do Sangue, Bizak tu Cho.

As histórias falavam da devassidão que Bizak fomentava, de orgias de impiedade e excesso.

Depois viera a Queda do Inverno, o dia em que todos os homens deviam glorificar Ocha pelo começo de um novo ciclo do ano.

Bizak, após três dias de comemorações, ficara demasiado exausto para comparecer. Enviara a filha no seu lugar.

Aquela atitude enfurecera Ocha. Segundo as histórias, naquela noite os sábios tinham sonhado com um javali enorme, com bafo de fogo e fumo e presas afiadas, que corra pela terra e a fendera.

Tinham aconselhado o Imperador a retractar-se perante Ocha, recordando-lhe que ele era apenas Imperador dos homens e que Ocha era Imperador dos deuses.

Mas Bizak, no seu orgulho estúpido, não quisera dar ouvidos, e então fugiram.

Restaram poucos sobreviventes da vingança poderosa de Ocha, mas aqueles que escaparam pintaram um quadro aterrador.

O solo roncou, agitou-se e fendeu-se, separando-se em secções como pedra atingida com um martelo e lançando o povo de Gobinda aos gritos nos abismos escancarados.

A terra vomitou magma, cuspidando cinzas para o céu e obscurecendo o Sol, transformando o mundo num caldeirão fervilhante de luz vermelha incandescente.

Secções imensas da terra subiram de repente várias centenas de metros; a rocha despedaçou-se; os relâmpagos brilharam; e, acima de tudo aquilo, ouviram-se roncões e guinchos, como se fosse de um imenso javali enfurecido. Gobinda mergulhou na terra e foi engolida, e com ela Bizak tu Cho, a sua filha e toda a sua linha de descendência.

Cessada a destruição, a terra ficou deformada e destruída. O Rahn e o Zan, que

anteriormente corriam livres, estavam agora peçados de cascatas imensas, descendo para a nova paisagem afundada.

A falha de Xarana — como veio a ser conhecida quando se compreendeu melhor a tectónica de placas e os movimentos no interior da terra — era um labirinto de pregas, saliências, planaltos, vales, morainas e promontórios: uma paisagem do mais completo caos. Nas muitas centenas de anos desde o cataclismo, cresceram erva e árvores novas que amenizaram um pouco as suas arestas; mas as suas lições nunca foram esquecidas. Continuava a ser um lugar de pouca sorte e má fortuna, e raramente era visitado pela gente honesta da cidade. Os espíritos abundavam ali; alguns inofensivos, mas a maioria não.

Mas houve quem ousasse regressar às terras duras da falha de Xarana. Aqueles que buscavam a solidão ou precisavam de se esconder; aqueles que não se importavam de correr riscos pela recompensa de metais preciosos e gemas desenterrados pela antiga modificação da crosta terrestre; aqueles que não tinham encontrado nada para si nas cidades e nos campos e queriam começar de novo. Eram tantas as razões quantas as pessoas que habitavam as terras da falha e, no meio da paisagem turbulenta, viviam lado a lado dúzias de pequenas comunidades, algumas em clima de harmonia e outras em clima de hostilidade. Mas numa coisa estavam todas de acordo: o que se passava na falha não saía de lá, e não era para o mundo exterior ter conhecimento.

Cailin tu Moritat estava sentada na sela de uma égua preta, enquadrada pelo céu quente do meio da manhã. Por debaixo dela, o solo descia em imponentes degraus semicirculares, planaltos irregulares que se empilhavam fortuitamente uns por cima dos outros. Na parte traseira destas placas de terra fora construída uma pequena cidade: densos aglomerados de casas, armazéns de víveres, um ou outro bar e uma série de minúsculos santuários aninhados nos trilhos de terra batida que passavam por ruas.

Pontes e escadarias ligavam os níveis díspares entre si. Era uma amálgama, um agregado de centenas de estilos arquitectónicos diferentes; este lugar não fora planeado, mas construído ao sabor da necessidade, e por muitas mãos diferentes. As casas angulares de três andares das Prefeituras Meridionais destacavam-se entre um aglomerado de habitações Tchom Rin baixas e largas; casas com varandas e ornamentadas, que não teriam destoado no Bairro do Rio de Axekami, eram envergonhadas pela habilidosa austeridade das suas vizinhas. Alguns dos edifícios teriam vinte ou mais anos — um longo tempo na envolvente turbulenta da falha, — ao passo que outros estavam ainda a ser construídos, traves de madeira e vigas de sustentação a sair das feridas nos seus exteriores. A maior parte das casas remontava há cerca de seis anos, altura em que os Libera Dramach tinham deitado abaixo as habitações existentes e começado a atrair gente de toda a Axekami, entre a

qual se incluíam engenheiros de construção bem qualificados.

No cimo, onde os degraus desembocavam num imenso flanco de pedra, ficavam as cavernas que mergulhavam fundo na vertente, as suas entradas decoradas com bizarras gravações, bênçãos para aqueles que entravam e súplicas aos deuses. E ali, escondido no interior, estava um labirinto de câmaras, uma rede secreta escondida na rocha impenetrável.

Do seu ponto privilegiado numa escarpa próximo, Cailin conseguia ver a escala da indústria que decorria ali. Havia movimento por todo o lado. Operários corriam de um lado para o outro com ordens para isto e aquilo. Capatazes gritavam aos seus homens. Erigiam-se torres, os seus esqueletos fervilhando de actividade. Num planalto, uma vintena de homens e mulheres recebia treino no manejo da espada, estocando e arremetendo em unísono às ordens vociferadas do seu mestre. Os degraus estavam cheios de guias de madeira, elevadores e andaimes de bambu. Pilhas de caixotes e sacas de mantimentos eram içados para cá e para lá por vagões que deslizavam em carris curvos. Havia postos avançados empoleirados nas bordas do planalto, e sentinelas vigiavam lá dentro, os seus olhos vagueando para lá das vertentes irregulares, até à curta extensão de terra plana que os rodeava e às ameaçadoras superfícies de rocha sinistra mais além. A elevação do terreno vizinho protegia tão eficazmente este local da vista que só era possível vê-lo da beira do vale onde se aninhava. Não existia aqui nenhum tipo de exército organizado, mas a falha de Xarana era um lugar brutal, e qualquer colonato que não pensasse nem agisse como uma fortaleza não tardaria a ver-se invadido.

Cailin permitiu-se um ínfimo sorriso, os triângulos vermelhos e pretos pintados nos seus lábios curvando-se ligeiramente. Isto era o Recesso, a terra dos Libera Dramach e, de momento, também a sede da pequena irmandade da Ordem Vermelha. Não podia deixar de admirar o alcance da visão do seu líder. Muito poucos sabiam ainda do Recesso. Há anos que os Libera Dramach vinham recrutando e reunindo-se em segredo, recorrendo a todas as fontes de forma igual. As quadrilhas de bandidos tinham tido oportunidade de aderir à causa e acabar com a sua existência difícil; os eruditos tinham sido convencidos da justeza da sua causa; o povo que não via com bons olhos os Tecedores — e era em grande número — viera em busca de uma forma de ripostar contra aqueles que o tinham oprimido.

E com ele chegaram médicos-cirurgiões, boticários, vagabundos e caloteiros. Todos tinham lugar aqui. Todos eram levados para o Recesso. E no centro estavam os próprios Libera Dramach, aqueles que prestaram juramento à organização, escolhidos de entre as centenas que chegavam.

Quanto aos restantes, havia quem acreditasse e quem não acreditasse na causa; mas faziam todos parte de uma comunidade autónoma e livre das leis da nobreza ou dos Tecedores; e para muitos isso era um bem precioso.

Conseguia ainda surpreendê-la o fato de um grupo de indivíduos tão dispar ter logrado manter segredo durante tanto tempo, especialmente porque a maioria dos Libera Dramach passava o tempo longe do Recesso, nas cidades, andando nas suas actividades quotidianas. Estes eram os espiões, os fornecedores, a rede. Todavia, apesar de a notícia do Recesso se encontrar bastante difundida entre o povo, não chegara ainda à nobreza — ou, o que era bem mais provável, esta ignorara-a. A falha de Xarana era um local de segredos; existiam enormes explorações de raiz de amaxa que abasteciam as cidades fugindo aos impostos, enclaves inteiros de pessoas que veneravam deuses proibidos, mosteiros onde o contacto com o exterior era evitado em absoluto.

A menção ao Recesso dificilmente seria objeto do interesse de um nobre. Pelo menos de um que não pertencesse já à organização. Porque os Libera Dramach tinham olhos até nas cortes da Imperatriz, e havia muitos que partilhavam as suas convicções.

Os Aberrantes não eram maus. A Imperatriz-Herdeira deveria ocupar o trono.

Mercê da habilidade e da sabedoria do seu líder, tinham chegado até ali, e estavam preparados quando se deu a tão esperada crise.

O caso da Imperatriz-Herdeira passara a ser do domínio público. Chegara o momento de os Libera Dramach agirem.

Cailin virou a sua montada e desceu a cumeada verdejante em direcção ao Recesso.

Ultimamente tinham surgido vários recém-chegados, e estava na hora de os reunir todos.

— Nem quero acreditar nisto tudo — disse Kaiku. Encontrava-se destemidamente à beira de um dos planaltos mais elevados do Recesso, por cima da massa principal de edifícios, e olhava maravilhada para a paisagem que se estendia desordenadamente até lá abaixo, o labirinto de telhados de formas diferentes um puzzle sobreposto em múltiplas camadas. As ruas de terra batida fervilhavam de gente de toda a Axekami, um choque de modas improvisadas como Kaiku nunca vira. O sol da tarde incidia-lhe na pele, aquecendo-a com os seus raios; as aves voavam, a sua silhueta recortada lá em cima no céu.

Levantou o rosto para o alto, fechou os olhos e sentiu o olho de Nuki a fitá-la, um brilho vermelho por detrás das pálpebras. — É perfeito.

Asara estava sentada numa rocha grande e macia que se erguia obliquamente do planalto verdejante. Não sabia ao que Kaiku se referia como perfeito: o Recesso, a luz do Sol ou uma expressão mais genérica de contentamento? Acabou por não dar importância. O humor de Kaiku revigorara-se com a ideia de vingança desde que deixara Fo e seguira o rio Jabaza em direcção a Axekami.

Tinham desembarcado mais a norte, alertadas pelos marinheiros que subiam o rio

para o fato de a cidade estar tumultuada e não entrarem barcos. Montando os cavalos arranjados em Chaim, seguiram para sul, efectuando a travessia de barco a leste de Axekami, e chegando à falha de Xarana num bom tempo. Ali, Asara tomara uma das poucas vias relativamente seguras através do labirinto de terra irregular, alcançando finalmente o Recesso.

A viagem fora estranha. Kaiku parecia ter superado a aversão por si mesma, talvez em virtude de não lhe restar mais ninguém de quem gostasse muito e que a pudesse abandonar ou magoar. A família estava morta; Mishani e Tane traíram-na com as suas reacções à notícia de que era Aberrante. Descera o mais baixo possível e esse era um lugar maravilhoso onde se reexaminar e parecia ter finalmente aceite o que era e tomado a decisão de viver com isso. O seu desespero inicial ante a impossibilidade de cumprir a jura que fizera a Ocha abrandara e transformara-se em determinação, um pólo rígido, uma direcção inabalável que podia seguir.

Mais para o final da viagem, Kaiku instigara Asara, desesperada por chegar ao Recesso o mais depressa possível e começar a avaliar as hipóteses que tinha de vingar a família em face do poder inatacável dos Tecedores.

E no entanto, apesar de ter ocorrido nela este desanuviamiento da alma, voltara a fechar-se com Asara, precisamente quando começava a sentir que talvez pudesse confiar na sua antiga criada particular.

Asara tentou convencer-se de que a libertação da paixão naquele quarto frio e cheio de correntes de ar em Chaim fora uma demonstração da decisão de Kaiku em renunciar às antigas regras que já não se lhe aplicavam enquanto Aberrante, de provar a si mesma que não lhe restavam limites; apenas isso e nada mais. Mas ela despertara algo entre ambas, que se recusava a desaparecer e se escondia nos olhares e comentários embaraçosos e atacava inesperadamente a outra. Kaiku desconfiava também de Asara por um outro motivo. Nunca lhe pergantara o que acontecera naquele quarto quando o beijo de Asara se transformara em algo mais do que lábios e línguas e tentara sugar o sopro do corpo de Kaiku; mas pressentira o perigo a um nível instintivo, e agora não voltaria a baixar a guarda.

Mesmo assim, estava aqui, no Recesso. Asara cumprira a sua obrigação, um acordo celebrado fazia agora mais de dois anos. Sentiu uma certa satisfação pessoal. Reclinou-se indolentemente na rocha quente, observando as costas de Kaiku, enquanto admirava o panorama diante de si e deixava entrar a glória simples de um dia de Verão.

— Os meus mais sinceros agradecimentos, Asara — ronronou Cailin ao lado dela.

Asara reagiu com rapidez suficiente para não se deixar sobressaltar e denunciar a sua surpresa ante o aparecimento da dama escura. — Mantiveste-a segura. Ela é um bem extremamente precioso para mim.

— Receio não ter zelado por ela tão bem quanto queria — respondeu Asara, sem

erguer o olhar. — Mas temos grandes novidades para te contar.

Cailin arqueou um sobrolho ante o tom dela.

— A sério? Tenho de as ouvir.

— Mais tarde. Em privado — referiu Asara. Ela é que escolheria o momento e o lugar. Queria deixar bem claro a Cailin que apenas fizera o favor de vigiar Kaiku, não que a Ordem Vermelha a tivesse obrigado.

— Ela já começou a controlar o seu kana — acrescentou Asara. — Ainda está desenfreado, mas não indomável. É algo raro, pelo que sei.

— Muito raro mesmo — redarguiu Cailin, sem nunca tirar os olhos de Kaiku. — Mas nós já sabíamos que ela era forte. E correste enorme perigo por minha causa. Mais uma vez te agradeço.

— Não por tua causa — corrigiu Asara. — Por minha causa. Ela interessa-me. Vi-a perder tudo e tornar-se aquilo que mais desprezava; e vi-a reagir e recompor-se. Durante o tempo que tenho andado neste mundo, vi os mesmos amores, ódios e conflitos repetirem-se constantemente numa monotonia infundável; mas a história dela é mais rara do que a da maioria, e ela ainda me consegue surpreender.

Quase me sinto culpada por a trazer para a tua esfera de influência. Podes enganá-la com o teu altruísmo, mas a mim não. O que estás a planear, Cailin?

— Acredito que sejas amiga dela, Asara — disse Cailin, com um sorriso na sua voz, sem responder à pergunta. — E acho-te cínica de mais para semelhantes fantasias.

— O meu coração e a minha alma ainda não estão mortos — replicou Asara, — apenas cheios de pó e vazios da falta de interesse.

Cailin soltou uma gargalhada, e o som fez Kaiku virar-se e aperceber-se da sua presença pela primeira vez. Foi ter com elas, afastando-se do precipício.

— Folgo em ver que és uma mulher de palavra — referiu Cailin, inclinando a cabeça em saudação. — Encontraste aquilo que procuravas?

— Em certa medida — retorquiu Kaiku, e não adiantou mais.

— Aproxima-se o momento da acção — anunciou Cailin, observando Kaiku de dentro dos crescentes vermelhos pintados sobre os olhos. — Em parte foi por isso que te pedi que te encontrasses comigo aqui.

— Que tipo de acção? — questionou Kaiku.

— Já lá vamos — prometeu Cailin. — Mas primeiro há umas pessoas que talvez te agrade rever.

- Com uma mão indicou dois recém-chegados que se aproximavam pelo planalto. Mishani e Tane.

Por um momento, Kaiku não soube o que dizer, nem ousou pensar no que poderia significar.

Mas depois Mishani acercou-se dela, parecendo, curiosamente, mais pequena

agora do que antes, a sua extensão imensa de cabelo apanhado atrás num nó frouxo. Hesitou por um instante, e depois envolveu Kaiku com os braços; e, por sua vez, Kaiku estreitou-a. Soltou uma gargalhada soluçada, apertando Mishani com força.

— Fico muito feliz de estares aqui — disse, mas o resto da frase foi incompreensível devido ao aperto na garganta e às lágrimas que brotavam livremente dela.

Cailin deitou um olhar triunfante a Asara, que contraiu a boca num sorriso.

Ficaram ali as duas abraçadas durante um longo tempo, ao sol, Kaiku não imaginando o que a trouxera ou o que a fizera mudar de opinião, mas conhecia Mishani suficientemente bem para perceber o que significava.

Acabaram por se soltar, e Kaiku olhou para Tane, que sorriu desajeitadamente.

— Tive algum tempo para pensar — disse, e foi tudo, pois Kaiku abraçou-o também.

Ele mostrou-se ligeiramente atrapalhado com o contacto, mas retribuiu o abraço, e ficou um pouco decepcionado quando ela se afastou muito mais depressa dele que de Mishani.

Kaiku limpou os olhos e sorriu a Cailin, que a observava benevolmente com os seus olhos verdes profundos.

— As pessoas têm tendência para aparecer quando menos se espera, Kaiku — disse-lhe a dama alta. — Vocês os quatro percorrem caminhos cruzados, os vossos percursos estão interligados e entrelaçar-se-ão sucessivamente até chegarem ao fim.

— Como é que sabe? — perguntou Kaiku.

— Já te vou dizer como é que sei — retorquiu Cailin. — Se escolheres seguir o caminho da Ordem Vermelha.

— Tenho outra escolha?

— Não se quiseses viver até à próxima apanha — respondeu Cailin.

Kaiku não pareceu muito convencida e encolheu os ombros.

— Seja então.

Cailin riu mais uma vez, atirando a cabeça para trás, os seus dentes alvos brilhando entre o vermelho e o negro dos lábios.

— Nunca vi uma proposta ser aceite com tão pouca graça. Não tenhas medo, Kaiku, não estás a assumir um compromisso vitalício. Uma Irmã da Ordem Vermelha só é o que quiser.

Agrada-te?

Kaiku esboçou uma ligeira vénia.

— Seria uma honra.

— Então vamos começar assim que estiveres preparada — disse.

Estavam três Irmãs na sala para além de Cailin. Todas elas envergavam os trajos da ordem: o vestido preto, os crescentes vermelhos pintados sobre os olhos, os

triângulos vermelhos e pretos nos lábios, como dentes.

Asara achava o aspecto delas inquietante, mas não enervante.

Na sala de conferências da casa da Ordem Vermelha, as lanternas iluminavam a noite, colocadas em suportes de pé alto aos cantos. Transparecia na envolvente o motivo vermelho e preto: a sala era escura, as paredes pintadas de preto, mas pendiam delas flâmulas carmesim e vários outros objectos de culto. Ao meio estava uma mesa redonda baixa da mesma cor, sobre a qual uma braseira lançava fumo aromatizado na sala. As Irmãs estavam todas de pé, mas Asara sentou-se numa cadeira. Há muito que digerira a importância da notícia que trouxera; divertia-a ver agora as reacções das Irmãs.

— Confias nela? — perguntou uma das Irmãs, uma criatura esbelta de cabelo louro.

— Implicitamente — respondeu Asara. — Conheço-a há anos. Não me mentiria; muito menos a este respeito.

— Todavia, não existem provas — salientou outra.

— A menos que existam alguns restos no apartamento do pai dela em Axekami — referiu Asara. — Mas duvido.

Cailin baixou a cabeça, pensativa.

— Isto requer a nossa investigação, caras Irmãs. Se um único estudioso consegue reunir dados suficientes para se convencer a deslocar-se até Fo a fim de encontrar provas, arriscando-se pessoalmente e à sua família... — Não continuou.

— Temos de contactar as nossas Irmãs mais distantes — sugeriu outra.

Asara arqueou um sobrolho. Desconfiava que a Ordem Vermelha tinha mais ramificações do que se sabia. Apesar de não ter uma noção clara do conjunto dos seus membros, havia o cuidado de nunca se reunirem em grande número num determinado lugar. Na verdade, quatro era o máximo que alguma vez vira juntas. Depreendera das palavras de Cailin que as Irmãs se encontravam espalhadas não só por Saramyr mas mais para lá, empenhadas em obter novas recrutas como Kaiku ou insinuando-se noutras organizações; mas acreditava existir outro motivo para nunca se congregarem. Eram paranóicas.

Conheciam bem a sua fragilidade, a pequenez da sua irmandade e receavam a extinção. Se por um lado estavam todas ligadas pela Teia, não se colocava a necessidade de se reunirem na totalidade e, deste modo, seria impossível destruir o todo. Oh, não duvidava que cada uma delas estava a usar os seus poderes para aumentar a irmandade, mas desconfiava que na raiz estava o medo.

Eram egoístas e buscavam o poder para se estabilizarem. A Ordem Vermelha e os Tecedores não eram tão diferentes quanto Cailin gostaria de pensar.

— Existe outra questão — salientou Cailin. — Os Aberrantes enjaulados que Kaiku encontrou. O que significam?

Talvez eles estejam a estudar os efeitos das pedras mágicas nos seres vivos. Talvez andem à procura de uma cura para a Aberrância.

Talvez — respondeu Cailin. — Talvez seja apenas o fruto da sua insanidade. Ou talvez se trate de um indício de algo muito maior.

Precisamos de reflectir — concordou uma das Irmãs.

— Mas isto não altera nada — disse Cailin, a sua voz subindo decididamente. — A descoberta de Kaiku é apenas um primeiro passo, uma descoberta que requer a nossa atenção. Mas, de momento, temos outras preocupações mais urgentes. Isto pode esperar. Precisamos de disseminar a informação e assegurar-nos de que ela é difundida a ponto tal que não possa ser suprimida, temos de planear, pesquisar e investigar... mas tudo isso será no futuro. — Fez um gesto largo como se para afastar o assunto das mentes delas. — Neste momento temos outra tarefa.

Axekami desmorona-se; a cidade está no meio de uma revolução. Os Guardas Imperiais não a conseguem conter. Os exércitos dos Sangue Amacha e dos Sangue Kerestyn brigam mesmo às portas da cidade. O Tecedor-Mor Vyrrch vai agindo de dentro para destruir a Imperatriz e matar a filha dela. — Fez uma pausa e os seus olhos percorreram sucessivamente cada uma delas. — Não podemos permitir que isso aconteça. Ela é a única esperança que temos de afastar o povo de Saramyr da doutrina dos Tecedores, fazer as pessoas compreender que os Aberrantes não são o mal que imaginam sermos. Não me interessa quem assume as rédeas do império se o Sangue Erinima for derrubado, mas recuso-me a perder a Imperatriz-Herdeira. Encontrei-me com ela nos seus sonhos, e sei de algo que ela pode fazer. É uma criatura por demais rara e poderosa para morrer na ponta da espada de um qualquer soldado de infantaria ignorante. Talvez o Sangue Erinima saia vitorioso, mas acho as hipóteses muito reduzidas. A Imperatriz colocou-se firmemente contra o mundo.

Se ela perder, Lúcia morre.

— E o que propões que façamos? — perguntou Asara.

— Tanto nós como os Libera Dramach temos os planos prontos para garantir a segurança da Imperatriz-Herdeira da única forma que podemos — replicou Cailin. — Tencionamos raptá-la.

CAPÍTULO 26.

A porta foi derrubada com estrondo, arrancada dos gonzos com uma arremetida do ariete curto e pesado empunhado por dois dos Guardas Imperiais. O comandante da Guarda Jalis entrou na frente, transpondo o obstáculo caído, passando da luz forte do dia para a escuridão lúgubre da estreita escada de pedra. Ouviu-se então um grito por socorro vindo de algures lá debaixo. Desceu a correr, as placas brancas e azuis baças da sua armadura tilintando enquanto avançavam em direcção à cave da alcaçaria. O mau cheiro no local era ainda pior aqui em baixo do que ao ar livre, e envolveu-o, quase o fazendo sufocar. Reprimiu o reflexo. O seu coração batia com força, da tensão. Atrás dele, duas coortes de guardas desciam pesadamente as escadas, as espingardas e as espadas fazendo ruído.

Correndo às cegas sabia-se lá direitos ao quê, mas nenhum se importava. Tinham finalmente encontrado os malditos, e não estavam na disposição de ser benevolentes com eles.

Jalis irrompeu das escadas e entrou na cave ampla de tecto baixo. Não teve tempo de registar os pormenores da divisão; houve apenas uma falsa impressão de espaço, e obscuridade, e uma névoa de metal a vir na direcção dele. A sua espada subiu ao encontro da de outro homem com um tinido de aço. Parou, voltou a parar, depois aplicou o seu peso à espada e estocou, derrubando o adversário quando ele desviou debilmente o golpe para o lado. Jalis entrou de rompante na divisão, abrindo caminho para os outros avançarem de roldão e juntarem-se ao combate. As espadas chocaram numa cacofonia metálica, e os corpos lançaram-se uns contra os outros enquanto se travava a batalha.

Jalis atirou o seu atacante para trás com um segundo empurrão e estocou. Até ali mal vira com quem lutava, mas registou naquele momento que era um homem jovem, sem armadura, pelo que não era um guerreiro, o seu rosto contorcido num esgar feio de ódio. Não estava nem um pouco preocupado com a vantagem desigual.

Trespassei o jovem, retirou a lâmina e lutava já com outra pessoa antes de o corpo do seu inimigo empalado ter caído no chão.

Havia dúzias deles, excedendo em número os guardas na divisão; mas eram um fraco adversário para os soldados de armadura e treinados. O braço de Jalis trepidou ao enterrar a lâmina no pescoço de outro homem, este não tendo mais de dezoito apanhas, praticamente um rapaz. Os guardas empurraram das escadas, deixando que entrassem mais dos seus, e a intensidade do combate inicial diminuiu quando chegaram mais espadas para ajudar na refrega.

Jalis relanceou pela segunda vez a divisão. A cave era imensa e mal iluminada, mas bastou um olhar para se aperceber de que a informação fora boa. Por todo o

lado se viam mesas cheias de molas de arame, balões de destilação, mecanismos de relógio e detonadores desmontados.

Estavam também por ali barris de pólvora dispersos, amontoados junto aos pilares redondos que sustentavam o tecto, escondidos em cantos por detrás de pilhas de caixotes. Reinava a confusão desordenada nas extremidades, onde formas estranhas se avolumavam nas sombras, mas a parte central era de uma meticulosidade mortífera, as suas mesas dispostas em filas rígidas para que as componentes completas pudessem ser passadas ao trabalhador seguinte na linha de montagem.

Eis o coração do exército secreto de Unger tu Torrhyc: a fábrica das bombas. Tinham morrido dúzias de pessoas às mãos destes fanáticos, e centenas mais devido ao caos que as suas bombas semearam.

Não tinha pena deles. Eram uma ameaça para os Sangue Erinima e para o império. Cada um que tombasse pela sua espada contribuía para que Axekami fosse um lugar melhor.

E, no entanto, o frenesi com que se atiravam às espadas dos guardas conseguiu mesmo surpreendê-lo. Não eram lutadores; todavia, nem um só se intimidara ou tentara fugir. Tinham pegado antes nas armas e corrido para o ataque e eram ceifados como trigo. Jalis fez uma careta quando um espiche de sangue o atingiu no maxilar e perguntou-se de que lealdade despropositada estariam possuídos ao ponto de tamanho fervor.

Um momento depois, o estampido de uma espingarda despertou-lhe a atenção, e um guarda à sua esquerda caiu por terra com um suspiro.

Seguiu-se-lhe outro e mais outro. Jalis procurou a origem; dois homens encostados à parede do fundo, onde estava um armeiro e pólvora. Tinham chegado vários mais e escolhiam as suas armas.

Um guarda mesmo por detrás de Jalis estava já a tirar a sua espingarda das costas, mas Jalis agarrou-lhe o braço com força.

— Não sejas tolo! — exclamou. — Retira-te! Sai!

Fora uma jogada arriscada entrar às cegas em território inimigo como fizeram, mas era a única forma de entrar ou sair da cave e não tinham tido outra alternativa. Jalis apercebeu-se então de que subestimarà o zelo dos bombistas, e podia sair-lhes caro. Ó deuses, eles deviam saber que não se disparavam armas neste sítio! Todo o local era uma enorme bomba à espera de explodir!

Era suicídio!

Mas talvez fosse exactamente esse o plano deles.

Os guardas recuaram pelas escadas, mas os bombistas tinham redobrado a fúria do seu ataque, atirando-se aos intrusos sem atenderem sequer à sua segurança, bloqueando o caminho para a liberdade.

Mais espingardas entraram no tiroteio, atingindo amigos e inimigos com pontaria

indiscriminada. Jalis tentou voltar a abrir caminho por entre as fileiras, o fedor nauseante da alcaçaria a sufocá-lo, o pânico súbito a brotar lá dentro; mas não havia para onde ir. Sentiu uma sensação de desânimo e de vazio no peito, e o mundo quase parou, uma presciência sinistra segredando-lhe ao ouvido que o fim estava próximo.

Não ouviu a bala de espingarda que ricocheteou no barril de pólvora nem viu o clarão. A alcaçaria explodiu numa deslocação de ar que transformou as ruas circundantes em escombros, aniquilando tudo no interior e arremessando tijolos e madeiras em chamas a silvar e a fumegar pelo ar ao aterrarem no rio ou indo esmagar-se contra as paredes e as persianas. A terra tremeu, abalando mesmo os alicerces da Fortaleza Imperial, e vomitou uma coluna negra de fumo que subiu das ruínas fumegantes direita ao céu e poluiu o perfeito dia de Verão.

— Sabeis que as minhas palavras fazem sentido, Anais.

A Imperatriz olhou irritada para o Barak Mos, do outro lado da mesa baixa. Estavam sentados em cima de almofadas numa das salas ocidentais da Fortaleza, uma refeição informal de peixe, arroz e caranguejos da baía de Mataxa colocada diante deles. Durun andava de um lado para o outro diante do arco com colunas que dava para uma varanda ampla banhada pelo sol na Primavera e no Outono.

Quando o Verão alcançava o zénite, ficavam na sombra; mesmo ali era difícil suportar a humidade, e quase não entrava um sopro de vento para os aliviar.

— Ó deuses, esposa, porque não lhe dás ouvidos? — bradou Durun, o seu comprido cabelo preto agitando-se quando parou e gesticulou de exaspero na direcção da esposa. — É a única saída.

— Durun, não te metas! — ordenou o pai. — Não estás a ajudar. Anais serviu-se dos minúsculos garfos de aperitivo em prata para espetar um pedaço de anguia do seu prato, obrigando-os a esperar enquanto o mastigava pensativamente. Durun agitava-se ao fundo, qual cão com trela ao ver um coelho. Mos observava-a.

— Não sei bem se entendo a necessidade. A única maior causa de rotura em Axekami desapareceu — disse ela. — A ameaça do exército de Unger tu Torrhyc foi eliminada.

— Efetivamente — concordou Mos. — Mas à custa de duas cortes dos vossos Guardas Imperiais. Se já estáveis a esticar de mais, Anais, agora ficastes bem pior. Os tumultos dilaceram a cidade; os incêndios grassam descontrolados. As forças dos Sangue Amacha e dos Sangue Kerestyn estão à entrada da cidade e atacam-se mesmo à vista das muralhas. O caos gera o caos, minha Imperatriz; a cidade desmorona-se e as vossas tropas não têm forças para o reprimir.

Caso os Amacha ou os Kerestyn ataquem Axekami neste momento, os vossos homens estariam demasiado ocupados a lidar com a população para oferecerem qualquer resistência.

Anais arqueou um sobrolho. Vinda do Barak habitualmente taciturno, esta

conclusão parecia ensaiada. Obviamente estivera a pensar nela durante algum tempo.

— Por favor — pediu Durun, incapaz de resistir a nova interrupção. — Estamos aqui quase indefesos.

Não deixarei que os nossos tronos sejam ocupados porque estamos demasiado atarefados a correr por aquelas ruas atrás de gado ingrato. Deixa os homens da minha família fazerem isso!

— Ah! — disse Anais. — Nesse caso propões que as forças dos Sangue Batik sejam apenas destacadas para as operações de policiamento da cidade?

Mos deitou um olhar furioso ao filho, que era demasiado altivo para ter a decência de corar.

Soltou antes um resmungo e virou a cabeça para olhar para a varanda, fingindo indiferença.

Acabara de desperdiçar um argumento de peso que Mos tencionaria, sem dúvida, usar como coup de grâce ^[3] nesta discussão.

— Sim — referiu Mos em tom desagradável. — Percebo a vossa reserva em deixar entrar em Axekami quaisquer forças que não estejam presas pelo sangue à vossa vontade, muito embora me cause estranheza não verdes que temos os mesmos interesses. Tenho tanto a perder quanto vós se Axekami cair nas mãos do invasor. — Respirou fundo. — Para que não vos sintais ameaçada, proponho o destacamento dos vossos Guardas Imperiais para as funções de defesa da Fortaleza e segurança das muralhas de Axekami; as minhas tropas serão usadas apenas para esmagar os tumultos e repor a ordem na cidade, a menos que seja outra a vossa vontade.

— Posso querer usá-las na defesa de Axekami, na eventualidade de os Sangue Amacha ou os Sangue Kerestyn atacarem as muralhas. Parece-lhe aceitável?

— Claro — respondeu Mos. — O meu filho e a minha neta estão aqui. — Durun voltou a resfolegar ao ouvir aquela palavra, deixando claro o que achava de Mos se referir a Lúcia como sua neta.

Mos deitou-lhe um olhar severo, que ele ignorou, antes de prosseguir: — Eu não deixaria um invasor tomar de assalto a cidade se estivesse ao meu alcance impedi-lo. Na verdade, para provar a minha dedicação neste assunto, eu próprio ficarei na Fortaleza, com a vossa permissão. O que vos acontecer ou a Durun ou a Lúcia também recairá sobre mim.

— Não é um risco pequeno — replicou Anais, esquecendo-se da comida diante de si. — Restariam poucos da nossa linha de consanguinidade se perdêssemos.

— Ah, mas Anais, com as minhas forças e as vossas combinadas, e as muralhas de Axekami a proteger-nos, não vamos perder. Os Amacha e os Kerestyn juntos não teriam hipótese de nos derrotar.

A atacar-se e divididos como estão, não têm qualquer esperança de vitória.

Anais ponderou por um momento, voltando à comida. Mos apresentara um motivo convincente, e ela estava ciente de que a sua situação se deteriorava a cada dia que passava. Na verdade, sabia já no seu íntimo o que iria fazer; decidira-o antes de Mos a vir visitar. Tinha de concordar; não existia outra alternativa. Todavia, por mais que confiasse no aliado, era arriscado convidar uma força estrangeira para o coração da capital. Havia sempre ângulos que não conseguia ver, direitos adquiridos que desconhecia, mesmo tratando-se de homens francos e simples como Mos e Durun.

Era um risco que tinha de correr.

— Muito bem — assentiu. Mos esboçou um amplo sorriso. — Mas nem um só dos seus homens porá os pés nos terrenos à volta da Fortaleza Imperial — acrescentou. — Nem mesmo a sua comitiva.

Estamos entendidos?

O sorriso dele esmoreceu um pouco aos cantos, mas anuiu.

— Concordo. Mandarei chamar imediatamente os meus homens.

— Terá de usar Vyrrech para contactar o seu Tecedor — referiu Anais com uma expressão de repugnância. — Tenha cuidado com o que lhe diz.

— Falo o mínimo possível com os Tecedores — replicou Mos.

— Tomarei as providências necessárias com os meus homens — disse Anais.

Fitou Durun, que a olhou maliciosamente, os seus olhos espreitando de cada lado do nariz aquilino. Típico dele: conseguira o que queria e, no entanto, agia como se Anais estivesse em dívida para com ele e não se tratasse antes de uma concessão que a sua esposa fizera. Afastou-o do pensamento. De qualquer forma, tinha-o sob controlo. Os pensamentos e a lealdade dele eram ditados apenas por um órgão, que não era o seu cérebro.

— Vou falar com Vyrrech agora — anunciou Mos, levantando-se. — É melhor resolver já o assunto.

— E então os Sangue Amacha e os Sangue Kerestyn? — indagou Durun. A pergunta indicava quem estava por detrás desta reunião, como se Anais não o tivesse adivinhado.

Mos rodou os ombros à maneira de um homem que relaxa em casa, não na presença da sua Imperatriz. Anais quase sorriu ante a falta de " elegância.

— Deixa-os estar — disse ele. — O Barak Sonmaga tu Amacha nunca permitirá que o Barak Grigi tu Kerestyn se aproxime da cidade; e ele não tem forças para atacar sozinho, pois isso seria o mesmo que virar as costas aos exércitos dos Kerestyn. Vejamos se a chegada de alguns milhares de homens do outro lado de Axekami í não lhes tira um pouco do entusiasmo. Segundo as minhas informações secretas, Sonmaga está mal equipado para uma guerra civil; não há tempo suficiente para reunir tropas.

E Grigi deve saber que é capaz de derrotar Sonmaga, mas com as baixas que

sofreria não lhe seria possível tomar Axekami. Estão num impasse.

Talvez isto os faça abandonar o campo e ir para casa, e sempre seria menos um problema a resolver.

Durun veio colocar-se ao lado do pai. Anais levantou-se da mesa e acompanhou-os à porta do aposento.

— Nesse caso, que Ocha nos abençoe e proteja a todos. Mos fez uma vénia profunda.

— Sois sensata, Anais, em escolherdes como escolheste hoje. O país está em boas mãos.

— Veremos — respondeu ela. — Veremos.

A Imperatriz-Herdeira Lúcia tu Erinima estava ajoelhada numa esteira diante do painel de padrões, a sua sombra longa com o sol baixo e forte do final da tarde. Encontrava-se ali desde o meio-dia, nos terraços superiores dos jardins. Instalara-se no meio das pedras beges aquecidas pelo sol que revestiam o chão deste, um dos muitos locais de repouso e caminhos tranquilos que curvavam através da folhagem.

Diante de si, os terraços desciam em degraus até chegarem à muralha alta do perímetro dos jardins em socacos; escondida para lá deles ficava a cidade de Axekami, a vastidão sufocante de ruas rodeadas por uma muralha ainda maior para a separar das imensas extensões verdejantes das planícies.

O olho de Nuki descia através dos farrapos finos de nuvem que enchiam o horizonte distante, e os olhos de Lúcia deslocavam-se periodicamente do espectáculo diante de si para o painel de padrões, voltando ao ponto de partida. Pegando num pincel redondo e largo de cerdas macias, molhou-o numa das taças de porcelana de água pesada colocadas na pedra ao lado dela e passou-o pelo painel de padrões, deixando uma ténue bruma rosada ali suspensa no quadro.

O painel de padrões era uma antiga forma de arte, praticada já anteriormente a muitas das linhas de descendência mais recentes. Implicava o uso de uma mistura colorida de água, tinta e seiva, engrossada até adquirir uma determinada consistência, chamada "água pesada". Esta era aplicada num painel de padrões, uma caixa de madeira tridimensional que continha lá dentro um rectângulo plano de gel transparente.

O gel fora parcialmente cozido naquela configuração, pelo que voltava sempre à forma rectangular independentemente do que se lhe fizesse. Assim, os artistas podiam separar o gel e pintar dentro do rectângulo, na terceira dimensão. O uso da água pesada dava aos quadros um aspecto curiosamente leve e etéreo. Quando o quadro ficava pronto, o gel cozia mais, tornando-se uma substância semelhante ao vidro, sendo depois colocado em estruturas ornamentais que permitiam ver de todos os lados a pintura lá dentro.

— Salve, Lúcia — ouviu-se uma voz cava e suave vinda de ao pé dela. Ela

sentou-se nos calcanhares, cobrindo os olhos com uma mão ao olhar para cima.

— Salve, Zaelis — disse-lhe, sorrindo.

O professor particular acocorou-se junto dela, a sua estrutura magra vestida de seda fina preta e dourada.

Já está quase terminado — observou ele, esboçando um movimento lânguido na direcção do painel de padrões.

— Mais um dia e ficará pronto, creio — retorquiu, volvendo o olhar de novo para as espirais flutuantes de cor diante de si.

— Está muito bom — comentou Zaelis.

— Está razoável — replicou Lúcia. Fez-se silêncio por um momento.

— Está aborrecido? — inquiriu.

— Estivestes aqui ao sol todo o dia — referiu ele. — E eu passei a sua maior parte a tentar encontrar-vos. Conheceis a vossa mãe, Lúcia, como ela é protectora.

Devíeis saber que não podeis desaparecer desta maneira, e devíeis realmente saber que não podeis estar exposta ao brilho intenso do olho de Nuki num dia como este.

Lúcia expirou lentamente no que não chegava a ser um suspiro. O tom e o modo de trato dele revelavam que não estava zangado, mas não deixava de ser admoestada.

— Senti necessidade de me afastar — disse ela. — Por um bocadinho.

— Mesmo de mim? — Zaelis parecia melindrado.

Lúcia anuiu. Olhou para o pôr do Sol, depois para o painel de padrões, a seguir deslocou os dedos um pouco para o cimo dele e fez uma pequena abertura no gel.

Aplicou umas pinceladas rápidas com um pincel fino, revestindo o rosa das nuvens de vermelho, depois retirou os dedos e deixou que a brecha se fechasse.

Zaelis observava-a, o seu rosto impassível. Claro que ela precisava de um escape. Para uma moça tão sensível como Lúcia, a tensão nos corredores da Fortaleza conseguia chegar mesmo até aqui.

E apesar de guardar para si as preocupações relativamente à segurança dela, tinha a certeza de que nem mesmo os seus melhores esforços de secretismo seriam úteis no caso dela, que estava perfeitamente ciente de que toda a discórdia, todas as mortes acabariam por lhe ser imputadas de uma maneira ou de outra. Zaelis esforçara-se por a dissuadir de se sentir culpada, mas nem mesmo ele sabia ao certo se a jovem se sentia culpada.

Já antes ela chegara à conclusão de que estivera na origem do desencadear de todo este processo, e sentia curiosidade em saber o que teria sucedido se tivesse tentado impedi-lo em vez de acolher a mudança.

Mas Zaelis não podia dizer se existia ali alguma tristeza. Os humores de Lúcia eram como os oceanos mais profundos, insondáveis para ele.

A cabeça dela moveu-se subitamente, com uma urgência que fez Zaelis sobressaltar-se.

Seguiu o olhar dela, não sonhador e desconcentrado como sucedia normalmente, mas vivo e intenso. Olhava para norte, onde a orla branca de Aurus começava precisamente a subir no horizonte, anunciando a chegada da noite. A testa dela enrugou-se numa expressão carrancuda e ficou ali a tremer por um momento.

Chocou-o a fúria no olhar dela; nunca lhe vira semelhante expressão no rosto. Depois ela desviou-o, voltando a fixar o centro do seu quadro, parecendo ficar sombriamente latente.

— O que é? — perguntou Zaelis. Como não lhe respondesse, ele repetiu: — Lúcia, o que é? — Esta segunda pergunta foi formulada num modo mais autoritário.

Não costumava instigá-la desta maneira, mas o que ele presenciara há um momento deixara-o suficientemente preocupado para o tentar.

— Ouvi algo — respondeu com relutância, continuando a não corresponder ao olhar dele.

— Ouvistes algo? — repetiu Zaelis. Olhou de novo para o horizonte a norte. — De quem?

— Não, não foi dessa maneira — referiu Lúcia, esfregando a nuca, agitada. — Apenas um eco, um murmúrio. Uma advertência. Já passou.

Zaelis olhava para a extremidade de Aurus que ia subindo infinitesimalmente ao longe. — Uma advertência do quê?

— Um sonho! — ripostou. — Tive um sonho. Vi as Filhas das Luas. Estavam a tentar dizer-me algo, mas não entendi. Não a princípio. Depois... — Fraquejou um pouco.

— Depois acho que sim. Elas tentaram mostrar-me... não sei se era um aviso ou uma ameaça... eu não...

Zaelis ficou horrorizado.

— O que vos disseram elas, Lúcia? Virou-se de frente para ele.

— Vai acontecer algo — murmurou. — Algo mau. A mim.

— Não o sabeis, Lúcia — protestou Zaelis automaticamente. — Não digais isso.

Abraçou-se a ele precipitadamente, apertando-o com força, apanhando-o de surpresa. Ele retribuiu-lhe o gesto, com energia.

— Foi apenas um sonho — disse suavemente. — Não há necessidade de terdes medo de um sonho.

Mas, por cima do ombro dela, olhava para o horizonte a norte e o arco frio da extremidade de Aurus e os seus olhos ficaram receosos.

O Tecedor-Mor Vyrrech repousava, o seu flanco branco irregular subindo e descendo, vendo-se as costelas como uma tábua de esfregar. Estava nu, o seu corpo grotesco e mirrado patético e repulsivo à vista.

Os seus braços descarnados estavam cobertos de sangue; salpicava a pele derretida do seu rosto, o peito fino, a barriga e os órgãos genitais atrofiados. Parecia algo nascido recentemente, curvado no meio dos lençóis sujos da sua cama partida, a arquejar e a arfar.

Para o objeto da sua atenção recente, porém, não havia respiração possível. Era uma velha, escolhida por uma questão de variedade num acesso de capricho depois de ter enviado a mensagem solicitada pelo Barak Mos ao seu Tecedor. Ocorrera-lhe vagamente que nos últimos tempos andava a assassinar demasiadas pessoas; a maior parte dos Tecedores só muito raramente atingia aquele estado de frenesi.

Mas também, onde quer que os seus serviçais lhe fossem arranjar as vítimas, a sua ausência não era notada. Em Saramyr, um amo ou ama podia tirar a vida ao seu serviçal, e esta velha não podia ser mais do que uma cozinheira ou lavadeira, uma serviçal da Fortaleza, logo, da Imperatriz.

Tinha a certeza de que Anais não se importaria, mesmo que viesse a saber. Ela estava ciente do acordo quando aceitara Vyrrch como seu Tecedor-Mor; ao fazê-lo, colocava à disposição dele a gente baixa da Fortaleza, para satisfazer os seus caprichos. Um pequeno preço a pagar pelos poderes de um Tecedor-Mor.

A velha jazia numa poça de vermelho viscoso, as suas roupas simples coladas ao corpo com os seus próprios fluidos vitais. Hoje sentira-se inspirado com a faca, não fazendo tenções de se apressar; mas quando ela chegara fora acometido de uma fúria injustificável e apunhalara-a, retalhando e cravando sucessivamente a arma. Ela morrera quase instantaneamente, devido ao choque. Só servira para aumentar a sua fúria, e atacara o cadáver sem cessar até ser quase impossível reconhecê-lo como humano.

Sim, talvez ultimamente andasse a matar um pouco em demasia. Mas ele era a aranha no centro da urdidura, e necessitava de se alimentar com frequência.

O comandante da Guarda que prendera Unger tu Torrhye fora difícil de dobrar, mas Vyrrch dera-se tempo. Habilidoso como era, não ousara pegar simplesmente na mente do homem e assumir o controlo dele.

Isso iria requerer toda a sua concentração e limitá-lo aos seus aposentos; e eram fortes as probabilidades de o comandante da Guarda se poder aperceber de que tinha havido interferência assim que Vyrrch o libertasse. Operações apressadas como aquela eram perigosas; reflectiu na sua recente tentativa de afastar o Barak Zahn, quando fora detectado pelo Tecedor dele, e perguntou-se porque não ponderara então melhor o risco.

Estás a ser descuidado, Vyrrch, admoestou-se.

No caso do comandante da Guarda, fora obrigado a seguir um percurso mais subtil, implantando pequenas sugestões hipnóticas nos sonhos dele noite após noite, envenenando-o contra Unger, convencendo-o das recompensas que obteria por

prender o espinho na garganta da Imperatriz. Quando Unger tu Torrhyc fora capturado, Vyrrech certificara-se de que estava com a Imperatriz; assim, ela não poderia acusá-lo de influenciar o comandante da Guarda. Como ela desconhecia os métodos dos Tecedores.

Os bombistas tinham sido um trabalho de meses. Andara a reuni-los desde as suas primeiras suspeitas em relação a Lúcia, muito antes de ter convencido Sonmaga tu Amacha a enviar Purloch, o ladrão escalador de paredes, para confirmar o boato. Minando-os perseverantemente, transformando-os nos seus sonhos, homens e mulheres vulgares tornando-se gradualmente fanáticos. Começaram a dedicar cada vez mais tempo ao estudo dos explosivos, ficando mais e mais imbuídos da noção de que qualquer quantidade de vidas valia uma convicção. E foram esperando o tempo todo pelo gatilho subliminal: a descoberta de que a Imperatriz-Herdeira era uma Aberrante. Àquele sinal, abandonaram empregos, lares, famílias e tornaram-se os bombistas com um único propósito que Vyrrech pretendia. Reuniram-se e começaram a montar os seus instrumentos de destruição. E quando os preparativos ficaram concluídos, Vyrrech deu-lhes um novo gatilho, aquele que os colocaria na rota destrutiva. A detenção de Unger tu Torrhyc.

Fora um golpe de mestre. O mundo em geral via a lógica de um homem com o carisma e as opiniões políticas francas de Unger ser o líder de um exército subversivo. Vyrrech matara o próprio Unger para que ele não pudesse contradizer a suposição, e isso proporcionara também um conveniente mártir para os cidadãos descontentes de Axekami. Agora, os seus próprios bombistas estavam mortos, preferindo suicidar-se a deixarem-se capturar, e o círculo fechara-se. Não existiam provas que o ligassem fosse ao que fosse. Axekami estava enfurecida, assustada, enlouquecida; os olhos da Imperatriz estavam virados para a cidade, e fora preparado o palco para a última parte do seu plano.

Ainda estavam para vir mais bombas.

Mas nem tudo fora inconsútil. Havia ainda o pequeno prurido no seu subconsciente que era Ruito tu Makaima, escondido em algum lugar onde não o podia alcançar muito bem. O fato de o erudito ter conseguido entrar no Mosteiro de Lakmar em Fo fora proeza suficiente. Vyrrech continuava a não saber como conseguira ele apoderar-se de uma máscara que o faria transpor a barreira; mas ele tivera a pouca sorte de tocar num dos mecanismos invisíveis ao sair, pequenas armadilhas colocadas na Teia que accionavam campainhas de alarme no mundo para lá da visão humana. Os seus agentes seguiram-no até casa, para melhor descobrirem quais as suas intenções; mas ele ficara destroçado, enfiando-se na floresta, e eles tinham-se contentado em mantê-lo ali enquanto decidiam o que fazer com ele.

E passara então para as mãos de Vyrrech, como sucedia com muitas coisas.

Tencionara capturar e interrogar Ruito. Se o tivesse conseguido fazer nessa altura,

não estaria agora atormentado. Mas o estudioso fora mais inteligente do que ele. Na própria noite em que Vyrrech atacou, ele colocou veneno no jantar da família, e quando mergulharam no sono não voltaram a acordar. Ruito enganara-o.

Os shin-shin eram difíceis de engodar e mais difíceis ainda de controlar, mas impunha-se garantir que não haveria sobreviventes nem provas. Os agentes humanos não eram suficientemente fiáveis.

Precisava deles para recuperar a máscara sem se sentirem tentados a usá-la, e os demónios guardariam silêncio — nunca conseguiriam chegar até ele. O emprego de semelhantes criaturas era arriscado, mesmo para um Tecedor do seu calibre; mas os shin-shin eram demónios inferiores, fracos, e tinham proliferado na sequência da corrupção das pedras mágicas da terra. Sentiam o poder das pedras mágicas como uma espécie de entidade benévola, e quando chegasse o momento ficariam satisfeitos por fazerem o que Vyrrech lhes pedisse. Não que fosse tão simples quanto pedir. Com os demónios, à semelhança de quaisquer outros espíritos, a comunicação era obscura e duvidosa, transmitida por impressões e emoções vagas. Sem a influência mediadora das pedras mágicas, Vyrrech não teria sequer conseguido comunicar.

E depois chegara o dia em que a linha de descendência dos Makaima iria terminar. Excepto, claro, se algo corresse mal.

Sabia existirem mil razões para não ficar preocupado com o assunto, e apenas uma para que isso sucedesse. A máscara desaparecera.

Os shin-shin não tinham conseguido identificar a pessoa que escapara; as suas mentes de demónio funcionavam de modo diferente da dos humanos. A sua percepção não assentava nos princípios da visão, mas da detecção de odores e auras etéreos muito para além do registo das criaturas mamíferas. O que fazia deles excelentes batedores, mas também os tornava limitados.

Conseguiam tanto distinguir os humanos através da visão quanto estes últimos eram capazes de diferenciar uma gaivota no meio de um milhão de outras gaivotas. Quando Vyrrech quisera saber quem tinham deixado escapar, eles responderam com uma identificação confusa de alvos impossíveis que não o esclareceram em nada. Sentiu-se frustrado.

Continuava a ser um mistério quem levava a máscara, mas fora roubada por dois humanos.

Tinham-lhe adiantado isso. Os corpos na casa transformaram-se em esqueletos calcinados — tornando o processo de eliminação um esforço inútil — e havia demasiados serviços na casa para se proceder a uma contagem rigorosa, mesmo que Vyrrech o quisesse fazer. Pelo menos os shin-shin tinham encontrado o corpo de Ruito antes de a casa vir abaixo, por isso Vyrrech podia respirar um pouco mais aliviado. Mas, ainda assim, alguém roubara a máscara e não fazia ideia de quem.

Eles seguiram o rasto até Axekami, mas a cidade não era lugar para demónios, e nem mesmo os shin-shin ousavam entrar naquela colmeia humana. Ali tinham-no perdido.

Sim, mil razões para não se preocupar. Quais eram as hipóteses de alguém se aperceber do que possuía ou, no caso afirmativo, de saber como e onde usá-la? Muito provavelmente fora já vendida a algum mercador teatral, os seus olhos brilhando ao comprar o que os proprietários julgavam ser simplesmente uma máscara requintada. Passaram vários cenários pela cabeça de Vyrrech, mas só um lhe voltava insistentemente.

E se se tivessem apercebido do que a máscara era e a usassem para essa finalidade?

Não importa, pensou, determinado. Dentro de dias, uma quinzena no máximo, as mandíbulas da armadilha que montara à volta da Fortaleza Imperial fechar-se-iam. Dar-se-ia a ascensão de um novo poder, governando em junção com os Tecedores em vez de os governar.

Uma aliança sem precedentes, em que os Tecedores seriam verdadeiramente o poder por detrás do trono.

A hora deles estava a chegar.

— O primeiro passo... — disse Cailin baixinho. — O primeiro passo é o mais importante. E o mais perigoso.

A pequena caverna que as envolvia alterava-se e agitava-se à luz de um único archote que ardia caprichosamente no seu suporte. Fazia frio aqui nos ossos da terra, apesar da noite quente de Verão lá fora.

CAPÍTULO 27.

Kaiku apercebeu-se de uma estranha sensação de desprendimento, como se ela e Cailin tivessem sido separadas do resto da existência, com este hemisfério de rocha a estabelecer os limites do seu mundo.

A caverna estava despida e vazia, uma mera bolha de ar dentro do esmagador manto de pedra que fazia pressão sobre elas. O túnel estreito que ligava esta câmara minúscula e isolada ao resto das cavernas do Recesso era um vazio sem fundo, e sentiu curiosidade no que poderia acontecer se mergulhasse naquela negrura, aonde iria dar.

Estava sentada de pernas cruzadas numa esteira de verga no centro da câmara, o cabelo castanho volumoso húmido e deselegantemente despenteado, os olhos fechados. Cailin caminhava lentamente à volta dela, agigantando-se lá em cima, quase tocando no tecto. As suas botas faziam um ruído surdo no chão de pedra da caverna. Conversava, mas a sua voz era de certa forma hipnótica, e Kaiku quase não ouvia as palavras, absorvendo antes o sentido e a sabedoria nelas contidos.

— O teu kana é como qualquer animal selvagem. Incontrolável, primitivo, pronto a saltar quando enfurecido. Antes de o poderes começar a treinar, precisas de amordaçá-lo, dominá-lo, torná-lo inofensivo.

Ou pelo menos tão inofensivo quanto te for possível.

Kaiku sentiu um frémito de constrangimento. Durante a última semana Cailin preparara-a rigorosamente para isto; no entanto, agora que chegara o momento, sentia medo.

Medo do que estava dentro dela, do que pudesse fazer; medo da agonia que causava quando passava a ferver pelas suas veias. Cailin ensinara-lhe mantras que lhe acalmariam a mente, a avisavam das coisas que podia ver e sentir, lhe indicavam o muito que não devia fazer quando o processo estivesse em curso.

Sentir-te-ás tentada a resistir. Cada instinto dir-te-á para me atacares, como se eu fosse um invasor. Se o fizeres, matar-te-ei.

Não era uma ameaça, tão-somente um fato.

— Vou entrar dentro de ti, Kaiku — dizia ela, a sua voz baixa chegando-lhe de trás ao caminhar. — Se não conhecesses os meandros da Teia, nem sequer te aperceberias de que o estava a fazer.

Mas tu possuis... defesas. Sou um elemento estranho, e a tua mente e o teu corpo irão tentar expulsar-me. Não o deves permitir. Tens de permanecer passiva e calma, e deixar-me fazer o meu trabalho.

Vou amordaçar o animal dentro de ti, mas não o poderei fazer se ofereceres resistência.

Ouvira-o já uma dúzia de vezes, mas era tudo teórico. Nada a prepararia verdadeiramente para a experiência. Não existiam precedentes, mesmo nas suas memórias mais profundas. E se não fosse capaz?

Conhecia a resposta. E no entanto nunca lhe ocorrera virar as costas e desistir.

Cailin apoiou as suas mãos pálidas e magras nos ombros de Kaiku.

— Estás calma?

Kaiku inspirou fundo e expeliu o ar, agitando as pálpebras.

— Estou pronta — mentiu.

— Então vamos começar.

O animal libertou-se do seu antro com uma ferocidade e uma subitaneidade avassaladoras.

Roncou e correu até ao peito dela qual demónio enfurecido e ardente. Os seus olhos permaneceram fechados, mas lá dentro o mundo explodiu num mar incompreensível de fios dourados, um horizonte infinito e ofuscante sem céu, nem solo, nem quaisquer limites.

Por um instante conheceu apenas terror quando a dor a torturou, o rasto cauterizante do seu kana lutando para se libertar.

Então, de repente, reorientou-se. Desconhecia que instinto a conduzia; mas logo a complexidade sobrenatural das junções ofuscantes e distâncias infinitas pareceu fazer sentido para si, encaixar-se de alguma forma indescritível. Estes eram os fios dela, conseguiu reconhecer.

Isto era ela própria, o seu território dentro da Teia, o espaço ocupado pelo seu corpo e pela sua mente.

Sentiu o fluxo impetuoso do sangue dourado a brotar do nó grosso do seu coração, viu-o disseminar-se gradualmente através dos capilares para lhe alimentar a carne.

Sentiu a pré-consciencialização ansiosa da vida incipiente nos seus ovários, um conjunto de esperanças despreocupadas, pululando de potencial.

Sentiu a vaga de ar a entrar-lhe nos pulmões, uma espiral desordenada de fibras finas aspirada e voltada a expelir.

Mas algo estava profundamente errado. Um desconhecido desagradável e canceroso, uma moléstia doentia e rastejante que se infiltrava nela como o sangue num pano, rápida, muito rapidamente, uma invasão e violação do tipo mais horrível...

Viu-o então, nos olhos do espírito, serpeando pelos fios dourados em direcção ao seu coração, tentáculos de luz deslizando até ao território dela, às próprias fibras do seu corpo, aos esfriamentos dos seus músculos. Tudo nela se queria libertar, expelir de si esta vileza. O seu kana ardeu em resposta, avançando até ao invasor, para o queimar com o seu fogo purificador...

Não!

Era Cailin. Quis que o seu kana parasse, aceitasse o invasor apesar de cada um dos seus sentidos lhe gritar o contrário; e de certa forma ele reagiu, sustendo o ataque. Insurgiu-se contra a tentativa de o pear, mas havia uma diferença em relação às libertações anteriores. Desta vez, o seu kana encontrava-se ainda dentro do seu corpo, não transpusera os limites do território.

Aqui conseguia dominar o fogo.

Deixou que a sua mente ficasse flácida, iniciando sucessivamente um mantra. A arremetida continuou através dela, avançando em direcção ao seu âmago como a mordidela paralisante de uma aranha.

Sentiu o pânico crescer dentro de si. O que sabia realmente sobre Cailin tu Moritat? Estava a abrir-se a esta mulher de uma maneira mais íntima do que um ato de amor, dando-lhe a liberdade de a trabalhar como quisesse, virar os pulmões do avesso, rebentar-lhe o coração ou reordenar-lhe os pensamentos de modo a tornar-se uma escrava submissa dos caprichos de Cailin.

Como podia confiar tanto em alguém e logo esta enigmática Aberrante que era mais uma estranha para ela do que Tane ou Asara?

Fez um esforço para afastar os pensamentos, concentrando-se no mantra. Agora era tarde de mais, disse de si para si. Tarde de mais. E, no entanto, o impulso continuou a aumentar, para atacar, para expulsar este invasor, e voltar a sentir-se intacta e pura. A presença de Cailin era abominável, tal como ela lhe dissera que iria ser.

A tua mente ver-me-á como uma doença, dissera, e assim era; foi preciso toda a sua força de vontade para ficar quieta enquanto a impureza a consumia. Mas os estranhos fios eram rápidos, introduzindo-se-lhe no coração de onde se lhe espalharam pelo corpo, e faziam-se acompanhar de uma estranha sensação calmante, como se de gelo colocado sobre uma queimadura. O seu kana vacilou, mas sentiu que o pior passara.

Invadiu-a a calma, enchendo-a inexoravelmente, o seu toque trazendo paz às fibras do seu corpo. Já não parecia que a engolira uma doença, era mais uma bênção, e distante e subtilmente sentiu Cailin iniciar o seu trabalho...

O Recesso estava sempre preparado para lutar, um baluarte contra os perigos da falha de Xarana. Apesar de não existir aqui um verdadeiro exército, havia um núcleo duro de perícia militar escolhido de entre a população, uma combinação de Libera Dramach e daqueles que tinham sido recrutados ou entrado fortuitamente. Chefes de bandidos e estratégias da nobreza sentados lado a lado nos conselhos de guerra, o cérebro da organização subjacente à rede de defesa do Recesso.

E, apesar de existirem aqui alguns soldados profissionais, não faltavam voluntários para salvaguardar a liberdade recentemente encontrada que esta

comunidade isolada oferecia.

Esperava-se que todos no vale dessem o seu melhor quando chegasse o momento, e um homem que não soubesse disparar uma espingarda ou usar uma espada ou carregar uma balista era um peso morto. O treino era informal, pois a maior parte destas pessoas não possuía natureza guerreira, e o terreno da falha sempre era mais adequado à tática de guerrilha; mas não havia aqui muitos que não pudessem ou não quisessem lutar quando chegasse o momento. E, na falha, o momento haveria de chegar, mais cedo ou mais tarde.

Mesmo quando a noite descia sobre os sulcos do mundo, o trabalho prosseguia à luz de lanternas de papel e fogueiras. Os canhões eram trazidos para o exterior e limpos. As balistas erguiam-se, imponentemente silhuetadas nas cumeadas, iluminadas por trás pelas chamas.

Vagões de mina cheios de munições eram deslocados pelo sistema de carris que atravessava as pontes entre os planaltos maiores.

Grupos de batedores regressavam silenciosamente ao Recesso, quase despercebidos.

Plataformas elevatórias guinchavam e estalavam quando as suas roldanas se deslocavam com esforço sobre as rodas dentadas.

Tane estava sentado na parte verdejante do vale amplo e fundo que albergava o Recesso e o escondia da vista.

As pessoas daqui tinham-no avisado para não sair sozinho à noite, mas ele não conseguia reflectir e meditar no meio de toda aquela actividade nos socacos, por isso resolveu arriscar e retirou-se para a escuridão.

E ainda bem que o fez.

Olhou para a cascata da terra, os pontos brilhantes de cem lanternas descendo das plataformas e planaltos escuros até ao vale, focos de luz suspensos na escuridão profunda e abissal. As janelas dos edificios que enchiam os socacos do Recesso salpicavam o negro de centelhas amarelas como estrelas em terra. Lá em cima no céu apenas Aurus se aventurara a sair esta noite, a sua face imensa a olhar para ele, o branco esbatido da sua pele cheio de manchas azul-claras. Era belo estar aqui, ver isto. Deu graças a Enyu, e sentiu um estranho contentamento interior.

As últimas semanas tinham sido bastante turbulentas para ele. Parecia que andara a fugir para se alcançar a si próprio desde que vira Kaiku pela primeira vez, desmaiada e febril na Floresta de Yuna.

Fora necessária a chegada dela — e os acontecimentos que lhe estavam associados — para o arrancar da vida a que se dedicara desde que a mãe e a irmã o deixaram sozinho.

O seu aprendizado no templo fora um refúgio, uma cura para o crime que cometera. Não lamentava tanto o fato de ter assassinado o próprio pai, mas antes

que os seus actos o tivessem afastado do resto da família. A mãe era ineficaz sem o controlo do marido, incapaz de iniciativa. A irmã fora violada recentemente. Eram imensos os infortúnios que lhes podiam ter acontecido, e nunca o iria saber.

Durante semanas tentara localizá-las, saber notícias delas nas povoações vizinhas; mas elas tinham desaparecido, como fumo no vento. Depois instalara-se a culpa, o peso terrível do que fizera.

Apoderara-se dele o desespero, e enlanguescera-se durante semanas na sua casa vazia.

Após o que fora até ao templo e oferecera-se a Enyu. Se não se conseguisse sarar, talvez pudesse sarar os outros.

Consumido pela dor, não pensava com a clareza que devia; mas os sacerdotes aceitaram-no, e ali encontrou ordem, uma rotina, e tempo para reorganizar a sua vida.

Só que era a vida errada e seguiu-a pelos motivos errados. Não possuía nem o temperamento, nem a disciplina, nem — custou-lhe muito admitir — a fé natural para dedicar a sua vida a servir Enyu num templo.

Kaiku fora o catalisador que lhe mostrara isso. Acreditava ainda que Enyu o poupava à chacina no templo por alguma razão, mas não era a razão que a princípio julgara. Ela mandara-o caminhar entre Aberrantes.

Quando deixara Asara em Chaim e fora para sul, procurara apenas fugir dela. Era-lhe insuportável aguentar a expressão zombeteira de Asara ou o que pudesse dizer a Kaiku se ela alguma vez regressasse das montanhas.

Precisava de estar sozinho, de reflectir aturadamente. Sempre fora uma criança solitária, e estava acostumado aos seus próprios conselhos; agora precisava de paz para os escutar.

Acreditas que a tua viagem foi ordenada pela tua deusa, que foste poupado com uma finalidade; mas não existe pior vileza para Enyu do que um Aberrante. Concilia estas coisas se puderes.

Não lhe saíam da cabeça as palavras de Asara quando apanhara um barco em Pelis, de regresso a Jinka e ao continente. Não conseguia conciliá-las. Seria um teste à sua fé? Seria suposto ajudá-las ou combatê-las?

Não trabalhavam todos para o mesmo objectivo: encontrar a mão por detrás dos shin-shin?

Uma lição retirava-se daqui ou era simplesmente ele que não a via? Para onde quer que se virasse, deparava-se-lhe o mesmo obstáculo: Aberrantes, quer fossem inerentemente maus quer não, eram perversões da natureza, produtos da moléstia que atingira a terra.

Como podia acreditar que qualquer caminho em que Enyu o tivesse posto coincidiria com o deles?

Pensara em tudo aquilo no regresso a Axekami, onde encontrara a cidade

tumultuada. Só então se dera conta de que não concebera um plano, um destino, e que não tinha para onde ir. O pouco dinheiro que trazia consigo estava a desaparecer rapidamente, e não via perspectivas de conseguir mais. Dependera da caridade de Kaiku e de Asara desde que se lhes reunira, e o pagamento da viagem de regresso de Fo levava o pouco que tirara do templo quando se viera embora. Pensara procurar outro templo de Enyu, que não repudiasse um dos seus.

Não em Axekami, pois era evidente que a capital fervilhava de raiva naquele momento; mas haveria outros lugares, onde poderia encontrar a calma e meditar no seu dilema.

No entanto, não se dirigiu a um templo. Isso seria retroceder, acomodar-se à vida de que Kaiku o arrancara. E independentemente do que acontecera, não esquecera o sentimento de rectidão que tivera quando ele e Asara tinham partido da Floresta de Yuna rumo a Axekami. Esse sentimento dizia-lhe agora que o templo de Enyu não era a solução. Dirigiu-se antes ao templo de Panazu.

Não era fácil entrar na cidade, mas Axekami não se fechara por completo. Muita gente estava a abandoná-la aterrorizada quando fora imposta lá dentro a lei marcial, e uma porta de saída era uma porta de entrada.

Tane não esquecera o bilhete que Asara lhe deixara.

Não chegara ainda a uma conclusão, mas percebera que nunca encontraria a verdade abandonando o caminho que tomara. O mais que podia fazer era segui-lo e esperar que tudo se esclarecesse.

Pelo menos era este o seu raciocínio. Recusava-se terminantemente a admitir a inclinação do seu coração no assunto, e não iria sequer pensar em Kaiku.

Agora voltara para ele. A notícia que trouxera deixara-os abalados, revelando toda a dimensão do mal dos Tecedores, mostrando-lhes finalmente a origem da doença da terra.

Sozinha, percorrera as regiões ermas e voltara com algo mais precioso do que todas as jóias do mundo.

Fora então uma revelação para ele. Na sua arrogância, sempre imaginara que Enyu lhe destinara grandes feitos. Houvera sempre um foco de egoísmo subjacente ao seu raciocínio, considerando todos os acontecimentos relacionados com ele. Mas fora Kaiku que descobrira a raiz da moléstia, pegando num fio tecido pelo pai e seguindo-o até ao fim. Quem sabia o quanto esse fio recuava no tempo, acrescido dos conhecimentos de todos os eruditos, contribuindo para a sabedoria? Fora preciso a coragem e a astúcia de um homem para descobrir o segredo; mas fora preciso a força da sua filha para o trazer de volta. Não era o caminho de Tane que tinha importância, mas o de Kaiku. Tudo aquilo que os sacerdotes dos templos de Enyu tinham conseguido apurar durante as últimas décadas, com as suas preces e meditação, fora revelado por uma Aberrante, o ser mais amaldiçoado em toda a

natureza.

Nesse caso, porque se encontrava ali? Como testemunha? Como alguém que a deveria proteger? Como representante da vontade de Enyu? Não fora particularmente bem-sucedido em qualquer destas tarefas.

Talvez estejas simplesmente aqui, Tane, pensou. Talvez não exista um plano maior ou, se existir, ele seja demasiado grande para o veres. Sempre foste demasiado introspectivo. Por isso nunca deste um bom sacerdote.

Demasiadas perguntas, muito pouca fé cega. Não satisfazia, mas de momento teria de bastar. Quaisquer que fossem as verdadeiras respostas, não tinha agora quaisquer dúvidas em relação a Kaiku.

Segui-la-ia para onde ela fosse. Como se o seu coração traidor lhe permitisse o contrário...

— Está fora de questão — ripostou Cailin. — Ela é demasiado valiosa.

— Ninguém melhor do que eu o sabe — replicou Mishani. — Mas se quer que eu vá, ela vai também.

Mishani e Cailin enfrentavam-se, medindo olhares e vontades.

Cailin tinha quase mais uma cabeça de altura do que a diminuta nobre, mas Mishani não se sentia nada intimidada com a altura ou o aspecto assustador da adversária.

Encontravam-se numa das salas de cima da casa da Ordem Vermelha, um edifício comprido de telhado curvo e pontiagudo que cobria as varandas a toda a volta do primeiro piso.

Em contraste com a natureza algo decrépita dos edifícios circundantes, este apresentava-se cuidado e formal, com flâmulas vermelhas e pretas pendendo do corrimão da varanda diante da entrada.

— Só iria pôr em risco a sua amiga, Mishani — acusou Cailin.

— Não — interveio Kaiku, de onde se encontrava, puerilmente encostada a uma parede. — Fui eu que lhe pedi. Exijo ir.

— Eu também — interveio Tane, que assistia do outro lado da sala. Asara encontrava-se perto dele, um leve sorriso afectado no rosto.

— Porquê? — indagou Cailin, a sua voz fria. — Não és guerreiro.

Já mataste antes? E tu, Kaiku?

— Fiz uma jura a Ocha — respondeu Kaiku calmamente, ignorando a pergunta. — O meu inimigo são os Tecedores. Eles querem Lúcia morta. Desejo participar em qualquer esforço para os impedir.

— E participarás! — disse Cailin, a raiva a invadir-lhe o tom. — Constatarás que és uma força mais poderosa do que imaginas. Será inútil morreres na Fortaleza Imperial antes de atingires a força plena.

— Cailin, o que ela diz faz sentido — referiu Asara. — Os guardas da Fortaleza

contam com guerreiros, como aqueles que já escolheste para irem. Não suspeitarão de mulheres e de sacerdotes.

— Ela continua a ser perigosa! — insurgiu-se Cailin, apontando um dedo a Kaiku. — Ela mal começou a reprimir o seu kana. Se o libertasse dentro da Fortaleza, morreríamos todos.

— Não sejas melodramática — disse Asara. — Só queres proteger o teu investimento.

A raiva chispou nos olhos de Cailin, mas Asara suportou o olhar dela com uma expressão despreocupada.

— São só mais dois, Cailin — referiu Mishani. — Pediu para Asara e eu irmos porque precisa de nós. Eu sou a única nobre disposta a voltar a pôr os pés em Axekami; Asara possui experiência como criada particular. Mas só irei se Kaiku for. E Tane, se ele o desejar. Foi a própria Cailin a afirmar que nós os quatro seguíamos caminhos cruzados. Talvez eles estejam mais entrelaçados do que pensa.

Cailin formulou uma réplica, depois engoliu-a. Atacou Kaiku.

— Estás mesmo decidida?

Kaiku encolheu os ombros, uma antiga imitação do irmão.

— Não tenho escolha. Fiz uma jura.

— As juras podem ser interpretadas como melhor entenderes — salientou Cailin, maliciosamente. — Muito bem, nesse caso. Partimos amanhã para Axekami. Todos nós. Se não o fizermos em breve, podemos desperdiçar a nossa oportunidade. O perigo aumenta a cada dia para Lúcia, e resta-nos pouco tempo, se as minhas fontes falam verdade.

— Virou-se bruscamente e saiu com pompa da sala, arrastando atrás de si o vestido preto. — Iremos roubar a Imperatriz-Herdeira mesmo nas barbas deles — declarou ao sair.

Kaiku sorriu de agradecimento a Mishani, e ficou a pensar naquilo em que se fora meter.

CAPÍTULO 28.

Os exércitos dos Sangue Kerestyn e dos Sangue Amacha estavam um defronte do outro na planície verdejante a oeste de Axekami. O sol da manhã incidia neles, já cruelmente quente e nem sequer próximo do seu zénite.

Cintilava nas espadas e espingardas, reflectia-se nas pontas das lanças e obrigava os homens a proteger e semicerrar os olhos. A oeste, os Sangue Kerestyn, os seus estandartes ouro e verde inertes na humidade sem vento.

A leste, os Sangue Amacha, uma extensão de castanho e vermelho misturados com as cores de outras famílias menores. Viam-se canhões no meio do calor sufocante, os seus canos moldados à semelhança de demónios e espíritos, as suas bocas abertas para vomitarem chamas. Entre os exércitos ficava o campo de batalha, uma grande faixa de erva não pisada onde se encontrariam caso houvesse conflito.

O mero peso dos números era imenso. O exército dos Amacha fora engrossado com mais de dez mil e os Kerestyn reuniam um número superior, uma vaga de soldados que varrera a terra e se agitava agora prestes a rebentar. Vistos das muralhas da cidade, fundiam-se em dois lagos enormes de armas de fogo e armaduras. As fileiras da frente eram de soldados de infantaria, os cavalos escavando a terra com as patas e os manxthwa correndo para cá e para lá, os soldados a postos, o seu cabelo húmido da transpiração. Por detrás deles estavam os atiradores, principalmente em filas mas alguns reunidos em pequenos aglomerados, limpando e verificando as suas armas. A alguma distância das fileiras da frente começavam as tendas, coloridos polígonos angulares que iam desde as simples e utilitárias às complexas e grandiosas. Se as frentes de batalha estavam paradas, a retaguarda dos exércitos era uma colmeia de actividade, um movimento constante de mantimentos, tropas e informações. Montavam-se as tendas; reparavam-se os canhões; arranjavam-se ou distribuíam-se as armaduras. A leste, as enormes muralhas beges de Axekami constituíam uma barreira ameaçadora que os reduzia à insignificância, estendendo-se para cada lado do campo de batalha e curvando até se perderem de vista, uma massa rugosa de torres de vigia por detrás da qual se podia ver a amálgama das ruas da cidade subindo desordenadamente pela colina em direcção à Fortaleza Imperial, as suas paredes douradas empalecidas pela distância.

As duas forças imensas brilhavam na névoa do calor, aguardando.

Os exércitos dos Sangue Kerestyn tinham iniciado a sua marcha sobre a capital há já alguns dias, mas faziam-no com lentidão, desviando-se para amalgamar outras forças mais pequenas pelo caminho, famílias menores que se aliaram à causa dos Kerestyn. Para um atraso ainda maior contribuíra a necessidade de contornar as terras dos Sangue Koli à volta da baía de Mataxa. O Barak Koli aliara-se firmemente

a Sonmaga, acontecesse o que acontecesse.

Os Sangue Kerestyn tinham sido expulsos do trono pelos Sangue Erinima devido a uma questão de desonra e não de natureza bélica. O último Imperador do Sangue Kerestyn, Mamis, mentira ao conselho dos nobres num assunto de enorme importância e fora descoberto. Tomara a atitude mais sensata e abdicara, uma vez que o conselho aprovara unanimemente um voto de desconfiança no seu governante depois do sucedido; o pai de Anais preencheria o vazio. Ainda assim, apesar de os Kerestyn terem perdido o controlo dos Guardas Imperiais, que tinham jurado proteger o Imperador ou a Imperatriz do Sangue independentemente da família a que pertencesse, tinham conservado a força imensa que antes de mais lhes granjeara o trono. E esperaram pela ocasião certa, aguardando precisamente uma oportunidade como esta.

Sonmaga tu Amacha não era menos ambicioso, mas nesta matéria a sua ambição suplantava os seus meios. Acreditava fervorosamente que a Imperatriz-Herdeira devia ser afastada da linha de sucessão, mesmo que Anais se mantivesse como Imperatriz. Se ao menos aquela maldita Mishani tivesse feito o que devia, então tudo isto se poderia ter evitado. Não pretendia uma guerra civil, principalmente porque desconfiava que a iria perder. Dentro de dez anos, quando tivesse apoio suficiente, quando os seus planos se houvessem concretizado... talvez nessa altura fosse o momento de atacar.

Mas se se livrasse da Imperatriz-Herdeira Aberrante ficaria com todos os problemas resolvidos.

Os Kerestyn deixariam de ser movidos por uma causa justa, e perderiam o apoio se decidissem ir para diante com o cerco à capital.

Estava arrependido de ter desperdiçado a oportunidade de mandar Purloch matar a fedelha em vez de lhe pedir uma madeixa de cabelo; mas Purloch desaparecera assim que lhe tinham pago, e nunca mais fora visto.

A tenda de Sonmaga sobressaía no mar de armaduras, uma ilha em tons de castanho e vermelho rodeada por outras ilhas mais pequenas e de somenos importância. O calor da circulação constante dos soldados e dos cavalos fluía à volta deles numa onda imunda, levando mensagens, trazendo informações da linha da frente. O cheiro fétido a suor era avassalador e o barulho uma contínua algaraviada de fundo, de tal maneira alto que só quando as pessoas gritavam umas com as outras para se fazerem ouvir é que se apercebiam de que os seus ouvidos se tinham adaptado para o isolar. A tenda de Sonmaga ficava perto da retaguarda das suas tropas, de costas para Axekami. Atravessara o Zahn e colocara-se decididamente entre as tropas dos Kerestyn e a capital.

Não queria uma guerra civil, que os deuses o amaldiçoassem se ia deixar os Sangue Kerestyn entrar na capital sem luta.

Os emissários dos Sangue Koli chegaram a meio da manhã, vinte soldados com o couro endurecido da sua armadura tingido de preto e branco. Os recém-chegados vieram nas suas montadas, os olhos semicerrados por debaixo das faixas pretas atadas à volta das cabeças para evitar as insolações.

Na dianteira vinha o Barak Avun tu Koli, a sua cabeça calva erguida ao cavalgar, a expressão omnipresente de cansaço temporariamente afastada a bem das aparências.

As forças dos Sangue Amacha afastaram-se para os deixar passar. O fato de ter chegado pessoalmente evidenciava um assunto de enorme importância.

Passaram pelo meio das fileiras até à tenda do Barak Sonmaga, e ali Avun desmontou e foi conduzido ao interior.

O Barak Sonmaga levantou-se quando Avun entrou. Estivera sentado numa das esteiras entrançadas colocadas perto do centro da tenda, a observar um mapa. Viam-se nas extremidades mesas baixas com bebidas, arcas com roupas e diversos mapas e um suporte de onde pendia a armadura de batalha de Sonmaga. Fazia um calor sufocante aqui dentro, mas era uma bênção estar fora da incidência directa do olho de Nuki, e as paredes da tenda conseguiam de alguma forma isolar o pior do ruído que vinha lá de fora.

— Avun — disse Sonmaga. — Que novidades? — Era quase insultuosamente informal, mas nenhum deles estava muito preocupado com as saudações rituais numa altura destas.

Avun olhou-o, a expressão cansada voltando aos seus olhos encovados.

— Já as sabe — referiu.

Sonmaga arqueou um sobrolho negro, impressionado com a leitura que Avun fizera dele.

— Sim, sei. Sente-se, por favor.

Avun reuniu-se-lhe sentando-se noutra das esteiras no chão. Sonmaga encheu taças com vinho escuro para ambos. Avun esperou que Sonmaga bebesse antes de tomar um gole.

— As forças dos Sangue Batik aproximam-se da cidade, vindas de leste — referiu Avun. — Se tivessem partido das terras dos Batik a norte de Axekami e ido directamente para sul, há muito que as teríamos avistado.

Mas atravessaram o Jabaza e deram a volta para que não pudéssemos detectar o seu movimento. Agora estão quase às portas da cidade.

Sonmaga não deixou transparecer no rosto nenhum do ligeiro desdém que sentia por este homem. Desculpas, sempre desculpas. Nem sequer era capaz de controlar a filha, sangue do seu sangue; na verdade, a acreditar na história dele, ela fugira e neste momento continuava desaparecida. Para alguém que se dizia brilhante nos jogos da corte, parecia manifestamente tolo.

O desespero de obter concessões comerciais junto dos Sonmaga revelara a situação deplorável na baía de Mataxa; chegara mesmo a referir o péssimo estado das embarcações da sua frota pesqueira, e que se poderiam afundar a qualquer momento.

Sempre vira os Sangué Koli como uma das famílias mais nobres, um império comercial inatacável; mas, desde que as circunstâncias juntaram Avun e Sonmaga, começara a ver quão falsa era essa suposição.

Avun era fraco e facilmente dominado. Agradava a Sonmaga que assim fosse. As tropas que Avun trouxera para esta posição distanciada eram uma porção valiosa do exército dos Sangué Amacha.

E se o preço a pagar era escutar a anuência servil deste homem enquanto discutiam os planos e as estratégias de batalha, deixando inclusivamente que Sonmaga ditasse os movimentos dos soldados de Avun, então era um preço mesmo muito irrisório.

— Acha que Grigi tem conhecimento? — perguntou Avun, de forma banal.

— Sem dúvida — respondeu Sonmaga. — Estarão junto à cidade amanhã à tarde. É óbvio que a Imperatriz decidiu deixá-los entrar.

Não me parece que estejam a marchar sobre a capital para a invadirem; não com Durun e Mos ainda dentro da Fortaleza.

— Tem espiões lá dentro?

— Está à vista de todos — referiu Sonmaga, sem conseguir evitar uma certa exasperação. Este homem não tinha gente a trabalhar para ele dentro do edifício mais importante do império?

— Todos na Fortaleza o sabem. Se as forças dos Sangué Batik tentassem tomar Axekami pela força, os Guardas Imperiais matariam Mos e Durun em menos de nada.

A sua fidelidade é para com a Imperatriz do Sangué, não o marido dela. Por isso temos de presumir que se estão a aproximar com o consentimento da Imperatriz.

Avun anuiu, compreendendo. Sonmaga olhou-o por cima do bordo da taça enquanto sorvia o vinho.

— Parece que continuamos num beco sem saída — disse por fim Avun, referindo-se ao que Sonmaga já sabia.

— A minha única preocupação é com o que Grigi possa fazer — alegou Sonmaga. — Ele deve saber que nunca conseguirá transpor as muralhas de Axekami com os Sangué Batik lá dentro.

A sua única esperança é entrar antes que eles o façam. Isso significa passar por nós.

— Nesse caso, porque não saímos do caminho dele? — indagou Avun. Os olhos de Sonmaga arregalaram-se de incredulidade. Avun hesitou.

— Bem, se formos a ver, o que queríamos não era que a Imperatriz-Herdeira fosse deserdada? Se estivermos no caminho dos Sangue Kerestyn, então só estaremos a manter a capital segura até os Sangue Batik poderem avançar.

Os Sangue Erinima conservarão o trono e a Imperatriz-Herdeira chegará ao poder.

— Acha que não estou ciente da situação? — atroou Sonmaga.

— Acha que, todo este tempo, não estive à procura de uma maneira de chegar à Imperatriz-Herdeira, de fazer o que a sua filha devia ter feito?

— Avun encolheu-se diante do homem mais corpulento, cujo volume parecia o dobro da estrutura magra de Avun.

— Não quero os Kerestyn no trono; quero lá os Erinima, pois quando a filha de Anais morrer, e não se iluda, hei-de chegar a ela, ou então o povo de Axekami fá-lo-á, nessa altura terei muitos anos mais para me preparar antes de chegar a hora de Anais. E quando a Imperatriz morrer, sem filhos e estéril, então os Sangue Amacha estarão preparados para enfrentar até os inimigos mais fortes e reclamar o trono que nunca tivemos! Se os Kerestyn marcharem sobre Axekami, com as forças que comandam, governarão Saramyr durante muitas décadas mais. Não posso permitir-me outro erro estúpido como mandá-los destituir antes. Só posso mantê-los afastados, e esperar. Os Sangue Batik podem reforçar neste momento a capital, mas mil homens não serão capazes de proteger Lúcia para sempre.

Jogo com o tempo, Avun, pois agora não é o momento de atacar.

Avun baixou o olhar, envergonhado por ter ofendido Sonmaga. Este soltou um resmungo e pôs-se em pé. Avun deixou-se ficar onde estava, a cabeça baixa qual serviçal. Sonmaga revirou os olhos.

— Levante-se, Avun. Não vamos discutir. Sabe tão bem quanto eu que não podemos retirar-nos agora. Estou comprometido, tal como você. Não deixe que a coragem lhe falte.

A resposta de Avun, qualquer que viesse a ser, foi interrompida por uma explosão súbita algures próximo, um estrondo e um clarão de chamas que iluminou a lona fina da tenda. Sonmaga soltou uma imprecação torpe de surpresa, e o mundo tornou-se de repente um clamor de vozes quando milhares de homens começaram a gritar ao mesmo tempo.

Seguiu-se outra explosão e mais outra, o atoar constante da artilharia pesada, bombas incendiárias que espalhavam uma substância ardente numa vasta área onde caíam.

— O deuses, ele está a atacar-nos, o patife! — berrou Sonmaga. Conseguia ouvir ao longe o grito de batalha das forças dos Kerestyn ao avançarem como uma só em direcção ao inimigo que aguardava, uma avalanche de espadas, lanças e gargantas a vociferar, tão maciça e inexorável quanto a maré. Reuniram-se-lhes os gritos das tropas dos Sangue Amacha, muito mais sonoras e próximas.

Os generais estavam a mandar a linha da frente atacar.

— Não pensei que ele se atrevesse a tanto — enfureceu-se Sonmaga, atravessando a tenda para pegar na sua armadura. — Idiota! Não sabe que isto irá dar cabo de nós os dois? Não pensei que ele se atrevesse a tanto!

Sentiu subitamente que lhe apertavam o braço com força e era puxado para ficar de frente para Avun, que se levantara com a rapidez de uma cobra.

— Há muitas coisas em que não pensou — disse Avun. Brilhou na sua mão um punhal comprido, enfiado debaixo do maxilar com barba de Sonmaga e que o atravessou até ao cérebro.

O homem mais corpulento arfou do choque. Os seus olhos saíram das órbitas, ficando injectados de sangue; mas a vida abandonara-o já, suprimida por aquele único golpe, e os olhos não viam.

O seu corpo ficou flácido, os músculos outrora vigorosos privados da sua força, e Avun recuou e libertou o punhal quando Sonmaga caiu de bruços, amassando o nariz numa polpa no chão.

Avun olhou para o Barak caído. Ó espíritos, como era crédulo. Tão pronto a acreditar que os Sangue Koli estavam dispostos a subordinar-se-lhe, simplesmente porque tinham uma história de rivalidade com os Sangue Kerestyn. Sonmaga era um homem de visão limitada, que, pelos vistos, não percebia que um aliado político era mais poderoso quando se mantinha secreto. A fachada de inimizade entre os Kerestyn e os Koli enganara todos, excepto alguns mais espertos. Sonmaga não se contava entre estes últimos.

Saiu da tenda em grandes passadas. Sem líder, as forças dos Sangue Amacha ficariam confusas. As tropas dos Sangue Koli virar-se-iam contra elas quando chegasse o momento certo, atacando-as de dentro.

Grigi tu Kerestyn conhecia todos os planos de batalha de Sonmaga — que ele tivera a gentileza de partilhar com Avun — e era demasiado tarde para os mudar agora, visto que os seus generais tinham já recebido as ordens. O aparecimento dos Sangue Batik significara que de repente havia muito pouco tempo. Sonmaga e os seus homens eram um obstáculo que tinha de ser eliminado.

Com o que Grigi sabia dos movimentos de Sonmaga, seria um massacre.

Afastou a aba da tenda e saiu para o calor sufocante e a claridade intensa. A toda a volta reinava o caos, homens a empurrar-se, o som das espadas a serem puxadas, os cavalos a tentar conseguir espaço de manobra no meio do aperto. As chamas lambiam o ar próximo, enviando colunas sufocantes de fumo em direcção ao céu. Um estrondo distante, lento, arrastado e imenso anunciou o encontro dos dois exércitos nas planícies, milhares de lâminas entrechocando-se numa confusão cacófona. Abriu caminho até ao seu cavalo que aguardava, seguro por um dos seus homens. Montou rapidamente.

Viu um soldado entrar na tenda de Sonmaga quando esporeou o animal, mas era já demasiado tarde para o apanhar. Oh, iriam saber quem fora o culpado; mas, nessa altura, as forças dos Sangue Koli tê-los-iam atacado e eles seriam apanhados numa tenaz, como as pinças dos caranguejos da baía de Mataxa que fizeram a sua fortuna. Pareceu-lhe ouvir o grito de ultraje enquanto se afastava, e aflorou-lhe um sorriso aos lábios.

Em tudo isto só lamentava Mishani. Se ao menos tivesse confiado nele, como era o dever de uma boa filha. Não fazia tenções de matar a Imperatriz-Herdeira. Isso só levaria a que ele e os Sangue Kerestyn perdessem grande parte do apoio que tinham conseguido. Trocara a camisa de noite infectada por uma inofensiva antes de ela partir para a Fortaleza.

Não poria em risco a filha e a reputação da sua família por causa de Sonmaga; ter-se-ia limitado a dizer ao Barak que a doença não atacara Lúcia.

Afinal, quem sabia ao que uma Aberrante estava imune? Mas Mishani fracassara, virara-se contra ele... e por fim abandonara-o.

Morta ou viva, pouco lhe importava. Dera mostras de que não tinha a menor convicção e era desleal. Já não se preocupava com ela. Tinha planos maiores.

O som da onda de morte rodeou-o enquanto cavalgava, e o sorriso no seu rosto magro alargou-se. Como adorava estes jogos...

CAPÍTULO 29.

A noite caiu, mas não trouxe descanso à população de Axekami. Pelo contrário, a escuridão fez-se acompanhar do medo e o pânico seguiu-o de perto. As muralhas ocidentais da cidade estavam sob o ataque das forças chefiadas pelos Sangue Kerestyn. O ar ressoava com os disparos dos canhões, e o solo estremecia. Os homens corriam de um lado para o outro em silhuetas flamejantes ao longo das poderosas muralhas da capital de Saramyr. Estavam cheias de guardas das torres. Os disparos das espingardas pontuavam o ruído constante e baixo da batalha. Deitava-se azeite a ferver sobre os invasores num dilúvio intenso, seguido dos gemidos agonizantes lá de baixo. As escadas batiam nas ameias e eram repelidas de novo, espalhando soldados aos gritos ao tombarem. Vozes distantes eram levadas pelo vento quente, gritos de comando ou gemidos de dor separados do corpo.

Nas ruas da cidade, grupos de homens andavam sem destino de archotes nas mãos e armas improvisadas brilhando tristemente à luz das três luas. Todas as irmãs tinham aparecido esta noite: a imponente Aurus, a luminosa Iridima, a verde Neryn. Ocupavam posições diferentes no céu, mas não seria por muito tempo. As suas órbitas subsequentes levá-las-iam a uma proximidade perigosa. Vinha aí uma tempestade lunar.

Esta noite ninguém dormiu.

Os portões de Axekami estavam fechados, não só para afastar os intrusos como para reter a população frenética. Muitos tinham ido para as muralhas, o desejo de defender o seu território maior do que a repulsa pela Imperatriz e pelo monstro que tencionava pôr a governar o seu povo.

A armadura azul e branca dos Guardas Imperiais misturava-se e confundia-se com mil modas diferentes, enquanto os homens traziam arcos e carabinas velhas para combater as forças dos Kerestyn. As semanas de agitação e violência nas ruas tinham inflamado o sangue da população de Axekami, e se metade dela de bom grado se unira contra um inimigo comum que tentava entrar à força na sua cidade, a outra metade provocava distúrbios e saqueava em protesto, exigindo que deixassem entrar os Kerestyn e que a Imperatriz abdicasse do trono.

Os guardas no portão oriental tinham estado a afastar as pessoas o dia inteiro, e continuavam a fazê-lo mesmo depois de anoitecer. Comerciantes, familiares frenéticos, pessoas desesperadas por salvar ou defender as suas casas; todos eram repelidos. Fora crescendo junto à beira da estrada um pequeno campo de viajantes rejeitados.

Apenas os nobres e as pessoas importantes eram deixados entrar na cidade, e mesmo assim só depois da aprovação da Fortaleza.

Quando uma carroça coberta simples arrancou, puxada por dois manxthwa aos saltos e conduzida por um homem jovem de ar carrancudo e a sua elegante esposa, o comandante de serviço preparou-se para os mandar embora tal como aos outros. Mas quando começou a proferir as palavras, elas não saíram precisamente como queria. E nunca na vida lhe ocorreria porque ordenara ao guarda do portão que o abrisse, com ou sem a aprovação da Fortaleza; nem tão-pouco porque não pensara sequer em revistar a carroça. Depois recusara-se a acreditar que não passara de um sonho; mas a única coisa de que realmente se lembrava com alguma clareza era dos olhos verdes da dama dentro do manto com capuz e de como tinham subitamente escurecido para vermelho.

Um pouco depois, o oleado foi retirado da carroça, puxado para trás pelo homem jovem para revelar os passageiros clandestinos escondidos lá debaixo. Tinham parado num pequeno beco sem saída mesmo do lado de dentro dos portões orientais, com edifícios altos e abandonados a erguer-se acima deles em três lados, bloqueando a lua de cor verde. Saíram em silêncio, flectindo os membros entorpecidos e com câibras, e reuniram-se à volta da carroça diante do homem jovem e da dama. Esta era Cailin tu Moritat, surpreendentemente bela sem a maquilhagem terrível da sua ordem. O cabelo fora puxado para trás numa comprida trança e as suas feições eram pronunciadas e felinas. O homem era Yugi, o líder desta expedição: um bandido de vinte e muitas apanhas, com ar de velhaco, um sorriso diabólico e cabelo castanho-alourado imundo afastado dos olhos através de uma fita vermelha suja.

Não obstante a presença de Cailin, era bastante óbvio quem comandava. Yugi representava os Libera Dramach, e era a eles que a multidão no Recesso manifestava a sua lealdade.

Os membros da Ordem Vermelha eram em número reduzido e, por mais poderosa que parecesse, não era a força motriz aqui.

Mishani alisou o vestido caro e compôs rapidamente o cabelo com a ajuda de Asara. Kaiku olhou para Tane, que arqueou um sobrolho ao reparar em Mishani, como quem diz: Quanta vaidade!

Kaiku não conseguiu reprimir um sorriso. Era uma piada; ambos sabiam que o aspecto de Mishani era de extrema importância. Tinha uma audiência com a Imperatriz de manhã.

— Esta foi a parte fácil — disse Yugi, dirigindo-se a todos. — A partir daqui terão de estar constantemente atentos. Mishani, Asara: na próxima rua aguarda-as uma carruagem que as levará a uma casa segura.

Pela manhã dirijam-se à Fortaleza à hora combinada. Mishani e Asara anuíram em simultâneo.

— Os restantes de nós temos uma forma bem menos agradável de passar a noite

— anunciou Yugi com um esgar. — Seguimos a pé a partir daqui. Temos um encontro.

Os nove avançaram pela cidade depois de Mishani e Asara terem partido. Juntamente com Kaiku, Tane, Yugi e Cailin estavam mais cinco homens dos Libera Dramach, escolhidos pela sua perícia em acção furtiva e combate. Só o fato de andar pelas ruas de Axekami era perigoso de momento; a força residia no número.

Yugi levou-os por vielas estreitas e um labirinto vertiginoso de ruas esconsas, afastando-se do Kerry. Os sons do ataque nas muralhas ocidentais conseguiam chegar até ali, e a noite enchia-se de gritos estranhos e ruídos inquietantes. Por mais de uma vez ouviram passos em corrida, multiplicando-se subitamente e associados a berros de raiva ao iniciar-se uma perseguição.

As turbas andavam cá fora esta noite, e não havia ninguém nas ruas que não procurasse a violência.

Aqueles por que passaram em becos laterais ou amontoados em ombreiras escuras — os desamparados e os vadios afastavam-se deles. Yugi ignorou-os. Ia-os embrenhando no Bairro Pobre.

Os edificios pareciam empilhar-se uns em cima dos outros à volta deles, muito juntos, gemendo e deformando-se sob o seu próprio peso. As madeiras curvavam-se perigosamente, e as ruas labirínticas tinham ficado cheias de detritos. As persianas pendiam de esguelha de janelas escuras. Edifícios destruídos pelo fogo exibiam vigas enegrecidas. Pontes improvisadas transpunham a largura diminuída das ruas, escadas que iam dos peitoris das janelas aos telhados adjacentes. O local parecia deserto, mas Kaiku tinha a nítida sensação de ser observada.

Vislumbrou rostos a retirarem-se das janelas quando olhou para elas, velas apagadas precipitadamente à aproximação de passos. Yugi mantinha-os deliberadamente afastados das vias principais para evitar encontros, mas a que perigo os conduzia?

Tinham sido mantidos, em grande parte, na ignorância dos pormenores do plano de rapto da Imperatriz-Herdeira por razões de segurança; mas só servira para deixar Kaiku ainda mais nervosa por não imaginar o que a esperava. Sentia o peso tranquilizador da espingarda nas costas e da espada na cinta, mas até elas eram pouco reconfortantes.

— Aqui — disse de repente Yugi, parando diante da porta de um edificio abandonado que fora tapado com tábuas e depois partidas de novo. Fez-lhes sinal para entrarem, seguindo em último lugar, após ter visto que o caminho estava livre. Afinal era este o seu destino, pensou Kaiku com um misto de alívio e ansiedade. Tinham tido sorte ao atravessarem a cidade até aqui sem encontrarem nenhuma das turbas; mas para onde se dirigiam agora, penetrando no coração do Bairro Pobre?

Lá dentro, a escuridão era ainda maior. A luminescência esverdeada das três luas

entrava pelas frestas e fendas nas paredes de madeira, vinda de três direcções ao mesmo tempo, conferindo ao interior uma luz sombria, inquietante. O que quer que este lugar tivesse sido antes, há anos que fora abandonado. Escombros, tábuas partidas e detritos inidentificáveis enchiam as divisões esquálidas e estreitas.

Zumbiam insectos na noite quente, explorando a carcaça de um cão que aqui expirara recentemente.

— Onde é que ele está? — perguntou Cailin bruscamente, parecendo dirigir a pergunta a ninguém em particular.

— Lá em baixo — disse Yugi. — Venham.

Levou-os por uma série de divisões igualmente abandonadas até chegarem a um alçapão, que levantou, revelando umas escadas de madeira pouco firmes. Brilhou uma luz algures lá em baixo.

— Somos nós — disse em voz baixa, antes de descer. Os outros seguiram-no cautelosamente.

Era uma cave. O ar quente e húmido cheirava a bafio, e a pedra das suas paredes parecia velha e a esfarelar-se à luz da lanterna. O homem que segurava a lanterna murmurava com Yugi quando Kaiku chegou à divisão. Era magro e ligeiramente descarnado, com rugas de preocupação na testa. O seu cabelo cortado curto estava a ficar grisalho, a caminho da quadragésima apanha.

O último homem a descer fechou o alçapão, trancando-os lá dentro.

— Estamos todos? Ótimo — afirmou Yugi. — Deixem que lhes apresente o homem que nos irá guiar o resto do caminho. Foram manifestadas dúvidas desde o começo sobre se um grupo de homens, e senhoras, como nós conseguiria sequer entrar na Fortaleza Imperial, quanto mais chegar junto da própria Imperatriz-Herdeira. Mas este homem fê-lo sozinho e sem ajudas; e aproximou-se o suficiente da pequena Imperatriz-Herdeira para cortar uma madeixa do seu cabelo. Este é Purloch tu Irisi.

Os cinco homens dos Libera Dramach soltaram exclamações de espanto. Kaiku e Tane, que nunca tinham ouvido falar dele, mantiveram o silêncio e trocaram olhares. Tane apertou o ombro de Kaiku para a tranquilizar.

Estava tão nervoso quanto ela, no entanto a presença dele fazia-a sentir-se um pouco mais segura, e isso agradava-lhe.

— Por aqui — disse Purloch, indicando um recanto sombrio na parede. Ergueu obsequiosamente a lanterna, e viram que fora aberto um buraco estreito através dela. — Os canos de esgoto da cidade vêm dar a esta cave.

Sobem igualmente a colina, e passam por debaixo da Fortaleza Imperial. Usei-os antes para entrar, muito embora desconheça se o descobriram e fecharam o acesso. Não me parece.

Ninguém vem aqui abaixo a menos que seja mesmo necessário. Um dos homens

aproximou-se do buraco e espreitou para o escuro.

— O que há ali em baixo?

— Não sei nem quero vir a saber — referiu Purloch. — Mas ouvi-os da última vez, quando me vinha embora.

— Ouviu o quê? — indagou o homem.

— Isso não importa — respondeu Yugi, bruscamente. — Acendam as vossas lanternas. Vamos descer. Minhas senhoras, peço de antemão desculpa pelo pivete, mas...

— Não seja idiota — ripostou Cailin, estragando-lhe a galantaria. — Não julgue que somos frágeis. Qualquer uma de nós conseguiria provocar um colapso no seu coração com um pensamento.

Yugi esboçou uma careta, mas havia nela um certo constrangimento, e não soube o que dizer durante uns brevíssimos instantes. Os seus olhos desviaram-se para Kaiku, avaliando-a de novo.

O que Cailin dissera não era rigorosamente verdade, pelo menos no que respeitava a Kaiku; mas fez Yugi hesitar.

— Nesse caso, com companhia tão agradável, esta viagem passará a correr! — declarou, recuperando admiravelmente.

O mundo subterrâneo húmido e frio dos esgotos urbanos não era um lugar onde Kaiku alguma vez imaginasse encontrar-se. O universo deles circunscrevia-se a um arco húmido de luz que curvava por cima das paredes do túnel lá à frente, e para trás ficava apenas um abismo negro que devolvia um campo de estrelas de minúsculos reflexos quando o bater da água ou os tijolos húmidos captavam a luz das suas lanternas. O fedor era indescritível. Tane vomitara quase imediatamente após entrar nos esgotos e continuava com ânsias frequentes mesmo depois de o seu estômago estar mais do que vazio.

Vários dos outros homens eram afectados de igual modo. Kaiku sentia-se permanentemente à beira de devolver a sua última refeição, mas não se sabe como o cheiro nauseabundo nunca chegou a fazer o seu estômago rebelar-se. Cailin parecia inafectada. Ninguém ficou surpreendido.

Os esgotos de Axekami eram uma rede de canais, represas e comportas, ladeados de amplos caminhos de pedra para uso dos trabalhadores dos esgotos. Com o tumulto lá em cima, confiavam que ninguém estaria a trabalhar esta noite; mas a ideia do que pudessem vir antes a encontrar não abandonava as suas mentes.

Kaiku não tirava os olhos de Purloch enquanto percorriam os caminhos húmidos com os efluentes escuros da cidade a passarem por eles. Estava manifestamente aterrado, os seus olhos deslocando-se para cada sombra, sobressaltando-se sempre que uma ratazana corria ou um pedaço de lixo na água vinha bater na beira do caminho. O que encontrara ali que tanto o assustava? Este homem penetrara

realmente na Fortaleza Imperial? E se sim, então porque estava disposto a fazê-lo de novo? O que o atraía à causa dos Libera Dramach? Foi enquanto meditava nestas perguntas que recordou as palavras de Mishani numa ocasião em que Kaiku lhe perguntara o mesmo durante o tempo no Recesso.

Basta olhares para ela e perceberás, Kaiku. Ela conquistar-te-á com um olhar.

O que era? Teria Purloch ficado tão sensibilizado com a Imperatriz-Herdeira? Seria realmente uma criatura tão transcendental?

Nenhum deles falou enquanto caminhou pela escuridão infinda dos esgotos. A existência diminuía para lá da circunferência da luz das lanternas deles, e os sons, ruídos e chapes irregulares das coisas doentias que viviam ali. Purloch guiava-os pela memória, levando-os pelas inclinações do terreno, pelos estrangulamentos, pelas finas pontes de metal. A náusea omnipresente que a sua envolvente provocava contribuía para o infortúnio deles, mas nada se podia fazer senão prosseguir.

Iriam caminhar até a alva aquecer a terra lá em cima, segundo os informara Purloch; mas era necessário estar de manhã no local indicado debaixo da Fortaleza, altura em que o plano seria posto em prática.

Kaiku estava cheia de dúvidas. Tane seguia diante dela, e os seus olhos passeavam-se pelo crânio rapado e pelas costas magras. A visão dele trouxe-lhe uma leve pontada de culpa. Atirara-se de cabeça para esta empresa sem saber no que se estava a meter; mas estava tudo bem, ela era mesmo assim. Sempre fora suficientemente rebelde e obstinada. Pelo menos suficientemente obstinada para se aventurar sozinha nas montanhas fustigadas pela tempestade. Na realidade, nunca chegara a ponderar as hipóteses de êxito, nem o fazia agora; não se coadunavam com a sua maneira de pensar. No entanto, a sua decisão de vir obrigara Tane a fazer o mesmo, e isso já era outra questão. Não era alheia ao que ele sentia por si.

Seguira-a desde a Floresta de Yuna, ficara a seu lado mesmo depois de descobrir que ela era a coisa que mais abominava. Via que ele a amava. E não podia negar o desejo que provocava em si.

Era algo arrebatador saber que bastaria uma palavra para o ter, que ele viria até à sua cama a uma ordem sua. E, no entanto, era um jogo perigoso, brincar com os corações dos homens, e a sua crueldade não chegava a tanto. Não estaria certo, não agora, não quando ainda se estava a aceitar tal como era, com o seu poder, com a sua nova vida como Aberrante, com Asara...

As lembranças daquela noite em Chaim fizeram-na corar. A paixão do momento fora avassaladora, mas fora por demais breve para a entender. Estonteada com a afirmação de Asara de que deveria libertar-se das restrições que os homens lhe tinham imposto, agira por um impulso desconhecido e subordinara-se a ele. Mas cedo de mais o momento fora interrompido por Mamak... não... pela terrível sensação que experimentara quando Asara a beijara naquele derradeiro momento, a

horrível fome dela, e como parecera que as suas próprias entranhas estavam a ser arrancadas.

Estava demasiado confusa para pensar no assunto agora. Tal como não ousava ponderar a sério as implicações do que soubera no mosteiro dos Tecedores. Era demasiado, demasiado, e sabia que se olhasse para tudo ao mesmo tempo ficaria acabrunhada. Iria pensar apenas no que tinha pela frente, dando um passo de cada vez. Era a única coisa que podia fazer.

Os seus pensamentos dispersaram e o sangue enregelou-se-lhe quando um ruído terrível cortou o silêncio. Por um momento, ninguém se mexeu.

Todos escutavam. Ouviu-se novamente, desta vez ecoando de um túnel diferente. Um guincho rangente, como o girar de uma roda há muito enferrujada.

— São eles — murmurou Purloch.

São o quê? — perguntou um dos outros homens. — Podia ser qualquer coisa. Um cano de esgoto... uma comporta a abrir-se...

Não — disse Cailin, em voz baixa. — Sinto-os. Vêm aí. Olhou para cima, passando os olhos pela fila até os deter em Kaiku.

Não podemos enfrentá-los aqui. Corram.

Um terceiro guincho foi a sua resposta, mais sonoro do que o último e mais próximo.

Purloch desatou a correr, as suas botas derrapando no chão escorregadio na pressa de fugir dali.

Os outros acompanharam-no de perto, correndo o mais depressa que ousavam. Os caminhos que seguiam ao longo do fluxo de água lamacenta pareciam agora repentinamente estreitos. A luz das lanternas oscilava descontroladamente à sua volta, incidindo nos olhos negros brilhantes de roedores e outras coisas menos identificáveis que dispersavam à aproximação deles. Começaram a ouvir-se os guinchos com maior frequência; sons inumanos e malévolos que não poderiam ter sido emitidos por algo natural. Repercutiam-se através do escuro, parecendo vir de todas as direcções em simultâneo. Kaiku pressentiu-os, uma sensação arrepiante na base do pescoço.

Demónios.

Shin-shinP, pensou, e foi tomada de um súbito pânico selvático.

Correram por umas escadas que subiam ao longo de uma série de quedas-d'água malcheirosas. Tane tropeçou e teve um vômito ao ascender, caindo de joelhos. Kaiku esbarrou nele por detrás, e imediatamente começou a puxá-lo para se levantar, o medo tornando-a bruta.

Ele avançou aos tropeções, emaranhando-se na espingarda às costas.

Os outros levavam já bastante vantagem, deixando Kaiku e Tane para trás, distanciando a luz. Nem Kaiku nem Tane traziam lanternas.

— Esperem! — exclamou, enquanto soltava o braço de Tane da alça da espingarda e o endireitava. Ouviu-se no escuro atrás deles uma cacofonia explosiva de uivos, agora aterradoramente próxima.

— Vamos! Subam! — gritou-lhes Yugi das escadas, e Tane conseguiu finalmente levantar-se e correr. Kaiku vinha mesmo atrás dele. Ouviu atrás de si um som de raspar, como se algo subisse as escadas, mas não se atreveu a olhar. A sua respiração saía em arfadas frenéticas, e Tane não se conseguia mover com rapidez suficiente para ela.

Foram ter a uma câmara grande em forma de estrela de onde partiam cinco túneis. A água aqui era pouco profunda e no centro do chão via-se um grande cano redondo, as suas ripas ferrugentas abertas para absorverem a água putrescente. Devido à orientação do cano e à forma como o solo de pedra dura se erguia aqui, a água dava-lhe apenas pelas coxas.

Havia um caminho estreito que seguia pela extremidade da câmara, mas os intrusos tinham-no já abandonado, reunindo-se na água, à volta do cano, de costas uns para os outros.

Os gemidos rangentes ecoaram à volta deles, vindos das bocas escuras dos túneis. Kaiku e Tane correram ruidosamente pela água e reuniram-se aos outros, Tane com novas ânsias do toque frio do efluente e da imersão nos detritos humanos que lhe encharcava as pernas. E depois, como um só, os gemidos cessaram. Fez-se silêncio, à excepção da agitação da água à volta dos pés deles.

Purloch começou a murmurar uma prece de si para si. As espadas e as espingardas estavam a postos, todos os olhos nos cinco corredores. A luz das suas lanternas pareceu diminuir, lembrando-lhes a fragilidade da margem de visão que lhes era permitida. Se as lanternas caíssem ou se apagassem, ficariam na infinita escuridão, e nada os poderia então salvar.

Kaiku apercebeu-se de que tremia. Não de frio, mas da tensão. O seu kana permanecia quieto dentro de si, reprimido pelo método que Cailin usara para a impedir de constituir um perigo para os outros; mas, naquele momento, desejou pelo menos recorrer a ele. A algo, algo que lhe fosse útil contra as coisas que sentia arrastarem-se à beira da luz.

Aquilo ergueu-se lentamente da água diante dela, mesmo dentro da boca do túnel de onde tinham vindo. Uma forma negra, esfarrapada, curvada, com o seu cabelo imundo pendendo sobre o rosto, escorrendo água pútrida. Dentro das suas vestes bafientas, as mãos estavam enclavinadas em garras brancas, exangues e sarnentas. Um único olho brilhava por detrás da cortina eriçada de cabelo, fitando Kaiku com um olhar paralisante. Solto uma longa exalação ruidosa.

— O deuses! Também está um aqui! — exclamou alguém, e Kaiku desviou a atenção por um momento para olhar para a segunda criatura que surgira a coxear à

luz, vinda de outro túnel. Esta era emaciada e esquelética, um cadáver meio apodrecido com o maxilar inferior apenas preso de um lado, e mantido junto por umas tiras de carne em decomposição. Avançava às sacudidelas, a cabeça oscilando, mas a luz intensa nos seus olhos nem por uma só vez largou as pessoas reunidas no centro da câmara.

— O que são estas coisas malditas? — murmurou Yugi.

— Maku-sheng — respondeu Cailin. — Os espíritos da água suja. Apanharam os mortos que encontraram aqui em baixo e apropriaram-se deles.

— Outro! — exclamou alguém. Era grotescamente gordo e estava nu, um lado do ventre uma ferida verde aberta através da qual era possível ver o movimento putrefacto dos seus intestinos no meio do fluido.

— E aqui!

— Aqui também.

Estavam cercados. Os demónios não fizeram menção de se aproximar, olharam-nos apenas sinistramente. Um murmúrio pareceu percorrer a câmara, um sussurro sibilante. As criaturas conversavam num tom fora do alcance do ouvido humano. Kaiku tremia agora descontroladamente.

De repente, o demónio de cabelo comprido ergueu uma mão enegrecida e apontou, partindo dele um uivo lancinante. O seu cabelo afastou-se-lhe do rosto, e Kaiku vislumbrou uma face horrível e enrugada, carne pendurada e compridos dentes podres; depois os demónios atacaram.

A toda a volta deles, as criaturas chegaram pelos túneis, irrompendo das trevas e lançando-se na câmara, avançando aos ressaltos e sacões enquanto os seus músculos atrofiados os levavam para dentro.

A espingarda de Yugi foi a primeira a estrondear, o disparo da sua arma ecoando em todas as direcções através dos esgotos. A cabeça do maku-sheng gordo explodiu num estilhaçar húmido de fragmentos de osso e fluidos coagulados, e ele caiu para trás na água. Aqueles que seguravam lanternas puxaram das espadas, fazendo-as descer sobre a maré de carne morta em avanço, cortando sem esforço medula e tendões.

As criaturas há muito putrefactas separaram-se debaixo dos gumes das espadas, caindo à água; mas logo a seguir as mesmas criaturas que tinham cortado ao meio voltavam a atacá-los, avançando pela água escura enquanto as suas pernas cortadas se contorciam em vão atrás delas.

— Eles não vão desistir! — exclamou alguém, e um momento depois gritou quando uma das coisas caiu sobre ele, os dentes cravando-se-lhe na garganta. O seu grito tornou-se um gorgolejo e a sua lanterna caiu na água com um silvo. A luz diminuiu um pouco na câmara, encobrindo mais as formas separadas que os rodeavam.

Kaiku pegou apressadamente na espingarda e disparou sobre o demónio de cabelo comprido que avançava para ela, mas o tiro não saiu.

A pólvora ficara demasiado húmida para acender. Mostrando os dentes medonhos, o demónio precipitou-se para ela, e depois Tane estava lá com um grito, a sua espada cravando-se fundo no peito da criatura.

Kaiku recuou atabalhoadamente, deixando cair a espingarda à água e soltando a sua própria espada; mas o demónio afastava-se já com um grito, partindo a lâmina de Tane com a torção do seu corpo.

Recuou alguns passos, os seus olhos brilhando de malícia, e um instante depois outro deles irrompeu da água, mesmo à frente de Tane. Mãos frias agarraram-no, e dentes tortos cravaram-se na carne da sua perna.

Gritou de agonia, retrocedendo a cambalear e batendo com o que restava da lâmina da sua espada; mas, apesar de cortar a maior parte da garganta da coisa morta, ela continuava a não o largar, atacando-lhe a coxa e sacudindo o bocado de carne que tinha na boca. A espada de Kaiku pareceu vencer o pânico do seu punho, e, sem saber como, conseguiu fazê-la descer sobre as omoplatas da coisa, cravando-a com força suficiente para a obrigar a soltar um grito involuntário e soltar Tane. Quando chapinhou debaixo de água, Tane ergueu a perna ferida e pisou-lhe a cabeça, esmagando-lhe o crânio contra o chão numa agitação nojenta de fluido escuro.

Kaiku sentiu o movimento da Teia à sua volta, e apercebeu-se de repente que Cailin entrara na refrega. Os seus olhos estavam de um vermelho-escuro sulfuroso, anunciando o uso do seu poder de Aberrante.

Três dos maku-sheng foram pelo ar esmagando-se flacidamente contra a parede da câmara, arremessados pelo kana dela. As criaturas circundantes recuaram, guinchando, depois atacaram com redobrada fúria no momento seguinte. O grupo de defensores à volta do centro da câmara desfez-se sob o ataque, indo cada um para seu lado. A luz das lanternas desviou-se de Kaiku, mergulhando-a na escuridão.

Algo a atacou; ela parou-o, e sentiu um jacto de algo frio e malcheiroso na face quando a sua espada se cravou na carne morta. Recuando horrorizada, tropeçou na cobertura do cano no meio da câmara.

Seguiu-se um momento de repugnante inevitabilidade, e depois sentiu o equilíbrio abandoná-la e cair. A água fria e poluída fechou-se à volta da sua cabeça com um chape.

Debateu-se, sem respirar, e cortou a superfície por ínfimos segundos; mas depois o demónio de cabelo comprido estava sobre ela, as mãos ásperas na sua garganta, empurrando-a na direcção da negrura sem luz.

Não tinha fôlego para gritar. Pontapeou e bateu, mas a força que pressionava para baixo era demasiado forte e implacável. Foi tomada de um pânico animal. Os seus pulmões ardiam, procurando ar que não havia.

A inconsciência invadia-lhe os cantos da visão, um manto brilhante que avançava mais e mais em direcção ao centro. Tinha muito pouca percepção dos sons debaixo de água, o chapinhar e murmurar da sua própria resistência a enfraquecer, o ruído de um tiro de espingarda, o som de uivos quando Cailin aniquilou outra série de demónios. Mas estava tudo a sumir, a recuar, e conseguia ver de novo a Teia por detrás dos seus olhos, o caminho brilhante que em tempos a conduzira aos Campos de Omecha e ao guardião Yoru, e a levava até ao Portão mas não mais.

Talvez fosse desta, pensou, quando os seus esforços cessaram... talvez fosse desta... que se pudesse reunir ao irmão do outro lado...

Mas na Teia do seu corpo algo se agitava, se debatia. Um nó a desfazer-se. A consciência abandonou-a, mas algo ainda estava acordado lá dentro, a lutar e a torcer-se, puxando pelas fibras do trabalho artístico de Cailin. O seu kana fora aprisionado e reprimido, mas não vencido. Mesmo quando o cérebro de Kaiku aceitou a sua morte, a criatura dentro dela combateu-a, soltando os elos freneticamente, até se libertarem com um estalo...

— Kaiku! — exclamou Tane. Andara desesperadamente à procura de sinais dela, tendo-a perdido no caos da batalha; mas só restava uma lanterna, agarrada como um tesouro por um dos homens dos Libera Dramach, e a luz mal dava para ver à periferia da luminescência. Então os olhos dele fixaram-se no demónio, curvado sobre a água, empurrando algo com força; e avistou a mão flácida a flutuar à superfície ao lado dele. Com um grito de angústia, atacou a coisa. Ela ergueu a cabeça, alarmada, mas naquele momento o kana de Kaiku conseguira finalmente soltar-se. Tane caiu para trás, protegendo o rosto, enquanto o demónio gritava e explodia. As chamas do fogo lançaram luz amarela sobre a água escura. A estrutura flamante e estoirada da criatura recuou alguns passos, animada por alguns fragmentos de vida que restavam; depois vacilou e mergulhou nas águas com um silvo.

Os outros maku-sheng guincharam de novo, tendo sentido a força da explosão. Tane ignorou-os, levantando-se e avançando para Kaiku. Arrastou-a do fedor e da imundície, e o seu rosto surgiu pálido, os olhos abertos fixos, carmesins e sem verem, o cabelo colado às faces.

— Ela não! Não! — gritou, apesar de não saber a que deus ou aspecto do destino dirigia a sua rejeição. Embainhou a espada partida, ignorando os demónios que enchiam a escuridão, e prendeu os braços debaixo das axilas de Kaiku, puxando-a através da água para o caminho à beira da câmara.

Cailin era medonha de se ver à luz trémula da única lanterna, o cabelo preto em desalinho e os olhos vermelhos ardentes. Ela própria parecia um demónio. Agitou sucessivamente os braços, enviando o seu kana a correr pelos fios da Teia para cortar, atar e torcer, despedaçando os corpos dos maku-sheng. A cada um que

destruía, sentia o espírito do demónio a fugir invisivelmente do cadáver agora inútil, ondulando pela água imunda em busca de um novo hospedeiro. Yugi lutava estolidamente ao lado dela, protegendo-lhe a retaguarda, a sua espingarda disparando sucessivamente, voltando a carregá-la entre cada tiro com uma rapidez incrível. E depois um único uivo penetrante partiu da matilha de demónios.

Suspenderam o seu ataque, retirando-se para uma distância segura dos defensores amontoados, fitando-os das sombras com os seus olhos brilhantes.

Os murmúrios recomeçaram, muito embora as bocas não se movessem. Yugi manteve o dedo tenso no gatilho, Purloch encontrando-se perto dele. Quatro dos cinco homens dos Libera Dramach boiavam no meio da massa pútrida de cadáveres novamente mortos. O último, um homem mesmo na flor da idade chamado Espyn, segurava alto a lanterna e mantinha em riste a sua espada raiada de sangue coagulado, mas a ponta tremia visivelmente. Deu-se uma agitação, e os demónios recuaram, passando da luz para a sombra tão suavemente como tinham chegado, sendo engolidos pelos túneis à volta da câmara.

Numa questão de momentos, tinham desaparecido. Yugi soltou um suspiro entrecortado.

— Foram-se? — perguntou a Cailin.

— Hão-de voltar. Não deveríamos estar aqui quando o fizerem. — Ergueu subitamente o olhar ante um movimento e viu Tane a puxar Kaiku para o caminho à beira da câmara. — Deuses — proferiu em voz baixa, e avançou o mais rapidamente possível pela água à altura da coxa. — Espyn!

Traz a lanterna! — ordenou, e ele correu a obedecer.

Os lábios de Kaiku estavam roxos, os seus olhos vermelhos vítreos, o cabelo liso e encharcado. Tane levou a mão à sua boca aberta e retirou-lhe da garganta alguns detritos não identificáveis quando eles chegaram, a pressa e o medo deixando-os em pânico.

— Ela respira? — perguntou Purloch, deitando olhares rápidos aos túneis atrás deles não fossem alguns dos maku-sheng voltar.

— Ela escapou ao meu condicionamento, atravessou as minhas barreiras — referiu Cailin, com algo semelhante a espanto na voz.

— Ó vida, ela possui um talento maior do que eu supunha. — Olhou para Tane. — Sem o controlo consciente dela, o seu kana rebelar-se-ia se eu tentasse algo. Matá-la-ia. — Não percebeu a ironia da sua afirmação, mas ninguém estava com vontade de gracejar.

— Nesse caso, fá-lo-ei — replicou Tane. Cruzou as mãos e carregou no peito dela com a parte de trás do pulso, depois levou os lábios aos dela e soprou-lhe ar para os pulmões. Quão cruel que fosse assim, pensou; o seu primeiro beijo, tão frio e de travo tão horrível e desapaixonado. Mas depois pressionava-lhe novamente o

peito, comprimindo, respirando, comprimindo, respirando, enquanto os outros olhavam para ele como se estivesse louco. Nenhum deles conhecia a técnica de reanimação de vítimas afogadas, mas Tane aprendera-a há muito com os sacerdotes de Enyu. — Acorda, por amor dos deuses! — gritou-lhe, voltando a fazer pressão. — O teu caminho não chegou ao fim! Fizeste uma jura. Uma jura. — Novo sopro, insuflando vida quente nos seus pulmões alagados. Depois pressionou.

— És demasiado obstinada para morreres desta maneira! — exclamou.

E como se o próprio Omecha tivesse estendido a mão e tocado na mulher morta lá em baixo, ela estremeceu e voltou à vida, virando-se de lado e vomitando água biliosa dos esgotos para o caminho.

Teve várias ânsias mais, limpando-se agonizantemente, enquanto Tane ria e as lágrimas lhe escorriam pelo rosto e glorificava os deuses. Yugi bateu-lhe nas costas, felicitando-o, chamando-lhe milagreiro.

As ânsias de Kaiku foram diminuindo gradualmente, e ficou a arfar qual peixe fora de água, fraca mas incólume.

Cailin abanou a cabeça, perplexa, um sorriso nos lábios, e perguntou-se quantas vidas restariam à sua potencial aprendiz.

A alva chegou, e a batalha continuava intensa.

As forças dos Sangue Kerestyn tinham feito poucos progressos na tentativa de abrir brechas nas muralhas. Os poderosos portões ocidentais estavam fechados para eles, e as suas escadas eram repelidas sucessivamente.

CAPÍTULO 30.

Se enfrentassem apenas os Guardas Imperiais, poderiam ter esmagado os defensores pela mera força do número; mas estavam a contar que os guardas se encontrassem ocupados a reduzir ao mínimo os tumultos na cidade. Ao invés, uma grande porção dos habitantes da cidade unira-se em defesa da sua terra, pouco se importando com a política neste caso. Quaisquer que fossem os seus sentimentos em relação à Imperatriz-Herdeira, era uma questão de orgulho que a ninguém fosse permitido invadir Axekami, e por esse motivo o número dos defensores engrossara imenso.

Grigi tu Kerestyn bufara de frustração ao longo da noite, e redobrava os seus esforços de ataque quando o olho de Nuki espreitara por cima do horizonte, mas as forças dos Sangue Batik marchavam rapidamente de leste, e alcançariam a cidade antes de anoitecer. Uma vez lá, seriam inamovíveis, e a segurança dos Sangue Erinima ficaria garantida.

Anais estava sentada no trono ao lado do marido, gelidamente calma. O sol entrava pelas janelas altas sem persianas da sala, um calor sufocante e insuportável apesar de a manhã mal ter começado.

Os serviços abanavam o ar com grandes velas ornamentais, mas de pouco servia; os Guardas Imperiais transpiravam e sentiam imenso prurido dentro das armaduras de cerimónia em metal. As flâmulas roxas e brancas dos Sangue Erinima pendiam indolentes junto às paredes. As braseiras libertavam fumo perfumado.

Durun estava de péssimo humor. Andara na pândega a noite passada. A Imperatriz estivera a lutar pela sobrevivência da sua família, organizando tácticas, analisando relatórios e ele refugiara-se na bebida.

Viera à cama dela, mas fora rejeitado. A lembrança da acesa discussão que tinham tido, combinada com o calor da manhã, a ressaca dele e o fato de ter sido acordado tão cedo e arrastado para a sala do trono, tudo contribuía para o tornar mais irritável do que o habitual.

As portas abriram-se e o Camareiro-Mor anunciou:

— A Senhora Mishani tu Koli do Sangue Koli.

Ela entrou com um vestido azul-escuro, a imensa extensão de cabelo presa com faixas de couro de cor condizente. As suas feições magras e pálidas estavam compostas na sua máscara palaciana, serenas e não deixando transparecer nada. Caminhando atrás dela e de um dos lados vinha Asara, vestida de branco simples, as mãos cruzadas diante de si à maneira de uma criada particular. As madeixas vermelhas que tinham corrido pelo seu cabelo preto desapareceram, pois eram demasiado aparatosas para alguém numa posição tão humilde; e mudara

habilidosamente a palidez da sua tez para atenuar a extraordinária perfeição das suas feições. Seguiam pelo caminho de lach com motivos decorativos que conduzia aos tronos de madeira em espiral e metal precioso, onde a esbelta e loura Anais estava sentada ao lado do marido alto, austero e de cabelo preto, que vestia todo de negro.

— Tem cá um topete, Mishani tu Koli — disse Durun, antes de serem feitas quaisquer saudações formais.

Os olhos de Mishani viraram-se para ele. Não aflorou ao seu rosto nenhum do espanto genuíno ante a grosseria dele.

— Imperatriz do Sangue Anais tu Erinima — disse, fazendo uma vénia. Depois dirigiu-se a Durun, com uma vénia mais pequena: — Imperador Durun tu Batik. Posso saber qual o motivo de a minha presença vos causar tamanha ofensa? — Usava o modo saramírico reservado apenas ao Imperador e à Imperatriz, mas o de Durun era ligeiramente menos cortês.

Anais olhou-a com frieza do seu trono no palanque.

— Não entre em jogos, Mishani. Somente devido às circunstâncias especiais que este dia reveste é que acedi a recebê-la. Diga ao que veio.

Isto estava errado, pensou Mishani de si para si. Muito errado mesmo. Estava a acontecer algo aqui que ela desconhecia. A sua visita à Imperatriz era manifestamente amigável, muito embora o seu verdadeiro propósito fosse mais complexo. Pedira para ver Anais imediatamente após a sua chegada, passando por cima das habituais cortesias, porque era essencial ao plano dos Libera Dramach que ela não estivesse com Lúcia esta manhã. Ficaria tudo estragado se a Imperatriz e o seu séquito actual se encontrassem presentes quando tentassem raptar a criança; porque o segredo era o aspecto mais importante desta operação, e ninguém deveria saber quem eram os responsáveis.

Todos os demais teriam uma justificação, mas não a Imperatriz; se ela decidisse visitar Lúcia hoje, o rapto seria impossível. Haveria demasiados guardas. A função de Mishani, usando o seu nascimento nobre como escudo, era essencialmente de isco. Mas o que fizera ela para justificar tamanha hostilidade? Não augurava nada de bom.

— Vim oferecer-vos a minha fidelidade — disse. Durun soltou uma sonora gargalhada, mas ela ignorou-o. — Da última vez que vos visitei e a Lúcia, as minhas intenções eram obscuras. E apesar de saber que o meu pai se vos opôs e se aliou a Sonmaga tu Amacha, gostaria que soubésseis que podeis contar com todo o meu apoio. Por favor, perdoai a urgência desta audiência, mas pedi para me receberdes para que vos pudesse dizer isto antes de a balança deste conflito se desequilibrar.

Para onde quer que penda, vós e a vossa filha tendes a minha lealdade.

— A sua lealdade — exclamou Durun, incrédulo, levantando-se. — Deuses, ainda devo estar bêbedo! Está aqui a filha de Koli a oferecer-nos o seu braço direito forte,

quando o pai ainda nem há um dia traiu Sonmaga e neste momento ataca as muralhas da nossa cidade! O que sabe de lealdade? Você mesma está a trair o seu pai indo contra a vontade dele! O mesmo sangue traiçoeiro dele corre nas suas veias.

O que tem a oferecer-nos, Mishani? Irá mandar o seu pai desistir do ataque a Axekami?

Responda-me! O que vem propor-nos?

Mishani ficou abalada. Percebia agora, visualizando de imediato a situação. Enquanto o pai estivera do lado de Sonmaga, defendera essencialmente a cidade mantendo afastados os Kerestyn. Se nada houvesse mudado durante a sua estada no Recesso, Anais teria aceite a sua amizade de boa vontade. Não era preciso mais nada. Mas neste momento os Libera Dramach encontrar-se-iam dentro da Fortaleza à procura da Imperatriz-Herdeira. Se tudo tivesse corrido de acordo com o plano.

Mas nada obedecia ao plano. Mishani não tivera conhecimento da aliança secreta entre a sua família e os Sangue Kerestyn; o pai ocultara-lhe esse fato.

Ele era um dos invasores, e ela continuava a ser filha dele aos olhos do mundo. Acabara por se ir meter na boca do inimigo. Olhou à sua volta com nervosismo e viu o Barak Mos ao lado do estrado, os braços cruzados sobre o peito largo, observando-a.

— Fale, Mishani tu Koli — ordenou Anais, a sua voz irada e severa. — Porque veio até nós desta maneira?

Mishani disse a única coisa que podia.

— Os actos do meu pai envergonham-me — respondeu. Ajoelhou e fez uma profunda vénia, o cabelo caindo-lhe sobre o rosto, numa súplica abjecta. Asara seguiu automaticamente o exemplo dela, como competia a uma boa criada particular. — E envergonham os Sangue Koli. Por um lado, sou leal à minha família; por outro, à minha Imperatriz. Quando soube das intenções dele, virei-lhe as costas.

Apesar de ser meu pai, é um homem sem honra. Coloco-me à vossa mercê. Apoiaria a vossa filha contra tudo e contra todos, pois, apesar de ser Sangue Koli pelo nome, agora estou para sempre separada deles.

Anais levantou-se, uma expressão de incredulidade no rosto. — Devia sabê-lo, Mishani. O destino de uma família nobre está firmemente ligado. Os crimes do seu pai são também os seus crimes até a vingança ser reclamada. — Abriu as mãos. — Devia sabê-lo — repetiu, quase como quem pede desculpa.

Mishani sabia-o. Que partida tão injusta dos deuses, colocá-la nesta situação. Poderia ter sido tão fácil e civilizado, uma simples manobra de diversão; teria partido antes de a Imperatriz chegar sequer a dar pela falta da filha. E agora... agora...

Anais abanou a cabeça, pesarosamente.

— Nunca irei entender o que lhe deu para vir aqui, Mishani. Sempre foi arguta e

implacável nos jogos da corte. — Voltou a sentar-se e fez sinal com a mão aos guardas. — Matem-nas.

Os olhos de Kaiku abriram-se com o som de um ranger de metal. Sobressaltou-se, despertando de um pesadelo com os maku-sheng, sonhando com os seus gritos horríveis semelhantes ao chiar de portões enferrujados ecoando pelos esgotos. Tane agarrou-a, os braços à volta dos ombros dela.

— Acalma-te — murmurou-lhe. — Acalma-te. Foi apenas um sonho.

Ela relaxou nos braços dele, escutando as pulsações abrandarem. Gradualmente, a envolvente voltou a fazer sentido para ela. Estavam numa pequena antecâmara húmida e fria, iluminada pela única lanterna que se encontrava a um canto.

A divisão fedia das roupas deles encharcadas dos esgotos, e Kaiku sentia um travo horrível na garganta que não queria passar. Molhados e desanimados, os outros estavam a pôr-se em pé quando Kaiku acordou, preparando-se para partir. Não se lembrava de ter adormecido. Mas lembrava-se da língua fria da água do esgoto a descer à força por ela, e dos olhos brilhantes da coisa que a mantinha debaixo de água...

Ouviu-se novamente o rangido, e apercebeu-se de que era o som de uma chave. A porta que lhes bloqueara o caminho estava a abrir-se. Chegara o momento de partir.

Recordou uma discussão, algures nas profundezas negras por detrás deles. Uma conversa sobre o que fazer com os mortos. Yugi não os queria deixar para os maku-sheng se apoderarem; mas também não os podiam trazer. Pareceu-lhe que tinham acordado separar-lhes as cabeças dos corpos para que os espíritos-demónios não os pudessem habitar, apesar de isso poder ter sido também um pesadelo.

Tane sugerira levá-la de volta, mas algo a fizera protestar que estava em condições de continuar, e de qualquer forma isso era um aspecto discutível. Havia uma única lanterna, e essa ia para a Fortaleza.

Os maku-sheng não tinham voltado a incomodá-los. Ficaram saturados do poder de Cailin, e dispersado em busca de presas menos combativas. Kaiku caminhara vacilante, sustentada pelos ombros tensos de Tane, seguindo a luz como uma borboleta. Ele próprio coxeava ligeiramente, devido à dor provocada pela dentada na perna por uma das coisas medonhas; mas a dentada não era muito grave, e ele atara-a bem.

Kaiku lembrava-se pouco do resto da viagem, apenas de um cansaço e de uma infelicidade generalizados à mistura com momentos esporádicos de pesar. Quando chegaram à antecâmara onde acordara agora, Cailin declarara que ainda era cedo.

— Sugiro que durmam — murmurara. — De manhã, se tudo correr bem, o líder dos Libera Dramach encontrar-se-á connosco. Ele conduzir-nos-á.

Tane manifestou a sua curiosidade, pois Cailin mencionara-o já diversas vezes, e sempre se recusara a revelá-lo com receio de o pôr em perigo.

— Agora já não importa — disse ela. — Pois, a partir de hoje, todos os enganos terminarão. — E no entanto, apesar de tudo isso, ainda não lhes dissera o nome dele.

Kaiku dormira, mas as poucas horas sob o poder do olvido tinham parecido apenas momentos. E agora Tane punha-a em pé e fazia-lhe perguntas sem nexo, querendo saber como se sentia.

Mas Tane é que parecia estar a sofrer mais do que ela; apresentava-se pálido e trémulo, a sua pele da cor da cera e os olhos brilhantes da febre.

Estava doente, tendo apanhado alguma infecção devido à água suja dos esgotos ou à mordedura do maku-sheng. Kaiku achou que até certo ponto fora um milagre ela própria não ter sucumbido — depois de engolir uma boa quantidade de efluente quando se estava a afogar nele, — mas duvidava que qualquer doença conseguisse sobreviver à acção do seu kana através do corpo, e atribuiu-o a isso.

Além do mais, sentia o corpo todo dorido e consumido, pelo que seria incapaz de se aperceber sequer de que se encontrava doente; era impossível sentir-se pior do que já estava.

A fechadura da porta de ferro correu ruidosamente e ela abriu-se, fazendo com que a luz de uma nova lanterna se misturasse com a da deles. A segurá-la estava um homem de meia-idade, alto e espadaúdo, com uma barba branca rente e cabelo puxado para trás.

— Cailin. Yugi — disse, à guisa de saudação. — O que aconteceu aos outros?

— Tivemos problemas — respondeu Yugi. — Que bom vê-lo.

— Venham — instou o desconhecido, e assim fizeram. Fechou a porta de ferro atrás deles.

Estavam numa cave húmida e fria que cheirava a desuso, a bafio e estava cheia de teias de aranha.

Inspeccionou as pessoas de aspecto pouco recomendável que estavam diante de si. Restavam seis dos dez iniciais que tinham entrado nos esgotos. — Vamos para a frente com o plano — disse ele. — A vossa nobre amiga entrou na Fortaleza em segurança esta manhã. Neste preciso momento a Imperatriz e o idiota do seu marido devem estar reunidos com ela na sala do trono. A Imperatriz-Herdeira passeia pelos jardins no terraço, como de costume. Tenho a postos roupas de serviçais, e há um sítio onde se podem lavar. O vosso estado despertaria a atenção dos guardas em menos de nada. — Olhou para Kaiku. — Esperava apenas uma mulher. As minhas desculpas. Terão de se governar com o que há.

Kaiku ficou demasiado aliviada à menção de Mishani para responder com mais do que um aceno. Esquecera-se da sua amiga durante os horrores dos esgotos, e apesar de ela ter a tarefa mais segura de todas, Kaiku não pôde deixar de se preocupar.

— Não reconheço alguns de vós — disse o homem. — Deixem que me apresente então. Sou Zaelis tu Unterlyn, professor particular da Imperatriz-Herdeira. Sou

também o fundador dos Libera Dramach, e seu líder, se se pode afirmar que o tenham. — Pareceu ir dizer algo mais, explicar-se em benefício daqueles que não o conheciam, mas reconsiderou.

— O tempo urge. Venham comigo — pediu, e eles foram.

Tudo indicava estarem numa parte velha e em desuso das masmorras da prisão; um lugar há muito esquecido, a avaliar pelo seu aspecto. Tane perguntou-se há quantas centenas de anos estaria trancado, quantos Imperadores e Imperatrizes desconheciam a pequena porta de ferro inócua que conduzia aos esgotos. O tempo era quem mais apagava da memória. Olhou para Purloch, e maravilhou-se por este homem ter descoberto tudo, ter conseguido atravessar sozinho estes esgotos, sem guia, e não só entrara na Fortaleza como descobrira uma maneira de chegar perto do seu tesouro mais bem guardado.

Purloch sentia manifestamente que estava a forçar demasiado a sua sorte ao levá-los até ali; mas não deixara de fazê-lo, por Lúcia. Sentia que lhe devia isso. Apesar de Tane não o saber, culpava-se por ser o autor da calamidade que se abatera sobre Saramyr. Aceitara o dinheiro de Sonmaga e denunciara Lúcia pelo que era; mas agora o peso da sua culpa dilacerava-o todas as noites. Não conseguiria viver bem com a sua consciência se aquela criança serena e sobrenatural morresse por causa da sua ganância.

Zaelis levou-os até um pequeno espaço escuro que servira de balneário de guardas e prisioneiros. Dois chuveiros rudimentares faziam jorrar água, salpicando as lajes de pedra preta lisa. Havia roupas amontoadas num suporte baixo a um canto.

— A água ainda corre, como podem ver. Consegui pô-los a funcionar; infelizmente não os posso voltar a fechar. Sejam rápidos — instruiu Zaelis.

Tomaram duche aos pares, as mulheres primeiro. A água estava morna e limpa, aquecida pelo sol através dos canos lá em cima. Assim que retiraram o máximo de sujidade que podiam, Kaiku vestiu as roupas de um serviçal enquanto Cailin se trajava mais adequadamente. Kaiku não estava minimamente preocupada. Tanto vestia roupas masculinas como femininas, e duvidava que isso fosse suscitar algum comentário.

Envergando umas calças cinzentas simples e uma camisa solta — cingida da direita para a esquerda à maneira feminina, — saiu do balneário parecendo razoavelmente limpa.

Os outros tomaram duche e vestiram-se e Zaelis indicou-lhes que deixassem ficar as armas que não pudessem esconder. Gerou-se alguma consternação, mas Zaelis silenciou-os com um olhar irado.

— Os serviçais não andam com espadas e espingardas! — ripostou. — O nosso objectivo é a acção furtiva. Se houver uma luta no coração da Fortaleza da

Imperatriz, duvido muito que algum de nós lhe sobreviva, com armas ou sem elas. Purloch ficará a guardá-las.

Kaiku olhou para o ladrão escalador, que parecia quase envergonhado por ficar. Mas cumprira a sua parte; introduzira-os na Fortaleza, e não se iria arriscar mais. Zaelis poderia chegar mais facilmente do que ele aos jardins no terraço. Além disso, era o seu guia para saírem da Fortaleza, e demasiado valioso para se perder. Aguardaria aqui, e levá-los-ia quando chegasse o momento, de novo através dos esgotos, até à liberdade.

Os seis que ficaram saíram da parte da prisão desusada, subindo finalmente por uma grade grande que os levou a um armazém cheio de frascos de comida seca. A grade fora colocada ao nível do chão, escondida atrás de uma pilha de sacas a um canto. Kaiku desconfiou que a entrada para a velha prisão fora construída há muito tempo, mas que esta saída dissimulada sobrevivera.

— Para lá deste ponto são serviçais — instruiu Zaelis. — Comportem-se como tal. A minha presença será suficiente para evitar as perguntas.

E dito aquilo levou-os para fora do armazém e para dentro da Fortaleza.

Por detrás da sua máscara de bronze, os olhos míopes do Tecedor-Mor Vyrrech abriram-se de repente.

Estava nos seus aposentos. Um chacal escanzelado deambulava por perto, mastigando os bocados que conseguia encontrar. Vyrrech pedira para lhe trazerem um chacal fazia agora dois dias; mas não se conseguia lembrar por que motivo. A criatura astuta conseguira manter-se viva enquanto aprisionada ali, escapando às suas garras. Desconfiava que ele fora trazido para detectar aquela coisinha especial escolhida a primor, que continuava escondida algures ali perto, mas que acabara por não se revelar um dos seus passatempos mais sensatos.

Fazia agora semanas que não via a moça, e estava razoavelmente seguro de que não a matara. Continuava a encontrar sinais dela de tempos a tempos, objectos mudados do lugar certo, comida que desaparecia.

Encontrava-se em alguma das muitas divisões do domínio de Vyrrech, procurando uma saída e não encontrando nenhuma. No entanto, como era astuciosa, para ter ficado escondida todo este tempo. Quase a respeitava.

Outro estranho estremecimento na Teia e Vyrrech lembrou-se do que o despertara. A preocupação estampou-se no seu rosto malformado, apesar de a expressão ser irreconhecível nas feições distorcidas da longa exposição ao pó da pedra mágica na sua máscara. Desde a alva que estava preocupado, estendendo a sua consciência insuficientemente pela Fortaleza. Estavam aqui em jogo muitos elementos e ele superintendia-os a todos. Era vital que estivesse preparado para corrigir o mais pequeno deslize nos acontecimentos deste dia, pois deles dependia o futuro dos Tecedores. Ao cair da noite, a posição dos Tecedores estaria assegurada.

E, no entanto, aconteceram movimentações. A noite passada sentira uns puxões na Teia, uma coisa estranha, como um passo de outra aranha na extremidade da sua urdidura. Era leve, esta perturbação; demasiado leve para ser um colega Tecedor. Encontrava-se a dormir na altura, e acordara com lentidão, pois estava cheio de raiz de amaxa que fumara na noite anterior numa ânsia pós-Tecedura.

Quando ficara em condições de a procurar, aquilo diminuía e desaparecera.

Não imaginava o que pudesse ser, mas estivera próximo. Deixou-o preocupado.

Voltou a sentir algo neste momento. Muito mais leve desta vez, mas como andava afanosamente à sua procura houve um frémito de reconhecimento; e com ele um medo súbito.

O que quer que perturbara a Teia a noite passada estava dentro da Fortaleza. E não era a Imperatriz-Herdeira.

Voltou a fechar os olhos, mergulhando de novo na Teia. Procurou pelos fios finos, enviando a sua consciência, buscando, sondando; depois, como uma anémone ao toque de uma mão, a presença fechou-se e desapareceu.

Sentira-o, e escondera-se.

Vyrrech apercebeu-se de que a sua pele estava a ficar pegajosa. Algo que não era um Tecedor a manipular a Teia? Impossível! Nem sequer Lúcia era capaz de manipular a Teia da mesma maneira que um Tecedor; os poderes dela eram mais subtis, menos directos.

Mas ele sentira-o. E o que quer que fosse sabia que ele andava à sua procura.

Subitamente, o alarme apoderou-se dele. Só podia existir uma explicação. Fosse lá o que fosse, fora enviado para o contrariar, para interferir nos seus planos! Se não era um artifício dos Tecedores, então tinha de ser um inimigo. Procurou-o freneticamente, mas desaparecera qual fantasma.

A sua decisão foi imediata. Na Fortaleza, os últimos bombistas aguardavam com os engenhos que tinham construído. Serviçais e ajudantes, as suas mentes distorcidas gradualmente à maneira do exército que Unger tu Torrhyc chefiara, as suas bombas escondidas em cestos, dentro de armários, em respiradouros ou presas aos seus corpos.

Não podia esperar mais, não com aquela coisa dentro da Fortaleza. Tinha de ser agora.

Enviou pela Teia a ordem de começar.

Zaelis conduzia os intrusos pelos corredores das instalações dos serviçais, nos níveis inferiores da Fortaleza. Em contraste com a elegância de cima, as instalações dos serviçais eram de pedra lisa e destituídas de ostentação. Estava insuportavelmente quente e abafado aqui em baixo, pois não existiam nem janelas em arco, nem biombos para captar a brisa do dia, nem salas oficiais claras e amplas, nem soalhos de lach. O ar pesado lá de fora conseguia entrar e misturar-se com o

vapor das salas de engomados e das cozinhas e a exalação de mil pessoas a trabalhar. A luz vinha das lanternas instaladas em recantos nas paredes e, se proporcionavam alguma iluminação, reforçavam a proximidade das salas apertadas. Esta era uma parte da Fortaleza ainda subterrânea, bem enterrada nas fundações da colina; e aqui eram levadas a cabo todas as tarefas desagradáveis e impróprias do funcionamento de um edifício enorme como este.

Caminhavam com determinação mas sem pressa, seguindo o exemplo de Zaelis. Os serviçais que passavam por eles nas suas andanças não lhes ligavam, para além de uma vénia rápida a Zaelis. O calor e o suor descompusera-os o suficiente para se parecerem com serviçais — e disfarçavam convenientemente a doença de Tane, — mas a elegância de Zaelis assinalava-o como uma pessoa importante.

Kaiku começou a descontrair um pouco, satisfeita por não serem logo denunciados como intrusos. Mantinha os olhos baixos, como convinha a uma serviçal, e continuava a caminhar.

Sentiu a agitação da Teia ao mesmo tempo que Cailin, mas a sua percepção foi bem mais vaga. Só podia ser o Tecedor-Mor Vyrrech. Viu Cailin contrair-se ligeiramente, e depois sentiu-a reagir prontamente, escondendo-se dentro da Teia. Cailin olhou automaticamente para Kaiku. O amordaçamento do seu kana podia tê-la tornado invisível àquele que as investigava; mas andava novamente à solta, e descontrolado, pelo que Cailin estendera a sua protecção de forma a incluir também Kaiku. Esta correspondeu ao olhar dela, e estampou-se-lhe no rosto uma expressão de surpresa.

Os olhos de Cailin tinham escurecido do verde para o castanho-avermelhado. Se usasse mais que fosse do seu poder, ficariam do vermelho invulgar dos Aberrantes, e iria tudo por água abaixo.

— Zaelis — disse, furiosa, num momento em que não havia nenhum serviçal por perto. — Vyrrech anda à nossa procura. Leve-me a um local seguro. Não posso tratar dele aqui.

A resposta de Zaelis foi um infimíssimo aceno. Desviou-se do corredor principal, entrando numa via mais estreita ao longo de uma série de divisões onde estavam tinhas com roupa de molho em água quente, e mulheres remexiam-nas com enormes pilões. Kaiku sentiu a sensação arrepiante de ser observada. Teriam os Tecedores, de alguma forma, sabido dela? Poderiam captar a jura que fizera a Ocha de se vingar deles?

O próprio ar parecia agora cheio de movimento, dedos inconvenientes passando mesmo por debaixo da superfície da visão, manipulações invisíveis registadas apenas pelos seus instintos de Aberrante.

Sentiu que tentava entrar na Teia, o seu kana agitando-se em resposta, e rangeu os dentes, esforçando-se por reprimi-lo.

E depois o tempo pareceu abrandar subitamente, uma premonição de catástrofe a instalar-se nos seus ombros como uma mortalha plúmbea. Tropeçou, não sabendo bem de onde vinha, apenas que algo ia acontecer, algo inevitável. Os sentidos avisaram-na demasiado tarde, e tudo o que podia fazer era esperar com um medo doentio que esse algo sucedesse. Viu Cailin virar-se para ela, movendo-se como se através de melão, e quando os seus olhos se cruzaram soube que a Irmã sentira a mesma coisa.

Um instante depois as bombas explodiram.

CAPÍTULO 31.

Durante um segundo medonho, Mishani julgou que os Guardas Imperiais de Anais a fossem decapitar ali onde estava, ajoelhada como uma vulgar serviçal, sem qualquer dos rituais de execução usados para honrar um adversário nobre. Sentiu depois mãos rudes nela, puxando-a para ficar de pé. Asara era tratada de igual modo. Anais e Durun estavam sentados nos seus tronos, a olhar para baixo. O rosto de Anais mostrava-se inexpressivo, o de Durun com um sorriso afectado. Seria levada para o local apropriado, e ali a sua cabeça separada dos ombros. Era nobre, apesar de inimiga. Ser-lhe-ia permitido morrer de uma forma digna com a sua criada particular ao lado, e não no chão da sala do trono da Imperatriz.

O Barak Mos encontrava-se de um lado do palanque, olhando-a maliciosamente. Os seus olhos cruzaram-se com os dele, e não viu nada ali. Não iria contar com ajuda, nem tão-pouco Asara.

Chegara realmente a sua hora. Depois, o caos.

O som foi um estrondo ensurdecedor que sacudiu a Fortaleza desde os alicerces. Os guardas que seguravam Mishani e Asara inclinaram-se para trás, tentando recuperar o equilíbrio. Um momento depois explodiu uma segunda bomba, mais próximo. Esta abanou a sala e fez cair uma série de pedras soltas de um tecto que estalara subitamente como os raios de uma teia de aranha.

O guarda junto a Mishani caiu, arrastando-a consigo. Gritos de alarme encheram o ar, multiplicando-se de repente quando uma terceira explosão, mais distante, ressoou pela sala.

Durun tentou pôr-se em pé e teve de se agarrar aos braços do trono para se firmar. O Barak Mos olhava à sua volta desvairado, meio confuso, com uma expressão no seu rosto barbudo que parecia de raiva.

— O que é isto? — gritou Anais, um misto de medo e ultraje na sua voz. — O que é isto?

— A Fortaleza está a ser atacada! — exclamaram.

A porta principal da sala do trono abriu-se de rompante e entraram várias dúzias de Guardas Imperiais a correr, de espadas em riste. Mishani, que se soltara da mão do homem que a agarrava, chegou a pensar que tinham vindo reunir-se aos guardas já lá dentro; mas bastou um momento para ver que estava enganada. Não tinham vindo guardar nada. Estavam ali para matar.

As espadas ergueram-se alto ao sol da manhã e esmagaram armadura, músculo e osso. Os Guardas Imperiais que se desequilibraram devido às explosões não reagiram com a rapidez suficiente; foram acutilados antes de terem sequer levado a mão às suas armas. A sala do trono entrou num turbilhão, os guardas a correr para cá

e para lá a fim de se posicionarem em defesa da Imperatriz do Sangue.

O homem que segurara Mishani agarrou-lhe o tornozelo quando ela se afastou a rastejar, não a querendo largar; mas na deslocação Mishani pontapeou-o maldosamente no rosto, sentindo a cartilagem esmagar-se quando o seu nariz se partiu, e ele descaiu e ficou inerte. Subitamente Asara estava ali, puxando-a para a levantar; o seu próprio guarda encontrava-se deitado de costas, tendo sofrido destino idêntico ao de Mishani.

As espadas colidiam à volta delas e os homens gritavam. Estavam no meio de uma onda gigante de armaduras brancas e azuis, sem terem maneira de saber quem eram os da Imperatriz e quem eram os impostores que tomaram de assalto a sala do trono. Mishani recuou de medo quando alguém chocou com ela e se virou automaticamente, a espada erguida para atacar. Se o guarda teria desferido ou não o golpe depois de a reconhecer como a dama nobre encolhida diante de si, eis uma pergunta que ficaria sem resposta; Asara deitou-lhe a mão à garganta, os dedos rígidos, e esmagou-lhe a traqueia com um único golpe. Ele caiu, tentando agarrar-se ao ar que não viria.

— Sai daqui! — gritou o Barak Mos ao filho, de pé nos degraus do palanque, empunhando diante de si a sua espada grande e curva. A escolha da arma reflectia o estilo de política: força em detrimento da subtilidade. Por detrás dele, Anais gritava ordens inúteis, a sua voz sem se ouvir acima do tumulto.

Parecia agora privada da sua força imperial, e estavam patentes no seu rosto a incerteza, o medo e a preocupação desde que este ordálio começara.

Consequira ser traída. Entrara alguém na Fortaleza. E se estava na Fortaleza podia chegar a..

— Lúcia! — exclamou, quando o marido lhe agarrou o braço.

— Vem! — disse bruscamente, puxando-a do trono. Os impostores tinham entrado pela porta principal, mas existia outra porta ao fundo para o Imperador e a Imperatriz, para lá da qual ficavam salas faustosas onde se podiam adornar ricamente antes de virem dar audiência. Os Guardas Imperiais que eram leais tinham formado uma barreira defensiva, abrindo caminho até à porta para Durun e Anais fugirem.

Desciam apressadamente do palanque quando um guarda irrompeu subitamente da massa em luta, um impostor a fazer-se passar por um dos defensores leais, e correu directo à Imperatriz.

Foi recebido pela espada do Barak Mos, que saltou para intervir. O homem hesitou, apanhado desprevenido por este adversário inesperado, e Mos trespassou-o. Caiu com uma expressão de surpresa cómica no rosto.

— Rudrec! — gritou Durun enquanto levava a esposa para lugar seguro. Um dos guardas, envergando as cores de comandante, saiu da linha de defesa e correu para

ele. — Vai! — ordenou- lhe em voz baixa, para que ninguém senão os três pudessem escutar. — Procura Lúcia e trá-la à Câmara do Sol.

Rudrec soltou um resmungo e saiu apressadamente, sem se preocupar em fazer a continência. Era um veterano de cabelos brancos com pouco tempo para subtilezas, mas era igualmente um dos seus homens de maior confiança.

Anais sentiu um ligeiro conforto nisso. Agarrou-se ao marido, subitamente satisfeita com a força dele. Sempre fora uma mulher formidável, apesar do aspecto gnómico pálido e estatura pequena, mas nunca na vida fora ameaçada com violência física para além dos jogos de cama que realizava com Durun. Agora era ele que detinha o poder, brandindo a espada numa mão enquanto a conduzia com a outra.

Reuniram-se-lhes seis homens quando saíram apressadamente pela porta, um séquito de guardas pessoais. Ouviam-se campainhas de alarme nos lugares altos da Fortaleza enquanto fugiam, e Anais sentiu um peso terrível no peito, um vazio de incerteza que a alertava para a sua loucura, ter pensado que pudesse ousar colocar a filha no trono e conseguir sobreviver...

Kaiku tossiu e engasgou-se ao caminhar aos tropeções através do fumo, as suas botas a escorregarem nas pedras soltas. Pôde ouvir ali próximo o estrondo e o ronco do fogo, o calor a queimá-la através do manto negro que enchia o corredor. Gemia alguém algures; outras pessoas gritavam ordens e instruções, tornadas incoerentes pelo zumbido nos seus ouvidos. Escudou o rosto com o braço e semicerrou os olhos lacrimejantes, continuando a avançar através da escuridão quente, procurando.

Perdera de vista os outros numa questão de segundos após a explosão. A bomba estivera aterradoramente próximo, destruindo grande parte da copa adjacente e devastando os corredores circundantes.

Kaiku ficara estendida devido ao abalo sofrido e equimosa das pedras que caíam de cima, e o ruído ensurdecera-a temporariamente. Quando recuperara do choque, encontrara já os corredores desconhecidos em ruínas, e a desorientação fora imediata. Serviços desesperados corriam pelas divisões em chamas à procura de sobreviventes; o fumo impossibilitava a visão.

Kaiku foi agarrada e a seguir levada dali à pressa depois de se constatar que não estava ferida, empurrada para um corredor lateral e mandada subir. Quando soube onde estava, tinha-se perdido.

O mais assustador na explosão fora o pânico abjecto que provocara nos serviços. Os que passavam por ela a correr estavam completamente apavorados, sem conseguirem compreender a razão de o seu mundo anteriormente estável se ter repentinamente transformado em fumo e fogo num abrir e fechar de olhos. Diversos outros, devido ao choque, estavam desorientados e esgazeados, fazendo lembrar zombies, como se a explosão lhes tivesse varrido os cérebros da cabeça. Nunca vira pessoas tão completamente vazias.

Os incêndios estavam agora a ser excessivos; as chamas tinham-se espalhado e lavravam mais intensas, não sendo possível aproximar-se delas sem queimar a pele. Começava a duvidar se iria encontrar algum dos outros no meio desta loucura, quanto mais dar com a saída; mas continuou a procurar. Pareceu-lhe a única coisa que podia fazer.

Acima do guincho nos ouvidos, chegou-lhe o som de um homem a gritar. Por uma fracção de segundo pensou que nada poderia fazer por ele, que não havia nada que pudesse fazer aqui fosse por quem fosse e que deveria salvar a própria pele, porque a sua missão era mais importante do que eles todos. Não importava. Não podia ignorá-lo.

Obstinadamente, passou a uma divisão com as paredes em chamas. Deu um pontapé numa cadeira a fumegar e curvou-se para inalar rapidamente um ar de queimar os pulmões, depois dirigiu-se para a pequena porta no outro extremo.

Fora em tempos uma espécie de lavandaria, calculou; mas a água nos tanques estava agora a ferver e as roupas e os lençóis aqui amontoados tinham-se transformado em cinzas. A parede do fundo estava quase toda demolida e conseguiu ver através do fumo o que restava das divisões do outro lado: uma grande desordem de escombros, pois o telhado abatera e a divisão de cima viera atrás.

Ergueu nervosamente o olhar para as vigas do tecto e viu que estavam a curvar e a estalar com o calor.

Novamente o grito, e os seus olhos lacrimejantes detectaram um homem metido num dos tanques, a sua pele enegrecida e uma perna um coto ensanguentado. As queimaduras no seu corpo eram horríveis. Fora apanhado pela explosão, e conseguira arrastar-se até ao tanque, procurando a protecção da água; mas esta estava a ferver, cozendo-o como uma lagosta. Ele mergulhou e veio novamente à superfície, gritando.

Kaiku não o podia ajudar, mas também não lhe podia virar as costas. Os seus olhos encheram-se de lágrimas novas de compaixão e tristeza.

E depois viu um novo movimento, no outro extremo da divisão.

Ficou sem fôlego ante a visão. Era uma menina, singelamente vestida. O cabelo louro comprido caía-lhe em caracóis desordenados pelas costas. O seu rosto era redondo, com uma expressão curiosamente perdida.

Mas isto nada tinha a ver com carne e osso; era um espectro, um espírito, que se toldava e agitava ao mover-se, como se se tratasse de um reflexo em águas revoltas. Encaminhou-se para o homem no tanque, ignorando as chamas. Kaiku observou, transfixa, quando o espectro meteu a mão na água, e ela parou imediatamente de ferver, como uma panela tirada do calor. O homem no tanque virou-se para a olhar e surgiu no seu rosto destruído uma expressão de jubilosa gratidão. Depois o espectro assentou a mãozita na cabeça dele, e os seus olhos fecharam-se. Com um suspiro,

enfiou-se debaixo de água.

O espectro virou-se então para Kaiku, as suas feições definindo-se nas de uma moça de olhos arregalados e ar sonhador.

(...ajuda-me...) As palavras pareceram vir de muito longe e eram bastante fracas, chegando segundos depois de o espectro as ter proferido. O tecto por cima dela estalou, e Kaiku ergueu o olhar, alarmada.

Correu pela porta precisamente antes de as vigas do tecto cederem com um estrondo torturado, e uma chuva de pedras e chamas encher o espaço, vomitando fumo quente através da porta.

Kaiku protegeu o rosto, olhando de soslaio para a divisão onde o espectro ficara soterrado.

Agora só havia ali rocha; e o peso estava a levar as paredes a ceder também.

— Sai daqui! — gritou alguém, e virou-se vendo um homem de rosto vermelho na outra porta, chamando-a de lá. Desapareceu de vista, deixando um arco vazio; e para lá desse arco, um momento depois, o espectro passou. Kaiku atravessou com esforço a divisão em chamas e saiu para o corredor do outro lado. O espectro era um vislumbre através do fumo. Tossindo, foi atrás, correndo rente ao chão para evitar o rio negro de névoa lá por cima. Outras pessoas gritavam agora, sendo o tema geral que deviam sair antes que o sítio viesse abaixo. Kaiku ignorou-as, decidida a seguir para onde o espectro a levasse.

Tinha a sensação de que era muito importante que o fizesse, e ultimamente aprendera a confiar cada vez mais nos seus instintos.

— Kaiku! — ouviu-se uma voz, e Tane agarrou-lhe o ombro. Prendeu-lhe o pulso em reconhecimento da presença dele ali, mas não tirou os olhos da moça, nem abrandou o passo. — O que é? — indagou Tane, perplexo, correndo ao lado dela.

— Não estás a ver? — perguntou.

— A ver o quê?

Kaiku abanou a cabeça, impaciente.

— Vem comigo.

— E então os outros?

— Podem tomar conta de si mesmos — replicou.

Felizmente, o espectro estava a afastar Kaiku do pior da destruição, e após algumas esquinas o ar estava mais limpo e conseguiu voltar a respirar sem dificuldade. Tane seguiu-a, sem pedir explicações, convencido pela determinação no rosto dela. A figura translúcida seguia sempre à frente deles, acabando de entrar numa galeria e desaparecer ao fundo de um corredor. Pareciam nunca a conseguir alcançar. Em breve o fogo ficou para trás deles e os caminhos que percorriam apressadamente estavam cada vez mais cheios de guardas a correr e funcionários administrativos.

Nenhum deles viu a moça fantasma quando passou pelo meio deles. Pelos seus modos, Kaiku calculou que houvesse outros tumultos no castelo para além das explosões que sentira, mas não tinha tempo para se preocupar.

Para onde fosse o espectro, seguiu-lo-ia.

Cailin, Zaelis e Yugi avançaram até aos confins dos corredores fumarentos, afastando-se do fogo, num sítio onde as paredes ainda estavam de pé e o ar abafado era suficientemente fino para se poder respirar com facilidade. A maioria dos serviçais tinha fugido para qualquer suposto abrigo quando as explosões começaram, pelo que os intrusos podiam andar ali mais rapidamente. Cailin achara-o bastante agradável. Precisava era de solidão.

— Aqui — disse ela, e seguiram-na até uma cozinha estreita sem janelas, onde um caldeirão de guisado fervia em cima de uma fogueira e as paredes de pedra pareciam suar.

Panelas e frigideiras de ferro pendiam desordenadamente de ganchos, algumas das quais tinham caído ao chão quando a explosão as desalojara. Cailin olhou à sua volta.

— Isto servirá.

— Para o quê? — inquiriu Zaelis. — Devíamos afastar-nos mais do fogo.

— Preciso de serenidade. Ninguém virá aqui. Estamos suficientemente longe dos incêndios de momento.

— Ó deuses, viram Espyn? — Yugi tossiu, passando uma mão pelo cabelo coberto de fuligem. — E os outros dois?

Cailin vira efetivamente Espyn, jazendo contorcido nas pedras, o rosto coberto de sangue e o corpo partido. Tivera o azar de apanhar a ffranja da explosão, e não conseguira sobreviver.

— Tane e Kaiku estão entregues a si mesmos — referiu com frieza. Não abandonara Kaiku de ânimo leve, com todas as esperanças que investira nela; mas havia coisas mais importantes a fazer neste momento.

Zaelis estava frenético da preocupação.

— Bombas? Bombas na Fortaleza? Ó vida, o que se passa aqui? Isto é uma catástrofe.

— Só pode ser obra de Vyrrech — afirmou Cailin. Afastou algumas cadeiras para arranjar espaço, e depois ficou de frente para o caldeirão.

Observaram em silêncio enquanto ela respirava fundo, descontraindo os ombros. O cheiro do guisado enchia o ar, e a pele de Yugi picava do calor, mas nada parecia incomodar a Irmã.

Fechou os olhos e abriu os dedos no sítio onde as suas mãos pendiam aos lados do corpo. A cabeça dela tombou, e soltou um suspiro; e quando levantou de novo a cabeça e abriu os olhos, as suas íris estavam da cor do sangue, e souberam que ela

estava a ver coisas para lá do alcance da visão deles.

— Eu vou tratar do Tecedor-Mor. Vocês os dois vão até aos jardins no terraço. Procurem a Imperatriz-Herdeira. Ainda não fomos derrotados. Esta confusão pode ainda ser-nos útil.

Zaelis anuiu uma vez, e depois ele e Yugi partiram, fechando a porta atrás de si.

Cailin vogava num oceano de luz, milhões e milhões de ínfimos fios dourados agitando-se em minúsculas ondas. Como sempre, a euforia atingiu-a ao entrar na Teia, acumulando-se debaixo do seu coração e levantando-o, roubando-lhe o fôlego com a beleza e a maravilha deste mundo invisível que os rodeava. Permitiu-se um momento para o apreciar, e depois a sua disciplina longamente treinada canalizou a sensação, dispersando-a para que não a prendesse com as suas falsas promessas de bem-aventurança eterna.

Novamente lúcida, enviou a sua consciência através das fibras, escolhendo-as com infinito cuidado, dançando de fio em fio como os dedos de um harpista. Procurava aquelas fibras que estavam a ser distorcidas da verdade, aquelas linhas que se tinham tornado cordelinhos de marioneta de títeres involuntários na Fortaleza Imperial. Alguém estava a manipular os acontecimentos aqui; alguém estava a coordenar de longe. Conseguia sentir a corrupção da Teia que rodeava várias pessoas na Fortaleza, e sabia que estavam sob a influência de outrem.

Julgavam-se os instigadores da confusão que semeavam, mas o verdadeiro instigador estava longe da vista deles. E assim permaneceria até Cailin o perseguir.

E então correu entre os fios, procurando este e aquele, reunindo-os, cada cordel dando-lhe um elo mais forte para chegar aos dedos do titereiro.

E por fim, quando estava pronta, começou a segui-los até à sua origem.

Desde a alva que Vyrrech não se mexera do seu lugar habitual, sentado de pernas cruzadas no chão, no meio do seu quarto de dormir. A velha que cortara aos bocados fora levada para um canto do quarto, de onde o empreendedor chacal roubara alguns bocados quando se julgara fora do alcance de Vyrrech. Claro que nunca estava completamente fora do seu alcance; tão-pouco a moça que corria solta algures próximo. Podia ter-se servido da Teia para os procurar, fazer parar os seus corações ou separar as suas articulações. Mas isso revelava-se de uma facilidade pueril, e Vyrrech era dado ao desportivismo.

Estava impressionado por a moça ter tido a sensatez de não tentar atacá-lo quando estava a Tecer ou a dormir, pois, por mais comatoso que parecesse, ela estaria morta antes de chegar a um metro dele.

Se ela não fizesse batota, ele também não faria. Ela que continuasse a jogar às escondidas. A única chave da porta pendia do seu pescoço; ela não podia sair.

Seria divertido ver quanto ela aguentava.

Mulheres. Eram uma raça manhosa. Muito manhosa mesmo, a julgar pelas provas

do passado. O cargo de Tecedor era exclusivo dos homens adultos por uma única razão: as crianças eram demasiado indisciplinadas e as mulheres demasiado boas. Tornara-se bastante óbvio nos primeiros tempos da descoberta das pedras mágicas que os talentos femininos eram em muito superiores aos dos homens na manipulação da Teia. Esta era a essência da natureza, e os homens apenas conseguiam submeter a natureza à sua vontade, de forma desajeitada e indiferente; as mulheres faziam parte dela, e chegava-lhes como os ciclos das luas. Naqueles primeiros anos de loucura, escondidas no povoado nas montanhas onde se situava agora o grande mosteiro de Adderach, as mulheres quase tinham suplantado os homens em poder; mas era uma aldeia mineira, e as mulheres estavam aqui em menor número. A chacina fora rápida. Mal os homens tinham sentido o toque das pedras mágicas, o que restava das suas consciências foi rapidamente posto de lado. A partir daquele dia, só os adultos do sexo masculino passaram a ser aceites na irmandade, homens que vinham à procura do conhecimento, do poder ou da sublimidade.

Fora a mesma ideia que levava à prática da morte das crianças Aberrantes nestes últimos séculos, quando se tinham apercebido de repente que as moças estavam a nascer com uma capacidade rudimentar de controlar a Teia. De alguma forma, através da influência das pedras mágicas sobre os pais e dos alimentos que retiravam do solo adulterado, os fetos estavam a adquirir um instinto que os Tecedores tinham tido de aprender. E era tão natural para eles como respirar. Mas os Tecedores estavam já instalados então, e o povo tinha medo dos poderes anormais que os bebés evidenciavam: começara assim a prática de assassinar os Aberrantes. Não apenas aqueles que eram capazes de Tecer, pois isso tornaria demasiado evidente as intenções dos Tecedores.

Todos tinham de morrer, a bem do segredo dos Tecedores.

Mas agora não havia tempo para semelhantes divagações. Explorou a Fortaleza com uma porção da sua consciência, procurando a anomalia na Teia que tanto o alarmara antes. Os bombistas estavam fora de cena, aniquilados pelas suas próprias criações.

Vyrrech vira-se obrigado a assumir o controlo directo naqueles momentos finais, pois subsistia a possibilidade de os instrumentos poderem falhar o suicídio. Vyrrech tudo fez para que continuassem fortes até ao ígneo final.

O intruso baixara por breves instantes a guarda depois de as bombas terem explodido, mas Vyrrech estivera ocupado a tratar de outros assuntos e, ó frustração, não pudera atender a isso.

Dedicou agora toda a sua atenção à tarefa de o voltar a localizar. Com a Fortaleza mergulhada no caos, o resto do plano seguiria o seu próprio caminho. A sua preocupação mais premente era este inimigo desconhecido no seio deles.

Mas Vyrrech era Tecedor-Mor há muito, muito tempo; estava por demais habituado

a mover-se incontestado, desacostumado à oposição. Virou-se e avançou pela engrenagem da Teia, mas não reparou na viúva-negra que se deslocava pelos fios da trama até ela estar quase sobre si.

Demasiado tarde se apercebeu do seu erro. Semelhante descuido só seria admissível num Tecedor menor; tratava-se de uma categoria completamente à parte. Até os Tecedores mais poderosos deixavam lágrimas por onde passavam, partiam os fios e emaranhavam meadas; mas ela era como seda, deslizando através da Teia sem deixar qualquer rasto à sua passagem. Pelos modos, era uma mulher que percorria aquele mundo brilhante, e Vyrrech viu que tinha razões de sobra para a recear.

Recuou subitamente, aterrorizado, sabendo que ela penetrara as suas defesas. Desesperado, atacou-a, mas ela movia-se como um sopro de vento. Fintou e esquivou-se, puxando fios como armadilhas e deslizando depois até mais próximo quando a atenção dele estava noutro lugar. O Tecedor-Mor começou a entrar em pânico, tentando recordar as velhas disciplinas que soubera tão bem antes de se tornar complacente, as artes que a afastariam de si; mas a loucura roubara-lhas da memória, e não conseguiu voltar a unir os pensamentos.

— Afasta-te de mim! — gritou alto no silêncio. O chacal sobressaltou-se e fugiu num raspar de garras.

Convergiu os seus pensamentos para dentro, sentindo o progresso delicado dela pelos fios que o ligavam ao mundo exterior, o sugar e fluir do sopro dele, o toque da pele nas roupas.

Frenético, começou a fazer nós, a montar armadilhas, redes de fibras que conduziam a labirintos onde ela se perderia por uma eternidade. Mas mal a conseguia sentir, quanto mais detê-la, e tudo o que estava a lograr era acabar por atrasar o inevitável. Não podia sequer permitir-se que a mais leve porção da sua mente seguisse os fios dela até à sua origem. Não sabia quem ela era nem onde estava; não tinha um sítio onde atacar.

E ela parecia vir de todas as direcções ao mesmo tempo, correndo para aqui e para ali, beliscando e puxando, enviando falsas vibrações a repercutir-se pelas fibras brilhantes do campo de batalha deles.

Saltou para cá e para lá, tomado de um pânico crescente, preparando-lhe truques e artimanhas; mas nada foi eficaz, e apercebeu-se, em desespero, que não tinha mais métodos a que recorrer.

Compenetrou-se então da unidimensionalidade do controlo dos seus poderes; ele, o maior de entre os Tecedores. Desfrutara tanto tempo da supremacia que a capacidade de se adaptar apodrecera e desaparecera.

Não conseguia vencê-la. Feita esta consciencialização, baixou as defesas. Isto, mais do que algo que tivesse feito até então, levou a que a intrusa hesitasse, na incerteza, e deu-lhe o tempo de que necessitava.

Introduziu-se na Teia como se estivesse a reunir uma imensa bola de fio, sugando-a para o seu seio. Tarde de mais, a sua atacante vira o que ele pretendia fazer, mas nessa altura não podia fazer nada para o evitar. Deitou fora o carretel, aplicando-lhe cada grama da sua força, e ele desemaranhou-se e soltou um milhão de fios que se espalharam pela paisagem da Teia, curvando-se, girando arbitrariamente e por todo o lado. Um grande toque de clarim, uma difusão ensurdecadora a cada Tecedor e médium em Saramyr e arredores. A intrusa cambaleou com a potência do grito dele, um guincho de aviso sem palavras a todos os seus irmãos. Cuidado!

Cuidado! Porque as mulheres movem-se na Teia!

Mas Vyrrech era astuto, e no meio dos fios incontáveis estava um que era diferente, um que era incrivelmente focado e dirigido. E na escuridão improfunda onde se escondiam da luz do dia, quatro demónios de sombra ergueram as cabeças a um tempo, os olhos brilhando como lâmpadas.

A mensagem era simples. Uma imagem de Lúcia tu Erinima, Imperatriz-Herdeira de Saramyr, coberta de impressões de cheiro, localização, a vibração quase imperceptível que era a presença dela: todas as coisas que os shin-shin precisavam de saber para a encontrar. E fazia-se acompanhar de uma ordem simples, expressa não em linguagem mas numa chama enfática de intenção.

Matar.

Então Cailin atacou, a mordedura da viúva-negra vindo de nenhures, e ele apercebeu-se de que ela conseguira transpor a sua defesa e lhe chegara ao âmago. Os sentidos dele ficaram paralisados, e perdeu o controlo da Teia. Era impotente. Houve um momento de horror profundo e abjecto quando a sentiu agitar-se no seu cérebro, tomando entre os dedos e brincando com o fio da vida dele.

Depois, com uma torção, partiu-o. Nos seus aposentos, o Tecedor-Mor gritou, entrou em espasmos e caiu para a frente no chão.

Fez-se novamente silêncio. Terá passado uma hora antes de o chagal se encher de coragem e sair mais uma vez do seu esconderijo. E outra hora ou mais antes de a moça aparecer, as roupas esfarrapadas e rasgadas, o rosto coberto de fuligem. Espreitou à porta, tremendo de medo e fome. Não se ouviu qualquer ruído, apenas um som suave de lambar durante o que pareceu uma eternidade.

O Tecedor-Mor estava de bruços, nu por debaixo dos seus andrajos. O sangue espesso do nariz, olhos e boca empoçara dentro da sua máscara e escorrera para os ladrilhos imundos. O chagal continuava a lambê-lo.

Ela ficou ali a assistir, mal ousando encher-se de esperança. Receava um truque. Só quando o chagal começou a comer os dedos de Vyrrech é que se convenceu do contrário. Estava morto.

Com um soluço, aproximou-se dele. O chagal recuou com uma rosnadela. A volta do pescoço de Vyrrech, escondida debaixo dos andrajos, estava uma chave de latão.

Tirou-lha, pronta para fugir a qualquer instante se ele se mexesse. Não o fez. Olhou-o por um bocado, e acabou por lhe cuspir em cima. Depois, receando ter ido longe de mais, afastou-se rapidamente, dirigindo-se para a porta exterior trancada e a liberdade, enquanto o chacal voltava para retomar a sua refeição.

CAPÍTULO 32.

— Quem poderia fazer isto? — perguntou a Imperatriz ao marido, que avançava em grandes passadas pelos corredores altos da Fortaleza Imperial, o seu cabelo preto comprido agitando-se com o movimento dos ombros dele. — Quem nos atacaria na própria sala do trono?

— Quem quer que seja, irá pagar — disse ele. — Agora despacha-te.

Anais teve uma sensação de aperto no ventre. Encontravam-se agora nas zonas menos frequentadas da Fortaleza, o domínio dos estudiosos e dos quartos de hóspedes e dos aposentos velhos e vazios outrora usados para funções sociais. Acompanhavam-nos seis homens, as espadas desembainhadas, como guardas pessoais. Um deles, Hutten, conhecia ela há muitos anos, e não poderia imaginar servidor mais leal. Outro, cujo nome era Yttrys, já conhecia menos bem; mas lembrava-se do rosto dele, e estava convencida de que não era nenhum daqueles falsos guardas que os atacaram na sala de audiências.

Os restantes eram igualmente familiares, mas não conseguia lembrar os nomes deles.

Todavia, apesar dos guardas, sentia medo. Os tumultos, as explosões, o ataque súbito; era um plano orquestrado, mas com que finalidade fora traçado este plano? Pretendiam a sua vida ou a de Durun?

Ou andariam à procura da sua preciosa filha? Aqui, apenas com seis guardas, sentia-se extremamente vulnerável. Quem quer que começara os tumultos na cidade soubera exactamente o que estava a fazer; a Fortaleza fora esvaziada da maior parte dos soldados, enviados para tratar de acalmar as turbas ou defender as muralhas dos Sangue Kerestyn. As tropas dos Sangue Batik estariam dentro de Axekami ao anoitecer, mas ainda não era meio-dia e a ajuda parecia aterroradoramente distante.

— Lúcia — gemeu ela, incapaz de conter a sua preocupação. — Onde está Lúcia?

— Mandeí Rudrec buscá-la; não ouviste? — ripostou. — Ela reunir-se-nos-á.

Ele tinha razão. O sítio onde Lúcia se encontrava não era seguro. Tinha estado escondida, e bem escondida; mas demasiadas pessoas sabiam onde. Se houvesse um inimigo no interior, como desconfiava, então o melhor era estar junto dos pais, oculta em algum sítio que ninguém soubesse.

Olhou para o marido. Durun era um labrego e um preguiçoso, mas fora impressionante na sua raiva violenta. Proferira repetidamente os pormenores da vingança daqueles que o atacaram — mas não a incluía, reparou — enquanto eram afastados à pressa da violência. Estava convencida de que ele o faria se se lhe atravessassem no caminho. Sentiu um acesso inoportuno de ardor. Às vezes, quando ele manifestava as suas paixões, quase chegava a ver um homem que podia amar;

mas essas paixões eram raras e extinguíam-se rapidamente, e então ele voltava a ser o mandrião com quem casara há muitos e longos anos.

Durun fez uma paragem na Câmara do Sol. Anais quase se esquecera da existência deste lugar; mas, no meio de tudo o que estava a suceder, apercebeu-se de que lamentava não ter vindo ali com mais frequência.

Era um lugar de verdadeira beleza, uma grande cúpula de um verde esbatido e ouro baço, com enormes janelas em forma de pétala que curvavam simetricamente a partir da saliência ornamentada no vértice.

A luz da manhã fragmentava-se em camadas de cor ao espalhar-se pelo vidro raiado, inundando a câmara por baixo com uma imensidade de matizes. O chão era um enorme mosaico circular e as paredes estavam revestidas com três galerias de madeira e ouro. Fora nestas que se tinham realizado os conselhos, enquanto um orador se colocava no centro, ou onde uma assistência olhava para os artistas em baixo. Agora, como tantos dos níveis superiores da Fortaleza, a câmara estava vazia e bafienta, um espectro da sua anterior glória.

— Onde está Lúcia? — afligiu-se ela. Apercebeu-se da maneira como falara, já não a Imperatriz do Sangue mas a mulher fraca que todos queriam que fosse. Detestou-se por isso, mas não conseguiria evitá-lo.

O ataque à sala do trono abalara-a até à medula; pela primeira vez, olhara nos olhos os homens que pretendiam matá-la. Fazia com que a sua autoridade parecesse uma farsa, um jogo que estivera a jogar, emitindo ordens que ditavam a vida ou a morte dos seus súbditos enquanto se escudava no interior da sua Fortaleza inexpugnável.

Agora fora atingida por alguém, perto do coração, e o terror mortal que sentira não desapareceria facilmente.

Quem era? Vyrrech? Muito provavelmente, mas, nesse caso, passara a ter mil inimigos. As bombas sugeriam o exército vingativo de Unger tu Torrhec. Julgava tê-los eliminado, mas talvez houvesse mais, prontos a retaliar pela morte dos seus irmãos...

Uma das seis portas da sala abriu-se e entrou Rudrec com Lúcia. Vinha a reboque dele, os olhos distantes, apresentando aquela expressão que sempre tinha, a combinação de perplexidade e profunda curiosidade misturada com uma sugestão de que sabia mais sobre o objeto da sua atenção do que deveria.

Anais soltou uma exclamação de alegria e correu para a filha, ajoelhando e abraçando-a de alívio. Não se atrevera a pensar no que poderia ter acontecido se os atacantes tivessem tirado a vida da sua bela filha. Tremendo, agarrou Lúcia com força, e esta acariciou-lhe o cabelo distraidamente.

A Imperatriz-Herdeira parecia preocupada, olhando arregaladamente para as janelas lá em cima, mas Anais estava demasiado subjugada para se aperceber de que

a mente dela estava noutro lugar.

— Dá-me notícias da batalha lá em baixo — pediu Durun. Encontravam-se vários níveis acima da sala do trono. — E o meu pai?

Rudrec carregou o cenho, momentaneamente perplexo.

— Vim-me embora na mesma altura que vós, meu Imperador, e fui directamente aos jardins no terraço para trazer Lúcia, depois vim para aqui. Não falei com ninguém. Não tenho notícias.

Durun pareceu satisfeito.

— Ótimo. Nesse caso ninguém sabe que estamos aqui? O assunto deve ficar assim até descobirmos o responsável pelo ultraje de hoje.

— Ninguém sabe que estamos aqui — afirmou Rudrec. — Volto à sala do trono para trazer o Barak?

— Não, fica — apressou-se Anais a dizer, pondo-se em pé. — Precisamos de outro guarda.

Durun anuiu em assentimento. Lúcia continuava agarrada ao vestido da mãe.

— Devíamos ir — anunciou Durun, bruscamente. — Não sabemos ao certo em quem confiar até o inimigo ser encontrado.

— Sugiro que vamos para a Torre do Vento do Norte — disse Yttrys. — Só existe ali uma porta, grossa e facilmente barricada.

A minha Imperatriz e o meu Imperador estarão seguros até podermos reunir os guardas e eliminar os assassinos.

— Concordo — referiu Rudrec. — Minha Dama Imperial? — inquiriu, procurando a confirmação.

Anais emitiu um ruído neutral que tomaram por uma afirmativa.

Era possível alcançar a Torre do Vento do Norte vindo da Câmara do Sol através de uma comprida ponte recta que transpunha uma queda vertiginosa. A ponte era chapeada de lado e por baixo com um entrançado dourado que captava o sol em linhas de fogo ofuscantes. As suas superfícies interiores não eram menos finas, os parapeitos cheios de murais e o chão raiado de lacas escuras.

Por baixo deles ficava a extremidade em declive da Fortaleza, pois situava-se no canto onde dois dos lados da Fortaleza com arcos múltiplos se vinham encontrar; os níveis iam-se sobrepondo desde o solo lá em baixo, sobressaindo esculturas para espreitar o vasto panorama das ruas de Axekami. À frente ficava o dedo fino da torre, uma agulha dourada lisa erguendo-se diante deles, a sua ponta buscando o céu como um monumento ao espírito que fazia os ventos do Norte soprar.

As torres suas irmãs ficavam atrás deles, nos cantos oeste, leste e sul da Fortaleza Imperial.

Saíram para o ar livre, sentindo o vento quente agitar-lhes as roupas, e ali detiveram-se.

O telhado da torre apresentava-se negro com corvos. Estavam empoleirados no vértice pontiagudo ou aguardavam nos parapeitos das janelas em arco que assinalavam o seu comprimento. Mais perto, cobriam os parapeitos ornamentais de cada lado da ponte, e atapetavam o chão perto da extremidade, agitando-se inquietos.

Cada um deles tinha os olhos brilhantes e pretos cravados nos recém-chegados, observando-os com uma estranha inteligência de ave.

Anais sentiu um arrepio percorrer-lhe o âmago. Ouviu Rudrec proferir uma imprecação.

Durun deitou um olhar acusador a Lúcia, mas esta não estava a olhar para ele; fitava as aves.

— O que fazemos? — perguntou Yttrys, dirigindo-se a Durun.

— O vida! — exclamou Durun. — Não passam de aves. — Mas pareceu menos confiante do que gostaria, e saiu como jactância.

Agarrou o braço de Anais e empurrou-a para a frente consigo, levando o grupo em direcção ao centro da ponte. A brisa quente puxava-lhes as roupas como se procurasse onde se agarrar para os derrubar e lançar na morte. À direita deles, o olho de Nuki era uma bola brilhante carrancuda, espreitando maldosamente por entre as camadas de nuvens aos farrapos.

Evidentemente que Durun tinha esperança de que os corvos dispersassem ao aproximarem-se. Não o fizeram. Balançaram-se e mudaram de posição, alisaram as penas ou flectiram as asas negras, mas sempre atentos.

— Isto é obra tua, não é? — resmungou Durun, empurrando Anais bruscamente para o lado e agarrando Lúcia pelo pulso fino. — Estas são as tuas malditas aves!

De repente, ele resfolegou, soltou Lúcia e puxou da espada, enterrando-a no peito de Rudrec antes de o comandante da Guarda ter tempo de reagir. Hutten e Yttrys desembainharam as espadas ao mesmo tempo, mas enquanto o primeiro se preparava para atacar o Imperador, o segundo enfiou a sua espada debaixo das costelas de Hutten. Este gritou de surpresa e dor, mas a sua voz transformou-se num gorgolejo quando o sangue lhe brotou da garganta e ele deslizou para o chão com olhos que já não viam.

As aves começaram a crocitar, fazendo uma barulheira intensa e aterradora; mas Durun enfiara Lúcia na curva do braço, com a ponta da espada junto à garganta dela.

— Manda-os calar! — gritou. — A primeira ave que levantar voo custar-te-á a vida, minha monstruosidade Aberrante.

O crocitar dos corvos cessou, e eles não se mexeram, mas pareceu que o dia escaldante de Verão arrefecera subitamente sob o olhar sinistro deles. Yttrys avançou para Anais, protegendo-a com a sua espada.

Os outros quatro guardas assistiam impávidos. Era evidente que estavam também

do lado de Durun. Só Rudrec e Hutten não estavam envolvidos, e tinham morrido pela sua ignorância.

Os olhos de Anais estavam fixos no marido, o ódio brilhando através de um reflexo de água salgada. Acontecera tudo num ápice, mas entretanto a evidência dos seus sentidos vencera o choque e agredia-a com a verdade. A traição brutal, a incredulidade...

Durun. Todo este tempo fora ele. O seu próprio marido.

E ela que convidara as tropas dele a entrar na sua cidade.

De repente, as suas pernas fraquejaram, e recuou um passo, os seus olhos sem nunca deixarem os do marido. Viu então todo o quadro, e a dimensão da sua ruína esmagou-a. O Barak Mos e o filho trabalhando em uníssono com...

— Vyrrech — murmurou. — Estavas a trabalhar com Vyrrech. Durun permitiu-se um sorriso lento.

— Claro que estava — disse. — Os Tecedores ficaram extremamente aborrecidos quando insististe em manter Lúcia na linha de sucessão.

Ele mostrou-se extremamente solícito em ajudar. Mas não creio que começasse aqui, esposa. Quanto tempo achas que levou a encontrar tantos homens leais aos Sangue Batik, a integrá-los nos teus Guardas Imperiais sem que ninguém descobrisse? Há oito anos que planeio isto, Anais. Oito anos, desde que esta coisa nasceu. — Apertou Lúcia com mais força.

Oito anos. Anais sentiu uma vertigem, como se a ponte se abrisse precipitadamente debaixo dela, ameaçando lançá-la no abismo. Apossou-se dela a iminência da situação, retirando-lhe o ar dos pulmões.

A própria dimensão do azedume dele, alimentado durante oito longos anos, perpassava em cada palavra.

— Sabia como te sentias, Durun — disse ela, a desorientação na sua voz. — Sabia como te sentias. Um Imperador só no nome, casado comigo para proveito da tua família, parte de um acordo.

Sabia o quanto estavas frustrado, mas isto...

— Não se trata de mim, Anais — redarguiu, olhando para os corvos e depois para ela. — Trata-se do nosso império. Deixarias que nos destruíssem por causa da tua menina.

— Da nossa menina! — exclamou ela.

— Não — disse ele. — Da tua menina. Achas que não andei com meretrizes suficientes? É estranho, nesse caso, que nunca houvesse qualquer prole bastarda a incomodar-nos, a vir reclamar o trono.

É estranho que tentássemos tanto tempo ter um herdeiro e no entanto só engravidaste uma vez.

— Do que me estás a acusar? — gritou-lhe, envergonhada por aquela referência

ter sido feita à frente dos seus súbditos, aterrada com o que pudesse acontecer agora a Lúcia.

— Não tenho espermatozóides, esposa, nem nunca tive! — proferiu cheio de cólera. — Este monstro nos meus braços é descendência de outro, e cada vez que a vejo lembro-me de que fui enganado.

Então era isso; e de repente fazia sentido. Os olhos de Anais encheram-se de lágrimas, furiosa consigo mesma por ser tão fraca ao ponto de chorar. O olho de Nuki fitava acusadoramente por detrás dos fiapos finos de nuvem a leste: ele sabia o que ela fizera, e eis aqui a vingança há muito temida. Fora há já tanto tempo que ela julgava que passara para as sombras da história e ficara esquecido.

Mas Durun soubera. E iria custar caro a ela e à sua família.

Limpou as lágrimas, provocadora. Suspeitara, sempre suspeitara... mas nunca tivera a certeza até agora. Bem, não iria mentir nem pedir perdão; não a ele.

— Sim, dormi com outro! — gritou. — Achavas que era fácil para mim que todo o castelo soubesse que o meu marido andava com rameiras e criadas? Como podia eu tolerar as tuas atitudes canalhas e manter-me pura e só para ti apenas nas ocasiões em que decidias dar-me atenção? Sou a Imperatriz do Sangue, homem maldito! Não uma peixeirazinha analfabeta e plácida!

— Afinal quem foi? — ripostou Durun, silenciando-a. — Um vendedor? Um músico itinerante? — Olhou para o rosto de Lúcia. Estava calma, como uma boneca. — Não, ela possui feições nobres. Um Barak, talvez?

Alguém de estirpe, sem dúvida.

— Nunca o saberás — escarneceu ela. Mas ela sabia e Lúcia também. Por algum instinto, ela reconhecera o pai no instante em que o vira no jardim no terraço. E ele reconhecera-a, estava convencida.

O Barak Zahn tu Ikati. Um breve romance, um amor tempestuoso, que acabara demasiado depressa. Era como se o seu ventre ansiasse por um filho, desesperado com a malnutrição da esterilidade de Durun; apesar das ervas que tomara para o evitar, ficara grávida quase de imediato. Revelara-o assim que soubera, aterrada com as implicações. Era realmente de Zahn? Ou poderia ser de Durun, pois fora para a cama com ele intermitentemente durante os primeiros tempos do romance, movida por uma sensação despropositada de culpa por o estar a enganar. E se era mesmo de Zahn, e se se tornasse parecido com ele?

E se ele tentasse reclamar o que era seu?

E no entanto, apesar de toda a magnitude do seu erro, não quisera interromper a gravidez.

Depois de tentar tanto tempo, um filho — qualquer filho — era demasiado precioso para desistir, fossem quais fossem as circunstâncias. Como pudera pensar que não era do marido? Era mais fácil acreditar que era dele, e não dizer nada a

Zahn. Em face da subsequente descoberta de que a filha era Aberrante, a sua linhagem ficava reduzida à insignificância; e era extraordinariamente fácil convencer-se de que Durun era o pai, mesmo ao ponto de se esquecer da outra possibilidade. Ela parecia-se com a mãe, e não com Zahn ou Durun.

— Não interessa com quem te prostituíste — disse Durun, e voltou a ouvir o profundo rancor na voz dele. — A tua linha consanguínea poluída termina aqui, Anais. Um ataque traiçoeiro dos homens de Unger tu Torrhyc e a Imperatriz e a sua herdeira jazem mortas. Como único sobrevivente, com relutância me tornarei o Imperador do Sangue, o verdadeiro governante de Saramyr. — Começava agora a divertir-se.

Dera um xeque-mate aos corvos; Anais era finalmente sua.

Tantos anos como a marioneta no trono, tantos anos na sombra de uma mulher, um marido enganado sem poder. Não a deixaria morrer sem ficar a saber que ele a vencera por completo em estratégia.

— Ao anoitecer, os Guardas Imperiais dever-me-ão obediência como único membro sobrevivente da Família Imperial, e as tropas da minha família tomarão a cidade. Grigi tu Kerestyn pode atacar estupidamente as nossas muralhas, mas verá que é tarefa vã. O conselho aceitar-me-á como Imperador do Sangue porque eles não terão outra alternativa. Verdade seja dita, acho que ficarão aliviados por todo este problema contigo e Lúcia acabar.

— E Vyrrech? O que lhe prometeste? — exclamou Anais.

— Vyrrech está morto — anunciou Lúcia, baixinho.

— Silêncio — ripostou Durun.

— A dama dos sonhos venceu-o — disse ela.

— Eu disse silêncio.

Os corvos agitaram-se, uma onda negra através da camada de bicos e penas.

— Meu Imperador. — Yttrys falou com nervosismo. — Vamos despachar este assunto e sair daqui.

Durun preparava-se para responder quando a sua mão explodiu.

Anais gritou quando o sangue a salpicou, mas o grito dela não foi nada comparado com o urro de agonia que partiu do marido ao retirar o coto em chamas do punho da espada. Lúcia afastou-se rapidamente dele, o seu cabelo louro comprido a arder, gritando também. Ao mesmo tempo, os corvos levantaram voo como um só numa imensa nuvem negra, e o ar encheu-se da agitação e do bater das suas asas.

Yttrys ficara demasiado paralisado pelo susto de ver as aves para prestar atenção a Anais quando ela se curvara, agarrando Lúcia e batendo-lhe na cabeça para apagar as chamas. O cabelo do próprio Durun estava agora a arder, o seu brilho negro sedoso cheio de ondas de fogo que o lambiam. Bateu em si próprio, de impotência. Yttrys, apercebendo-se repentinamente do que sucedera à sua prisioneira, correu

para onde Anais estava debruçada sobre Lúcia. Hesitou por uma fracção de momento, embaraçado pelos derradeiros vestígios da autoridade dela; depois enterrou a espada nas costas da Imperatriz, soltando um berro.

Anais gritou, uma exclamação de dor que se sobrepôs ao crocitar dos corvos em aproximação.

A agonia era indescritível, mas pior foi o súbito frio húmido que se instalou no seu corpo como uma mortalha, entorpecendo-a.

Mal sentiu o puxão quando a lâmina foi retirada dela, rasgando órgãos, músculo e pele para se libertar num jorro de sangue arterial escuro. Mergulhava já nos recessos cinzentos da inconsciência.

Desesperadamente, agarrou-se a Lúcia, olhando para o rosto pálido da filha, e as lágrimas caíram dos olhos dela enquanto a mancha húmida nas costas do vestido crescia numa feia osmose.

Yttrys virou-se para fugir, mas nesse entretanto viu Tane e Kaiku no outro extremo da ponte; o homem de cabeça rapada e a mulher jovem com olhos da cor do sangue. A visão fê-lo parar, reavaliar por um momento.

Eram amigos ou inimigos? Conseguiria matar ambos? Tinham sido responsáveis pelo que acontecera a Durun? Foi um instinto automático de soldado, uma pausa de um segundo; mas bastou para os corvos alcançarem os Guardas Imperiais.

Yttrys gritou quando eles o envolveram, despedaçando-lhe a nuca, o couro cabeludo e o rosto, mil facas minúsculas procurando e furando-lhe a carne. Abriu a boca para gritar de novo, mas eles golpearam e arrancaram-lhe a língua. Furaram-lhe as pálpebras e comeram-lhe a geleia macia dos olhos. Caiu debatendo-se e gemendo, mas eles foram implacáveis, atacando cada centímetro do seu corpo até não restar uma parte dele que não estivesse ensanguentada. Os outros guardas sofreram idêntico tormento antes de morrerem.

Ao mesmo tempo, os corvos bombardearam o Imperador, as asas fustigando-lhe o rosto, agredindo-o, destruindo-lhe o corpo. Continuando a malhar no cabelo para apagar o archote cauterizante que lhe torrava a pele das costas e do pescoço, recuou aos tropeções e com um gemido de medo galgou o parapeito e caiu da ponte. O seu grito derradeiro foi diminuindo até deixar de se ouvir.

Quando Kaiku e Tane correram para junto da Imperatriz caída, o silêncio voltara. Por todo o lado havia o bater de asas dos corvos, o suave estalido húmido enquanto devoravam os corpos dos guardas.

Anais soluçava e arfava, deitada sobre a filha. Uma mancha escura ensopava-lhe as costas, e o sangue escorria-lhe pelos braços e pingava das mangas, enchendo a ponte de manchas brilhantes sinistras.

Kaiku acorrou-se ao lado dela, tocando-lhe no ombro com uma mão delicada.

— Ela está viva? — perguntou Kaiku.

Anais afastou-se, os seus olhos húmidossem nunca deixarem a filha. O seu rosto estava macilento, e parecia ter envelhecido imenso.

Lúcia jazia imóvel, de olhos fechados. Viam-se-lhe as costas gravemente queimadas através do vestido verde que usava, estando as fibras do tecido enegrecidas, partindo-se e encarquilhando ao afastarem-se umas das outras. A sua respiração era superficial, e o pulso batia-lhe irregularmente na garganta, mas não quis acordar quando Anais a sacudiu.

O espectro que os conduzira pela Fortaleza, que os levara até ali; era esta moça. Levara-os até si intencionalmente. Devia ter sabido que corria perigo.

Mas pelos vistos tinham chegado tarde de mais.

— Ajudem-na. Ela é... minha filha — arfou Anais. Parecia ignorar a sua própria ferida mortal.

Kaiku anuiu, e pela primeira vez Anais viu-a, viu o carmesim das suas íris. Tossiu e o sangue escorreu-lhe da boca. Kaiku sentiu as lágrimas virem-lhe. Eis a Imperatriz de todo o Saramyr.

Durante tanto tempo fora quase uma criatura mítica, segurando nas mãos o poder de um vasto império. Milhões lutariam e morreriam a uma ordem dela, armadas cruzariam os oceanos para ela; estava tão próxima da divindade quanto a humanidade o permitia. Mas no fim era tão- somente humana. Parecia tão pequena agora, apenas uma frágil mulher moribunda. Kaiku ouviu Tane murmurar ritos a Noctu e Omecha, bênçãos finais para a alma da governante deles, e invadiu-a uma sensação de tragédia.

De repente, Anais agarrou a mão de Kaiku na sua, com tanta força que Kaiku podia ser uma âncora a impedi-la de se afastar. Os seus olhos estavam desfocados, e não via.

— Tenho medo... — soluçou. — O deuses, como tenho medo... Kaiku acariciou-lhe o cabelo, deixando nele um rasto de sangue.

— Shh — disse. — Morrer não é assim tão mau.

Mas se a Imperatriz a ouviu ou não nunca o soube, pois a luz nos olhos dela apagara-se, e com um derradeiro suspiro desfaleceu.

— Boa viagem — murmurou Kaiku, e as lágrimas caíram-lhe das pestanas. Só quando voltou a erguer o olhar é que viu os corvos, rodeando-os numa maré negra de penas e bicos e olhos, convergindo todos para a Imperatriz-Herdeira.

— Temos de ir — anunciou Tane de repente. Afastou rudemente a Imperatriz e pegou na criança, içando-a facilmente apesar da doença que o enfraquecera. Os corvos agitaram-se de consternação, mas ignoraram-no.

— Não a posso ajudar aqui. Ela precisa de um médico-cirurgião.

Kaiku não respondeu, mas ergueu-se, o olhar ainda na mulher morta que jazia diante de si.

Começava a sentir a ardência incipiente de ter usado o seu kana, surgindo selvaticamente em resposta ao esforço que fizera para concentrar a sua energia num alvo tão pequeno — a mão do Imperador. Nem ela própria soube que pensamentos lhe ocorreram então; mas depois virou-se e seguiu Tane enquanto ele corria de volta à Fortaleza, a herdeira desfalecida de Saramyr deitada nos seus braços.

CAPÍTULO 33.

A Fortaleza Imperial estava tumultuada.

As bombas que tinham sido colocadas para semear o caos e a confusão foram mais eficazes do que qualquer dos usurpadores poderia ter imaginado. Os eruditos corriam a salvar manuscritos ou obras de arte preciosos das salas ameaçadas pelas chamas; os serviçais andavam de um lado para o outro com água dos canos para apagar os fogos insaciáveis; as crianças procuravam as mães aos berros.

Os Guardas Imperiais estavam desorganizados. Como não conseguiam sequer confiar nas suas próprias fileiras, não eram capazes de montar qualquer tipo de operação coerente. A Família Imperial fora levada para um esconderijo, e ninguém sabia onde estava. Fora encontrado um corpo na base da Torre do Vento do Norte, mas fora de tal maneira atacado pelos corvos que pouco mais restava do que um esqueleto ensanguentado.

Não demoraria muitas horas até os anéis nos dedos do cadáver poderem ser identificados como pertencentes a Durun tu Batik, antigo Imperador de Saramyr. O corpo da Imperatriz fora descoberto pouco depois; mas nessa altura era já tarde, tarde de mais.

Ficara tudo fora de controlo. As bombas e a loucura eram necessárias para proporcionar uma cobertura para que a Imperatriz e a sua descendente Aberrante pudessem ser mortas em segredo, e o assassinio delas atribuído de forma credível a outrem. Agora virara-se contra os seus instigadores, pois no meio da confusão ninguém mandara parar dois serviçais que levavam uma moça ferida.

Na Fortaleza, poucos eram os que alguma vez tinham visto a Imperatriz-Herdeira, e menos ainda os que a reconheceriam neste estado se o fizessem, com as roupas queimadas e o rosto coberto pelo cabelo.

Ligeiramente mais extraordinário era o fato de um dos serviçais ser uma mulher vestida com roupas de homem, e de caminhar com os olhos tapados por um bocado de tecido rasgado, apoiando a mão no ombro do seu companheiro de ar doente, evidentemente cega com um estilhaço de pedra arremessado por uma explosão. Mas era preferível as pessoas da Fortaleza verem isso do que uma Aberrante; porque os olhos de Kaiku estavam vermelho-sangue na sequência do uso do seu kana, que levaria ainda algumas horas a desaparecer. A concentração necessária à canalização do seu poder para destruir apenas a mão de Durun deixara-a exausta; e mesmo assim falhara. A Imperatriz-Herdeira jazia inconsciente e queimada porque ela não conseguira controlar suficientemente bem a força dentro de si, e se a criança tivesse morrido isso pesaria sobre a cabeça de Kaiku. Achava que não seria capaz de suportar o peso dessa culpa.

E então seguiram apressadamente o melhor que puderam, recorrendo à memória de Tane para voltarem às instalações dos serviçais onde Purloch os aguardava. Não havia tempo para pensar no que sucedera aos outros.

Apenas lhe restava fugir.

(Asara!) Asara obrigou Mishani a parar, arrastando-a para o lado do corredor por detrás de uma estátua de Yoru, guardião dos Portões de Omecha, com o seu jarro de vinho erguido alto. As vias de comunicação frias e austeras da Fortaleza Imperial tinham-se tornado agora frenéticas, e serviçais e soldados precipitavam-se ruidosamente, para cá e para lá, as botas fazendo barulho no lacb, gritando ordens e perguntas.

Estavam num dos corredores interiores, onde não havia janelas para a rua, e apesar de ser largo e ter tectos altos, era terrivelmente claustrofóbico.

Estavam ambas suadas e descompostas. A fuga da sala do trono fora por um triz, mas os Guardas Imperiais não estavam interessados numa dama nobre e na sua criada particular enquanto se empenhavam em combater uns com os outros. Os leais e os traiçoeiros tinham-se misturado e juntado irremediavelmente e, depois de o Barak Mos ter fugido, o campo de batalha degenerara numa desordem geral.

Os conselheiros e escribas de toga presos na sala foram ignorados, e Mishani e Asara passaram por eles assim que ficaram com o caminho livre. Um guarda erguera a espada para as deter, mas Asara matara-o com as próprias mãos num piscar de olhos. Mishani continuava a não acreditar no que vira, mas o espanto era algo que teria de esperar.

De momento só queria fugir deste lugar. A sentença da sua execução abalara-a o suficiente, pelo que neste momento estava pouco preocupada com a Imperatriz-Herdeira ou os planos dos Libera Dramach; precisava apenas de segurança e refúgio.

— O que é? — perguntou, um pouco chocada por ser rudemente empurrada por Asara. Não estava acostumada a ser tratada desta maneira fosse por quem fosse. A dama Aberrante mandou- a calar.

(Asara.) Era Cailin. Já não era a primeira vez que a Irmã falava com Asara de longe, e isso não a perturbava neste momento como sucedera de início. Detestava ter alguém dentro da sua cabeça, mas pelo menos Cailin era uma hóspede discreta e, se penetrava em qualquer dos segredos profundos de Asara, então era suficientemente subtil para ela se aperceber.

Concentrou-se numa sequência de imagens, recordando numa ordem baralhada o que lhes acontecera, tornando-o tão claro quanto possível.

Não tinha maneira de falar directamente com Cailin — não possuía em si os mecanismos para enviar palavras, — mas bastariam impressões.

Cailin compreendeu. Respondeu com outro conjunto de imagens, estas carregadas de instruções e informações.

— O que é? — insistiu Mishani.

Asara pestanejou e o contacto desapareceu.

— Cailin — respondeu. — Ela livrou-se de Vyrrech e tem poder ilimitado na Fortaleza. Ela agora é os nossos olhos. — Virou na direcção contrária. — Há algo que precisamos de fazer.

— O que é que precisamos de fazer? — O tom de Mishani deixou claro que não se ia mexer, e muito menos avançar em direcção ao coração da Fortaleza.

— Kaiku e Tane têm a Imperatriz-Herdeira — anunciou Asara.

— Precisamos de os encontrar. Cailin levar-nos-á até lá.

— Kaiku? — disse Mishani, e puseram-se a caminho.

Outra explosão sacudiu a Fortaleza, fazendo tremer as paredes. Não era uma bomba, mas as reservas de pólvora lá em baixo nas caves. Kaiku tropeçou e caiu quando iam a atravessar uma intercepção de dois corredores, no caminho de um grupo de serviçais assustadas que quase lhe passaram por cima. O som de pés em corrida e o tinido de armadura vieram depois, e Tane viu com um frémito de horror que um grupo de Guardas Imperiais corria direto a eles.

Transferiu o peso de Lúcia para um braço e serviu-se do outro para agarrar Kaiku e puxá-la para o lado, depois comprimiu-se com ela, protegendo a Imperatriz-Herdeira com o seu corpo enquanto os guardas passavam a correr. Não lhe ligaram.

As pálpebras de Kaiku estavam cerradas por detrás do pedaço de pano que lhe ocultava os olhos, a cabeça pendendo-lhe sobre o peito.

— Não posso continuar — disse. — Estou tão cansada.

Tane não quis ouvir. A febre que se lhe instalara nos ossos só parecia torná-lo mais determinado em não se cansar, mais implacável com a fraqueza; a sua ou a dela. Apesar de transpirar e a sua pele ter um aspecto esticado e amarelado, não se quis permitir sucumbir, e movimentava-se com ainda maior intensidade. Abandonando Lúcia por um momento, puxou por Kaiku para a levantar. Ela gemeu em protesto.

— Calada — disse-lhe bruscamente, ao som de novos passos. Pegou em Lúcia, voltou a pôr a mão de Kaiku no seu ombro, e continuaram.

Para Kaiku era uma descida ao pesadelo que se estava a tornar demasiado familiar. A ardência horrível, o vazio espaço deixado dentro dela depois de o seu kana se ter libertado roubavam-lhe a vontade de fazer outra coisa que não deitar-se ali mesmo e dormir. Um dia, a menos que aprendesse a domá-lo, seria a sua morte. Poderia já ter sido a morte da Imperatriz-Herdeira, e das esperanças dos Libera Dramach.

Seguia a vacilar atrás de Tane, detestando-o por a obrigar a correr quando podia dormir, detestando-se por ser tão egoísta quando havia uma criança nos braços dele que podia estar a morrer neste preciso momento.

Tane movia-se com certeza; após muitos anos a procurar o caminho pelas florestas, os corredores ordenados da Fortaleza não constituíam problema para ele. Sob a sua orientação, alcançaram rapidamente os níveis inferiores, dirigindo-se às instalações dos serviçais. Cada nova pessoa que passava por eles reavivava o medo; cada par de olhos que os observava podia reconhecer a criança que carregava, e isso seria o fim deles. Mas a sua sorte foi-se mantendo, e passaram pela confusão inatacados.

— Tane! Kaiku!

Sobressaltaram-se ao ouvirem os seus nomes, mas a agitação transformou-se em alívio quando reconheceram a voz. Pararam nas escadas estreitas que estavam a descer, e de trás deles surgiram Asara e Mishani.

O cheiro a fumo quente elevava-se lá de baixo, mas isso era de esperar; estavam quase nos corredores onde Cailin aguardava.

— Kaiku, estás ferida? — exclamou Mishani, vendo a faixa à volta dos olhos de Kaiku. Esta deixou-se cair bruscamente, mas Asara apanhou-a e levantou-a.

— Ela usou o seu kana — referiu Asara. — Esgota-a. Só precisa de dormir.

Os olhos de Mishani desviaram-se da amiga para a criança nos braços de Tane, depois subiram até ao próprio Tane. Parecia doente; o seu olhar estava mortíço e baço. Temia pela Imperatriz-Herdeira.

— Não há tempo a perder — disse Mishani, decidindo que todas as perguntas podiam esperar.

- Temos de ir.

E dito aquilo mergulharam nas profundezas das instalações dos serviçais. Fumos venenosos ondulavam em finos véus junto ao tecto. Chegavam-lhes tenuemente lamúrias e pedidos de socorro distantes, mesmo acima do zumbido constante que abafava os ouvidos de Kaiku depois de ter ficado quase surda devido a uma bomba anterior. As paredes tinham voltado a ser de tijolo tosco em vez de madeira envernizada ou lach; havia bocados de pedras espalhados à volta dos pés deles. As pessoas por que passavam estavam mascarradas do fumo e do suor, e o calor era quase intolerável. Não estava tão acanhado aqui como da primeira vez que Kaiku e Tane por lá tinham passado, pois aqueles que podiam fugir já o tinham feito, deixando para trás apenas os feridos e os que estavam dispostos a tentar ajudá-los.

Começavam a alimentar a esperança de que pudessem voltar à velha masmorra onde Purloch aguardava quando se lhes depararam três Guardas Imperiais.

Fora o puro azar que os pusera no caminho dos quatro companheiros e do seu fardo inerte.

Os guardas tinham escapado à luta na sala do trono, a coragem abandonando-os na confusão de não saberem quem era um aliado e quem era o inimigo, e tinham fugido para as instalações dos serviçais a fim de evitarem o derramamento de sangue lá em

cima. A sua intenção — se se confrontassem com um oficial superior — era dar a explicação de que estavam a retirar as pessoas presas nos escombros em chamas; mas a má fortuna levava os raptos diretos a eles, e leais ou traidores não iriam permitir que a Imperatriz-Herdeira abandonasse a Fortaleza se a reconhecessem.

Tane, na dianteira, quase colidiu com os guardas quando os companheiros chegaram a um espaço quadrado e simples de pedra que formava uma junção entre três corredores. Estendais de madeira estavam suspensos do tecto, e as roupas pendiam por sua vez deles, agora tesas e enrugadas com o calor.

Os toscos tijolos castanhos das paredes tinham rachado em alguns sítios devido às explosões das bombas nas proximidades, e o chão estava cheio de pó e bocados de rocha.

Tinham ficado demasiado surpreendidos com a presença de soldados aqui em baixo para ocultarem a culpa dos rostos. Mishani era a honrosa excepção, mas os seus esforços de nada serviram.

— O que é aquilo? — perguntou um deles, a espingarda apontada a Tane. Os outros dois ergueram também as espingardas, mais em alarme ante o aparecimento violento dos recém-chegados do que na expectativa de uma ameaça. Estavam nervosos, pois arriscavam-se a perder a vida se a sua cobardia fosse descoberta.

Os três suavam abundantemente, cozendo dentro das suas armaduras de metal, o trabalho de laca branco e azul com riscos de pó.

— Ela está ferida! — exclamou Tane. — Deixem-nos passar!

— Eu vi-te na sala do trono — disse um dos outros guardas, os seus olhos vagueando até Asara. Mudaram para Mishani. — A si também. A Imperatriz condenou-as à morte.

Nem Tane nem Kaiku reagiram à notícia. A mente de Tane percorria rapidamente as opções de fuga, mas estava lenta da febre e não se mostrava produtiva; Kaiku aguentava-se de pé, quase em estado comatoso.

— E vocês deviam estar com ela, não aqui com os serviçais — replicou Mishani delicadamente.

- Isto é, a menos que sejam falsos guardas, como os outros traidores que tentaram tirar a vida à nossa Imperatriz.

Tane vacilou por dentro ante a ousadia dela, mas conseguiu que os guardas hesitassem por um momento. Estavam manifestamente a ponderar as suas lealdades, decidindo qual a melhor resposta à acusação.

— Aquela moça — disse o guarda que falara com Tane. — Olhem para as roupas dela. Não é nenhuma serviçal.

— E a Imperatriz-Herdeira — disse o segundo, a sua voz carregada de ameaça.

— Não pode ser! — referiu o terceiro. O segundo semicerrou os olhos.

— Já antes estive de serviço nos aposentos da Imperatriz-Herdeira -afirmou. — É

ela.

Tane sentiu uma náusea invadir-lhe as entranhas quando o primeiro guarda se virou para Mishani com um sorriso repulsivo.

— Efetivamente — assentiu ele. — Nesse caso, Shintu sorri-nos, pois aquela criança é um monstro e deve morrer. — Pôs a espingarda ao ombro, apontou-a directamente a Tane e puxou o gatilho.

Não aconteceu nada. A pólvora não se incendiou. Fora um tiro falhado.

A expectativa do tiro fez com que todos hesitassem; excepto Asara. Cobrira num ápice a distância entre ela e o guarda mais próximo, o seu cotovelo esmagando-lhe o maxilar quando agarrou o cano da espingarda com a outra mão, arrancando-lha. Ela disparou com um estalido percuciente, lançando uma espuma de pó cinzento da parede de pedra junto da cabeça do seu companheiro, fazendo-o recuar com uma imprecação de alarme. Tane enfiou a criança nos braços de Kaiku, que estava demasiado fraca para a aguentar, e as duas caíram por terra. Entretanto, o guarda que falhara o tiro puxara da espada, pondo de lado a espingarda; mas Tane estava preparado para ele. Avançou ao encontro da arremetida do guarda, agarrando-o pelo braço e atirando-o pesadamente contra a parede. Não houve força suficiente nele, os seus músculos atacados pela febre sem corresponderem. O guarda resmungou e desferiu um golpe com um joelho coberto pela armadura, atingindo Tane no ventre; doeu-lhe, mas não lhe tirou o fôlego.

Mishani afastou Kaiku do caminho, arrastando-a para o canto do espaço cheio de fumo, deixando ficar a Imperatriz-Herdeira inconsciente no sítio onde caíra.

O inimigo de Asara estava a dar mais luta do que ela previra, e se o seu primeiro soco teria acabado com a maior parte dos homens, este era particularmente resistente. Empurrou-a para trás, tentando colocar a espingarda entre ambos, mas ela voltou a desviá-lo. Mais rápida e mais forte do que parecia, agarrou-lhe o antebraço e torceu-lho atrás das costas, depois pregou-lhe uma rasteira para que caísse com todo o seu peso nele. Ouviu-se nitidamente o osso partir, e o grito de dor que soltou foi silenciado quando Asara levou o pé com sandália ao rosto dele, enfiando-lhe a cartilagem do nariz dentro do cérebro.

Simultaneamente, Tane afastou o adversário de cima dele, empurrando-o em desequilíbrio na direcção de Asara. Preparava-se para acompanhar com um golpe quando viu pelo canto do olho o terceiro guarda erguer a espingarda, e voltou-se para ver ao que a apontava.

O seu primeiro pensamento foi que pudesse ser Kaiku, mas ela estava demasiado fraca para constituir uma ameaça, e continuava de olhos vendados. Mishani levou-a para o canto, afastando-a do perigo.

Não era a eles que o guarda apontava. Era à Imperatriz-Herdeira, que jazia desprotegida no meio do chão.

Tane soltou uma imprecação sonora, correndo para o guarda; mas ele estava demasiado longe, era tarde de mais para impedir que o gatilho fosse puxado, o cão descesse, a pólvora se incendiasse.

Mas não era tarde de mais para se lhe pôr na frente.

A força foi como uma mão de gigante a bater-lhe no peito, atirando-o para trás e caindo sobre o pequeno corpo de Lúcia, tirando-lhe o fôlego num clarão branco de agonia. Estava consciente de que caía, mas o ar transformara-se numa nuvem de penas e parecia ir descendo a flutuar; e se o impacto no chão doeu mais do que poderia ter imaginado possível àquela velocidade, foi amortecido pela macia almofada de choque que se instalara.

Ouviu alguém gritar o seu nome, mas tudo o que viu foram as formas idiotas e incompreensíveis da roupa lavada lá por cima, pendendo dos estendais e agitando-se numa bruma fumarenta.

Foi disparada uma arma, carregada, voltada a disparar; caíram dois corpos. Mishani e Asara moveram-se como uma só para encontrar a proveniência do som, e lá estavam Yugi, uma espingarda na sua mão, e Zaelis a seu lado à entrada. Os últimos dois guardas jaziam inertes no chão de pedra. Kaiku deslocara-se cambaleante pela divisão, arrancando a venda, o desespero conferindo-lhe força de alguma reserva inesgotada, e gritava o nome de Tane. Mas este mal a conseguia ouvir. Todos os sons se tinham tornado surdos, abafados. Sentia o corpo entorpecido.

Mishani tirou a criança de debaixo dele e entregou-a a Zaelis. A expressão dele era pesarosa enquanto a fitava; trocou um olhar com Yugi. Tinham temido pela Imperatriz-Herdeira ao chegarem aos jardins no terraço e descoberto que Rudrec levava Lúcia por ordem de Durun; mas a esperança voltara quando Cailin os contactara e conduzira até junto dos outros. Via agora quão gravemente ferida Lúcia estava, e essa esperança voltara a desaparecer. A situação afigurava-se ainda mais grave.

— Trá-lo de volta! Asara, trá-lo de volta! — gritava Kaiku. Asara veio até junto dela. Olhou para Tane. Os seus olhos estavam postos em algo lá em cima, focando-se e desfocando-se precipitadamente. A sua pele trigueira tornara-se espectral e pálida.

Uma poça brilhante de preto e vermelho ensopava-lhe o peito, e pôde ver pela forma como escorria por debaixo dele que a bala da espingarda o atravessara directamente.

— Não posso — disse.

— Trá-lo de volta — gritou, pegando nele e abraçando-o. Se tivesse possuído um pouco de kana, tê-lo-ia usado, independentemente das consequências. Para tentar fechar-lhe a ferida, cosê-lo por dentro, voltar a pô-lo inteiro. Acostumara-se tanto a

este homem; fora seu companheiro desde que a encontrara na floresta, e ela não lhe dera nada em troca, fechando-se-lhe. Naquele momento em que o segurava, soube que era tarde de mais para remediar a situação. Apesar de as lágrimas e a voz o negarem, sabia que chegara a hora dele, e nenhum artifício seu nem de mais ninguém o conseguiria anular.

Não restava a Tane qualquer fôlego para falar, mesmo que tivesse as palavras. Os seus pensamentos convergiam para dentro, rodando em espiral num vazio como água por um cano; mas aqueles que conseguia agarrar e encaixar eram suficientes para lhe dar as respostas de que necessitava. Debatera-se o tempo todo com perguntas, ansiedades e incertezas, e afinal bastara- lhe ter tido fé.

Não falhara. Confiara na sua deusa, apesar de todas as suas dúvidas e receios.

Porque estava aqui? Porque o poupara ela aos shin-shin, o pusera no seu caminho para andar com Aberrantes. Sabia agora, e a resposta era tão evidente que se maravilhou com a sua ignorância por não a ter visto antes.

Ela mandara-o aqui para morrer, no lugar da Imperatriz-Herdeira.

Devo uma vida aos deuses, pensou, e finalmente a minha dívida está saldada.

Os seus olhos focaram-se então em Kaiku, as íris dela vermelhas como as de um demónio.

Olhos de Aberrante, no entanto não os achava menos belos por isso. Afinal, sacrificara-se por uma Aberrante, para salvaguardar os seus futuros. E quando a desordem na sua mente se dissipou, restou apenas a verdade. Esta era maior do que as suas crenças; a Imperatriz-Herdeira era preciosa para o mundo, mesmo para os deuses. Era importante para eles todos. Se com a sua vida a tivesse conseguido salvar, então valera a pena desistir.

Absorveu as feições de Kaiku enquanto ela o abraçava, e reconfortou-se até na pena de serem como eram e não conseguiu desviar o olhar, nem mesmo quando pareceram sumir, e por debaixo delas apareceu uma malha de fibras douradas, um brilho e um êxtase tal como nunca imaginara. Fizera o seu trabalho, e fizera-o bem, e os Campos de Omecha aguardavam para o receber em esplendor.

E mesmo que tivesse ficado um pouco ressentido por ser um peão no jogo dos deuses, um sacrifício a fazer por causa de outrem, bem, pelo menos tinham-no deixado morrer nos braços da mulher que amava.

CAPÍTULO 34.

Fugiram de Axekami ao anoitecer, passando pelo portão sul a coberto da escuridão. Foi bastante fácil. Todos os olhos estavam postos na Fortaleza e no portão oriental, por onde os exércitos dos Sangue Batik invadiam a cidade. Os incêndios grassavam ainda descontrolados na enorme pirâmide truncada que ocupava a colina mais alta de Axekami. Os tumultos reintensificaram-se ante a visão do edifício emblemático da cidade a vomitar fumo e chamas ao crepúsculo que se instalava, e as forças dos Sangue Batik tinham respondido selvaticamente. No meio de tudo isto, ninguém reparara numa carroça coberta que se aproximara do tranquilo portão sul. As sentinelas tinham as suas ordens, claro; mas curiosamente, depois de trocarem algumas palavras com a mulher encapuzada sentada ao lado do condutor, tinham-na ignorado. Os portões foram abertos, a carroça passou e os raptos deixaram para trás Axekami a ferver e a agitar-se na sua raiva.

Três quilómetros a sul da cidade saíram da estrada para uma pedreira abandonada.

Deixaram ali a carroça e montaram sete dos doze cavalos rápidos que os aguardavam ali. O homem que estivera a guardá-los olhara com ar preocupado para a criança quando ela fora transferida para os braços de Zaelis.

— É ela? — perguntou com reverência, os seus olhos brilhando ao luar esverdeado. Esta noite sentia-se o ar carregado, e os pêlos finos na pele deles tinham-se eriçado. Amanhã, ou no dia seguinte... não faltaria muito para vir aí a tempestade lunar. Teriam de cavalgar sem parar para a ultrapassar.

— É — disse Zaelis. — Temos de partir. Cada momento que desperdiçamos aproxima-a mais da morte.

O homem engoliu em seco anuindo, e ficou a vê-los afastar-se da pedreira, dirigindo-se para a terra. Voltou à cabana decrépita onde estivera abrigado nestes últimos dias, que pertencera ao capataz deste triste lugar. Era uma das várias paragens no percurso que os raptos fariam, para mudar de cavalos. A rapidez era essencial, pois todos os planos tinham dependido de um factor — que os raptos desaparecessem com a Imperatriz-Herdeira sem deixar rasto. Até as montadas cansadas que abandonavam seriam cuidadosamente escondidas até recuperarem as forças. Se deixassem sinais da sua fuga e fossem seguidos, o Recesso seria colocado em enorme perigo, e estavam em risco demasiadas vidas inocentes para tal. A maior parte da população desconhecia sequer a missão, e ignorava os esquemas que se desenrolavam do outro lado das terras irregulares da falha; o Recesso não estava preparado nem conseguiria defender-se do poder das forças imperiais. Ficou a perguntar-se se teriam conseguido roubar a criança sem que ninguém soubesse ou

se neste momento estariam sequer a partir exércitos da capital em perseguição.

Tentou dormir, mas não teve qualquer sorte durante a maior parte da noite. Só perto da alva entrou num dormitar intermitente, e os seus sonhos foram agitados e confusos. Quando acordou na manhã seguinte, não sabia muito bem o que imaginara e o que fora verdade; mas uma imagem permanecia com ele, e recusava-se a desaparecer como sucedia com os pesadelos.

Era capaz de jurar pelos deuses que vira coisas a mover-se na borda da pedreira, mesmo antes da alva. Coisas com pernas tipo andas e olhos como lanternas acesas.

Cavalgaram sem parar pela manhã dentro. Quando finalmente Zaelis fez alto, os cavalos foram amarrados, os flancos a deitar vapor e os beiços salpicados de saliva. Tinham abandonado em absoluto a estrada, seguindo a toda a velocidade pela terra, embrenhando-se no suave ondular das planícies e colinas da região interior e sem estradas de Saramyr. Abrigaram-se debaixo dos ramos amplos e antigos de um jukaki, que se erguia sozinho numa vertente, e ali descansaram. Zumbiam insectos no ar e o sol incidia na erva, avivando as cores do mundo. Estava um dia incongruentemente belo, que não correspondia ao estado de espírito deles.

Kaiku adormeceu mal desmontou. Excedera a sua resistência, quase caindo da sela por diversas vezes, e reprimira a onda de inconsciência por tempo demasiado. Yugi preparou uma fogueira para cozinhar.

Zaelis deitou Lúcia na erva e ele e Cailin acoraram-se junto dela. Mishani, Asara e Purloch sentaram-se à sombra, doridos e cansados.

Tinham conseguido. Tinham levado a Imperatriz-Herdeira mesmo debaixo do nariz da Família Imperial, e ninguém os vira; pelo menos ninguém que estivesse vivo. A sorte tornara o momento perfeito.

As explosões na Fortaleza e o golpe preparado pelos Sangue Batik, o fato de Durun ter levado Lúcia e Anais, intencionalmente e em segredo para que ninguém soubesse onde estavam quando as matasse; era perfeitamente possível que os Guardas Imperiais não tivessem dado ainda pela falta da Imperatriz-Herdeira, e continuassem a pensar que ela estava escondida algures na Fortaleza.

No meio dos escombros, os raptos tinham arrebatado a criança sem deixar qualquer rasto detectável.

E no entanto não tinha o sabor da vitória, pois a criança estava ali na erva entre a vida e a morte. Se acontecesse o pior, teria sido tudo em vão.

Lúcia jazia inarmoniosa diante deles, a respiração superficial. Uma grande porção do seu cabelo louro volumoso desaparecera, e as extremidades das fibras sobreviventes estavam chamuscadas de preto e caíam ao tocar-se-lhe. Quando Zaelis o afastara cuidadosamente, tinham visto as queimaduras terríveis na zona dorsal superior e na nuca, a carne estalada e exsudada.

— Porque está ela assim? — perguntou, baixinho. — Porque não acorda?

— As queimaduras são profundas — referiu Cailin. — Próximo da coluna.

— Não a pode curar?

Cailin abanou a cabeça. Mesmo sem a maquilhagem sinistra, apresentava pose e circunspecção.

— Não me atrevo. Ela é uma criatura sem precedentes. Temos de esperar que a sua força resista até voltarmos ao Recesso. — Olhou para Kaiku, enrolada a dormir. Sem ela a criança teria morrido.

No entanto, por causa dela, a criança podia ainda morrer. Cailin recusava-se a pensar na responsabilidade que recairia sobre si por ter permitido que Kaiku viesse, quando sabia quão perigosos eram os poderes dela.

Mishani estava exausta e infeliz, por razões que ultrapassavam sequer a sua preocupação com Kaiku e o estado de Lúcia. Fora condenada à morte pela Imperatriz, na presença de muitos dos Guardas Imperiais.

Independentemente de quem fosse agora ocupar o trono, alguns desses guardas sobreviveriam para transmitir a notícia. A mudança de opinião do pai apanhara-a por arrasto.

Não fora isso que sempre adorara na corte, que, se desviasse por um momento os olhos, tudo podia mudar? Bem, isso acontecera, e quase lhe custara a vida. Custara-lhe sem dúvida a família.

Não havia regresso possível, nunca mais. Nem à corte, nem à baía de Mataxa. Era uma proscrita.

Olhou para Kaiku, o seu rosto tranquilo no sono. Mas pelo menos não estou sozinha, pensou, e encontrou nisso uma pequena porção de conforto.

Cozinharam e comeram enquanto descansavam, recorrendo aos mantimentos guardados nas bolsas das selas dos cavalos. Zaelis deitava leite morno com mel na boca de Lúcia e ficou satisfeito por ela o estar a engolir agindo por reflexo. Abriu-lhe delicadamente os olhos e eles reagiram à luz. Mas ela não via nada; parecia ter morrido por dentro, isolando-se em reacção à dor das queimaduras.

Uma coisa tão sensível, tão frágil...

— Tenho de ir — disse uma voz junto ao ombro dele. Ergueu o olhar e viu Purloch.

— Compreendo — respondeu. — Tem a minha gratidão e a dela. O que fez foi muito corajoso, levar-nos até à Fortaleza e trazer-nos cá para fora.

Purloch anuiu, nada convencido. A viagem pelos esgotos fora pungente, mas felizmente não houvera maku-sheng no regresso. Os seus nervos estavam em franja e despedaçados e sentia-se curiosamente vazio.

Se não fosse ele, talvez Lúcia tivesse crescido bem, aprendido a disfarçar os seus poderes e ocupado o trono. Se não fosse ele.

— A minha dívida está saldada — disse. As palavras pareceram ocas, mas não

deixou de as proferir. A sua coragem tinha um limite, e ele atingira-o. — Acho que me vou retirar e partir para leste.

Não me voltará a ver.

— Desejo-lhe sorte — replicou Zaelis.

— E eu a si — disse Purloch, e foi sincero. Olhou mais uma vez para a criança ferida, e depois afastou-se, para pegar numa montada e cavalgar pelas colinas.

Depois, cedo de mais, estava de novo na hora de partir. Apagaram a fogueira e acordaram Kaiku, que comeu alguns bocados de alimento antes de montar. Continuava esgotada, mas as poucas horas de repouso tinham-lhe feito muito bem. Esporearam os cavalos e galoparam rumo a sul, em direcção à falha de Xarana e à segurança.

Mudaram de cavalos ao final da tarde, e cavalgaram pela noite dentro. Kaiku lembrava-se de pouco, pois dormitava entrando e saindo de uma semi-inconsciência enquanto o seu corpo mal se conseguia manter direito na sela.

Mishani seguia ao lado dela, constantemente preocupada que pudesse cair. O caminho era bastante perigoso, mas não podiam permitir-se que alguém conduzisse o cavalo dela como Asara fizera uma vez em Fo, ou que alguém montasse com ela. Não podiam abrandar o ritmo por causa de ninguém.

Voltaram a acampar por detrás de um afloramento de rocha baixo e protegido, e ali acenderam uma pequena fogueira, confiantes de que seria invisível de longe. Não necessitavam de calor, porque a noite estava quente, mas tinham de cozinhar e ferver água. Yugi possuía ervas que os podiam ajudar ou a dormir profundamente ou a mantê-los alerta e vígeis, consoante estavam ou não de sentinela.

Bebeu uma grande quantidade da última, sabendo que não podia dormir até estarem de volta ao Recesso. Asara reuniu-se-lhe na vigília, pois necessitava de pouco repouso e conseguia passar muito bem sem ele.

Os outros deitaram-se debaixo do triângulo das luas que pairavam no céu a norte e mergulharam no esquecimento.

A viagem desde a extremidade setentrional da falha até Axekami levava vários dias a um ritmo normal de viagem. Zaelis calculou que o conseguissem fazer em dois dias, o que situava a hora de chegada deles às terras irregulares por volta do anoitecer do dia seguinte. A Imperatriz- Herdeira piorara agora consideravelmente, tornando-se febril e pálida, tremendo e murmurando.

Se Tane ali estivesse, teria usado os seus conhecimentos sobre ervas para aliviar as queimaduras, limpar as feridas e impedi-las de infectar; mas não possuíam esses conhecimentos e a experiência de Yugi abrangia apenas algumas infusões simples. Tudo o que podiam fazer era limpar a testa da criança e rasgar tiras de pano para usar como compressas sobre a carne queimada na nuca dela.

Cailin enviara uma mensagem antecipada às Irmãs no Recesso, ordenando-lhes

que tivessem um médico-cirurgião e homens à espera na extremidade norte da falha de Xarana; mas olhando para a Imperatriz tivera dúvidas de que a criança conseguisse sequer resistir até lá.

O dia seguinte foi atormentado por problemas. O cavalo de Mishani partiu a pata numa toca de coelho, atirando-a ao chão. Não se magoou, mas o cavalo teve de ser abatido. Passou a viajar com Kaiku, que voltara mais ao seu normal após uma noite de descanso, apesar de falar pouco e por vezes chorar ao recordar Tane. Viram-se obrigados a abrandar um pouco o ritmo, mas Mishani era muito leve e o cavalo ainda estava forte e repousado; não fazia muita diferença.

O olho de Nuki estava abominavelmente intenso cerca do meio-dia, e Mishani ficou tonta da insolação. Zaelis não parou, nem sequer para comer. Ele próprio começava a sofrer de queimaduras solares no nariz e nas faces, mas continuava a conduzi-los, dando pouca importância ao desconforto deles comparado com a vida da Imperatriz-Herdeira.

Quando o crepúsculo caiu, estavam com fome e exaustos, e a respiração de Lúcia tornara-se ruidosa. Viram com crescente receio o disco branco e sem interesse de Aurus erguer-se atrás deles e a pequena e brilhante Iridima subir de oeste, perseguida a um ritmo mais célere por Neryn. O ar começou a ficar tenso e adquiriu um cheiro forte a metal. As nuvens avançavam velozes, empurradas aparentemente de nenhures, dirigindo-se para norte, contrariando a brisa.

Tinham alcançado a periferia da falha de Xarana quando a tempestade lunar caiu finalmente.

Fez-se anunciar com um grito que deixou os cavalos assustados e a relinchar, o som do ar a ser dilacerado pelo conflito das gravidades. Brilhavam lá em cima na atmosfera relâmpagos púrpura entre as nuvens que eram desfeitas na voragem de forças invisíveis. Subitamente, a terra ergueu-se à volta deles, enormes superfícies de rocha desalojadas pelo cataclismo antigo que engolira a cidade de Gobinda e a linha de descendência dos Cho. O tempo limara as arestas com erva, solo e erosão, até ser quase impossível detectar os limites a olho nu, o ponto onde a terra intacta descia subitamente para o turbilhão. Avançaram para o seu seio com os guinchos das irmãs luas nos ouvidos, precisamente no momento em que os primeiros pingos de chuva quente começaram a cair sobre a terra. Numa questão de momentos, adensou-se num dilúvio, e o céu abriu-se para largar uma carga impiedosa sobre eles. Zaelis apressou-se a envolver com um cobertor a criança que segurava no colo, mas não iria deixá-los abrandar.

Correram entre rochas enormes, deslizando por vertentes baixas que se estavam já a transformar em lama, e desapareceram no labirinto da falha.

Instalara-se a escuridão plena na altura em que pararam numa clareira rodeada de enormes pedregulhos que se espalhavam à volta deles como ogres míticos de pedra.

Uma luz púrpura misteriosa iluminava a cena, seguida de um grito irado do céu. Mishani, que seguia com Yugi para o cavalo de Kaiku poder repousar, estremeceu ao ouvir o som.

— Porque paramos? — perguntou Kaiku acima do ruído da tempestade, a água a escorrer-lhe das faces e do queixo.

Zaelis virou a sua montada, olhando primeiro para um lado e depois para o outro, os seus olhos examinando os pedregulhos.

— Cailin? — indagou.

— Eles vêm ter connosco aqui — confirmou. — O médico-cirurgião e os maqueiros. Eles sabem que não se deviam atrasar.

— Mas estão atrasados — referiu.

— Eu sei — respondeu ela em tom neutro.

O som de Asara a carregar a espingarda definiu com clareza suficiente as preocupações deles, dispensando as palavras. Yugi olhou à sua volta com nervosismo.

Os olhos de Kaiku incidiram num fiozinho de água que deslizava suavemente e vinha cair numa minúscula poça formada pela concavidade da rocha por baixo. Não soube se foi o instinto que a levou a semicerrar os olhos e observar mais de perto, mas naquele momento a noite foi iluminada por um relâmpago de luz estranha, e viu que a água cristalina da chuva estava misturada com algo mais escuro, escorrendo de algures atrás da rocha. Com a luz fraca era impossível dizer o que era à vista, mas reconheceu-o pelo seu movimento lento e indolente na poça. Sangue.

— Os seus homens estão mortos, Zaelis! — gritou, enquanto cada sentido lhe dizia que se afastasse dali. — E uma armadilha! Fugam!

Talvez fosse a convicção na voz dela ou o fato de estarem todos nervosos, mas reagiram de imediato e sem pensarem em questionar. Foi o que lhes salvou as vidas.

Fugiram à pressa da clareira no preciso momento em que dois dos shin-shin saltaram do esconderijo, descendo de onde tinham estado à espera escassos momentos antes. O restante par de demónios precipitava-se já pela beira dos pedregulhos, os seus olhos ígneos fixos na presa enquanto os seus membros-andas fusiformes os impeliam com rapidez pelo terreno irregular. Os relâmpagos lançavam luz púrpura sobre eles, definindo-lhes as silhuetas no aglomerado lunar, depois a escuridão voltou a instalar-se, e viam-se apenas as lâmpadas gêmeas dos olhos deles quando vieram atrás da Imperatriz-Herdeira.

— Dispersem! — gritou Cailin, as rédeas da sua montada seguras com um punho, torcendo-a para que não escorregasse na lama molhada e colidisse com um pedaço de rocha que se elevava.

As pedras partidas proporcionavam aqui mil caminhos a seguir, e uma pessoa podia perder-se para sempre neste labirinto; mas Cailin não estava preocupada com

isso neste momento. A fuga era a única opção que tinham.

Não podia protegê-los de quatro shin-shin sem as Irmãs para a ajudar.

Zaelis rodou o seu cavalo, fazendo saltar a água da chuva dos flancos dele, e debruçando-se sobre Lúcia esporeou-o através de um corredor estreito entre duas placas enormes de granito.

Kaiku seguiu também naquela direcção. Asara atrasou-se de mais a controlar a velocidade e a esgueirar-se; começou antes a descer uma curta vertente enlameada. Yugi seguiu com Mishani.

Cailin rumou noutra direcção.

O céu gritou como se de fúria frustrada e Kaiku curvou-se ante essa ira ao mesmo tempo que tentava controlar a sua montada. Zaelis cavalgava a um ritmo imprudente, desviando-se entre as rochas e árvores com escassos centímetros de folga enquanto a chuva conspirava para os cegar com as suas fustigações intensas. Por duas vezes quase bateu com a cabeça de Lúcia numa saliência implacável de rocha, pois trazia-a aconchegada ao peito com a cabeça pendendo de um lado para o outro. Kaiku concentrou-se apenas nas costas de Zaelis, estudando os movimentos dele. Quase não ousava respirar enquanto se precipitava pelos intervalos que ameaçavam esmagar-lhe as rótulas, e não se permitia um segundo para olhar para trás e ver onde estavam os shin-shin.

Desta vez não me vão apanhar, pensou de si para si com surpreendente maldade. Venci-os uma vez, e voltarei a fazê-lo.

Foram dar a uma breve extensão plana, uma faixa de erva ensopada salpicada de pedaços de pedra. Dirigindo-se ruidosamente para uma linha de árvores lá à frente, Kaiku encontrou um momento de desafogo para olhar por cima do ombro.

Pôde ver que eram três; um corria pelo solo atrás deles e dois precipitavam-se por entre os pedregulhos e afloramentos que formavam os muros do labirinto por onde a sua presa avançava.

Eram como sombras vivas, manchas escanzeladas de negrura onde os olhos se recusavam a focar, avançando através da chuva com uma velocidade espantosa.

Ouviu Zaelis gritar lá à frente. O quarto shin-shin surgira das árvores, barrando-lhes o caminho, empinando-se nas patas-andas com um guincho. O cavalo de Zaelis relinchou e deu uma guinada para o lado a fim de evitar o demónio no seu caminho. Os seus cascos encontraram um pedaço de pedra escorregadia e resvalaram, e Kaiku viu-o, horrorizada, torcer-se e ir abaixo. Zaelis recebeu o embate da queda, amortecendo Lúcia com o seu corpo; Kaiku ouviu o estalido quando a perna de Zaelis se partiu, esmagada sob o flanco do cavalo. Ele berrou de dor, mas Kaiku estava já sobre ele, inclinando-se da sela.

— Dê-ma! — gritou desesperadamente, abrandando o máximo possível.

Zaelis, compreendendo vagamente através da névoa da agonia, ergueu a criança o

mais que pôde; e Kaiku agarrou-a, o peso da moça moribunda colidindo com os seus braços e quase a arrancando da sela.

Sofreu o cavalo, endireitando-se, e ficou frente a frente com o shin-shin que surgira das árvores. Kaiku soltou uma única arfada...

...e depois Asara disparou para o céu nocturno, e o shin-shin foi afastado pela força do tiro.

Ficou a debater-se no solo, as suas patas-andas pretas agitando-se em espasmos. Os seus três companheiros ergueram o olhar para o sítio de onde viera o tiro, e um deles irrompeu em chamadas com um uivo. Cailin estava ali, emergindo de outro intervalo nas rochas, os seus olhos vermelho-fogo.

— Vá! — bramou Zaelis, a sua voz fraca falhando devido à dor enquanto o cavalo dele se tentou endireitar, deixando-o ali estendido.

Kaiku não precisou de segunda instigação. Esporeou selvaticamente a sua montada, e ela saltou em direcção às árvores, perseguida pelo grito estridente da tempestade enquanto as irmãs luas a viam partir.

Mergulhou no mundo escuro e molhado da vegetação rasteira, onde cada sombra era um rosto carrancudo e cada movimento errado prometia um fim súbito. Os ouvidos dela encheram-se do silvo sinistro dos ramos ao agitarem-se sob a arremetida do céu, fustigando-lhe os ombros ao passar. Segurava as rédeas com uma só mão, o outro braço envolvendo Lúcia, a cabeça da Imperatriz-Herdeira batendo-lhe no peito.

O solo desceu subitamente diante dela e o cavalo reagiu antes de ela o fazer, virando-se para descer a vertente pelo melhor ângulo possível. Kaiku agarrou-se com força quando a sua montada resvalou e deslizou pelas árvores e rochas e pareceu que a sorte não iria durar, que cada finta mesmo à tangente quase os aproximava do momento em que iriam colidir com uma árvore e ela se partiria como uma boneca frágil.

E no entanto, de certa forma, a vertente rendeu-se antes de o cavalo o fazer, e saltaram para uma ravina estreita, com um riacho a correr no seu fundo. Caminharam pesadamente pela água pouco funda, fazendo saltar salpicos e borriço atrás deles. Kaiku sabia que agora não tinham qualquer ajuda possível. Era impossível os demais seguirem-na até ali, muito menos voltar a encontrá-la. Só podia esperar que os outros shin-shin tivessem sofrido o mesmo destino que aquele que Cailin queimara; mas não ousava esperar para ver. Quer os shin-shin a procurassem a ela quer ao seu fardo, fugiu.

As paredes da ravina pareceram estreitar, e quando a tempestade voltou a gritar, fez coro com ela, pois o som era amplificado e ensurdecador neste corredor de rocha. Tinha os olhos semicerrados por causa da chuva fustigante; todavia, não parecia conseguir ver quase nada, e não fazia ideia se se dirigia para solo plano ou

para um penhasco que a lançaria na morte.

Era a segunda hipótese. Algum instinto a avisou, uma parte do seu subconsciente que reconheceu a mudança na turbulência do riacho lá à frente, e refreou a sua montada com força suficiente para lhe magoar a boca. O garanhão relinchou de dor, raspando até parar. Kaiku reclinou-se na sela e segurou Lúcia com força para evitar ser projectada pelo pescoço do cavalo, num mergulho fatal até às copas das árvores lá em baixo, banhadas pelo luar. Os cascos derraparam nas pedras molhadas, e Kaiku sentiu um solavanco doentio ao aperceber-se de que podiam não estacar a tempo; mas depois a sua montada encontrou um ponto de apoio, e acabaram por parar a escassos centímetros do precipício. Kaiku olhou para a paisagem escura, tão distante, e o seu estômago agitou-se ante a ideia de ir cair por aquele espaço sem fim, as rochas escarpadas da superfície do penhasco subitamente próximas, a chuva a fustigar-lhe o rosto, precipitando-se no solo por baixo...

Com um puxão brusco, desviou o garanhão, olhando por cima do ombro nesse entretanto.

Dois dos demónios tenebrosos desceram das copas das árvores para a ravina lá atrás, os seus olhos-lanternas dirigidos fixamente para a criança nos braços dela.

— Não ficarão com ela! — disse Kaiku, furiosa, ao vento uivante. Depois, o cavalo dela guinou para a esquerda, contrariando as rédeas, e viu que a ravina descia o suficiente na beira do penhasco para formar uma vertente escarpada e instável que poderiam usar para galgar. O cavalo quis tentar, movido pelo terror das coisas lá atrás; mas Kaiku achou melhor não. Os cascos dele não estavam preparados para um terreno tão irregular. Mas os pés dela sim.

Apeou-se do cavalo e colocou Lúcia sobre o ombro como uma saca. Doíam-lhe os braços e as pernas, e a criança precisava de melhores cuidados do que aqueles, mas não tinha tempo para delicadezas.

— Não ficarão com ela! — voltou a gritar, e a tempestade lunar soltou um lamento em resposta. Depois avançou pela vertente irregular, a escassos centímetros do precipício à sua direita. Corria uma fina película de água deslizando-lhe pelos pés, e por duas vezes tropeçou e teve de estender uma mão para manter o equilíbrio, mas alcançou a beira da ravina, e viu que havia novamente árvores, vindo até à borda do precipício. Com os pulmões a arder, lançou-se no abrigo escuro dos ramos, apesar de saber que eles não proporcionariam qualquer protecção contra os shin-shin.

A respiração saía-lhe em arquejos, o coração latejando nos ouvidos, enquanto avançava pelo limbo escuro e gotejante das árvores. Não conseguiria sobrepujá-los desta maneira; só podia esperar ficar escondida até o dia raiar ou a ajuda poder chegar. Ocorreu-lhe um pensamento louco. Se conseguisse encontrar um ipi, como fizera Asara da primeira vez que enfrentara os shin-shin... mas os ipis habitavam

apenas as florestas fundas, e esta era pouco mais do que a orla densa de um bosque.

Não te podes esconder. Não os podes vencer. Pensa!

A sua mente vogou traiçoeiramente até ao seu kana, a coisa adormecida que espreitava lá dentro e que lhe causara tanto sofrimento. Apesar de o poder ter usado como último recurso, mesmo sabendo que quase matara Asara e talvez viesse ainda a ser responsável pela morte da pequenita que sacudia e saltava encostada ao seu ombro, sabia que nem sequer tinha opção neste momento.

Não descansara o suficiente desde a última vez em que ele se libertara; nada existia dentro dela a que pudesse recorrer. Esgotara-se.

Desta vez não havia salvação possível.

As árvores acabaram repentinamente, depositando-a numa camada plana de rocha fustigada pela chuva que sobressaía no céu nocturno. As três luas olhavam-na, dispostas directamente lá à frente, as suas extremidades sobrepondo-se no meio de um ninho de nuvens revoltas e pontas denteadas de relâmpagos púrpura. A sua luminescência reflectia-se molhada na pedra fria sob os pés dela. Acabou por estacar.

— Não... — murmurou, mas mesmo a esta distância era possível ver que se encurralara. A camada de rocha plana terminava noutro precipício; conseguia ver a curva da sua extremidade que descia de cada lado de si. Fugira por um promontório que ia estreitando sucessivamente, do qual só havia uma saída: voltar por onde viera.

Ouviu o lamento dos shin-shin lá atrás nas árvores, e virou-se bruscamente em terror. Não tinha opção.

Freneticamente, fugiu pela rocha despida até à sua extremidade. Talvez houvesse uma descida, talvez não fosse tão mau quanto parecia, se houvesse ali nem que fosse um lago ou um rio, então podia ousar saltar...

Mas o precipício ia dar a um aglomerado de rochas lá em baixo, uma bocarra de dentes húmidos e partidos que aguardava faminta.

Voltou-se, a forma inerte de Lúcia ainda nos seus braços e envolta no cobertor encharcado, mas já calculava o que iria ver antes de olhar. Os shin-shin estavam ali, saindo furtivamente das árvores, três deles. A criatura que Asara atingira não fora detida, e tinham escapado a Cailin antes de ela lhes conseguir infligir mais quaisquer danos.

Andavam em busca da presa ao luar, os seus corpos afundados entre as patas-andas, os olhos amarelos brilhando como jóias de fogo.

Kaiku agarrou a criança com força, sentindo o pequeno coração de Lúcia a bater contra o seu peito. As criaturas tinham abrandado, sabendo que a sua presa estava impotente e à mercê deles.

Kaiku soltou um sopro entrecortado e olhou por cima do ombro para a queda atrás

de si, a chuva precipitando-se para cair na pedra lá muito ao fundo.

Morrer não é assim tão mau, pensou, recordando-se das palavras ditas à Imperatriz. Mas ainda tinha tanto que fazer. Uma promessa não cumprida, uma nova vida para começar. Não queria morrer aqui.

Lúcia agitou-se junto a ela, gemendo.

— Shh — murmurou, os seus olhos sem nunca deixarem os demónios que se aproximavam em passo firme. Encontrou a beira do precipício com o calcanhar. — Não deixarei que vos apanhem, Lúcia.

— O vento latejava e importunava, puxando-a, e pensou o que seria nunca mais voltar a sentir semelhante vento no rosto, e apeteceu-lhe chorar.

Os shin-shin empertigaram-se subitamente, estáticos. Viraram as suas cabeças para o céu, erguendo-se nos seus membros afunilados como se farejassem o ar. Kaiku observou-os com um misto de perplexidade e terror.

O que era isto?

Uma rajada de vento estendeu um lençol de chuva sobre a superfície plana de rocha, e quando passou algo pareceu luzir lá dentro. Foi tão rápido que Kaiku duvidou que tivesse estado sequer ali; mas os shin-shin reagiram, o foco do seu olhar mudando para o sítio onde estivera o brilho. Um deles recuou um passo, na dúvida.

Kaiku olhou para trás de si por brevíssimos instantes, subitamente convencida de que estava algo por cima do seu ombro que não conseguia ver. Mas tudo o que havia era o rosto maciço e manchado de Aurus, parecendo suficientemente grande para engolir o céu, e ao lado dela estava o disco branco de Iridima, com as fendas e rugas azuis que sulcavam a sua pele, e escondida por detrás e entre ambas, a espreitar, via-se a bola verde cristalina de Neryn.

Kaiku virou-se para trás e arfou. Pois agora conseguia ver algo, uma ligeira iridescência que parecia pairar no ar. Diante dos olhos dela, o brilho coalesceu e dividiu-se em três. A tempestade lunar gritou de fúria atrás dela, e os membros pontiagudos dos shin-shin bateram na pedra ao recuarem alguns passos, as cabeças oscilando na confusão.

As perturbações estavam a assumir agora uma forma, erguendo-se ao dobro da altura de Kaiku.

Lentamente, a chuva borbulhante começou a adquirir coerência, ganhando forma a partir das gotículas de água que caíam e fundindo-se numa massa espectral.

O próprio ar deu a impressão de se imobilizar enquanto os espíritos tomavam forma, e a respiração de Kaiku morreu-lhe na garganta.

Eram esguios, mas caíam-lhes pelas costas grandes cascatas de cabelo semelhante a penas, e a sua radiância era uma luz calma e fria. Compridas vestes, ao mesmo tempo magníficas e andrajosas, presas à volta dos tornozelos e dos pulsos,

farrapos de tecido a rodopiar e estranhos ornamentos oscilando com os seus movimentos. A pele estava demasiado tensa, esticada sobre eles numa imitação da forma humana. Tinham a configuração de mulheres, mas de aspecto aterrador, as suas feições oscilando e fundindo-se como o reflexo das luas num lago agitado.

Pareciam emaciadas, no entanto de alguma forma suavizadas, articulações e ângulos demasiado curvos, não suficientemente proeminentes, como figuras de cera amolecidas pelo calor do sol.

Compridas unhas curvas saíam de mãos finas e cruéis.

Olharam para Kaiku e para a criança, e havia nos olhos delas uma malícia, uma incompreensibilidade de propósito que fez com que o corpo de Kaiku enfraquecesse e a sua alma murchasse.

Era como olhar para a eternidade e ver apenas o vazio.

Porém, no meio do seu terror, soube quem eram, pois tinham circulado lendas muito antes de ela ser nascida. Apareciam apenas em noites como esta, umas vezes para satisfazer a vingança, outras para trazer ódio; outras ainda para curar, proteger e salvar. As suas motivações ultrapassavam o alcance humano; eram loucas, tal como os lobos que uivavam às suas amas nas noites mais escuras.

Os espíritos da tempestade lunar. As Filhas das Luas.

Viraram-se para os shin-shin, e os demónios tenebrosos reagiram, desconfiados, espalmando-se em submissão. Mas as Filhas das Luas não eram facilmente apaziguadas. Os shin-shin soltaram gemidos e contorceram-se, e Kaiku ficou aterrada ao ver as criaturas que tanto temera rebaixarem-se diante destas mulheres-espíritos monstruosas, quão bem maior devia ser a magnitude do poder das Filhas das Luas.

Os shin-shin pareceram privados da sua arrogância demoníaca, encolhendo-se impotentes quando os espíritos se aproximaram deles. Saíram espadas reluzentes de debaixo das vestes rasgadas e incandescentes.

Os shin-shin reagiram num frenesi, mas, tal como borboletas presas com alfinetes, mal puderam se debater. Era impossível escaparem. As espadas cintilaram, subindo num arco.

O massacre foi breve e feio. Os shin-shin saltaram e convulsionaram-se ao serem cortados e dilacerados, os seus corpos rasgados e desmembrados, o sangue fumegando e transformando-se em vapor ao jorrar deles.

As Filhas das Luas mutilaram os demónios, desfazendo-os em pedaços com as suas lâminas brilhantes e molhadas pela chuva. A perspectiva que Kaiku teve da matança foi obscurecida pela visão horrível das mulheres-espíritos, mas conseguiu ouvir o impacto repulsivo — e surpreendentemente humano — da lâmina na carne, o quebrar de osso, o esmagar de cartilagem.

Os gritos jubilosos e desagradáveis das Filhas misturaram-se com os gemidos dos

shin-shin e elevaram-se no céu rasgado pela tempestade.

Em momentos tudo terminou, e os demónios desvaneceram-se como um sonho.

Kaiku tremia à chuva e ao vento, a moça ainda agarrada a ela, o seu terror em nada diminuído pela partida dos shin-shin. Porque os espíritos grandes viravam agora para si os seus olhos medonhos, e aproximavam-se até ficarem a pairar de novo sobre ela. Não tinha para onde ir, nem sequer um milímetro que pudesse recuar sem mergulhar na morte.

Fechou os olhos com força. Ó deuses, não teria sido preferível saltar do que enfrentar isto?

Seriam estas criaturas melhores do que os shin-shin? Sentiu-se como se a sua alma não conseguisse aguentar mais, de tão atormentada que estava com o medo, a dor e o cansaço.

Acabem com isso então. Terminem tudo.

Abriu de novo os olhos, e encontrou-se frente a frente com uma das Filhas das Luas.

O espírito apoiara-se num joelho, colocando-se ao nível de Kaiku. O seu rosto imenso e medonho estava apenas a um palmo do de Kaiku, o nariz e as faces parecendo dissolver-se e voltar a formar-se com as ligeiras inclinações da sua cabeça, os olhos como abismos no éter. Kaiku sentiu o sangue gelar e abrandar ao olhar para elas.

Então o espírito ergueu uma mão e, com a unha comprida e curva do dedo indicador, tocou no fardo nos braços de Kaiku, uma infimíssima pressão no cobertor que envolvia a Imperatriz- Herdeira.

Kaiku sentiu um estremecimento percorrê-la, uma carga suave de algo tão sublime para o qual não tinha nome. Sentiu-se elevada de dentro, como se o seu corpo tivesse ficado de repente a flutuar, um acesso de êxtase como só sentira quando fora tocada pela orla da morte e olhara para a Teia. Um medo jubiloso ameaçou engoli-la inteira, e viu subitamente a natureza destes seres horríveis que se encontravam diante dela, viu-os como a vastidão incomensurável e magistral que representavam, tão para lá da compreensão da humanidade que, em comparação, se sentiu como uma gota no oceano.

Espreitou por um instante o mundo dos espíritos e sentiu-se vexada.

E depois uma rajada de vento lançou uma onda pungente de chuva no rosto dela, e fechou os olhos ao recebê-la. Quando os voltou a abrir, as Filhas das Luas tinham desaparecido.

Encontrava-se à beira do precipício, a chuva a rodopiar à sua volta e a tempestade lunar a fustigar as nuvens com relâmpagos no céu por detrás. Trémula, afastou-se da queda, avançando vacilante até solo firme.

As árvores agitaram-se vazias, espectadoras débeis da maravilha e do terror dos

últimos momentos. Ergueu o rosto para o céu e sentiu a chuva lambê-lo com a sua saliva quente, e não lhe ocorreu um único pensamento ou palavra que conseguisse condensar a experiência de olhar para o rosto de um dos grandes espíritos, de ser tocada por ele. Atordoada com o medo, mal se apercebeu de que a criança se mexera nos seus braços, tão-pouco viu a Imperatriz-Herdeira abrir os olhos. Só reparou que Lúcia estava acordada quando a criança colocou os braços à volta do pescoço de Kaiku e a abraçou.

— Viste as minhas amigas? — perguntou Lúcia, e Kaiku anuiu, soltou uma gargalhada e chorou ao mesmo tempo.

CAPÍTULO 35.

As semanas deram lugar aos meses e o Verão chegou ao fim.

Os Libera Dramach mantiveram-se constantemente a postos, antevendo qualquer retaliação de Axekami, os seus espiões sempre alerta nas ruas da capital e em toda a falha de Xarana; mas com o passar do tempo começaram a acreditar na desnecessidade de uma vigilância tão rígida, e descontraíram um pouco. A Imperatriz-Herdeira fora realmente levada sem que ninguém visse.

Saramyr era um lugar vasto, e mil homens podiam procurar durante mil anos que nunca a encontrariam. Sumira sem deixar rasto e desaparecera da face da terra.

A maior parte do Recesso não fazia ideia de quem era a moça. Uma grande proporção deles retomara a sua vida no meio das pregas e vales da falha simplesmente para fugir às grilhetas lá fora, ou para evitar os Tecedores. O seu interesse na política dos Libera Dramach era nulo; tinham simplesmente vidas a viver, e encontraram um lugar onde vivê-las. E, assim, apenas o núcleo dos Libera Dramach conhecia o segredo da moça no seu seio, conhecia o poder que ela detinha e quem era realmente. Para a população do Recesso, Lúcia não passava de outra moça nova, outra refugiada de um conflito ou outro, e isso não era invulgar.

A própria Lúcia recuperou das queimaduras que sofreu, mas nunca perdeu as cicatrizes. A parte superior das costas e a nuca ficaram enrugadas e repuxadas e, apesar de a vermelhidão desaparecer com o tempo, eram ainda uma abominação no meio da pele limpa e imaculada que as rodeava. Lúcia, contrariamente às expectativas, decidiu não deixar crescer o cabelo até ao comprimento anterior, preferindo usá-lo curto à moda dos rapazes.

Quando Zaelis referira delicadamente que o cabelo comprido poderia encobrir as cicatrizes, ela limitara-se a deitar-lhe um dos seus olhares insondáveis, ignorando os conselhos dele.

A princípio, Zaelis protegera Lúcia e agira como pai dela. A perna que partira ficara mal curada e deixara-lhe um acentuado coxear, mas isso não o impediu de a manter afastada das outras crianças e do perigo.

De todas as pessoas, foi Mishani quem acabou por convencê-lo a deixá-la correr em liberdade.

Lúcia nunca soubera o que era a liberdade, nunca vivera uma vida fora de uma gaiola dourada, sempre demasiado importante para correr riscos.

Mas, no dia da subida ao trono do novo Imperador, Mishani procurou Zaelis e falou com ele.

Era sempre a mais persuasiva.

— Ela agora não é a Imperatriz-Herdeira — salientou Mishani. — E não deveria

ser tratada como tal. Vai suscitar a desconfiança das pessoas.

Zaelis cedeu finalmente, e deixou que Lúcia se inscrevesse na escola em vez de ser ensinada por ele. Kaiku e Mishani chamaram a si o papel de suas irmãs mais velhas. Era uma moça estranha e distante, mas algo nela atraía as pessoas, e passados dias integrara-se perfeitamente na comunidade fechada das crianças do Recesso, com cicatrizes ou sem elas.

Zaelis enervou-se e preocupou-se até Cailin lhe mostrar os corvos que ultimamente tinham começado a reunir-se nos telhados dos edifícios, e que se recolhiam nas árvores do vale vizinho.

— Eles cuidarão dela muito melhor do que você — disse-lhe. No que tocava a Kaiku, encontrara um estranho tipo de felicidade depois do rapto da última pessoa da linha de descendência dos Erinima. Aqui já não se considerava uma Aberrante. Era agora um termo sem sentido, tendo perdido todas as conotações de vergonha e degradação que carregara durante a maior parte da sua vida. Pela primeira vez desde que os Tecedores a tinham feito perder a família, podia ser simplesmente ela própria, vogar um pouco ao sabor das circunstâncias sem ser movida por um propósito premente. Claro que a jura que fizera a Ocha estava sempre presente no seu subconsciente; mas tinha toda a vida para a concretizar. E, além disso, desferira já um golpe crucial nos seus inimigos. A descoberta de que as pedras mágicas eram responsáveis pela moléstia na terra, pelos próprios Aberrantes, causara furor entre os Libera Dramach, e estavam já a postos planos para resolver o problema. Eles que planeassem, pensou. Verificou que conseguia manter afastadas as suas preocupações por uns tempos durante os dias indolentes do final do Verão.

Os Tecedores. A hora deles haveria de chegar.

Mas primeiro tinha de aprender. Aplicou-se nas lições de Cailin e nas das outras Irmãs, que regressavam periodicamente das suas incumbências sigilosas noutras partes de Saramyr.

Gradualmente, o seu kana tornou-se menos um inimigo e mais um amigo, e aprendeu a não o recear mas a dar-lhe antes valor. Apesar de o domínio das suas capacidades poder ser uma viagem longa e árdua, dera os primeiros passos, e trouxeram-lhe maior alegria do que poderia ter imaginado.

Ela e Mishani partilhavam uma casa, numa das camadas intermédias da cascata do planalto rochoso que formava a espinha dorsal do Recesso. Estivera vazia durante bastante tempo, de modo que Zaelis decidira concedê-la em reconhecimento dos seus actos, e elas tinham-na aceitado, transformando-a na sua morada. A amizade entre ambas estava agora melhor e mais forte do que em anos anteriores, visto que Mishani viera para a cidade a fim de aprender os modos da corte. Tinham-se apoiado mutuamente nos momentos em que se sentiam fracas, em que choravam a perda dos familiares e dos amigos.

Kaiku recordava Tane com frequência, com maior frequência do que lhe agradaria. Para alguém que fora um episódio tão breve na sua vida, tivera maior impacto nela do que supusera na altura.

Só se apercebera disso quando ele morrera, e nessa altura já era tarde de mais.

A máscara do pai encontrava-se guardada numa arca em sua casa. Tirava-a de quando em quando para a olhar, e às vezes sentia um aperto, uma estranha necessidade de a colocar, de voltar a sentir o cheiro e as recordações do pai. Às vezes parecia murmurar-lhe no escuro da casa, à noite, chamá-la até si. Algo no chamamento lhe desagradava, algo semelhante a um desejo a que não queria sucumbir.

Esporadicamente, pensava deitá-la fora, mas acabou por se esquecer disso pouco depois.

No tocante a Asara, não tardou a partir depois de constatar que ninguém iria seguir Lúcia até ao Recesso. Os dias de paz tranquila de que Kaiku e Mishani desfrutavam eram um anátema para ela, por isso, num final de tarde quente, quando estavam sentadas nas vertentes do vale, anunciou-lhes que ia partir. Para onde foi, ou quando iria regressar, só ela sabia. Mas Kaiku recordou o olhar que passara entre elas quando se tinham abraçado na despedida e beijado na face, o momento de incerteza quando pareceu que os seus lábios se fossem roçar, a estranha onda de repulsa e desejo misturados.

Depois Asara baixara o olhar, pusera um sorriso estranho e partira. Às vezes, esse sorriso atormentava Kaiku. Achava que queria voltar a vê-lo.

E assim foram vivendo, na segurança do seu refúgio. Os dias passaram, o Verão acabou e construíram novas vidas para si e viveram-nas, tal como as outras pessoas do Recesso.

Mas estavam todos sempre conscientes de que havia entre eles um pequeno brilho de esperança, uma criança sobre a qual os seus futuros assentavam.

Uma criança que podia ainda ocupar o trono e mudar o mundo deles para melhor.

Ela ia crescendo. Só tinham de esperar.

O novo Imperador do Sangue de Saramyr saiu da câmara do conselho da Fortaleza Imperial, os sons de reprovação soando pelos corredores. O seu rosto estava negro como o trovão, mas também não esperara menos em reacção ao seu anúncio. Os próprios nobres que tinham aclamado com vozes jubilosas a sua subida ao trono, que tinham estado ali quando ele fora proclamado e toda a Axekami o saudara, viraram-se contra ele hoje. No entanto, mais forte do que o ultraje contra as leis que aprovara era saberem que não podiam fazer nada. O conselho estava enfraquecido. Os nobres tinham vacilado, hesitado, ainda fresco na memória o conflito recente e nada desejosos de serem envolvidos noutro. Não havia ninguém a quem se pudessem unir contra ele. Os Sangue Amacha tinham sido quase aniquilados com a

sua derrota às portas de Axekami. Os Kerestyn e os Koli utilizaram a maior parte das suas forças no ataque à cidade, e tinham sido obrigados a recuar de mãos a abanar.

Sabiam perfeitamente que não podiam aparecer agora na corte. Estavam escondidos a lamber as feridas.

O Imperador do Sangue Mos tu Batik passou majestosamente por duas portas duplas para a sua sala de recepções particular, e soube que não restava ninguém para se lhe opor.

Era a mesma sala onde em tempos se reunira com a anterior Imperatriz do Sangue, quando a viera avisar de que Vyrrech e Sonmaga tramavam contra ela. Nem chegara sequer a desconfiar que não era Sonmaga mas ele e o filho que conspiravam com o Tecedor-Mor. O enredo e o logro não combinavam com um homem da rudeza de Mos, mas conseguia responder ao desafio quando a ocasião o exigia.

A sala estava igual ao que era. Escapara aos incêndios que destruíram uma porção da Fortaleza e arruinado muitos artefactos preciosos. Outra consequência da execução deficiente do plano deles.

Era suposto Vyrrech ter estado ali para coordenar a circunscrição dos incêndios após o golpe, servindo-se dos seus poderes sobrenaturais para ajudar a extingui-los. Mas fora antes morto, não se sabia como.

A porta para os seus aposentos fora aberta de dentro. E se os Tecedores sabiam algo sobre o assunto, não queriam revelar nada.

Não fora esta a sua intenção. Pretendera que o filho estivesse no seu lugar, o Imperador do Sangue para glória do Sangue Batik e da sua família. Não estava certo que tivesse sido assim, que o pai fosse assumir as funções do filho, enquanto Durun jazia nas catacumbas, um cadáver irreconhecível. Mas não iria permitir que a morte de Durun tivesse sido em vão.

Os Sangue Batik eram agora a família dominante, e haveria mudanças.

Olhou à sua volta, desanuviando a cabeça dos pensamentos amargos que a enchiam. O enorme baixo-relevo em marfim de dois rinjis cruzando-se no voo dominava uma parede; uma divisória dava para uma varanda aberta, para além da qual as brisas quentes se elevavam da cidade lá em baixo. Dois divãs encontravam-se junto a uma mesa baixa de madeira preta. A sua visita, conforme esperara, recusara-se a sentar-se.

— Imperador Mos — disse ele, a sua voz um chio lento por detrás da máscara de pele curada.

— Tecedor-Mor Kakre — respondeu Mos.

Mos aproximou-se da mesa e encheu um copo de vinho para si, não lhe ocorrendo oferecer um ao seu convidado. Esvaziou-o de um trago. O novo Tecedor-Mor mantinha um silêncio expectante, o seu rosto como um cadáver no meio do monte

esfarrapado de peles e couro que era a sua túnica.

— Está feito — disse finalmente Mos.

O Tecedor-Mor observou-o desconcertadamente por um bocado.

— Sois um homem de palavra — comentou. — Nesse caso, o nosso pacto fica concluído.

Mos serviu-se, emborcou e anuiu.

— Os nobres não se me podem opor. Serão feitas aos Tecedores todas as concessões e honras de uma família nobre, como se fossem todos um só Sangue. Poderão estar presentes na corte e no conselho.

O vosso voto terá o mesmo peso do de qualquer outro nobre. Estarão autorizados a possuir terras nas planícies de Saramyr, em vez de viverem nas montanhas onde não se aplicam as leis da terra.

Deixarão de ser meramente conselheiros e instrumentos de comunicação, são uma força política de direito próprio.

— E, claro, não esqueceréis a ajuda que os Tecedores vos deram — disse Kakre. — Vós, o Imperador do Sangue de Saramyr, não ireis esquecer quem vos pôs no trono.

— Ó vida! — praguejou Mos. — Fizemos um acordo e eu tenho a minha honra! Não me esquecerei. Temos uma parceria. Trate de cumprir a sua parte mantendo-me aqui.

Kakre anuiu lentamente.

— Prevejo uma relação longa e mutuamente benéfica entre o Sangue Batik e os Tecedores — referiu.

— Efetivamente — disse Mos, mas não conseguiu esconder o indício de repugnância na sua voz. Kakre não deu mostras de o haver detectado. Despediu-se e deixou Mos entregue aos seus pensamentos.

Mos encheu o copo pela terceira vez. Era um homem grande e espadaúdo, e o álcool demorava a afectá-lo. Levou o copo para a varanda e sentiu o calor do olho de Nuki na sua pele, enchendo as ruas de Axekami com uma luz balsâmica de final de tarde. A sua cidade. Repusera a ordem, acalmara o povo, e dera-lhes um líder em que podiam voltar a acreditar.

O Sangue Erinima fora expulso, e a paz regressara.

Deixou que os seus olhos descessem a colina onde se situava a Fortaleza Imperial, o Bairro Imperial, passando pelo fervilhante Bairro do Mercado até às docas e à faixa cintilante do rio Kerry, depois para lá dele, até às planícies e ao horizonte distante.

O corpo da Imperatriz-Herdeira nunca fora encontrado. Desaparecera, sem deixar rasto, sem um indício ou uma pista. Os seus melhores homens não tinham encontrado nada e, apesar de continuarem a procurar, duvidava que alguma vez encontrassem.

Qual fantasma, qual vapor, ela desaparecera. Havia mil maneiras de poder ter morrido no caos que assolara a Fortaleza naquele dia. Não acreditava em nenhuma delas.

Se ao menos Vyrrech tivesse esperado até as suas tropas entrarem na cidade, conforme planejaram. Mos podia nunca vir a saber o que levara o Tecedor-Mor a fazer deflagrar as bombas antecipadamente.

Podia nunca vir a saber o que acontecera naquela ponte entre a Fortaleza e a Torre do Vento do Norte, da qual o filho caíra. Tinham encontrado ali a Imperatriz, apunhalada pelas costas, e se cada soldado que estava com ela ficara quase sem carne, ela jazia intocada. Se fora alguma arte mágica ou algum truque grotesco, pouco importava. O que interessava era quem o fizera. E o que sucedera a Lúcia.

Olhou até onde a vista alcançava. Algures lá fora estava escondida a herdeira privada dos seus direitos, crescendo, reunindo apoio. Sentia-o. Só seria encontrada quando se mostrasse.

Um dia ela haveria de voltar, e nesse dia os alicerces do império seriam abalados.

Fim

Notas

{1}

Modo musical indicando que, numa sequência de notas rápidas, cada uma delas deve destacar-se nitidamente das outras (NT).

{2}

Dado tratar-se de um título inventado pelo autor, designando o feminino de Barak, optou-se por manter o termo constante do original (NT).

{3}

Em francês no original: "golpe de misericórdia". (NT)



Formatação/conversão para e-Pub: moxoro (2015-01-21)
TOCA DIGITAL

Table of Contents

<u>CAPÍTULO 1.</u>	
<u>CAPÍTULO 2.</u>	
<u>CAPÍTULO 3.</u>	
<u>CAPÍTULO 4.</u>	
<u>CAPÍTULO 5.</u>	
<u>CAPÍTULO 6.</u>	
<u>CAPÍTULO 7.</u>	
<u>CAPÍTULO 8.</u>	
<u>CAPÍTULO 9.</u>	
<u>CAPÍTULO 10.</u>	
<u>CAPÍTULO 11.</u>	
<u>CAPÍTULO 12.</u>	
<u>CAPÍTULO 13.</u>	
<u>CAPÍTULO 14.</u>	
<u>CAPÍTULO 15.</u>	
<u>CAPÍTULO 16.</u>	
<u>CAPÍTULO 17.</u>	
<u>CAPÍTULO 18.</u>	
<u>CAPÍTULO 19.</u>	
<u>CAPÍTULO 20.</u>	
<u>CAPÍTULO 21.</u>	
<u>CAPÍTULO 22.</u>	
<u>CAPÍTULO 23.</u>	
<u>CAPÍTULO 24.</u>	
<u>CAPÍTULO 25.</u>	
<u>CAPÍTULO 26.</u>	
<u>CAPÍTULO 27.</u>	
<u>CAPÍTULO 28.</u>	
<u>CAPÍTULO 29.</u>	
<u>CAPÍTULO 30.</u>	
<u>CAPÍTULO 31.</u>	
<u>CAPÍTULO 32.</u>	
<u>CAPÍTULO 33.</u>	
<u>CAPÍTULO 34.</u>	
<u>CAPÍTULO 35.</u>	
<u>Notas</u>	